

GRAMMATICA PORTUGUEZA.

No intuito de garantir o direito de reproducção desta Grammatica, o autor assigna por chancella todos os exemplares desta edição.

*A. F. da Silva*

# Grammatica Portuguesa

PELO

Bacharel em Direito

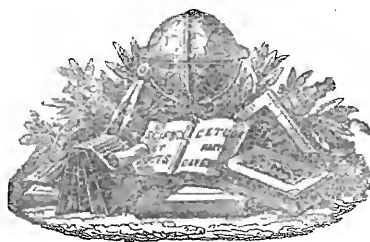
Augusto Freire da Silva,

Director do Gymnasio Official da cidade de  
São Paulo e lente jubilado na cadeira de Grammatica Expositiva e Historica  
da Lingua Portuguesa do extincto curso de  
preparatorios, annexo á Faculdade de Direito de São Paulo.

(Obra premiada pelo governo geral, em 1877, e quando ainda em segunda edição.)

*«De toda a educação do espirito a grammatica é a base. A grammatica é a sciencia das palavras, isto é, dos signaes de nossas idéas; e, entre estas e aquellas,—pela construção physica do homem, por suas relações com os outros e com o resto do mundo visivel, por sua educação, por sua natureza,—é tão íntima a conexão, tão estreita e quasi indivisivel, que jamais conhecerá bem as cousas o que não conhecer bem as palavras, jamais adquirirá idéas exactas, ou formará juizos distinctos. o que, das palavras, suas combinações e ligações, não tiver noção exacta,—e, no modo de as empregar e usar, não for igualmente correcto e habil.»*

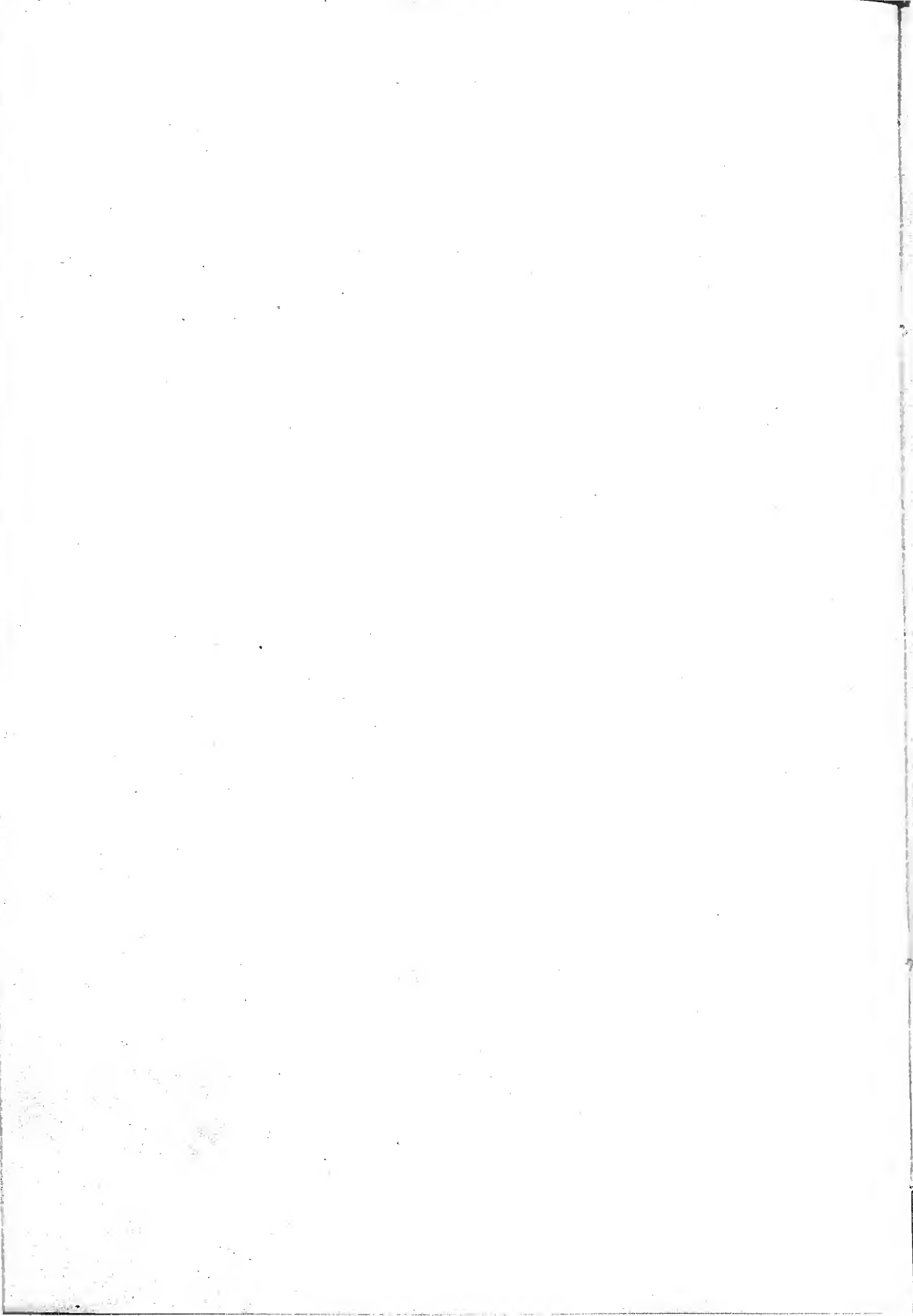
GARRETT.—*Da Educação.*



NONA EDIÇÃO

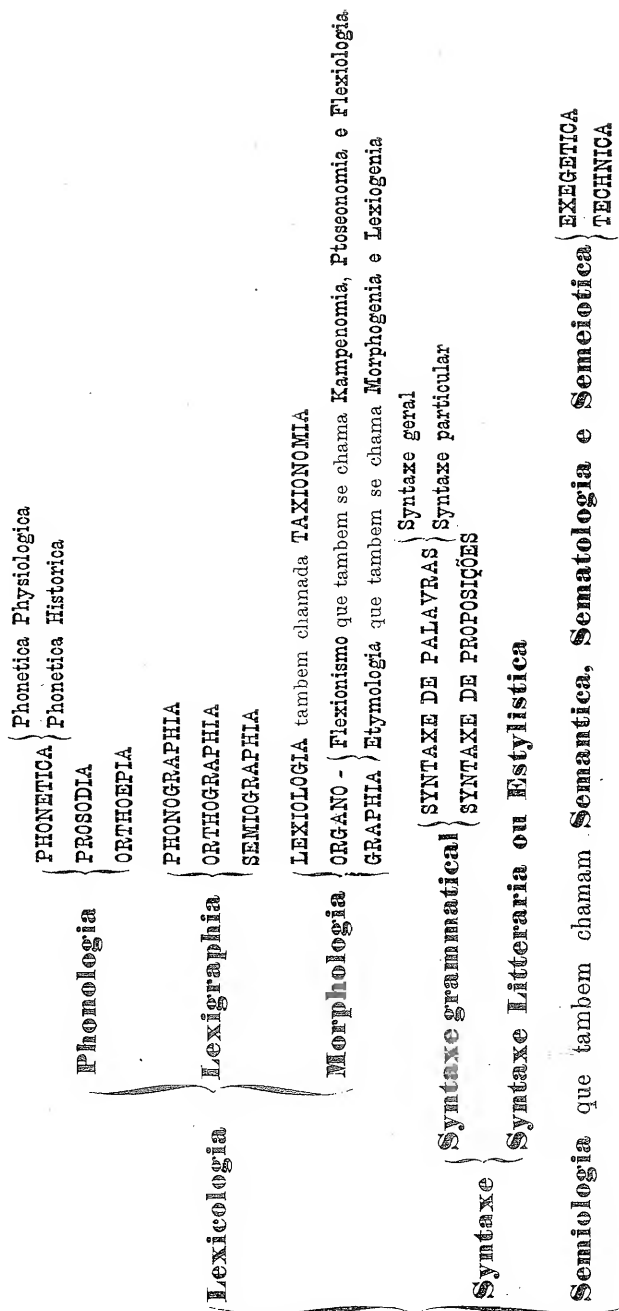
S. PAULO

Augusto Siqueira & Comp. — Rua do Commercio, 5-B  
1906

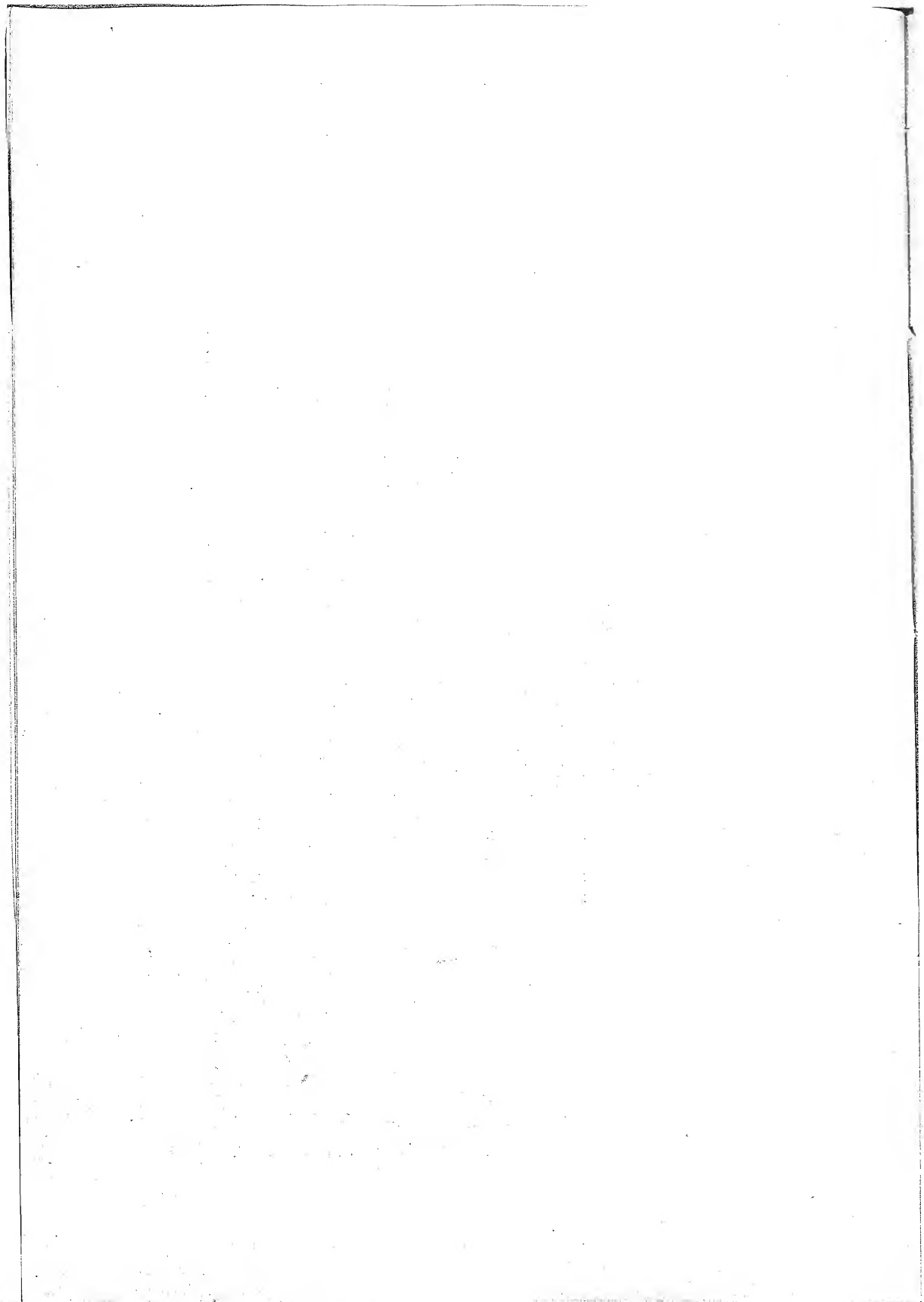




# QUADRO SYNOPTICO.



GRAMMATICA PORTUGUEZA

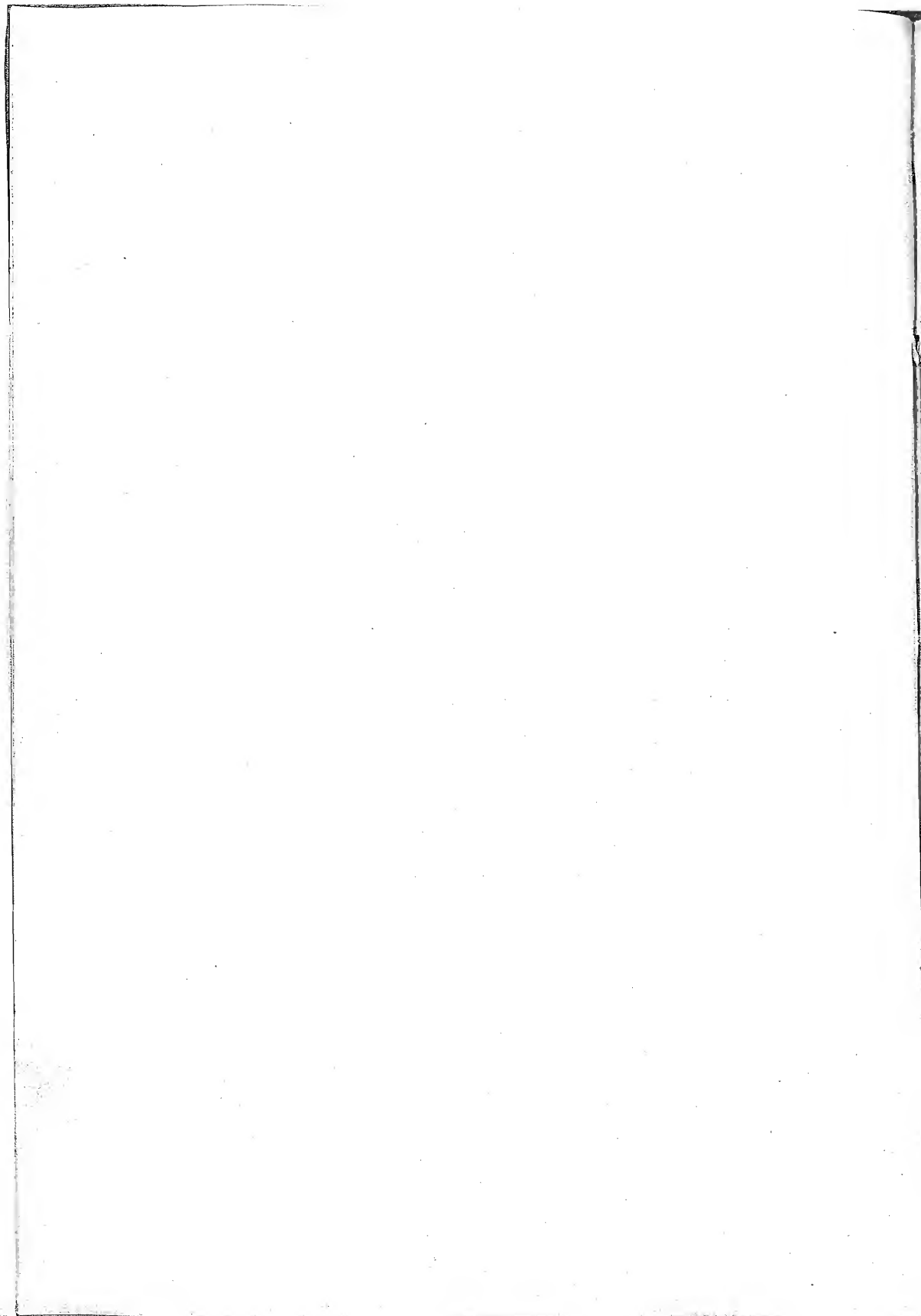


A MEMORIA

DO

*Doutor José Tell Ferrão,*

*meu sempre lembrado amigo.*



### Juizos referentes á sexta edição desta Grammatica.

---

"Acaba de vir á luz uma excellente obra didactica — *A Grammatica Portugueza do Snr. Dr. Freire*.

Este distincto e laborioso professor, cuja dedicação ao magisterio revelou-se, desde o principio da sua carreira profissional, em apresentação de compendios, successivamente melhorados, expõe agora ao publico, mais do que uma nova edição de sua conhecida grammatica — uma outra, que encerra o fructo de sua longa e afanosa pratica e infatigavel vontade de ser util á mocidade estudiosa, e não menos aos professores conscienciosos que poderão achar reunido o que de melhor possam transmittir a seus discipulos.

Criterio na escolha, methodo e clareza na exposição, correcção e estylo, tudo concorre para tornar precioso este esmerado trabalho e digno de merecer a attenção, mesmo dos homens de letras, estranhos ao professorado.

Hoje que está tão descuidado o estudo da lingua vernacula, presta relevante serviço quem, como o Dr. Freire, longe de esfriar, arrosta a indifferença e prosegue na ardua empresa com o mesmo ardor do principio.

Como não é nosso intento fazer juizo critico da obra, limitamo-nos a estas ligeiras considerações e felicitamos cordialmente o Sr. Dr. Freire, aos estudantes e professores de portuguez e bem assim a todos que se interessam pela causa da instrucção."

(*Diario Popular*, de S. Paulo, de 27 de Fevereiro de 1892.)

---

"Folgamos em registrar aqui a opinião que desta importante obra externa o *Reporter*, de Lisboa.

Diz elle no numero de 18 de Fevereiro do corrente anno:

"Sobre a moderna philologia portugueza, não conhecemos trabalho mais completo. O autor conhece largamente os progressos da philologia, e ministra-nos, minuciosamente, todos os ensinamentos compativeis com esses progressos.

"O livro não se adaptará ás nossas escolas, onde falta ainda um curso superior de portuguez; mas é livro excellente para os estudiosos e para todos que se dedicam á sciencia da linguagem.

"Já tem seis edições a obra do Sr. Augusto Freire; o que é demonstração cabal do seu extraordinario valor."

"Cumpre accrescentar que é redactor do mencionado jornal o Sr. Candido de Figueiredo, escriptor de nota, e autor das *Lições Praticas de Linguagem Portugueza*, e de muitas obras de subido merito."

(*Diario Popular*, de S. Paulo, de 18 de Março de 1892.)

---

Vem a pello exarar aqui as seguintes referencias que, com respeito a esta grammatica, fez ainda o Sr. Candido de Figueiredo:

"E não é porque o Brazil não tenha mais e melhores grammaticas do que em Portugal. Pode até registrar-se que, si bem a litteratura brasileira não é superior á nossa, lá se estuda mais o portuguez do que em Portugal. Não me refiro só a muitos e notaveis grammaticos, que, como Julio Ribeiro, Sotero dos Reis, João Ribeiro, Augusto Freire, podem dar lições a grammaticos portuguezes; etc., *Lições Praticas da Lingua Portuguesa*, pag. 237 do Tomo 3.",

"Em Portugal pois, e cada uma sob seu ponto de vista, a *Grammatica* de A. Epiphanio e a de Ribeiro de Vasconcellos, podem prestar ensinamentos mais valiosos do que os que por mim poderiam ser communicados aos que de mim desejam lições de grammatica.

"Os meus leitores no Brazil, que não conheçam as alludidas grammaticas, lá teem ao seu alcance excellentes subsidios grammaticos nos escriptos de Julio Ribeiro, Augusto Freire, João Ribeiro, Sotero dos Reis, Lameira de Andrade, Baptista Caetano, Pacheco da Silva e tantos outros." (*Conversação Preliminar do Novo Dictionario da Lingua Portuguesa*, pag. XXVII).

"Em Portugal, não só é preceituado e praticado (o trema) em livros, escolares, officialmente approvados, sinão tambem praticado pela maioria dos que a serio se occupam de cousas philologicas; e, quanto ao Brazil, tenho a satisfação de poder citar, em abono do meu asserto, um dos primeiros grammaticos dessa grande nação, o Sr. Dr. Augusto Freire, professor de grammatica e lingua nacional no curso annexo á Faculdade de Direito em S. Paulo." (*O que se não deve dizer*, pag. 312).

---

"A *Revista de Portugal*, cujo director é o emerito escriptor Eça de Queiroz, em seu numero 20, dado á estampa em Janeiro do corrente anno faz deste precioso livro o seguinte juizo que para aqui trasladamos, por nos ser grato ver bem aquilatados por sumidades litterarias de Portugal os meritos de um nosso conterraneo:

"Este compendio conta já seis edições e é escripto por um professor da lingua portugueza em um curso preparatorio, annexo á Faculdade de Direito de S. Paulo.

"Em um rapido exame que lhe fizemos, pareceu-nos que o autor possui uma elevada orientação no assumpto e parallelamente uma erudição pouco commum entre o grande numero de escriptores que se teem occupado da materia, cujo accesso é tão delicado quanto apparentemente se julga facil.

"O plano geral da obra agrada-nos e igualmente a distribuição e capitulação das partes que abrange. Fôrma precisa e correcta."

(*Diario Popular*, de S. Paulo, de 6 de Abril de 1892).

---

"*Um bom livro.* — Lemos, com a attenção que o assumpto nos merece, o trabalho de Freire da Silva; e, si a sua leitura nos deixou agradabilissimas impressões, por vermos que ha ainda quem pense e quem estude, não deixou tambem de nos entristecer, por vermos que somos avantajados neste e em outros ramos do saber humano por quem veio detraz de nós e por quem, por isso mesmo, sempre só atraz de nós, ou pelo menos só a par, devia ir progredindo.

E' que a ordem chronologica da civilisação de um povo deve ser o marco para determinarmos o seu adiantamento em relação aos outros povos; — e o Brazil, cuja civilisação principiou muito depois da nossa, *dá-nos cartas* quer nas suas manifestações litterarias, quer nas politico-sociaes; e é disto que derivou o nosso entristecimento.

Portugal conheceu grammaticas portuguezas, antes que outras nações, relativamente civilisadas, tivessem a grammatica da sua lingua.

Portugal foi quem imprimiu ao Brazil os primeiros lineamentos da civilisação; fomos nós que principiamos a desbastar aquella pedra, rica mas informe, tosca mas um thesouro para todo o mundo.

E que vemos agora, poucos annos decorridos desde a inscripção no mappa-mundi daquella uberrima circumscripção territorial, como paiz independente?!

Que já teem aquelles povos um systema governativo em perfeita harmonia com o que é racional e justo; — e que nós vivemos assoberbados por uma velharia politica, para a qual só se poderá encontrar justificação, si retrocedermos até ao seculo XI, ou chamarmos até nós as condições especiaes daquelle tempo!

Que elles teem homens, como Freire da Silva, que estudam profundamente os segredos da sciencia, que assimilam, que deduzem, que generalisam; — e que nós somos um paiz que consome edições sobre edições da grammatica de Bento José de Oliveira, rejeitando as que vão apparecendo mais adiantadas, de *um ou outro ousado*, como a de Epiphania Dias, como a de Adolpho Coelho, e continuando por isto mesmo a estar acorrentados á mais crassa ignorancia, á mais descaroavel indifferença por tudo e por todos!

E é disto, repetimos, que derivou o nosso entristecimento.

Não é nos curtos limites de um artigo que nós fariamos, si para tanto tiveramos competencia, a critica do livro que neste momento nos preoccupa.

O assumpto está bem tratado; fez-se tão escrupulosamente o estudo comparativo de todas as linguas, para se apurar esta ou aquella derivação, para se chegar a esta ou aquella verdade philologica, que seria um absurdo, seria mesmo um sacrilegio, a lembrança de o criticar por esta fórma.

Limitamo-nos, por isso, a dizer que Freire da Silva observou as evoluções, por que teem passado as linguas das quaes a nossa se deriva, e nessa observação demorada, conscienciosa, elle baseia as regras que nos apre-

senta, que não são, como no-las apresenta a maioria dos compendios congeneres, uma serie de analogias, fundidas todas na mesma forja — a negação pelo estudo.

Recommendamos o excellente livro aos poucos portuguezes que desejam saber.“

(*A Federação Escolar*, do Porto, de 1.º de Novembro de 1891.)

---

“Temos sobre a mesa um exemplar da ultima edição da *Grammatica Portugueza* do dr. Augusto Freire da Silva, illustrado professor do curso annexo á Faculdade Juridica de S. Paulo.

Fórma clara, precisa e correcta, accessivel á mais fraca intelligencia, o trabalho daquelle provecto professor foi, com razão, considerado um dos primeiros no genero, pela imprensa estrangeira.

Recommendamos aos interessados aquella importante obra, especialmente como um primor em materia didactica.“

(*Estado da Bahia*, de 23 de Julho de 1892.)

---

“Pelo sr. dr. Augusto Freire da Silva, lente cathedratico de grammatica nacional no curso annexo á Faculdade de Direito de S. Paulo, foi-nos remettido um exemplar da 6.ª edição da sua *Grammatica Portugueza*, sensivelmente desenvolvida.

O trabalho do dr. Freire é vasado nos moldes modernos, e encerra uma systematisação completa das materias que fazem parte do estudo da philologia portugueza.

A boa aceitação que tem tido no paiz e estrangeiro, é uma prova cabal do seu grande valor, como obra didactica.

Ainda ha pouco tempo vimos, em transcripção, num dos jornaes do norte, os juizos mais honrosos sobre a grammatica do dr. Freire, feitos por escriptores da ordem de Candido de Figueiredo, autor das *Lições Praticas de Linguagem Portugueza*, Eça de Queiroz e pela *Federação Escolar*, do Porto.

Sentimos não ter em frente esses escriptos, para transcreve-los nesta local, dando a conhecer por este modo as palavras com que foi acolhido alem do Atlantico o livro do nosso compatriota.

Lembramo-nos todavia que Candido de Figueiredo, no *Reporter*, diz não conhecer trabalho mais completo do que esse, sobre a moderna philologia portugueza, e que de maneira igualmente significativa do merecimento da obra, se exprimem a folha portuense e o laureado redactor da *Revista de Portugal*.“

(*Pacotilha*, jornal de S. Luiz do Maranhão, de 19 de Outubro de 1892.)





## RESUMO HISTORICO DO LATIM E DAS LINGUAS ROMANICAS.

---

*Como se extendeu o dominio do latim na Italia.*—A principio o latim era só a lingua do Lacio, pequena região da Italia. Verificada a conquista romana, passou a estender seu dominio alem desses limites, sobrepujando os dialectos italicos, mesmo os que lhe eram mais aparentados, e de que ha monumentos (o sabellico, o umbro, o volsco, o falisco e o osco), bem como o grego do sul da peninsula e da Sicilia; e implantando-se facilmente na Gallia Cisalpina, por lhe ser congenere o gallo, dialecto celtico.

*Romanisação da peninsula iberica.*—Da reconquista para Roma por Publio Scipião do terreno que, por virtude da desgraça de seu irmão Cneu Scipião, se havia perdido (211 antes da E. C.), data, na peninsula iberica, o dominio romano que ficou inteiramente assente e em paz até a invasão dos barbaros. Os povos subjugados assimilaram-se aos poucos á civilisação dos romanos que conseguiam tal desideratum pela sua politica, e sobretudo pela imposição da sua lingua que esses povos eram forçados a aprender, para se poderem communicar com os soldados, colonos e magistrados romanos. Em todos os logares porem, não se deu por igual a romanisação ou latinisação dos povos submettidos. Regiões houve, em que persistiram as linguas pre-latinas da Hespanha.

*O latim vulgar e o latim litterario.*—Como em todas as outras partes do imperio, não podia o latim popular da Hespanha deixar de divergir do latim litterario. Não temos nenhum monumento do latim vulgar; mas, pelas numerosas indicações dos antigos escriptores, pelo estudo de grande numero de certas fórmãs ministradas pelas inscripções e manuscriptos romanos, as quaes devem ser consideradas como populares, ou ma-

nifestando uma influencia popular, pela combinação de varios dados da historia das linguas, podemos fazer uma idéa assás exacta das relações em que se achava a lingua popular para com a lingua litteraria.

No periodo a que remontam os mais antigos monumentos latinos, tinha já o latim passado por consideraveis transformações; nessa mesma epoca, havia tambem no emprego de certas fórmulas grammaticas grandes oscillações que, nos periodos subsequentes, continuaram a dar-se mais ou menos na linguagem popular, principalmente das provincias que gradualmente, se foram incorporando no dominio de Roma. Assim, nos ultimos tempos do imperio, o *m* e o *s* finais, que representam um papel importante na declinação, eram pronunciados em geral muito obscuramente, e ainda supprimidos; o *i* final breve confundia-se com *e*; muitos diphthongs tinham-se fundido num só som; dahi resultava grande confusão de fórmulas, na declinação, confusão que obrigava a recorrer ao emprego frequente das preposições, á substituição de uns casos por outros.

*Decadencia da cultura romana.*—A decadencia da cultura dos romanos e da sua litteratura em particular, de que resultou a rapida alteração do latim, verificou-se de Constantino Magno á invasão dos barbaros; e teve por causas principaes a ruina completa da nobresa romana que fora o mais importante sustentaculo da litteratura e da alta cultura; a victoria do christianismo, cujos doutores condemnavam, e desprezavam geralmente a leitura dos classicos pagãos; e a suppressão da maior parte das escolas pelos barbaros que não queriam que seus filhos fossem instruidos em sciencia alguma, porque pensavam que a instrucção enervava e deprimia o espirito.

*Invasão dos barbaros.* — No anno 409, precipitaram-se aavez dos Pyreneus, na peninsula iberica, os vandalos e os suevos, povos germanicos, e os alanos que vieram da vertente septentrional do Caucaso. Depois de varias lutas, dividiram entre si o paiz que possuia uma população profundamente decida. Aos alanos coube a Lusitania e a Carthaginense; aos vandalos e suevos, a Gallæcia e a região hoje denominada Castella, a velha; aos silingos, ramo dos vandalos, a parte da Betica, actualmente chamada Andaluzia.

Pouco durou o dominio desses povos na peninsula. As guerras reciprocas e as lutas com os visigodos ou godos do occidente, que pouco depois atravessaram os Pyreneus, obrigaram os vandalos a passar para a Africa, e destruíram quasi inteiramente os alanos, cujos restos se uniram aos suevos. Estes tornaram-se poderosos na Betica e na Lusitania, mas em breve tempo perderam sua independencia, por terem-nos enfraquecido as guerras incessantes, sustentadas já com os ultimos restos das tropas romanas conservadas na Hespanha, já com os visigodos.

Chegados os visigodos á Hespanha, foram acolhidos, como amigos e auxiliares contra os invasores que os antecederam, e firmou-se o seu dominio, sem lhes oppor difficuldades a população romana.

A necessidade que tinham os barbaros de se communicar com as populações submettidas, os fizera adoptar a lingua dos conquistados; mas as causas principaes deste phenomeno foram: ter sido a população romana superior em numero á barbara; haverem adoptado o latim para lingua da igreja e dos actos officiaes; e levarem os romanos aos barbaros grande vantagem na cultura intellectual.

*Influencia dos povos romanisados e dos barbaros sobre o latim.*—Tem-se considerado muitas vezes que o portuguez e as outras linguas em que o latim se differenciou dialectalmente, são uma mistura deste com as linguas dos povos conquistados pelos romanos e as dos barbaros; ou que influíram directamente sobre o latim as linguas desses povos, principalmente as daquelles cuja conquista se operou pelos romanos. A primeira destas opiniões não é mais seguida pelos verdadeiros glottologos; a segunda, aceita ainda por alguns, reduz-se áquella, porque admite que para o latim passaram das linguas dos povos conquistados, *sons, fôrmas grammaticaes, processos syntacticos*, ou que houve mistura em maior ou menor grau. Dá-se mistura de linguas, quando ha fusão de suas particularidades grammaticaes; não a constitue a simples adopção de palavras completas.

O portuguez não é em todos os seus carateristicos de origem latina. Ha nelle, por exemplo, os suffixos *arro, arra*, como em

*bocarra*, *homenzarrão*; *orror*, *orra*, como em *cachorro*, *pachorra*, que não proveem do latim; o suffixo *engo*, como em *realengo*, *solarengo*, que é de procedencia germanica; e os suffixos *ista*, *issa* (essa), derivados do grego, que nos vieram pela corrente do latim ecclesiastico: mas essas particularidades morphologicas, assim como algumas syntacticas, que não teem origem latina, são muito pouco numerosas.

*Na morphologia e na syntaxe, as linguas romanicas são uma transformação organica do latim, sem influencia directa de lingua estranha, salvo nalgumas particularidades secundarias.*

Quanto aos sons, é facto demonstrado pelo testemunho dos antigos que a pronuncia do latim se alterou por influencia das linguas dos povos barbaros, cujos systemas phoneticos differiam mais ou menos consideravelmente do latino.

*Formação das linguas romanicas.*—E' no periodo que vae da queda do imperio do occidente até o apparecimento das linguas romanicas, como linguas escriptas, que o latim vulgar, já em todas as bocas, porque o latim litterario se tornava inintelligivel fóra do pequeno circulo dos lettrados, se differencia profundamente no tempo e no espaço; é então que as differenciações dialectaes, iniciadas sem duvida desde a primeira implantação do latim vulgar nas diversas provincias do imperio, se produzem independentemente, segundo as regiões, graças á scisão do imperio, e ás differenças dos povos barbaros nelle estabelecidos e da organização dos seus estados. Mas não foi de um salto que as linguas romanicas chegaram a apresentar as feições com que as vemos nos seus monumentos escriptos. Todas as modificações que se operaram, foram o resultado de um trabalho lento, de accumulações successivas, com quanto a sua marcha não fosse igual em todas as partes, nem em todos os tempos. Ainda, depois de chegarem a ser linguas escriptas, teem essas linguas continuado a experimentar até hoje alterações successivas

Os principios geraes que se observam, quando se comparam as linguas romanicas com o latim, e se busca dar as leis geraes da sua formação, são os seguintes:

1.º A vogal latina accentuada permanece em geral e com o accentto, modificando-se apenas na qualidade, dependente da sua quantidade.

2.º As vogaes atonas são frequentemente supprimidas, mas essa supressão está sujeita a condições especiaes.

3.º Os sons consoantes *k, t, p*, são substituidos por *g, d, b*.

4.º E' syncopado um certo numero de consoantes, si bem que nisto apresentem os dialectos grande divergencia; e apocopada a maior parte das consoantes finaes latinas.

5.º O *c* (que) e o *g* (gue), antes de *e* ou *i*, que em latim tinham neste caso o som guttural, degeneraram em *tch, tz, ts, z, s; dj, j*.

6.º O som *ti*, seguido de vogal, foi assibilado.

7.º A declinação latina reduziu-se a um só caso, com fórmas distinctas para o singular e o plural, isto é, ao accusativo que é o caso normal; no francez e no provençal antigos, conservara-se uma declinação de dous casos.

8.º Nos verbos desapareceram as flexões passivas que foram substituidas pelas construcções periphrasticas com o verbo *ser*, que em latim se davam já em muitos tempos da passiva.

9.º O futuro absoluto latino desapareceu, sendo substituido por uma construcção periphrastica com o presente do indicativo de *habere*, de que já no latim classico se acham vestigios, como se vê deste exemplo de Cicero: "*Quid habes igitur dicere de Gaditano foedere?*—„

10.º Conservara-se a maior parte dos suffixos de derivação latina, sendo supprimidos no emprego popular os que em latim não tinham o *accento*.

11.º Desenvolveu-se o emprego do artigo definido que se originou de *ille, illa*.

12.º Teem sua razão de ser no latim a formação do plural dos nomes, as fórmas do masculino e do feminino, os pronomes, a maior parte das particulas, todas as fórmas verbaes, os processos de derivação e composição, exceptuados alguns raros suffixos, os processos syntacticos em geral, a parte mais importante do vocabulario das linguas romanicas.

Em conclusão, *as linguas romanicas são o latim alterado, ou phases novas delle, em que quasi nenhum elemento grammatical é novo.*

*O latim barbaro.*—Da queda do imperio ao apparecimento dos primeiros monumentos das linguas romanicas, continuaram

apezar da decadencia geral da cultura, a escrever obras litterarias num estylo completamente decadente, e num latim a que se dá o nome de *latim barbaro*, e que conservava em regra as fórmulas do latim classico, empregando assás correctamente os casos, a voz passiva, etc., com muitos neologismos, muitos desvios na syntaxe; e bem assim documentos de archivos, obra de tabelliães, etc., em que ha as maiores irregularidades no emprego dos casos e de muitas outras fórmulas latinas, uma construcção em geral inteiramente diversa da latina, numerosissimos neologismos, etc.

Não é o latim barbaro identico ás linguas romanicas, como se suppoz. Estas são perfeitamente regulares nos seus mais antigos monumentos, e desenvolvem-se de modo exactamente organico; as suas irregularidades apparentes proveem da influencia da orthographia latina. Aquelle é inorganico, totalmente irregular, com fórmulas da lingua vulgar, e fórmulas mal aprendidas do antigo latim; é emfim uma gíria de tabelliães ignorantes, em que transparece, mas não se acha reflectida directamente a lingua popular.

*Os musulmanos na Hespanha.*—Submettidos os visigodos aos musulmanos de 711 a 714, foi tão intima, em muitas partes, a mistura das classes populares christans com a musulmana que os costumes arabes foram adoptados por muitos christãos que por isso eram chamados *mosarabes* (tornados arabes).

Apezar desta identificação de costumes, e de ter sido o arabe adoptado em muitos documentos, os arabes não procuravam assimilar pela conquista os christãos. Permittiam-lhes ao contrario que se regessem pelas suas leis especiaes, e que conservassem a sua religião. Alem disto, por serem o arabe e as linguas romanicas dous grupos de linguas irreductiveis pelas profundas differenças que as separavam, continuaram os christãos a falar os seus dialectos vulgares, sem se dar solução de continuidade na alteração do latim vulgar, em todo o dominio do hespanhol e do portuguez, durante o periodo visigotico e o periodo arabe.

O arabe não influiu tambem na pronuncia das linguas peninsulares e especialmente do hespanhol, mas ministrou ao

vocabulario dellas assás consideravel numero de palavras que foram accommodadas á pronuncia desses dialectos.

*O portuguez, lingua escripta.*—No estado de perturbação em que as lutas de reconquista lançaram a península, o conhecimento já muito enfraquecido das velhas fórmulas latinas, tornou-se cada vez mais escasso, de modo que o logar dado á lingua popular, foi sendo cada vez maior em grande numero de documentos, ao passo que nos fomos approximando do seculo 12.º. Pelo fim desse seculo, appareceram documentos em uma lingua que reconhecemos ser já o portuguez, bem caracterizada pelas suas feições especiaes, embora nelles haja ainda um certo numero de fórmulas do latim barbaro, de modos de escrever tradicionaes.

Os mais antigos documentos portuguezes que se acham publicados, são uma *noticia particular*, sem data, mas que é considerada como remontando ao reinado de D. Sancho 1.º (de Portugal), e uma *noticia de partilhas*, datada do mez de Março do anno 1192.

Apezar das indecisões na orthographia, da imperfeição da syntaxe, apresentam-nos elles uma lingua tão determinada nas suas fórmulas, como o portuguez de qualquer epoca posterior. Não é uma lingua barbara, um idioma na infancia. A supposição da sua rudeza vem apenas de não ser exactamente o portuguez que falamos, de apresentar algumas fórmulas archaicas. É emfim uma lingua coherente, clara, um instrumento perfeito para a expressão do pensamento, cuja maior plasticidade dependeria apenas da cultura litteraria.

Do reinado de D. Affonso 3.º (1255), começaram a apparecer outros documentos em portuguez, os quaes se tornaram muito numerosos no tempo de D. Diniz que nada dispoz no sentido de ser elle a lingua official. Mas, a despeito da falta desta providencia, a lingua vulgar tornou-se muito importante nos reinados de D. Affonso 3.º e de D. Diniz, por virtude da cultura litteraria ou do emprego della nas composições poeticas e em differentes obras em prosa. E assim se constituiu definitivamente a lingua portugueza, elevando-se á dignidade de lingua escripta.

### CHRESTOMATHIA.

*Chrestomathia* é uma selecção de excerptos, chronologicamente dispostos, que mostram as phases, por que tem passado a lingua nas suas diversas idades.

*Idades de uma lingua* são as epocas em que se divide a sua vida litteraria, por se salientarem nellas certos caracteristicos que tornam mais ou menos differente o dizer de cada uma.

*Vida de uma lingua* é a evolução, mais ou menos progressiva, que della simultaneamente se vae dando com o desenvolvimento dos povos que a falam.

Consideradas quanto á sua vida, dividem-se as linguas em *vivas, mortas, matrizes e derivadas*.

Chamam-se *linguas vivas* aquellas que são actualmente faladas por um ou mais povos.

Chamam-se *linguas mortas* aquellas que deixaram de ser faladas, porque influencias sociologicas motivaram, ou o desaparecimento, ou a assimilação dos povos que as manejavam.

Chamam-se *linguas matrizes* aquellas de que nasceram outras, como o *latim* que deu origem ao *portuguez, hespanhol, italiano, francez, provençal e valachio*.

Chamam-se *linguas derivadas* aquellas que se formaram de outras, como o *portuguez, o hespanhol, etc.*, que provieram do *latim*.

Quatro são as idades da lingua portugueza:—a *ante-classica, a classica, a da decadencia, a da restauração*.

A *idade ante-classica*, tambem chamada *periodo de syncretismo*, começa pelo fim do seculo 12.<sup>o</sup>, epoca em que appareceram os mais antigos documentos em portuguez, e termina no reinado de D. João 2.<sup>o</sup> ou em fins do seculo 15.<sup>o</sup>

Esta idade é caracterisada essencialmente pelo emprego que concorrentemente fazem escriptores diversos da mesma epoca ou o mesmo escriptor de duas ou mais fórmulas de uma mesma palavra, de dous ou mais processos syntacticos de igual funcção.

A *idade classica*, conhecida tambem por *idade aurea*, decorre do seculo 16.<sup>o</sup>, e vae até o primeiro quartel do seculo 17.<sup>o</sup>

Dentre os escriptores desta idade, que poliram e aperfeiçoaram a lingua, adaptando-a ás mais delicadas e engenhosas



produções do espirito humano, sobresaem Camões, João de Barros, Frei Luiz de Souza e Jacintho Freire.

A *idade da decadencia* comprehende os tres ultimos quartes do seculo 17.<sup>o</sup> e mais de metade do seculo 18.<sup>o</sup>

A lingua que primava já pela elegancia e pureza, foi abastardada por escriptores eivados do *gongorismo* e *marinismo*, que consistiam na substituição da naturalidade e madureza do estylo dos quinhentistas por subtilezas frivolas, metaphoras despropositadas, equivocos e trocadilhos insulsos.

A *idade da restauração* estende-se dos fins do seculo passado até nossos dias.

Os principaes escriptores desta epoca são Francisco Manoel do Nascimento, Alexandre Herculano, Almeida Garrett, Antonio Feliciano de Castilho, Antonio Gonçalves Dias, João Francisco Lisboa e Latino Coelho, os quaes libertaram a lingua da decadencia do periodo anterior, restaurando as normas da boa e san vernaculidade.

Breves especimens da chrestomathia historica  
da lingua portugueza (1)

**Seculo 12.<sup>o</sup>**—In Christi nomine amen. Hec est notitia de partiçon, e de devison, que fazemos entre nos dos erdamentos, e dus Coutos, e das Onrras, e dos Padruadigos das Eygreygas, que forum do nosso padre, e de nossa madre, en esta maneira; que *Rodrigo Sanches* ficar por sa partiçon na quinta do Couto de Viiturio, e na quinta do Padroadigo dessa Eygreyga en todolos herdamentus do Couto, e de fóra do Couto; etc.

**Seculo 13.<sup>o</sup>**—Hos alcaldes non esten en corral con os VI sinon quando enviaren por ellos. E si os VI viren cousa onde se deven partir alcaldes, digan les que se partan ende, e si non queresen sejan perjuros e peyten O morabitanos a concello; nin los VI nin los alcaldes non fagan amizade ensenbla, nin coman nin beban ensenbla, en daño de concello, sinon sejan perjuros e alevosos. (FOROS DE CASTELLO RODRIGO. *Liber secundus* L.)

**Seculo 14.<sup>o</sup>**—En o começo criou Deus o ceeo e a terra, convem a saber, o ceeo empíreo, e os angos, e a materia de

---

(1) Veja-se a *Chrestomathia Historica da Lingua Portugueza*, por F. Adolpho Coelho.

todos os corpos, e os quatro elementos, convem a saber, o fogo, o ar, a água, e a terra, e este mundo, que parece, que he feito d'elles.

Mas a terra era vã e vazia, quer dezer, que a feitura do mundo era sem proveito e sem fruto e desapostada.

E as trevas eram sobre a face do avesso, que he a terra, e a feitura do mundo, que era profunda e escura, e confundida. (HISTORIA DO TESTAMENTO Cap. I, in princ.).

**Século 15.**—Manifesto he serem quatro as gerações dos monges das quaes a primeira se chama dos cenobitas que som aquelles que vivem nos mosteiros sob regra e sob abba-de. A segunda he dos heremitas. E estes som os heremitaães os quaes nom ja cõ fervor de nova cõverssõ, mas provados no mosteiro perlongadamete, aprenderõ cõ ajuda e exemplo de muytos a pugnar cõtra o diabo e assy bem insinados sentindosse abastantes passos perssy cõtrariar aas tẽptações se saãe dant' as aazes dos irmaãos. (CONDICE DE PAÇO DE SOUZA, Cap. I. in princ.).

**Século 16.º**—Em um daquelles dias que foy antre acensõ e o pentecoste, estando todos os dicipolos ajuntados em no Cenaculo, diz Sam Lucas o Evangelista no Livro do feyto dos Apostolos, que se levantou Sam Pedro em meo daquelles dicipolos, que eram chamados irmaãos, e erã por todos em aquella companhia perto de cento e vinte homees, e disse:

Bároens irmaãos, convem que seja comprida a Escritura, que ante dise o Spiritu Sancto pela bõca de David o propheta, de Judas que foy cabedel dos que prenderom Jesu. (ACTOS DOS APOSTOLOS, Cap. I, in princ.)

**Século 17.º**—E levantando-se Pedro naquelles dias, em meio dos dicipulos, disse: (e era a multidão junta como de quasi cento e vinte pessoas.)

Varoens irmaãos, convinha que se cumprisse esta Escritura, que o Espirito Santo pela boca de David predisse ácerca de Judas, que foi o guia daquelles que prendêrão a Jesus. (IDEM. —Traducção do Padre Ferreira de Almeida.)

**Século 18.º**—Naquelles dias levantando-se Pedro no meio dos irmaãos (e montava a multidão dos que alli se achavão juntos, a quasi cento e vinte pessoas) disse:

Varões irmãos, he necessario que se cumpra a Escritura, que o Espirito Santo predisse por boca de David acerca de Judas, que foi o conductor daquelles que prendêrão a Jesus. (IDEM. *Tradução do Padre Antonio Pereira de Figueiredo*.)

**Seculo 19.º** — “O mancebo (Affonso Henriques) — di um escriptor desse tempo — sabia a arte de reinar, e todavia possuido de ardente amor de gloria, como a fragil canna, facilmente se inclinava para onde quer que o sopro das auras o levava.” Cubiçoso de renome, valente, sem affeições profundas e duradouras, elle não houvera sido talvez, apesar da sua aptidão para dirigir os negocios, um dos principes mais apropriados a tempos tranquilllos; mas era-o para esta epoca, em que o enthusiasmo, o esforço, a ambição e até o desprezo de certas considerações da ordem moral se tornavam necessarios para pôr o remate ao edificio que este paiz ia laboriosamente construindo, o edificio da sua independencia. (A HERCULANO. — *Hist. de Port.*, Liv. II. pag. 300).

**Resumo da classificação genealogica das linguas.**

Classificam-se as linguas, genealogicamente consideradas, em familias ou grupos, cujos membros são alterações de um mesmo typo de lingua, perdido ou conservado, commum a cada grupo.

A classificação genealogica que das linguas tem sido feita até nossos dias, comprehende oito grupos: — o *indo-chino*, o *dravidico*, o *malaio-polynesio*, o *uralo-altaico*, tambem chamado *scythico* ou *turaniano*, o *cafre* ou *bantu*, o *khamitico*, o *semitico* e o *indo-europeu*.

Pertence a lingua portugueza ao grupo *indo-europeu*, conhecido ainda pelas denominações de *indo-germanico* e *aryano* ou *aryaco*, o mais bem estudado de todos os grupos glotticos, e cuja unidade está demonstrada do modo mais completo possivel.

Este grupo divide-se em duas classes: — a *asiatica* ou *arica* e a *européa*.

A classe *asiatica* ou *arica* conta dous ramos:

- 1.º O *indico* abrangendo o *sanskrito* e os seus dialectos modernos, como o *mahratta*, falado na India portugueza, o *hindustani*, o *bengali*, etc.

2.º O *eranico*, em que se acham incluídos o *antigo persa*, o *zend*, o *persa moderno*, etc.

A *classe européa* compõem-se de seis ramos:

1.º O *hellenico* ou *grego*, cujos dialectos se grupam sob quatro formas:—o *eolio*, o *dório*, o *jonio* e o *attico*.

2.º O *italico*, que comprehende o *latim* com os seus dialectos modernos, chamados *linguas romanicas* (o *portuguez*, o *hespanhol*, o *italiano*, o *francez*, o *provençal* e o *valachio* ou *romanico*), e alguns dialectos falados na Italia, antes da era *christan*.

3.º O *celtico* que se subdivide em dous sub-ramos:

a) O *gadelico* constando do *irlandez*, do *erse* ou *gaelico*, em uso do norte da Escocia e do dialecto da ilha de Man.

b) O *britanico* que abrange o *kymrico* ou *cambico*, lingua do paiz de Galles, o *cornico*, hoje extinto, o *bretão* ou *armoricano*, manejado na Bretanha (França) e o *antigo gallo*.

4.º O *germanico* ou *teutonico* de que ha quatro sub-ramos:

a) O *gothico* que desapareceu, sem deixar descendentes.

b) O *scandinavo* ou *nordico*, em que se conteem o *norueguez*, o *sueco*, o *dinamarquez* e o *islandez*.

c) O *baixo allemão* que encerra em si o *saxão*, o *anglo saxão* que deu origem ao *inglez*, o *baixo allemão*, propriamente dito, o *hollandez*, o *flamengo*, etc.

d) O *alto allemão*, lingua litteraria da Allemanha, com as suas tres phases:—o *antigo*, o *medio* e o *alto allemão*.

5.º O *slavo* comprehendendo o *slavão liturgico* e o *polabico*, linguas mortas, o *russo*, o *rutheno*, o *polaco*, o *tcheque* ou *bohemio*, o *sorbo* ou *serbo*, de Lusacia, o *serbocroata*, o *sloveno* e o *bulgar*.

6.º O *lettico* que consta do *antigo prussico*, lingua morta, do *lithuanio* e do *letto*.

#### Alterações das linguas.

*Differenciação dialectal* é o processo, pelo qual, no correr dos tempos e em certas zonas, apresenta uma lingua alterações ou formas tão distinctas que a affastam do typo primitivo, fazendo-a desenvolver-se em linguas diversas ou dialectos.

A essas alterações ou fórmulas particulares de linguagem dá-se o nome de *linguas*, quando são consideradas independentemente; de dialectos, si o são como variantes de um mesmo typo. Assim o portuguez considerado em si, é uma lingua; em relação, com o latim, um dialecto.

As *alterações das linguas* extendem-se a todos os seus elementos: são por isso *lexicologicas*, *syntacticas* e *semiologicas*.

De todas estas alterações tratamos nos logares competentes deste compendio.

#### Dialectos portuguezes.

Cada uma das linguas romanicas tem seus dialectos particulares. O portuguez, por terem sido menos vastas sua extensão e vida historica, conta apenas tres:—o *gallego*, o *indo-portuguez* e o *africano*.

O *gallego* que representa actualmente uma phase evolutiva do portuguez antigo, com que até o seculo 12.<sup>o</sup> se confundia, conserva-se estacionario, por não ter tido o desenvolvimento da forma escripta e da vida politica; ao passo que o portuguez, por causa da conquista do sul e da independencia do povo, foi-se diferenciando do gallego, até se tornar uma lingua culta e altamente litteraria.

O *indo-portuguez* ou *reino*, falado hoje em Ceilão e nas costas occidentaes da India, começou a ter existencia com as colonias portuguezas da Asia meridional. Acha-se inçado de termos indigenas e hollandezes, e ultimamente de vocabulos do inglez que pela sua supremacia em breve o absorverá.

O *africano* ou *creoulo* consta de muitas variedades dialectaes que constituem as linguas dos ilhéus e dos continentaes nas colonias portuguezas da Africa, mormente de Cabo Verde.

O portuguez hodierno do Brazil não constitue dialecto; é o mesmo de Portugal, não obstante ir-se já diferenciando, principalmente na pronuncia.

A differença que nella se salienta, consiste em fazermos soar mais claramente as vogaes e as syllabas subordinadas. Dizemos, por exemplo, *pêjo*, *tênho*, *mécha*, *pêito*, *bem* (bêi) *vin-te* e *ôito*, *ante-hontem*, *sôbrado*, *pápél*, *pêlôtão*, *pêrû*; ao passo que dizem os portuguezes:— *pàjo*, *tânho*, *méicha*, *pàito*, *bãe*, *vint'ôito*, *ant'hontem*, *subrado*, *pâpél*, *p'lutão*, *p'ru*.

Conta tambem o luso-americano algumas palavras que mudaram de significação. Eis alguns exemplos:

EM PORTUGAL.

NO BRAZIL.

<i>Babado</i> . .	Cheio de baba.	Idem e folhos de vestido.
<i>Faceira</i> . .	Carne das faces do boi.	Mulher casquilha.
<i>Fazenda</i> . .	Bens, mercadorias.	Idem e propriedade rural.

Alem disso, tem-se opulentado o seu vocabulario com *provincianismos* e *brazileirismos*, ou sejam palavras tupis: *jacá*, *tabatinga*; ou africanas: *batuque*, *senzala*; ou meramente populares: *pelego*, *quindim*.

As divergencias syntacticas são em geral solecismos usados pelas classes incultas, como *amo-lhe*, *vi elle*, *me disse*, para *eu ver*, *vá na loja*, em vez de *amo-o*, *vi-o*, *disse-me*, para *eu ver*, *vá á loja*, que vão desaparecendo com a reacção culta e litteraria, que trata de fazer approximar a linguagem das fontes vernaculas e classicas.

---

## GRAMMATICA PORTUGUEZA.

*Grammatica* é o estudo dos factos e das leis da linguagem.

Tem por fim a expressão do pensamento pela palavra, e por objecto o estudo das palavras.

Divide-se a grammatica em *geral* e *particular*.

*Grammatica geral* é o estudo dos factos e das leis da linguagem em toda a sua extensão.

Assim entendida, é a grammatica geral o mesmo que *glottologia* ou *linguística*, porque é a sciencia da linguagem, ou a sciencia que estuda o maior numero das linguas conhecidas, coordenando as *semelhanças* e *divergencias* dos seus varios processos oraes, por meio dos quaes, na diversidade das raças e na successão dos tempos, tem o genero humano enunciado o pensamento; e estabelecendo ao mesmo tempo regras geraes, princípios fundamentais, leis communs e positivas.

No dominio da grammatica geral, ha duas orientações: — a tendencia, exclusivamente *logica*, que impõe *a priori* uma theoria do pensamento a todas as modalidades linguisticas; e a tendencia, exclusivamente *morphica*, que procura explicar o sentido pela estrutura, o *interno* pelo *externo*. Quando exclusivas, systematicas, ciumentas, essas orientações tornam-se viciosas; pois cumpre não esquecer que a palavra se compõe de dous factores invariaveis — o *psycologico* e o *physiologico*, a *idéa* e a *fôrma*. Para perfeita constituição da glottologia, é pois mister a intima combinação dos dous processos.

*Grammatica particular* é o estudo dos factos e das leis de uma lingua determinada.

A grammatica divide-se ainda em *comparativa* ou *historica* e em *descriptiva* ou *expositiva*.

A grammatica é *comparativa* ou *historica*, quando estuda os factos da linguagem em diferentes epocas de uma lingua ou em diferentes linguas, investigando que leis presidem ás suas alterações.

Só ella nos ensina a dissecção scientifica dos vocabulos; permite remontar ao passado obscuro, muito alem do ponto em que param a lenda e a tradição; pode reconstituir a fôrma typica das palavras desfiguradas pelas migrações e pelos seculos. Assim, por exemplo, si quizessemos estudar o vocabulo *pomba*, a historia nos indicaria a sua origem no latino *palumba*, por meio das fôrmas intermediarias *paumba*, *paomba*, *poomba* (docs. do seculo 13.<sup>o</sup>), que, como todas as evoluções na vida humana, foram lentas e graduas.

A grammatica é *descriptiva* ou *expositiva*, quando se limita a expor os factos da linguagem, observados no emprego de uma lingua em uma dada epoca, abstrahindo do estudo de suas transformações.

Não investiga as causas, nem explica as leis; seu fim é apenas classificar, definir e exemplificar os materiaes linguisticos.

*Grammatica portugueza* é o estudo geral, descriptivo, historico e comparativo dos factos da linguagem e das leis que os regem, no dominio tão somente da lingua portugueza.

Divide-se a grammatica portugueza em *lexicologia*, *syntaxe* e *semiologia*.

---



## PARTE PRIMEIRA.

### LEXICOLOGIA.

A *lexicologia* estuda as palavras individualmente, considerando-as, já em seus elementos materiaes — *sons* e *letras*, já em suas *formas*.

Ella investiga todos os processos necessarios á constituição do lexicon ou dictionario da lingua portugueza.

A lexicologia comprehende tres partes: — a *phonologia*, a *lexigraphia* e a *morphologia*.

### LIVRO PRIMEIRO.

#### Phonologia.

A *phonologia* trata dos sons elementares e fundamentaes da lingua, das modificações que soffrem taes sons constituidos em vocabulos e da correcta pronuncia destes.

Dahi sua divisão em *phonetica*, *prosodia* e *orthoepia*.

### TITULO PRIMEIRO.

#### Phonetica.

*Phonetica* é o estudo dos sons articulados, considerados como elementos constitutivos dos vocabulos, e das leis que presidiram ás suas alterações.

A *phonetica*, ou é *physiologica*, ou *historica*.

## CAPITULO I.

### PHONETICA PHYSIOLOGICA.

A *phonetica physiologica* trata dos sons articulados relativamente aos órgãos que os formam.

Som articulado é toda a emissão da voz, que se transforma em som pela acção do aparelho vocal.

Os sons articulados, ou são *simples*, ou *compostos*.

Os *simples* não teem mais que um som. Taes são os *phonemas*, isto é, as *vozes* ou *sons vogaes* e as *consonancias* ou *sons consoantes*.

Os *compostos* constam, ou de dous sons vogaes tão somente, ou de sons vogaes e consoantes. Taes são os *grupos vocalicos* e as *syllabas* formadas de sons consoantes e vogaes.

#### § 1.º

#### *Vozes ou Sons Vogaes.*

Chamam-se *vozes* ou *sons vogaes* os sons que se formam pelo impulso da voz modificada pela cavidade da boca, mais ou menos aberta.

As vozes ou sons vogaes chamam-se *oraes* e *nasaes*.

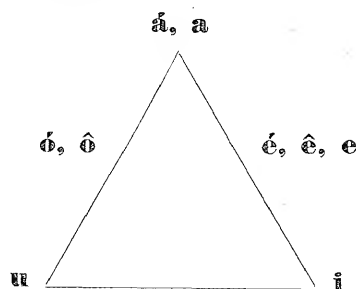
*Sons vogaes oraes* ou *puros* são os sons formados na cavidade bucal, e por ella livremente emitidos.

Os sons vogaes oraes primitivos são *u, a, i*. *A* é o mais cheio. Abaixo de *a*, collocam-se *u, i*, representando aquelle o som mais surdo, e este, o mais agudo. Assim *a* occupa o cimo da escala tonica; *u, i*, os dous pontos inferiores parallelos: *a* é estavel; *u, i* são moveis, ou aptos a passar ao estado de consoantes. Alem destas tres vozes principaes *u, a, i*, ha ainda duas *accessorias*, a saber, *o, e*, sons intermediarios; o primeiro entre *u* e *a*; o segundo entre *i* e *a*.

Os sons vogaes oraes, fundamentaes e typicos, que se encontram em todas as linguas, são *u, o, a, e, i*, que se ligam entre si por uma serie de transições pouco sensiveis. Assim, quando, estando inteiramente abaixados o larynge e a lingua, se extendem o mais possivel os labios, arredondando-os, ouve-se o som de *u*. Depois, á medida que se levantam o larynge e a lingua, e se abrem os labios, diminuindo a extensão da cavidade bucal, do som *u*, passa-se a *o*, e em seguida a *a*. Nesse momento, os labios recuam, abrindo-se ligeiramente a boca, e o larynge fica na altura normal. Está-se no meio da escala. Si a progressão continua, e, si se elevam cada vez mais o larynge

e a lingua, conservando-se a boca aberta, passa-se a *e*, e finalmente a *i*, quando o canal, ha pouco alongado, attingiu a menor extensão possível.

Eis a sua escala natural:



Os sons *vogaes oraes* são nove:

- 1.º *á* aberto, como em *má*;
- 2.º *a* grave, como em *mesa*;
- 3.º *é* aberto, como em *fé*;
- 4.º *ê* fechado, como em *sê*;
- 5.º *e* grave, como em *vide*;
- 6.º *i*, como na *conjunção e*, em *indício* e em *estilo*;
- 7.º *ó* aberto, como em *avó*;
- 8.º *ô* fechado, como em *avô*;
- 9.º *u*, como em *avo*, *cumulo*.

Sons *vogaes nasaes* são os sons formados na cavidade que une as fossas nasaes ao pharynge, depois de verificado o abaixamento do véu palatino, e emittidos, parte pela boca, parte pelo nariz.

Os sons *vogaes nasaes* são cinco:

- 1.º *an*, como em *lan*, *ambar*, *mãe*;
- 2.º *en*, como em *ente*, *emporio*;
- 3.º *in*, como em *tinta*, *limbo*, *syncope*, *sympathia*;
- 4.º *on*, como em *onda*, *compasso*, *dispõe*;
- 5.º *un*, como em *fundo*, *umbella*.

Alem de a consoante *n* nasalar a vogal que a precede, representa, de modo pouco sensivel, o seu som proprio em *ademan*, *iman*, *alumen*, *certamen*, *germen*, *gluten*, *hymen*, *lichen*, *specimen*, *tentamen*, *acoron*, *acromion*, *amidon*, *canon*, que se devem pronunciar *ademâne*, *imâne*, *alúmêne*, *certámêne*, *gérmiêne*, *glútêne*, *hýmêne*, *lichêne*, *spécimêne*, *tentámêne*, *acórône*, *acrómiône*, *amidône*, *cánône*.

As vogaes teem ainda um som nasal surdo, ou menos claro que os já indicados, quando são syllabas predominantes, ou dellas fazem parte, e se acham seguidas de *m*, *n*, *nh*, pertencentes á syllaba seguinte, como se vê em *ama*, *cano*, *sanha*; *terna*, *pena*, *venho*; *lima*, *tina*, *linha*; *toma*, *lona*, *ronha*; *uno*, *nume*, *cunha*.

A simples posição das vogaes, neste caso, nos adverte de tal nasalidade. E' portanto dispensavel o uso de um signal, para designa-la. Ha no emtanto escriptores que a indicam, por meio do accento circumflexo; o que é incurial, visto ter este signal por fim representar sons oraes, como sejam as vozes medias ou fechadas, que, entre as abertas e as graves, teem as letras *e* e *o*, os quaes constituem uma especie inteiramente diversa da dos sons nasaes.

## § 2.º

### *Consonancias ou Sons Consoantes.*

Chamam-se *consonancias* ou *sons consoantes* os sons que se formam pelo impulso da voz modificada pelas partes moveis do canal da boca.

#### SECÇÃO 1.ª

*Classificação das consonancias,  
conforme o papel que, em sua formação, exercem  
os órgãos de articulação.*

Os nossos sons consoantes, segundo a ordem de sua natural geração, e influencia que, em sua formação, exercem os labios, a arcada dentaria inferior, a lingua e o véu do paladar, partes moveis do canal da boca, ou teclas do órgão vocal, constam das seis familias ou classes em seguida mencionadas:

1.ª Si as modificações da voz se operam, approximando-se, e separando-se rapidamente os labios, chamam-se *labiaes*; taes são: — *b*, *p*, *m*:

2.ª Si se operam pela acção conjuncta da arcada dentaria inferior e dos labios, chamam-se *dento-labiaes*; taes são: — *v*, *f*:

3.<sup>a</sup> Si se operam, batendo a lingua diversamente nos dentes, chamam-se *linguo-dentaes*; taes são:—*d, t*:

4.<sup>a</sup> Si se operam só por meio de movimentos da lingua, chamam-se *linguaes*; taes são:—*s, z, j, x*:

5.<sup>a</sup> Si se operam, jogando a lingua de diversos modos contra o padar, paladar ou céu da boca, chamam-se *linguo-palataes* ou *linguo-palatinaes*; taes são:—*n, nh, l, lh, r (re), r* (como a ultima syllaba de *ferre*):

6.<sup>a</sup> Si se operam, fazendo a lingua encontro na extremidade interior do seu dorso com a garganta, chamam-se *linguo-gutturaes*; taes são:—*g* (gue), *c* (que).

#### SECÇÃO 2.<sup>a</sup>

*Classificação das consonancias,  
conforme o maior ou menor esforço que fazem os órgãos  
articuladores, para pronuncia-las.*

As consonancias dividem-se ainda em *explosivas* ou *instantaneas*, em *continuas*, *fricativas* ou *espirantes* e em *liquidas* ou *correntes*, conforme o maior ou menor esforço que fazem os órgãos articuladores, para pronuncia-las.

As *explosivas* ou *instantaneas* são produzidas por um contacto completo dos órgãos articuladores, que cessa instantaneamente. Taes são: *p, b; t, d; c, g*.

As *continuas*, *fricativas* ou *espirantes* são formadas no canal bucal por um estreitamento, approximação ou contacto imperfeito, que permite a sua prolongação indefinida. Taes são: *f, v; s, z; x, j*.

As *liquidas* ou *correntes* são assim chamadas, por causa da sua natureza particularmente fluida. Taes são: *m, n; l, r*.

As *explosivas* e as *continuas* são *variaveis* ou *moveis*, por ser a sua articulação mais ou menos forte.

Dividem-se por isso em *fortes* ou *surdas* e em *fracas* ou *brandas*.

São da primeira especie: *p, t, c, f, s, x*; da segunda: *b, d, g, v, z, j*.

As *liquidas*, ao contrario, são *constantes* ou *fixas*, porque a sua articulação se faz constantemente com o

mesmo grau de força; e dividem-se em *puras*: *l*, *r* ou *rr*; *nasaes*: *m*, *n*; e *molhadas*: *nh*, *lh*.

As *puras* unem-se facilmente a outras consonancias, para formarem articulações duplas, como *gr*, *pl*, etc.

As *nasaes* terminam syllabas, perdendo o seu som proprio, e tornando nasal a vogal precedente, como *em*, *on*, etc.

As liquidas *n*, *l* dizem-se *molhadas*, quando seguidas do *h*, porque se modificam nos sons *nh*, *lh*.

<b>Quadro da classificação das consonancias.</b>		Classificação das consonancias, conforme o maior ou menor esforço que fazem os órgãos articuladores, para pronuncia-las.						
		Variaveis ou moveis				Constantes ou fixas		
		Explosivas ou instantaneas		Continuas, fricativas ou espirantes		Liquidas ou correntes		
		<i>Fortes ou surdas</i>	<i>Fracas ou brandas</i>	<i>Fortes ou surdas</i>	<i>Fracas ou brandas</i>	<i>Puras</i>	<i>Nasaes</i>	<i>Molhadas</i>
Classificação das consonancias, conforme o papel que, em sua formação, exercem os órgãos de articulação.	Labiaes	p	b				m	
	Dento-labiaes			f	v			
	Linguo-dentales	t	d					
	Linguae			s x	z j			
	Linguo-palataes					l r ou rr	n	nh lh
	Linguo-gutturales	c	ç					

SECÇÃO 3.<sup>a</sup>

*Sons próprios e accidentaes das lettras.*

Deveria ter cada signal litteral só um som, ou cada som um só signal que o designasse. Succede entretanto haver, na lingua portugueza, caracteres representando mais de um som, ou ser o mesmo som representado por mais de uma lettra.

Dá logar esta anomalia á divisão dos sons consoantes em *próprios* e *accidentaes*.

São *próprios* os sons que as lettras teem habitualmente; e *accidentaes* os que recebem ellas, segundo sua posição.

Os sons próprios das consoantes, aquelles com que devem ser nomeadas, são: *be, ce* (que), *de, fe, gue, je, ke, le, me, ne, pe, que, re, se, te, ve, xe, ze*.

Sons accidentaes só os teem as lettras *c, g, r, s, x*, como se vê das regras seguintes:

O *c* (que), antes de *e, i* ou *y* (*i* grego), tem o som de *s* (se): *cera, cinza, cylindro*.

O *ç* (que com cedilha), antes de *a, o, u*, tem o som de *s* (se): *peça, poço, açude*.

O *g* (gue), antes de *e, i* ou *y* (*i* grego), tem o som de *j* (je): *gente, ginja, gymnasio*.

O *r* (re), entre vogaes, soa brandamente: *hora, caro*; mas, em vocabulos compostos, soa forte: *prorogar, derogar*.

O *s* (se), entre vogaes, tem o som de *z* (ze): *rosa, vaso*; em vocabulos compostos porem, conserva o seu som proprio: *resentir, verosimil*. Em *obsequio, subsistencia, extrinseco, intrinseco*, e, em alguns vocabulos que começam por *trans*, como *transigir, transacção*, tambem tem o som de *z* (ze).

O *s* (se) tem o som de *es brevissimo* ou *quasi surdo*, quando se acha precedido de *ab, ob, ad, sub, infra*, e seguido de *t* ou *c*: *abster, abscesso, obstar, obscuro, adstricto, adscripto, substancia, subscrever, infrascripto*. Tambem tem o mesmo som no principio de vocabulos, quando está antes de *ca, co, p, ph, t, q*: *scaleno, scolopendra, specimen, sphenoide, steppe, squenanto*.

O *x* (xe) precedido da vogal *e*, no principio de vocabulos, e seguido de vogal ou *h* (agá), tem o som de *z* (ze): **exasperar**, **exemplo**, **exilio**, **exorcismo**, **exultar**, **exhausto**.

O *e* e o *x* (xe), estando unidos, e seguidos de consoante, teem o som de *es*: **excesso**, **exfoliação**, **expressão**, **exquisito**, **exsiccicar**, **extasis**, **sexma**.

*Ex*, *ix*, *ux*, no fim de vocabulos, teem ás vezes o som de *es*, *is*, *us*: **index**, **phenix**, **flux**.

O *x* (xe) tem ainda umas vezes o som de *s* (se): **syntaxe**, **proximo**; e outras, o de *cs* (que se): **refluxo**, **thorax**, **silex**, **onix**.

Temos alem disso os signaes *ch*, *ph*, *th*, *rh*, cujos sons proprios são *xe*, *fe*, *te*, *re*, como em **ache**, **phenicio**, **synthese**, **rhetorica**.

O *ch*, antes de *r* (re), tem o som accidental de *c* (que): **Christo**, **chronica**. É outrosim usado com o mesmo som em **patriarcha**, **archeologia**, **monarchia**, **parochio**, **chylo**, e em outros vocabulos que a pratica ensinará.

O *n* (ne) e o *h* (agá), ainda que juntos, não teem o som de *nh* (nhe), em vocabulos compostos da preposição *in*: **inhabil**, **inhospito**.

Dá-se o mesmo com o *l* (le) e o *h* (agá), que, com quanto unidos, não soam como *lh* (lhe), em vocabulos compostos: **philharmonica**, **gentilhomem**.

### § 3.º

#### *Grupos vocalicos.*

Os grupos vocalicos dividem-se em *diphthongos*, *semi-diphthongos* e *monophthongos*.

*Diphthongo* é um som composto de dous sons vogaes, pronunciado de uma só emissão de voz: *eu*, *ão*.

A primeira voz do *diphthongo* chama-se *prepositiva*; e a segunda, *subjunctiva*: aquella é sempre longa; e esta, sempre breve.

Os *diphthongos*, ou são *oraes*, ou *nasaes*.



Chamam-se *oraes* os diphthongos que só teem vozes oraes, e *nasaes* os que teem a primeira voz nasal.

Os diphthongos oraes da nossa lingua são onze:

- 1.º *ai*, como em *pae*, *mais*, *ayri*;
- 2.º *ei*, como em *anneis*;
- 3.º *êi*, como em *rei*, *eyra*;
- 4.º *oi*, como em *doe*, *rhomboide*, *Godoy*;
- 5.º *õi*, como em *boi*, *Goyaz*;
- 6.º *ui*, como em *tafues*, *uivo*, *Guyana*;
- 7.º *au*, como em *pau*;
- 8.º *eu*, como em *labéu*;
- 9.º *eu*, como em *ten*;
- 10.º *iú*, como em *riu*;
- 11.º *ou*, como em *dou*.

Os diphthongos nasaes são nove:

- 1.º *ãi*, como em *mãe*, *caimbra*;
- 2.º *ão* (grave), como em *sotão*, *amam*;
- 3.º *ão* (agudo), como em *pão*;
- 4.º *êi*, como em *joven*, *bem*, *teem*;

Só em *joven* e *regimen*, tem *en* o som de *êi*.

- 5.º *ĩi*, como em *affim*;
- 6.º *õi*, como em *põe*, *expõem*;

Sustenta Constancio que *õe* e *õem* tem pronuncia diversa; parece-nos porem serem um só diphthongo que se escreve por dous modos, com o fim de se differencar a terceira pessoa do singular da terceira do plural, no presente do indicativo dos verbos acabados em *or*.

- 7.º *õo*, como em *bom*;

Em *bom*, *com*, *dom* de *dominum*, representa a desinencia *om* o diphthongo *õo*; não assim nos vocabulos *dom* de *domum*, *som*, *tom*, *trom*, nos quaes tem ella o som de *on*.

- 8.º *ũi*, como em *muito*;

Apenas nos vocabulos *mui* e *muito*, é *ui* fórma representativa do diphthongo *ũi*.

- 9.º *ũu*, como em *jejum*.

*Semidiphthongos* são os grupos vocalicos, cujos sons, sem se poderem separar, soam distinctamente, formando duas syllabas.

Taes são: *èa, èo, ía, òa, íe, òe, ío, òo, ôa, ôe, ôo, úa, ùa, ùe, ùo, uan, uen, uin*, como em *lactea, arboreo, ria, gloria, fie, especie, tio, vicio, toa, nódea, voo, lua, mingua, equestre, equoreo, quando, eloquencia, ruindade*.

Na poesia porem, fazem de alguns destes semidiphthongos uma só syllaba, para que o verso não fique frouxo ou languido.

*Monothongos* são os grupos vacalicos que representam um só som, por ser insonora a sua primeira lettra.

Taes são: *ua, ue, ui, uu, uen, uin*, como em *quatorze, quesito, guerra, inquirir, seguí, equuleo, quente, requinte*.

Na lingua portugueza, não ha *triphthongos*, Paraque os houvesse, era preciso quo fossem compostos de tres sons vogaes, pronunciados por um impulso de voz; ora as vozes que alguns grammaticos dão como o sendo *éa*, ou *éia, éie, éio, éia, éie, éio, éam, iam, óem, (ôêi), uim, (uîi)*, segundo se vê em *idéa* (nome), *ideia* (verbo), *ideie, ideio, meia, odeie, veio, leam, viam, doem, ruim*, teem duas syllabas que se pronunciam em dous tempos, com dous impulsos de voz; e portanto não são *triphthongos*.

#### § 4.º

#### *Syllabas.*

*Syllaba* é, ou um som vogal tão somente, ou um som composto de sons simples, pronunciado de uma só emissão de voz, como se vê em *e, eu, pau, sol, gral*.

No verso, são as syllabas contadas, por modo differente daquelle por que o são na prosa; um trecho qualquer de poesia, segundo a grammatica, tem quantidade muito maior de syllabas que de conformidade com a arte poetica. Conta o grammatico, como syllabas, todos os sons distinctos, em que qualquer palavra se pode rigorosamente dividir, os quaes constam, ou só de um som vogal; ou só de um diphthongo; ou de uma voz com uma ou mais consonancias, quer se lhe antepõemham, quer se lhe pospõemham, quer a te-

nham intercalada; ou finalmente de um diphthongo com consonancias: *é; eu; ir, pé, cré, brins; vae, frei, taes, grãos.*

Entretanto que o poeta não tem na conta de syllabas as elisões imperceptíveis ou pouco sensíveis que se dão, quando falamos ou lemos, por meio das quaes omitta a voz sons que são representados pela penna.

A razão disto está em governar-se o grammatico, por uma especie de philosophia especulativa, que o força a estudar os sons pelo que são rigorosamente, e não pelo que soam; ao passo que tem o poeta de observar a toada da pratica, que o adstringe a encerrar os sons pelo effeito harmonico que produzem aos ouvidos, e não pelo que rigorosamente são.

Verificam-se estas elisões, ou por meio da *synerese* que consiste na absorpção de vogaes dentro de um só vocabulo, como se vê em *pi-e-da-de, mar-ty-ri-o*, que, por esta figura, se pronunciarão *pie-dade, mar-ty-rio*; ou por meio da *synalepha* e da *ecthlipse*, que consistem, aquella na suppressão de vogaes, e esta na da consoante *m*, no fim de vocabulos, quando se lhes seguem outros que começam por vogal, como se vê no seguinte verso de Camões, o qual tem para o grammatico quinze syllabas, e onze para o poeta:

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15  
 “Qual co’os pen-na-chos do el-mo a-çou-ta as an-cas.”

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11  
 “Qual cos pen-na-chos del-ma çou-tas an-cas.”

As letras de cada syllaba devem solettrar-se juntas, por exemplo, *mais* não se solettrará *m-a—ma, i-s—is, mais*, porque as letras e os sons das syllabas não se devem separar; e por isso, quando quizermos dividir qualquer vocabulo de mais de uma syllaba, o dividiremos pelo fim de cada uma, como se vê em *ab-so-lu-to, cons-tan-te*.

Os sons formados pelas vogaes antepostas ás letras *l, m, n, r, s, x, z*, como *al, il, yl, ol, ul*, etc., estando unidos a sons consoantes, devem fazer corpo com elles, e pronunciar-se juntos; pelo que *aquillo, canna, damno, ferro, massa* não se solettrarão assim: *a-qui-llo—aquillo, ca-nna—canna, da-mno—damno, fe-rro—ferro, ma-ssa—massa*; mas deste modo: *a-quil-lo—aquillo, can-na—canna, dam-no—damno, fer-ro—ferro, mas-sa—massa*.

## CAPITULO II.

### PHONETICA HISTORICA.

A *phonetica historica* expõe as leis que determinam a transformação dos sons nas diversas idades da lingua.

As leis da alteração phonetica são:—o *principio da minima acção*, o *principio de transição*, os *metaplasmos* e a *analogia morphica*.

#### § 1.º

##### *Principio da Minima Acção.*

Os sons das linguas nunca se modificam ao acaso, mas sim por virtude de leis que se podem reduzir a um certo numero. Assim, na transformação do latim nas linguas romanas modernas, verifica-se uma tendencia geral para a simplificação, e uma disposição natural para se evitar o esforço de que necessita a emissão de certos sons: a este facto é que se dá o nome de *principio da minima acção*. Esta necessidade de maior commodidade na pronunciação produz o enfraquecimento geral das letras latinas, como se vê em *digitus* (*dedo*), cujo *t* se abrandou em *d*. Em certos casos, torna-se tal o enfraquecimento que a letra latina desaparece completamente.

Quaesquer que sejam porem as modificações que attingem a palavra latina em sua passagem para o portuguez, ella conserva suas partes essenciaes,—a *syllaba accentuada* ou *tonica* e a *letra inicial*.

a) A *syllaba accentuada* em latim subsiste pois em portuguez, e alem disso conserva o accento tonico original; mas, como este accento fere a vogal e não a consoante, é a vogal que persiste, e se desenvolve mesmo em um som mais cheio, ao passo que a consoante medial ou collocada entre duas vogaes, se *degrada*, isto é, desce um grau na escala das articulações, passando de forte a fraca e de explosiva a espirante; ou cae completamente, como em *acutus*, *agudo*; *caballus*, *cavallo*; *dotare*, *doar*.

b) A parte essencial da syllaba inicial é a consoante, e não a vogal; mas não se pode apoiar sobre a consoante, sem se apoiar sobre a vogal; é por isso que a syllaba inicial se mantem em geral muito firme, como em *captivus*, *captivo*.

§ 2.º

*Principio de Transição.*

Qualquer que seja a transformação que pode soffrer uma letra, esta transformação só se opera lentamente, e não dá mais que um passo de cada vez. Uma letra não muda a um tempo de ordem, grau ou familia; não pode realisar *de uma vez* mais que uma só destas mudanças; eis o que se chama—*principio de transição*. Assim, por exemplo, *povo*, *papel*, *lembrar* não nos vieram directamente de *populus*, *papyrus*, *memorare*, mas, pelas fórmas intermediarias *poblo* e *poboo*, *papillo*, *nembrar*.

É, por meio destas fórmas intermediarias, que se pode fazer a historia de uma palavra, e remontar á sua verdadeira origem, assim como ao seu sentido primitivo.

§ 3.º

*Metaplasmos.*

Na passagem do latim para o portuguez, a sorte das letras depende, já de sua propria natureza, já do contacto de certos sons, quando este contacto produz um choque de vogaes (hiato) ou de consoantes, contrario á euphonia.

Si as letras latinas não se conservam intactas, podem soffrer tres especies de modificações:

1.<sup>a</sup> Ora a letra latina se mantem, mas alterando-se, ou fundindo-se num som de outra natureza.

2.<sup>a</sup> Ora a letra latina desaparece inteiramente, ou porque lhe falta apoio, ou porque é incompativel com outra letra.

3.<sup>a</sup> Ora duas letras vizinhas se mantem, chamando porem para o meio de si um som estranho, destinado a tornar o seu choque impossivel.

Dahi tres especies de phenomenos phoneticos; a *permuta*, a *elisão*, e a *addição de letras euphonicas*, conhecidos pela denominação de *metaplasmos*.

SECÇÃO 1.<sup>a</sup>

*Permuta de Letras.*

Entende-se por *permuta de letras* a mudança do som que representam, em outro.

Os sons das linguas são com effeito mais ou menos *variaveis*, isto é, podem transformar-se em outros; por isso a mesma palavra pode se encontrar em muitos idiomas sob fórmas diversas. Mas esta transformação dos sons não é irregular; dá-se ao contrario, segundo leis fixas que se podem resumir assim:

1.<sup>a</sup> As vogaes, por serem os sons menos articulados, são em geral mais variaveis que as consoantes.

2.<sup>a</sup> Sendo a syllaba tonica e a letra inicial as partes essenciaes da palavra, a vogal accentuada resiste melhor que a vogal atona, e a consoante é menos variavel no começo que no meio ou no fim da palavra.

3.<sup>a</sup> Só sons analogos se podem permutar entre si.

As permutas, ou resultam da propria natureza das letras, ou produzem-se pelo contacto de vogaes ou de consoantes.

I

*Permutas resultantes da propria natureza das letras.*

As permutas que resultam da propria natureza das letras, teem por effeito o *enfraquecimento* ou *abranda-mento* do som.

Eis as regras que lhes servem de base:

1.<sup>a</sup> As vogaes permutam-se descendo a escala vocal (pag. 31), ou *diphthongando-se* com as vogaes inferiores,

*i* e *u*, como subjunctivas, segundo se vê em *freio*, de *frenum*, e em *estou* de *sto*.

A diphthongação não se pode verificar em vogaes de posição.

2.<sup>a</sup> Para as consoantes podem-se estabelecer as duas regras seguintes:

a) A permuta das explosivas e das espirantes, que se dá apenas, entre sons da mesma ordem ou *homorganicos*, quer dizer, entre uma labial e outra labial, entre uma dental e outra dental, etc., faz-se por abrandamento, isto é, descendo os graus da escala das articulações (pag. 34), ou passando das fortes ás fracas (*apotheca*, *botica*; *cito*, *cedo*), e das explosivas ás espirantes (*arbor*, *arvore*; *populus*, *povo*), sem ir além até as liquidas.

b) Por serem as liquidas as consoantes menos articuladas, a sua permuta, ou dá-se entre si, como em *nível* = *libella*, ou com letras de outras ordens, como em *deixar* = *leixar* de *laxare*. Esta permuta entre sons de ordem diferente ou *heterorganicos* contituem o que se chama *reforço*, phenomeno contrario ao abrandamento, que, por ser raro na evolução das linguas, é considerado como uma anomalia.

## II

*Permutas produzidas pelo contacto de vogaes ou de consoantes.*

As permutas que se produzem pelo contacto de vogaes ou consoantes, teem por effeito a *accommodação* do som.

*Permutas verificadas pelo contacto de vogaes.*

O encontro das *vogaes* determina, em certos casos, já a sua  *fusão*, já a *consonantisação* e *attracção* de uma dellas.

Opera-se a fusão de vogaes, ou por *synerese*, ou por *crase*.

Por *synerese*, quando duas vogaes se approximam simplesmente, de maneira a se soldar uma na outra, for-

mando um diphthongo (*dae* de *date*), ou um semidiphthongo (*magua* de *macula*).

Por *crase*, quando se contrahem duas vogaes em uma só: *pôr* de *poer* (*pônere*), *á* por *a a* (preposição e artigo), *idéa* por *ideia*.

É frequente a fusão de vogaes, sempre que, supprimidas certas consoantes mediaes, isoladas entre duas vogaes, ficam estas em contacto.

Realisa-se a *consonantisação*, quando, com o fim de annular-se o hiato, passa *i* ou *u* ás consoantes correspondentes *j* ou *v*: *hodie*, *hoje*; *captiuo*, *captivo*.

Dá-se a *attracção*, quando a vogal se transpõe, attrahida pela tónica, para se fundir com ella em um diphthongo: *aipo* de *apium*, *aceiro* de *acerium*, *poude* de *potuul*, *ruivo* de *rubens*.

*Permutas verificadas pelo contacto de consoantes.*

O encontro de duas *consoantes* determina muitas vezes a *assimilação*, a *dissimilação*, a *vocalisação* e a *transposição* de uma dellas.

Vimos já que só sons analogos ou da mesma ordem se podem permutar entre si: mas, quando as consoantes se põem em contacto, e são *dissimelhantes*, isto é, pertencem a ordens diferentes, a lingua as assimila.

Consiste a *assimilação* na *attracção* que um som exerce sobre outro, fazendo-o adoptar seu proprio som ou classe: *pessoa* de *persona*.

A *assimilação* é *progressiva* ou *regressiva*, *completa* ou *incompleta*.

É *progressiva* ou *ascendente*, si a *attracção* se exerce da letra antecedente para a subsequente: *nosso* de *noster*, em que o *s* attrahe o *t*, transformando-o em *s*.

É *regressiva* ou *descendente*, si a *attracção* se exerce da letra subsequente para a antecedente: *illegal* de *im+legalis*, em que o *l* attrahe o *n*, transformando-o em *l*.

A *assimilação regressiva* é a mais frequente.

Diz-se *completa*, quando da *attracção* resultam letras dobradas ou geminadas: *attrahir* de *ad+tráhere*.



Diz-se *incompleta*, quando da attracção resultam letras diferentes, mas da mesma ordem: *scriptum* de *scrib***itum**, em que a labial fraca *b* permutou-se na labial forte *p*, por virtude da forte *t*.

A assimilação representa papel importante na formação das linguas romanas, principalmente por causa da elisão das vogaes atonas, que poz em contacto, em uma multidão de palavras, consoantes incompatíveis.

Outro phenomeno correlativo da assimilação, que tambem tem por causa a necessidade de commodidade na pronunciação, é a *dissimilação* que consiste em tornar diferentes duas letras consoantes que eram primitivamente identicas: *Marselha* de *Masselha*.

Não se pode resolver em vogal a consoante que está isolada; quando porem se acha em contacto com outra consoante, não é raro tal permuta, a qual se designa pelo nome de *vocalisação*: *preceito* de *præceptum*, *oito* de *octo*.

Outra especie de vocalisação é a *nasalisação* que, com perda do seu som proprio, produzem as consoantes *m* e *n*, nas vogaes que as precedem.

As consoantes deslocam-se, precedendo ou seguindo a vogal. Tal mudança de logar ou *transposição* verifica-se, ou por *metathese*, ou por *hyperthese*.

Por *metathese*, quando se dá a transposição na mesma syllaba: *pobre* de *pauper*, *por* de *pro*.

Por *hyperthese*, quando se dá a transposição entre syllabas diversas: *trevas* de *tenebras*, *palavra* de *parabola*.

As liquidas *l* e *r* são as consoantes que mais se transpõem, e isto por virtude da attracção de uma explosiva ou espirante precedente.

## SECÇÃO 2.ª

### *Elisão.*

A *elisão* de letras, de todos os metaplasmos o que mais concorre para a simplificação, tem por causa a eu-

phonia, e a influencia exercida pelo accento tonico, cujo som predominante ensurdece as letras vizinhas que vão desaparecendo pouco a pouco.

Effectua-se a elisão no principio, meio e fim dos vocabulos.

No principio, toma o nome de *apherese*, e pode ser de vogal, consoante ou syllaba.

A *apherese* de vogaes dá-se de ordinario, quando por si sós formam syllabas: *botica* de *apotheca*.

A de consoante é rarissima, por ser a consoante inicial de grande estabilidade: *tisana* de *ptisana*.

A de syllabas é muito mais frequente nos nomes proprios: *Zé* em vez de *José*, *Lota* de *Carlota*; os quaes soffrem muitas vezes a reduplicação: *Zeze*, *Lolota*.

Chama-se *syncope* a elisão de letras no meio dos vocabulos: é um dos phenomenos mais communs da phonetica historica.

A *syncope* elide vogaes ou syllabas, si são breves, e precedem immediatamente a tonica: *bondade* de *bonitatem*, *prégar* de *predicare*.

Tambem elide frequentemente consoantes isoladas, ou collocadas entre duas vogaes: *cruel* de *cruelidis*, *rio* de *rivus*.

Da suppressão de syllabas medias resultaram ás vezes vocabulos com forma muito differente da do typo primitivo: *mister* de *ministerium*, *quaresma* de *quadregesima*.

A elisão de letras no fim dos vocabulos recebe as denominações de *apocope*, *ecthlipse* e *synalepha*.

De *apocope*, quando se supprimem letras ou syllabas finaes: *amar* de *amare*, *gran* por *grande*.

É phenomeno caracteristico da formação das linguas romanas.

De *ecthlipse*, quando se supprime no verso o *m* final de um vocabulo, por se lhe seguir outro que começa por vogal: *co'somno* por *com o somno*.

De *synalepha*, quando se supprime a vogal final de um vocabulo, porque se lhe segue outro que principia por vogal: *do, da, deste, desse, to, lho* por *de o, de a, de este, de esse, te o, lhe o*.

SECÇÃO 3.º

*Addição de Letras Euphonicas.*

As letras que se accrescentam ás palavras, tambem o são no principio, meio e fim. Dahi tres especies de addição: — *prothese, epenthese e paragoge*.

A *prothese* accrescenta letras no principio: *escrever* de *scribere*; a *epenthese*, no meio: *humilde* de *humilis*; a *paragoge* ou *epithese*, que é rarissima em portuguez, no fim: *martyre* por *martyr*.

§ 4.º

*Analogia Morphica.*

Temos ainda um phenomeno de alta e reconhecida importancia que se opera frequentemente em portuguez — *a analogia morphica*.

*Analogia morphica* é a tendencia bem pronunciada da lingua vernacula, para destruir as fórmas irregulares, substituindo-as por outras mais conhecidas e geraes: *jazi* por *jouve*, *instrue* por *instroe*.

TITULO SEGUNDO.

PROSODIA.

A *prosodia* trata da quantidade e do accento das syllabas constituidas em vocabulos.

*Vocabulo* é, ou uma syllaba de som forte, ou um composto de syllabas subordinadas a uma de som forte e predominante. Daqui se vê que ha vocabulos de uma syllaba só: *Deus*; e de mais de uma: *justo, pureza, caridade*.

Chamam-se *monosyllabos* os vocabulos de uma só syllaba: *dó, cru*; *dissyllabos*, os de duas: *lasso, posse*;

*trissyllabos*, os de tres: *centelha*, *virtude*; *polysyllabos*, os de mais de tres: *amplitude*, *constituição*, *curiosidade*.

Na pronúncia dos vocabulos, ha que considerar as modificações conhecidas pelas denominações de *quantidade* e *accento*, que nelles se dão, por serem suas syllabas pronunciadas, ou com maior ou menor duração, ou com maior ou menor elevação da voz.

## CAPITULO I.

### QUANTIDADE DAS SYLLABAS.

*Quantidade da syllaba* é a medida da duração ou do espaço de tempo, que gasta a voz em pronunciar qualquer syllaba.

Esta duração é toda relativa; não se mede pela velocidade ou lentidão accidental, com que se pronunciam as syllabas, mas pelas proporções immutaveis que as tornam breves ou longas. Dous homens, por exemplo, dos quaes um é summamente veloz no falar, e o outro por extremo vagaroso e compassado, não deixam por isso de observar a mesma quantidade, ainda que o primeiro pronuncie mais depressa uma longa que o segundo uma breve, isto é, não deixam de fazer exactamente breves as que são breves, e longas as que são longas. A medida portanto da duração de cada syllaba é a proporção invariavel que teem umas para com outras, proporção que nunca se pode determinar mathematicamente, porque, em todas as linguas, ha syllabas breves mais breves que outras, e longas mais longas que outras, como se vê em *pallio*, que tem o *i* e o *o* mais breves que o *i* e o *o* de *pallido*; e em *tafetá*, cuja voz final é mais longa que a primeira. Mas, posto que, por esta desigualdade da duração das breves entre si, e das longas tambem consideradas entre si, não haja exacta proporção entre breves e longas, comtudo, desprezando-se as fracções de tempo, e, por um calculo de approximação, considerando-se as breves iguaes entre si, e da mesma sorte as longas, achou-se que a proporção destas era dupla, e que, dando-se á breve um tempo só, a longa relativamente a ella vinha a ter dous.

As syllabas, ou são *breves*, ou *longas*.

São *breves*, isto é, *rapidas*, aquellas syllabas, cuja pronúncia dura um só tempo; e *longas*, isto é, *extensas*, aquellas, cuja pronúncia dura dous.

As syllabas podem ser breves ou longas, ou por *natureza*, ou por *uso*.

*Syllabas breves* ou *longas por natureza*, são aquellas, cujos sons se produzem com presteza ou vagar, por dependerem de algum movimento rapido ou lento, que o mechanismo natural deve executar, segundo as leis phisicas que o dirigem.

São breves de sua natureza as vozes *a*, *e*, *o*, como se vê nas syllabas finaes de *ama*, *ame*, *amo*.

São longas de sua natureza:

- 1.º As vozes abertas: *dá*, *sé*, *avó*;
- 2.º As vozes fechadas: *vê*, *avô*;
- 3.º Todas as vozes nasaes: *ortelan*;
- 4.º Todos os diphthongos: *meu*, *pão*;
- 5.º Toda a syllaba feita por contracção de duas: *áquelle* por *a* *aquelle*;
- 6.º Toda a syllaba sobre que recae o accento prosodico ou tonico: *livraria*;
- 7.º As vozes que estão antes de duas consoantes, quando uma destas lhes pertence, e a outra é da syllaba seguinte: *salgado*, *ermida*, *tristeza*, *folgado*, *furtivo*;
- 8.º As vozes que estão antes da consoante *x*, quando é duplice: *sexual*, *fixidez*.

Não influem na vogal que as precede:

- 1.º As consoantes dobradas da mesma especie, quando representam só um som: *adduzir*, *aggredir*;
- 2.º As consoantes compostas *nh*, *lh*, *ch*, *ph*, *th*, *rrh*: *ninhada*, *molhado*, *cochonilha*, *typographia*, *atheneu*, *pyrrhónico*;
- 3.º Os grupos consonantaes *bl*, *br*, *pl*, *pr*, *gn*, etc: *ablativo*, *abraço*, *aplacar*, *aprender*, *magnanimo*.

*Syllabas breves* ou *longas por uso*, isto é, *communis*, são aquellas, cujos sons se produzem, ora com rapidez, ora com vagar, conforme a posição do accento prosodico.

São *communis* as vozes *i*, *u*; e por isso serão longas, quando sobre ella cahir o accento prosodico; e breves, quando não cáir, como se vê em *vício*, que tem o primeiro *i* longo e o segundo, breve; e em *tumulo*, que tem o primeiro *u* longo, e o segundo, breve.

No grego e no latim, linguas evidentemente musicaes, cuja verdadeira e exacta pronuncia hoje se ignora, era de summa importancia o perfeito conhecimento da quantidade de cada syllaba; mas, nas linguas modernas, cuja pronuncia é rapida, e passa como a correr pelas syllabas subordinadas, para accentuar fortemente a predominante, segundo se verifica no portuguez, e nos outros idiomas derivados do latim, é isso cousa de pouco momento.

O que importa saber, é que as syllabas que precedem o accento prosodico, tornam-se breves em relação a elle, embora, em certos vocabulos, se possa sentir a prolação de alguma dellas, como em *prégar* de *predica*, a de *pre*, em *sacristia*, a de *sá*; e que as que se seguem ao referido accento, tornam-se, não só breves, mas quasi surdas, como *esplendido*, *hablissimo*, em que as syllabas finaes são brevissimas.

## CAPITULO II.

### ACCENTO TONICO.

*Accento tonico* que tambem chamam *prosodico* ou *phonetico*, é a syllaba predominante do vocabulo; ou aquella syllaba a que ficam subordinadas todas as outras, quer antecedentes, quer subsequentes, como se vê em *amizade*, cuja penultima syllaba é a predominante.

O accento tonico dá á palavra unidade e individualidade, ou faz de uma reunião de syllabas um todo perfeito e distincto. E' uma força conservadora que resiste, em todo o dominio da linguagem, á corrente da alteração phonetica; é portanto a *alma da palavra* ou o seu *centro de gravidade*, isto é, o que a vivifica e caracteriza, visto que, sem cousa alguma accrescentar aos elementos materiaes de que ella se compõe, os domina e anima, concentrando em si toda a força de expressão, e assegurando a unidade das suas diversas partes.

No portuguez, como nas linguas suas congeneres, conservam as palavras o accento tonico na mesma syllaba das palavras latinas de que veem: *anjo* — *angelo* de *angelus*; e isto porque as syllabas fracamente articuladas ou pouco accentuadas estão mais expostas a perder-se que as que se pronunciam com um tom mais elevado.

Este facto da persistencia do accento latino, que constitue uma lei geral e absoluta, é de summa importancia, por sua influencia, na formação da lingua portugueza, de cujo estudo é o fio conductor. Verificou-se esta influencia, dando-lhe mais duração ou consistencia ás syllabas, e provocando ao mesmo tempo o ensurdecimento

ou a queda das atonas que lhe estavam proximas. Donde as fórmās atrophiasdas ou contractas das palavras portuguezas, e bem assim a existencia de syllabas finaes accentuadas, desconhecidas dos latinos.

As infracções a esta lei deram-se em palavras de origem erudita, introduzidas posteriormente á formação da lingua por homens que ignoravam as leis seguidas pela natureza na transformação do latim em portuguez, como se vê em **polypus**, que deu na linguagem popular **polpa**, e na erudita *polypo*; e em **platea**, de que procede o vocabulo popular **praça**, e o erudito *platéa*.

Eis outras causas da violação desta lei ou da deslocação do accento tonico:

1.<sup>a</sup> A *analogia*. Exemplos disto temos na maior parte dos verbos procedentes da terceira conjugação latina, como **fazer** de **facere**, que adoptaram a accentuação dos da segunda, accomodando-se assim ao facto mais geral.

2.<sup>a</sup> A *necessidade de evitar o hiato*, como se vê em **lencol** de *lin-teolum*.

3.<sup>a</sup> A *antipathia do povo pelos vocabulos esdruxulos*, do que é exemplo **humilde** de **humilem**.

4.<sup>a</sup> A *attracção do accento operada pelos grupos consonantæes br, cr, dr, tr*, etc., com o fim de evitar grande esforço de articulação. Em *penetro* de **penetro**, por exemplo, por influencia de *tr*, se deslocou o accento da antepenultima syllaba para a penultima.

5.<sup>a</sup> A *influencia da accentuação grega*, a despeito da forma latina interferente, como se vê em **aconito** de *aconitum*.

6.<sup>a</sup> O *imparisyllabismo latino*. **Temor**, si bem venha do accusativo latino **timor**, tomou o accento das fórmās **timoris**, **timori**, etc.

7.<sup>a</sup> A *enclise* que, atonisando os pronomes *me, te, se, lhe*, etc., faz ser predominante de outra especie a predominante das fórmās verbaes, quando, como seus complementos, se lhes pospõem taes pronomes. Em **concedendo-se-lhe**, a syllaba **den**, que era penultima, passou a ser pre-antepenultima, por se ter posposto a **concedendo** as atonas *se, lhe*.

8.<sup>a</sup> A *systole* que abrevia a penultima syllaba do vocabulo, convertendo-o de grave em esdruxulo: *meteoro* por *meteoro*.

9.<sup>a</sup> A *diastole* que alonga a penultima syllaba do vocabulo, convertendo-o de esdruxulo em grave: *impia* por *impia*.

10.<sup>a</sup> A *composição*: A lingua trata as palavras compostas, derivadas de palavras compostas latinas, como simples. Dahi a deslocação do accentto, como em *renego* de *renego*. Por extensão, pratica o mesmo com as que se compõem de outras, já portuguezas.

Os vocabulos portuguezes só admittem o accentto prosodico na ultima, na penultima e na antepenultima syllaba: *rubor*, *santo*, *purpura*.

O logar que o accentto tonico occupa nas palavras, varia de uma lingua para outra, e muitas vezes na linguagem familiar, de uma cidade para outra. Em nossa lingua, como na hespanhola e na italiana, ha tendencia manifesta para collocar o accentto phonetico na penultima syllaba; dahi o possuirem estes idiomas maior numero de palavras graves que de esdruxulas e agudas. Esta tendencia, já manifesta na linguagem dos romanos, tem modificado a prosodia de muitas palavras.

Em latim, nos dissyllabos, o accentto tonico está sempre na primeira syllaba; nos trissyllabos e polysyllabos, depende da quantidade da penultima: si é longa, recae nella; si breve, na antepenultima. Por analogia, os latinos accentuavam do mesmo modo os vocabulos que tomavam do grego, ainda que outro fosse seu accentto originario.

Em francez, cae o accentto tonico na ultima syllaba, quando masculina ou sonora: *mouton*, *cheval*; e na penultima, quando a ultima é feminina ou terminada por *e mudo*: *aimable*, *lisible*.

Na lingua ingleza, si se trata de dissyllabos, ha tendencia para accentua-los na penultima; si de trissyllabos ou polysyllabos, são elles em geral accentuados na antepenultima, apesar de haver muitos vocabulos desta ultima especie com o accentto na pre-antepenultima: *territory*, *difficulty*, e alguns que o teem até na syllaba que precede a pre-antepenultima: *preambulatory*.

Em nossa lingua, não pode o accentto vir na pre-antepenultima syllaba, salvo si por enclise, cujo character principal é atonisar vocabulos, se juntam variações dos pronomes a fórmias verbaes que sejam palavras graves: "*Louvam-se-lhes* as virtudes."

Quando o accentto prosodico recae na ultima syllaba, chamam-se as palavras *agudas*; quando na penultima, *graves*; quando na antepenultima, *esdruxulas* ou *dactylicas*.



As palavras agudas chamam-se *oxytonas*, quando sua syllaba predominante é notada pelo accento agudo: *avô*; e *perispómenas*, quando o é pelo accento circumflexo: *avô*. As graves tomam a denominação de *paroxytonas*, si sua syllaba predominante é notada pelo accento agudo: *sêde*; e o de *properispómenas*, si o é pelo accento circumflexo: *sêde*. E ás esdruxulas ou dactylicas dá-se o nome de *proparoxytonas*, porque sua syllaba predominante é notada pelo accento agudo: *sábia*.

Na syllaba sobre que recae o accento prosodico, carrega-se fortemente, alçando-se a voz; as outras pronunciam-se com rapidez, mas as subsequentes mais surdamente que as antecedentes.

Nos monosyllabos, o accento prosodico recae na sua syllaba unica. Exceptuam-se os pronomes *me*, *te*, *se*, *o*, *a*, *lhe*, *nos*, *vos*, *os*, *as*, *thes*, quando são *palavras enclíticas*, isto é, quando, postos depois de verbos, formam com elles um só vocabulo, porque, em tal caso, não teem accento prosodico: *dá-me*. *chama-o*.

Teem o accento prosodico na ultima syllaba os vocabulos acabados:

1.º Nas vozes oraes *á*, *é*, *ê*, *ó*, *ô*, *i*, *y*, *u*: *manná*, *jacaré*, *você*, *cipó*, *avô*, *javali*, *puchury*, *bahu*. Exceptuam-se as palavras esdruxulas *alcali*, *tilbury*, e as graves *jury*, *quasi*, *tribu*.

2.º Na voz nasal *an*: *manhan*. Exceptuam-se *iman*, *orphan*, que teem o accento prosodico na penultima syllaba.

3.º Nas consoantes *l*, *r*, *z*: *lençol*, *colher*, *ananaz*. Exceptuam-se *consul*, *aleacer*, *aljofar*, *almiscar*, *ambar*, *assucar*, *cadaver*, *character*, *catheter*, *ether*, *martyr*, *nacar*, *nectar*, *procer*, *revolver*, *soror*, que são graves, e *senior*, *junior*, que são esdruxulos.

4.º Em diphthongos oraes e nos nasaes *ão* (ão agudo), *em* (êi), *im* (iĩ), *õe*, *oem* (oi), *um* (ũu): *chamae*, *andei*, *condoe*, *chapéu*, *recebeu*, *ouviu*, *chamou*, *condição*, *refem*, *marfim*, *dispõe*, *compõem*, *atun*. Exceptuam-se *adem*, *ordem*, *homem*, *hontem*, *nuvem*, que são graves.

Teem o accento prosodico na penultima syllaba:

1.º Os vocabulos acabados nas vozes oraes *a*, *e*, *o*: *lhaneza*, *bondade*, *glorioso*. Exceptuam-se muitas palavras esdruxulas ou dactylicas: *cupula*, *celebre*, *dyscolo*.

2.º Os que teem por terminação *en, on, gem, el, il*: *tentamen, canon, imagem, amavel, docil*.

3.º Os que acabam nas consoantes *s, x*: *alferes, amamos; thorax, calix*. Exceptuam-se *cocegas, pareas, ferias, viveres, alviçaras*, que são esdruxulos.

4.º Os que findam nas fórmulas diphthongaes *ão* ou *am*, representativas do diphthongo *ão grave*: *orgão, louvam*.

5.º Os que teem som nasal na penultima syllaba: *encantos, duzentos, ovvintes, descontos, assumpto*.

6.º As linguagens que teem por desinencia *em*: *fazem, fizessem, fizerem, fazerem*.

7.º Muitas fórmulas verbaes homographas de substantivos: *duvida, analyse, equivoco, replica, treplica*.

8.º As fórmulas da segunda pessoa do plural do imperfeito e mais que perfeito do indicativo, e do imperfeito do subjunctivo: *amaveis, moveis, unieis; amareis, movereis, unireis; amasseis, movesseis unisseis*.

Teem o accento prosodico na antepenultima syllaba:

1.º A primeira pessoa do plural do imperfeito e mais que perfeito do indicativo, do imperfeito do conjunctivo e do futuro do condicional: *amavamos, moviamos, uniamos; amaramos, moveramos, uniramos; amassemos, movessemos, unissemos; amariamos, moveriamos, uniriamos*.

2.º Os superlativos syntheticos: *optimo, pessimo, maximo, minimo, riquissimo, miserrimo, facilimo*.

3.º Muitos substantivos homographos de verbos: *duvida, analyse, equivoco, replica, treplica*.

4.º Grande numero de vocabulos que terminam em *ea, eo, ia, ie, io, oa, ua*: *lactea, arboreo, aria, especie, hospicio, taboa, agua*.

Em latim, tinham os polysyllabos um *accento secundario*. Em portuguez, só em vocabulos compostos por juxtaposição, como *passatempo, intencionalmente*, é elle notado. Não influe porem na classificação prosodica dos vocabulos, e está subordinado ao accento tonico, que toma em relação a elle o nome de *primario*. A sua razão de ser encontra-se no facto de conservarem seu valor individual e significativo os elementos componentes de taes vocabulos.

## TITULO TERCEIRO.

### ORTHOEPIA.

A *orthoepia* trata da correcta pronuncia dos vocabulos.

Em assumpto de tanto momento, qual a pronuncia, é de intuitiva necessidade haver uma norma de reconhecida autoridade, que sirva de correctivo ás suas aberrações.

A' semelhança do que praticavam os gregos e romanos, que consideravam autorizado, aquelles, o falar de Athenas, e estes, o de Roma, querem muitos que o mesmo se deva observar com respeito á cidade do Rio de Janeiro, por ser o centro politico da Nação. Mas, não se achando a pronuncia mesmo ali escoimada de vicios, cumpre que o padrão pelo qual a devemos aferir, seja a da gente mais civilisada e culta.

### CAPITULO I.

#### Variações ou Modificações da Pronuncia.

A pronuncia, como tudo quanto existe, está sujeita á lei fatal da transformação. Ha de por isso variar continua e lentamente, por virtude da influencia que nella exercem o clima, os cataclysmos sociaes e o grau de cultura litteraria.

Tambem não lhe são indifferentes as questões de latitude, á vista das divergencias bem sensiveis, que, num dado idioma, se dão de paiz para paiz, de provincia para provincia, de cidade para cidade. O portuguez falado no Brazil apresenta innumeradas differenças do que se maneja em Portugal; o do Rio de Janeiro; do do interior de S. Paulo, bem como este do do Ceará ou das Alagoas. O mesmo se dá com muitas localidades dos estados, cujos modos de pronunciar diversificam dos das capitães.

Vem a pello lembrar ainda, que, numa mesma cidade, o erudito se exprime de modo muito outro do da plebe que altera ou mutila os elementos phoneticos, corrompendo-os a final.

De uma epoca para outra também se modifica sensivelmente a pronuncia. Remontando apenas á idade aurea

da nossa litteratura, vemos, pela orthographia então em uso, quão dissemelhante da de hoje era a pronuncia dos vocabulos seguintes:

SECULO 16.º	SECULO 19.º	SECULO 16.º	SECULO 19.º
abondança	abundancia	frol	flor
agardecer	agradecer	fruito	fruto
aliphante	elephante	geolho	joelho
aneixo	annexo	iffante	infante
antre	entre	inico	iniquo
appetito	appetite	irtigo	lirto
arcepelago	archipelago	inxuito	enxuto
avelutato	avelludado	jurdição	jurisdição
bailo	baile	leixar	deixar
bautismo	baptismo	malencolico	melancolico
baxo	baixo	menhan	manhan
boveda	aboboda	milhor	melhor
calidade	qualidade	molher	mulher
cantidade	quantidade	mouro	morro
condestabre	condestavel	nodo	nodoa
contia	quantia	pestenança	pestilencia
cotidiano	quotidiano	piadoso	piadoso
cudar	cuidar	poer	pôr
decem	dez	prematica	pragmatica
detreminar	determinar	relampado	relampago
devação	devoção	reposta	resposta
dezemparar	desamparar	resão	razão
diecese	diocese	sembrante	semblante
disfraçar	disfarçar	sujugado	subjugado
dões	dons	teito	tecto
estamago	estomago	tredor	traidor
esterele	esteril	tresladação	trasladação
fermosa	formosa	trosquiar	tosquiar
fertiles	ferteis	usso	urso
forol	pharol	vantagem	vantagem, etc.

Muitas vezes a pronuncia condemnada numa epoca é mais tarde a correcta e seguida, em quanto que a até então tida como exacta é julgada erronea e reprovada. Francisco José Freire quer que se diga *antiado*, *bilhafre*,

*blazão, celeusma, churma, epithéto, gasnate, etc.*, e não *enteado, milhafre, brazão, celeuma, chusma, epitheto, gasnete, etc.*; entretanto os modos de pronunciar, verberados por elle, são hoje os usados.

São de duas especies as variações da pronuncia portugueza: uma, de origem popular e organica, resultante das tendencias geniaes da lingua, consiste na desviação do typo latino; a outra, de origem erudita, consiste ao contrario na approximação desse typo que, as mais das vezes, é mais apparente que real. Na idade media, por exemplo, dizia-se *auuto, trauuto*, obedecendo-se a uma lei natural, a da vocalisação do *c* de *actus, tractus* em *u*; no seculo 16.<sup>o</sup>, por influencia erudita, reformou-se essa pronuncia, por se terem accommodado as fórmulas desses vocabulos ao typo latino, e passou-se a escrever *acto, tracto*, embora se tornasse insonoro o *c* do grupo consonantal *ct*.

## CAPITULO II.

### VICIOS DE PRONUNCIA.

Na pronunciação de cada paiz e mesmo de estados ou provincias, encontra-se o mais caracterisado cunho de sua individualidade. Consiste elle na vivacidade ou lentidão da articulação, na dureza ou doçura das inflexões, na repetição obrigada de certas cadencias. Não trataremos destas modulações que estão sempre em relação com os costumes e genio dos povos que falam uma dada lingua, porque, sendo devidas a influencias mesologicas, como o clima, a organização physica, os habitos da vida, etc., não constituem *vícios de pronuncia*. Adduziremos apenas as principaes violações da correcta pronuncia, que, em sua quasi totalidade, costumam a attribuir aos estadoaes ou provincianos, e particularmente aos rusticos, quando é certo que dellas não estão inteiramente isentos os habitantes das capitães, apezar do meio em que vivem, que, contando grande numero de pessoas bem falantes, deve força-los a corrigir-se dos modos anormaes de pronunciar os vocabulos.

§ 1.º

*Em Portugal.*

Os algaravios e alemtejanos trocam:

1.º O *i* pelo *e*, pronunciando *dezer*, *fezera* por *dizer*, *fizera*; e vice-versa o *e* pelo *i*, dizendo *pidir*, *pedaço* *cigueira*, em lugar de *pedir*, *pedaço*, *cegueira*:

2.º O diphthongo *eu* em *ei*: *mei pae* por *meu pae*:

3.º O diphthongo *ei*, terminação da primeira pessoa do singular do preterito perfeito dos verbos da primeira conjugação, em *i*: *almoci* por *almocci*.

E põem um *i* entre os termos de certas expressões: *seis i horas*, *é i bom*.

Os madeirenses substituem:

1.º O *e* fechado *accentuado*, antes de linguas e molhadas, por *a grave*: *pàjo*, *tanho*, em vez de *pêjo*, *tenho*:

Diz Roquette, no *Codigo do Bom Tom*, que em Lisboa é este vicio commum á gente de baixa esphera.

2.º O *e agudo*, antes das mesmas consonancias, por *éi*: *méicha*, *hiréige*, *séige*, em lugar de *mecha*, *herege*, *sege*.

Logares ha em Portugal em que pronunciam *ei* com o som de *ai*, e *em* (éi) com o de *ãi*: *baijo*, *bãi* por *beijo*, *bem*.

Deste vicio se acham affectadas até pessoas illustradas. Deprehendemos isto do que a respeito do *e* ensina Castilho que, no seu *Methodo Portuguez*, manda ler *lai*, *seraia*, em vez de *lei*, *sereia*; e ainda do facto de rimarem poetas portuguezes *ninguem*, *tambem*, etc. com *mãe*.

Os minhotos tornam nasal o *o* fechado, longo, e o *u* accentuado: *bõa*, *ũa* por *boa*, *uma*; trocam o *b* pelo *v* e vice-versa; dão aos diphthongos *am* (ão grave), *ão* (ão agudo) o som de *om*: *fizerom*, *razom* por *fizeram*, *razão*; e pronunciam *ou* com o som de *ão*: *são* por *sou*.

Os beirenses tambem trocam o *b* pelo *v*, e reciprocamente.

Dizem alem disto *nom*, *som*, fórmãs mais vizinhas

do typo latino *nam*, *sum*; e addicionam um *i* ás palavras acabadas em *r* ou *l*, dizendo *amori*, *amari*, *sol*, *azuli* por *amor*, *amar*, *sol*, *azul*.

Está este vicio de conformidade com o dizer antigo que muitas vezes é mais etymologico e harmonioso.

Os habitantes da Beira mudam outrosim o diphthongo *ou* em *oi*: *oivir*, *coive* por *ouvir*, *couve*; accrescentam, em muitas palavras, um *i*: *ai* *agua*, *hai* *alma*, *éi* *certo*, *fruita* por *a* *agua*, *ha* *alma*, *é* *certo*, *fruta*; e são os unicos que pronunciam *ch* com o som de *tch*: *telá*, *telapéu* por *chá*, *chapéu*, fazendo a distincção que outrora se dava entre o som de *ch* e o de *x*.

Os lisboetas, ás vezes até os mais bem educados, mudam o *e* grave do fim de palavras em *i*; assim dizem *cidadi*, *liberdadi*, *vontadi*.

Nos arrabaldes de Lisboa, trocam os diphthongos *nasaes* *ão*, *õe* em *ãe*, pronunciando *grães*, *tostães*, em lugar de *grãos*, *tostões*; e fazem a metathese do *r* em algumas palavras: *cravão*, *cravalho*, *crocunda* em lugar de *carvão*, *carvalho*, *corcunda*.

É quasi geral em Portugal substituirem o diphthongo *ou* por *oi* em muitos vocabulos: *agoiro*, *oiro*, *moiro* por *agouro*, *ouro*, *mouro*; diphthongarem o *e* inicial, que precede o *x* seguido de vogal ou *h*: *eizito*, *eizhausto* por *exito*, *exhausto*; e pronunciarem *as*, *es*, *is*, *os*, *us*, com o som de *ach*, *ech*, *ich*, *och*, *uch*.

Castilho, no *Methodo* citado, quer que se leia a phrase «de uma edição de mil exemplares» por este modo; «de uma idição de mil eizéplarech».

A gente rustica faz numerosas mudanças nas vogaes. Dizem, por exemplo, *antre*, *precurador*, *prolaxo*, *rezão*, *titor* por *entre*, *procurador*, *prolaxo*, *razão*, *tutor*. Mudam o *s* e o *z* em *g*: *heregia*, *vigitar*, *fager* por *heresia*, *visitar*, *fazer*. Trocam o *d* em *l*, o *x* em *v*, o *s* em *x*, o *r* em *l* e vice-versa: *leixou*, *trouve*, *dixe*, *priol*, *negrigente*, por *deixou*, *trouxe*, *disse*, *prior*, *negligente*. Transformam o som molhado *lh* em *l*, dizendo *le disse*, *les disse* por *lhe disse*, *lhes disse*. Accrescentam a no

principio de muitos vocabulos, e introduzem vogaes ou consoantes no meio de outros: *adeão*, *alanterna*, *avoar*, *ouvidio*, *astrever-se*. Noutras palavras, substituem ou suprimem lettras: *cal*, *calidade*, *maginação* por *qual*, *qualidade*, *imaginação*.

Mas de todos os vicios, os peiores, ou que denotam mais ignorancia, são aquelles que alteram as lettras e as syllabâs, desfigurando completamente as palavras: *alvidrar*, *crelgô*, *contrairo*, *maninconia*, *ponchana*, *fanatago*, *percissão*, *preguntar* ou *proguntar*, *prove*, *sucresto* por *arbitrar*, *clerigo*, *contrario*, *melancolia*, *choupana*, *fanatico*, *procissão*, *perguntar*, *pobre*, *sequestro*.

§ 2.<sup>o</sup>

*No Brazil.*

É seu tanto a portuguezada a pronuncia dos fluminenses, por estarem em contacto immediato com os portuguezes que em numero consideravel habitam a cidade do Rio de Janeiro. Ha, alem disto, nella pessoas que julgam passar por muito civilisadas, affectando por demais a linguagem. Dizem, por exemplo, *mês*, em lugar de *màs*, (conjuncção); e articulam os sons *as*, *es*, *is*, *os*, *us*, sobretudo quando finaes, imprimindo-lhes um tom em extremo sibilante.

Os bahianos pronunciam o *x* com o som de *xe* em vocabulos, em que tem o som de *se*, como *defluxo*, *proximo*.

Os caipiras de S. Paulo dizem *djgente*, *djogo*, *tehave*, *techapéu* por *gente*, *jogo*, *chave*, *chapéu*, conservando modos de pronunciar archaicos dos primitivos colonos portuguezes. Estes sons porem estão hoje inteiramente banidos do uso da gente culta. Diphthongam tambem a terminação *io*, dizendo *tiu*, *riu*, em vez de *tio*, *rio*.

São proprios do povo inculto os seguintes vicios de pronuncia: a metathese do *r* e a permuta do *l* em *r*: *preguntar*, *sordado* por *perguntar*, *soldado*; o dar ao *e* o som de *i*: *piqueno*, *mi deixi* por *pequeno*, *me deixe*; a accentuação de syllabas subordinadas: *pantâno*, *sêjamos*



por *pântano*, *sejámos*; supressão de consoantes finaes: *querê*, *as casa* por *querer*, *as casas*; a queda da molhada *lh*: *mio*, *teádo* por *milho*, *telhado*; a substituição por *e* do *a* inicial da terminação da primeira pessoa do plural do preterito perfeito do indicativo dos verbos da primeira conjugação: *cheguemos* por *chegamos*; a conversão em *ó* do diphthongo *ou* das fórmulas dos verbos *estourar*, *poupar*, *pousar*, *roubar*; a troca do *u* de *pude* em *ou* e vice-versa do *ou* de *soube*, *trouxe*, em *u*; e a deturpação de *az*, *ez*, *iz*, *oz*, *uz* em *aís*, *eís*, *iís*, *oís*, *uis*: *gaz*, *vez*, *giz*, *noz*, *puz*, que pronunciam *gáís*, *vêís*, *gíís*, *nóís*, *púís*.

Ha homens laureados, occupando posições elevadas, que, a despeito do contacto, com pessoas que bem falam, nunca perderam taes vícios, adquiridos no meio em que nasceram, e foram creados.

São finalmente muito communs, mesmo em pessoas cultas, os vícios de pronuncia, resultantes da má accentuação das palavras. Sirvam de exemplo:

autopsia	em	vez	de	autópsia
bigámo	"	"	"	bígamo
chóros	"	"	"	chôros
décano	"	"	"	decáno
góstos	"	"	"	gôstos
gózos	"	"	"	gôzos
pégada	"	"	"	pegáda
projectil	"	"	"	projectíl
réptil	"	"	"	reptíl
rúbrica	"	"	"	rubrica
rúim	"	"	"	ruím
rúina	"	"	"	ruína
ruindade	"	"	"	ruĩdade
simúlacro	"	"	"	simulácro, etc.

## LIVRO SEGUNDO.

### LEXIGRAPHIA.

A *lexigraphia* trata das letras, do seu uso na correcta escriptura dos vocabulos, e das notações lexicas.

Divide-se em *phonographia*, *orthographia* e *semio-graphia*.

## TITULO PRIMEIRO.

### PHONOGRAPHIA.

*Phonographia* é o estudo das letras consideradas em si mesmas.

*Lettra* é um signal que representa um som articulado.

## CAPITULO I.

### Diversas Especies de Lettras.

As lettras, ou são *vogaes*, ou *consoantes*.

*Lettras vogaes* são aquellas que, por si sós, representam um som ou uma voz. Taes são: *a, e, i, o, u, y* (grego).

*Lettras consoantes* são aquellas que não representam som sinão juntas a lettras vogaes. Taes são: *b, c, d, f, g, j, k, l, m, n, p, q, r, s, t, v, x, z*, as quaes se devem ler, como si tivessem um *e grave* depois de si, como *be, ce* (que), *de, fe, ge* (gue), *je, ke* (grego), *le, me, ne, pe, que* (latino), *re, se, te, ve, xe, ze*.

Ha ainda professores que ensinam a nomear as lettras consoantes, por este modo: *bê, cê, dê, êfe, gê, jóta, ká, êle, émme, éenne, pê, quê, érre, ésse, tê, vê, xis, zê*. Este methodo tem graves inconvenientes. Para obsta-los, tiveram Arnauld e Lancelot, de Port-Royal, de propor outro mais simples, e applicavel a todas as linguas. Dizem estes celebres e profundos grammaticos não ser penoso a quem enceta o estudo da leitura, o trabalho de conhecer simplesmente as lettras, mas summamente improbo o de reuni-las, porque, tendo aprendido a designar cada lettra, estando só, com um nome ou som, lhe ensinam outro, differente daquelle com que é nomeada, quando trata de junta-la a vogaes. Á lettra *b*, por exemplo, achando-se isolada, dão a denominação de *bê*, e por isso devendo soar, unida ao *o*, *bêo*, dizem entretanto *bô*; assim tambem o *f*, que chamam *êfe*, devia, seguido de *a*, produzir *efa*, sendo certo todavia que as leem *fa*.

Parece pois que o caminho mais natural, como já o notaram pessoas de genio, seria ensinar aos que encetam o estudo da leitura, a conhecer ou nomear as lettras pelo nome de sua pronunciação, ou pelo som proprio que tem nas syllabas, em que se acham seguidas de um *e grave*, o qual representa apenas o effeito do impulso do ar necessario á percepção pelo ouvido dos sons das consoantes. Baseados em tal doutrina, denominaram as lettras

*b, d, f, j, l, m, n, p, q, t, v, z*, com o som das das syllabas finaes das palavras *bebe, sede, bofe, peje, vale, ame, abone, naípe, duque, bote, ave, doze*; e *c, g, r, s, x*, que teem mais de um som, com o mais natural ou mais commum, como sejam os das ultimas syllabas de *dique, rogue palre, asse, deíxe*.

Quanto aos sons accidentaes destas consoantes, recommendaram fosse seu ensino feito á parte, e depois de bem conhecidos os nomes dellas ou seus sons proprios. Posto fosse este methodo mandado adoptar em Portugal pelas Instrucções Regias de 28 de Setembro de 1824, e tenha grandes vantagens sobre o antigo, quaes as de habituar a uma boa pronunciação, fazendo dar a cada syllaba seu verdadeiro som e justo valor, de acabar com todo o accento vicioso, e de diminuir as difficuldades da solettração, permaneceu muito tempo no esquecimento, por ser contrario á pratica geral. Começa porem o imperio do preconceito a enfraquecer-se com a sua adopção que, de dia para dia, augmenta; e, dentro em pouco, será com toda a probabilidade, o unico em uso.

As letras consoantes recebem as mesmas denominações dos sons que representam, ou por virtude do maior ou menor esforço que se emprega, para superar o obstaculo opposto á emissão do som; ou por virtude da natureza especial dos orgãos que oppõem esse obstaculo.

Dahi o chamarem-se *explosivas* ou *instantaneas* *p, b, t, d, c, g*; *continuas, fricativas* ou *espirantes* *f, v, s, z, x, j*; *liquidas* ou *correntes* *m, n, nh, l, lh, rr* ou *r*; e bem assim *labiaes* *p, b, m*; *dento-labiaes* *f, v*; *linguo-dentaes* *t, d*; *linguaes* *s, z, x, j*; *linguo-palataes* *n, nh, l, lh, rr* ou *r*; *linguo-gutturaes* *c, g*.

Dividem-se ainda em *simples* e *compostas*.

São *simples* *b, c, d, f, g, j, k, l, m, n, p, q, r, s, t, v, x, z*; e *compostas* *nh, lh, ch, ph, th, rh*.

As compostas tambem dão o nome de *digrammas*, por serem grupos de dous signaes, representando só um som.

As combinações *bl, br, pl, pr, gl, gr*, etc. chamam-se *grupos consonantaes*.

A consoante *x* toma tambem o nome de *duplice*, quando tem o som de *cs*, como se vê em *covexo, refluxo*, que se devem ler *conveeso, reflueso*.

O *h* (agá), que se encontra sempre no alphabeto, como letra consoante, em rigor não o é, porque não tem som algum. E' comtudo um signal necessario em *nh, lh*,

*ch*, nas interjeições *Ah! Oh! Hum! Hui! Ha, ha, ha!* e em muitos vocabulos derivados do latim e do grego, como *homem*, *hypothesese*.

Preceitua o Dicionario da Academia Franceza que se pronuncie o *h*, como uma simples aspiração. Não procede esta opinião, porque a aspiração não pode ser considerada som articulado, por ser apenas uma simples emissão de ar procedente dos pulmões.

## CAPITULO II.

### LETTRES INSONORAS.

Em certos casos, umas das lettras são inteiramente insonoras, e outras, ora o são, ora não.

#### § 1.º

##### *Lettras inteiramente insonoras.*

Não representa som algum a lettra *u*, quando se acha depois de *g* (*gue*), e seguida de *e* ou *i*; serve apenas, em tal caso, para se poderem figurar os sons gutturaes *gue*, *gui*, como em *guerra*, *guisamento*. Exceptuam-se *ambiguidade*, *antiguidade*, *aguentar*, *arguir*, *contiguidade*, *guela*, *languidez*, *lingueirão*, *lingueta*, *linguete*, *linguiça*, *linguistica*, *unguento* e seus derivados.

Não sendo as lettras dobradas liquidas nem a continua *s*, a primeira dellas é inteiramente muda: *sabbado*, *abbade*, *apparecer*, *apprehender*, *affeição*, *affirmar*, *addictivo*, *adduzir*, *attingir*, *attrahir*, *aggravo*, *aggressão*, *accento*, *aeclimar*. Exceptuam-se *accessit*, *bacciano*, *bacciferro*, *bacciforme*, *coccigeo*, *coccinella*, *coccínio*, *coccyx*, *occiduo*, *occipicio*, *occipital*, *occiput*, *occisão*, *occisivo*.

Tambem não tem som o *s*, antes de *ce*, *ci*, *cy*: *sceptico*, *sciencia*, *Scylla*.

Só vocabulos peregrinos, como *Job*, *Amalec*, *David*, *Agag*, *Lot*, *Lamech*, *Nasareth*, finalisam nas lettras *b*, *c*, *d*, *g*, *t*, *ch*, *th*, as quaes são nelles conservadas, por amor da etymologia, visto que não se pronunciam.

São ainda insonoras as letras que, nos vocabulos seguintes, se acham assignaladas com typo diverso: *aequiescer*, *aequiridor*, *aequisição*, *aequistar*, *anecdota*, *apophthegma*, *diphthongo*, *schelem*, *schisto*, *subdito*, *subtil*, *triphthongo*. Extendem-se estas aberrações aos derivados destes vocabulos.

§ 2.º

*Lettras que, ora são insonoras, ora não.*

Depois de *q* (que latino), sempre se escreve *u*, que umas vezes se pronuncia, outras não.

Pronuncia-se, achando-se seguido de *a* ou *o*: *quando*, *quotidiano*. Exceptuam-se *quatorze*, e seus derivados *quatorzada*, *quatorzeno*.

Não se pronuncia, achando-se seguido de *e* ou *i*: *quêdo*, *aqui*. Exceptuam-se *anniquilar*, *antiquissimo*, *aquifolio*, *aquilaria*, *delinquir*, *deliquescencia*, *deliquio*, *eloquencia*, *equestre*, *equivo*, *exequente*, *exequivel*, *frequencia*, *iniquicia*, *iniquidade*, *liquido*, *nequicia*, *obliquidade*, *propinquidade*, *quiproquo*, *quirites*, *sequela*, *sequencia*, *sequente*, *sequestro*, *tranquillo*, *ubiquidade* e seus derivados, e os vocabulos que começam pelos prefixos *equi*, *quin*: *equiângulo*, *equipollencia*, *quinguenio*, *quinguefolio*.

Tem som, em certos vocabulos, e em outros não, o *p*, antes de *t*, *s* e *ç*; o *g*, antes de *m* e *n*; e o *c*, antes de *ç* e *t*.

Exemplos em que soam: *captura*, *inepto*, *relapso*, *catalepsia*, *concepção*, *opção*, *paradigma*, *diaphragma*, *magnitude*, *ignoto*, *secção*, *dicção*, *ficto*, *erecto*.

Exemplos em que não soam: *prompto*, *escripto*, *psalmo*, *psalterio*, *inscripção*, *subscripção*, *augmentar*, *augmentativo*, *signal*, *assignatura*, *acção*, *attracção*, *acto*, *recto*.

## TITULO SEGUNDO.

### ORTHOGRAPHIA.

A *orthographia* ensina a escrever os vocabulos, com rigorosa applicação das leis da alteração phonetica.

A applicação de taes leis á escriptura das palavras constitue o estudo historico-comparativo dos vocabulos, que consiste em investigar, atravez do tempo (historia) e atravez do espaço ou dos logares (comparação), as funcções e permutas das lettras na formação e derivação das palavras.

Esta investigação chama-se *vocalismo*, quando explica a historia das funcções e permutas das vogaes; e *consonantismo*, quando explica a historia das funcções e permutas das consoantes.

Comparando a palavra com um organismo vivo, podemos dizer que são as consoantes o esqueleto della, porque não se podem mover sinão com o auxilio das vogaes que constituem, por assim dizer, os musculos que as ligam entre si. As vogaes são por isso a parte movel e fugitiva da palavra, em quanto que as consoantes formam essencialmente a sua parte estavel e resistente. Comprehende-se desde então que a permuta das vogaes esteja sujeita a regras menos fixas que a das consoantes, e que com mais facilidade se troquem umas por outras.

## CAPITULO I.

### Vocalismo ou Historia das Lettras Vogaes.

#### § 1.º

*Processos seguidos pela lingua na adopção das lettras vogaes.*

As *lettras vogaes* passaram do latim para o portuguez.

As *vogaes não accentuadas* ou *átonas* tiveram de sujeitar-se á apherese, syncope, apocope, attracção, metathese e consonantisação, e a ser representadas de modos multiplices, umas pelas outras.

As *vogaes accentuadas* ou *tonicas* ao contrario não soffreram suppressões, nem mudanças de logar; e, quando não guardaram a sua qualidade, mudaram-se, segundo regras simples, mais ou menos geraes, como se vê da seguinte summula da doutrina a ellas concernente:

#### A

A letra *a accentuada* seja *longa*, *breve* ou *de posição*, conserva-se, quasi sem excepção, inalterada.

Exemplo do *a longo*: *caso* de *casus*.

Exemplo do *a breve*: *base* de *basis*.

Exemplo do *a de posição*: *caldo* de *caldus*.

Em pequeno numero de vocabulos, acha-se o *a accentuado*, excepcionalmente mudado para *e*: *Tejo* de *Tagus*; e para *o*: *fome* de *fames*.

## E

O *e longo accentuado* guarda geralmente a sua qualidade: *remo* de *remus*.

Por excepção, troca-se em *i*: *migo*, *tigo*, *sigo* de *mecum*, *tecum*, *secum*.

Transforma-se no diphthongo *ei*, diante de vogal final, posta em contacto com elle por syncope de consoante intermedia: *freio* de *frenum*.

O *e breve accentuado* conserva-se em regra: *leve* de *levis*.

Diphthonga-se em poucas palavras: *queimo* de *cremo*.

O *e de posição accentuado* tambem permanece geralmente: *servo* de *servus*.

São excepções:

1.<sup>a</sup> As primeiras pessoas do presente do indicativo de alguns verbos, provenientes de fórmulas da quarta conjugação latina: *mino*, *sinto*, *visto*, *sirvo*, *firo* de *mentio*, *sentio*, *vestio*, *servio*, *ferio*.

2.<sup>a</sup> O vocabulo *isca* de *esca*.

3.<sup>a</sup> As fórmulas do verbo *varrer*, em que se substitue por *a*: *varro* de *verro*.

## I

A immutabilidade do *i longo accentuado* é a regra: *digo* de *dico*.

Nalguns casos, permuta-se por *e*: *escrevo* de *scribo*.

O *i breve accentuado* é regularmente substituido por *e*: *bebo* de *bibo*.

Permanece nalguns casos, principalmente em polysyllabos: *maleficio* de *maleficium*.

O *i* de posição *accentuado*, ora permanece, ora muda-se em *e*.

Exemplo da sua permanência: *firme* de *fīrmis*.

Exemplo da sua mudança em *e*: *cabello* de *capillus*.

Tambem é algumas vezes trocado em *a*, antes de *n*: *constranjo* de *constrīngo*.



O *o* longo *accentuado* é, por via de regra, conservado com a sua qualidade: *pomo* de *pomus*.

Raras vezes se converte em *u*: *outubro* de *october*.

O *o* breve *accentuado* não soffre em geral quebra em sua qualidade: *fogo* de *focus*.

A mudança em *u* é verdadeiramente excepcional: *cubro* de *cooperio*.

O *o* de posição *accentuado* é quasi sempre imutavel: *corpo* de *corpus*.



O *u* longo *accentuado* tambem conserva geralmente a sua qualidade: *agudo* de *acutus*.

São excepções as palavras seguintes: *copa*, *odre*, *logro*, *monco* de *cupa*, *ut্রে*, *lucro*, *mucus*.

O *u* *accentuado*, breve ou de posição, ora é conservado, ora é permutado por *o*.

Exemplo do primeiro caso: *fuijo* de *fugio*, *sulco* de *sulcus*.

Exemplo do segundo caso: *joven* de *juvenis*, *torre* de *turris*.

Ha comtudo grande numero de vogaes *accentuadas*, que procederam de diphthongos latinos que se resolveram nellas: *cogo* de *cæcus*, *cêu* de *cælum*, *pobre* de *pauper*, *crasta* de *claustrum*.



§ 2.º

*Diphthongos.*

SECÇÃO 1.ª

*Fórmas representativas dos diphthongos oraes e processos seguidos pela lingua na sua adopção.*

As fórmas representativas dos diphthongos oraes, derivadas do latim, são: *ae*, *ai*—*éi*—*êi*—*óe*, *ói*—*ôi*—*ue*, *ui*—*au*—*éu*—*êu*—*iú*—*ôu*.

Estas fórmas diphthongaes nos vieram do latim, ou directamente, ou por attracção de uma vogal, ou por queda de uma consoante, ou por dissolução de uma consoante em vogal, ou por alongamento de uma vogal, ou por conversão de um diphthongo em outro.

Resultaram directamente do latim:

**ai**: *raia* de *raia*, *maio* de *maius*;

**êi**: *eia* de *eia*, interjeição;

**ói**: *rhomboide* de *rhomboides*;

**ui**: *hui* de *hui*, interjeição, *fui* de *fui*, primeira pessoa do singular do preterito de *esse*;

**au**: *causa* de *causa*, *audacia* de *audacia*;

**éu**: *rén* de *reus*;

**ên**: *Deus* de *Deus*, *meu* de *meus*.

Resultaram por attracção de uma vogal:

**ai**: *raiva* de *raia*;

**êi**: *beijo* de *basium*;

**ui**: *ruivo* de *rubeus*;

**ôu**: *poude* de *potuit*, *houve* de *habuit*.

Resultaram por queda de uma consoante:

**ae**: *dae* de *date*, *animaes* de *animales*, accusativo masculino do plural de *animalis*, *e*;

**ai**: *mais* de *magis*;

**êi**: *meio* de *medium*;

**óe**: *moe* de *molit*, terceira pessoa do singular do presente do indicativo de *mólere*, *soes* de *soles*, accusativo do plural de *sol*;

**ôi**: *boi* de *bos*, *bovis*, *moio* de *modium*;  
**ue**: *paues* de *paludes*, accusativo do plural de *palus*, *udis*;  
**au**: *mau* de *malus*, *pau* de *palus*;  
**éu**: *céu* de *cælum*, *vén* de *velum*.

Resultaram por dissolução de uma consoante em vogal :

**ai**: *bailar* de *ballare*, *maior* de *major*;  
**êi**: *peior* de *pajor*, *preceito* de *pæceptum*;  
**ôi**: *oito* de *octo*;  
**au**: *auto* de *actus*;

**ôu**: *noute* de *nocte*, *douto* de *doctus*.

Resultaram por alongamento de uma vogal :

**ôu**: *estou* de *sto*, *sou* de *sum* ou *so*;

**êi**: *aveia* de *avena*.

Resultou por conversão de um diphthongo em outro :

**ôu**: *ouro* de *aurum*, *pouco* de *paucus*.

#### SECÇÃO 2.<sup>a</sup>

*Fórmulas representativas dos diphthongos nasaes, e processos seguidos pela lingua na sua adopção.*

Os diphthongos nasaes representam-se assim:—**ãe**, **aim**—**ão** (agudo ou grave)—**am** (ão grave)—**em**, **em**, **cem** (êi)—**im** (îi)—**õe**, **õem** (ôi)—**om** (ôo)—**ui** (ûi)—**um** (ûu).

Procederam também do latim os diphthongos nasaes, já directamente, já por syncope, dissolução ou abrandamento, permuta ou substituição e apocope de letras.

Teve origem directamente do latim a forma *um*: *album* de *albūm*.

Convertida a palavra latina *matre* em *madre*, pela dissolução do *t* em *d*, e syncopada esta juntamente com o *r*, proveio o vocabulo, *mãe*, e portanto o diphthongo *ãe*, abrandando-se ainda o *a* oral em nasal.

Como se vê em *panem*, *christam*, *razom*, orthographia antiquada de *pão*, *christão*, *razão*, e resultante de *panem*, *christianum*, *rationem*, as formas *am* e *om*, que depois se substituíram por *ão*, provieram do latim, por supressão de letras.

Pela simples dissolução da linguo-palatal *n* no *til*, signal de nasalidade, resultaram as formas *ães*, *ãos*, *ões*: *pães*, *christãos*, *razões* de *panes*, *christianos*, *rationes*.

Tendo-se isto em vista, parece que as formas antiquadas *aens*, *aons*, *oens*, accommodam-se mais á etymologia, visto que conservam a linguo-palatal *n* das palavras latinas, a qual se abranda em *n nasal*, com a sua deslocação ou metathese.

As formas *ões*, *õe*, *õem*, em *pões*, *põe*, *põem*, vieram de *ponis*, *ponit*, *ponunt*, pela substituição do *n* em *til* ou *m*, e do *i* e *u* em *e*, e pela apocope do *t*.

Veio-nos a forma *em* (êi), por permuta e apocope de letras: *bem* de *bene*, *tem* de *tenet*, *applaudem* de *plaudunt*.

A forma *im* (ii) nos adveio, por syncope de letras: *fim* de *finem*.

Passou-se para nossa lingua a forma *om* (õo), tambem por syncope de letras em *bom* de *bonum*, e em *dom* *dominium*, e por permuta do *u* em *com* de *cum*.

Quanto a *ui* (üi), verificou-se, em *mui* ou *muio*, a sua passagem por dissolução do *l* de *multum* em *i*.

## CAPITULO II.

### Consonantismo ou Historia das Letras Consoantes.

Tem a lingua portugueza as seguintes consoantes: b, c, d, f, g, j, k, l, m, n, p, q, r, s, t, v, x, z, que, com excepção do *k*, que vem do grego, procedem das consoantes latinas.

Temos ainda os digrammas, ou signaes compostos só na forma *ch* (xe), *nh*, *lh*, que tambem resultam de letras consoantes latinas, mas por abrandamento do seu som.

#### § 1.º

#### Consoantes Iniciaes.

##### SECÇÃO 1.ª

##### *Immutabilidade das letras consoantes iniciaes.*

Provieram do latim intactas, antes de todas as vogaes, as seguintes consoantes iniciaes:

1.º **b**: *baleia* de *balæna*, *beato* de *beatus*, *bicolor* de *bicolor*, *boato* de *boatatus*, *buxo* de *buxus*;

2.º **d**: *damno* de *damnus*, *dez* de *decem*, *día* de *dies*, *doutor* de *doctor*, *duro* de *durus*;

3.º **f**: *face* de *facies*, *feliz* de *felix*, *filha* de *filia*, *folha* de *folium*, *furto* de *furtum*;

4.º **l**: *lavar* de *laborare*, *leito* de *lectus*, *livro* de *librum*, *longo* de *longus*, *luzir* de *lucere*;

5.º **m**: *magro* de *macer*, *melhor* de *melior*, *mimo* de *imus*, *movel* de *mobilis*, *multa* de *multa*;

6.º **n**: *nardo* de *nardus*, *negocio* de *negotium*, *ninho* de *nidus*, *noticia* de *notitia*, *nullo* *nullus*;

7.º **p**: *pae* de *pater*, *peior* de *peior*, *piedade* de *pietas*, *posição* de *positio*, *punho*, de *pugnus*;

8.º **q**: *quatro* de *quatuor*, *questor* de *quæstor*, *quinze* de *quindécim*, *quociente* de *quotiens* ou *quoties*;

9.º **r**: *razão* de *rationem*, *reduzir* de *reducere*, *riso* de *risus*, *rosa* de *rosa*, *rugir* de *rugire*;

10.º **s**: *sair* de *salire*, *sete* de *septem*, *silencio* de *silentium*, *sogro* de *socer*, *succo* de *succus*;

11.º **t**: *taverna* de *taberna*, *termo* de *terminus*, *tinto* de *tinctus*, *tornar* de *tornare*, *tutor* de *tutor*;

12.º **v**: *valer* de *valere*, *veloz* de *velox*, *vizinho* de *vicinus*, *volume* de *volumen*, *vulto* de *vultum*.

Tambem provieram intactas do latim, antes de *a*, *o*, *u*, as consoantes iniciaes em seguida mencionadas:

1.º **c**: *cair* de *cadere*, *codicillo* de *codicillus*, *culpa* de *culpa*;

2.º **g**: *gallo* de *gallus*, *gota* de *gutta*.

O **k**, julgado superfluo pelos grammaticos romanos do quarto e do quinto seculo, conserva-se inalterado, quasi exclusivamente em termos ecclesiasticos e scientificos, introduzidos de linguas orientaes ou do grego.

O **h**, mero signal de aspiração, e não verdadeira lettra consoante, deixou de ser aspirado, e conserva-se, nas palavras que o teem em sua origem.

SECÇÃO 2.ª

*Degeneração de consoantes iniciais.*

O **c** degenerou, antes de *e*, *i* ou *y*, perdendo o som guttural, e recebendo o de *s* (se).

Tambem antes de *e*, *i* ou *y*, degenerou do seu som guttural o **g**, tomando o de *j* (je).

O **j** latino tinha o mesmo som do *j* allemão, que degenerou, nas linguas romanicas, no som que, em portuguez e em francez, tem o *g*, antes de *e*, *i* ou *y*.

Provém tambem o **j** portuguez do *i*, por consonantisação, nas palavras em que o *h*, que se achava em contacto com elle, deixou de ser pronunciado: *Jeronymo* de *Hieronymus*.

O **x**, que tinha em latim o som duplice de *cs*, ou *gs*, degenerou em *xe*, que, em portuguez, é o seu som proprio: *Xenophonte* de *Xenophon*, *xerophtalmia* de *xerophthalmia*; mas, no maior numero de palavras, é o *x* inicial procedente do arabe.

Em latim era o som do **z** o som duplice *dz*, que degenerou no simples, que representamos com a letra *z*: *Zephiro* de *Zephirus*, *zodiaco* de *zodiacus*.

Tambem teve o **z** procedencia do arabe, na maior parte das palavras que o teem no principio: *zagal*, *zarco*.

O **ch**, com o som de *x* (xe), provém da degeneração das combinações *cl*, *fl* e *pl*: *chave* de *clavis*, *chamar* de *clamare*; *chamma* de *flamma*, *cheirar* de *flagrare*; *chuva* de *pluvia*, *chorar* de *plorare*. Em algumas palavras porem, vem do francez, onde tal relação phonetica é frequente: *charrua* de *charrue*.

O **ch** (com o som de *q*), **th**, **ph**, **rh**, são representativos orthographicos, não phoneticos, de sons gregos, que devem ser conservados nos vocabulos technicos ou scientificos, de origem grega, que a erudição trouxe á lingua.

§ 2.º

*Lettras Consoantes Mediaes.*

SECÇÃO 1.ª

*Immutabilidade das lettras consoantes mediaes.*

Permaneceram inalteradas, em sua passagem do latim para o portuguez, as consoantes mediaes seguintes:

- 1.º O **b** em alguns casos: *beber* de *bibere*;
- 2.º O **c**, precedido de vogal, e seguido de *a, o, u*, só por excepção, em palavras do fundo popular da lingua, e que decorreram já formadas do latim: *cuco* de *cuculus*, *rouco* de *raucus*;
- 3.º O **f**: *profano* de *profanus*;
- 4.º O **g**, quando precedido de vogal, e seguido de *a, o, u*: *praga* de *plaga*, *vigor* de *vigor*, *vago* de *vagus*;
- 5.º O **l**, só por excepção: *alimento* de *alimentum*;
- 6.º O **m**: *imagem* de *imagine*;
- 7.º O **r**: *caridade* de *caritas*;
- 8.º O **t**: *grato* de *gratus*;
- 9.º O **v**: *ave* de *avis*, *lavar* de *lavare*;
- 10.º O **x**, com o som de *cs*, em diminuto numero de palavras: *fixo* de *fixus*, *sexo* de *sexus*;
- 11.º O **z**: *azymo* de *azymus*. Tambem vem do arabe: *azeite*, *azafama*.

SECÇÃO 2.ª

*Abrandamento, degeneração e syncope de consoantes mediaes.*

- O **b** transforma-se em *v*: *nevoa* de *nebula*.
- O **c** abranda-se em *z*: *dizer* de *dicere*; ou em *g*, quando está antes de *a, o, u*: *advogar* de *advocare*, *degollar* de *decollare*, *agudo* de *acutus*.
- O **d** é geralmente syncopado entre vogaes. Esta mesma letra assimila-se a outras na composição.
- O **f** abranda-se em *v*: *ourives* de *aurifex*.

Antes de *e* ou *i*, é o *g* syncopado: *rei* de *rege*, *mais* de *magis*.

O *l* é trocado em *r* ou *d*: *lirio* de *lilium*, *escada* de *scala*; ou também syncopado: *dor* de *dolor*; outras vezes, dissolve-se em vogal: *muito* de *multum*.

O *m* troca-se raramente, e o *n*, só excepcionalmente por outras liquidas.

O *n* é syncopado com frequência: *moimento* de *monumentum*, *semeiar* de *seminare*. Este facto do desaparecimento do *n* medial é característica muito particular da língua portuguesa.

O *m* e o *n* teem ainda a particularidade de nasalar as vozes a que se pospõem: *em*, *en*, *im*, *in*, etc.

O *p* desce a *b*: *lobo* de *lupus*; e, por intermedio do *b*, a *v*: *escova*, outrora *escoba*, de *scopa*.

O *q* quasi sempre se substitue por *g*: *agua* de *aqua*; ás vezes também por *e*: *licor*, *liquor*; por *z*: *cozinha* de *coquina*; e por *ç*: *laço* de *laqueus*.

O *r* muda-se em *l*: *alvitre* ou *alvedrio* de *arbitrium*; ou cae, por euphonia ou por attracção: *queimo* de *cremo*, *trevas* de *tenebras*.

O som do *s* abranda-se no de *z*, entre vogaes: *casa* de *casa*, *rosa* de *rosa*; mas, por amor da derivação, é a letra *s* conservada. Também se abranda em *j*: *igreja* de *ecclesia*; e em *x*, quando é ou não geminado: *paixão* de *passionem*, *coxo* de *cossus*, *bexiga* de *vesica*.

O *t* abranda-se geralmente em *d*: *roda* de *rota*, *amado* de *amatus*; ou se torna em *e*, *ç* ou *z*, si se acha antes de *e* ou *i*, não accentuado: *palacio* ou *paço* de *palatium*, *razão* de *rationem*; e, exceptuado o preterito, é syncopado nas fórmulas da segunda pessoa do plural.

O *v* é syncopado nas fórmulas do perfeito. Não raramente vem do *b*: *trave* de *trabes*, *amava* de *amabam*; e do *p*: *povo* de *populus*, *escova* de *scopa*.

O *x* degenerou o seu som em *z*: *exame* de *examen*, *exemplo* de *exemplum*; em *s*: *index*, *phenix*, *extra*, *exceder*, *proximo*, *maximo*; e em *ch* (*xe*): *luxo*, *coxa*.

§ 3.º

*Lettras Consoantes Geminadas e Molhadas.*

As letras consoantes que se geminam ou dobram, são: *b, c, d, f, g, l, m, n, p, r, s, t*.

Outrora (sec. 12.º a 16.º) também se geminavam vogaes.

Escreviam, por exemplo *avoo, leer, cruu* por *avó, ler, cru*. Do século 15.º data a substituição da geminação vocalica pela vogal accentuada.

Quando geminadas, reduzem-se todas estas consoantes a um só som.

Geminam-se as consoantes mencionadas, quando, observados os respectivos processos glotticos, o requer a etymologia ou a pronuncia; o que só se verifica, ou entre vogaes, ou entre letra vogal e as consoantes *l, r*: *syl-laba, agglomerar, aggregar, arruido*.

As geminações também se devem dar no radical das palavras derivadas, si as tiver o radical das primitivas de que procedem: *appellação, appellado, appêllo*, etc. de *appellar*.

A geminação *ll* molha-se ou abranda-se em *lh*: *centelha* de *scintilla*; ou é syncopada: *anguia* de *anguilla*.

A liquida *l*, antes de *i*, também se molha: *mulher*, de *mulier*, *alheio* de *alienus*; e ás vezes antes de *n*.

A geminação *nn* abranda-se em *nh*: *canhamo* de *cannabis*.

O *n*, antes de *i*, também se molha da mesma forma que o *l*: *testemunho* de *testimonium*, *Hespanha* de *Hispania*.

O *nh* procede ainda de *gn*: *anho* de *agnus*; *punho* de *pugnus*.

§ 4.º

*Consoantes Finaes.*

O portuguez só consente, como consoantes finaes *s, z, r, l; n, m*, no fim de vocabulos, apenas indicam a nasalidade da vogal que os precede.



O **s** final latino conserva-se regularmente em portuguez:

1.º Nas fórmulas do plural, provenientes do accusativo feminino e masculino da primeira e da segunda declinação: *coroa**s*** de *coronas*, *dono**s*** de *dominos*; e nas que vieram do nominativo, accusativo e vocativo masculinos da terceira declinação, terminados em *es*: *dore**s*** de *dolores*, *amore**s*** de *amores*.

2.º Na segunda pessoa, em todos os casos em que elle apparece no latim classico: *ama**s*** de *amas*, *amava**s*** de *amabas*, *amaste**s*** de *amavistis*.

O **z** final não provém, como pensam alguns, do **x** final latino, mas sim do **e** medial: *auda**z*** de *audacem*, *feli**z*** de *felicem*, *diz* de *dicat*, *fez* de *fecit*, *fiz* de *feci*, etc.

O **r** e o **l** finaes portuguezes não parecem provir nunca do **r** e **l** finaes latinos.

### § 5.º

#### *Dos Grupos Consonantae.*

Em regra os grupos consonantae nos advieram do latim, inalterados.

Das principaes excepções já tratamos, as quaes consistem na degeneração de **cl**, **fl** e **pl** em **ch**; no abrandamento das gemações **ll** e **nn** em **lh** e **nh**; e na dissolução em vogal de **c** e **p** dos grupos **ct** e **pt**.

Aos grupos iniciaes, em que **s** é o primeiro elemento (*sc*, *scr*, *str*, *st*, *sp*, etc.), accrescentou o portuguez, como as outras linguas romanicas, a vogal prosthetica **i**, que depois se mudou em *e*.

### § 6.º

#### *Processos observados na adopção dos prefixos.*

**Ab**—As vezes é o **b** apocopado: *aversion*, *avocar*.

**Abs**—Permuta-se em *aus* no vocabulo *ausente* (*abs* + *entem*).

**Ad**—Conserva-se em geral, sem alteração alguma, antes de vogal e de *d, h, j, m, q, v*: **adaptar** de **adaptare**, **addir** de **addere**, **adherir** de **adhærere**, **adjudicar** de **adjudicare**, **administrar** de **administrare**, **adquirir** de **adquirere** ou **acquirere**, **advertir** de **advèrtere**.

Assimila o *d*, antes de *c, f, g, l, n, p, r, s, t*: **acceder** de **accédere** (ad+cédere), **afirmar** de **affirmare** (ad+firmare), **agglomerar** de **agglomerare** (ad+glomerare), **allegar** de **allegare** (ad+legare), **anexar** de **annèctere** (ad+nèctere), **aplaudir** de **applaudere** (ad+plaudere), **arrogar** de **arrogare** (ad+rogare), **asseverar** de **asseverare** (ad+severare), **atribuir** de **attribuere** (ad+tribuere).

**Com**—Permanece inalterado, antes de *b, p, m*: **combinar** de **combinare** (cum+bini), **comparar** de **comparare** (cum+parare), **commetter** de **committere** (cum+mittere). Exceptua-se **cumprir** de **complère** (cum+plère).

Muda o *m* em *n*, antes de *c, d, f, g, j, q, s, t, v*: **conceber** de **concípere** (cum+cápere), **condizer** de **condicere** (cum+dícere), **confiar** de **confidere** (cum+fidere), **congelar** de **congelare** (cum+gelare), **conjunctar** de **conjúngere** (cum+júngere), **conquerer** (ant.) por **conquistar** de **conquiere** (cum+quœrere), **consentir** de **consentire** (cum+sentire), **contrahir** de **contráhère** (cum+tráhère), **convir** de **convenire** (cum+venire). Exceptuam-se **contigo**, **consigo**, **comvosco**, **comquanto**, **comtudo**.

Assimila-o, antes de *l, n, r*: **colligar** de **colligare** (cum+ligare), **connexão** de **connexio** (cum+nexio), **corrigir** de **corrígere** (cum+régere). Exceptuam-se **conluio** de **conludium**, **connosco** de **cum+nobiscum**.

Perde-o, antes de vogal ou *h*: **cooperar** de **cooperari** (cum+operari), **cohonestar** de **cohonestare** (cum+honestare).

**Contra**—Muda o *a* em *o*, em **controverter** e seus derivados.

**Dis**—É imutavel, antes de *c, j, p, q, s, t*: **discorrer** de **discurrere**, **disjunção** de **disjunctio**, **dispartir** de **dispartire**, **disquisição** de **disquisitio**, **dissolver** de **dissólvere**, **distrahir** de **distráhère**.

Assimila o *s*, antes de *f*: *diffundir* de *diffundere* (dis + fúndere).

Perde-o, antes de *g*, *l*, *m*, *r*, *v*: *digladiar* de *digladiari* (dis + gladius), *dilucidar* de *dilucidare* (dis + lucidare), *diminuir* de *diminuire* (dis + minuire), *dirimir* de *dirimere* (dis + émere), *divulgar* de *divulgare* (dis + vulgare).

Não se deve confundir este prefixo com o prefixo grego *dys*.

**Ex**—As vezes degenera em *is*: *isenção*.

Em regra, perde o *x* ou é transformado em *es*, preposto a *b*, *g*, *l*, *m*, *v*: *ebrio* (e + bria), *esbater*; *egregio* (e + grex), *esgalhar*; *elaborar*, *esladroar*; *emanar*, *esmingalhar*; *evaporar*, *esvasiar*. Também o perde antes de *d*, *j*, *n*, *r*: *edicto*, *ejecção*, *enervar*, *erupção*.

Anteposto a *f*, ou é permutado em *es*, ou é o *x* assimilado: *esfaquear*, *effeminar* (ex + fémina).

Seguido de vogal e de *h*, *c*, *p*, *q*, *t*, é inalterado: *exautorar*, *execravel*, *exinanição*, *exorbitar*, *exulceração*, *exherdar*, *excommunhão*, *expatriar*, *exquisito*, *extemporaneo*.

**In**—Antes de *b*, *p*, *m*, troca-se umas vezes por *em*: *embarbecer* de *imbarbescere* (in + barbescere), *empecer* de *impedicare* (in + pédica), *emmadeirar* de *inmateriare*; noutras, muda o *n* em *m*: *imbuir* de *imbuiere* (in + buo), *impor* de *impónere* (in + pónere), *immergir* de *immèrgere* (in + mérgere).

Assimila o *n*, antes de *l*, *m*, *r*: *illudir* de *illudere* (in + lúdere), *immutar* de *immutare* (in + mutare), *irrogar* de *irrogare* (in + rogare).

É substituído por *en*, ou conserva-se inalterado, achando-se seguido de outras consoantes e de vogal ou *h*.

**Inter**—E', as mais das vezes, trocado por *entre*: *entremetter* de *intermittere*.

**Ob**—Assimila o *b*, antes de *c*, *f*, *p*: *ocorrer* de *ocurrere* (ob + cúrrere), *offerecer* de *offerre* (ob + ferre), *opprimir* de *opprimere* (ob + prémere). Exceptua-se *obcecar* de *obcœcare*.

Conserva-se inalterado, antes de outra qualquer letra: **obtemperar** de *obtemperare*, **obrepticio** de *obrepticius*.

**Post**—Dá-se ás vezes a queda do *t*: **pospor** de *postponere*.

**Sub**—Assimila o *b*, antes de *c*, *f*, *g*, *p*, *r*: **succumbir** de *succumbere* (sub+cumbo), **suffocar** de *suffocare* (sub+faux), **suggerir** de *suggere* (sub+gerere), **suppor** de *supponere* (sub+pónere), **surripiar** de *surripere* (sub+rípere).

Não muda, preposto a vogaes e a outras consoantes.

Converte-se muitas vezes em *soc*, *sof*, *sor*, com o *b* assimilado: **socorrer** de *succurrere* (sub+cúrrere), **sofrer** de *sufferre* (sub+ferre), **sorrir** de *subridere* (sub+ridere).

**Trans**—E' com frequencia convertido em *tra*, *tras*, *tres*: **trajecto** de *trajectus* ou *transjectus*, **trasmontano** de *transmontanus*, **tresnoutar**.

Antes de *s*, perde a letra final: **transcrever** de *transcribere* (trans+scribere).

**Tris**—Ás vezes, cae o *s*: **triforme** de *triformis*. Commummente substitue-se o *i* por *e*: **tresloucar**.

**Vice**—Contrahe-se algumas vezes em *vis*: **viscondado**.

De ordinario passaram para o portuguez, inalterados os demais prefixos.

### CAPITULO III.

#### DOS ALPHABETOS.

Os caracteres alphabeticos ou letras são em numero de vinte e cinco, e formam quatro collecções ou alphabets, a saber, o *calligraphico*, o *italico*, o *romano*, o *gothico*.

Usa-se do alphabeto calligraphico nos manuscriptos. Os trabalhos impressos podem se-lo em qualquer typo. Cada especie porem tem uso especial: com os calligraphicos e gothicos estampam-se obras de phantasia, como cartões de visita, circulares, convites, participações, etc.; os italicos teem frequente applicação, quando queremos chamar a attenção do leitor para qualquer ponto do dis-

curso; e nos romanos imprime-se geralmente o texto dos livros.

Cada uma destas collecções subdivide-se em outras duas, que constam de *letras maiúsculas*, *cabidolas* ou *grandes*, e de *letras minúsculas* ou *pequenas*.

São maiúsculas: *A, B, C, D, E, F, G, H, I, J, K, L, M, N, O, P, Q, R, S, T, U, V, X, Y, Z.*

São minúsculas: *a, b, c, d, e, f, g, h, i, j, k, l, m, n, o, p, q, r, s, t, u, v, x, y, z.*

§ 1.º

*Sobre o uso das letras maiúsculas.*

Escrevem-se com letras maiúsculas:

1.º A inicial da primeira palavra de qualquer obra ou trabalho, manuscripto ou impresso.

2.º A inicial da primeira palavra que se segue ao ponto final, de interrogação e de exclamação. Exemplo: «Poeta, nesta terra é noute! **P**orque não te acolheste ao teu ninho? **A**gora o que te resta, é morrer. **V**ae abrigar-te entre os orbes; vae derramar em canções a tua alma, no seio immenso de Deus. **A**hi é que sempre é dia! (HERCULANO).»

3.º A inicial de todas as palavras dos titulos de qualquer livro, das inscripções de qualquer obra ou sepultura. Isto em calligraphia, porque, em letra redonda, escrevem-se as palavras com todas as letras grandes.

4.º A inicial dos nomes proprios: *Deus, Antonio.*

5.º As iniciaes do tratamento que se dá ás pessoas qualificadas ou investidas de qualquer autoridade ou poder, e, por civilidade, aos simples cidadãos, e que se exprime ordinariamente por ellas: *Sua Santidade, V. Rev.<sup>ma</sup>, V. Ex.<sup>a</sup>, V. S.<sup>a</sup>, Vm.<sup>cé</sup>*

6.º A inicial das palavras que se referem a tudo o que devemos venerar ou respeitar: *Pae*, referindo-nos ao nosso pae.

7.º A inicial de todos os versos. Exemplo:

«E julgareis qual é mais excellente,

Si ser do mundo rei, si de tal gente. (CAMÕES).»

Modernamente alguns bons poetas usam, á imitação dos hespanhoes, da letra minuscula no principio do verso, quando o antecedente não termina por ponto final, de interrogação e de admiração.

8.º A inicial de todo o discurso que se cita, e se põe ordinariamente depois de dous pontos. Exemplo:

«Deus disse: «*Faça-se a luz, e a luz foi feita.*»

Á excepção destes casos, todas as mais letras que se empregam na escriptura, são minusculas ou pequenas.

### § 2.º

*Uso das lettras vogaes na representação das vozes.*

Não tem a lingua portugueza tantos signaes quantas as vozes. Usamos por isso, na representação dos sons vogaes oraes, das lettras vogaes *a, e, i, o, u, y*, com o repectivo accentto, quando é preciso evitar equivocos, como se vê em—*á—a—é—ê—e—e, i, y—ó—ô—o, u—*; e, na representação dos sons vogaes nasaes, das mesmas lettras vogaes, com o *til, m* ou *n*, como se vê em—*ã, an, am—en, em—in, im, yn, ym—õ, on, om—un, um—*.

O *y* (*i* grego), vogal puramente orthographica, só é tolerada em palavras derivadas do grego: *asylo, lyceu*; em alguns nomes proprios: *Cyrillo, Egypto*; em nomes indigenas: *Aymoré, memby*; e em vocabulos peregrinos: *yacht* (palavra ingleza), *yatagan* (palavra turca).

### § 3.º

*Uso das formas divergentes, representativas dos sons vogaes nasaes.*

**Ã, an, am**—Usa-se de *ã*, nas fórmas diphthongaes *ãe, ães, ão, ãos*; de *an*, no principio, meio e fim de palavras: *andar, encanto, lan*; e de *am*, antes de *b, p, m, n*: *ambito, amparo, ammoniaco, damno*.

Recommendam alguns grammaticos que se use da fôrma *ã*, no fim de vocabulos; harmonisa-se porem mais com a etymologia a fôrma *an*, como se vê em *lan*, *san*, de *lana*, *sana*, em que se deu apenas a apocope do *a* final.

**En, em**—Tambem se usa de *en*, no principio, meio e fim de palavras: *entre*, *senda*, *specimen*; assim como de *em*, antes de *b*, *p*, *m*, *n*: *embate*, *emporio*, *emmassar*, *solemne*.

**In, im, yn, ym**—Dá-se o uso da primeira destas fôrmas no principio e meio de palavras: *infante*, *mingua*; da segunda, antes de *b*, *p*, *m*: *imbecil*, *impeto*, *immortal*; da terceira, no meio: *syntaxe*; da quarta, antes de *b*, *p*, *m*, *n*: *symbolo*, *sympathia*, *Symmacho*, *hymno*.

**O, on, om**—Faz-se emprego de *õ*, nas fôrmas diphthongaes *õe*, *õem*, *ões*; de *on*, no principio, meio e fim de palavras: *onda*, *conto*, *canon*; de *om*, antes de *b*, *p*, *m*, *n*, e no fim de monosyllabos: *ombreira*, *pompa*, *somma*, *somno*, *tom*.

**Un, um**—Emprega-se *un*, no principio e meio de palavras: *unto*, *mundo*; e *um*, antes de *b*, *p*, *m*, *n*, e em vocabulos compostos de *circum*: *umbigo*, *cumprir*, *summa*, *columna*, *circumferencia*.

#### § 4.º

##### *Uso das fôrmas diphthongaes divergentes.*

Usa-se de *ae*, em *pae*, *sejaes*, *vae*; na segunda pessoa do plural do presente do indicativo, e do futuro do imperativo dos verbos da primeira conjugação: *amaes*, *amae*; na segunda pessoa do plural do presente do conjunctivo dos verbos da segunda e terceira conjugação: *movaes*, *unaes*; em algumas fôrmas dos verbos em *air*: *saes*, *sae*; e no plural dos nomes acabados em *al*: *animaes*; de *ay*, em nomes indigenas: *Paraguay*, *aycuraba*; e de *ai*, nas demais palavras: *aipo*, *mais*, *taipa*.

Usa-se de *ey*, em nomes indigenas: *Jurucey*, *eyra*; em algumas palavras de origem estrangeira: *bey*, *dey*, *jockey*; e de *ei*, nas demais palavras: *dei*, *rei*.

Usa-se de *oe*, em algumas fórmulas dos verbos em *oer*, e dos verbos *construir*, *destruir*: *moe*, *constroe*, *destroe*; e no plural dos nomes acabados em *ol*: *anzoos*, *hespanhoes*; de *oy*, em alguns nomes próprios de pessoas: *Eloy*, *Godoy*; e em nomes tupis: *Nitheroy*, *Tutoya*; e de *oi*, nas demais palavras: *boia*, *estoico*.

Usa-se de *oy*, em nomes indígenas: *Goyaz*, *Tamoyo*; e de *oi*, nas demais palavras: *joio*, *moio*.

Usa-se de *ue*, em algumas fórmulas dos verbos acabados em *uir*: *afflue*, *influe*; e no plural dos nomes acabados em *ul*: *pauues*, *tafues*; de *uy*, em alguns nomes próprios, quer sejam indígenas: *Cuyabá*, *Tapuya*, quer não: *Guy*, *Ruy*; e de *ui*, nas demais palavras: *fui*, *uivo*, *tuitivo*.

Usa-se de *ae*, em *mãe* de *matre*; e no plural de muitos nomes acabados em *ão*: *escrivães*, *sacristães*; de *aim*, em *culmbra*; de *ão*, em *não*, *quão*, *sinão*, *tão*; nos substantivos, quer sejam palavras graves, quer agudas: *orção*, *cidadão*; nos adjectivos: *folgazão*; e nas fórmulas verbaes, que teem o accento prosodico da ultima syllaba: *farão*; de *am* (ão grave) nas linguagens cujo accento prosodico recae na penultima syllaba: *chamaram*; de *en* (ēi), nos vocabulos *joven*, *regimen*; de *em* (ēi), *im* (īi), *um* (ūu), no fim de palavras: *bem*, *vem*; *confim*, *sellim*; *forum*, *vacuum*; de *eem* (ēi), em *creem*, *deem*, *leem*, *teem*, *vêem* (de ver), *veem* (de vir); de *oe*, no plural de muitos nomes acabados em *ão*: *sermões*, *opiniões*; e em *pões*, *põe*, e seus compostos: *dispões*, *dispõe*; de *oem*, em *põem*, e seus compostos: *dispõem*; de *om* (ōo), no fim dos monosyllabos *bom*, *com*, *dom* de *dominum*; e de *ui* (ūi), em *mui* e *muito*.

### § 5.º

*Sobre o uso de algumas lettras em casos especiaes.*

Antes de *i* ou *y* nunca se escreve *j*, e sim *g*: *giba*, *gynecen*.

Escreve-se *j*, antes de *e*, no principio de muitas palavras: *Jejum*, *Jerarchia*, *Jeroglyphico*, *Jenolim*, *Jellala*,



*Jeropiga*, *Jeronymo*, *Jerusalem*, *Jerico*, *Jesus*, etc.; e no meio das que se derivam do verbo latino *jacio*: *objecto*, *sujeito*, *rejeitar*, etc. Quanto ás palavras puramente portuguezas, deve-se usar sempre de *j*, antes de *e*.

No principio das palavras, escreve-se sempre *s*, antes de *a*, *o*, *u*, e nunca *ç*: *sapato*, *sarça*. Tambem se usa de *s*, nos suffixos *oso*, *osa*, *osos*, *osas*: *formoso*, *formosa*, *formosos*, *formosas*. Usa-se ainda de *s*, no fim de muitos nomes que teem uma só fórma, tanto para o singular, como para o plural: *alferes*, *pires*; no plural dos nomes: *casas*, *filhós*; no fim de muitas fórmas verbaes: *dás*, *crês*, etc.: e em *aliás*, *após*, *Deus*, *tres*, etc.

Escreve-se *x*, no principio de algumas palavras, quasi todas de origem arabe: *xadrez*, *xergão*, *xarel*. Quanto ao meio das palavras, depois de som nasal, e tambem depois de diphthongo, ordinariamente se escreve *x*: *enxada*, *enxofre*; *ameixa*, *deixar*. Nas poucas palavras que o conservam no fim, tende elle a desaparecer, pois já se escreve *indice*, *calice*, em lugar de *index*, *calix*. Usa-se de *z*, no fim das palavras acabadas nos sons *as*, *es*, *is*, *os*, *us*, com accento prosodico, e cujo plural se forma, accrescentando-se um *s*, com inserção de *e*: *cabaz*, *cabazes*; *matriz*, *matrizes*.

As fórmas dos verbos acabados em *zer*, *zir*, devem todas escrever-se com a lettra *z*, e bem assim as dos da primeira conjugação, que se derivam de verbos latinos que a teem no thema: *baptizar* de *baptizare*. Assim tambem a desinencia *eza*, exceptuada a dos nomes de origem latina, que pedem *s*: *mesa* de *mensa*.

As terminações *ção*, *ção*, *ção*, *ção* correspondem ás terminações do accusativo do singular dos nomes latinos terminados em *ctio*, *tio*, *ssio*, *sio*: *acção* de *actio*, *noção* de *notio*, *missão* de *missio*, *conversão* de *conversio*. Assim tambem as desinencias *cia*, *cio* são correspondentes das do mesmo caso dos nomes em *tia*, *tium* e *tius*: *constancia* de *constantia*, *negocio* de *negotium*, *subrepticio* de *subreptitius*.

## CAPITULO IV.

### Dos systemas de orthographia e das causas de sua irregularidade.

#### § 1.º

#### *Systemas orthographicos.*

Tres são os systemas orthographicos:—o *phonetico*, o *etymologico*, o *mixto*.

Prescreve o *systema phonetico* que a fórma graphica dos vocabulos represente fielmente a sua correcta pronuncia. Este systema não emprega caracteres ociosos e sem valor, mas tão somente os que correspondem aos sons vivos da lingua. *Physica*, por exemplo, se escreveria, segundo elle, por este modo: *fizica*.

A orthographia que devera ser um systema philosophico e de facil comprehensão aos menos instruidos e aos mais apoucados de intelligencia, é ao em vez um amalgama de doutrinas casuisticas e só accessiveis aos doutos. São as linguas o instrumento, por que todo o individuo, por mais humilde que seja sua condição, manifesta seus pensamentos; deve ser portanto sua representação, por meio da escripta, despida de tudo o que, sem melhora-la, apenas lhe serve de embaraço. Por amor pois do maior numero, daquelles que se não distinguem pela copia de conhecimentos, que, por um acaso feliz, se tornam o apanagio de poucos, cumpria, ha muito, reflectissem as pessoas que em tal desideratum podem influir, nas vantagens que adveem da adopção de uma orthographia mais consentanea com as necessidades sociaes. Mas, quando não fosse por demais momentosa a razão adduzida, bastava a só consideração de que, sendo a nossa orthographia a phonetica, aprenderia a infancia a ler com summa facilidade, em mui breve tempo e por modo assás ameno, para dever ser o systema phonetico abraçado sem detença. Entendendo outrosim o phonetismo com o material dos vocabulos, mais systematicas se tornariam as flexões, alem de se converterem em regulares os verbos accidentalmente irregulares, como se vê em *ficar*, cujo *c* não se mudaria em *que*, em *fique*, *fiquei*, etc., si houvesse só um signal, para representar o som de *que*.

Não se depreenda entretanto do que vem de ser exposto, que pode qualquer pessoa orthographar as palavras a seu talante, accommodando-as á sua pronuncia, mesmo quando viciada, e que portanto lhe seja permittido escrever *fio*, *andá*, em lugar de *filho*, *andar*. Ha ao contrario duas condições que observar na introdução da orthographia da pronunção. Consiste a

primeira na verificação, por pessoa autorizada e competente, dos signaes que devem ser considerados nacionaes ou indispensaveis á pintura exacta dos sons. É a segunda a elaboração e consequente publicação de um vocabulario phonographico, que fosse de uso obrigatorio nos actos officiaes, com o fim de servir de guia, na escriptura das palavras, áquelles que não as pronunciassem com a devida correcção, ou que tivessem qualquer duvida sobre a sua verdadeira pronuncia. Assim disciplinada a escriptura dos vocabulos, se firmaria a pronuncia delles, caindo por terra a objecção que costumam a oppor, da inadmissibilidade do systema phonico, por lhe servir de base a pronuncia que varia de epoca para epoca, ás vezes de logar para logar, e até de escriptor para escriptor.

Dizem porem os apologistas da orthographia etymologica «que as letras que os neographos desterram por ociosas, não são inuteis; servem para attestar a origem do vocabulo, a sua evolução, a camada a que pertence, etc.» Entretanto uma parte assás consideravel das palavras que constituem o fundo popular da lingua, é orthographada phoneticamente. Si não fora a influencia erudita, ou si as transformações das palavras obedecessem sempre ás leis naturaes, seria a orthographia mais regular ou mais de accordo com a pronuncia. Assim como se sabe, pelas formas intermediarias, que *mesmo*, cuja graphia está em perfeita harmonia com a pronuncia, vem de *metipsissimus*, saber-se-ia qual a procedencia de qualquer palavra graphada segundo a etymologia, que passasse por nova evolução, adoptando fórma verdadeiramente phonetica. Alem disso a adopção do phonetismo em muitas palavras italianas não tem sido motivo, para não se poder remontar á sua origem, ou fazer o seu estudo historico-comparativo.

A necessidade de reformar a orthographia é reconhecida até por grammaticos contemporaneos que tem explanado a doutrina attinente á sua lingua, de conformidade com os processos modernos, como A. Brachet <sup>(1)</sup>, C. Ayer <sup>(2)</sup> e F. Brunot <sup>(3)</sup>.

Preceitua a *orthographia etymologica* que se escrevam os vocabulos, conservando-se nelles letras que tiveram sua razão de ser nas linguas matrizes, e cujo uso na nossa, por ocioso, se não pode justificar. Conservam-se, por exemplo, em *apprehender* o primeiro *p* e o *h*, porque os tem a palavra latina de que se deriva; e em *phthisica*, o *ph* e o *th*, porque, na palavra grega donde vem, ha signaes a elles correspondentes.

(1) *Morceaux choisis des grands écrivains du XVI.<sup>e</sup> siècle*, p. LXXIII.

(2) *Grammaire comparée de la Langue Française*, quatrième édition, § 61.

(3) *Grammaire Historique de la Langue Française*, pag. 94.

Este systema é o mais impraticavel de todos, porque, observado á risca, daria em resultado uma escriptura ridicula e pedantesca, que não seria portuguez nem latim.

A *orthographia mixta*, tambem chamada *usual* ou *ecclectica*, ensina que as palavras de origem popular, aprendidas de outiva, sejam escriptas phoneticamente; e que as de origem erudita, importadas dos escriptores latinos ou gregos, o sejam etymologicamente: *frio*—*frigido*, *respeito*—*respectuoso*, *suor*—*sudorifico*, etc.

Por este systema devein prevalecer as fórmãs em uso, já phoneticas, já etymologicas, que forem consideradas pelos glottologos, como sendo o resultado do estudo historico-comparativo dos vocabulos.

## § 2.º

### *Causas das irregularidades da orthographia.*

O *systema phonetico* foi o que dominou no periodo de *syncretismo*, isto é, desde o seculo 12.º ao seculo 15.º. Em razão da indisciplina grammatical, que, por falta de uma litteratura grammatical e lexicologica, reinou nessa epoca, a pronuncia variava consideravelmente de logar para logar. Dahi serem muitos vocabulos orthographados por mais de um modo, como *agardecer* e *agradecer*, *nacer* e *nacer*, *piadoso* e *piedoso*, etc.

Com o apparecimento das grammaticas de João de Barros e Fernão de Oliveira, começa o periodo de disciplina grammatical, e portanto a tendencia para exercerem os escriptores uma influencia uniformisadora das fórmãs dos vocabulos. Esta tendencia, com o correr dos tempos, se caracterisou por uma especie de idolatria pela escriptura da lingua matriz. Tomaram por isso muitas palavras fórmãs inteiramente alatinadas, com prejuizo das que estavam em uso, e que haviam obedecido a leis naturaes, como *oito*, *caridade*, *ensino*, que passaram a escrever: *octo*, *charidade*, *insino*.

Fazia-se preciso um paradeiro a este exagero etymologico, resultado da ignorancia em que estavam os

eruditos das leis evolutivas da linguagem. Foi elle a adopção do *systema mixto, usual* ou *eclectico*, que se tem tornado mais regular, depois que lhe serve de fundamento o criterio historico-comparativo.

Assim as causas das irregularidades da orthographia foram a principio a variabilidade da pronuncia e mais tarde a exagerada influencia erudita.

### TITULO TERCEIRO.

#### SEMIOGRAPHIA.

A *semiographia* trata das notações lexicas.

*Notações lexicas*, ou são os signaes graphicos, com que notamos a natureza, predominancia, contracção, abrandamento, suppressão ou junção de sons; ou são os signaes, as letras ou fracções de palavras, equivalentes de palavras inteiras.

São de tres especies as notações lexicas:—*phonicas*, *etymologicas* e *tachygraphicas*.

#### CAPITULO I.

##### NOTAÇÕES PHONICAS.

São *notações phonicas*:—os *accentos*, o *til*, o *trema*, o *agá* e a *cedilha*.

Chamam-se *accentos* os signaes com que, para evitar equivoco ou má pronuncia, se assignala o *accento prosodico* do vocabulo.

Os *accentos* são tres: o *agudo* (´), o *grave* (`) e o *circumflexo* (^).

O *accento agudo* recae sobre as vozes abertas e communs, quando se tem de assignalar o *accento prosodico*, em que se alça fortemente a voz: *sabiã*, *séde*, *ruína*, *avó*, *lúrido*.

O *accento grave* recae sobre as vozes graves, quando se tem de assignalar o *accento prosodico*, em que se abaixa a voz: *pára* (preposição).

Este accento não está em usô, porque, quando se faz preciso firmar a correcta pronuncia dos vocabulos, só se costumam a notar as predominantes que pedem accento agudo ou circumflexo, como se vê em *se* (pronome), *sê* (verbo), *sé* (substantivo).

Alguns escriptores usaram do accento grave, em vez do accento circumflexo.

O *accento circumflexo* recae sobre as vozes medias ou fechadas, quando se tem de assignalar o accento prosodico, em que se alça, e abaixa a voz: *provê*, *avô*.

Usa-se do accento agudo;

1.º Quando teem os vocabulos por desinencia *á*, *é*, *ó*: *alvará*, *rodapé*, *filhó*.

2.º Quando se contrahem vogaes: *á* por *a a* (preposição e artigo), *idéa* (nome) por *ideia*.

Querem tambem que seja signal de contracção o accento circumflexo em *têm*, *vêm*, etc. Discordamos desta opinião, graphando taes palavras por este modo: *teem*, *veem*, etc., não só porque melhor do que *ên* representa a fórma *eem*, o diphthongo *êi*, como tambem porque, na representação dos sons, é sempre preferivel uma letra a uma notação.

3.º Quando, por se poder dar equivoco, tem-se de notar a prolação de alguma voz, como se vê no vocabulo *prêgar* (fazer predicas) que, em razão de ser o som de sua penultima syllaba mais prolongado que o da mesma syllaba de *pregar* (segurar com prego, ou fazer pregas), se confundiria com este, si não levasse o accento.

O emprego do accento agudo em syllabas atonas, para marcar prolação de voz, tem dado logar á deturpação da verdadeira pronuncia de alguns vocabulos, como *pégada*, substantivo, que muitos consideram palavra esdruxula, por julgarem que o accento assignala a predominante, quando é notação de que a antepenultima syllaba deve ser pronunciada com maior prolongamento de voz que a mesma syllaba de *pégada*, participio passado de *pegar*.

4.º Sobre a preposição *a*, não contrahida com as fórmas femininas do artigo definido, quando, por se confundir com este, se dá alteração do verdadeiro sentido da phrase, como se vê neste exemplo: «Matar *á* *sêde*.», o qual, significando «Matar *de* *sêde*.», constitue sentido diverso de «Matar *a* *sêde*.», que quer dizer «*Sacia-la*.»

Assim o entendeu Vieira, quando disse: «... matar *â fome*,» não obstante ser por Grivet <sup>(1)</sup> levada á conta de erro typographico a collocação do accentto agudo deste exemplo na preposição *a*; e tambem Garrett, nesta phrase «...talvez voz mantem *â fome*...» <sup>(2)</sup>.

Tambem se deve accentuar a mesma preposição, quando reger um nome do genero feminino, determinado pelo adjectivo possessivo, si se poder dar amphibologia, como se evidencia deste exemplo: «Disse-o *â minha avó* <sup>(3)</sup>.», o qual exprimiria cousa inteiramente outra do que quiz dizer o escriptor, si estivesse a preposição *a*, sem o respectivo accentto.

Está em uso o accentto circumflexo nos vocabulos terminados em *ê*, *ô*: *mercê avô*.

Tambem devem ser usados os accenttos:

1.º Quando não se possa perceber promptamente pelo sentido o valor do vocabulo, por haver outro que lhe seja homographo, isto é, que se escreva com as mesmas letras, tendo a accentuação diversa. Exemplo:

«*Vêde* a agua do tanque.»

«*Vêde* a agua do tanque.»

Nestas duas phrases, si dos verbos for omittido o respectivo accentto, não se sabe si se manda *vedar* ou *ver a agua do tanque*.

Dá-se de ordinario este equivoco, quando as palavras homographas são da mesma especie, como dous substantivos, dous verbos, etc.

Observam alguns escriptores o uso de accentuar as linguagens da primeira pessoa do plural do preterito perfeito, como *amamos*, *movemos*, *unimos*, para as differencar das da mesma pessoa do presente do indicativo.

E' isso porem desnecessario, por terem a mesma pronuncia tanto umas como outras. O contexto do discurso por si só as faz distinguir.

<sup>(1)</sup> *Nova Gram. Analyt. da Ling. Port.*, n.º 139.

<sup>(2)</sup> *Viagens na Minha Terra*, 3.ª edição. Tomo 2.º, pag. 152.

<sup>(3)</sup> *Idem*, Tomo 1.º, pag. 268.

2.º Quando anda viciada a pronuncia do vocabulo. *Pántano*, por exemplo, deve levar accento na antepenultima syllaba, porque ha logares em que viciosamente o pronunciam, como palavra grave.

3.º Quando a pronuncia do vocabulo se torna duvidosa, por haver autoridades que o accentuam de modo diverso, como se vê em *hippodrómo*, que, devendo, conforme praticam alguns lexicons, ser accentuado na penultima syllaba, o é entretanto por outros na antepenultima.

4.º Quando é o vocabulo de pronuncia pouco conhecida, ou por ser de uso raro: *noetivago*, termo poetico; ou por ser um neologismo: *binúbo* (casado duas vezes).

O *til* representa a nasalidade da prepositiva dos diphthongos:—*ãe—ão—õe, ãem—*, e não o accento prosodico propriamente dito; tambem é signal de que na palavra faltam letras que se omittiram por brevidade: *Frz* por *Fernandes*, *Glz* por *Gonçalves*, *Sñr* por *Senhor*.

O *trema* que tambem se chama *dierese*, *apices* ou *cimalhas*, indica que a vogal sobre a qual se acha, não forma diphthongo com a que lhe está junta: *ruína*, *saúde*.

Sendo a vogal, em que deve recair o *trema*, a syllaba predominante, está em uso substitui-lo pelo accento agudo.

Tambem serve o *trema*, para mostrar quando se pronuncia a letra *u*, depois de *g* e de *q*: *gũa*da, *se-qũestro*; mas não se usa delle em nossa lingua.

Recommendamos entretanto que se use do *trema* nos vocabulos, em que a vogal que o pede, não é a syllaba predominante, e cuja pronuncia precisar ser bem firmada, ou porque ande viciada, como se vê em *ruĩdade*, que o vulgo pronuncia, reunindo os dous primeiros sons vogaes, como si formassem diphthongo; ou porque, por *dierese*, se dividiu um diphthongo em duas syllabas, como se vê em *saudosos*, neste verso de Camões: «Nos saũdosos campos do Modengo.»

O *h* (agá) só é accento indicativo de aspiração, isto é, de que a vogal se deve pronunciar com grande affluencia de ar, nas interjeições *Ah! Oh! Hum! Ha! hã, ah!*



A *cedilha* é uma especie de virgula que se põe debaixo do *c* (que), quando está antes de *a*, *o*, *u*, para lhe abrandar o som em *s* (se): *caça*, *paço*, *açude*.

## CAPITULO II.

### NOTAÇÕES ETYMOLOGICAS.

As *notações etymologicas* são:—o *apostropho* e o *hyphen*.

O *apostropho* ou *viraccento* indica suppressão de vogal: *esp'rança*, em lugar de *esperança*; e ás vezes só de consoante, e de consoante e vogal: *co'este* por *com este*, *co'andar* por *com o andar*.

Ordinariamente a maior suavidade da pronunciação pede que, na concurrencia de vogaes identicas ou semelhantes no fim de um vocabulo e no principio do seguinte, ambos se pronunciem, como si fossem um só, ainda que na escriptura não venha o signal do apostropho, como *de oliveira*, *minha alma*, *onde iremos*, que devemos pronunciar *doliveira*, *minhalma*, *ondiremos*.

O *hyphen*, tambem chamado *risca de união* ou *dias-tase*, usa-se nos seguintes casos:

1.º No fim da regra da escripta, para mostrar que o fragmento de vocabulo que o leva, se liga ao fragmento que está no principio da regra seguinte.

Não se devem apartar as letras de que se compõem as syllabas; e por isso, quando for preciso dividir um vocabulo, no fim da regra da escripta, por não caber todo nella, far-se-á a divisão pelo fim de alguma de suas syllabas, observando-se rigorosamente a pronuncia: *in-sen-si-vel*, *ab-sol-ver*, *cir-cums-tan-te*, *subs-ti-tu-to*.

Quando a pronuncia não poder servir de base á divisão das syllabas, por se introduzirem nas palavras elementos meramente orthographicos, observar-se-ão as duas regras seguintes:

1.ª Havendo, entre duas syllabas, consoantes dobradas, põe-se a primeira no fim da regra, e a segunda no principio da regra seguinte: *ap-parecer*, *ter-ror*.

2.ª Havendo, entre duas syllabas, uma consoante differente da que se lhe segue, e cujo som não faz corpo com o da syllaba precedente, deve acompanhar a syllaba seguinte: *ins-cri-pção*, *te-cto*, *a-cção*, *ra-pto*, *fi-cto*, *fi-cção*.

Mandam alguns grammaticos que as syllabas das palavras compostas sejam sempre divididas, pelas suas partes componentes. Somos de todo avesso a esta opinião, quando a separação dellas não se amolda á pronuncia, como se vê em *ablucão*, *construir*, cujas syllabas se devem separar por este modo: *a-blu-ção*, *cons-tru-ir*, porque assim é que se pronunciam: e não por este: *ab-lu-ção*, *con-stru-ir*. Si tal não fora, só philologos poderiam fazer esta divisão de syllabas.

2.º Entre o verbo e a palavra enclitica que se lhe junta immediatamente por complemento, para mostrar que se pronunciam, como si fossem uma só: *dizer-nos*, *façamo-lo*, *quizeram-n-o*.

3.º Em palavras formadas *por juxtaposição*, para mostrar que os seus elementos componentes se ligam na pronuncia: *cholera-morbus*, *guarda-portão*.

### CAPITULO III.

#### NOTAÇÕES TACHYGRAPHICAS.

As *notações tachygraphicas* são as *abreviaturas*.

Quer seja pela pressa, quer por menos trabalho, ou por economia de papel, faz-se uso de abreviaturas, ou de palavras em breve na escripta, para o que se não dá regra certa.

O uso de abreviaturas é actualmente reprovado em escriptos de importancia, ou em papeis dirigidos a pessoas de respeito.

Ha todavia abreviaturas que se admittem em casos especiaes, como as da igreja catholica: *I. C.* (Jesus Christo); as do foro: *A. R.* (Autor, Réu); as do commercio: *S. E. O.* (Salvo erro ou omissão); as que exprimem tratamentos: *V. Rev.<sup>ma</sup>* (Vossa Reverendissima); as de algumas sciencias, como as mathematicas, a medicina, a astronomia, a chimica, etc.:  $\equiv$  (igual a), *R* (Recipe=tomae),  $\odot$  (Sol), *Al.* (aluminium); as de varias artes, como a musica, a arte typographica, etc.: *D. C.* (Da capo),  $\mathcal{S}$  (voltae); as de certos livros, como os dictionarios, em que são ellas indispensaveis: *adj.* (adjectivo).

## LIVRO TERCEIRO.

### MORPHOLOGIA.

A *morphologia* estuda as palavras, como seres já organisados, constitutivos da linguagem.

Ella as considera por isso em seu *todo*, classificando-as em varias especies; e em seus *orgãos* ou *elementos morphologicos*, explanando a doutrina attinente ás flexões, e á sua formação, já como derivadas, já como compostas de outras.

Dahi a divisão da *morphologia* em *lexiologia* e *organographia*.

## TITULO PRIMEIRO.

### LEXIOLOGIA.

*Lexiologia*, tambem chamada *taxionomia*, é a classificação das palavras em varias especies ou categorias, correspondentes ás idéas que exprimem.

Soffrem as palavras tres divisões:

- 1.<sup>a</sup> Quanto ás suas propriedades caracteristicas;
- 2.<sup>a</sup> Quanto á analogia de suas funcções;
- 3.<sup>a</sup> Quanto á sua fórma.

As palavras, pelo que diz respeito ás suas propriedades caracteristicas, são classificadas em oito especies, chamadas geralmente partes da oração: *substantivo*, *pronome*, *adjectivo*, *verbo*, *preposição*, *adverbio*, *conjuncção*, *interjeição*.

No tocante á analogia de suas funcções, distribuem-se as partes da oração em *nominativas*, *modificativas* e *connectivas*, exceptuada apenas a *interjeição*, cuja funcção não tem analogia alguma com as das outras especies de palavras.

As *nominativas* são destinadas a representar as pessoas ou cousas; e são o *substantivo* e o *pronome*.

São *modificativas* o *adjectivo*, que modifica o substantivo, exprimindo as qualidades que constituem as caracteristicas do objecto por elle significado, ou extendendo sua significação a maior ou menor numero de individuos;

e o *adverbio*, que modifica o adjectivo, fazendo-o exprimir os diversos graus, variantes ou mutações da qualidade.

As *connectivas* servem para designar as relações que se dão entre as palavras e as proposições. São taes o *verbo*, a *preposição* e a *conjuncção*.

Consideradas com relação á sua fôrma, arranjam-se ainda as oito especies ou categorias de palavras em dous grupos:—*palavras variaveis* ou *inflexas* e *palavras invariaveis* ou *ininflexas*.

As *variaveis* são o *substantivo*, o *pronome*, o *adjectivo*, e o *verbo*; e as *invariaveis*, a *preposição*, o *adverbio*, a *conjuncção* e a *interjeição*, conhecidas tambem pela denominação de *particulas*.

## CAPITULO I.

### NOME SUBSTANTIVO.

*Nome substantivo* é a palavra que designa pessoa ou cousa: *Camões*, *casa*: é o sujeito por excellencia.

Para se apreciar o valor exacto da significação do nome, é essencial saber-se o que sejam *extensão*, e *compreensão do nome*. Chama-se *extensão* o maior ou menor numero de individuos ou cousas que o nome significa; e *compreensão*, o maior ou menor numero de qualidades caracteristicas do objecto significado pelo nome. Assim a extensão do nome *homem* são todos os seres a que se applica este nome; sua compreensão, as qualidades que constituem essencialmente a especie humana, como sejam: ser organizada de certo modo, e dotada de sensibilidade, intelligencia, vontade, etc. A compreensão está na razão inversa da extensão, e reciprocamente. A palavra *boi*, por exemplo, tem mais compreensão e menos extensão que o termo *quadrupede*. Os appellativos são os nomes que teem mais extensão e menos compreensão; os proprios, ao envez, os que teem menos extensão e mais compreensão.

Divide-se o nome substantivo em *proprio* ou *particular* e *appellativo* ou *commum*.

*Nome proprio* ou *particular* é o que designa a pessoa ou cousa individualmente, isto é, uma só pessoa ou cousa, certa e determinada, da classe a que pertence: *Colombo*, *America*.

Na designação da pessoa ou cousa individualmente, é ella considerada, sob as qualidades que lhe são proprias, e que, constituindo sua natureza individual, a distinguem de qualquer outra da mesma especie.

*Nome appellativo* ou *commun* é o que designa a pessoa ou cousa genericamente, isto é, qualquer ou quaesquer pessoas ou cousas da classe a que pertencem: *homem, arvore*.

Na designação da pessoa ou cousa genericamente, é ella considerada, sob as qualidades que notamos em todos os seres da mesma especie, e que, constituindo sua natureza commun, caracterisam a classe a que pertencem.

Os nomes proprios foram originariamente nomes communis. **Maria** significa *soberana*; **Theophilo**, *amante de Deus*; etc.

Tornaram-se proprios, porque sua significação foi restringida a individuos determinados.

Actualmente temos muitos exemplos do caracter appellativo ou significativo dos nomes proprios em *Rosa, Clara, Prudencia, Felicidade*, etc.

Alguns nomes communis são considerados proprios, quando empregados de modo individual ou restrictivo, como o *Senhor*, a *Igreja*.

Os proprios passam a ser communis, desenvolvendo-se-lhes o sentido pela mudança de applicação, como *damasco*, (estofa feito de seda, que tomou o nome do lugar, em que se fabricava primitivamente), *havana*, (especie de charutos, que se designam pelo nome da cidade que os manufactura); e sendo usados no plural, como se vê neste exemplo: «Os **Vieiras** são raros,» isto é, «Os *oradores* como **Vieira**, etc.»

Ha ainda *locuções substantivas* que consistem no emprego de duas ou mais palavras, exercendo a função de um substantivo.

Divide-se tambem a locução substantiva em *propria* e *appellativa*.

E' *propria* a que tem o valor de um nome proprio: *Antonio Gonçalves Dias, Rio de Janeiro*.

E' *appellativa* a que tem o valor de um nome appellativo: *cabo de esquadra, chapéu de sol*.

Os nomes proprios de pessoas são verdadeiras locuções substantivas, que podem constar de *prenome, nome, sobrenome, cognome*, e *agnome*.

*Prenome* é o nome do tratamento, titulo ou dignidade, que se antepõe ao nome de baptismo: **Senhor Paulo, D. Jayme, Frei João**.

*Nome* é o nome da pia ou de baptismo: *Maria, José*.

*Sobrenome* é o nome que muitas vezes acompanha o nome de baptismo: *Manoel Joaquim, João Carlos*.

O sobrenome de um homem celebre pode vir a ser o seu verdadeiro nome proprio para os seus posterios: *Virgilio (Publio Virgilio), Cesar (Julio Cesar)*.

*Cognome* ou *appellido* é o nome ou nomes de familia, que seguem o nome de baptismo ou o sobrenome: *Joaquim Gomes de Souza, João Francisco Lisboa*.

*Agnome* é o nome ou adjectivo substantivado, posposto ao nome de baptismo, que exprime uma qualidade característica da pessoa de que se trata: *D. Pedro, o lidador; Napoleão, o grande*.

Subdividem-se os nomes appellativos em *concretos* ou *objectivos* e em *abstractos* ou *subjectivos*.

São *concretos* ou *objectivos* os que exprimem objectos que são percebidos pelos sentidos: *livro, rua*.

Os nomes de pessoas são todos nomes concretos.

São *abstractos* ou *subjectivos* os que exprimem objectos imperceptíveis aos sentidos, mas que podem ser concebidos pelo nosso espirito: *Deus, sereia*; ou qualidades que se representam no nosso espirito separadas dos corpos que as contem, como objectos reaes: *bondade, grandeza*.

## CAPITULO II.

### PRONOME PESSOAL.

*Pronome* é a palavra que se põe em lugar do nome ou do sujeito, para evitar sua repetição. Exemplo: «*Este livro* é bom; *elle* foi comprado na livraria de Paulo.» A palavra *elle* deste exemplo é pronome, porque está em lugar do nome *livro*, cuja repetição assim se evitou.

Em portuguez, apenas ha *pronomes pessoais*.

Pronome, como o indica a força deste termo, é a palavra que se põe sempre em lugar do nome, e que por isso nunca deve ser d'elle acompanhado. Só os pronomes pessoais tem, na nossa lingua, esta propriedade. E' certo que ás vezes usaram os classicos do pronome pessoal junto ao nome, como

se vê neste exemplo de João de Barros: «Ao qual recado *elle* *Hidalcao* não respondera.»; mas tal modo de dizer é hoje considerado uma redundancia, ou um pleonasmio reprovado. Todas as outras palavras chamadas por muitos grammaticos pronomes demonstrativos, possessivos, etc., pelo facto de poderem ser empregadas sós na phrase, são verdadeiros adjectivos determinativos que, nesse caso, se referem a um substantivo occulto, tanto que, subentendido este, se lhe accommodam pela fórma, sem repugnancia alguma, como qualquer adjectivo. Noutras linguas, é que ha pronomes demonstrativos, possessivos, etc., como na franceza, onde estão sempre pelo nome as fórmulas *celui, celle, ceux, celles; le mien, la mienne, les miens, les miennes*; etc., ou cuja indole repelle o uso dellas acompanhadas do nome.

*Pronome pessoal* é o que indica a pessoa grammatical do nome ou do sujeito, em cujo logar está.

Considera Antonio de Moraes Silva o pronome pessoal, como um verdadeiro substantivo; sensivel porem é a differença que ha entre estas duas especies de palavras. O substantivo, como nome da substancia, exprime a idéa de uma ou mais pessoas ou cousas de uma só classe. O pronome pessoal pondo-se em logar de qualquer nome, reproduz a idéa por elle expressa, a qual pode ser de uma ou mais pessoas ou cousas de qualquer classe. *Homem*, por exemplo, designa sempre um ou mais individuos do genero humano; e *casa*, uma ou mais cousas desta especie. Entretanto que o pronome pessoal *elle* dar-nos-á a idéa de qualquer ou quaesquer pessoas ou cousas, seja qual for a classe a que pertençam, conforme o nome de que fizer as vezes.

Tambem não é o pronome pessoal adjectivo determinativo, como, em suas Grammaticas Philosophicas da Lingua Portugueza, opinam Jeronymo Soares Barbosa e o Padre Antonio da Costa Duarte, porque não estende a significação do nome a maior ou menor numero de individuos. Sendo sua função estar em logar do nome, da natureza deste depende a idéa que exprime; pelo que será indeterminada, si substituir um simples appellativo; e determinada, si um nome proprio ou um appellativo acompanhado de algum determinativo, como se vê dos seguintes exemplos: «Falam muito em *homens felizes*; não sei porem si *elles* existem.» «*Paulo e Virginia* vivem em perfeita harmonia, com quanto tenha *elle* genio mais forte que *ella*.» «*O livro de Pedro* é bonito; *elle* lhe foi dado por Paulo.»

No primeiro exemplo, está a significação do appellativo *homens* restringida pelo adjectivo *felizes*, porque, designando *quaesquer homens felizes*, é esta idéa mais restricta que *quaesquer homens*, idéa expressa por esse mesmo appellativo, sem o adjectivo qualificativo; mas, apesar disso, é a sua significação vaga, porque não designa um numero certo de individuos, e portanto vaga e indeterminada tambem é a idéa reproduzida pelo pronome *elles*. No segundo exemplo, com quanto a idéa expressa pelas variações *elle, ella*, seja uma idéa determinada, não determinam ellas os nomes *Paulo e Virginia*; e

isso pelo simples facto de reproduzirem idéas expressas por nomes próprios, que, em razão de designarem a pessoa ou cousa individualmente, estão por sua natureza determinados. No terceiro exemplo, o substantivo *livro* está determinado pelo complemento restrictivo *de Pedro*, que lhe restringe a significação, e pelo artigo definido que fa-lo indicar um livro só de modo certo; assim sendo, é a idéa por elle expressa uma idéa determinada: occupando o pronome *elle* o seu logar, nada mais faz que reproduzir essa idéa, sem influir na significação do nome, como influem os adjectivos determinativos.

*Pessoas grammaticaes* são os differentes papeis que assumem as pessoas ou cousas no discurso.

São as pessoas grammaticaes unicamente tres: — a primeira ou aquella que fala (orador); a segunda ou aquella a quem se fala (ouvinte); a terceira ou aquella de quem se fala (assumpto).

Quatro são os pronomes que as indicam: o pronome *eu*, que indica a primeira pessoa; o pronome *tu*, que indica a segunda; e os pronomes *elle* ou *ella* e *se*, que indicam a terceira.

Dá-se ainda ao pronome *se* o nome de *reflexivo*, porque faz reflectir a acção sobre o mesmo sujeito que a exercita.

Tambem são pronomes reflexivos as fórmulas *me*, *te*, *nos*, *vos*, quando complementos directos de verbos reflexivos e pronominaes reflexos.

A variação *se* toma a denominação de *pronome indefinido*, quando, junta a verbos transitivos, os apassiva, ou quando converte verbos pessoaes em impessoaes com forma passiva, porque se refere a alguém de um modo indeterminado.

As variações *o*, *a*, *o* (n), *os*, *as* do pronome *elle*, *ella*, *elles*, *ellas*, equivalendo a *aquelle*, *aquella*, *aquillo*, *aquelles*, *aquellas*, fazem o officio de pronomes demonstrativos, porque se usam sempre sós na phrase. Exemplos: «Eis aqui *o* que veem a não poder *os* que querem mais do que podem (VIEIRA).» isto é «Eis aqui *aquillo* que veem a não poder *aquelles* que etc.» «No dia do nascimento, ninguém pode saber *o* para que nasce (VIEIRA).» isto é «*aquillo* para que etc.»



Assim também *o que*, significando *isto*, referindo-se a sentidos anteriores, mais ou menos extensos: «*O que eu não pedira, si foram dos vinte generos de cartas em que um rhetorico as dividiu. (RODRIGUES LOBO)*» Equivale a «*Isto eu não pedira etc.*»

### CAPITULO III.

#### ADJECTIVO.

*Adjectivo* é um nome que se junta ao nome appellativo, para o qualificar ou determinar. Dahi a divisão do adjectivo em *qualificativo* e *determinativo*.

A doutrina relativa ao adjectivo está em intima connexão com a do substantivo: 1.º porque o adjectivo qualificativo, referindo-se á comprehensão das idéas, exprime as qualidades comprehendidas na significação do appellativo, e que constituem as características do objecto por elle significado; 2.º porque o adjectivo determinativo, referindo-se á extensão das idéas, torna a significação do appellativo extensiva a todos os individuos da classe, a parte delles, ou a um só.

#### § 1.º

##### *Adjectivo Qualificativo.*

*Adjectivo qualificativo* é o que exprime a qualidade ou maneira de existir da pessoa ou cousa significada pelo appellativo a que se junta: é o attributo por excellencia. Dahi lhe vem o nome de *attributivo*.

O adjectivo sempre qualifica ou determina um nome appellativo. Quando está junto a um nome proprio, subentende-se o appellativo que designa a classe a que pertence a pessoa ou cousa pelo nome proprio significada. Exemplos: «D. Manoel, *o venturoso*, isto é, *o rei venturoso*.” «*Os Andes*, isto é, *os montes Andes*.”

Divide-se o adjectivo qualificativo em *explicativo* e *restrictivo*.

*Explicativo* é o que exprime uma qualidade inherente á pessoa ou cousa designada pelo appellativo. Exemplo: «O **homem mortal** vive sobre a terra vida transitoria.»

*Restrictivo* é o que exprime uma qualidade accidental á pessoa ou cousa designada pelo appellativo. Exemplo: «O **homem prudente** sabe regular bem a sua vida.»

Conhece-se si a qualidade expressa pelo adjectivo, é inherente ou meramente accidental á pessoa ou cousa designada pelo appellativo, supprimindo-se o adjectivo; porque, no primeiro caso, não ha offensa do sentido; no segundo, ha.

O qualificativo divide-se ainda em *verbal*, *participio*, *patrio*, *gentilico*, *possessivo*.

*Adjectivo verbal* é o que vem de verbo: *morredouro*, *vindouro*.

*Adjectivo participio* é o que participa dos tempos do verbo, e faz as funcções de nome adjectivo: *amando*; *amado*, *amada*, *amados*, *amadas*.

*Adjectivo patrio* é o que exprime a qualidade de ser alguém natural de estado, provincia, cidade, villa ou de qualquer outra especie de povoação: **paraense**, natural do *Pará*; **lisbonense**, de *Lisboa*; **bethlemita**, de *Bethlem*.

*Adjectivo gentilico* é o que exprime a qualidade de ser alguém natural de região, paiz ou nação, gente ou povo: **americano**, natural da *America*; **brazileiro**, do *Brazil*; **hebreu**, do *povo hebraico*.

*Adjectivo possessivo* é o que exprime, proxima ou remotamente falando, a qualidade de ser alguém possuidor de algum objecto: *leis* **manoelinas**, isto é, *leis de* **el-rei D. Manoel**; *bandeira* **nacional**, isto é, *bandeira da* **nação**.

Podem igualmente considerar-se possessivos em relação aos paes ou avoengos os *adjectivos patronimicos*: **Lopes**, ou *filho de Lopo*; **Rodrigues**, ou *filho de Rodrigo*. Como se vê destes exemplos, indicavam estes adjectivos filiação em outro tempo; hoje porem são usados substantivamente, como appellidos hereditarios de certas familias.

## § 2.º

### *Adjectivo Determinativo.*

*Adjectivo determinativo* é o que, junto ao appellativo, fa-lo significar uma, algumas, ou todas as pessoas ou cousas da classe a que pertencem.

Divide-se o adjectivo determinativo em *articular*, *conjunctivo*, *interrogativo*, *numeral*, *quantitativo*, *possessivo*.

*Adjectivo articular* é o que determina o appellativo, fazendo-o indicar o objecto, sob as relações de genero, especie, individuo, logar, identidade, collecção e distribuição.

Duas são as especies de adjectivo articular, o *artigo* e o *adjectivo demonstrativo*.

O *artigo* divide-se em *definido* e *indefinido*.

O artigo é uma fôrma nova e característica das linguas romanicas, cuja falta no latim classico causava não raro suas obscuridades, a despeito da opinião em contrario de Quintiliano.

*Artigo definido* é o adjectivo que determina o appellativo, fazendo-o designar, de um modo certo, todas as pessoas ou cousas da classe a que pertencem, parte dellas ou uma só: é o determinativo por excellencia. Exemplos: «*❶ homem é mortal.*» «*❶ homem prudente é feliz.*» «Eis aqui *❶ homem.*» Por causa do artigo definido, o substantivo *homem* designa, no primeiro exemplo, *todo o genero humano*, isto é, *todos os homens*; no segundo, *uma especie de homens*, ou *uma parte do genero humano*, isto é, *todos os homens prudentes*; no terceiro, *um individuo particular*, isto é, *um homem certo e determinado*.

Chamamos o artigo definido o determinativo por excellencia, não só por virtude da sua propriedade característica, exarada na definição supra, como pela propriedade que tambem possui, de concretisar idéas abstractas, quando substantiva partes da oração ou orações inteiras, e ainda por ser elle a palavra para que se appella, sempre que se quer dar ao nome um sentido bem individual ou particular, como se vê do seguinte exemplo: «*O João* ainda não está em casa.» Nesta phrase, si bem seja *João* um nome proprio que, por sua natureza, está determinado, tem por fim o artigo que se lhe antepoz, particularisar mais a idéa por elle expressa, fazendo ver que *o João* de que se trata, é um individuo que é nosso famulo, ou está para conosco em relação de intimidade, parentesco ou dependencia, e sobre o qual não se pode dar duvida alguma.

*Artigo indefinido* é o adjectivo que determina o appellativo, fazendo-o designar, de um modo vago, uma ou algumas pessoas ou cousas da classe a que pertencem. Exemplos: «*Um mestre* aprende ensinando.» «Encontrei, ha pouco,

**uns homens.**» No primeiro exemplo, o artigo indefinido determina o appellativo *mestre*, fazendo-o designar *um individuo indeterminado da classe dos mestres*, isto é, *qualquer mestre*; no segundo, determina o appellativo *homens*, fazendo-o designar *alguns individuos indeterminados da classe dos homens*, isto é, *uns homens quaesquer*.

Alem da differença que ha entre o artigo indefinido e o adjectivo numeral cardinal *um, uma*, resultante do emprego especial de cada um delles, diverge ainda o primeiro do segundo em ter plural.

Tambem se põe o artigo antes de outra qualquer parte da oração ou de orações inteiras, para substantiva-las. Exemplos: «**¶** *bello* é ponto essencial em bellas artes.» «**Os** *porques* só tu os sabes.» «**Um** *viver* assim é insupportavel.» «**¶** *dizeres que não farás* não é razão, paraque deixes de faze-lo.»

*Adjectivo demonstrativo* é o que determina o appellativo, mostrando o logar, a identidade, a collecção e a distribuição das pessoas ou cousas por elle designadas.

Divide-se este adjectivo em *demonstrativo puro*, *collectivo* e *distributivo*.

O *demonstrativo puro*, ou mostra o logar da pessoa ou cousa designada pelo nome, ou mostra a sua identidade.

O demonstrativo puro mostra o logar da pessoa ou cousa designada pelo nome, fazendo ver a posição que occupa ella em relação com as pessoas grammaticaes. Exemplos: «Toma **este** *livro*.» «Dá-me **aquelle** *tinteiro*.» «Chega-me dahi **essa** *cadeira*.» Nestes exemplos, *este livro* é o que está proximo de mim, ou da primeira pessoa; *aquelle tinteiro*, o que está distante de mim e de ti, ou da primeira e da segunda pessoa; *essa cadeira*, a que está perto de ti, ou da segunda pessoa.

Esta relação de logar pode ser meramente virtual, ou existir unicamente na consideração do espirito de quem fala, e de quem ouve, como «*Este homem* de quem vos falei.» «*Aquella mulher* que tão pouco se assemelha ás outras.» «*Esse capitão* que encheu o mundo com a fama de suas victorias.»

Eis os demonstrativos puros desta especie: *este*, *esse*, *aquelle*.

Tambem ha demonstrativos puros compostos, como *este outro*, *aquelle outro*, *esse outro mesmo*, etc., os quaes servem, para fazer distinguir um objecto de outro da mesma natureza, accrescentando o ultimo a idéa de identidade. Exemplos: "Queres este livro ou *este outro*?" "Quero *esse outro* ou *esse outro mesmo*."

O demonstrativo puro mostra a identidade da pessoa ou cousa designada pelo nome, fazendo ver que é a propria de que se trata. Exemplo: «*Cicero mesmo* não foi poupado pelos triumviros.» isto é «*Cicero em pessoa* ou *a pessoa de Cicero* etc.»

Eis os demonstrativos puros desta especie: *mesmo*, *proprio*, precedidos ou não do artigo definido.

O *demonstrativo colectivo* mostra a collecção, fazendo o appellativo significar todas as pessoas ou cousas da classe juntamente. Temos apenas um demonstrativo colectivo que é *todo*, seguido do artigo definido, quando está na terminação masculina e na feminina, tanto do singular como do plural. Exemplo: «**Todo o** *homem* é sujeito á morte.» isto é «*O genero humano inteiro* é etc.»

O *demonstrativo distributivo* mostra a distribuição, ou fazendo o appellativo significar todos os individuos da classe separadamente ou cada um de per si; ou fazendo-o significar apenas uma parte delles. No primeiro caso, o *demonstrativo distributivo* é *proprio*; no segundo, *partitivo*.

Exemplo do distributivo proprio: «**Cada** *homem* tem seu genio.» que é o mesmo que «*Todos os homens* teem genio, *cada qual* o seu.»

Exemplo do distributivo partitivo: «*Tal* jogava, *tal* dansava.» que é o mesmo que «**Tal** *delles* ou *dentre elles* jogava, **tal** *delles* ou *dentre elles* dansava.»

Eis os distributivos propios: *cada*, *todo* (quando, com a significação de *cada* ou *qualquer*, está anteposto a nomes do singular, sem artigo definido), *cada um*, *cada qual*, *qualquer*, *quem quer*, *a qual* (significando *cada qual*).

Eis os distributivos partitivos: *outro, algum, nenhum, outrem, alguém, ninguém, tal, qual, quem, ambos, certo* (anteposto ao nome), *varios* (significando *alguns*), *diversos, os mais, os demais*.

*Adjectivo conjunctivo* é o que determina o appellativo, seu termo antecedente, fazendo-o designar, por meio da proposição qualificativa que elle liga, uma ou mais pessoas ou cousas certas e determinadas. Exemplos: «O *homem* **que** *te procurou*, já se foi embora.» «O *homem* **que** *ama a Deus*, vive isento do temor da morte.» No primeiro exemplo, o adjectivo conjunctivo, na fôrma invariavel *que*, faz o appellativo *homem*, seu termo antecedente, designar, por meio da proposição qualificativa *te procurou*, que elle liga, *uma pessoa certa e determinada*; no segundo, o adjectivo conjunctivo, na mesma fôrma, faz o referido appellativo, seu termo antecedente, designar, por meio da proposição qualificativa *ama a Deus*, que elle liga, *uma especie certa e determinada de homens*, isto é, *todos os homens que amam a Deus*.

*Adjectivo interrogativo* é o que determina o appellativo, seu termo subsequente, fazendo-o designar, por meio da proposição interrogativa que elle liga, uma ou mais pessoas ou cousas, desconhecidas pelo individuo que pergunta. Exemplos: «**Que** *menino é este?*» «**Que** *livros queres tu?*» No primeiro exemplo, o adjectivo interrogativo, na fôrma invariavel *que*, faz o appellativo *menino*, seu termo subsequente, designar, por meio da proposição interrogativa *menino é este?*, que elle liga, uma pessoa desconhecida pelo individuo que pergunta; no segundo, o adjectivo interrogativo, na mesma fôrma, faz o appellativo *livros*, seu termo subsequente, designar, por meio da proposição interrogativa *livros queres tu?*, que elle liga, algumas cousas desconhecidas pelo individuo que pergunta.

*Adjectivo numeral* é o que determina o appellativo, fazendo-o designar um numero certo de pessoas ou cousas.

Divide-se em *cardinal, ordinal e multiplicativo*.

*Numeral cardinal* é o que exprime simplesmente o numero.

Eis os numeraes cardinaes: *um, dous, tres, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove, dez, onze, doze, treze, quatorze, quinze, dezeseis, dezesete, dezoito, dezenove, vinte, vinte e um, vinte e dous. . ., trinta, quarenta, cincoenta, sessenta, setenta, oitenta, noventa, cem ou cento, cento e um. . ., duzentos, trezentos, quatrocentos, quinhentos, seiscentos, setecentos, oitocentos, novecentos, mil, mil e um. . ., mil cento e um. . ., mil e duzentos, mil duzentos e um. . ., dous mil, um milhão ou um conto de, um bilhão, etc.*

*Numeral ordinal* é o que exprime o numero por ordem.

Eis os numeraes ordinaes: *primeiro, segundo, terceiro, quarto, quinto, sexto, setimo, oitavo, nono, decimo, undecimo ou decimo primeiro, duodecimo ou decimo segundo, decimo terceiro. . ., vigesimo, trigesimo, quadragésimo, quinquagesimo, sexagesimo, septuagesimo, octogesimo, nonagesimo, centesimo, ducentesimo, trecentesimo, quadrigentesimo, quingentesimo, sexcentesimo, septingentesimo, octingentesimo, nongentesimo, millesimo, millionesimo, etc.*

*Numeral multiplicativo* é o que exprime o numero de vezes pelo qual é multiplicado o objecto designado pelo appellativo.

Eis os numeraes multiplicativos: *duplo, triplo, quadripulo, quintuplo, sextuplo, septuplo, octuplo, nonuplo, decuplo, centuplo, multiplo.*

*Adjectivo quantitativo*, que tambem se chama *numeral indefinido*, é o que determina o appellativo, fazendo-o designar uma quantidade indeterminada de pessoas ou cousas.

Eis os adjectivos quantitativos: *pouco* e os seus oppostos *bastante* e *muito*; *menos* e o seu opposto *mais*; *quanto* e o seu opposto *tanto*.

*Adjectivo possessivo* é o que determina o appellativo, indicando que o objecto certo é determinado, que faz o appellativo significar, pertence a alguma das pessoas

grammaticaes. Exemplo: «**Seu** livro, isto é, o *livro delle*, ou o *livro que lhe pertence*.»

Eis os adjectivos possessivos: *meu, teu, nosso, vosso, seu*.

## CAPITULO IV.

### VERBO.

*Verbo* é a palavra que exprime a affirmação, ou mostra que a qualidade convem ao sujeito: é por conseguinte o nexó ou copula que une o attributo ao sujeito. Exemplos: «*Deus é justo*.» «*Estudo*.» No primeiro exemplo, o verbo *é* mostra que a qualidade *de ser justo* convem ao sujeito *Deus*, ou que *Deus* tem, ou é dotado dessa qualidade; no segundo, o verbo *estudo* mostra que convem ao sujeito *eu* a qualidade *de ser estudante*, ou que *eu* tenho ou possuo, no momento em que falo, a *qualidade própria do estudante*, ou *de quem estuda*.

E' pois propriedade essencial ao verbo, ou propriedade pela qual esta palavra se distingue de todas as outras, o *exprimir a affirmação*, isto é, a *relação de conveniencia entre a qualidade, ou idéa accessoria, e a substancia ou idéa principal*; isto, quer a proposição seja affirmativa, quer negativa, como se vê nos seguintes exemplos: «*Deus é eterno*.» «*Deus não é injusto*.» No primeiro caso, o verbo *é* mostra que a qualidade *de ser eterno* convem ao sujeito *Deus*; no segundo, o verbo *é* mostra igualmente que a qualidade *de não ser injusto* convem ao mesmo sujeito *Deus*.

Todo o juízo é affirmativo. O seu enunciado ou a proposição é que pode tomar a forma negativa. Haveria juízos negativos, si a negativa affectasse o verbo ou a affirmação. Affectando porem o attributo, só ha juízos affirmativos; o que se prova com o facto de se poder resolver toda a proposição negativa em affirmativa: «*Deus não é injusto*.» vale o mesmo que «*Deus é justo*.» Em inglez prova-se isto materialmente, por ser da indole dessa lingua estar sempre a negativa immediatamente junta ao attributo, modificando-o: «*The hat is not large*.»

O verbo, ou está separado do attributo, ou forma com elle uma só palavra. Dahi sua divisão em *verbo substantivo* e *verbo adjectivo* ou *attributivo*.

*Verbo substantivo* é o verbo que exprime a affirmação, separado do attributo. Só ha um que é o verbo *ser*.



*Verbo attributivo* ou *adjectivo* é o verbo substantivo formando uma só palavra com o attributo grammatical, como **amar**, que é o mesmo que *ser amante*; **mover**, *ser movente*; **pedir**, *ser pedinte*.

Todo o *verbo attributivo* ou *adjectivo* pois consta de duas partes: o *radical* e a *terminação*, que são fórmulas mutiladas, aquelle do attributo, e esta do verbo substantivo, como se vê em **temer**, que é o equivalente de **temente** *ser*.

Este attributo é, ou um adjectivo com força do *participio presente latino*, ou do nosso *participio presente transitivo antiquado* em *ante*, *ente*, *inte*; ou um adjectivo de significação *absoluta*; ou um adjectivo *relativo*. Dahi a divisão do verbo attributivo em *transitivo*, *intransitivo*, *relativo*.

*Verbo transitivo* é o verbo adjectivo que, em razão do attributo nelle incluído, exprime a acção do sujeito, passando-a para um objecto, ou pedindo um complemento directo ou objectivo.

O objecto do verbo transitivo, ou é um sujeito diverso, ou o mesmo sujeito: dahi sua subdivisão em *proprio*, *reflexivo*, *pronominal reflexo*.

*Verbo transitivo proprio*, também chamado *activo*, é o que tem, por complemento directo ou objectivo, um nome, pronome, parte da oração substantivada ou oração, que representa sujeito diverso. Exemplos: «Pedro **estuda** a grammatica.» «**Visita-me** sempre.» «Elle **dava** uns ais de cortar o coração.» «**Desejo** aprender as artes e sciencias, para ser instruído.»

*Verbo reflexivo* é o que tem accidentalmente, por complemento directo ou objectivo, um pronome pessoal que representa o mesmo sujeito. Exemplo: «Pedro **feriu-se**.»

*Verbo pronominal reflexo* é o que tem habitualmente, por complemento directo ou objectivo, um pronome pessoal que representa o mesmo sujeito. Exemplo: «Eu não **me queixo**.»

*Verbo intransitivo*, também chamado *neutro*, é o verbo adjectivo que, em razão do attributo nelle incluído,

exprime a acção do sujeito de um modo absoluto, isto é, sem passa-la para um objecto, ou sem pedir complemento algum. Exemplo: «O sol **brilha**.»

*Verbo relativo* é o verbo adjectivo que, em razão do attributo nelle incluído, exprime a acção do sujeito de um modo relativo, ou pedindo um complemento terminativo ou indirecto, isto é, um termo de relação da acção exercida pelo sujeito. Exemplo: «O sacerdote **usa** de vestes tálares.»

O verbo adjectivo, quando derivado, pode chamar-se ainda *denominativo*, *imitativo*, *frequentativo*, *inchoativo*, *augmentativo*, *diminutivo*, *negativo*.

*Verbo denominativo* é aquelle cuja acção exprime um certo uso da cousa indicada pelo nome de que é derivado: **aguihoar**, ferir com *aguihão*.

*Verbo imitativo* é aquelle cuja acção imita um estado inherente ao objecto designado pelo nome de que vem: **abespinhar-se**, assanhar-se como a *vespa*.

*Verbo frequentativo* ou *iterativo* é aquelle cuja acção se repete muitas vezes: **bracejar**, mover, dar com os braços.

Os verbos frequentativos que temos, não satisfazem a todas as necessidades da lingua. Suppre-se a sua falta, formando-se uma especie de verbo composto com os verbos *estar*, *ficar*, *andar*, *ir*, *vir*, etc., e o gerundio dos outros verbos: **estar orando**, **ficar esperando**, **andar viajando**, **ir subindo**, **vir descendo**; ou ainda com o gerundio proprio, quando o verbo que com elle se combina, exprime movimento: **andar andando**, **ir indo**, **vir vindo**.

Esta especie de verbo composto pode ser *transitivo proprio*, *reflexivo*, *pronominal reflexo*, *intransitivo* ou *relativo*, segundo a natureza da significação do gerundio com que se compõe. Exemplos: “*Estou escrevendo cartas.*” “*Vou me exercitando.*” “*Veio se queizando.*” “*Ficou expirando.*” “*Andou usando de banhos.*”

*Verbo inchoativo* é aquelle cuja acção designa que começa a existir a cousa significada pela palavra primitiva que lhe serve de origem: **alvorecer**, começar a apparecer o *alvor* ou a *alva* da manhan; **adormecer**, começar a *dormir*.

*Verbo augmentativo* é aquelle que, com augmento ou repetição, indica a mesma acção do verbo, seu primitivo: **batucar**, *bater muito*; **recontar**, *contar de novo*.

A particula *re*, que dá aos verbos o sentido reduplicativo, não é de uso muito frequente em portuguez. Exprime-se, as mais das vezes, o sentido reduplicativo pela circumlocução *tornar a*. Assim, em lugar de se dizer *redar* que não está em uso, diz-se *tornar a dar*.

*Verbo diminutivo* é aquelle que exprime, com diminuição, a mesma acção do seu primitivo: **beberriear**, *beber a miúdo e pouco de cada vez*.

*Verbo negativo* é o que denota uma acção opposta á que é expressa pelo verbo que, junto á preposição *des*, dá logar á sua formação: **desdizer**, *dizer o contrario do que se havia dito*.

## CAPITULO V.

### PREPOSIÇÃO.

*Preposição* é uma parte invariavel da oração, que liga complementos ao sujeito ou ao attributo. Exemplo: «*O filho **de** João, si bem seja *propenso á ira*, não *gosta de contendás*.*» Como se vê deste exemplo, o complemento restrictivo **de João** está ligado ao sujeito *o filho* pela preposição *de*; o complemento terminativo **á ira**, ao attributo *propenso* pela preposição *a*; e o complemento, tambem terminativo, **de contendás**, ao attributo incluído no verbo *gosta* pela mesma preposição *de*.

Eis as principaes preposições: *a, abaixo de, acerca de, adiante de, afora, acima de, além de, ante, antes de, após, a quem de, até, atrás de, com, conforme, contra, de, diante de, dentro de, des, desde, durante, em, em baixo de, em cima de, entre, excepto, fora de, junto de, não obstante, para, para com, per, perante, perto de, por, por baixo de, por cima de, por diante de, por dentro de, por detrás de, por entre, por fora de, por junto de, segundo, sem, sob, sobre*.

Quando a preposição é composta, como *alem de*, *por entre*, chama-se *locução prepositiva*.

## CAPITULO VI.

### ADVERBIO.

*Adverbio* é uma parte invariavel da oração, que modifica o nome adjectivo, ou o attributo incluído ou não no verbo, accrescentando-lhe alguma circumstancia, ou fazendo-o exprimir os diversos graus, variantes ou mutações da qualidade. Exemplos: «És **pouco eloquente**.» isto é «És *eloquente em pouca quantidade*.» «*Temo muito* a Deus.» isto é «Sou *temente em muita quantidade*, ou **muito temente** a Deus.»

O adverbio junto a outro adverbio, não lhe modifica a significação; mas sim, a do adjectivo de que se forma, ou do adjectivo por outro adverbio já modificado. Exemplo do adverbio modificando a significação do adjectivo de que se forma outro adverbio: «Estava **mui elegantemente** vestido.» isto é «Estava vestido *de modo mui elegante*.» Neste exemplo, como se vê do complemento circumstancial *de modo mui elegante*, em que resolvemos *elegantemente*, está **mui** modificando a significação do adjectivo *elegante*, de que se forma aquelle adverbio. Exemplo do adverbio modificando a significação do adjectivo, já modificada por outro adverbio: «Os Santos, **quanto mais santos, tanto menos fiam** de si (FREI LUIZ DE SOUZA).» Neste exemplo, a significação do adjectivo *santos*, já encarecida pelo adverbio *mais*, passa ainda a se-lo pelo adverbio *quanto*; assim tambem a significação do attributo *fiantes*, incluído no verbo *fiam*, já encarecida pelo adverbio *menos*, passa ainda a se-lo pelo adverbio *tanto*.

Pode tambem o substantivo vir acompanhado de adverbio, sem constituir isso uma excepção á exclusiva propriedade que lhe reconhecemos, de *modificar sempre a significação de um adjectivo qualificativo*; porque, si é o substantivo um appellativo, sem artigo, faz elle as vezes de verdadeiro adjectivo qualificativo, como se vê neste exemplo: «Eras tu **bem menino**, quando encetaste o estudo de primeiras letras.» isto é «Eras tu **bem pequeno**, etc.»; si é, ou um appellativo precedido de algum determinativo, ou um nome proprio, deve-se subentender um adjectivo qualificativo, como se vê dos seguintes exemplos: «*Uma vida assim*, quizera eu ter.» isto é «*Uma vida passada assim*, ou *passada deste modo*, etc.» «**Unicamente** Colombo se obstinava em crer no descobrimento de um novo mundo.» isto é «*Colombo unicamente considerado*, ou *considerado de um modo unico*, etc.»

Como se vê dos exemplos produzidos, tem o adverbio por equivalente um complemento circumstancial, ou uma preposição com o seu complemento, em que se pode sempre resolver; pelo que exprime todas as circumstancias expressas pelos complementos das preposições.

Exemplos de alguns adverbios:

De modo—*assim, como, quasi, bem, mal.*

De tempo—*hoje, hontem, amanha, logo.*

De ordem—*primeiramente, secundariamente.*

De quantidade—*muito, pouco, assás, mais.*

De afirmar—*sim, devêras, certamente.*

De negar—*não, nunca, jamais.*

De interrogar—*como?, porque?, quando?, onde?.*

De logar—*aqui, ahi, alli, cá, lá, acolá.*

De duvida—*talvez, quiçá* (antiquado).

De exclusão—*só, somente, apenas, unicamente.*

O adverbio, em cuja composição entra o adjectivo qualificativo, ou que d'elle se forma, admite tambem graus de significação, como o adjectivo que o compõe, ou donde vem, segundo se vê em *elegantemente*, positivo; *mais elegantemente*, comparativo; *elegantissimamente* ou *muito elegantemente*, superlativo: e em *às escondidas*, positivo; *mais ds escondidas*, comparativo; *muito às escondidas*, superlativo.

Quando o adverbio é composto, como *às pressas*, *por ventura*, chama-se *locução adverbial*.

## CAPITULO VII.

### CONJUNÇÃO.

*Conjunção* é uma parte invariavel da oração, que, para formar um corpo de discurso, ou liga palavras, proposições ou periodos a outros termos da mesma especie, approximando-os simplesmente; ou liga só uma proposição a outra, subordinando a segunda á primeira. Dahi duas

classes de conjunções:—*conjunções de aproximação* e *conjunções de subordinação*.

§ 1.º

*Conjunções de aproximação.*

Chama-se *conjunção de aproximação* a que liga uma palavra a outra, uma proposição a outra, um periodo a outro, sem fazer do primeiro termo depender o segundo, nem exercer neste influencia alguma. Exemplos: «*Paulo e Virginia* amaram-se muito.» «*Chegou hontem e partiu hoje.*» «A indulgencia e a affabilidade são virtudes *que custam pouco, mas que produzem muito.*» «*Todos sabemos que a morte é consequencia inevitavel á natureza humana. Entretanto não nos preparamos para ella que quasi sempre nos apanha despercebidos.*» Nestes exemplos, não faz a conjunção de aproximação termo algum dependente de outro, nem exerce nelles influencia alguma; pois no primeiro aproxima simplesmente a palavra *Virginia* á palavra *Paulo*; no segundo, a absoluta aproximada *partiu hoje* á principal *chegou hontem*; no terceiro, a subordinada circumstantial qualificativa *que produzem muito* á da mesma especie *que custam pouco*; no quarto, o periodo *Não nos preparamos* etc. ao periodo *Todos sabemos* etc.

A conjunção de aproximação subdivide-se em *copulativa*, *disjunctiva*, *continuativa*, *adversativa*, *conclusiva*, *explicativa*.

A *copulativa* une os termos, sem lhes accrescentar idéa alguma particular, alem da que resulta da simples ligação. Taes são: *e*, *e bem assim*, *não só... mas tambem*, *nem*, *tambem*.

A *disjunctiva* ou *alternativa* ata os termos, e separa as idéas. Taes são: *já... já*, *nem... nem*, *ou* (repetida ou não), *ora... ora*, *quando... quando*, *quer... quer*, *seja... seja*, *si... si*.

A *continuativa* ou *transitiva* marca a passagem ou transição de um sentido para outro. Taes são: *dahi, depois, entretanto, neste comenos, neste interim, nestes entretimentos, no emtanto, ora, outrosim, pois.*

A *adversativa* põe um termo em opposição com outro. Taes são: *comtudo, mas, porem, sinão* (significando *mas*), *todavia.*

A *conclusiva* ou *illativa* serve para fazer tirar uma inducção, conclusão ou consequencia do termo ou termos antecedentes. Taes são: *assim, consequintemente, emfim, finalmente, logo, pelo que, pois* (pospositiva), *por consequinte, porisso, poronde, portanto.*

A *explicativa* liga termos que explicam, desenvolvem ou exemplificam aquelle a que se approximam. Taes são: *a saber, assim como, como, isto é, ou, por exemplo, verbi gratia.*

## § 2.º

### *Conjunções de Subordinação.*

Chama-se *conjunção de subordinação* a que, influindo ou não no modo do verbo, liga só proposições, subordinando-as a outras, ou como meras circumstancias, ou como partes essenciaes. Exemplos: «**Em quanto** fores feliz, contarás muitos amigos.» «Supponho **que** serás mais feliz nesta empresa.» No primeiro exemplo, a conjunção *em quanto* não só subordina a proposição *fores feliz* á principal *contarás muitos amigos*, accrescentando-lhe uma circumstancia de tempo, mas influe-lhe ainda no modo do verbo, levando-o ao conjunctivo; no segundo, a conjunção *que* subordina a proposição *serás mais feliz nesta empresa* á principal *supponho*, como complemento objectivo della, e portanto, como parte essencial, sem influir-lhe no modo do verbo.

Dahi a divisão da conjunção de subordinação em *circumstancial* e *subjunctiva.*

SECÇÃO 1.<sup>a</sup>

*Conjunção de Subordinação Circumstantial.*

*Conjunção de subordinação circumstantial* é a que liga a proposição subordinada circumstantial conjuncional á proposição por esta modificada.

Subdivide-se esta especie de conjunção em *temporal*, *condicional*, *concessiva*, *causal*, *final* e *modal*.

A *temporal*, tambem chamada *periodica* ou *circumstantial propriamente dita*, é o liame da proposição conjuncional que modifica o facto por outra enunciado, accrescentando-lhe uma circumstancia de tempo. Taes são: *antes que*, *apenas*, *assim que*, *até que*, *como*, *depois que*, *desde que*, *em quanto*, *entretanto que*, *logo que*, *mal*, *mal que*, *quando*, *sempre que*, *sinão quando*, *tanto que*.

A *condicional* é o liame da proposição conjuncional que modifica o facto por outra enunciado, exprimindo uma condição. Taes são: *como*, *com tanto que*, *desde que*, *excepto si*, *quando*, *salvo si*, *sem que*, *si*, *sinão*, *uma vez que*.

A *concessiva* ou *hypothetica* é o liame da proposição conjuncional que modifica o facto por outra enunciado, exprimindo uma concessão ou hypothese. Taes são: *ainda quando*, *ainda que*, *apezar de que*, *bem que*, *como quer que*, *como si*, *com quanto*, *dado que*, *dado o caso que*, *dando de barato que*, *embora*, *em que* (antiquada), *mesmo que*, *nem que*, *por mais que*, *por maior que*, *por muito que*, *posto que*, *quando* (significando *ainda que*), *quando mesmo*, *si bem que*, *supposto que*.

A *causal* é o liame da proposição conjuncional que modifica o facto por outra enunciado, accrescentando-lhe a circumstancia de causa. Taes são: *cá* (antiquada), *como*, *já que*, *pois*, *pois que*, *pelo muito que*, *por quanto*, *porque*, *que* (significando *porque*), *sendo que*, *uma vez que*, *visto como*, *visto que*.

A *final* é o liame da proposição conjuncional que modifica o facto por outra enunciado, accrescentando-lhe



a circumstancia de fim. Taes são: *afim de que, de medo que, paraque, porque* (significando *paraque*).

A *modal* é o liame da proposição conjunccional que modifica o facto por outra enunciado, accrescentando-lhe a circumstancia de modo. Taes são: *á medida que, ao passo que, á proporção que, assim como, bem como, como, como que, conforme, de fôrma que, de maneira que, de modo que, de sorte que, segundo, sem que*.

#### SECÇÃO 2.<sup>a</sup>

##### *Conjunção de Subordinação Subjunctiva.*

*Conjunção de subordinação subjunctiva* é a que liga a proposição subordinada integrante subjunctiva á proposição de que é dependencia. Taes são: *que*, as suas compostas *a que, em que, de que, do que, com que; como*, as suas compostas *em como, de como; quando, quão, si*.

Quando a conjunção é composta, como *antes que, posto que*, chama-se *locução conjunctiva*.

#### CAPITULO VIII.

##### INTERJEIÇÃO.

*Interjeição* é uma parte invariavel da oração, curta e viva, com que se exprimem os sentimentos subitos da alma.

Eis as principaes *interjeições*: de dor — *ai, ai de mim, ai Jesus*; de prazer — *ah, oh, viva, bello*; de admiração — *ah!, oh!, hui!, irra!*; de susto — *Jesus, ai*; de animação — *eia, ora, sus, animo, bravo, avante, vamos*; de chamar — *ó, olá, psiu!*; de impor silencio — *chiton, tá, silencio*; de exprimir desejo — *oxalá, oh*; de indignação — *apre, fôra, fôra daqui*.

Toda a interjeição é uma *proposição implicita*, isto é, uma proposição que, sem ter os seus termos expres-

sos, os encerra entretanto em si; pelo que *clá* é o mesmo que *vem cá*, ou *estou te chamando*; *ai*, o mesmo que *quanta* ou *que dor sinto*.

Quando a interjeição é composta, como *ai de mim*, *ora sus*, chama-se *locução interjectiva*.

## CAPITULO IX.

### OUTRAS CLASSES OU FAMILIAS DE PALAVRAS.

Dividem-se ainda as palavras em tres classes ou familias, conforme a analogia do *som*, *fórma* ou *sentido*. que teem entre si: 1.<sup>a</sup> *familia phonica*; 2.<sup>a</sup> *familia morphica*; 3.<sup>a</sup> *familia ideologica*.

A *familia phonica* compõe-se de palavras que teem analogia phonica ou graphica. Taes são as *palavras homonymas*, *homophonas*, *homographas* e *paronyms*.

*Palavras homonyms* são as que se pronunciam e escrevem do mesmo modo: *livro* (substantivo), *livro* (verbo).

*Palavras homophonas* são as que teem a mesma pronuncia, porem graphia differente: *essa* (substantivo), *essa* (adjectivo).

*Palavras homographas* são as que teem identica orthographia, mas diversa accentuação: *sábia* (adjectivo), *sabía* (verbo), *sabiá* (substantivo).

*Palavras paronyms* são as que teem pronuncia e orthographia quasi semelhantes: *matilha*, *mantilha*.

A *familia morphica* consta das *palavras cognatas*.

*Palavras cognatas* são aquellas que teem raiz ou radical commum.

Dividem-se em *proximas* e *remotas*.

São *proximas*, quando a raiz ou radical é perfeitamente igual: **amor**, **amante**, **amador**, **amavel**, etc.

São *remotas*, quando a raiz ou radical apresenta modificações, mais ou menos accentuadas: **confecção**, **officio**, **facto**, **effeito**.

A *família ideologica* comprehende as *palavras mononymas, synonymas, polynonymas* e *antonymas*.

*Palavras mononymas* são as que teem uma só significação: *paul, plaga*.

*Palavras synonymas* são as que teem significação identica ou mais ou menos semelhante: *avaro, avarento; inimigo, adversario, desaffectedo*.

*Palavras polynonymas* são as que teem muitas significações: *luz, pé*.

*Palavras antonymas* são as que exprimem idéas oppostas ou antagonicas: *amor, odio*.

## TITULO SEGUNDO.

### ORGANOGRAPHIA.

*Organographia* é a descripção dos órgãos dos vocabulos.

*Órgão* de um vocabulo é qualquer parte delle, que exerce uma funcção, ou tem um sentido.

Na estrutura da palavra *semideuses*, descobre a analyse tres órgãos: a raiz —*deus*—, nome do ente supremo, que designa a idéa principal; o prefixo —*semi*—, que a restringe pela idéa accessoria de metade ou meio; e a terminação —*es*—, que a modifica pela idéa, tambem accessoria, de pluralidade.

Divide-se a organographia em *flexionismo* e *etymologia*.

## CAPITULO I.

### FLEXIONISMO.

*Flexionismo* é a doutrina das *flexões*.

Esta parte da organographia tambem é conhecida por *kamponomia, ptoseonomia* e *flexiologia*.

*Flexão* é a propriedade que teem os vocabulos de mudar de terminação, para exprimirem variações de sentido.

Na palavra subordinada á flexão ou variavel, distinguem-se dous órgãos ou elementos morphologicos: o *thema* e a *terminação*.

*Thema* ou *radical* é a parte invariavel da palavra inflexa, modificada pela terminação. Em *cantar*, *contradizer*, os themas são *cant*, *contradiz*.

Todo o thema encerra uma noção vaga, isto é, uma *significação generica* ou *radical*.

Chamam tambem *raiz* ao thema ou radical; ha porem entre esses órgãos grande differença.

*Raiz* é o elemento mais simples da palavra, resistindo a qualquer decomposição analytica, que encerra a idéa matriz. Em *respeitavel*, em que facilmente se distingue o verbo *respeitar* e a terminação *vel*, si eliminarmos o prefixo *re*, teremos *speitar* de *spectare*, que remonta ao verbo latino *specere* (ver, olhar), formado da terminação *cre*, e da parte invariavel *spec*, que se encontra em todas as linguas indo-européas.

Dentro do dominio de uma lingua é este o unico criterio que pode servir de base ao conceito de *raiz*. E' claro porem que, em um sentido mais lato e com referencia, não a uma lingua, mas á totalidade das linguas que constituem uma familia, a palavra *raiz* indica a fórma hypothetica donde decorreu uma serie de vocábulos que teem entre si afinidade material e de sentido, mais ou menos definida e explicita. As raizes, neste caso, representam o resultado de induções theoricas, apoiadas na analyse comparativa dos idiomas; e o seu estudo constitue o que se pode chamar *ctymologia transcendente*, que está fóra dos limites dos factos observados.

O *thema*, ou é a raiz em sua pureza, como *am* de **amar**; ou é formado da raiz modificada por um prefixo, como *prefaz* de **prefazer**; ou é constituido pela raiz alterada, como se vê em *faço*, **fizesse**, cujas raizes *faç*, *fiz* são a raiz primitiva *fac* de **facere**, alterada.

Nas linguas modernas, analyticas, é de pouca importancia o estudo das raizes e fórmulas thematicas, ao envez das linguas syntheticas, como o sanscrito, o grego e o latino.

No portuguez, em consequencia dos varios elementos historicos (latino, grego, celtico, germanico, phenicio, arabe, hebraico, africano, tupi, etc.), é difficil a determinação sincera e criteriosa de todas as raizes, e ás vezes por ventura impossivel. Só se podem determinar com segurança as gregas, as latinas, as germanicas e algumas celticas.

*Terminação* ou *desinencia* é a parte variavel da palavra inflexa, que modifica a idéa expressa pelo thema, como se vê em *entender*, *entendo*, *entendia*, que teem por desinencias *er*, *o*, *ia*.

Ha duas especies de flexão:

*Flexão nominal* ou flexão do substantivo, pronome e adjectivo.

*Flexão do verbo* ou conjugação.

§ 1.º

*Flexão do Substantivo.*

A *flexão do nome* marca o *genero*, o *numero* e o *grau* do substantivo.

Entre os gregos e os romanos, a terminação dos nomes variava também, para mostrar a função que desempenham na phrase. Em "*Amo Deum*." por exemplo, a desinencia *um* do accusativo *Deum* significa que o nome *Deus* é o complemento objectivo do verbo *amo*. Estas terminações chamam-se *casos*, (do latim *casus*, queda). Assim entendidos, são os casos uma propriedade commum a quasi todas as linguas antigas, e a muitas das modernas, da familia aryana, como o allemão e as linguas slavas. Elles porem desapareceram das linguas romanicas, assim como do inglez, em que se conhece apenas uma especie de genitivo assignalado pela addição de um *s* ao radical do nome; e isto por effeito da tendencia analytica, já intensa no latim barbaro, a qual foi substituindo as flexões dos casos pelo uso multiplicado de preposições. Todavia é incontestavel que temos uma declinação nos pronomes, pois que distinguimos nelles, por fórmás differentes, o sujeito e os complementos; e que, mesmo nos substantivos, se distinguem vestígios dos casos latinos.

NOMINATIVO—O expoente proprio deste caso, que representava o sujeito, era o suffixo originario *s*. O latim classico já o tinha perdido em um grande numero de nomes, como *hora*, *puer*, *vir*. Na linguagem popular de Roma, este facto era ainda mais geral, como provam as inscrições do tempo dos ultimos imperadores.

Desse expoente do nominativo ainda conservam vestígios *Deus*, *Jesus*, *simples*, e muitos nomes proprios de origem litteraria, como *Boreas*, *Matheus*, *Moysés*, *Venus*.

Alem disto muitos nomes proprios, sem a caracteristica do nominativo, por conservarem a mesma fórmula deste caso em latim, são delle verdadeiros vestígios. Eis alguns exemplos: *Apollo*, *Carthago*, *Cicero*, *Cupido*, *Juno*, *Nero*.

Ha alguns nomes que se sabe terem vindo do nominativo, pela accentuação que conservam. Exemplos: *sór* de *sóror*, *oris*; *sérpe* de *sérpens*, *entis*.

GENITIVO—Desde o periodo classico começou o genitivo a ser substituído pelo ablativo com a preposição *de*: «*persona de mimo* (Cicero).» Nos monumentos authenticos do baixo latim, esse uso era geral. Dahi os poucos vestígios morphicos deste caso no dominio romanico e principalmente no portuguez. Eis alguns specimens: *aqueducto* de *aguæ ductus*, *cabisbaixo* de *capitis bassus*, *condestavel* de *comes stabuli*, *cujo* de *cujus*.

A maior parte do pequeno numero dos vestígios do genitivo dá-se em termos compostos, de formação latina, como *jurisconsulto* de *juris consultus*, *legislação* de *legislationem*, *plebiscito* de *plebis scitus*, *senatusconsulto* de *senatus consultus*; ou em termos de formação erudita, como *mappa-mundi*, *petroleo* de *petræ-oleum*.

Do genitivo-plural apenas temos diminutos vestígios em substantivos de transcrição erudita, como *triumviros* de *trium* e *viro*s, *duumviros* de *duum* (*duorum*) e *viro*s.

DATIVO—Quasi nenhuns são os vestígios deste caso, cuja flexão organica era imperfeita já no latim, por confundir-se com o locativo, genitivo, ablativo e instrumental. Nota-se a sua presença em alguns nomes compostos, como *devoto* de *deo votus* (dado a Deus); *fideicommisso* de *fidei commissus*.

ACCUSATIVO—O accusativo, a forma mais primitiva da declinação latina, foi o que desapareceu mais cedo, em consequencia da perda da consoante *m*, sua característica, perda que deu em resultado a sua confusão com o nominativo e o ablativo. *Servus* (nom.) e *servum* (accus.), pela queda das suas características *s* e *m*, transformaram-se em *servu*; e, como o *u* final latino tinha o som de *ô*, confundiram-se com o ablativo *servo*.

A queda do expoente *m* do accusativo remonta aos mais antigos documentos da lingua latina, e mais se foi generalizando no latim vulgar. Nos documentos em latim lusitano do seculo 8.º a 10.º, o accusativo já não tinha

valor casual. São frequentes a cada passo construcções como esta: «*cum filios meos.*»

Os principaes vestígios desse caso encontram-se em nomes derivados de substantivos latinos da terceira declinação, como *sabão* de *saponem*, *imagem* de *imaginem*, *tempo* de *tempus*.

VOCATIVO—Deste caso que era a repetição emphatica do nominativo, quasi nada nos ficou. Eis um dos seus raros vestígios:—*avemaria*.

ABLATIVO—Era o caso de maior emprego no latim, principalmente depois da perda do locativo e do instrumental; e, sendo o que mais relações representava, foi-lhe necessario o auxilio de certas preposições. São mais frequentes os seus vestígios em fórmulas adverbias, como *agora* de *hac hora*, *logo* de *loco*, *como* de *quomodo*, *bonamente* de *bonamente*.

#### SECÇÃO 1.ª

##### *Genero.*

Chama-se *genero do nome* a propriedade que tem o substantivo de indicar o sexo do individuo que significa.

Considerado o substantivo quanto ao genero, divide-se em *nome do genero masculino* e *nome do genero feminino*.

*Nome do genero masculino* é o que designa pessoa ou animal do sexo masculino: *Antonio*, *leão*.

*Nome do genero feminino* é o que designa pessoa ou animal do sexo feminino: *Antonia*, *leoa*.

Ha comtudo nomes de entes animados, que não teem esta propriedade. Taes são: os *nomes epícenos* ou *promiscuos* e os *communis de dous*.

Chamam-se *nomes epícenos* ou *promiscuos* os nomes que, sendo só masculinos ou só femininos, designam entretanto pessoas, animaes ou plantas, tanto do sexo masculino como do feminino: *conjuge*, *jacaré*, *mamoeiro*, que sempre são masculinos; e *sentinella*, *cobra*, *palmeira*, sempre femininos.

Chamam-se *nomes communs de dous* os nomes de ministerios, profissões ou officios, que são masculinos, si se referem ao homem; e femininos, si se referem á mulher: *espia, guarda, interprete*.

São *nomes communs de dous*:

1.º Os que terminam em *a*: o *capellista*, a *capellista*. Exceptuam-se *autocrata*, que faz no feminino *autocratriz*; *papa*, *papeza* ou *papiza*; *poeta*, *poetiza*; *propheta*, *prophetiza*.

2.º Os que terminam em *e*: o *artifice*, a *artifice*. Exceptuam-se *abbade*, que faz no feminino *abbadessa*; *alcaide*, *alcaidessa*; *alfaiate*, *alfaiata*; *archiduque*, *archiduqueza*; *conde*, *condessa*; *duque*, *duqueza*; *frade*, *freira*; *infante*, *infanta* (titulo); *mestre*, *mestra*; *monge*, *monja*; *presidente*, *presidenta*; *principe*, *princeza*; *sacerdote*, *sacerdotiza*; *visconde*, *viscondessa*.

Nesta especie de nomes, devemos classificar os appellidos de familia, que, sem mudar de terminação, denotam individuos de ambos os sexos, como *Peixoto, Cardoso*; pois dizemos igualmente o *Senhor* ou a *Senhora Peixoto*, o *Senhor* ou a *Senhora Cardoso*.

Nas linguas primitivas, era o sexo dos individuos indicado, por meio de substantivos differentes. Da lingua-mãe nos advieram os seguintes: *bode, cabra; boi, vacca; cão, cadella; carneiro, ovelha; cavallo, egua; compadre, comadre; dom* (titulo, de *dominus*), *dona; frei, soror; gamo, corça; genro, nora; homem, mulher; macho, mula; padraсто, madrasta; pae, mãe; padrinho, madrinha; rei, rainha; veado, cerva*.

Essa classe de nomes pertence em sua maior parte ao fundo primitivo da linguagem humana, e está por isso fora das regras da analogia.

Com o correr dos tempos, adoptaram as linguas o facil artificio de serem os sexos designados pelo mesmo substantivo, com a simples mudança da terminação.

Na lingua portugueza, mostram a differença do sexo, mudando de terminação:



1.º Os nomes acabados em *o*, que *o* mudam em *a*: *Julio*, *Julia*; *pambo*, *pomba*. Exceptuam-se *avô*, que faz *avó*; *diacono*, *diaconiza*; *gallo*, *gallinha*.

2.º Os acabados em *ão*, cujo plural se fórma em *ãos* ou *ães*, os quaes mudam sua desinencia em *an*; *irmão*, *irmão*; *orphão*, *orphan*; *charlatão* *charlatan*.

3.º Os acabados em *ão*, cujo plural se fórma em *ões*, os quaes mudam sua terminação em *ôa* ou *ana*: *leão*, *leoa*; *Sebastião*, *Sebastiana*. Exceptuam-se *barão*, que faz *baroneza*; *ladrão*, *ladra* ou *ladrona*; *perdigão*, *perdiz*.

4.º Os augmentativos acabados em *ão*, que mudam este diphthongo em *ona*: *mocetão*, *mocetona*.

5.º Os acabados em *im*, que mudam esta desinencia em *ina*: *Joaquim*, *Joaquina*; *Chrispim*, *Chrispina*. Exceptuam-se alguns nomes epícenos ou promiscuos: *affim*, *mucum*.

6.º Os acabados em *e*, que não são nomes de ministerios, profissões ou officios, os quaes tomam um *a*: *gigante*, *giganta*; *elephante*, *elephanta*. Este nome também tem o feminino *elephêa*.

7.º Os acabados no diphthongo *êu*, que *o* mudam em *êa*: *Irineu*, *Irinêa*; *atheu*, *athêa*.

8.º Dos acabados em *êu*, ha *co-rêu*, *herêu*, *rêu*, que fazem no feminino *co-ré*, *heré*, *ré*; *tabaréu*, *tabaréa* ou *tabarêa*.

9.º Os acabados em *u* accentuado, aos quaes se accrescenta *a*: *peru*, *perua*. Exceptuam-se *mu*, que faz no feminino *mula*, e alguns nomes epícenos ou promiscuos, como *jacu*, *tatu*.

10.º Os acabados em *l*, *r*, *z*, a que se junta *a*: *Raphael*, *Raphaêla*; *zagal*, *zagala*; *senhor*, *senhora*; *marquez*, *marqueza*. Exceptuam-se *pardal*, que faz *pardoca*; *actor*, *actriz*; *cantor*, *cantora*, *cantatriz* ou *cantarina*; *czar*, *czarina*; *embaixador*, *embaixatriz*; *imperador*, *imperatriz*; *prior*, *priora* ou *prioreza*; *rapaz*, *rapariga*; e *martyr*, que é commum de dous.

Até o século 16.º só tinham uma fórma em cada numero os nomes terminados em *or*: "Quanto mais que eu sou a *devedor* (Jorge Ferreira)."

11.º *Javali*, que faz *javalina*. Os mais nomes acabados em *i*, são epicenos: *jaboti*, *jacami*.

12.º *Heroe*, que faz *heroína*; e *deus*, *deusa* ou *déa*.

Ha tambem, na lingua portugueza, varios nomes que, não denotando sexo, teem comtudo duas terminações: *jarro*, *jarra*; *cesto*, *cesta*; *sacco*, *sacca*; *barco*, *barca*; etc. Estes nomes, na terminação feminina, exprimem o mesmo objecto que na masculina, porem com menos altura ou profundidade, e com mais ambito ou largura.

As vezes o masculino exprime a cousa simplesmente, e a fórma feminina accrescenta-lhe uma idéa de collectividade, como *marujo*, *maruja*; *grito*, *grita*.

Ha ainda substantivos semelhantes a outros na fórma, mas que não são congeneres, nem na significação, nem na etymologia. Eis alguns delles: *banho*, *banha*; *barro*, *barra*; *escolho*, *escolha*; *peito*, *peita*; *prato*, *prata*; *queixo*, *queixa*.

Quanto aos nomes invariaveis, si são epicenos ou promiscuos, sabe-se qual o sexo dos individuos que significam, juntando-se-lhes os adjectivos *macho* e *femea*, por este modo: o *jacaré macho*, o *jacaré femea*; o *macho da cobra*, etc.: si communs de dous, pelos substantivos e pronomes ou adjectivos biformes, que os acompanharem, como se vê destes exemplos: «*S. Sebastião* (ou *Santa Barbara*), *martyr* da fé, soffreu atrozes tormentos.» «*Elle* (ou *ella*) serve de *guia*.» «Que *bom* (ou *boa*) *interprete* és tu.»

Fundando-se a divisão do genero em masculino e feminino na distincção natural dos seres animados relativamente ao sexo, só deviam pertencer ao genero masculino os nomes de pessoas e animaes do sexo masculino, e ao feminino os nomes de pessoas e animaes do sexo feminino; todos os nomes de cousas inanimadas deviam ser do genero neutro.

A lingua ingleza é a unica que segue este caminho natural; por isso é nella a doutrina do genero dos nomes materia summamente facil, ao envez do que se dá nas outras.

Na lingua portugueza porem, foram classificados os nomes de cousas inanimadas, já no genero masculino, já no feminino, ou por analogia sexual, ou porque seguem

o genero da etymologia latina, ou porque teem desinencia analogia á de nomes derivados do latim, ou por indole propria da lingua.

Por analogia, são masculinos os nomes proprios de anjos, deuses falsos, heroes, ventos, montes, mares, rios, mezes, que a poesia, a pintura e a esculptura costumam a representar em figura de homem: *Gabriel, Jupiter, Enéas, Áquilo, Etna, Atlantico, Amazonas, Janeiro*.

São tambem, por analogia, femininos os nomes proprios de deusas falsas, nymphas, sereias, parcas, furias, harpias e outras figuras allegoricas, das virtudes e vicios, das sciencias, das artes liberaes e das cinco partes da terra, a que, na poesia, pintura e esculptura, dão a fórma de mulher: *Venus, Daphne, Caridade, Soberba, Jurisprudencia, Grammatica, America*.

São masculinos, porque o são em latim os nomes de que se derivam:

1.º Os que acabam em *o* (breve), vindos de nomes masculinos da segunda declinação, que formam o nominativo em *us*: *mundo* (de *mundus*, *i*), *anno* (de *annus*, *i*); ou de nomes da quarta declinação, que tambem formam o nominativo em *us*: *fruto* (de *fructus*, *us*), *riso* (de *risus*, *us*).

2.º Os que acabam na voz nasal *en*, derivados de nomes masculinos que teem no nominativo esta mesma terminação: *lichen* (de *lichen*, *énis*), *hymen* (de *hymen*, *énis*).

3.º Os que acabam por *im*, procedentes de nomes masculinos da terceira declinação em *inis*: *fim* (de *finis*, *is*), *confim* (de *confinis*, *is*).

4.º Os que acabam em *ão* (ão grave), que teem por etymologia substantivos masculinos da segunda declinação em *anus*: *rábão* (de *ráphanus*, *i*),

5.º Os que acabam em *ão* (ão agudo), que adveem de nomes masculinos da terceira declinação, que findam no nominativo em *o*: *carvão* (de *carbo*, *onis*), *sermão* (de *sermo*, *onis*).

6.º Os que acabam em *l*, ou *r*, que se derivam de nomes masculinos que teem iguaes desinencias: *sol* (de *sol*, *is*), *pavor* (de *pavor*, *óris*).

7.º Os que acabam em *s*, que procedem de nomes masculinos da terceira declinação, terminados do mesmo modo; *herpes* (de herpes, étis), *lapis* (de lapis, idis).

8.º Os monosyllabos *som*, *tom*, que veem de *sonus*, *tonus*.

O genero neutro latino, já a obliterar-se sob o Imperio, perdeu-se nas linguas romanicas, por virtude da decadencia do latim barbarisado pelos godos, e do character negativo e irracional distribuição de tal genero. Todavia conservamos ainda vestigios delle em *isto* (esto, ant.) de *istud*; *isso* (esso, ant.) de *ipsum*; *aquillo* (aquello, ant.) de *ecce-illud*; *tudo* de *totum*; *al* (ant.) de *aliud*; *algo* (ant.) de *aliquod*; *o* (pron. dem.) de *illud*.

Os nomes portuguezes que veem de nomes latinos do genero neutro, foram classificados, por via de regra, no genero masculino; pelo que são masculinos:

1.º Os terminados em *a* (breve), procedentes de nomes neutros da terceira declinação, que teem no nominativo esta mesma terminação: *enigma* (ænigma, atis), *poema* (de poema, atis).

2.º Os terminados em *e*, provenientes de outros nomes neutros da terceira declinação: *exame* (de examen, inis), *leite* (de lac, lactis).

3.º Os terminados em *o* (breve), derivados de nomes neutros da segunda declinação, que formam o nominativo em *um*: *reino* (de *reignum*, i), *segredo* (de *secretum*, i).

4.º Os terminados no som *en*, vindos de nomes neutros da terceira declinação, que acabam no nominativo nesta mesma desinencia: *certame* (de *certamen*, inis), *regime* (de *regimen*, inis.)

5.º Os terminados em *um*, procedentes de nomes neutros da segunda declinação, que teem aquella mesma desinencia: *album* (de *album*, i), *forum* (de *forum*, i),

6.º Os terminados em *ão* (ão grave), que teem por etymologia substantivos neutros da segunda declinação em *anum*: *orgão* (de *organum*, i).

7.º Os terminados em *ão* (ão agudo), resultantes de nomes neutros de qualquer declinação: *trovão* (de *tonitrum*, i), *verão* (de *ver*, eris e *anus*, i).

8.º Os terminados em *l* ou *r*, que se derivam de nomes neutros que teem iguaes desinencias: *fel* (de *fel*, *felis*), *nectar* (de *nectar*, *aris*).

9.º O monosyllabo *dom* (presente), que vem de *domum*, *i*.

São femininos, porque o *são* em latim os nomes de que são derivados:

1.º Os que teem por desinencia *a* (breve), que se derivam geralmente de nomes da primeira declinação, que também terminam em *a*: *patria* (de *patria*, *æ*), *vida* (de *vita*, *æ*). Incluem-se nestes nomes os derivados de nomes neutros, já da segunda, já da terceira declinação, que entraram na lingua portugueza, depois de passarem á primeira declinação latina, pela fórma do plural em *a*: *folha* (*folia* de *folium*, *ii*), *testemunha* (*testimonia* de *testimonium*, *ii*), *penhora* (*pignora* de *pignus*, *oris*). *obra* (*opera*, de *opus*, *eris*).

Exceptuam-se *cometa*, *dia*, *mappa*, *planeta*, que os nossos maiores arrolavam no genero feminino, por se guiarem somente pela terminação.

2.º Os que teem por desinencia *ie*, que passaram para a nossa lingua dos nomes da quinta declinação, cujo nominativo finda em *es*: *effigie* (de *effigies*, *ei*), *progenie* (de *progenies*, *ei*).

3.º Os que teem por desinencia *ão* (ão agudo), que procedem de nomes do genero feminino da terceira declinação, cujo nominativo acaba em *io* ou *do*: *lição* (de *lectio*, *onis*), *ocasião* (de *occasio*, *onis*); *multidão* (de *multitudo*, *inis*), *solidão* (de *solitudo*, *inis*).

4.º Os que teem por desinencia *z*, que veem de nomes do genero feminino da terceira declinação, que formam o nominativo em *x*: *paz* (de *pax*, *acis*), *raiz* (de *radix*, *ícis*); ou de nomes do mesmo genero e da mesma declinação, que formam o nominativo em *as*: *rigidez* (de *rigíditas*, *átis*), *solidez* (de *solíditas*, *átis*).

5.º Os que teem por desinencia *ade*, tomados dos nomes do genero feminino da terceira declinação, cuja

terminação do nominativo é *as*: *bandade* (de bónitas, átis), *piidade* (de píetas, átis).

6.º Os que teem por desinencia *gem*, que são oriundos de nomes do genero feminino da terceira declinação, com o nominativo terminado em *go*: *imagem* (de *imágo*, inis), *origem* (de *orígo*, inis).

Do seculo 14.º ao 17.º, os nomes em *agem* eram geralmente masculinos: *um imagem*, *um viagem*, *seu linhagem*.

7.º Os que teem por desinencia *an*, e que resultam de nomes da primeira declinação em *ana*: *lan* (de *lana*, æ), *avellan* (de *avellana*, æ).

Ha muitos nomes acabados em *e*, que proveem geralmente de nomes da terceira declinação, que são, como em latim, parte do genero masculino: *cespede* (de *cespes*, itis), *folle* (de *follis*, is); e parte do genero feminino: *base* (de *basis*, is), *torre* (de *turris* is).

As palavras importadas de linguas estrangeiras, conservam o genero das de que se originam: *um chope* (alt. allem. *schoppen*, masc.), *uma soirée*.

São masculinos, porque teem desinencia analoga á de nomes masculinos procedentes do latim, os que terminam em *o* (breve), *im*, *um*, *ão*, *l*, *r*, *s*, *z*, e que não teem origem latina: *coco*, *tacho*; *alferim*, *marfim*; *surtum*, *tecum*; *golfão*, *solão*; *bordão*, *padrão*; *mattagal*, *paiol*; *elixir*, *talher*; *arrás*, *pires*; *gaz*, *matiz*.

Dá-se o mesmo com os augmentativos em *ão*, ainda que os positivos sejam femininos: *barracão*, *casarão*.

São femininos, porque teem desinencia analoga, á de nomes femininos procedentes do latim, os que terminam em *a* (breve), *ez*, *gem*, e que não teem origem latina: *maca*, *sala*; *pallidez*, *sensatez*; *aragem*, *paragem*. Exceptua-se *trema*.

São masculinos, por indole propria da lingua:

1.º Os acabados em *á* (berto): *alvará*, *tafetá*. Exceptua-se *pá*, de origem latina.

2.º Os acabados em *e*, que não teem derivação latina: *achaque*, *leque*.

3.º Os acabados em *i*: *abacaxi*, *bisturi*.

4.º Os acabados em *ó* (aberto): *fricandó*, *mocotó*.  
Exceptuam-se *enxó*, *filhó*, *ilhó*, *mó*.

5.º Os acabados em *u*: *bahu*, *sagu*. Exceptua-se *tribui*, que foi masculino em latim.

6.º Os acabados em diphthongo oral: *breu*, *quinau*.  
Exceptuam-se *lei*, *grei*, *naui*.

7.º Os acabados no diphthongo nasal em (*ei*): *armazem*, *vintem*. Exceptuam-se *nuvem*, *ordem*.

São femininos, por indole propria da lingua, os que teem por terminação *ôr*, de uma só syllaba: *dor*, *côr*.

Muitos vocabulos mudaram de genero, quer na passagem do latim ou do grego para o portuguez, quer mesmo depois de já pertencerem ao nosso lexico. *Carvalho*, *cedro*, *roble*, as letras do alphabeto eram do genero feminino em latim; *cataplasma* era masculino em grego; ainda do seculo 16.º ao 18.º *pyramide*, *amethysta*, *saphira*, *hyperbole*, *catastrophe*, *alleluia*, etc. eram masculinos; e *epiphonema*, *enthymema*, *fim*, *cometa planeta*, *mappa*, etc., eram do genero feminino.

Alguns nomes, numa accepção, são masculinos; noutra, femininos. Eis exemplos delles: *cabeça* significando *parte do corpo*, é feminino; na accepção de *chefe*, é masculino: *capital* exprimindo *cidade principal*, é feminino; empregado para significar *fundos monetarios* ou *valores*, é masculino: *cura*, com a significação de *parochio*, é masculino; designando o *acto de curar*, é feminino: *espia*, na accepção de *corda*, é feminino; significando *vigia*, é commum de dous: *lente*, denotando *vidro de augmento*, é feminino; equivalendo a *professor*, é commum de dous: *recruta* tomado em *sentido colectivo*, é feminino; usado para designar os *individuos que constituem a recruta*, é masculino: *scisma*, si significa *dessidencia na unidade da igreja*, é masculino; si, *apprehensão de espirito*, é feminino: *sota* é feminino, quando significa *dama*, nas cartas de jogar; é masculino, empregado na significação de *indivíduo que boleia nas carruagens*: *trombeta*, *corneta*, *rabeca*, *flauta*, etc., servindo para nomear *instrumentos*, são femininos; nomeando porem os *individuos que os*

*toam*, são communs de dous: *vogal*, sendo *nome de letras*, é feminino; como designativo da *pessoa que tem voto em algum conselho*, é commun de dous.

## SECÇÃO 2.ª

### *Numero.*

Chama-se *numero do nome* a propriedade que tem o appellativo de designar, ou uma só pessoa ou cousa, ou mais de uma pessoa ou cousa.

Os nomes proprios não teem plural, porque designam uma só pessoa ou cousa, certa e determinada. Assim, quando dizemos *os Camões*, *os Vieiras*, fazem estes nomes o officio de verdadeiros appellativos, pois valem o mesmo que *os poetas*, como *Camões*; *os oradores*, como *Vieira*.

Considerado o nome appellativo ou commun quanto ao numero, divide-se em *nome do singular* e *nome do plural*.

E' *nome do singular* o que significa uma só pessoa ou cousa: *mãe*, *livro*.

E' *nome do plural* o que significa mais de uma pessoa ou cousa: *mães*, *livros*.

## I.

### *Formação do plural do appellativo.*

REGRA GERAL:—Forma-se o plural do appellativo, juntando-se-lhe um *s*.

O *s* é a característica do plural, desde a origem da lingua; e representa o plural do accusativo latino, caso que o portuguez mais tomou para typo geral dos substantivos, e que termina em *s* nas cinco declinações latinas, com excepção apenas dos nomes neutros.

### *Casos particulares desta regra.*

A junção da consoante *s* ao appellativo, para se-lhe formar o plural, faz-se de seis modos:



- 1.º Sem se dar nelle alteração alguma;
- 2.º Com troca da ultima letra;
- 3.º Com inserção da vogal *e*;
- 4.º Com supressão do *l* final;
- 5.º Com supressão do *l* final e inserção de *e*;
- 6.º Com supressão do *l* final e inserção de *i*.

PRIMEIRO CASO—Forma-se o plural do appellativo, juntando-se-lhe um *s*, sem se dar nelle alteração alguma, quando termina em vogal, na consoante *n*, em diphthongo oral e nos nasaes *ãe* e *ão*, quer grave, quer agudo: *livro*, *livros*; *joven*, *jovens*; *lei*, *leis*; *mãe*, *mães*; *orphão*, *orphãos*; *christão*, *christãos*. Exceptuam-se *ademan*, *canon*, que fazem no plural *ademanes*, *canones*; e muitos dos nomes acabados em *ão*, dos quaes parte muda no plural este diphthongo em *ães*: *pão*, *pães*; e parte em *ões*: *sermão*, *sermões*.

Os substantivos em *ão*, derivados do latim, formam o plural em *ãos*, *ães*, *ões*, conforme a sua derivação.

Formam-n-o em *ãos*, si o accusativo do plural dos nomes latinos de que veem, termina em *anos*: *christãos* de *christianos*, accus. do pl. de *christianus*.

Formam-n-o em *ães*, si o accusativo do plural dos nomes latinos de que veem, termina em *anes*: *pães* de *panes*, accus. do pl. de *panis*.

Formam-n-o em *ões*, si o accusativo do plural dos nomes latinos de que veem, termina em *ones*: *sermões* de *sermones*, accus. do pl. de *sermo*.

Sabendo-se que o *til* é um *n* abreviado que nasalisa a vogal sobre que está, os tres suffixos do plural *anos*, *anes*, *ones*, ficam naturalmente *ãos*, *ães*, *ões*.

Na linguagem antiga, até o seculo 15.º, a formação do plural dos nomes desta categoria não era tão incerta, porque havia duas fórmulas no singular, uma em *am* (pam. cam), que dava o plural em *ães* (pães, cães), e a outra em *om* (liçom, coração), que seguia o plural em *ões* (lições, corações). A confusão das fórmulas *am* e *om* em *ão*, é que produziu a difficuldade da formação do plural dos nomes acabados em *ão*.

Os que se não originam do latim, formam o plural em *ões*, desinencia a que sempre mais se affeiçoou o povo: *botões* (or. germ.), *limões* (or. ar.), *vagões* (or. ingl.).

SEGUNDO CASO—Forma-se o plural do appellativo, juntando-se-lhe um *s*, com troca da ultima letra em outra:

1.º Quando acaba por *em*, *im*, *om*, *um*, cujo *m* troca-se em *n*: *virgem*, *virgens*; *fin*, *fins*; *son*, *sons*; *jejun*, *jejuns*.

O plural destes nomes resulta de uma pequena alteração nas desinencias do accusativo do plural dos nomes latinos de que procedem. *Virgens* é corrupção de *virgines*, *fins*, de *finis*, etc.

2.º Quando acaba por *x*, o qual se troca em *ce*: *calix*, *calices*.

Estes nomes tem no plural a mesma forma dos seus correspondentes latinos.

Exceptuam-se os nomes, em que o *x* tem o som de *cs*: *coccix*, *helix*, *onix*, *pollex*, *silex*, *thorax*, que são invariaveis.

TERCEIRO CASO—Forma-se o plural do appellativo, juntando-se-lhe um *s*, com inserção da vogal *e*, quando sua terminação é *r* ou *z*: *ardor*, *ardores*; *noz*, *nozes*.

Taes nomes procedem em grande parte de nomes latinos da terceira declinação, de cujo accusativo conservam a desinencia intacta.

Tambem seguem esta regra os substantivos *Deus*, *cós*, que fazem no plural *deuses*, *coses*; exceptuando *simples*, na accepção de *ingrediente*, que faz no plural *simplices*, todos os mais nomes acabados em *s*, são invariaveis: *ourives*, *alferes*, *caes*, (caminho á borda do mar ou rios), *pires*, etc.

Os nomes terminados em *s*, tambem tinham no plural terminação consentanea com a do accusativo do plural dos nomes latinos da terceira declinação, pois diziam *os alfereses*, *os ouriveses*, *os caeses*, *os pireses*, etc.

QUARTO CASO—Forma-se o plural do appellativo, juntando-se-lhe um *s*, com suppressão do *l* final, quando termina em *il* (agudo): *edil*, *edis*.

QUINTO CASO—Forma-se o plural do appellativo, juntando-se-lhe um *s*, com suppressão do *l* final, e inserção de *e*, quando tem por desinencia *al*, *ol*, *ul*: *canal*, *canaes*; *sol*, *soes*; *paul*, *paues*. Exceptuam-se *mal*, *cal* (cano de telhado ou rua de jardim), *real* (unidade mo-

netaria do paiz), *consul*, que fazem no plural *males*, *cales*, *réis*, *consules*. *Real* (moeda hespanhola) faz *reales*.

SEXTO CASO—Forma-se o plural do appellativo, juntando-se-lhe um *s*, com suppressão do *l* final e inserção de *i*, quando finda em *él*, (agudo) ou *èl* (grave): *capitel*, *capiteis*; *nickel*, *nickeis*.

Os nomes terminados em *al*, *el*, *il*, *ol*, *ul*, formavam o plural, no portuguez antigo e medio, mui regularmente. São exemplos disto *corales*, *parcelles*, *aniles*, *arreboles*, *curules*. Destas fórmulas contrahidas pela queda da consoante medial *l*, originaram-se as actuaes—*coraes*, *parceis*, *anis*, *arreboes*, *curues*. Figuram ainda como amostra da flexão primitiva—*males*, *cales*, *rcales*, *consules*.

Conta a lingua portugueza grande numero de substantivos acabados em *o*, que no plural mudam o *ô* (fechado) da penultima syllaba em *ó* (aberto): *côro*, *córos*; *fôrro*, *fórrros*.

Os nomes de procedencia estrangeira, que conservam a mesma fórma das linguas de que veem, ou que não adoptaram fórma verdadeiramente nacional, seguem a regra geral na formação do plural, como se vê nestes exemplos: *deficits*, *hurrahs*, *post-scriptums*, *te-deums*, *requiems*, *tramways*.

## II

### *Formação do plural dos nomes compostos.*

O plural dos nomes compostos não se fórma sempre da mesma maneira.

Os nomes compostos de palavras que se ligam, alteradas em sua fórma, ou sem se discriminarem pelo hyphen, tomam o signal do plural só no fim: *fidalgo*, formado de *filho de algo*, que faz no plural *fidalgos*; *pontapé*, *pontapés*.

Os nomes compostos de duas palavras que se ligam, discriminadas pelo hyphen, ou são invariaveis, ou formam o plural, juntando-se a ambos os termos componentes, ou somente ao ultimo a consoante *s*, segundo a natureza e o sentido particular dellês.

São invariáveis os nomes compostos, em cuja formação entram substantivos do plùral: *papa-jantares*, *aguas-furtadas*, que só se usam no plural; e os que se compõem de um verbo e de um adverbio, ou de verbos diferentes: *pisa-mansinho*, *ganha-perde*, que se usam só no singular.

Formam o plural, juntando-se a ambos os termos componentes a consoante *s*, os nomes compostos, ou de dous substantivos, ou de um substantivo e de um adjectivo, ou de um adjectivo e de um substantivo, ou de um mesmo verbo repetido: *couve-flor*, *couves-flores*; *amor-perfeito*, *amores-perfeitos*; *salvo-conducto*, *salvos-conductos*; *ruge-ruge*, *ruges-ruges*.

Formam o plural, juntando-se somente ao ultimo termo componente a consoante *s*, os nomes compostos, ou de um adverbio e de um adjectivo, ou de um substantivo junto a um verbo, preposição ou a certos prefixos derivados do grego e do latim: *sempre-viva*, *sempre-vivas*; *guarda-portão*, *guarda-portões*; *ante-sala*, *antesalas*; *pseudo-propheta*, *pseudo-prophetas*; *ex-director*, *ex-directores*.

Os nomes que se compõem de tres palavras, sem se alterar o material dellas, ou são invariáveis: *bemmequeres* (nome de uma flor); ou formam o plural, juntando-se a letra *s* ao ultimo termo componente: *bemtevi*, *bemtevis*; *malmequer*, *malmequeres*.

### III

#### *Nomes defectivos em numero.*

Os *appellativos defectivos em numero*, ou teem só singular, ou só plural.

Tem só singular:

1.º Os nomes de sciencias e artes, quando tomados individualmente: *geographia*, *musica*.

Si dissermos *as geographias*, *as musicas*, referimo-nos a differentes tratados deste genero. O substantivo *mathematica* emprega-se tanto no singular como no plural.

2.º Os nomes de religiões, seitas e partidos ou facções politicas: *christianismo*, *lutheranismo*, *opportunismo*, *nihilismo*

3.º Os nomes de metaes: *ouro*, *prata*.

Quando significam objectos delles fabricados, teem plural: *os ouros*, *as pratas*, *os nickeis*.

4.º Os nomes de productos animaes ou vegetaes: *leite*, *assucar*.

Pluralisam-se em linguagem commercial, quando se quer especificar as varias qualidades: *as sedas*, *os trigos*. Os antigos diziam — *meles* ou *meis*, *arrozes*, *azcites*, *leites*.

5.º Os nomes de ventos: *norte*, *sul*.

Usam-se somente no plural, quando os ventos reinam por tempo mais ou menos dilatado: *as brizas*, *os nordestes*.

6.º Os nomes de virtudes e vicios: *caridade*, *embriaguez*.

Quando dizemos *as caridades*, *as embriaguezes*, referimo-nos a actos praticados. Exemplo: "*As caridades* de Jesus Christo, isto é, *os actos de caridade* de Jesus Christo."

7.º Os nomes de substancias elementares inorganicas: *hydrogenio*, *azote*.

8.º Os nomes de necessidades do organismo: *fome*, *sêde*.

9.º Os nomes abstractos: *pureza*, *belleza*.

10.º Alguns nomes collectivos: *prole*, *plebe*.

Teem só plural:

1.º Os nomes que significam ajuntamentos de cousas da mesma especie: *cominhos*, *farelos*.

2.º Os nomes que designam misturas de cousas differentes: *fezes*, *viveres*.

3.º Os nomes de cousas pares, ou compostas de duas partes inseparaveis: *bofes*, *algemas*.

Actualmente alguns destes nomes são mais usados no singular. Taes são: *calça, cerôula, tesoura*.

- 4.<sup>o</sup> Os nomes de varios povos: *aborigenes, romanos*.
- 5.<sup>o</sup> Os nomes dos naipes: *ouros, copas*.
- 6.<sup>o</sup> Os nomes das horas canonicas: *completas, matinas*.

Tambem são usados só no plural: — *alviçaras, ambages, annaes, arredores, arrhas, calendas, cans, cocegas, confins, damas (jogo), endoenças, esgares, esponsaes, exequias, fastos, fauces, férias (vacação), grelhas, herpes, idos, lampas, lemures, manes, migas, nonas, nupcias, parcas, penates, primicias, procercs, sevieias, syrtes, trevas*.

Outros nomes ha finalmente que teem no plural duas accepções, uma das quaes não se coaduna com a do singular, como se vê destes exemplos: “Para um homem destemido, qualquer *arma* serve, ou quaesquer *armas* servem.” “As *armas* do Brazil são uma esphera; *as* de Portugal, as quinas.”

#### IV

##### *Appellativos Collectivos.*

Ha appellativos que no singular não designam um só individuo ou cousa, e no plural mais de um individuo ou cousa. Taes são os *appellativos collectivos*.

Chama-se *appellativo colectivo* o appellativo que no singular significa uma só reunião de individuos, ou uma só collecção de cousas; e no plural, mais de uma reunião ou collecção: *povo, povos; livraria, livrarias*.

O appellativo colectivo divide-se em *geral e partitivo*.

*Collectivo geral* é o que significa uma reunião ou collecção inteira: *assembléa, cento*.

*Collectivo partitivo* é o que significa parte de uma reunião ou collecção: *maioria* ou *minoría* de *assembléa*, *quarteirão*.

#### SECÇÃO 3.<sup>a</sup>

##### *Grau.*

*Grau do nome* é a propriedade que tem o substantivo de designar pessoa ou cousa de tamanho maior ou menor que o regular.

Considerado o substantivo quanto ao grau, divide-se em *augmentativo* e *diminutivo*.

*Augmentativo* é o que significa pessoa ou coisa maior que a que é designada pelo substantivo de significação positiva, de que se forma: *Gonçalão* formado de *Gonçalo*; *homemzarrão*, de *homem*; *portão* de *porta*.

*Diminutivo* é o que significa pessoa ou coisa menor que a que é designada pelo substantivo de significação positiva, de que se forma: *Gonçalinho*, formado de *Gonçalo*; *homemzinho*, *homunculo*, *homemzito*, de *homem*; *portinha*, de *porta*.

É consideravel o uso dos diminutivos derivados de nomes proprios, mormente quando designam individuos da especie humana; e rarissimo o dos augmentativos que tem igual procedencia.

A significação dos augmentativos é mais ou menos exagerada, e a dos diminutivos mais ou menos attenuada, conforme a terminação.

Os augmentativos de significação mais exagerada formam-se, accrescentando-se ao positivo a desinencia *ão*: de *casaca*, *casacão*; de *rapaz*, *rapagão*; de *casa*, *casarão*; de *moço*, *mocetão*: de *cão*, *canzarrão*.

Os augmentativos de significação menos exagerada formam-se, accrescentando-se ao positivo masculino a terminação *az* ou *aço*: de *ladrão*, *ladravaz*; de *ministro*, *ministrado*; e ao positivo feminino a terminação *ona* ou *tona*: de *mulher*, *mulherona*; de *moça*, *mocetona*.

Os diminutivos de significação menos attenuada formam-se, juntando-se ao positivo masculino as terminações *ête*, *ôto*, *ôto* ou *ilho*: de *moço*, *mocete*; de *rapaz*, *rapazote*; de *perdiz*, *perdigoto*; de *pó*, *polvilho*; e ao positivo feminino alguma das terminações *agem*, *êta*, *ôta*, *ilhã* ou *ôila*: de *villa*, *villagem* ou *villota*; de *ilha*, *ilheta* ou *ilhota*; de *manta*, *manfilla*; de *moça*, *moçoila*.

Os diminutivos de significação mais attenuada formam-se, juntando-se ao positivo que acaba em vogal ou nas consoantes *s*, *z*, as terminações *inho* ou *ito*, *inha* ou *ita*: de *filho*, *filhinho* ou *filhito*; de *rapariga*, *rapari-*

*guinha* ou *rapariguíta*; de *pires*, *piresinho*; de *luz*, *luzinha*: e ao positivo que acaba em *l*, *r*, voz nasal ou diphthongo, as terminações *zinho* ou *zito*, *zinha* ou *zita*: de *animal*, *animalzinho* ou *animalzito*: de *dor*, *dorzinha* ou *dorzita*: de *irman*, *irmanzinha* ou *irmanzita*: de *mãe*, *mãezinha* ou *mãezita*.

Os nomes terminados em *ca* ou *co*, mudam essas desinências em *qu*, na formação do diminutivo, para se conservar o som guttural do *c*: de *casca*, *casquinha*; de *bico*, *biquinho*.

Também para se conservar o som guttural do *g*, mudam em *u* a vogal final os nomes acabados em *ga* ou *go*: de *prega*, *preguinha*: de *figo*, *figuinho*.

Nem todo o augmentativo ou diminutivo significa sempre objectos maiores ou menores que os de tamanho regular.

Empregam-se ás vezes em sentido *meliorativo* ou *pejorativo*.

O augmentativo é *meliorativo*, quando empregado para louvar: *mocetona*; e *pejorativo*, quando empregado para vituperar ou ridicularisar: *soberbaço*, *mulhêrão*.

O diminutivo é *meliorativo*, si tem por fim acarinhar, amimar ou denotar agrado;

«Alli no bico traz ao caro ninho

O mantimento o leve *passarinho*. (CAMÕES);

Ou exprimir ternura, compaixão:

«E as mães que o som terrivel escutaram,

Aos peitos os *filhinhos* apertaram. (CAMÕES).»

E' *pejorativo*, si tem sentido depreciativo, ironico, burlesco ou satyrico: *homunculo*, *logarejo*.

Também se formam augmentativos de verbos e de adjectivos qualificativos: de *beber*, *beberrão*, *beberraz*; de *valente*, *valentão*: e diminutivos, de adjectivos qualificativos: de *rico*, *riquinho*.



§ 2.º

*Flexão de Pronome.*

A *flexão do pronome* recebe a denominação de *caso do pronome*, em razão de exprimir, além do genero e numero, as relações que entre si teem as palavras.

Divide-se o *caso do pronome pessoal* em *recto* ou *directo* e em *obliquo* ou *indirecto*.

O *caso recto* dos pronomes pessoaes é o primeiro de cada numero, e representa o sujeito; todos os mais são *obliquos*, e servem de complemento.

O pronome pessoal é sempre do genero do sujeito que representa, e declina-se por este modo:

PRIMEIRA PESSOA.

Numero singular: *Eu, me, mim, migo.*

Numero plural: *Nós, nos, nosco.*

SEGUNDA PESSOA.

Numero singular: *Tu, te, ti, tigo.*

Numero plural: *Vós, vos, vosco.*

TERCEIRA PESSOA.

Numero singular: *Elle, ella; o, a; lhe.*

Numero plural: *Elles, ellas; os, as; lhes.*

Nestas fórmulas dos pronomes pessoaes, nota-se que as da primeira e da segunda pessoa são invariáveis em genero, contrastando com phenomeno totalmente opposto na terceira pessoa. Explica-se o primeiro facto pela desnecessidade de se declarar o sexo de pessoas, como a primeira e a segunda, que, na qualidade de interlocutores—orador e ouvinte—, estão presentes e se conhecem; e o segundo, pela conveniencia de se determinar, o melhor possível, a terceira, objecto do discurso, que, no momento em que se fala, pode estar ausente, ou ser desconhecida a um dos interlocutores.

O reflexivo *se* serve para ambos os numeros; não tem caso recto, pelo que não representa o sujeito, e só a elle se refere; e declina-se assim:

Numero singular e plural: *Se, si, sigo.*

*Me, te, lhe*, perdem o *e*, juxtapondo-se-lhes *o, a, os*, *as: mo, ma, mos, mas*, etc.

De *lhes*, em identicas condições, alem do *e*, elide-se o *s: lhos*.

Muitos escriptores indicam estas suppressões com um apostropho: *m'o, m'a, m'os, m'as*, etc. Os nossos maiores porem julgavam desnecessario este signal neste caso, orthographando estas alterações sem elle.

*O, a, os, as*, assumem as fórmas primitivas *lo, la, los, las*, quando se juxtapõem a verbos acabados em *r, s, z*, aos pronomes *nos, vos*, ao adverbio *eis* e á preposição *per*. Em tal caso, dá-se tambem a suppressão das consoantes finaes destes vocabulos, as quaes até o seculo passado se assimilavam ao *l* daquellas fórmas: *trazê-lo, trazemo-lo, tra-lo, no-lo, vo-lo, ci-lo, pelo*, outrora *trazêllo, trazemollo, trallo, nollo, vollo, eillo, pello*, por *trazer-o, trazemos-o, traz-o, nos-o, vos-o, eis-o, per-o*.

Ha outra opinião com respeito a esta alteração. Consiste ella em sustentarem que as referidas consoantes se mudam por euphonia em *l*. Fieis a este modo de sentir, escrevem assim os exemplos mencionados: *trazêl-o, trazemol-o, tral-o, nol-o, vol-o, eil-o*.

A permuta do *s* em *l*, em *nol-o*, etc., é inteiramente contraria a todas as regras da phonetica.

Quando as mesmas fórmas do pronome *elle* (*o, a, os, as*) estão juxtapostas a verbos que teem por desinencia um diphthongo nasal, intercala-se entre ellas e os verbos um *n* euphónico: *deixam-n-o, louvem-n-o, põe-n-o*.

Entendem outros que o *n*, posto entre a flexão verbal terminada em diphthongo nasal e o pronome, é o *l* das fórmas antigas *lo, la, los, las*, nelle assimilado, por influencia do som nasal da terminação do verbo.

Ha ainda quem nutre a opinião de ser a letra em questão o *n* da terminação pessoal *nt* dos verbos latinos, após a queda da consoante final *t*, que ensurdecera. Este modo de entender deve ser rejeitado, á vista do uso da letra *n*, observado pelos antigos, quando as fórmas pronominaes *o, a, os, as*, precediam o verbo, e estavam depois de qualquer palavra terminada em diphthongo nasal: *não no dá, quem no afaga*.

E' inteiramente improprio o uso do apostropho entre o *n* e o pronome, porque não se dá suppressão da letra. A notação propria para o caso, é o hyphen, que é o signal empregado na distincção de letras euphónicas, que se mettem de permeio nas palavras, como se vê nestes exemplos da lingua franceza: "*aime-t-il? aime-t-elle? a-t-on aimé?*"

A preposição *em* e as fórmas pronominaes *elle*, *ella*, *elles*, *ellas*, quando por aquella regidas, escrevem-se assim: *nelle*, *nella*, *nelles*, *nellas*.

A letra *n* é neste caso um vestigio da preposição antiga *en*, de uso muito frequente no seculo 13.<sup>o</sup> e no 14.<sup>o</sup>, como se vê nos *Ineditos de Alcobaga*, onde se encontra esta combinação: *eno*, *ena*. Devia pois ter-se dado a junção da preposição ao pronome (*enelle*, *enella*), etc.), e mais tarde a apherese do *e*.

Pela mesma razão se escreve *no*, *num*, *nalgum*, *noutro*, *neste*, *nesse*, *naquelle* por *em o*, *em um*, *em algum*, *em outro*, *em este*, *em esse*, *em aquella*.

Querem outros que se tenha dado na preposição *em* a queda do *e* por apherese, e a permuta do *n* em *n*.

Outros finalmente opinam que se verificou a ellipse da preposição *em*, depois de dominar o uso de por euphonia se collocar entre *ella* e o pronome a consoante *n*.

A preposição *de*, quando rege as mesmas fórmas pronominaes (*elle*, *ella*, *elles*, *ellas*), tambem soffre sua alteração, que consiste em perder o *e* por synalepha: *delle*, *della*, *delles*, *dellas*.

O mesmo se dá, achando-se *ella* seguida dos vocabulos *o* (artigo definido ou pronome demonstrativo), *este*, *aquelle*, *esse*, *aqui*, *alli*, *ahi*.

### § 3.<sup>o</sup>

#### *Flexão do Adjectivo.*

O adjectivo, não representando directamente pessoas ou cousas, não pode ter por si mesmo genero, nem numero; varia entretanto em sua terminação, para accomodar-se ao genero e ao numero do substantivo que qualifica ou determina.

#### SECÇÃO 1.<sup>a</sup>

#### *Fórmãs do Adjectivo.*

O adjectivo considerado quanto á sua fórma, divide-se em seis categorias:

- 1.<sup>a</sup> Ou é uniforme;
- 2.<sup>a</sup> Ou é biforme tanto no singular como no plural;
- 3.<sup>a</sup> Ou é biforme só no singular;
- 4.<sup>a</sup> Ou é biforme só no plural;
- 5.<sup>a</sup> Ou é triforme no singular e biforme no plural;
- 6.<sup>a</sup> Ou é invariavel.

São uniformes, ou teem uma só fôrma em cada numero:

1.<sup>o</sup> Os qualificativos terminados em *e*, *al*, *el*, *il*, *ul*, *ar*, *er*, *az*, *iz*, *oz*, *m*, *n*: *grave*, *graves*; *mortal*, *mortaes*; *cruel*, *crueis*; *amavel*, *amaveis*; *imbecil*, *imbecis*; *habil*, *habeis*; *azul*, *azues*; *familiar*, *familiares*; *esmoier*, *esmoleres*; *fugaz*, *fugazes*; *feliz*, *felizes*; *atroz*, *atrozes*; *affm*, *affins*; *joven*, *jovens*.

2.<sup>o</sup> Os qualificativos só, sós; *anterior*, *anteriores*; *bicolor*, *bicolores*; *citerior*, *citeriores*; *exterior*, *exteriores*; *incolor*, *incolores*; *inferior*, *inferiores*; *interior*, *interiores*; *multicor*, *multicores*; *posterior*, *posteriores*; *semsabor*, *sem-sabores*; *superior*, *superiores*; *tricolor*, *tricolores*; *ulterior*, *ulteriores*; *reinol*, *reinoes*; *cortez*, *cortezes*; *montez*, *montezes*; *pedrez*, *pedrezes*; *soez*, *soezes*.

3.<sup>o</sup> Os comparativos syntheticos *maior*, *maiores*; *mor*, *mores*; *menor*, *menores*; *melhor*, *melhores*; *peior*, *peiores*.

4.<sup>o</sup> O distributivo proprio *qualquer*, *quaesquer*.

5.<sup>o</sup> O interrogativo *qual* ? *quaes* ?

6.<sup>o</sup> O quantitativo *bastante*, *bastantes*.

São biformes tanto no singular como no plural, isto é, teem duas fôrmas em cada numero:

1.<sup>o</sup> Os qualificativos acabados em *o*, que no feminino mudam esta desinencia em *a*: *justo*, *justa*; *justos*, *justas*.

2.<sup>o</sup> Os qualificativos acabados em *u*, *ol*, *or*, *ez*, *uz*, que tomam o *a* no feminino: *cru*, *crua*; *crus*, *cruas*; *hespanhol*, *hespanhola*; *hespanhoes*, *hespanholas*; *vencedor*, *vencedora*; *vencedores*, *vencedoras*; *hollandez*, *hollandeza*; *hollandezes*, *hollandezas*; *andaluz*, *andaluza*; *andaluzes*, *andaluzas*.

Ha adjectivos em *or* que tem duas fórmas no feminino singular: *trabalhador, trabalhadeira; vendedor, vendedeira; etc.*

Os adjectivos em *ol, or, ez*, eram outrora uniformes. Diziam, por exemplo, *língua hespanhol, mulher amador, donas entendedores, portuguez linguagem.*

3.º Os qualificativos acabados em *êu*, que formam o feminino em *êa*: *europêu, europêa; europeus, europêas.*

4.º Os qualificativos acabados em *ão*, que o mudam em *an* no feminino: *vão, van; vãos, vans.*

5.º Os qualificativos *bom, boa; bons, boas*: *mau, má; maus, más; judeu, judia; judeus, judias; sandeu, sandia; sandeus, sandias; ilhéu, ilhoa; ilhéus, ilhoas; poltrão, poltrona; poltrões, poltronas; rabão, rabona; rabões, rabonas.*

6.º O artigo definido *o, a; os, as.*

7.º O artigo indefinido *um, uma; uns, umas.*

8.º Os demonstrativos puros *mesmo, mesma; mesmos, mesmas*: *o mesmo, a mesma; os mesmos, as mesmas; proprio, propria; proprios, proprias; o proprio, a propria; os proprios, as proprias.*

9.º O distributivo partitivo *certo, certa; certos, certas.*

10.º O conjunctivo *o qual, a qual; os quaes, as quaes.*

11.º O conjunctivo e o interrogativo *cujo, cuja; cujos, cujas.*

12.º Os quantitativos *pouco, pouca; poucos, poucas; muito, muita; muitos, muitas; quanto, quanta; quantos, quantas; tanto, tanta; tantos, tantas.*

13.º Os numeraes multiplicativos *duplo, dupla; duplos, duplas*: etc.

14.º Os possessivos *meu, minha; meus, minhas; teu, tua; teus, tuas; nosso, nossa; nossos, nossas; vosso, vossa; vossos, vossas; seu, sua; seus, suas.*

São biformes só no singular, isto é, teem duas fórmas só no singular:

1.º Os distributivos proprios *todo, toda; cada um, cada uma.*

2.º O numeral cardinal *um, uma*; e aquelles que o teem como elemento componente: *vinte um, vinte uma*; etc.

3.º Os numeraes ordinaes: *primeiro, primeira; segundo, segunda*; etc. Diz-se todavia *os primeiros dias*, etc.

São biformes só no plural, isto é, teem duas fórmas só no plural:

1.º Os distributivos partitivos *ambos, ambas; diversos, diversas; varios, varias; os mais, as mais; os demais, as demais*.

2.º Os numeraes cardinaes: *dous, duas; duzentos, as; trezentos, as; quatrocentos, as; quinhentos, as; seiscentos, as; setecentos, as; oitocentos, as; novecentos, as*; e os compostos em cuja formação entram estes adjectivos, como *vinte e dous, vinte e duas*; etc.

São triformes no singular e biformes no plural:

1.º Os adjectivos demonstrativos puros *este, esta, isto (esto, ant.)*; *estes, estas: aquella, aquella, aquillo (aquello, ant.)*; *aquelles, aquellas: esse, essa, isso (esso, ant.)*; *esses, essas*.

2.º O demonstrativo colectivo *todo, toda, tudo; todos, todas*.

3.º Os distributivos partitivos *outro, outra, al (ant.)*; *outros, outras: algum, alguma, (algo, ant.)*; *alguns, algumas: nenhum, nenhuma, nada; nenhuns, nenhuma*s.

São invariaveis:

1.º Os qualificativos *junior, prestes, senior, simples, traquinas*.

2.º Os distributivos proprios *cada, cada qual, quem quer, qual* ou *a qual* (significando *cada qual*).

3.º Os distributivos partitivos *outrem, alguém, ninguém, tal, qual, quem*.

4.º Os conjunctivos e interrogativos *que, quem*.

5.º Os numeraes cardinaes, com excepção de *um, dous, duzentos, trezentos, quatrocentos, quinhentos, seiscentos, setecentos, oitocentos, novecentos*, e dos compostos, em que entram estes, como partes componentes.

6.º Os quantitativos *menos, mais*.

SECÇÃO 2.ª

*Formação do plural dos adjectivos qualificativos.*

O plural dos adjectivos qualificativos forma-se da mesma maneira que o dos substantivos; quando porem acabam em *il* (grave), mudam esta terminação em *éis*: *futil*, *futeis*; e, quando em *ôso*, mudam o *ô* em *ó*: *virtuoso*, *virtuosos*; conservam a tónica das fórmulas do singular, si é *ô* (fechado) ou *ó* (aberto): *balôfo*, *balôfa*, *balôfos*, *balôfas*; *devôto*, *devôta*, *devôtos*, *devôtas*; ou só a tónica da fórmula feminina do singular, si ella é *ó* (aberto), e si a da masculina é *ô* (fechado): *nôvo*, *nôva*, *nôvos*, *nôvas*. Exceptua-se *canhôto*, *canhôta*, *canhôtos*, *canhôtas*.

SECÇÃO 3.ª

*Graus do Adjectivo Qualificativo.*

Chama-se *positivo* o qualificativo que, exprimindo a qualidade simplesmente, é susceptível de graus de significação, como *justo*, de que se podem formar *mais justo*, *menos justo*, *tão justo*, *muito justo*, etc.

O *positivo*, ou o qualificativo assim considerado, admite dous graus de significação, o *comparativo* e o *superlativo*.

Os comparativos e superlativos dividem-se em *organicos* ou *syntheticos* e *inorganicos* ou *analyticos*. Chamam-se *comparativos* e *superlativos syntheticos* os que constam de uma só palavra; e *analyticos*, os que constam de uma locução.

O *comparativo* exprime a qualidade, comparando-a com outra.

Divide-se em *comparativo de superioridade*, *inferioridade* e *igualdade*.

O *comparativo de superioridade* exprime a qualidade, comparando-a vantajosamente com outra; e forma-se, juntando-se ao positivo o adverbio *mais*. Exemplo: «*João é mais sabio que Paulo.*»

O *comparativo de inferioridade* exprime a qualidade, comparando-a desvantajosamente com outra; e forma-se, juntando-se ao positivo o adverbio *menos*. Exemplo: «Paulo é **menos sabio** que João.»

O *comparativo de igualdade* exprime a qualidade, comparando-a igualmente com outra; e forma-se, juntando-se ao positivo o adverbio *tão*. Exemplo: «Era **tão sabio** como discreto.»

Para dar-se uma comparação, fazem-se necessarios dous termos: o primeiro é o comparativo; e o segundo, uma proposição subordinada integrante subjunctiva, que pode estar clara ou occulta, como se vê dos seguintes exemplos: «Será **mais afamado** que ditoso.» isto é, “que ou do que foi elle ditoso.” “Foi **menos feliz** da segunda vez.” isto é “que ou do qae foi elle feliz da primeira vez.”

Quando o comparativo é de superioridade ou de inferioridade, liga-se-lhe o segundo termo de comparação pela conjuncção *que* ou pela locução conjunctiva *do que*; sendo de igualdade, são seus liames as conjuncções *como* e *quão*, ou o adverbio *quanto*.

Somente os adjectivos qualificativos *grande*, *pequeno*, *bom*, *mau* teem comparativos syntheticos, que são *maior* ou *mor*, *menor*, *melhor*, *peior*, vestigios da formação latina em *or*. Destes quatro adjectivos só *pequeno* e *mau* teem comparativo de superioridade, formado pela junção do adverbio *mais*. *Grande* substitue a *magnô*, e *pequeno* a *parvo*.

São ainda vestigios da formação em *or*, *inferior*, *junior*, *senior* e *superior*, que eram comparativos de *infero*, *juvenis*, *senex* e *supero*, e que actualmente são simples adjectivos. De *infero* e *supero* se faz uso ainda em Botanica: *ovario infero*, *corolla supera*.

A maior parte dos adjectivos em *or*, como *anterior*, *citerior*, *exterior*, *interior*, *posterior*, *ulterior*, foram verdadeiros comparativos syntheticos, que, como taes, se obliteraram, passando alguns a ser substantivos. Sirvam de exemplo *senhor* de *senior*, e *prior* de *prior*.

O *superlativo* exprime a qualidade levada ao ultimo grau de encarecimento para mais ou para menos.

Divide-se em *absoluto* e *relativo*.



O *superlativo absoluto* exprime o encarecimento da qualidade absolutamente, isto é, considerando-a isoladamente num ou mais individuos certos, sem relação á mesma qualidade de outros individuos da classe.

Forma-se o *superlativo absoluto* de dous modos:

1.º Juntando-se ao positivo os adverbios *multo*, *pouco*, ou outros que signifiquem *multo*. Exemplos: «*Este soldado é muito bravo e aquelle pouco forte.*» «*Estou summamente penhorado.*»

Seja qual for o adjectivo, pode o superlativo ser sempre formado por este modo, que, por ser menos emphatico, é usado com mais frequência.

2.º Juntando-se ao positivo a terminação *simo*, com ou sem o incremento *is*.

A terminação *simo* provem de *timo* (prim. *tamas*), suffixo do superlativo latino, com a assimilação do *t* em *s* <sup>(1)</sup>.

*Incremento dos nomes* são as letras ou syllabas, que, nos casos obliquos do latim, ás vezes excedem ao radical do nominativo do singular, sem se incluir nellas a terminação propriamente dita.

O incremento *is* é a fôrma a que se reduziu o suffixo neutro *ius* do comparativo latino, e que se intercala entre o thema do positivo e a terminação do superlativo, como se vê do seguinte exemplo: «*HEMA—alto, alt—ius; alt—is; alt—is—simus* <sup>(2)</sup>».

Formam o superlativo, accrescentando-se-lhes a terminação *simo*, sem o incremento *is*:

1.º Os adjectivos *agil*, *difficil*, *dissimil* ou *dissemelhante*, *facil*, *fragil*, *gentil*, *humil* ou *humilde*, *senil*, *simil* ou *semelhante*, cujos superlativos, verificada a queda do *s* da terminação *simo*, são *agilimo*, *difficilimo*, *dissimilimo*, *facilimo*, *fragilimo*, *gentilimo*, *humilimo*, *senilimo*, *similimo*.

2.º Os adjectivos *acre*, *agro*, *aspero*, *celebre*, *integro*, *livre*, *misero*, *niger*, *pobre*, *prospero*, *pulchro*, *salubre*, *tetro*, *ubere*, cujos superlativos, verificada a assimilação em *r* do *s* da terminação *simo*, depois de substituidos pelas fôr-

<sup>(1)</sup> GUARDIA ET WIERZEYSKI.—*Gram. Élem. de la Lang. Lat.*, § 101: e *Gram. de la Lang. Lat., Première Partie*, § 62, 2.º

<sup>(2)</sup> OBRAS CIT. *idem*.

mas masculinas dos adjectivos latinos que lhes dão origem, *acer, ager, asper*, etc., são *acerrimo, agerrimo, asper-rimo, celeberrimo, integerrimo, liberrimo, miserrimo, nigerrimo, pauperrimo, prosperrimo, pulcherrimo, saluberrimo, teterrimo, uberrimo*.

Formam o superlativo, accrescentando-se-lhes a terminação *simo*, com o incremento *is*, os adjectivos terminados em *u, l, r, e, o, ão, m, s, z, vel, co, go*,

Si os adjectivos terminam em *u, l, r*, não se dá nelles alteração alguma: *cru, cruissimo; liberal, liberalissimo; singular, singularissimo*.

Si em *e* ou *o*, suprimem-se estas vogaes: *grave, gravissimo; bello, bellissimo*.

Si em *ão*, muda-se esta desinencia em *an*: *são, sanismo*.

Si em *m*, troca-se se esta letra em *n*: *commum, communissimo*.

Si em *s* ou *z*, convertem-se estas letras em *c*: *simples, simplicissimo; capaz, capacissimo*. Exceptua-se *prestes*, que faz *prestissimo*.

Si em *vel*, transforma-se esta terminação em *bil*: *amavel, amabilissimo*.

Si em *co*, faz-se a mudança desta desinencia em *qu*: *rouco, rouquissimo*. Exceptuam-se *parco*, que faz *parcissimo*; *publico, publicissimo; pudico, pudicissimo*.

Si em *go*, é esta terminação mudada em *gu*: *largo, larguissimo*.

Si em *dico* (de *dicere*), *fico* (de *facere*), e *volo* (de *velle*), são seus superlativos os mesmos dos adjectivos, seus cognatos; de *maledico*, e *maledicente*, *maledicentissimo*; de *benefico* e *beneficente*, *beneficentissimo*; de *magnifico* e *magnificente*, *magnificentissimo*; de *malefico* e *maleficente*, *maleficentissimo*; de *munifico* e *munificente*, *munificentissimo*; de *prolifico* e *prolificante*, *prolificantissimo*; de *terrifico* e *terrificante*, *terrificantissimo*; de *benevolo* e *benevolente*, *benevolentissimo*, de *malevolo* e *malevolente*, *malevolentissimo*.

Em *fiel* e seu composto *infel*, *geral*, *sabio*, *sagrado*, e *christão*, substitue-se o radical popular pelo erudito: *fidelissimo*, *infidelissimo*, *generalissimo*, *sapientissimo*, *sacratissimo* e *christianissimo*.

Uns adjectivos qualificativos teem dous superlativos syntheticos, um com o incremento, e o outro sem elle. Taes são: *acre*, que tem **acerrissimo** e **acerrimo**; *agil*, **agilissimo** e **agilimo**; *aspero*, **asperissimo** e **asper-rimo**; *celebre*, **celebrissimo** e **celeberrimo**; *difficil*, **difficilissimo** e **difficilimo**; *facil*, **facilissimo** e **facilimo**; *fragil*, **fragilissimo** e **fragilimo**; *gentil*, **gentilissimo** e **gentilimo**; *gracil*, **gracilissimo** e **gracilimo**; *humil* ou *humilde*, **humilissimo** ou **humildissimo** e **humilimo**; *integro*, **integrisimo** e **integerrimo**; *livre*, **livrissimo** e **liberrimo**; *negro*, **negrissimo** e **niger-rimo**; *pobre*, **pobrissimo** e **pauperrimo**; *prospero*, **prosperissimo** e **prosperrimo**; *salubre*, **salubrissimo** e **saluberrimo**; *senil*, **senilissimo** e **senilimo**; *simil* ou *semelhante*, **semelrantissimo** e **similimo**.

Outros os teem, sendo o radical de um de fôrma popular e o do outro de fôrma erudita. Taes são: *amigo*, que tem **amiguissimo** e **amicissimo**; *antigo*, **antiguissimo** e **antiquissimo**; *cruel*, **cruelissimo** e **cru-delissimo**; *doce*, **docissimo** e **dulcissimo**; *frio*, **fri-issimo** e **frigidissimo**; *nobre*, **nobrissimo** e **nobilis-simo**.

Outros finalmente os teem com radicaes differentes, um regular, e o outro irregular. Taes são: *alto*, que tem **altissimo** e **summo** ou **supremo**; *baixo*, **baixis-simo** e **infimo**; *bom*, **benissimo** e **optimo**; *grande*, **grandissimo** e **maximo**; *mau*, **malissimo** e **pessimo**; *pequeno*, **pequenissimo** e **minimo**.

O *superlativo relativo*, exprime o encarecimento da qualidade relativamente, isto é, considerando-a num ou mais individuos certos com relação á mesma qualidade dos outros individuos da classe.

Forma-se o superlativo relativo, antepondo-se o artigo definido aos comparativos de superioridade e de in-

ferioridade. Exemplos: «*Este capitão é o mais bravo de todos os do exercito.*» «*Este estudante é o menos applicado entre os outros estudantes da classe.*»

O superlativo relativo pede um termo de relação, porque o artigo que se antepõe aos comparativos de superioridade e de inferioridade, para formar o superlativo, desperta em nós a idéa de individuo, e esta a da classe em que o grupamos. Este termo de relação, cujo liame é sempre *de* ou *entre*, pode estar occulto, como se vê neste exemplo: «*Esta flor é a mais bella.*» isto é, «*a mais bella de todas.*»

Formam-se ainda phrases comparativas e superlativas por outros modos. Sirvam de exemplo as seguintes: «*Antes queira mediocridade propria que demasia alheia.* (VIEIRA).» «*Primeiro estão dentes que parentes.* (D. F. M. DE MELLO).» «*São tantas as cabeças quantas as sentenças.*» «*Arguia com tanta subtileza, ardor e vivacidade que era o pasmo de quantos o viam e ouviam.* (J. F. LISBOA).» «*Tacs são os bens da fortuna que carecer delles é miseria, e possui-los, perigo.* (VIEIRA).» «*No adquirir e perder amigos, nos devemos portar com o mesmo ou maior sentido que, no adquirir ou perder fazenda.* (BERNARDES).» «*Esta ultima addição merecia igual ou melhor logar que as outras.* (BERNARDES).» «*Na educação intellectual, muitas mais e muito mais variadas são as differenças que o sexo, a posição social, a indole, as propensões do educando estabelecem.* (GARRET).» «*Terribilissimos foram os sonhos que Deus mandou ao Presbytero; mas por ventura mais terrivel é a sua significação.* (HERCULANO).»

#### § 4.º

##### *Flexão Verbal ou Conjugação.*

Chama-se *flexão verbal* ou *conjugação* a propriedade que tem o verbo de mudar de terminação, para indicar a *pessoa* e o *numero* do sujeito a quem respeita a affirmação, exprimir o *tempo* a que ella se refere, e significar o *modo*, por que a mesma se faz. De quatro accidentes pois consta a conjugação do verbo, *pessoas*, *numeros*, *tempos* e *modos*.

*Pessoas e numeros do verbo* são as inflexões que elle toma, para indicar a pessoa e o numero do sujeito a quem respeita a affirmação.

*Tempos do verbo* são as inflexões que elle toma, para exprimir a affirmação em relação ao presente, ao

passado ou preterito e ao futuro, ou ás tres epocas da duração do tempo.

Os tempos chamados primitivos são tres: *presente*, *passado* ou *preterito* e *futuro*.

*Presente* é o tempo, em que a cousa existe; *preterito*, em que existiu; e *futuro*, em que existirá.

*Modos do verbo* são as inflexões que elle toma, para significar os diversos modos, por que se faz a affirmação.

A lingua portugueza tem inflexões verbaes, para significar unicamente cinco modos ou maneiras de affirmação, a saber:

O *modo indicativo*, em que a affirmação se faz simplesmente: *amo*, *amei*, *amarei*.

O *modo condicional*, em que a affirmação se faz condicionalmente: «*Fariamos*, si podessemos, ou ainda si poderamos fazer.»

O *modo imperativo*, em que a affirmação se faz imperiosamente: *faze tu*, *fazei vós*.

O *modo conjunctivo* ou *subjunctivo*, em que a affirmação se faz modificadamente, ou com dependencia de outra: «*Convem que estudes*.»

O *modo infinito* ou *infinitivo*, em que a affirmação se faz indeterminadamente: «*Morrer* o homem ou *morrermos* é inevitavel.»

São modificações do infinito o *participio*, o *gerundio* e o *supino*.

Tanto o infinito como as suas modificações chamam-se *fórmās nominaes do verbo*: o *infinito*, porque, em razão de ser a fórmula verbal primitiva ou originaria, é adoptada para typo do verbo, ou para nomear ou dar a conhecer os verbos nos lexicons; o *participio*, porque tem a propriedade do adjectivo, de modificar nomes substantivos; o *gerundio* e o *supino*, porque são verdadeiros nomes verbaes invariaveis. Exemplos: «*Falar*.» «Este menino é muito *apreciado*.» «Ficou *orando*, isto é, *em oração*.» «Tenho *vivido*.» «No primeiro exemplo, o infinito *falar* é o nome de um verbo da primeira conjugação; no segundo, o participio passado *apreciado* é

um adjectivo, porque modifica o substantivo *menino*, com que concorda em genero e numero; no terceiro, o gerundio *orando* é um nome verbo, porque equivale a *em oração*; no quarto, o supino *vivido* tambem faz o officio de verdadeiro nome verbal, porque declara o complemento ou acabamento da acção.

O *participio*, já definido em outro logar, divide-se em *participio presente*, *preterito*, *preterito composto* e *futuro*.

*Participio presente* ou *activo* é um adjectivo invariavel, terminado em *ando*, *endo*, *indo*, que exprime a acção na actualidade, quer esteja formando proposição participio, quer seja mera dependencia do nome ou do sujeito. Exemplos: «**Reinando** *Tullo*, os albanos foram vencidos pelos romanos.» «Os *soldados* **trazendo** os despojos, clamavam: «Ai dos vencidos!»

Salta aos olhos a procedencia desta doutrina, attendendo-se á traducção latina dos exemplos supra-mencionados: «*Albani, regnante Tullo, a romanis victi sunt.*» «*Milites, spolia gerentes, clamabant*»: «*Vae victis!*»

*Participio preterito*, *passado* ou *passivo* é um adjectivo variavel que exprime a acção recebida: *amado*, *amada*, *amados*, *amadas*; *movido*, *movida*, *movidos*, *movidas*; *unido*, *unida*, *unidos*, *unidas*.

Ha participios passados que, já acompanhados do verbo *ser*, já acompanhados do verbo *estar*, fazem as vezes de verdadeiros adjectivos qualificativos, como se vê destes exemplos: «*Ser calado* significa *ser discreto*; *estar calado*, *estar em sileneio no momento em que se fala.*» «*Ser distrahido* significa *ser distrahido por natureza*; *estar distrahido*, *estar distrahido momentaneamente.*» Importa pois não confundi-los nestas accepções com o emprego que, como se vê das phrases seguintes, se faz delles, como participios passados: «*As baterias inimigas foram caladas* pelo nosso fogo.» «*Foi distrahido* de suas occupaões por um assumpto imprevisto.»

Outros participios passados não teem significação adjectiva, como os precedentes, mas usam-se com o verbo *ser*, quando passivos, e com o verbo *estar*, quando exprimem um estado. Exemplos: «*Foi ferido* de um lado. Elle já *estava ferido*, quando cheguei.» «A questão *foi resolvida*, a nosso favor. Vamo-nos embora; *está resolvida* a questão.»

*Participio preterito composto* é uma forma verbal composta do participio presente dos auxiliares *haver* e *ter*, e do supino do verbo attributivo, a qual exprime

simplesmente a acção na anterioridade, sem envolver idéa de passividade: **havendo** ou **tendo** *amado, movido, unido*.

*Participio futuro* é uma forma verbal composta do participio presente dos auxiliares *haver* e *ter*, e do presente do infinito impessoal do verbo attributivo, a qual exprime simplesmente a acção por fazer: **havendo** ou **tendo** de *amar, mover, unir*.

Dos participios futuros latinos em *tus* e *dus* (*moriturus, a, um; educandus, a, um*) são vestígios alguns substantivos e adjectivos em *ouro* e *ando*, que indicam ainda uma acção futura, como *ancoradouro, lavadouro; duradouro, vindouro: examinando, doutorando; nefando, venerando*.

*Gerundio* é uma especie de nome verbo invariavel com o character de substantivo, tambem terminado em *ando, endo, indo*, que exprime a acção actual de uma certa maneira, ou accrescentando uma circumstancia ao verbo a que se junta. Exemplo do gerundio exprimindo uma circumstancia de causa: «Algumas feridas fazem-se maiores, *curando*.»

Tambem é palmar a existencia do gerundio, vertendo-se este exemplo para latim: “*Vulnera quædam fiunt majora, curando.*” Si fosse participio presente a palavra portugueza *curando*, devia ser traduzida, neste exemplo, por *curans, curantis*, e não, como o foi, pelo gerundio em *do*, do ablativo.

*Supino* é uma especie de nome substantivo invariavel, que exprime a acção anterior na voz activa. Formam-se, com elle e os auxiliares *haver* e *ter*, os tempos compostos do preterito e alguns do futuro: *hei* ou *tenho* **falado**; *haverei* ou *terei* **escripto**.

Que é diversa do participio passado a palavra que chamamos *supino*, denominação aceita de longa data por distinctos grammaticos, prova-o o simples confronto das acções que essas duas formas verbaes exprimem: a acção pelo supino expressa, é feita pelo sujeito; a que o participio passado exprime, é ao contrario por elle recebida. Exemplos: “*Elle tem estudado* já todas as materias do curso de humanidades.” “O *latim* foi por elle **estudado**, ha muito tempo.” A doutrina que considera, como sendo a mesma cousa, estas duas inflexões, reduz-se á sustentação de que uma phrase na voz activa é ao mesmo tempo passiva, ou que a voz activa é o mesmo que a voz passiva: o que é absurdo.

O verbo em relação á conjugação pode ser *auxiliar, regular, irregular, pessoal, impessoal, unipessoal, defectivo*.

SECÇÃO 1.ª

*Auxiliares do Verbo.*

Chamam-se *auxiliares*, os verbos que, perdendo o caracter que lhes é proprio, servem para formar os tempos compostos de todos os verbos. Taes são: *haver e ter*.

*Conjugação dos Verbos Auxiliares.*

HAVER.

TER.

MODO INDICATIVO.

*Tempo presente.*

N. S. Hei, (1),  
Has,  
Ha.

N. S. Tenho,  
Tens,  
Tem.

N. P. Havemos,  
Haveis,  
Hão.

N. P. Temos,  
Tendes,  
Teem.

*Preterito imperfeito.*

N. S. Havia,  
Havias,  
Havia.

N. S. Tinha,  
Tinhas,  
Tinha.

N. P. Haviamos,  
Havieis,  
Haviam.

N. P. Tinhamos,  
Tinheis,  
Tinham.

(1) A ellipse do pronome sujeito, por tornar a phrase concisa, dá-lhe mais vigor ou energia. Evitando, alem disso, a monotonia do dizer, pela não repetição delle, dota-o de mais fluencia ou harmonia. Por virtude destas vantagens que á lingua portugueza adveem desta especie de ellipse, é esta considerada uma belleza. Cumpre pois que a ella se habitue o alumno, decorando sem os pronomes estes verbos e os que se acham adiante conjugados.



*Outro.*

N. S. Houvera, Houveras, Houvera.	N. S. Tivera, Tiveras, Tivera.
N. P. Houveramos, Houvereis, Houveram.	N. P. Tiveramos, Tivereis, Tiveram.

*Preterito perfeito.*

N. S. Houve, Houveste, Houve.	N. S. Tive, Tiveste, Teve.
N. P. Houvemos, Houvestes, Houveram.	N. P. Tivemos, Tivestes, Tiveram.

*Preterito mais que perfeito.*

N. S. Houvera, Houveras, Houvera.	N. S. Tivera, Tiveras, Tivera.
N. P. Houveramos, Houvereis, Houveram.	N. P. Tiveramos, Tivereis, Tiveram.

*Futuro absoluto.*

N. S. Haverá, Haverás, Haverá.	N. S. Terei, Terás, Terá.
N. P. Haveremos, Haveréis, Haverão.	N. P. Teremos, Tereis, Terão.

*Futuro imperfeito composto.*

(O verbo <i>haver</i> , como auxiliar, não tem este tempo).	N. S.	Hei	} de ter.
		Has	
		Ha	
	N. P.	Havemos	
		Haveis	
		Hão	

*Futuro mais que perfeito composto.*

(Idem).	N. S.	Havia	} de ter.
		Havias	
		Havia	
	N. P.	Havíamos	
		Havíeis	
		Haviam	

MODO CONDICIONAL.

*Futuro.*

N. S.	Haveria, Haverias, Haveria.	N. S.	Teria, Terias, Teria.
N. P.	Haveríamos, Haveríeis, Haveriam.	N. P.	Teríamos, Teríeis, Teriam.

*Outro.*

N. S.	Houvera, Houveras, Houvera.	N. S.	Tivera, Tiveras, Tivera.
N. P.	Houveramos, Houvereis, Houveram.	N. P.	Tiveramos, Tiveréis, Tiveram.

MODO IMPERATIVO.

*Futuro.*

N. S. Ha tu. <sup>(1)</sup> .	N. S. Tem tu.
N. P. Havei vós.	N. P. Tende vós.

MODO CONJUNCTIVO.

*Presente.*

N. S. Haja, Hajas, Haja.	N. S. Tenha, Tenhas, Tenha.
N. P. Hajamos, Hajaes, Hajam.	N. P. Tenhamos, Tenhaes, Tenham.

*Preterito imperfeito.*

N. S. Houvesse, Houvesse, Houvesse.	N. S. Tivesse, Tivesses, Tivesse.
N. P. Houvessemos, Houvesseis, Houvessem.	N. P. Tivessemos, Tivesseis, Tivessem.

*Outro.*

N. S. Houvera, Houveras, Houvera.	N. S. Tivera, Tiveras, Tivera.
N. P. Houveramos, Houvereis, Houveram.	N. P. Tiveramos, Tiveréis, Tiveram.

(<sup>1</sup>) A inversão das proposições, outra belleza de nossa lingua, constitue uma caracteristica das proposições de imperativo e de infinito pessoal. No intuito de se adquirir o habito de construi-las na ordem inversa, é que fazemos conjugar os tempos daquelles dous modos com os pronomes claros e pospostos

*Futuro.*

N. S. Houver, Houveres, Houver.	N. S. Tiver, Tiveres, Tiver.
N. P. Houvermos, Houverdes, Houverem.	N. P. Tivermos, Tiverdes, Tiverem.

MODO INFINITO PESSOAL.

*Presente.*

Haver.	Ter.
--------	------

*Participio presente.*

Havendo.	Tendo.
----------	--------

*Gerundio.*

Em havendo.	Em tendo.
-------------	-----------

*Participio preterito.*

Havido, a, os, as.	Tido, a, os, as.
--------------------	------------------

*Supino.*

Havido.	Tido.
---------	-------

MODO INFINITO PESSOAL.

*Presente.*

N. S. Haver eu, Haveres tu, Haver elle.	N. S. Ter eu, Teres tu, Ter elle.
N. P. Havermos nós, Haverdes vós, Haverem elles.	N. P. Termos nós, Terdes vós, Terem elles.

Estes verbos, quando attributivos, auxiliam-se, ou a si mesmos, ou um ao outro; e, como auxiliares, não teem participio preterito nem supino. Conservam-se nelles estas fórmas, paraque, quando os conjugar, como attributivos, possa o alumno formar a sua voz passiva, e os tempos do preterito e do futuro, que, na voz activa, se compõem, juntando-se-lhes o supino.

SECÇÃO 2.<sup>a</sup>

*Conjugação do Verbo Substantivo.*

MODO INDICATIVO.

*Presente.*

N. S. Sou,	N. P. Somos,
És,	Sois,
É.	São.

*Preterito imperfeito.*

N. S. Era,	N. P. Éramos,
Eras,	Ereis,
Era.	Eram.

*Preterito perfeito.*

N. S. Fui,	N. P. Fomos,
Foste,	Fostes,
Foi.	Foram.

*Preterito perfeito composto.*

N. S. Hei ou tenho	} sido.
Has ou tens	
Ha ou tem	
N. P. Havemos ou temos	
Haveis ou tendes	
Hão ou teem	

*Preterito anterior.*

N. S.	Houve ou tive	}	sido.
	Houveste ou tiveste		
	Houve ou teve		
N. P.	Houvemos ou tivemos		
	Houvestes ou tivestes		
	Houveram ou tiveram		

*Preterito mais que perfeito.*

N. S.	Fora,	N. P.	Foramos,
	Foras,		Foreis,
	Fora.		Foram.

*Preterito mais que perfeito composto.*

N. S.	Havia ou tinha	}	sido.
	Havias ou tinhas		
	Havia ou tinha		
N. P.	Havíamos ou tínhamos		
	Havieis ou tinheis		
	Haviam ou tinham		

*Outro.*

N. S.	Houvera ou tivera	}	sido.
	Houveras ou tiveras		
	Houvera ou tivera		
N. P.	Houveramos ou tiveramos		
	Houvereis ou tivereis		
	Houveram ou tiveram		

*Futuro absoluto.*

N. S.	Serei,	N. P.	Seremos,
	Serás,		Sereis,
	Será.		Serão.

*Futuro imperfeito composto.*

N. S.	Hei ou tenho	}	de ser.
	Has ou tens		
	Ha ou tem		
N. P.	Havemos ou temos		
	Haveis ou tendes		
	Hão ou teem		

*Futuro perfeito composto.*

Primeira fôrma.

N. S.	Haverei ou terei	}	sido.
	Haverás ou terás		
	Haverá ou terá		
N. P.	Haveremos ou teremos		
	Havereis ou tereis		
	Haverão ou terão		

Segunda fôrma.

N. S.	Haverei ou terei	}	de ser.
	Haverás ou terás		
	Haverá ou terá		
N. P.	Haveremos ou teremos		
	Havereis ou tereis		
	Haverão ou terão		

*Futuro mais que perfeito composto.*

N. S.	Havia ou tinha	}	de ser.
	Havias ou tinhas		
	Havia ou tinha		
N. P.	Havíamos ou tínhamos		
	Havieis ou tinheis		
	Haviam ou tinham		

*Futuro anterior composto.*

N. S.	Houve ou tive	}	de ser.
	Houveste ou tiveste		
	Houve ou teve		
N. P.	Houvemos ou tivemos		
	Houvestes ou tivestes		
	Houveram ou tiveram		

*Futuro anterior perfeito composto. (¹)*

N. S.	Hei de ter	}	sido.
	Has de ter		
	Ha de ter		
N. P.	Havemos de ter		
	Haveis de ter		
	Hão de ter		

*Futuro anterior mais que perfeito composto. (²).*

N. S.	Havia de ter	}	sido.
	Havias de ter		
	Havia de ter		
N. P.	Havíamos de ter		
	Havieis de ter		
	Haviam de ter		

MODO CONDICIONAL,

*Futuro.*

N. S.	Seria,	N. P.	Seríamos,
	Serias,		Serieis,
	Seria.		Seriam.

(¹) Exemplo: "*Ha de ter sido* discreto, depois dos conselhos que lhe dei."

(²) Exemplo: "*Havia de ter sido* feliz, si frequentasse os bons."



*Outro.* <sup>(1)</sup>.

N. S. Fora,	N. P. Foramos,
Foras,	Foreis,
Fora.	Foram.

*Futuro perfeito composto.*

Primeira fôrma.

N. S. Haveria ou teria	} sido.
Haverias ou terias	
Haveria ou teria	
N. P. Haveríamos ou teríamos	
Haverieis ou terieis	
Haveriam ou teriam	

Segunda fôrma.

N. S. Haveria ou teria	} de ser.
Haverias ou terias	
Haveria ou teria	
N. P. Haveríamos ou teríamos	
Haverieis ou terieis	
Haveriam ou teriam	

*Outro.*

Primeira fôrma. <sup>(2)</sup>

N. S. Houvera ou tivera	} sido.
Houveras ou tiveras	
Houvera ou tivera	
N. P. Houveramos ou tivera-	
mos	
Houvereis ou tiveréis	
Houveram ou tiveram	

<sup>(1)</sup> Exemplo: "Melhor *fora* (seria) que quem tinha de sua mão a chave da natureza, desprezasse por indigna a chave de cortezão (LATINO COELHO.—*Elogio do Barão de Humboldt*, pag. 290)."

<sup>(2)</sup> Exemplo: "Melhor *houvera sido* (haveria sido) todavia que a rainha tivesse esperado a demissão do ministerio... (IDEM.—*Elogio de D. Fr. Francisco de S. Luiz*. Nota 13.ª)"

Segunda fôrma. <sup>(1)</sup>

N. S. Houvera ou tivera	}	de ser.
Houveras ou tiveras		
Houvera ou tivera		
N. P. Houveramos ou tivera-		
mos		
Houvereis eu tivereis		
Houveram ou tiveram		

MODO IMPERATIVO.

*Futuro.*

N. S. Sê tu.	N. P. Sede vós.
--------------	-----------------

MODO CONJUNCTIVO.

*Presente.*

N. S. Seja,	N. P. Sejamos,
Sejas,	Sejaes,
Seja.	Sejam.

*Preterito imperfeito.*

N. S. Fosse,	N. P. Fossemos,
Fosses,	Fosseis,
Fosse.	Fossem.

*Outro. <sup>(2)</sup>.*

N. S. Fora,	N. P. Foramos,
Foras,	Foreis,
Fora.	Foram.

<sup>(1)</sup> Exemplo: "Interminavel ou prolixa *houvera de ser* (haveria de ser) a enumeração de quantos documentos nos exhibem os mythos e as memorias helenicas, ... (IDEM.—*Introd. á Oração da Coroa de Demosthenes*, pag. LIII)."

<sup>(2)</sup> Exemplo: "Si pois a lingua patria não existiria, si não *fora* (fosse) a degeneração da lingua mãe, onde está o padrão por que havemos de aferir esta suprema e inexcedivel perfeição, em que uma linguagem se diz fixada, e em que é urgente circumda-la de muros e barreiras, paraque não a venham elementos forasteiros macular e corromper? (LATINO COELHO.—*Elogio de D. Fr. Francisco de S. Luiz*, Nota 4.ª)."

*Preterito composto.*

N. S. Haja ou tenha	}	sido.
Hajas ou tenhas		
Haja ou tenha		
N. P. Hajamos ou tenhamos		
Hajaes ou tenhaes		
Hajam ou tenham		

*Preterito mais que perfeito composto.*

N. S. Houvesse ou tivesse	}	sido.
Houvesse ou tivesse		
Houvesse ou tivesse		
N. P. Houvessemos ou tivessemos		
Houvesseis ou tivesseis		
Houvessem ou tivessem		

*Outro. (1).*

N. S. Houvera ou tivera	}	sido.
Houveras ou tiveras		
Houvera ou tivera		
N. P. Houveramos ou tiveramos		
Houvereis ou tivereis		
Houveram ou tiveram		

(1) Exemplos: "As lendas religiosas testificariam, si bem que sob mythicos aspectos, as antigas relações da Grecia com as afastadas terras do Oriente, onde vivia um povo aryano, si não *hoveram sido* (hovessem sido) redigidas após as victoriosas excursões de Alexandre Magno. (LATINO COELHO.—*Introd. á Oração da Coroa de Demosthenes*, pag. LXXVII)." "A supposição destes cosmographos era seguida por grande numero de cartographos que em seus mappas desenhavam o paraiso, com tão plena e sincera consciencia, como si a situação dos seus logares *tivera sido* (tivesse sido) determinada por inspecção ocular e por meio de processos astronomicos (IDEM.—*Galeria de Varões Illustres de Portugal*, n.º 2, Vasco da Gama, 1.ª Parte, pag. 161)."

*Futuro.*

N. S. For,	N. P. Formos,
Fores,	Fordes,
For.	Forem.

*Futuro imperfeito composto.*

N. S. Haja ou tenha	} de ser.
Hajas ou tenhas	
Haja ou tenha	
N. P. Hajamos ou tenhamos	
Hajaes ou tenhaes	
Hajam ou tenham	

*Futuro perfeito composto.*

Primeira fôrma.

N. S. Houver ou tiver	} sido.
Houveres ou tiveres	
Houver ou tiver	
N. P. Houvermos ou tivermos	
Houverdes ou tiverdes	
Houverem ou tiverem	

Segunda fôrma.

N. S. Houver ou tiver	} de ser.
Houveres ou tiveres	
Houver ou tiver	
N. P. Houvermos ou tivermos	
Houverdes ou tiverdes	
Houverem ou tiverem	

*Futuro mais que perfeito composto.*

N. S. Houvesse ou tivesse	} de ser.
Houvesse ou tivesse	
Houvesse ou tivesse	
N. P. Houvessemos ou tivessemos	
Houvesseis ou tivesseis	
Houvessem ou tivessem	

*Outro.*

N. S. Houvera ou tivera	}	de ser.
Houveras ou tiveras		
Houvera ou tivera		
N. P. Houveramos ou tivera-		
mos		
Houvereis ou tivereis		
Houveram ou tiveram		

MODO INFINITO IMPESSOAL.

*Presente.*

Ser.

*Preterito.*

Haver ou ter sido.

*Participio presente.*

Sendo.

*Gerundio.*

Em sendo.

*Participio preterito composto.*

Havendo ou tendo sido.

*Futuro.*

Haver ou ter de ser.

*Participio futuro composto.*

Havendo ou tendo de ser.

*Supino.*

Sido.

MODO INFINITO PESSOAL.

*Presente.*

N. S. Ser eu,	N. P. Sermos nós,
Seres tu,	Serdes vós,
Ser elle.	Serem elles.

*Preterito.*

N. S. Haver ou ter eu	} sido.
Haveres ou teres tu	
Haver ou ter elle	
N. P. Havermos ou termos nós	
Haverdes ou terdes vós	
Haverem ou terem elles	

*Futuro.*

N. S. Haver ou ter eu	} de ser.
Haveres ou teres tu	
Haver ou ter elle	
N. P. Havermos ou termos nós	
Haverdes ou terdes vós	
Haverem ou terem elles	

SECÇÃO 3.ª

*Verbos regulares.*

É *regular* o verbo que, em todas as suas fórmás, conserva o radical do presente do infinito impessoal, e tem as mesmas terminações do paradigma ou modelo da conjugação a que pertence, como se vê em **cantar**, que, em todas as fórmás, conserva o radical *cant*, e tem as mesmas terminações de *amar*, seu modelo.

A lingua portugueza tem só tres conjugações regulares de verbos attributivos: a primeira que faz o infinito em *ar*: **amar**; a segunda, em *er*: **mover**; a terceira, em *ir*: **unir**.

AMAR.

MOVER.

UNIR.

MODO INDICATIVO.

*Presente.*

S. Amo,	Movo,	Uno,
Amas,	Moves,	Unes,
Amas.	Move.	Une.
P. Amamos,	Movemos,	Unimos,
Amaes,	Moveis,	Unis,
Amam.	Movem.	Unem.

*Preterito imperfeito.*

S. Amava,	Movia,	Unia,
Amavas,	Movias,	Unias,
Amava.	Movia.	Unia.
P. Amavamos,	Moviamos,	Uniamos,
Amaveis,	Movieis,	Unieis,
Amavam.	Moviam.	Uniam.

*Preterito perfeito.*

S. Amei,	Movi,	Uni,
Amaste,	Moveste,	Uniste,
Amou.	Moveu.	Uniu.
P. Amamos,	Movemos,	Unimos,
Amastes,	Movestes,	Unistes,
Amaram.	Moveram.	Uniram.

*Preterito perfeito composto.*

N. S. Hei ou tenho	}	<i>amado, movido, unido.</i>
Has ou tens		
Ha ou tem		
N. P. Havemos ou temos		
Haveis ou tendes		
Hão ou teem		

*Preterito anterior. (1)*

S. Houve ou tive	}	<i>amado, movido, unido.</i>
Houveste ou tiveste		
Houve ou teve		
P. Houvemos ou tivemos		
Houvestes ou tivestes		
Houveram ou tiveram		

*Preterito mais que perfeito.*

S. Amara,	Movera,	Unira,
Amaras,	Moveras,	Uniras,
Amara.	Movera.	Unira.
P. Amaramos,	Moveramos,	Uniramos,
Amareis,	Movereis,	Unireis,
Amaram.	Moveram.	Uniram.

*Preterito mais que perfeito composto.*

S. Havia ou tinha	}	<i>amado, movido, unido.</i>
Havias ou tinhas		
Havia ou tinha		
P. Havíamos ou tínhamos		
Havieis ou tinheis		
Haviam ou tinham		

(1) Este tempo tem sido usado por alguns autores, como se vê numa Serranilha do Cancioneirinho, n.º XXVII, em que Pero Garcia Burgalez se exprime assim: "Do que me *houve jurado*." (TH. BRAGA.—*Man. da Hist. da Litt. Portug.*, pag. 49); e na Decada 1.º, Livro 10.º, Cap. 2.º, onde João



*Outro. (1).*

S. Houvera ou tivera	}	<i>amado, movido, unido.</i>
Houveras ou tiveras		
Houvera ou tivera		
P. Houveramos ou tiveramos		
Houvereis ou tiveréis		
Houveram ou tiveram		

*Futuro absoluto.*

S. Amarei,	Moverei,	Unirei,
Amarás,	Moverás,	Unirás,
Amará.	Moverá.	Unirá.
P. Amaremos,	Moveremos,	Uniremos,
Amarêis,	Moverêis,	Unirêis,
Amarão.	Moverão.	Unirão.

*Futuro imperfecto composto.*

S. Hei ou tenho	}	<i>de amar, mover, unir.</i>
Has ou tens		
Ha ou tem		
P. Havemos ou temos		
Haveis ou tendes		
Hão ou teem		

de Barros diz : "Como *teve elegido* o logar para a fortaleza, andou buscando alguma pedra." Hoje porem é raro entre nós o seu emprego.

(1) Exemplos : "Depois que passando sob o dominio de varios emphyteutas, o *tivera adquirido* (tinha adquirido) o major Humboldt, o gosto elegante do novo proprietario havia se empenhado em tornar mais formosa aquella mansão senhorial... (LATINO COELHO.—Elogio do Barão de Humboldt pag. 47." "No trajecto de Puerto Cabello para os deliciosos valles de Araguay, verificou Humboldt, pelos seus proprios olhos, a existencia e as propriedades da celebrada arvore da vacca, de que até então *houvera duvidado* (havia duvidado), apezar do que das suas maravilhas tinha ouvido referir (*Obra cit.*, pag. 180.)

*Futuro perfeito composto.*

Primeira Fôrma.

- |   |   |                              |
|---|---|------------------------------|
| S. Haverêi ou terei<br>Haverás ou terás<br>Haverá ou terá         | } | <i>amado, movido, unido.</i> |
| P. Haveremos ou teremos<br>Havereis ou tereis<br>Haverão ou terão |   |                              |

Segunda fôrma.

- |   |   |                              |
|---|---|------------------------------|
| S. Haverêi ou terei<br>Haverás ou terás<br>Haverá ou terá         | } | <i>de amar, mover, unir.</i> |
| P. Haveremos ou teremos<br>Havereis ou tereis<br>Haverão ou terão |   |                              |

*Futuro mais que perfeito composto.*

- |   |   |                              |
|---|---|------------------------------|
| S. Havia ou tinha<br>Havias ou tinhas<br>Havia ou tinha           | } | <i>de amar, mover, unir.</i> |
| P. Havíamos ou tínhamos<br>Havieis ou tinheis<br>Haviam ou tinham |   |                              |

*Futuro anterior composto. (1).*

- |  |   |                              |
|--|---|------------------------------|
| S. Houve ou tive<br>Houveste ou tiveste<br>Houve ou teve               | } | <i>de amar, mover, unir,</i> |
| P. Houvemos ou tivemos<br>Houvestes ou tivestes<br>Houveram ou tiveram |   |                              |

(1) Exemplo: "Não contava bem Antonio Vieira oito annos de idade quando em 1615 *teve de acompanhar* sua familia para a metropole do Brazil. (JOÃO FRANCISCO LISBOA.—*Vida do Padre A. Vieira*)."

*Futuro anterior perfeito composto. (1).*

S. Hei de ter	}	<i>amado, movido, unido.</i>
Has de ter		
Ha de ter		
P. Havemos de ter		
Haveis de ter		
Hão de ter		

*Futuro anterior mais que perfeito composto. (2).*

S. Havia de ter	}	<i>amado, movido, unido.</i>
Havias de ter		
Havia de ter		
P. Havíamos de ter		
Havieis de ter		
Haviam de ter		

MODO CONDICIONAL.

*Futuro.*

S. Amaria,	Moveria,	Uniria,
Amarias,	Moverias,	Unirias,
Amaria.	Moveria.	Uniria.
P. Amariamos,	Moveríamos,	Uniríamos,
Amarieis,	Moverieis,	Unirieis,
Amariam.	Moveriam.	Uniriam.

*Outro. (3).*

S. Amara,	Movera,	Unira,
Amaras,	Moveras,	Uniras,
Amara.	Movera.	Unira.
P. Amaramos,	Moveramos,	Uniramos,
Amareis,	Movereis,	Unireis,
Amaram.	Moveram.	Uniram.

(1) Exemplo: "Hei de ter jantado, quando chegares. (PAULINO DE SOUZA—*Grammaire Portugaise*, pag. 101)."

(2) Exemplo: "O orador *havia de ter falado*, quando entraste no recinto da assembléa."

(3) Exemplo: "De si *podera* (poderia) dizer, como o heroe da India: "Mal com el-rei, por causa dos homens, e mal com os homens por causa de el-rei. (LATINO COELHO.—*Elogio de D. Frei Francisco de S. Luiz*, nota 11.ª.)"

*Futuro perfeito composto.*

Primeira fôrma.

S. Haveria ou teria	}	<i>amado, movido, unido.</i>
Haverias ou terias		
Haveria ou teria		
P. Haveríamos ou teríamos		
Haverieis ou terieis		
Haveriam ou teriam		

Segunda fôrma.

S. Haveria ou teria	}	<i>de amar, mover, unir.</i>
Haverias ou terias		
Haveria ou teria		
P. Haveríamos ou teríamos		
Haverieis ou terieis		
Haveriam ou teriam		

*Outro* <sup>(1)</sup>

Primeira fôrma.

S. Houvera ou tivera	}	<i>amado, movido, unido.</i>
Houveras ou tiveras		
Houvera ou tivera		
P. Houveramos ou tiveramos		
Houvereis ou tivereis		
Houveram ou tiveram		

Segunda fôrma.

S. Houvera ou tivera	}	<i>de amar, mover, unir.</i>
Houveras ou tiveras		
Houvera ou tivera		
P. Houveramos ou tiveramos		
Houvéreis ou tiveréis		
Houveram ou tiveram		

(2) Exemplos: "O padre Vieira, que discorrera por tantas peregrinas regiões, enriqueceu a lingua com palavras e modismos, que João de

MODOS IMPERATIVOS.

*Futuro.*

S. Ama tu.	Move tu.	Une tu.
P. Amae vós.	Móvei vós.	Uní vós.

MODOS CONJUNCTIVOS.

*Presente.*

S. Ame,	Mova,	Una,
Ames,	Movas,	Unas,
Ame.	Mova.	Una.
P. Amemos,	Movamos,	Unamos,
Ameis,	Movaes,	Unaes,
Amem.	Movam.	Unam.

*Preterito imperfeito.*

S. Amasse,	Movesse,	Unisse,
Amasses,	Movesse,	Unisses,
Amasse.	Movesse.	Unisse.
P. Amassemos,	Movessemos,	Unissemos,
Amasseis,	Movesseis,	Unisseis,
Amassem.	Movessem.	Unissem.

Barros *houvera taxado* (haveria taxado) de contrários á vernaculidade, como a elle entendia e praticava. (LATINO COELHO.—*Elogio de D. Frei Francisco de S. Luiz*, nota 4.)” “A sua immaculada austeridade nos *houvera de persuadir* (haveria de persuadir) que bem presidiria ao fomento da instrucção e á reforma dos abusos academicos, quem tanto prezava a illustração e a pureza dos costumes. (*Obra cit.* Nota 8.)”

*Outro. (1).*

S. Amara,	Movera,	Unira,
Amaras,	Moveras,	Uniras,
Amara.	Movera.	Unira.
P. Amaramos,	Moveramos,	Uniramos,
Amareis,	Movereis,	Unireis,
Amaram.	Moveram.	Uniram.

*Preterito composto.*

S. Haja ou tenha	}	<i>amado, movido, unido.</i>
Hajas ou tenhas		
Haja ou tenha		
P. Hajamos ou tenhamos		
Hajaes ou tenhaes		
Hajam ou tenham		

*Preterito mais que perfeito composto.*

S. Houvesse ou tivesse	}	<i>amado, movido, unido.</i>
Houvesse ou tivesse		
Houvesse ou tivesse		
P. Houvessemos ou tivessemos		
Houvesseis ou tivesseis		
Houvessem ou tivessem		

---

(1) Exemplo. "Salvo o respeito ao immortal cantor (Camões), preterindo as observações sobre o estylo, a linguagem, os episodios, em que algo se depara que censurar, é licito colligir que não seria em Macedo temeraria a analyse do poema, si o *fizera* (fizesse) com imparcialidade, etc. (LATINO COELHO.— *Elogio de D. Frei Francisco de S. Luiz*, Nota 6.ª)."

*Outro. (1).*

S. Houvera ou tivera	}	<i>amado, movido, unido.</i>
Houveras ou tiveras		
Houvera ou tivera		
P. Houveramos ou tiveramos		
Houvereis ou tivereis		
Houveram ou tiveram		

*Futuro.*

S. Amar,	Mover,	Unir,
Amases,	Moveres,	Unires,
Amar.	Mover.	Unir.
P. Amarmos,	Movermos,	Unirmos,
Amardes,	Moverdes,	Unirdes,
Amarem.	Moverem.	Unirem.

*Futuro imperfecto composto.*

S. Haja ou tenha	}	<i>de amar, mover, unir.</i>
Hajas ou tenhas		
Haja ou tenha		
P. Hajamos ou tenhamos		
Hajaes ou tenhaes		
Hajam ou tenham		

*Futuro perfeito composto.*

*Primeira fórma.*

S. Houver ou tiver	}	<i>amado, movido, unido.</i>
Houveres ou tiveres		
Houver ou tiver		
P. Houvermos ou tivermos		
Houverdes ou tiverdes		
Houverem ou tiverem		

(1) Exemplos: "Si não *tivera trajado* (tivesse trajado) a purpura romana, teria tido por distincção a honra mais singular de a ter merecido pelos seus dotes evangelicos. Si não *houvera subido* (houvesse subido) nunca

Segunda fórma.

- |                          |   |                       |
|--------------------------|---|-----------------------|
| S. Houver ou tiver       | } | de amar, mover, unir. |
| Houveres ou tiveres      |   |                       |
| Houver ou tiver          |   |                       |
| P. Houvermos ou tivermos |   |                       |
| Houverdes ou tiverdes    |   |                       |
| Houverem ou tiverem      |   |                       |

*Futuro mais que perfeito composto.*

- |                          |   |                       |
|--------------------------|---|-----------------------|
| S. Houvesse ou tivesse   | } | de amar, mover, unir. |
| Houvesses ou tivesses    |   |                       |
| Houvesse ou tivesse      |   |                       |
| P. Houvessemos ou tives- |   |                       |
| semos                    |   |                       |
| Houvesses ou tivesses    |   |                       |
| Houvesses ou tivessem    |   |                       |

*Outro. (1).*

- |                          |   |                       |
|--------------------------|---|-----------------------|
| S. Houvera ou tivera     | } | de amar, mover, unir. |
| Houveras ou tiveras      |   |                       |
| Houvera ou tivera        |   |                       |
| P. Houveramos ou tivera- |   |                       |
| mos                      |   |                       |
| Houvereis eu tivereis    |   |                       |
| Houveram ou tiveram      |   |                       |

às prelaturas, o seu aspecto venerando, e os seus costumes verdadeiramente pastoraes teriam feito lembrar nelle a autoridade e a doutrina dos prelados (*Obra cit.*, pag. 6)."

(1) Exemplo: "Descendo ao particular, infinita materia fora, si *houvera de discorrer* (houvesse de discorrer) pelas virtudes de que o autor da natureza a dotou, e fez admiravel em cada um de vós. (VIEIRA.—*Sermões*)."



MODOS INFINITOS IMPERSONAIS.

*Presente.*

Amar.                      Mover.                      Unir.

*Preterito.*

Haver ou ter *amado.*    Haver ou ter *movido.*    Haver ou ter *unido.*

*Participio presente.*

Amando.                      Movendo.                      Unindo.

*Gerundio.*

Em amando.                      Em movendo.                      Em unindo.

*Participio preterito.*

Amado, a, os, as.    Movido, a, os, as.    Unido, a, os, as.

*Participio preterito composto.*

Havendo ou tendo    Havendo ou tendo    Havendo ou tendo  
*amado.*                      *movido.*                      *unido.*

*Futuro.*

Haver ou ter de    Haver ou ter de    Haver ou ter de  
*amar.*                      *mover.*                      *unir.*

*Participio futuro composto.*

Havendo ou tendo    Havendo ou tendo    Havendo ou tendo  
de *amar.*                      de *mover.*                      de *unir.*

*Supino.*

*Amado.*

*Movido.*

*Unido.*

MODO INFINITO PESSOAL.

*Presente.*

S. Amar eu,	Mover eu,	Unir eu,
Amares tu,	Moveres tu,	Unires tu,
Amar elle.	Mover elle.	Unir elle.
P. Amarmos nós,	Movermos nós,	Unirmos nós,
Amardes vós,	Moverdes vós,	Unirdes vós,
Amarem elles.	Moverem elles.	Unirem elles.

*Preterito.*

S. Haver ou ter eu	} <i>amado, movido, unido.</i>
Haveres ou teres tu	
Haver ou ter elle	
P. Havermos ou termos nós	
Haverdes ou terdes vós	
Haverem ou terem elles	

*Futuro.*

S. Haver ou ter eu	} <i>de amar, mover, unir.</i>
Haveres ou teres tu	
Haver ou ter elle	
P. Havermos ou termos nós	
Haverdes ou terdes vós	
Haverem ou terem elles	

Conjuga-se pois qualquer verbo regular, nos tempos simples, juntando-se ao radical, ou á parte que precede as terminações *ar*, *er*, *ir*, do presente do infinito impessoal, as inflexões respectivas, que se acham gryphadas

nos modelos das tres conjugações; nos tempos compostos do preterito, combinando-se as linguagens dos auxiliares com o supino; e, nos tempos compostos do futuro combinando-se as linguagens dos auxiliares, ora com o supino, ora com o presente do infinito impessoal.

SECÇÃO 4.<sup>a</sup>

*Verbos irregulares.*

É *irregular* o verbo que, em todas as suas fórmás, ou somente em algumas, apresenta anomalias *thematicas*, *flexionaes* e *thematico-flexionaes*.

As anomalias são *thematicas*, quando o verbo não conserva o mesmo radical do presente do infinito impessoal, como em *digo* de *dizer*, *cubro* de *cubrir*.

As anomalias são *flexionaes*, quando o verbo tem terminações diversas das do seu paradigma, como em *estive* de *estar*, *dás* de *dar*.

As anomalias são *thematico-flexionaes*, quando o verbo não conserva o mesmo radical do presente do infinito impessoal, e tem terminações diversas das do seu paradigma, como em *soube* de *saber*, *fizeram* de *fazer*.

Os *verbos irregulares*, ou são *accidentalmente irregulares*, ou *essencialmente irregulares*.

Ha verbos irregulares que são ao mesmo tempo destas duas especies, como se vê em *sigo* de *seguir*.

I

*Verbos accidentalmente irregulares.*

*Verbos accidentalmente irregulares* são aquelles cuja pronuncia não é alterada pelas modificações que soffrem em sua fórmula, como *eleger*, que, sem se dar alteração de som, soffre em *elejio*; *eleja*, *elejas*, etc. a mudança do *g*, em *j*.

### *Primeira Conjugação.*

São accidentalmente irregulares, nas formas que teem o radical seguido de *e*:

1.<sup>o</sup> Os verbos em *gar*, que pedem a vogal *u*, entre o radical e a inflexão: *rogue*, *roguei* de *rogar*.

2.<sup>o</sup> Os verbos em *car* ou *ccar*, que mudam o *c* ou *cc* em *qu*: *fique*, *fiquei* de *ficar*; *peque*, *pequei* de *peccar*.

3.<sup>o</sup> Os verbos em *çar*, que perdem a cedilha: *ice*, *icci* de *içar*.

### *Segunda e terceira conjugação.*

São accidentalmente irregulares, nas formas que teem o radical seguido de *a* ou *o*:

1.<sup>o</sup> Os verbos em *cer* e *cir*, que pedem uma cedilha: *conheço*, *conheça* de *conhecer*; *resarço*, *resarça*, de *resarecir*.

2.<sup>o</sup> Os verbos em *ger* e *gir*, que mudam o *g*, em *j*: *abranjo*, *abranja* de *abranjer*; *finjo*, *finja* de *finjir*.

3.<sup>o</sup> Os verbos em *guer* e *guir*, que perdem a vogal *u*: *ergo*, *erga* de *erguer*; *distingo*, *distinga* de *distinguir*. Exceptua-se *arguir*, que sempre a conserva.

## II

### *Verbos essencialmente irregulares.*

*Verbos essencialmente irregulares* são aquelles cuja pronuncia é alterada pelas modificações que soffrem em sua forma, como *pedir*, que, com alteração de som, soffre um *peço*, *peça*, etc., a mudança do *d* em *ç*.

Nos verbos essencialmente irregulares, dão-se as seguintes particularidades que cumpre conhecer, porque facilitam sua conjugação:

1.<sup>a</sup> Quando um verbo é irregular na primeira pessoa do singular do presente do indicativo, communica essa irregularidade a todas as linguagens do presente do subjunctivo, como se vê em *ouvir*, que faz, na primeira pessoa do singular do presente do indicativo, *ouço*, e, no presente do subjunctivo, *ouça*, *ouças*, *ouça*, *ouçamos*, *ouçaes*, *ouçam*. Exceptuam-se os verbos *dar*,

*estar, haver, ir, querer, saber*, que, na primeira pessoa do singular do presente do indicativo, fazem *dou, estou, hei, vou, quero, sei*, e, no presente do subjunctivo, *dê, esteja, haja, vá, queira, saiba*.

2.<sup>a</sup> Quando um verbo é irregular nas segundas pessoas do presente do indicativo, communica essa irregularidade ao imperativo, como se vê em *crer*, que faz, nas segundas pessoas do presente do indicativo, *crês, credes*, e, no imperativo, *crê, crede*.

3.<sup>a</sup> Quando um verbo é irregular na terceira pessoa do plural do preterito perfeito do indicativo, communica essa irregularidade ao preterito mais que perfeito do indicativo, e ao preterito imperfeito e futuro do subjunctivo, como se vê nas seguintes linguagens do verbo *fazer*: **Indicativo**, terceira pessoa do plural do preterito perfeito, *fizeram*; preterito mais que perfeito, *fizera, fizeras, fizera, fizemos, fizereis, fizeram*: **Subjunctivo**, preterito imperfeito, *fizesse, fizesses, fizesse, fizcssemos, fizcsseis, fizcssem*; futuro, *fizer, fizeres, fizer, fizermos, fizerdes, fizerem*.

4.<sup>a</sup> Quando um verbo é irregular no presente do infinito impessoal, communica essa irregularidade ao futuro absoluto do indicativo, ao futuro simples do condicional, e ao presente do infinito pessoal. Dá-se isto apenas com os verbos *pôr* e *ir*, cujos tempos mencionados são: *porei, irei; poria, iria; pôr eu, ir eu*.

## PRIMEIRA CONJUGAÇÃO.

### *Dar.*

INDIC. *pres.* Dou, dás, dá, damos, daes, dão.

» *perf.* Dei, déste, deu, demos, déstes, deram.

SUBJ. *pres.* Dê, dês, dê, demos, deis, deem.

### *Estar.*

INDIC. *pres.* Estou, estás, está, estamos, estaes, estão.

» *perf.* Estive, estiveste, esteve, estivemos, estivestes, estiveram.

SUBJ. *pres.* Esteja, estejam, esteja, estejamos, estejam, estejam.

### *Moscar.*

INDIC. *pres.* Musco, muscas, musca, moscamos, moscaes, muscam.

*Verbos terminados em ear.*

Os verbos em *ear* tomam um *i* euphonico na primeira, segunda e terceira pessoa do singular, e na terceira do plural do presente do indicativo, e communicam esta irregularidade ás mesmas pessoas do presente do subjunctivo, e á segunda do singular do imperativo, como se vê nas seguintes fórmas do verbo *cear*:

INDIC. *pres.* Ceio, ceias, ceia, ceiam.

IMPER. *fut.* Ceia.

SUBJ. *pres.* Ceie, ceies, ceie, ceiem.

*Crear* entretanto conjuga-se nos mesmos tempos, por este modo:

INDIC. *pres.* Crio, crias, cria, creamos, creaes, criam,

IMPER. *fut.* Cria, creae.

SUBJ. *pres.* Crie, crie, crie, creemos, creeis, criem.

*Alguns verbos terminados em iar.*

Alguns verbos derivados de substantivos terminados em *ancia*, *ença* ou *encia*, como *anciar*, *sentenciar*, *agenciar*, exigem um *ê*, antes do *i*, que precede a inflexão, nos mesmos tempos e pessoas, em que os verbos em *ear* pedem um *i*, como se vê em *cadenciar*, que faz:

INDIC. *pres.* Cadenceio, cadenceias, cadenceia, cadenceiam.

IMPER. *fut.* Cadenceia.

SUBJ. *pres.* Cadenceie, cadenceies, cadenceie, cadenceiem.

Tambem seguem esta regra *basofiar*, *commerciar*, *incendiar*, *mediar*, *negociar*, *obsequiar*, *odiar*, *palliar*, *premiar*, *remediar* e o derivado *intermediar*.

SEGUNDA CONJUGAÇÃO.

*Caber.*

INDIC. *pres.* Caibo, cabes, cabe, cabemos, cabeis, cabem.

INDIC. *perf.* Coube, coubeste, coube, coubemos, coubestes, couberam.

IMPER. *fut.* Não tem.

Por este conjuga-se *saber*, que differe só na primeira pessoa do singular do presente do indicativo, que é *sei*.

*Comprazer.*

INDIC. *pres.* Comprazo, comprazes, *compraz*, comprazemos, comprazeis, comprazem.

*Crer.*

INDIC. *pres.* Creio, crês, crê, cremos, *credes*, creem.  
Tambem se conjuga assim o verbo *ler*.

*Dizer.*

INDIC. *pres.* Digo, dizes, *diz*, dizemos, dizeis, dizem.  
» *perf.* Disse, disseste, disse, dissemos, dissestes, disseram.

INDIC. *fut.* Direi, dirás, dirá, diremos, direis, dirão.

CONDIC. *fut.* Diria, dirias, diria, diriamos, dirieis, diriam.

INF. IMP. *p. p.* Dito, dita, ditos, ditas.

» » *sup.* Dito.

*Fazer.*

INDIC. *pres.* Faço, fazes, *faz*, fazemos, fazeis, fazem.

» *perf.* Fiz, fizeste, fez, fizemos, fizestes, fizeram.

INDIC. *fut.* Farei, farás, fará, faremos, fareis, farão.

CONDIC. *fut.* Faria, farias, faria, faríamos, farieis, fariam.

INF. IMP. *p. p.* Feito, feita, feitos, feitas.

» » *sup.* Feito.

*Haver.*

Vejam-se as paginas 156 a 160, onde foi este verbo conjugado, como auxiliar.

Como este, conjuga-se o seu composto *rehaver*, que só se usa nas fórmulas que tem *v*.

*Jazer.*

INDIC. *pres.* Jazo, jazes, *jaz*, jazemos, jazeis, jazem.

*Perder.*

INDIC. *pres.* Perco, perdes, perde, perdemos, perdeis, perdem.

*Poder.*

INDIC. *pres.* Posso, podes, pode, podemos, podeis, podem.

INDIC. *perf.* Pude, podeste, *poude*, podemos, podestes, puderam

IMPER. *fut.* Não tem.

INF. IMP. Não têm participio preterito.

*Pôr* (contração de *poer*, antiquado).

INDIC. *pres.* Ponho, pões, põe, *pomos*, *pondes*, põem.

» *imp.* Punha, *punhas*, *punha*, *punhamos*, *punheis*, *punham*.

INDIC. *perf.* Puz, *pozeste*, *poz*, *pozemos*, *pozestes*, *pozeram*.

INF. IMP. *pres.* Pôr.

» » *p. pres.* Pondo.

» » *ger.* Em pondo.

» » *p. pret.* Posto, *posta*, *postos*, *postas*.

« » *sup.* Posto.

*Prazer* (unipessoal).

INDIC. *pres.* Praz.

» *perf.* Prouve.

Faltam-lhe o participio passado e o supino.



Si bem não seja na terceira pessoa do plural a irregularidade do preterito perfeito, que não a tem, por ser este verbo unipessoal, communica-se ella ao mais que perfeito do indicativo *prouvera*, e ao imperfeito e futuro do subjunctivo *prouvesse*, *prouver*.

*Prover.*

INDIC. *pres.* Provejo, provês, provê, provemos, provedes ou proveis, provêem.

IMPER. *fut.* Provê, provede ou provei.

*Querer.*

INDIC. *pres.* Quero, queres, *quer*, queremos, quereis, querem.

INDIC. *perf.* Quiz, quizeste, quiz, quizemos, quizes-tes, quizeram.

IMPER. *fut.* Não tem.

SUBJ. *pres.* Queira, queiras, queira, queiramos, queiraes, queiram.

*Requerer.*

INDIC. *pres.* Requeiro, requeres, *requer*, requeremos, requireis, requerem.

*Ter.*

Veja-se este verbo, nas paginas 156 a 160, onde se acha conjugado, como auxiliar.

*Trazer.*

INDIC. *pres.* Trago, trazes, *traz*, trazemos, trazeis, trazem.

INDIC. *perf.* Trouxe, trouxeste, trouxe, trouxemos, trouxestes, trouxeram.

INDIC. *fut.* Trarei, trarás, trará, traremos, trareis, trarão.

CONDIC. *fut.* *Traria, trarias, traria, trariam, trarieis, trariam.*

*Valer.*

INDIC. *pres.* *Valho, vales, vale, valem, vales, valem.*

INF. IMP. Não tem participio preterito.

*Ver.*

INDIC. *pres.* *Vejo, vês, vê, vemos, vedes, vêem.*

» *perf.* *Vi, viste, viu, vimos, vistes, viram.*

INF. IMP. *p. p.* *Visto, vista, vistos, vistas.*

» *sup.* *Visto.*

### TERCEIRA CONJUGAÇÃO.

*Acudir.*

INDIC. *pres.* *Acudo, acodes, acode, acudimos, acudis, acodem.*

Acompanham este verbo em suas anomalias *atupir, bulir, construir, cuspir, destruir, engulir, entupir, escapulir, fugir, sacudir, subir, sumir, tussir.*

*Adherir.*

INDIC. *pres.* *Adhiro, adheres, adhere, adherimos, adheris, adherem.*

E assim *advertir, compellir, competir, concernir, convellir, convergir, despir, discernir, divergir, divertir, emergir, enxerir, expellir, ferir, gerir, immergir, impellir, inherir, interserir, inserir, mentir, preterir, reflectir, repellir, repetir, seguir, sentir, servir, submergir, suggerir, vestir.*

Por analogia, teem as mesmas irregularidades de *ferir*, si bem que delle não derivados, os verbos *aferir, anteferir, auferir, conferir, correferir, deferir, desferir, differir, indeferir, inferir, preferir, proferir, referir, transferir.*

*Aggredir.*

INDIC. *pres.* Aggrido, aggrides, aggride, aggredimos, aggredis, aggridem.

Pelo mesmo modo, os verbos *delir*, *denegrir*, *prevenir*, *progredir*, *remir*, *serzir*, *transgredir*.

*Cobrir.*

INDIC. *pres.* Cubro, cobres, cobre, cobrimos, cobris, cobrem.

INF. IMP. *p. pret.* Coberto, coberta, cobertos, cobertas.

INF. IMP. *sup.* Coberto.

O verbo *dormir* tem as mesmas irregularidades de *cobrir*, menos a do participio preterito e supino, em que é regular.

*Cortir.*

INDIC. *pres.* Curto, curtes, curte, cortimos, cortis, curtem.

Conjugam-se do mesmo modo *ordir*, *poir*, *polir*, *sortir*.

*Frigir.*

INDIC. *pres.* Frijo, freges, frege, frigimos, frigis, fregem.

INF. IMP. *p. pret.* Frito, frita, fritos, fritas.

*Ir.*

INDIC. *pres.* Vou, vaes, vae, vamos ou imos, ides, vão.

» *imp.* Ia, ias, ia, iamos, ieis, iam.

» *perf.* Fui, foste, foi, fomos, fostes, foram.

SUBJ. *pres.* Vá, vás, vá, vamos, vades, vão.

INF. IMP. *pres.* Ir.

» » *p. pres.* Indo.

» » *ger.* Em indo.

INF. IMP. *p. pret.* *Ido, ida, idos, idas.*  
» » *sup.* *Ido.*  
» » *Ido.*

*Pedir.*

INDIC. *pres.* *Pego, pedes, pede, pedimos, pedis, pedem.*  
Conjugam-se da mesma maneira *ouvir, medir.*

*Despedir, expedir, impedir e desimpedir*, com quanto não sejam formados de *pedir* (petere), teem as mesmas irregularidades deste, por *interferência* ou *analogia morphica*.

*Rir.*

INDIC. *pres.* *Rio, ris, ri, rimos, rides, riem.*  
INF. IMP. Não tem participio preterito.

*Vir.*

INDIC. *pres.* *Venho, vens, vem, vimos, vindes, veem.*  
« *imp.* *Vinha, vinhas, vinha, vinhamos, vinheis, vinham.*

INDIC. *perf.* *Vim, vieste, veio, viemos, viestes, vieram.*  
IMPER. *fut.* *Vem, vinde.*

INF. IMP. *p. pret.* *Vindo, vincla, vizados, vindas.*  
» » *sup.* *Vindo.*

*Desavir*, composto de *vir*, e que tem as mesmas irregularidades deste, é, no preterito perfeito do indicativo, conjugado por individuos menos cultos, como si fosse composto de *haver*; dizem: *deshouve, deshouveste, deshouve, deshouvemos, deshouvestes, deshouveram*, devendo dizer: *desavim, desavieste, desaveio, desaviemos, desaviestes, desavieram*.

*Verbos terminados em air.*

Os verbos em *air* pedem um *i*, entre o radical e a terminação, na primeira pessoa do singular do presente do indicativo, e em todas as pessoas do presente do

subjunctivo, como se vê nas seguintes formas do verbo *esvaír*:

INDIC. *pres.* Esvaio, esvae, esvae, esvaimos, esvais, esvaem.

SUBJ. *pres.* Esvaia, etc.

Comprehendem-se nestes verbos *cair*, *sair*, *trair*.

*Verbos terminados em hir.*

Os verbos em *hir*, derivados de verbos latinos compostos de *trahere*, como *abstrahir*, *attrahir*, *contrahir*, mudam o *h* em *i*, na primeira pessoa do singular do presente do indicativo, e no presente do conjunctivo: *abstraio*; *abstraia*, etc.

*Verbos terminados em uzir.*

Os verbos em *uzir* perdem o *e* final ou a terminação, na terceira pessoa do singular do presente do indicativo, como se vê em *produzir*, que faz *produz*.

*Verbos irregulares compostos.*

Os verbos irregulares compostos teem as mesmas irregularidades que os simples de que se formam. Exceptuam-se *comprazer*, *prover*, *rehaver*, *requerer*, que não teem todas as irregularidades dos seus simples *prazer*, *ver*, *haver*, *querer*.

*Participios passados irregulares.*

Ha verbos cujos participios passados teem forma irregular, e diversa da do supino. Taes são:

PRIMEIRA CONJUGAÇÃO.

<i>Infinitos.</i>	<i>Supinos.</i>	<i>Participios passados.</i>
Aceitar,	aceitado,	aceito ou aceite;
Annexar,	annexado,	annexo;
Apromptar,	apromptado,	prompto;
Aquietar,	aquietado,	quieto;
Bemquistar,	bemquistado,	bemquistado;

<i>Infinitos.</i>	<i>Supinos.</i>	<i>Participios passados.</i>
Cegar,	cegado,	cego;
Completar,	completado,	completo;
Conjunctar,	conjunctado,	conjuncto;
Densar,	densado,	denso;
Entregar,	entregado,	entregue;
Enxugar,	enxugado,	enxuto;
Exemptar,	exemptado,	exempto;
Expressar,	expressado,	expresso;
Expulsar,	expulsado,	expulso;
Faltar,	faltado,	falto;
Fartar,	fartado,	farto;
Findar,	findado,	findo;
Fitar,	fitado,	fito;
Inquietar,	inquietado,	inquieto;
Isentar,	isentado,	isento;
Juntar,	juntado,	junto;
Limpar,	limpado,	limpo;
Livrar,	livrado,	livre;
Malquistar,	malquistado,	malquisto;
Manifestar,	manifestado,	manifesto;
Matar,	matado,	morto;
Murchar,	murchado,	murchado;
Occultar,	occultado,	occulto;
Quietar,	quietado,	quieto;
Safar, <i>tirar fóra ou</i> <i>desembaraçar,</i>	safado,	safo;
Salvar,	salvado,	salvo;
Seccar,	seccado,	sêcco;
Segurar,	segurado,	seguro;
Soltar,	soltado,	sôlto;
Sujeitar,	sujeitado,	sujeito;
Suspeitar,	suspeitado,	suspeito;
Vagar,	vagado,	vago.

SEGUNDA CONJUGAÇÃO.

<i>Infinitos.</i>	<i>Supinos.</i>	<i>Participios passados.</i>
Acender,	acendido,	aceso;
Benzer,	benzido,	bento;
Eleger,	elegido,	eleito;
Encher,	enchido,	cheio;
Entanguecer,	entanguécido,	entanguído;

<i>Infinitos.</i>	<i>Supinos.</i>	<i>Participios passados.</i>
Incorrer,	incurrido,	incurso;
Morrer,	morrido,	morto;
Nascer,	nascido,	nado ou nato;
Pender,	pendido,	penso;
Prender,	prendido,	preso;
Propender,	propendido,	propenso;
Reeleger,	reelegido,	reeleito;
Romper,	rompido,	roto;
Suspender,	suspendido,	suspensio;
Tender,	tendido,	tenso ou teso.

#### TERCEIRA CONJUGAÇÃO.

<i>Infinitos.</i>	<i>Supinos.</i>	<i>Participios passados.</i>
Adstringir,	adstringido,	adstricto;
Distinguir,	distinguido,	distincto;
Exprimir,	exprimido,	expresso;
Extinguir,	extinguido,	extincto;
Frigir,	frigido,	frito;
Inserir,	inserido,	inserto;
Recluir,	recluido,	recluso;
Surgir,	surgido,	surto;
Tingir,	tingido,	tinto.

São supinos as fórmulas regulares destes verbos, e participios passados as irregulares, porque aquellas só se conjugam com *haver* e *ter*, e estas com *ser* e *estar*, como se vê em *tem* ou *ha aceitado*; *foi aceito*, *está aceito*. Dá-se contudo o caso de serem algumas das fórmulas irregulares conjugadas também com os verbos *haver* e *ter*; procede isso da confusão que teem feito do participio preterito com o supino, não admitindo este, que entre-tanto differe daquelle, tanto na fórmula como na significação.

Outros verbos ha que, além do participio preterito regular, teem outro irregular. Taes são:

#### PRIMEIRA CONJUGAÇÃO.

<i>Infinitos.</i>	<i>Supinos.</i>	<i>Part. pass. reg.</i>	<i>Part. pass. irreg.</i>
Affeioar,	affeioado,	affeioado, a,	affecto;
Arrebatár,	arrebatoado,	arrebatoado, a,	raptó, <i>ant.</i> ;
Assegurar,	assegurado,	assegurado, a,	asserto;
Assentar,	assentado,	assentado, a,	assente;
Botar, <i>embotar</i> ,	botado,	botado, a,	bôto;

<i>Infinitos.</i>	<i>Supinos.</i>	<i>Part. pass. reg.</i>	<i>Part. pass. irreg.</i>
Captivar,	captivado,	captivado, a,	captivo ou capto ;
Circuncidar,	circuncidado,	circuncidado, a,	circunciso ;
Compaginar,	compaginado,	compaginado, a,	compacto ;
Concretar,	concretado,	concretado, a,	concreto ;
Condensar,	condensado,	condensado, a,	condenso ;
Cortar,	cortado,	cortado, a,	corto, <i>ant.</i> ;
Confessar,	confessado,	confessado, a,	confesso ;
Cultivar,	cultivado,	cultivado, a,	culto ;
Curvar,	curvado,	curvado, a,	curvo ;
Descalçar,	descalçado,	descalçado, a,	descalço ;
Despertar,	despertado,	despertado, a,	desperto ;
Dispersar,	dispersado,	dispersado, a,	disperso ;
Estreitar,	estreitado,	estreitado, a,	estreito ;
Exceptuar,	exceptuado,	exceptuado, a,	excepto, <i>usado hoje como preposição</i> ;
Excusar,	excusado,	excusado, a,	excuso, <i>ant.</i> ;
Extremar,	extremado,	extremado, a,	extreme, <i>ant.</i> ;
Fixar,	fixado,	fixado, a,	fixo ;
Ignorar,	ignorado,	ignorado, a,	ignoto ;
Infectar,	infectado,	infectado, a,	infecto ;
Infestar,	infestado,	infestado, a,	infesto ;
Inficionar,	inficionado,	inficionado, a,	infecto ;
Lesar,	lesado,	lesado, a,	leso ;
Libertar,	libertado,	libertado, a,	liberto ;
Misturar,	misturado,	misturado, a,	misto ;
Molestar,	molestado,	molestado, a,	molesto ;
Pegar,	pegado,	pegado, a,	pêgo ;
Professar,	professado,	professado, a,	professo ;
Raptar,	raptado,	raptado, a,	rapto ;
Rejeitar,	rejeitado,	rejeitado, a,	rejeito, <i>ant.</i> ;
Requisitar,	requisitado,	requisitado, a,	requisito ;
Revoltar,	revoltado,	revoltado, a,	revólto ;
Salpresar,	salpresado,	salpresado, a,	salpreso ;
Sepultar,	sepultado,	sepultado, a,	sepulto, <i>ant.</i> ;
Situar,	situado,	situado, a,	sito ;
Suxar,	suxado,	suxado, a,	suxo ;
Voltar,	voltado,	voltado, a,	vólto, <i>ant.</i>

#### SEGUNDA CONJUGAÇÃO.

<i>Infinitos.</i>	<i>Supinos.</i>	<i>Part. pass. reg.</i>	<i>Part. pass. irreg.</i>
Absolver,	absolvido,	absolvido, a,	absolto ou absoluto ;
Absorver,	absorvido,	absorvido, a,	absorto ;



<i>Infinitos.</i>	<i>Supinos.</i>	<i>Part. pass. reg.</i>	<i>Part. pass. irreg.</i>
Agradecer,	agradecido,	agradecido, a,	grato;
Apprehender,	apprehendido,	apprehendido, a,	apprehenso;
Arrepende,	arrepido,	arrepido, a,	arrepeso, <i>ant.</i> ;
Attender,	attendido,	attendido, a,	attento;
Bemquerer,	bemquerido,	bemquerido, a,	bemquisto;
Colher,	colhido,	colhido, a,	colheito, <i>ant.</i> ;
Comer,	comido,	comido, a,	comesto, <i>ant.</i> ;
Conceder,	concedido,	concedido, a,	concesso, <i>ant.</i> ;
Conhecer,	conhecido,	conhecido, a,	cognito;
Conter,	contido,	contido, a,	conteúdo, <i>ant.</i> ;
Convencer,	convencido,	convencido, a,	convicto;
Converter,	convertido,	convertido, a,	converso;
Corromper,	corrompido,	corrompido, a,	corrupto;
Coser,	cosido,	cosido, a,	coseito, <i>ant.</i> ;
Cozer,	cozido,	cozido, a,	couto, <i>ant.</i> ;
Crer,	crido,	crido, a,	creúdo, <i>ant.</i> ;
Defender,	defendido,	defendido, a,	defeso;
Descrer,	descrido,	descrido, a,	descreúdo, <i>ant.</i> ;
Desenvolver,	desenvolvido,	desenvolvido, a,	desenvolto;
Despende,	despendido,	despendido, a,	despeso, <i>ant.</i> ;
Deter,	detido,	detido, a,	deteúdo, <i>ant.</i> ;
Dever,	devido,	devido, a,	deádo ou devudo, <i>ant.</i> ;
Dissolver,	dissolvido,	dissolvido, a,	dissoluto;
Devolver,	devolvido,	devolvido, a,	devoluto;
Emprender,	emprendido,	emprendido, a,	empreso, <i>ant.</i> ;
Envolver,	envolvido,	envolvido, a,	envolto;
Escolher,	escolhido,	escolhido, a,	escolheito, <i>ant.</i> ;
Esconder,	escondido,	escondido, a,	escuso, <i>outrora</i> con- dido, <i>ant.</i> ;
Escorrer,	escorrido,	escorrido, a,	escorreito;
Escurecer,	escurecido,	escurecido, a,	escuro;
Extender,	extendido,	extendido, a,	extenso;
Interromper,	interrompido,	interrompido, a,	interrupto, <i>pouco</i> <i>usado</i> ;
Inverter,	invertido,	invertido, a,	inverso;
Ler,	lido,	lido, a,	leúdo, <i>ant.</i> ;
Manter,	mantido,	mantido, a,	manteúdo, <i>ant.</i> ;
Metter,	mettido,	mettido, a,	mettudo, <i>ant.</i> ;
Pacer ou pascer,	pacido ou pas- cido,	pacido, a ou pas- cido, a,	paúdo, <i>ant.</i> ;
Perder,	perdido,	perdido, a,	perduto, <i>ant.</i> ;
Perverter,	pervertido,	pervertido, a,	perverso;
Pretender,	pretendido,	pretendido, a,	pretenso;

<i>Infinitos.</i>	<i>Supinos.</i>	<i>Part. pass. reg.</i>	<i>Part. pass. irreg.</i>
Prover,	provido,	provido, a,	proveúdo, <i>ant.</i> ;
Querer, <i>querer bem,</i>	querido,	querido, a,	quistó;
Reconhecer,	reconhecido,	reconhecido, a,	recognito;
Recoser,	recosido,	recosido, a,	recoseito, <i>ant.</i> ;
Recozer,	recozido,	recozido, a,	recouto <i>ant.</i> ;
Refranger,	refrangido,	refrangido, a,	refracto;
Remover,	removido,	removido, a,	remoto;
Reprehender,	reprehendido,	reprehendido, a,	reprehenso;
Resolver,	resolvido,	resolvido, a,	resoluto ou resolto;
Reter,	retido,	retido, a,	reteúdo, <i>ant.</i> ;
Retorcer,	retorcido,	retorcido, a,	retorto;
Revolver,	revolvido,	revolvido, a,	revoluto ou revôlto;
Sobreprehender,	sobreprehendido,	sobreprehendido, a,	sobreprehenso;
Solver,	solvido,	solvido, a,	soluto;
Submetter,	submettido,	submettido, a,	submisso;
Subtender,	subtendido,	subtendido, a,	subtenso;
Surprehender,	surprehendido,	surprehendido, a,	surpreso;
Tanger,	tangido,	tangido, a,	tacto;
Ter,	tido,	tido, a,	teúdo, <i>ant.</i> ;
Tolher,	tolhido,	tolhido, a,	tolheito, <i>ant.</i> ;
Torcer,	torcido,	torcido, a,	torso ou torto;
Volver,	volvido,	volvido, a,	vôlto, <i>ant.</i>

TERCEIRA CONJUGAÇÃO.

<i>Infinitos.</i>	<i>Supinos.</i>	<i>Part. pass. reg.</i>	<i>Part. pass. irreg.</i>
Abstrahir,	abstrahido,	abstrahido, a,	abstracto;
Acquirir,	acquirido,	acquirido, a,	acquisito;
Adquirir,	adquirido,	adquirido, a,	acquisto;
Affligir,	affligido,	affligido, a,	afflicto;
Aspergir,	aspergido,	aspergido, a,	asperso;
Assumir,	assumido,	assumido, a,	assumpto;
Cingir,	cingido,	cingido, a,	cinto ou cento, <i>ant.</i> ;
Circumduzir,	circumduzido,	circumduzido, a,	circumducto;
Coagir,	coagido,	coagido, a,	coacto;
Compellir,	compellido,	compellido, a,	compulso;
Comprimir,	comprimido,	comprimido, a,	compresso;
Compungir,	compungido,	compungido, a,	compuncto;
Concluir,	concluido,	concluido, a,	concluso;
Conduzir,	conduzido,	conduzido, a,	conducto;
Confundir,	confundido,	confundido, a,	confuso;
Contrahir,	contrahido,	contrahido, a,	contracto;
Contundir,	contundido,	contundido, a,	contuso;

<i>Infinitos.</i>	<i>Supinos.</i>	<i>Part. pass. reg.</i>	<i>Part. pass. irreg.</i>
Convellir,	convellido,	convellido, a,	convulso ;
Corrigir,	corrigido,	corrigido, a,	correcto ;
Diffundir,	diffundido,	diffundido, a,	diffuso ;
Digerir,	digerido,	digerido, a,	digesto ;
Diluir,	diluido,	diluido, a,	diluto ;
Dirigir,	dirigido,	dirigido, a,	directo ;
Distrahir,	distrahido,	distrahido, a,	distracto ;
Dividir,	dividido,	dividido, a,	diviso, <i>pouco usado</i> ;
Effundir,	effundido,	effundido, a,	effuso ;
Emergir,	emergido,	emergido, a,	emerso ;
Erigir,	erigido,	erigido, a,	erecto ;
Expargir,	espargido,	espargido, a,	esparso ;
Excluir,	excluido,	excluido, a,	excluso ;
Exhaurir,	exhaurido,	exhaurido, a,	exhausto ;
Eximir,	eximido,	eximido, a,	exempto ;
Expellir,	expellido,	expellido, a,	expulso ;
Extorquir,	extorquido,	extorquido, a,	extorto ;
Extrahir,	extrahido,	extrahido, a,	extracto ;
Fingir,	fingido,	fingido, a,	ficto ;
Haurir,	haurido,	haurido, a,	hausto ;
Illudir,	illudido,	illudido, a,	illuso ;
Immergir,	immergido,	immergido, a,	immerso ;
Incluir,	incluido,	incluido, a,	incluso ;
Induzir,	induzido,	induzido, a,	inducto ;
Infligir,	infligido,	infligido, a,	inflicto ;
Infundir,	infundido,	infundido, a,	infuso ;
Instruir,	instruido,	instruido, a,	instructo, <i>pouco usado</i> ;
Insurgir,	insurgido,	insurgido, a,	insurrecto ;
Introduzir,	introduzido,	introduzido, a,	introdueto ;
Obtundir,	obtundido,	obtundido, a,	obtusos ;
Omitter,	omittido,	omittido, a,	omisso ;
Opprimir,	opprimido,	opprimido, a,	oppresso ;
Possuir,	possuido,	possuido, a,	possesso ;
Produzir,	produzido,	produzido, a,	productos ;
Reassumir,	reassumido,	reassumido, a,	reassumpto ;
Remittir,	remittido,	remittido, a,	remisso ;
Repellir,	repellido,	repellido, a,	repulso ;
Reprimir,	reprimido,	reprimido, a,	represso, <i>pouco usado</i> ;
Restringir,	restringido,	restringido, a,	restricto ;
Submergir,	submergido,	submergido, a,	submerso ;
Supprimir,	supprimido,	supprimido, a,	suppresso, <i>pouco usado</i>

Muitos dos participios passados irregulares destes verbos são usados actualmente, ou substantivamente, ou como meros adjectivos qualificativos.

*Participios passados e supinos irregulares.*

Outros verbos ha finalmente que, por se terem antiquado as fórmas regulares, teem tanto o participio passado como o supino irregulares. Taes são:

PRIMEIRA CONJUGAÇÃO,

<i>Infinitos.</i>	<i>Fórmas antiquadas.</i>	<i>Part. pass. e sup. irreg.</i>
Ganhar,	ganhado,	ganho ;
Gastar,	gastado,	gasto ;
Pagar,	pagado,	pago.

SEGUNDA CONJUGAÇÃO.

<i>Infinitos.</i>	<i>Fórmas antiquadas.</i>	<i>Part. pass. e sup. irreg.</i>
Circumscrever,	circumscrevido,	circumscripto ;
Descrever,	descrevido,	descripto ;
Dizer,	dizido,	dito ;
Escrever,	escrevido,	escripto ;
Fazer,	fazido,	feito ;
Inscriver,	inscrevido,	inscripto ;
Interdizer,	interdizido,	interdicto ;
Perfazer,	perfazido,	perfeito ;
Prescrever,	prescrevido,	prescripto ;
Proscriver,	proscrevido,	proscripto ;
Subscriver,	subscrevido,	subscripto.

TERCEIRA CONJUGAÇÃO.

<i>Infinitos.</i>	<i>Fórmas antiquadas.</i>	<i>Part. pass. e sup. irreg.</i>
Abrir,	abrido,	aberto ;
Cobrir,	cobrido,	coberto ;
Descobrir,	descobrido,	descoberto ;
Encobrir,	encobrido,	encoberto ;
Imprimir,	imprimido,	impresso ;
Reimprimir,	reimprimido,	reimpresso ;
Soabrir,	soabrido,	soaberto.

*Verbos Pessoaes, Impessoaes, Unipessoaes e Defectivos.*

Chama-se *peessoal* o verbo que, em accepção propria, é usado em todas as pessoas, com sujeito conhecido, claro ou occulto, como *tu falas, canta*.

Chama-se *impessoal* o verbo que, em accepção propria, é usado na terceira pessoa do singular, sem sujeito conhecido.

O verbo adjectivo pode ser impessoal de duas maneiras, ou na fórma activa, como *chove*; ou na fórma apassivada, como *vive-se*. O primeiro é o verbo impessoal propriamente dito; o segundo, o verbo pessoal convertido em impessoal.

Os verbos impessoaes, como *vive-se, corre-se, escreve-se*, etc., são verdadeiros equivalentes dos verbos impessoaes latinos, com fórma passiva, *vivitur, curritur, scribitur*, etc.

O verbo impessoal propriamente dito pode, em accepção figurada, passar a ser pessoal accidental. Exemplo: «*Trovejas* na voz.»

Chama-se *unipessoal* o verbo que, em accepção propria, é usado na terceira pessoa, ou do singular, ou do plural, com sujeito conhecido. Exemplos: «A flor *desabrocha*.» «As flores *desabrocham*.»

O verbo pessoal converte-se algumas vezes em *unipessoal accidental*. Exemplos: «*Convem* que estudes.» «*Faz* hoje annos que elle nasceu.» «*Deu* dez horas.»

O correctissimo escriptor brasileiro, João Francisco Lisboa, põe o verbo *fazer* no plural em phrases, como a do exemplo supra-mencionado: Exemplos: «A propaganda politica, não ha nega-lo, afrouxa e quebra visivelmente do seu antigo ardor; mas ainda não *fazem quatro annos* que a guerra civil assolou um dos pontos mais importantes do imperio, etc.» «Foi começado no dia 2 de Fevereiro de 1848, *fazem* agora justamente *dez annos*, e entretanto a sua extensão total é de duas milhas, etc.»

Quanto ao verbo *dar*, é Constancio de opinião que se pode usar delle tanto no singular como no plural, e que portanto tão correcto é dizer: «*Deu* dez horas.» como «*Deram* dez horas»; porque, na primeira phrase, se subentende o sujeito *o relógio*, e, na segunda, *os relógios*.

Chama-se *defectivo* o verbo a que faltam tempos ou pessoas, como, por exemplo, *feder*, que não se emprega nas pessoas em que ao *d* devera seguir-se *a* ou *o*. Em logar deste verbo, costumam a empregar o gerundio *fedendo*, precedido de *estar*; é porem mais conveniente usar-se da expressão *cheirar mal*, unica admittida na linguagem da gente culta.

Nalguns logares, o povo baixo suppre as pessoas que faltam ao verbo *feder*, dizendo *feço*; *feça*, *feças*, etc.

São tambem considerados defectivos os verbos *abolir*, *aborrir*, *adir*, *addir*, *aguerrir*, *balir*, *banir*, *brandir*, *carpir*, *colorir*, *combair*, *commedir*, *condir*, *delinquir*, *demolir*, *descommedir*, *embair*, *emollir*, *empedernir*, *espavorir*, *exaurir*, *exinanir*, *explodir*, *extorquir*, *fallir*, *florir*, *fornir*, *fremir*, *ganir*, *haurir*, *languir*, *latir*, *monir*, *precaver*, *renhir*, *retorquir*, *revellir*, *rever* (significando *coarse*, *verter*), porque se usam só nas fórmas em que o radical é seguido de *i*. *Banir*, *brandir*, *carpir*, *exaurir*, *fremir*, *ganir*, *haurir*, *latir*, *rever*, tambem se empregam nas linguagens que teem *e*, após a raiz.

O verbo *precaver* vem do verbo latino *præcavere*; nada tem de commum com os verbos *ver* e *vir*. Temos visto entretanto pessoas que dispõem de sua instrucção, usar d'elle no presente do indicativo e do conjunctivo, como si fosse composto de *ver* ou *vir*, dizendo: *preca-vejo*, *precavês*, *precavê*, etc.; *precaveja*, *precavejas*, *precaveja*, etc.: *precavenho*, *precavens*, *precavem*, etc.; *precavenha*, *precavenhas*, *precavenha*, etc.

De *soer* só estão em uso as fórmas *soe*, *soem*; *soia*, *soiam*.

Nas fórmas em que é conjugavel o verbo *rever*, acima mencionado, acompanha elle o verbo *prover*.

Todos os verbos impessoaes e unipessoaes, ou propriamente ditos, ou assim considerados em casos espe-

ciaes, são por sua natureza, defectivos, assim como todo o verbo irregular que carecer de algum tempo ou pessoa.

SECÇÃO 6.ª

*Vozes do Verbo Transitivo.*

*Voz do verbo transitivo* é a differente maneira, pela qual é exercitada a acção por elle expressa. Ha tres vozes em portuguez: *activa*, *passiva*, *media* ou *reflexa*.

Diz-se que o verbo transitivo está na voz activa, quando é transitivo proprio, porque passa a acção do sujeito para outro sujeito, em que ella se emprega. Exemplo: «*Estimo a Pedro.*»

Diz-se que o verbo transitivo está na *voz passiva*, quando o sujeito não é agente, ou não faz a acção, como na voz activa, mas é della paciente ou recipiente.

Não possui a lingua portugueza verbo passivo ou flexões proprias da voz passiva, porque nella está sempre o verbo adjectivo na forma de verbo activo.

Suppre-se a sua falta de tres modos:

1.º Juntando-se ao verbo substantivo o participio preterito do verbo transitivo, ou o attributo sob esta forma. Exemplo: «*Pedro é estimado por mim.*»

2.º Juntando-se ás terceiras pessoas do singular e plural do verbo transitivo, como complemento directo apparente, o pronome indefinido *se*, quando o sujeito da proposição é cousa, e não pessoa propriamente dita. Exemplos: «*A obra fez-se.*» «*Citem-se as testemunhas.*»

Convem observar que não se deve usar deste modo de apassivar o verbo nos dous casos seguintes: 1.º Quando está expresso o complemento indirecto. Assim não se deve dizer: «*Regam-se estas flores pelo jardineiro.*», mas sim «*Estas flores são regadas pelo jardineiro.*»; 2.º Quando a acção poder ser feita pelo sujeito; e isso, porque pode haver equivoco, como se vê deste exemplo: «*Mataram-se muitos inimigos.*», pois não se sabe si os inimigos se suicidaram, ou si foram mortos.» Para evitar este equivoco, cumpre que se diga: «*Foram mortos muitos inimigos.*»

3.º Formando-se uma especie de verbo composto com os verbos *estar*, *ficar*, *andar*, *ir*, *vir*, etc., o gerundio

do verbo *ser*, e o particípio passado do verbo transitivo que se quer appassivar. Exemplos: «**Estar** sendo felicitado.» «**Ficar** sendo castigado.» «**Andar** sendo perseguido.» «**Ir** sendo impellido.» «**Vir** sendo contrariado.»

Consegue-se o mesmo, usando-se de um substantivo adjectivado, em lugar do particípio passado. Exemplo: «Não quero que **estejas** sendo ludibrio dessa gente.»

Pelo verbo na voz passiva, assim composto, se exprime a paixão em movimento, isto é, a continuidade ou prolongação do estado passivo; bem como pelo verbo na voz activa, composto com o gerundio (pag. 110), se representa a acção em movimento ou a sua repetição.

Não são passivas as phrases que se formam com o verbo *estar*, acompanhado do particípio passado, porque nellas é este um subattributo que indica apenas um estado ou maneira de existir do sujeito, e não uma acção feita por um agente, e recebida pelo sujeito. Exemplo: «**Estava** cansado.» que vale o mesmo que «*Achava-se* cansado.»

A *voz media* ou *reflexa* é uma especie de voz entre a activa e a passiva, porque nella pede o verbo, por complemento directo ou objectivo, um pronome pessoal que se converte em simples intermediario da acção do sujeito, para faze-la reflectir sobre elle proprio.

Diz-se que o verbo está na *voz media* ou *reflexa*, quando é, ou simplesmente reflexo, ou pronominal reflexo. Exemplos: «Eu *me* feri, tu *te* feriste, etc.» «Eu *me* queixo, tu *te* queixas, etc.»

No primeiro caso, o verbo não dá lugar a conjugação alguma especial, porque é accidentalmente reflexo; no segundo, sim, porque o é sempre, ou se conjuga habitualmente com o mesmo pronome que representa o sujeito.

Conjugação do verbo pronominal reflexo.

MODO INDICATIVO.

*Presente.*

N. S. Eu me condoo,	N. P. Nós nos condoemos,
Tu te condoes,	Vós vos condoeis,
Elle se condoe.	Elles se condoem.



Assim se conjugam com os pronomes todos os mais tempos deste e dos outros modos. Quando porem se suprime o pronome sujeito, pode o pronome que a elle se refere, ser anteposto ou pôsposto ao verbo, e até intercalado, conforme a natureza da proposição, ou da fórmula verbal que a constitue (1).

## CAPITULO II.

### Etymologia.

A *Etymologia* trata da constituição do lexico.

Chamam-n-a tambem *morphogenia* e *lexiogenia*.

A etymologia faz remontar, por meio da *filiação* e da *comparação*, á fórmula typica ou primitiva dos vocabulos. desfigurados ou gastos pelas migrações, e pelo seu evolucionar lento e graduado de seculos.

A *filiação* ou a *historia dos vocabulos* consiste na averiguação das fórmulas de transição, que ligam o vocabulo primitivo ao actual.

Ella baseia-se nos principios da evolução material, ou nas leis da sua alteração phonetica (2); e consta de quatro phases que são: 1.<sup>a</sup> a do latim classico; 2.<sup>a</sup> a do latim barbaro; 3.<sup>a</sup> a dos *romances* ou linguas que succederam ao latim barbaro, como o portuguez e o francez antigos; 4.<sup>a</sup> a da lingua moderna.

Eis alguns vocabulos, cuja evolução se realisou em taes phases:

*Chamma* que procede de *flamma*, do latim classico, pela transformação do grupo consonantal *fl* em *ch*;

*Fortaleza*, derivado de *fortalitia*, palavra do latim barbaro;

*Coitado*, cuja proveniencia se explica pelo portuguez antigo que o possuia, como participio do archaismo *coytar* (maguar);

*Deixar*, fórmula moderna, que vem de *laxare*, pela fórmula antiga e intermediaria *leixar*.

(1) Veja-se *Part. 2.<sup>a</sup> Liv. 1.<sup>o</sup>, Tit. 1.<sup>o</sup>, Cap. 1.<sup>o</sup> § 3.<sup>o</sup>, Secç. 3.<sup>a</sup>.*

(2) Veja-se a *Part. 1.<sup>a</sup> Liv. 1.<sup>o</sup>, Tit. 1.<sup>o</sup>, Cap. 2.<sup>o</sup>*

*Comparação* é a investigação dos processos e dos factos uniformes e dissemelhantes de um grupo de linguas.

Determinada a *filiação* de um vocabulo, recorre-se á *comparação*, procurando o termo de lingua congenere, que a comprove, ou que a corrija, si for erronea.

A palavra *viagem*, por exemplo, vem da latina *viaticus*, pela queda da vogal breve. Si houvesse duvida sobre esta derivação, por não conter o vocabulo *viagem* o *t* do seu primitivo, a comparação delle com a fórma *viatge*, do provençal, que conserva tal lettra, a faria desaparecer.

São congeneres do portuguez e portanto elementos naturaes de comparação o italiano, o hespanhol, o francez, o provençal e o valachio, linguas romanas ou novo-latinas.

O lexico portuguez, ou o conjuncto de todos os vocabulos da lingua portugueza, constituiu-se por *derivação* e por *composição*.

#### § 1.º

##### *Derivação das palavras.*

Tres são as fontes de derivação das palavras portuguezas:

- 1.<sup>a</sup> O elemento latino;
- 2.<sup>a</sup> O elemento estrangeiro;
- 3.<sup>a</sup> O elemento vernaculo.

#### SECÇÃO 1.<sup>a</sup>

##### *Elemento latino.*

O portuguez originou-se do latim; pelo que são latinos, em sua grande maioria, os vocabulos que constituem o lexico ou o vocabulario portuguez. Apesar porem de ser latina a origem do lexico portuguez, dão-se entre este e o latino profundas differenças que passamos a assinalar.

1.<sup>a</sup> *Palavras que deviam existir no latim popular, que não foram empregadas na litteratura.* Não possuímos o lexico latino completo, já porque o que nos resta da litteratura latina, é apenas uma parte, já porque, ainda que a possuissemos toda, ella não representaria inteiramente a lingua falada, por haver muitos termos populares ou locaes, que nunca chegaram a ser reproduzidos pela escripta.

Ha, por esse motivo, casos, em que, sem conhecermos directamente pelos escriptores latinos o typo primitivo de uma palavra portugueza, podemos affirmar que ella já existia em latim. Dão-se elles, quando é ella derivada por um processo de formação, que não existe em portuguez. Sirva de exemplo *aguçar*, que vem da palavra latina *acutiare*. *Aguçar* não podia resultar de *agudar* que seria derivado de *agudo*, porque *d* não se muda em *ç*; nem do radical *agu*=lat. *acu* em *acutus*, *acuer*, etc., por meio do suffixo *uça* ou *ca*, porque em portuguez não existe tal processo de derivação. Ao contrario, em latim derivava-se regularmente de *acutus* o substantivo *acutia*, como de *nequitus*, *nequitia*; de *peritus*, *peritia*; e de *acutia*, *acutiare*, que, pelas alterações phoneticas normaes, deu o vocabulo portuguez *aguçar*.

Tambem pode suppor-se que já existia na lingua mãe o vocabulo de radical latino, não mencionado no lexico latino, ainda mesmo que não tenhamos prova directa disso, quando não é derivado por processo desconhecido ao latim, ou quando não ha documento que nos prove ser de formação moderna, ou de data posterior ao quinto seculo de nossa era.

2.<sup>a</sup> *Palavras provenientes do latim popular, que foram empregadas na litteratura.* Devem em geral considerar-se como pertencendo ao latim popular as palavras usadas pelos escriptores latinos do periodo ante-classico ou post-classico, evitadas na boa latinidade, que se reproduzem no portuguez. Exemplos:

<i>Lat.</i> abante,	<i>Port.</i> avante;
absconsus,	esconso ou escuso;

*Lat.* jejunare,  
jentare,

*Port.* jejuar;  
jantar; etc.

3.<sup>a</sup> *Substituição de palavras pelas suas synonymas.*  
Nos seguintes exemplos, a palavra que permaneceu, pertencia indubitavelmente á lingua popular, ou nella devia ter muitas vezes applicação mais extensa que na lingua litteraria.

*Palavras desaparecidas. Palavras que permaneceram.*

œdes, domus,  
bilis,  
culina,  
anguis, etc.

casa,  
fel,  
coquina (cozinha),  
serpens, colubra, (cobra)  
etc.

4.<sup>a</sup> *Fôrmas divergentes.* Fôrmas divergentes são as palavras que, com fôrmas diferentes, se derivam de um mesmo vocabulo latino.

Ha que distinguir varios casos:

1.<sup>o</sup> Fôrma popular, isto é, proveniente directamente da tradição latina, e alterada segundo as tendencias organicas da lingua, ao lado da fôrma erudita, tirada dos autores ou do lexico latino, e accommodada apenas á pronuncia portugueza. Exemplos:

*Fôrmas populares. Fôrmas eruditas. Fôrmas latinas.*

dobro,  
nedio,  
redondo,  
delgado,

duplo,  
nitido,  
rotundo,  
delicado,

duplum;  
nitidus;  
rotundus;  
delicatus; etc.

Consiste o *character differencial* entre as fôrmas eruditas e as populares em apresentarem estas maior alteração e desvio do typo latino do que aquellas.

2.<sup>o</sup> Duas ou mais fôrmas, todas populares correspondendo a significações diversas da da palavra primitiva.

I—As formas proveem de uma forma anterior que não se conserva em portuguez, como forma popular. Exemplos:

<i>Formas populares.</i>	<i>Palavras latinas.</i>
artigo e <i>artelho</i> , alvitre e <i>alvedrio</i> , chumbo e <i>prumo</i> , coroa e <i>coronha</i> ,	articulus; arbitrium; plumbum; corona; etc.

II—Uma das formas populares provém da outra ainda existente. Exemplos:

<i>Formas populares.</i>	<i>Palavras latinas.</i>
caudal de cabedal, safo de salvo, cem de cento, grão de grande,	capitalis; salvus; centum; grandis; etc.

3.º Formas latinas alteradas em uma das outras linguas romanicas, encontram-se ao lado das formas propriamente portuguezas das mesmas palavras. Exemplos:

chefe, *fr.* chef, ao lado de cabo, *lat.* caput;  
lhano, *hesp.* llano, ao lado de chão, *lat.* planus;  
opera, *ital.* opera, ao lado de obra, *lat.* opera; etc.

4.º Forma archaica ao lado de outra, vigente. Exemplos:

*Formas archaicas.*   *Formas vigentes.*   *Palavras latinas.*

segre,	seculo,	seculum,
geolho,	joelho,	genuculum; etc.

5.<sup>o</sup> Fórmas divergentes, produzidas pela deslocação do accento. Exemplos:

pôlpa e polypo de pólypus,  
Isidro e Isidóro de Isidórus,  
Thiago e Jacob de Jacóbus, etc.

6.<sup>o</sup> Uma das fórmas provem do nominativo e a outra do accusativo de nomes imparisyllabos. Exemplos:

*serpe* de *serpens* e *serpente* de *serpentem*;  
*sabio* de *sapiens* e *sapiente* de *sapientem*; etc.

As fórmas divergentes receberam o nome de *duplas*, porque em geral se apresentam duas, uma popular e outra erudita, como *obrar* e *operar* de *operare*. Há porém exemplos de tres e quatro fórmas divergentes, como se vê em *magua*, *mancha*, *macula* de *macula*; e em *chão*, *lhano*, *piano*, *plano* de *planus*.

As fórmas divergentes não se referem só ao elemento latino.

Também se observam fórmas divergentes no elemento arabe, como *réz* e *arraes* de *ar-raz*; *zero* e *cifra* de *zifr*; *azimuth* e *zenith* de *assent*.

Observam-se igualmente algumas divergências entre vocabulos de origem germanica, como *léste* e *éste*, *espuma* e *escuma*.

5.<sup>a</sup> *Substituição de palavras latinas por outras, derivadas do mesmo radical ou de palavras desaparecidas.* Muitas palavras latinas foram substituídas por derivados mais complexos do mesmo thema ou raiz, derivados que, em muitos casos, já existiam em latim, e que, noutros, decorrem muito provavelmente d'elle. Na primeira columna dos exemplos que seguem, vai a forma morta; na segunda, a forma hypothetica ou real latina, que substitue aquella; na terceira, a forma portugueza:

spes,	sper-antia,	esperança;
pollex,	pollicare, <i>adj. lat.</i> ,	pollegar;
unguis,	ungula,	unha;
civis,	civitatanus,	cidadão; etc.

6.<sup>a</sup> *Substituição de palavras latinas por outras novas, derivadas de radical latino.* Muitas palavras foram substituídas por derivados novos de outros temas ou raízes, isto é, as cousas que significavam, receberam nova denominação, por as ter o espirito encarado sob outro aspecto.

Foram substituídas por exemplo:

*cervus* por *veado* de *venatus*, a caça;  
*torpedo*, o peixe que entorpece, por *tremelga*, o peixe que faz tremer;  
*acetum* por *vinagre* (*vinum acre*);  
*senectus* por *velhice* de *vetulities*, derivado de *vetulus*, velho; etc.

7.<sup>a</sup> *Desapparecimento de palavras latinas, para evitar homonymia.* Succede muitas vezes que, em virtude da alteração phonetica, duas palavras, a principio distinctas nos sons, cheguem a confundir-se nelles completamente, a ser homonymas. Exemplos:

*celha* de *cilium* (plur. *cilia*), e *celha* ou *selha* de *situla*;  
*cento*, part. ant. de cingir, de *cinctus*, e *cento* de *centum*;  
*cobra*, ant. por *copla*, de *copula*, e *cobra*, de *coluber*;  
*morena*, de *muræna*, e *morena* por *mourena*, de *moura*; etc.

Ha nas linguas tendencia para evitar homonymos, caracterisada pelos seguintes factos:

1.º Uma palavra scinde-se em duas e mais fórmas differentes, por causa das suas significações diversas.

2.º Uma palavra que devia em regra ser alterada phoneticamente, seguindo uma certa direcção, deixa de o ser, ou é alterada noutra, para evitar a homonymia; é assim que as fórmas latinas *cooperio*, *foro*, que em regra deviam dar em portuguez *cobro*, *foro*, se mudaram em *cubro*, *furo*, para evitar a homonymia com *cóbro*, de *euperio* (no latim *recuperio*), e a com *fôro* de *foro*, do latim *forum*.

3.º Muitas vezes um dos homonymos desaparece diante do outro. Eis alguns exemplos de palavras que desapareceram por esse motivo:

*ager* que devia dar *agro*, apparece só no antigo portuguez, e como nome de logar, diante de *acer* (agro);  
*jácere* (lançar), diante de *jacére* (jazer);  
*métere* (ceifar) que daria *meter*, diante de *mittere* (metter);  
*cedere* que devia dar *ceder*, diante de *cédere* (ceder); etc.

8.ª Alterações na significação das palavras. Exemplos:

*Admorsus* perdeu o sentido de *mordedura*, e apresenta-se em portuguez na forma *almoço* (hespanhol *almuerzo*), com o sentido do latim *jentaculum*. O *d* mudou-se nesta palavra em *l*, como em *Alfonsus* por *Adfonsus*, *nalga* por *nadega*, *judgar* do latim *judicare*, etc.

*Apotheca* foi usado em latim, para designar um logar, em que se guardavam provisões, um celleiro, uma adega; em portuguez, adquiriu o sentido de casa pequena, na forma *botica* que hoje designa uma loja ou estabelecimento pharmaceutico; e o de taberna volante, taberna pequena e immunda, na forma *bodega*.

*Charta* (carta) significava em latim papel, escripto, livro, folha; em portuguez significa o mesmo que o latim *litteræ* e *epistola*.

I

*Etymologia dos substantivos. Influencia dos casos  
na etymologia dos nomes.*

Os substantivos portuguezes originaram-se geralmente do latim, mormente os do vocabulario antigo que representa uma evolução lenta da lingua popular dos romanos.

Ha-os entretanto de origens diversas.

Quanto aos nomes proprios de pessoas, passaram, por influencia religiosa, para o portuguez, pelo latim, os nomes hebraicos de personagens biblicos, e bem assim os nomes de martyres latinos e gregos dos primeiros tempos da religião.



Nomes proprios de pessoas, hebraicos ou biblicos: *Anna, David, Esther, Jeremias, Jeronymo, João, Joaquim, Job, Manoel, Maria, Moysés, Pedro, Sara.*

Nomes proprios de pessoas, latinos: *Antonio, Caio, Claudina, Deodato, Felix, Mario, Ursula.*

Nomes proprios de pessoas, gregos: *Diogenes, Eugenio, Euphrosina, Philippe, Theocrito, Theophilo.*

Com a invasão dos visigodos, foram adoptados tambem nomes de origem gothica ou germanica, como *Adolpho, Affonso, Carlós, Clotilde, Duarte, Eduardo, Elvira, Isabel, Luiz, Rodolpho.*

Os nomes proprios de pessoas tambem teem fórmulas divergentes: *Duarte* e *Eduardo, Luiz* e *Ludovico, Adolpho* e *Ataulpho, Raul* e *Rodolpho.*

Alguns cognomes, hoje portuguezes, originaram-se de familias estrangeiras que emigraram para o reino. Taes são: os *Accioles* que vieram de Florença, e se estabeleceram na ilha da Madeira; os *Brandões*, de origem germanica, que os nobiliarios dão como vindos de Inglaterra; os *Cavalcantes*, familia italiana; os *Espindolas*, familia genoveza. Estas duas ultimas familias emigraram no seculo 16.<sup>o</sup>, como se vê dos nobiliarios portuguezes.

Os cognomes ou appellidos de familia, outrora *adjectivos patronimicos*, teem tambem origens diversas. Os derivados do latim, formam-se do ablativo do plural, como *Paes* (filho de *Paio*) de *Pelagiis*; os que veem do arabe, pela anteposição da palavra *ben* que significa *filho*, como *Benjamim*, filho da direita.

É de origem latina a maioria dos nomes appellativos, sobretudo os abstractos, *avareza, virtude.*

Os nomes technicos de sciencias derivam-se do grego, como *astronomia, biologia.*

Os nomes de artes e de bellas artes proveem, em grande parte, das linguas vivas, maiormente do italiano, no tocante á pintura e á musica; *aquarella, pastel; adagio, allegro.*

Exercendo os casos grande influencia na derivação dos nomes, deve a etymologia determinar, sempre que for possível, o caso de que um nome se deriva.

Divergem porem as opiniões sobre qual seja o verdadeiro *caso etymologico*.

Opinam uns grammaticos pelo *ablativo*; e outros, pelo *accusativo*.

Os primeiros baseiam-se no facto de terem de ordinario os nomes derivados do latim, a mesma ou quasi a mesma forma do ablativo, como se vê em *hora* e *reino*, que são identicos aos ablativos latinos *hora* de *hora*, *æ*, e *regno* de *regnum*, *i*.

Os segundos, cuja opinião é hoje mais acatada, fundamentam o seu asserto no seguinte:

1.º Em ser o ablativo inadmissivel, como caso etymologico do plural, por quanto *horas* vem de *horas*, e não de *horis*; *servos* de *servos*, e não de *servis*.

2.º Em representar ás vezes a intercalação de uma nasal a característica do accusativo, como *loatra* de *lutra*.

Esta razão não é decisiva, porque a nasalidade pode proceder de uma prolação de lettra inicial, como em *mim* de *mihi*, *mancha* de *macula*.

3.º Em ser incontestavelmente o accusativo o caso etymologico das linguas romanas que tiveram declinação, no periodo medieval, isto é, do francez e do provençal.

4.º Em provirem os nomes derivados dos imparisyllabos neutros, do accusativo, como se vê em *tempo* de *tempus*, e não de *tempore*; *corpo* de *corpus*, e não de *corpore*.

Prova esta derivação o differir consideravelmente nos imparisyllabos o accusativo do ablativo, por uma syllaba. Si *tempo* e *corpo* viessem do ablativo, teriam as fórmulas *tempre*, *corpre*, analogas a *arvore*, *lebre*, de *arborem* ou *arbore*, *leporem* ou *lepore*, nomes, em que o accusativo apenas diverge do ablativo em ter mais uma lettra, e que fornecem argumentos, para se sustentarem, com igual vantagem, as duas opiniões.

II

*Etymologia do Pronome.*

Todas as fórmulas dos pronomes pessoaes nos vieram do latim.

*Eu*, de *ego* (nominativo), verificadas a queda do *g*, consoante media, e a permuta do *o* final em *u*.

Ha as fórmulas archaicas *ie*, *ieu*, aquella do seculo 12.º, e esta do seculo 13.º

*Me* de *me* (accusativo), apenas com alteração da pronuncia.

*Mim*, de *mihi* (dativo), ou antes da fórmula contracta *mi*, usada já até pelos classicos latinos, e identica á fórmula antiga portugueza, ainda empregada por Camões. O *m* final é epithesico ou paragogico.

(Up. *assi*, *assim*, *si*, *sim*; *nem* (=lat. *sic. nec*).

*Migo* de *mecum* (cum me), pelas mudanças do *e* em *i*, do *c* em *g*, do *u* em *o*, e queda do *m* final.

Os escriptores antigos escreviam simplesmente *migo*, *tigo*, *sigo*, *nosco*, *vosco*, ou porque obedecessem inconscientes á tradição latina, ou porque conservassem ainda a noção logica da composição. Perdida porem de todo esta noção, originaram-se as fórmulas redundantes ou pleonasticas *commigo*, *comti-go*, *comsigo*, *comnosco*, *comvosco*, que vicejaram com as mais simples *migo*, *tigo*, *sigo*, *nosco*, *vosco*, no seculo 13.º e no 14.º

*Nós* de *nos* (nominativo), conservou-se inalteravel na pronuncia, tomando apenas um accentto agudo, para se differenciar de *nos*.

*Nos*, de *nos* (accusativo), conservou-se ao contrario inalteravel na escriptura, mas mudou o som do *ó* aberto para *ô* fechado.

*Nosco*, do latim barbaro *noscum* (cum nobis), contracção regular de *nobiscum*, pela queda da consoante medial *b*, perda subsequente do *i*, e alterações já apondadas em *cum* de *mecum*.

*Tu*, de *tu* (nominativo), sem alteração alguma.

*Te*, de *te* (accusativo), da mesma maneira que *me*.

*Ti*, de *tibi* (dativo) pela queda da consoante medial *b*, e contracção dos dous *ii*.

*Tigo*, de *tecum* (cum te), pela mesma forma que *nigo*.

*Vós*, de *vos* (nominativo), exactamente como *nós*; *vos*, de *vos* (accusativo), como *nos*; e *vosco* do latim barbaro *voscum* (cum vobis), contracção de *vobiscum*, como *nosco*.

*Elle* (*ello*, ant.), *ella*, *elles*, *ellas* de *ille*, *illa*, *illos*, *illas*, formas masculinas e femininas do nominativo do singular e do accusativo do plural do demonstrativo *ille*, *illa*, *illud*, as quaes mudaram o *i* em *e*. *Illos* soffreu mais a mudança do *o* em *e*, provavelmente por influencia do singular.

*O*, *a*, *os*, *as*, tiveram por origem *illum*, *illam*, *illos*, *illas*, formas masculinas e femininas do accusativo tanto do singular como do plural do mesmo adjectivo demonstrativo *ille*, *illa*, *illud*. Elidido o *m* das formas do singular, e permutado o *u* da primeira em *o*, deu-se a queda da penultima syllaba, resultando as formas antiquadas *lo*, *la*, *los*, *las*, que mais tarde se reduziram a *o*, *a*, *os*, *as*, pela supressão do *l* inicial.

*Lhe*, *lhes*, originaram-se dos dativos *illi*, *illis*, que nossos ante-passados converteram em *lle*, *lles*, *le*, *les*, *lhi*, *lhis*. Deu-se portanto nestas palavras a queda da primeira syllaba; depois alterou-se o *i* em *e* e molhou-se o *l*.

*Lhe* conservou-se invariavel até o seculo 16.º

*Se*, *si*, *sigo* vieram-nos pelo mesmo modo que *te*, *ti*, *tigo*. *Se*, do accusativo *se*; *si*, do dativo *sibi*; *sigo*, de *secum*.

### III

#### *Etymologia do Adjectivo.*

Em regra, tiram os adjectivos sua origem dos adjectivos correspondentes latinos.

*Adjectivo Qualificativo.*

Veem os adjectivos qualificativos portuguezes, terminados:

- a) em *e*, dos adjectivos latinos em *er* (m.), *is* (f.), *e* (n.):  
*acre*=*acer*, *acris*, *acre*; em *is* (m. e f.), *e* (n.):  
*breve*=*brevis*, *e*; em *ens*, *entis*: *diligente*=*diligens*,  
*entis*; e dos participios em *ns*: *reinante*=*regnans*,  
*antis*; *temente*=*timens*, *entis*; *pedinte*=*petens*,  
*entis*.
- b) em *al*, dos latinos em *alis* (m. e f.), *ale* (n.):  
*mortal*=*mortalis*, *ale*.
- c) em *el*, dos latinos em *elis* (m. e f.), *ele* (n.):  
*cruel*=*crudelis*, *ele*.
- d) em *il*, dos latinos em *ilis* (m. e f.), *ile* (n.):  
*habil*=*habilis*, *ile*.

Os qualificativos em *ol* são de derivação vernacula: *reinol*=*reino*+*ol*.

- e) em *ul*, dos latinos em *ulis* (m. e f.), *ule* (n.):  
*curul*=*curulis*, *ule*.
- f) em *ar*, dos latinos em *aris* (m. e f.), *are* (n.):  
*singular*=*singularis*, *are*.

Os qualificativos em *er* também são de derivação vernacula: *esmol-ler*=*esmola*+*er*.

- g) em *or*, dos latinos em *or*, *oris*: *conservador*=*con-servator*, *oris*.
- h) em *az*, *iz*, *oz*, dos latinos em *ax*, *acis*; *ix* *icis*;  
*ox*, *ocis*: *audaz*=*audax*, *acis*; *feliz*=*felix*, *icis*;  
*atroz*=*atrox*, *ocis*.
- i) em *ez*, dos latinos em *ensis*, *ense*: *pedrez*=*pe-trensis*, *ense*.

Com a terminação *uz* só nos occorre o adjectivo *andaluz* que é de derivação estrangeira.

- j) em *m*, *n*, dos latinos em *enis*, *ene*; *inis*, *ine*:  
*joven*=*juvenis*, *ene*; *affim*=*affinis*, *ine*.

k) em *vel*, dos latinos em *bilis*, *bile*: *amavel* = *amabilis*, *ile*.

l) em *o* e *u*, dos latinos da primeira classe: *justo* = *justus*, *a*, *um*; *cru* = *crudus*, *a*, *um*.

Temos dous adjectivos, um em *om*, outro em *au*, que conservam vestígios desta declinação: *bom* = *bonus*, *a*, *um*; *mau* = *malus*, *a*, *um*.

m) em *êu*, dos latinos em *æus* ou *eus*: *hebreu* = *hebræus*, *a*, *um*.

n) em *ão*, dos latinos em *anus*, *ana*, *anum*: *christão* = *christianus*, *ana*, *anum*.

### *Adjectivo Determinativo — Artigo Definido.*

As fórmas *o*, *a*, *os*, *as*, da artigo definido procedem de *illum*, *illam*, *illos*, *illas*, accusativos masculinos e femininos tanto do singular como do plural do adjectivo demonstrativo latino *ille*, *illa*, *illud*.

Dada a elisão do *m* final das fórmas do singular, e a suppressão da syllaba inicial de todas, a qual já no latim era atona, resultaram as fórmas antigas *lo*, *la*, *los*, *las*, conservadas ainda em *a la mar*, *a la fé*, *a la moda*, *a la par*, etc., e que, por causa de dialectos, perduraram conjunctamente com *o*, *a*, *os*, *as*, dellas resultantes pela queda do *l*.

Impugnam outros esta opinião, sustentando provir o artigo definido de *hoc*, *hac*, *hos*, *has*, fórmas masculinas e femininas do ablativo do singular e do accusativo do plural de *hic*, *hec*, *hoc*, fundados no facto de outrora tambem se orthographar o artigo com *h* que consideram um vestigio daquellas fórmas.

Esta etymologia é inadmissivel pelas razões seguintes:

Não se podia ter dado a queda da letra *c*, por ser isso contrario ao criterio historico, segundo o qual é ella, ou conservada, como em *agora* de *hac hora*, ou compensada pela nasalisação ou pela accentuação, quando desaparece, como em *nem*, *sim*, *lá* de *nec*, *sic*, *illac*.

Alem disso é esta derivação contraria á origem do artigo definido das outras linguas romanas que, sem discrepancia, aceitam, como tal, o adjectivo demonstrativo latino *ille*, *illa*, *illud*.

Finalmente, no portuguez do seculo 16.º, é que apparecem as fórmulas *ho, ha, hos, has*, cujo uso se extendeu ao seculo 17.º, concomitantemente com o de *o, a, os, as*, que já existiam na lingua, desde o seculo 12.º, a par de *ilo, ila, illos, illas, lo, la, los, las*; o que leva a crer que o emprego do *h*, neste caso, deve se attribuir á orthographia irregular e vacillante, então em uso, que, sem dado algum etymologico, legitimava a existencia delle em *he, hia, hum*, etc.

Tambem é inaceitavel a origem helenica. A pouca influencia exercida na lingua popular pelo grego, o foi por meio do latim que, não tendo artigo, não podia te-lo recebido da lingua grega.

No portuguez antigo, esteve em uso o artigo hespanhol: *el gado*. Actualmente a lingua só o adopta em *el-rei*.

Em muitos vocabulos derivados do arabe, o artigo dessa lingua perdeu o seu caracter proprio, passando a ser verdadeiro prefixo: *alface, algazarra*.

### *Artigo Indefinido.*

A procedencia de *um, uma, uns, umas*, fórmulas do artigo indefinido, são os accusativos masculinos e femininos *unum, unam, unos, unas* do adjectivo *unus, una, unum*, que, entre os romanos, designava já uma unidade indeterminada, ou tinha o sentido de *um certo* (quidam).

A permuta do *m* em *n* (una=uma), que se justifica pelo exemplo *mas-truço* de *nasturtium*, tem origem no erro graphico *uma* por *ua*.

### *Adjectivos demonstrativos puros da primeira especie.*

*Este, esta, isto (esto, ant.), de iste, ista, istud.*

As fórmulas *este, esta*, eram geralmente usadas no seculo 13.º e no 14.º, juntamente com *iste, ista* e o plural *istes*.

Antigamente possuia a lingua as seguintes fórmulas compostas que desapareceram: *aquesto* (ecc'istum), *aquesta* (ecc'istam), com a fórma neutra *aquisto*.

Os adjectivos demonstrativos latinos *hic, iste, ipse, ille*, passaram para o portuguez, mas nem sempre na fórma simples. Quando os romanos queriam indicar mais claramente a idéa demonstrativa dos adjectivos *iste, ille*, antepunham-lhes *hic*, ou o adverbio *ecce*. Dahi os adjectivos populares *hic-iste, hic-ille, ecce-iste, ecce-ille*, etc.

*Esse, essa, isso (esso, ant.), de ipse, ipsa, ipsum.*

O *p* do grupo consonantal *ps* não soava na linguagem popular; o que reduziu phoneticamente este adjectivo latino a *esse, essa, isso*.

*Aquelle, aquella, aquillo (aquello, ant.),* das fórmulas populares *ecce-illum, ecce-illam, ecce-illud*, que soavam *ek-illum, ek-illam, ek-illud*.

Os compostos *este outro, esse outro, aquelle outro* veem de *iste-alterum, ipse-alterum, ecce-illum-alterum*.

*Adjectivos demonstrativos puros  
da segunda especie.*

*Mesmo, mesma,* deriva-se de *metips'mus*, contracção de *metipsimus* que por seu turno se contrahiui do superlativo *metipsissimus*, por meio das fórmulas *medessmo, medesmo*, donde se originou a fórmula *meesmo* (seculo 15.<sup>o</sup>), e a actual *mesmo*.

*Proprio, propria,* de *proprium, propriam*.

*Adjectivo demonstrativo colectivo.*

*Todo, toda, tudo* de *totum, totam, totum*.

*Demonstrativos distributivos proprios.*

*Cada* é derivado de *kata*, palavra grega, mas por intermedio do latim medieval.

*Cada um, cada uma; cada qual,* formaram-se por juxta-posição no seio da lingua.

*Qualquer, quemquer,* são de formação popular vernacula; como o prova a fórmula archaica *qualquizer: qual + quer* (quizer), *quem + quer* (quizer).

*A qual* (significando *cada qual*) tem a mesma procedencia que o adjectivo conjunctivo *o qual, a qual*.



*Demonstrativos distributivos partitivos.*

*Outro, outra* (*altro, a, ant.*), *al* (*ant.*), de *alterum, alteram, aliud*.

*Algun, alguma, algo* (*ant.*), de *aliqui unum, aliqui unam, aliquod*.

*Nenhum, nenhuma*, é de formação portugueza, pela juxtaposição de *nem* a *hum, huma* = *nec unum, nec unam*; e *nada* vem de *nulla* (*res*) *nata*.

*Outrem, alguém, ninguém*, teem sua origem na propria lingua, pela agglutinação de *outro, algum* com o substantivo *homem*, e de *nem* com *alguem*.

*Tal*, de *talis*.

*Qual*, como *o qual*, adjectivo conjunctivo.

*Quem*, da mesma maneira que o adjectivo conjunctivo *quem*.

*Ambos, ambas*, de *ambos, ambas*.

*Varios, varias*, de *varios, varias*.

*Diversos, diversas*, de *diversos, diversas*.

*Os mais, os demais*, por juxtaposição de elementos vernaculos.

*Adjectivo Conjunctivo.*

*Que, cujo*, do adjectivo conjunctivo latino *qui, quæ, quod*; *que*, do nominativo *qui*; *cujo*, do genitivo *cujus*.

*Quem* é de formação vernacula, pela agglutinação de *que* e *homem*, e equivale a *o qual homem*.

*Qual*, de *qualis, quale*, com o artigo definido juxtaposto.

*Adjectivo Interrogativo.*

*Que, cujo*, do adjectivo interrogativo latino *quis* ou *qui, quæ* ou *qua, quod* ou *quid*; *que*, do nominativo *quis* ou *qui*; *cujo* do genitivo *cujus*.

*Quem* formou-se no proprio seio da lingua, agglutinando-se *que* e *homem*, e é o equivalente de *que* ou *qual homem*.

*Qual*, de *qualis*, *quale*, sem o artigo definido.

### *Adjectivos Numeraes.*

A differença que ha entre os adjectivos numeraes portuguezes e os latinos, é apenas phonetica.

### *Numeraes Cardinaes.*

Um, uma,	de unum, unam;
dous ( <i>duos</i> , arch.), duas,	» duos, duas;
tres,	» tres;
quatro,	» quatuor;
cinco,	» quinque;
seis,	» sex;
sete,	» septem;
oito,	» octo;
nove,	» novem;
dez,	» decem.

Com respeito a estes adjectivos, temos de notar apenas que é mui frequente a permuta do *q* latino em *c* ou *c* brando portuguez antes de *e* e *i*, verificada em *cinco* de *quínque*.

Onze,	de un (de) cim;
doze,	« duo (de) cim;
treze,	» tre (de) cim;
quatorze,	» quatuor (de) cim;
quinze,	» quin (de) cim;
dezeseis,	» decem et sex;
dezesete,	» decem et septem;
dezoito,	» decem et octo;
dezenove,	» decem et novem.

Os adjectivos *onze* a *quinze* são contracções regulares dos typos latinos que, pela acção dissolvente das leis phoneticas, soffreram a transformação da desinencia *cim* em *ze*. Quanto ás fórmulas de *dezeseis* a *dezenove*, afas-

tou-se o portuguez das fórmulas synthéticas *sexdecim*, *septemdecim*, etc., adoptando as analyticas *decem et sex*, *decem et septem*, etc., a que os proprios romanos davam preferencia, por serem mais claras.

Vinte,	de vi (g) inti;
trinta,	» tri (g) inta;
quarenta,	» quadra (g) inta;
cincoenta,	« quinqva (g) inta;
sessenta,	» sexa (g) inta;
setenta,	» septua (g) inta;
oitenta,	» octo (g) inta;
noventa,	» nona (g) inta.

Deu-se o atrophamento das fórmulas latinas, pela queda da consoante medial *g*.

Cem ( <i>cento</i> ),	de centum;
duzentos ( <i>dous centos</i> ),	» ducentos;
trezentos ( <i>tres centos</i> ),	» trecentos;
quatrocentos,	» quadringentos;
quinhentos,	» quingentos;
seiscentos,	» sexcentos;
setescentos,	» septingentos;
oitocentos,	» octingentos;
novecentos,	» nongentos.

O facto mais notavel da adopção destes adjectivos, é a transformação do *g* em *c*.

*Mil* e seus multiplos são perfeitos correspondentes das fórmulas latinas. *Milhão*, *bilhão*, etc., são de derivação vernacula.

#### *Numeraes Ordinaes.*

Os adjectivos numeraes ordinaes foram importados directamente do latim.

Primeiro (primario),	de primarium;
segundo,	» secundum;
terceiro (terciario),	» tertiarium;
quarto,	» quartum; etc.

*Numeraes multiplicativos.*

Veem os multiplicativos das formas em *plus*, que tinham uma correspondente em *plex*, como se vê em *duplus*, *duplex*; *triplus*, *triplex*.

Duplo,	de duplum;
triplo,	» triplum;
quadruplo,	» quadruplum; etc.

Das formas *plex* ha *simplice* (arch.), *duplice*, *triplice*, *multiplice*, que são de formação erudita, e correspondem a *dobro*, *tresdobro*, *cemdobro*, do fundo popular da lingua.

*Adjectivos Quantitativos.*

*Pouco*, de *paucum*.

*Bastante*, de formação portugueza.

*Muito*, de *multum*.

*Menos*, de *minus*.

*Mais*, de *magis*.

*Quanto*, de *quantum*.

*Tanto*, de *tantum*.

*Adjectivos possessivos.*

Meu, minha,	de meum, meam;
teu, tua,	» tuum, tuam;
nosso, nossa,	» nostrum, nostram;
vosso, vossa,	» vostrum (vestrum), vostram;
seu, sua	» suum, suam.

Por analogia da forma *meu*, predominou o diptongo, *eu*, em *teu*, *seu*.

Tendo-se molhado o *n* da forma antiga *miana*, o povo a pronunciava *mianha*, *mienha*, donde *minha*, correspondente á franceza *mienne*, e á hespanhola *mieña*.

No portuguez antigo, havia ainda as formas contractas, *mia*, a par de *ma*, *ta*, *sa*: *mia* ou *ma* *molher*, *ta* *fila*, *sa* *vida*.

*Nosso*, *vosso*, passaram pelas formas intermediarias *nostro*, *vostro*, que estiveram em uso até o seculo 14.<sup>o</sup>; sua transformação operou-se pela queda da consoante medial *r*, e assimilação do *t* ao *s*.

IV

*Etymologia do Verbo.*

De todas as linguas romanicas é o portuguez a que mais fielmente conserva as fórmulas da conjugação latina.

*Verbo Substantivo.*

*Ser* vem da fórmula romanica *essere* que nada mais é que a fórmula latina *esse* a que, desde o século 6.<sup>o</sup>, juntou a linguagem popular a desinencia *re*, por analogia aos verbos da segunda conjugação, como se vê em *potere, volere, inferre* por *posse, velle, inferre*.

Tem o verbo *ser* duas raízes:—*es*, de *esse* e *fu*, de *fuere*.

Formaram-se de *es*:

1.<sup>o</sup> O *presente do indicativo*:

<i>Sou,</i>	de <i>sum,</i>
<i>és,</i>	» <i>es,</i>
<i>é,</i>	» <i>est,</i>
<i>somos,</i>	» <i>sumus,</i>
<i>sois,</i>	» <i>sitis</i> , em lugar de <i>estis,</i>
<i>são,</i>	» <i>sunt.</i>

Encontram-se as fórmulas archaicas da primeira pessoa do singular *sum*, *som*, *soou*, *são*, *sam*, *san*, *são sejo*. *São*, por *sou*, ainda hoje está em uso entre os minhotos. *Sejo* foi usado por confusão com *sedeo*. Mas, já no latim vulgar, havia as fórmulas *su* e *so*, que explicam a fixação da fórmula *sou*, pela queda do *m* final ou da terminação da primeira pessoa do singular, e diphthongação da vogal *o* por alongamento.

A segunda pessoa do singular não soffreu alteração alguma, por ser sua característica a letra *s*. Gil Vicente usou da fórmula *ses*.

E' de notar na terceira pessoa do singular a fórmula *est*, a par de *é* nos autores do século 13.<sup>o</sup> e do 14.<sup>o</sup> Encontra-se também a fórmula *eres* que se reduziu a *e's*, e mais tarde a *é*, fórmula vigente, porque o *s* é a desinencia da segunda pessoa.

A primeira pessoa do plural mudou o *u* em *o*; mas, ainda no século 13.<sup>o</sup>, dizia-se *sumus*, reproduzindo-se a fórmula latina.

Houve, na segunda pessoa do plural, completo desvio do typo latino, com a substituição de *estis* pela correspondente do presente do conjunctivo *sitis* que deu *sondes*, *soedes*, *sodes*, donde *soes* ou *sois*, por syncope do *d* medial.

A terceira pessoa do plural *sunt*, usada no seculo 13.º, por apocope do *t*, produziu *sum*, depois *som* e *son*, e a final *sam* e *são*, fórmãs que estão em perfeita analogia com a terceira pessoa do plural de todos os verbos portuguezes.

2.º O *imperfecto do indicativo*:

<i>Era,</i>	de <i>eram,</i>
<i>eras,</i>	» <i>eras,</i>
<i>era,</i>	» <i>erat,</i>
<i>éramos,</i>	» <i>erámus,</i>
<i>éreis,</i>	» <i>erátis,</i>
<i>eram,</i>	» <i>erant.</i>

A segunda pessoa do plural *erades*, *eratis* encontra-se no *Cancioneiro de D. Diniz*. Também se acha a fórma portugueza *sia*, em lugar de *era*. Explica-se este facto pela synonymia de *esse*, *stare* e *sedére*; usavam de *sia*. contracção de *sedebat*, em vez de *era*, como de *sejo* por *sou*.

Na primeira e na segunda pessoa do plural, houve mudança do accentto do *a* formativo para a raiz.

3.º O *futuro absoluto* e o *futuro simples do condicional*: *serei*, etc.; *seria*, etc.

Formaram-se estes dous tempos pelo processo periphrasístico, peculiar ás linguas romanas: *serei*=*essere*+*habeo*, *ceria*=*essere*+*habebam*. (V. pg. 234).

4.º O *futuro do imperativo*: *sê*, *sede*, que proveem de *esse*, *es-sete*.

Sustentam outros que veem de *sede*, *sedete*, por confusão de *esse* com *sedére*.

5.º O *subjunctivo presente*:

<i>Seja</i>	provém de <i>siam</i> ,	fórma do latim popular.
<i>sejas</i>	» » <i>sias</i> ,	» » » »
<i>seja</i>	» » <i>siat</i> ,	» » » »

*sejamos* provém de *siamus*, fôrma do latino popular.

<i>sejaes</i>	»	»	<i>siatis</i> ,	»	»	»	»
<i>sejam</i>	»	»	<i>siant</i> ,	»	»	»	» (1)

Fr. João Claro usou de *sejaes*, na segunda pessoa do plural.

6.º O *participio presente*: *sendo* que foi tomado de *sens*, *sentis*, que só apparece nos compostos, como *ab-sens*, *proe-sens*. O gerundio *sendo* e o supino *sido*, que não existem em latim, formaram-se analogicamente.

O *Elucidario* recolheu a fôrma archaica *seente*.

Formaram-se de *fu*:

1.º O *preterito perfeito do indicativo*:

<i>Fui</i>	de <i>fui</i> ,
<i>foste</i>	» <i>fuisti</i> ,
<i>foi</i>	» <i>fuit</i> ,
<i>fomos</i>	» <i>fúimus</i> ,
<i>fostes</i>	» <i>fuístes</i> ,
<i>foram</i>	» <i>fuérunt</i> .

D. Diniz usou de *seve* por *fui*.

2.º O *mais que perfeito do indicativo*:

<i>Fora</i>	de <i>fueram</i> ,
<i>foras</i>	» <i>fueras</i> ,
<i>fora</i>	» <i>fuérat</i> ,
<i>foramos</i>	» <i>fuérámus</i> ,
<i>foreis</i>	» <i>fuérátis</i> ,
<i>foram</i>	» <i>fuérant</i> .

3.º O *imperfeito do subjunctivo*:

<i>Fosse</i>	de <i>fuissem</i> ,
<i>fosses</i>	» <i>fuisses</i> ,

(1) FERDINAND BRUNOT.—*Gram. Hist. de la Lang. Franç.*, pag. 430, § 288.

<i>fosse</i>	de <i>fuisset</i> ,
<i>fossemos</i>	» <i>fuissémus</i> ,
<i>fosseis</i>	» <i>fuissétis</i> ,
<i>fossem</i>	» <i>fuissent</i> .

Apparece em *Fr. João Claro*, Cap. 3.º, a fôrma *focedes*.

#### 4.º O futuro do subjunctivo:

<i>For</i>	de <i>fuérim</i> ,
<i>fores</i>	» <i>fuéris</i> ,
<i>for</i>	» <i>fuérit</i> ,
<i>formos</i>	» <i>fuérimus</i> ,
<i>fordes</i>	» <i>fuéritis</i> ,
<i>forem</i>	» <i>fuérint</i> .

Notada por *Diez* ha nos *Foros da Guarda*, 401 e 402, as fôrmas *se-ver*, *severem*.

#### VERBOS REGULARES.

A quasi homogeneidade das terminações dos verbos torna evidente que primitivamente só havia uma conjugação. As modificações devidas á letra final do thema, é que deram origem ás tres conjugações.

É o infinito a fôrma verbal que mais distinctamente apresenta a vogal característica; dahi ser elle tomado para typo dos tres grupos de flexões verbaes.

A vogal thematica, característica do primeiro grupo ou conjugação é o *a* de *ar*; do segundo, o *e* de *er*; do terceiro, o *i* de *ir*.

A primeira conjugação corresponde á latina em *are*: *amar* de *amare*; a segunda, ás latinas em *ere* (longo) e *ere* (breve): *dever* de *debére*, *fazer* de *fácere*; a terceira, ás latinas em *ire* e *ere* (breve): *vir* de *venire*; *conduzir* de *condúcere*. Isto, comparando-se o portuguez actual com o latim classico. Não assim com o latim barbaro, onde, pela deslocação do accentto, apparecem já, si bem que confusamente, as fôrmas *dicére*, *facére*, *immergire*, *conducire*, a par de *dicere*, *fácere*, *immergere*, *condúcere*.



INDICATIVO.

*Presente.*

Amo	de amo,	Devo	de debeo,
amas	» amas,	deves	» debes,
ama	» amat,	deve	» debet,
amamos	» amamus,	devemos	» debemos,
amaes	» amatis,	deveis	» debetis,
amam	» amant.	devem	» debent.
	Sinto	de sentio,	
	sentes	» sentis,	
	sente	» sentit,	
	sentimos	» sentimus,	
	sentis	» sentitis,	
	sentem	» sentiunt.	

Este tempo representa os typos com sensível fidelidade.

A terminação da primeira pessoa do singular é a mesma em todas as conjugações.

A segunda conservou o *s* final, sua característica; mudou porém o *i* dos verbos da terceira e da quarta conjugação em *e*.

Na terceira pessoa, deu-se, em todos os tempos, a queda do *t* final.

Esta apocope tem explicação no facto de não admittir a indole da lingua outras consoantes finaes que não sejam *l, m, n, r, s, z*.

O *u* da desinencia da primeira pessoa do plural, conservado até o seculo 13.<sup>o</sup>, permutou-se desta epoca em diante, em *o*, em todos os tempos das tres conjugações.

Na segunda pessoa, syncopou-se o *t* da terminação, depois de abrandado em *d*: *amatis* (lat.)=*amades* (port. do seculo 12.<sup>o</sup> ao 16.<sup>o</sup>)=*amaes* (port. hodierno.)

No século 15.<sup>o</sup>, é que começou a dar-se a syncope do *d*, que se tornou definitiva no século 16.<sup>o</sup> Actualmente ainda ha vestígios desta letra em *pon-des*, *tendes*, *vindes*, porque ella se acha protegida contra a syncope pela consoante *n*; e em *credes*, *ledes*, *vêdes*, *rides*, *ides*, ou porque o thema é uma simples raiz vocalica (*ide*) ou porque, pela syncope da consoante e contração de vogaes (*ler*=*leer*, de *le(g)ere*, *crer*=*erere*, de *cre(d)ere*, o thema se acharia reduzido a uma consoante, ou ligação de consoantes iniciais da raiz e á sua desinencia.

A vogal *e* da desinencia da segunda pessoa do plural *des*, *de*, do antigo portuguez, achando-se, pela queda da consoante *d*, em contacto com a vogal final do thema, comporta-se da seguinte fórma no portuguez moderno: sendo a vogal do thema *a* accentuado, o *e* não se modifica: *amá-es*, *amá-e*; sendo *a* não accentuado, o *e* funde-se com elle no diphthongo *ei*: *amáve-is*, *dize-is*, *sentie-is*, por *amáva-es*, *dizia-es*, *sentia-es*; sendo *e*, muda-se o *e* da desinencia em *i*: *dize-is*, *have-is*; sendo *i*, é por este absorvido o *e*: *senti-s*, *vesti-s*.

O *t* da desinencia da terceira pessoa do plural apparece inteiramente apocopado. O *n* da terminação, tornado final, funde-se com a vogal que o precede numa vogal nasalizada. Dahi vem estar na escripta representado no portuguez antigo por *n*, *m* ou *til*: *façan*, *entren*; *conoscām*, *forum*; *tiverō*, *trouuerō*; mas na idade media com *m* é que mais usualmente se representava a voz nasal. No portuguez moderno, si os verbos são da primeira conjugação, as fórmas da terceira pessoa do plural do presente do indicativo terminam por *ão* (representado com *am*, quando grave), a que correspondem até o século 15.<sup>o</sup> *am* (an), *um* (un), *om* (on); e si são da segunda e da terceira conjugação, por *em*.

O *a* de *ão* é a desinencia do thema verbal; *amã-o* de *ama-n* (t), e o *o* é paragogico. O *e* de *em* provém, ora do *e*, ora do *u*, latinos.

### *Imperfeito.*

Amava	de amabam,	Devia	de debe(b)am,
Amavas	» amabas,	devias	» debe(b)as,
amava	» amabat,	devia	» debe(b)at,
amávamos	» amabámus,	devíamos	» debe(b)ámus,
amáveis	» amabátis,	devieis	» debe(b)átis,
amavam	» amabant.	deviam	» debe(b)ant.

Sentia	de	sentie(b)am,
sentias	»	sentie(b)as,
sentia	»	sentie(b)at,
sentiamos	»	sentie(b)ámus,
sentieis	»	sentie(b)átis,
sentiam	»	sentie(b)ant.

Na primeira pessoa do singular, houve supressão do *m* final.

Já no latim vulgar da decadencia, era frequente esta apocope (*su* por *sum*, *capere* por *caperem*), á semelhança do que se praticava no antigo latim, com as fórmulas do accusativo do singular, nas quaes o *m* final era ordinariamente apocopado.

Deu-se, em todas as fórmulas da primeira conjugação, a permuta do *b* em *v*.

Esta permuta que remonta ao latim do segundo seculo (*miravili*, *Favio*), tornou-se geral desde o quarto seculo.

A queda do *b* nas terminações dos verbos da segunda e da terceira conjugação é uma syncope vulgar, como se vê em *cubitus*, *côto*.

Não se verificou o mesmo com os verbos da primeira conjugação, porque resultaria hiato: *amá-a* (*amá(b)am*).

E' de notar ainda a deslocação do accento nas fórmulas da primeira e da segunda pessoa do plural.

#### *Preterito perfeito.*

Amei	de	ama(v)i,	Devi	de	debe(v)i.
amaste	»	ama(vi)sti,	deveste	»	debe(v)isti.
amou	«	amazit,	deveu,	»	debeit,
amamos	»	ama(vi)mus,	devemos	«	debe(v)imus,
amastes	»	ama(vi)stis,	devestes	»	debe(v)istis,
amaram	»	ama(ve)runt.	deveram	»	debe(v)erunt.

Senti	de senti(v)i,
sentiſte	» senti(v)iſti,
sentiſti	» ſentivit,
sentiſimos	» senti(v)iſimus,
sentiſtes	» senti(v)iſtiſ,
sentiſram	» senti(v)erunt.

O preterito perfeito formou-se, tomando para typo o dos perfeitos latinos em *ave*, *evi*, *ivi*.

Nas fórmās em *avi* (primeira conjugação latina e portugueza), deu-se o seguinte:

1.º Na primeira pessoa do singular, foi o *v* syncopeado, e o diphthongo *ai*, que ficou em consequencia dessa syncope, mudou-se em *ei*: *amei*=*ama(v)i*.

Esta syncope do *v* dava-se já no latim vulgar da decadencia: *probai*, por *probavi*, *edificai*, por *edificavi*. A mudança de *ai* em *ei* é frequentissima em portuguez, como se vê em *celleiro* de *cellarius*, *primeiro* de *primarius*.

2.º Na segunda pessoa do singular, e em todo o plural, desapareceram completamente as syllabas *vi* e *ve*: *amaste*=*ama(vi)sti*, etc.

Esta queda era muito commum em latim: *curarunt*, *jurarit*, *negarint ambularis*.

3.º Na terceira pessoa do singular, houve apocope da terminação *it*, que não soava na linguagem popular; a lingua não podendo supportar um *v* terminando uma palavra, dissolveu-o em *u*: *amou*=*amav-it*.

Foi assim que em nossa lingua *nau* veio de *nave*.

Sobre as terminações dos verbos em *evi* (segunda conjugação latina e portugueza), ha que observar:

1.º Que na primeira e na segunda pessoa do singular e do plural, houve syncope do *v* de *vi*, e que o diphthongo restante *ei* se contrahiu em *i* na primeira pessoa do singular: *devi*=*debe(v)i*; e em *e* nas outras tres: *deveste*=*debe(v)iſti*, etc.

2.º Que na terceira pessoa do plural, tambem houve syncope do *v*, e ainda contracção dos dous *e* e, por se

terem posto em contacto com essa syncope: *deveram* = *debe(v)erunt*.

3.º Que, na terceira pessoa do singular, a terminação *vit* se acha representada por *u*, exactamente como nos verbos em *avi*: *deveu* = *debeu-it*.

Nas terminações dos verbos em *ivi* (quarta conjugação latina e terceira portugueza), ha que notar:

1.º A syncope do *v*, seguida da contracção em *i*, não só dos dous *i i* da primeira e da segunda pessoa tanto do singular como do plural, os quaes, por virtude dessa syncope, ficaram em contacto, como tambem do *i* e *e* da terceira pessoa do plural: *sentii* = *senti(v)i*, etc., *sentiiram* = *senti(v)erunt*.

A syncope do *v* de *vi* era em latim particularmente frequente nos verbos em *ivi*.

2.º A dissolução do *v* em *u* na terceira pessoa do singular, depois de verificada a queda de *it* final: *sentiui* = *sentiu-it*.

Alguns verbos da terceira conjugação formavam já em latim o seu perfeito em *ivi* pela analogia dos verbos em *i*, como se vê em *cupio*, *is*, *ivi* ou *ii*, *itum*, *ere*.

#### *Mais que perfeito.*

Amara	de ama(ve)ra-m,	Devera	» debe(ve)ra-m,
amaras	» ama(ve)ras,	deveras	» debe(ve)ras,
amara	» ama(ve)ra-t,	devera	» debe(ve)ra-t.
amáramos	» ama(ve)rámus,	devêramos	» debe(ve)rámus,
amáreis	» ama(ve)rátis,	devêreis	» debe(ve)rátis,
amaram	» ama(ve)rant.	deveram	» debe(ve)rant.

Sentira	de senti(ve)ra-m,
sentiras	» senti(ve)ras,
sentira	» senti(ve)ra-t,
sentiramos	» senti(ve)rámus,
sentireis	» senti(ve)rátis,
sentiram	» senti(ve)rant.

Formou-se do tempo correspondente em latim, já syncopado no periodo classico: *cantaram* por *cantaveram*.

Houve deslocação do accento na primeira e na segunda pessoa do plural.

*Futuro absoluto.*

Amarei	=amar+hei	de amare habeo,
amaras	=amar+has	» amare habes,
amará	=amar+ha	» amare habet,
amaremos	=amar+havemos	» amare habemús,
amarêis	=amar+haveis	» amare habetis,
amarão	=amar+hão	» amare habent, etc.

Na epoca da decadencia, deixando de ser pronunciadas as finaes latinas, houve forçosa confusão de fórmãs; pelo que era impossivel aos populares a distincção entre o imperfeito *amabam*, *amabas*, *amabat*, etc. e o futuro *amabo*, *amabis*, *amabit*, etc. Para removerem este embaraço, crearão os romanos uma nova fórmula de futuro, composta do infinito do verbo e do presente de *habere*: *amare habeo* deu *amar+hei*, e, pela fusão dos elementos, *amarei*, etc.

Como se acaba de ver, é o processo de formação deste futuro o periphrasistico, adoptado, com excepção do valachio, por todas as linguas romanicas; não é portanto tempo simples, mas os seus elementos componentes acham-se por tal modo agglutinados, que é impossivel classifica-lo nos tempos compostos.

IMPERATIVO.

*Futuro.*

Ama	de ama,	Deve	de debe	Sente	de senti,
amae	» amate.	devei	» debete	senti	» sentite

Nos documentos anteriores ao seculo 14.<sup>o</sup>, a desinencia da segunda pessoa do plural era invariavelmente *de* (=lat. *-te*): *amade*, *fazed*, etc. fórmãs que vigoraram

ainda no século 15.<sup>o</sup> e no 16.<sup>o</sup>, tendo já, como concorrentes as syncopadas *tempera~~ae~~*, *sab~~ee~~*, etc., que differem das modernas em ter a vogal tónica representada pelo *a* e *e* geminados.

Como as respectivas do indicativo, são relembadoras das formas arcaicas as formas *cre~~de~~*, *le~~de~~*, *pon~~de~~*, *tende*, *vê~~de~~*, *ide*, *ri~~de~~*, *vin~~de~~*.

#### CONDICIONAL.

##### *Futuro.*

Amaria=amar+hia (contractão de *havia*) de *amare habebam*; etc.

Este tempo que era supprido em latim pelo imperfecto do subjunctivo, também é em rigor um tempo composto, porque se forma pelo mesmo processo periphrastico do futuro absoluto, agglutinando-se o imperfecto do indicativo de *haver* com o infinito.

##### *Presente.*

Ame	de amem,	Deva	de debeam,
ames	» ames,	devas	» debeas,
ame	» amet,	deva	» debeat,
amemos	» amemus,	devamos	» debeamus,
ameis	» ametis,	devaes	» debeatis,
amem	» ament.	devam	» debeant.
	Sinta	de sentiam,	
	sintas	» sentias,	
	sinta	» sentiat,	
	sintamos	» sentiamus,	
	sintaes	» sentiatis,	
	sintam	» sentiant.	

Como nas outras linguas romanas, conservou este tempo o typo latino tanto nas formas como na accentuação. Suas modificações são regulares, e consistem na queda

do *m* das primeiras pessoas do singular, do *t* final das terceiras e do *t* medial das segundas do plural. Nos derivados da flexão em *e* e *i*, dá-se geralmente a syncope da vogal thematica: *deva* por *devea*=lat. *debeam*; *vista* por *vestia*=*vestia-m*.

*Imperfeito.*

Amasse	de ama(vi)ssem,	Devesse	de debe(vi)ssem,
amasses	» ama(vi)sses,	devesse	» debe(vi)sses,
amasse	» ama(vi)sset,	devesse	» debe(vi)sset,
amassemos	» ama(vi)ssemus,	devessemos	» debe(vi)ssemus,
amasseis	» ama(vi)ssetis,	devesseis	» debe(vi)ssetis,
amassem	» ama(vi)sset,	devessem	» debe(vi)sset.

Sentisse	de senti(vi)ssem,
sentisses	» senti(vi)sses,
sentisse	» senti(vi)sset,
sentissemos	» senti(vi)ssemus,
sentisseis	» senti(vi)ssetis,
sentissem	» senti(vi)sset.

Este tempo, cuja formação é commum ás linguas romanicas, deriva-se das fórmas do mais que perfeito do subjunctivo do latim popular, *amassem*, etc., procedentes das do latim classico, *amavissem*, etc., por syncope de *vi*. Houve alem disso deslocação do accento na primeira e na segunda pessoa do plural.

*Futuro.*

Amar	de ama(ve)rim,	Dever	de debe(ve)rim,
amares	» ama(ve)ris,	deveres	» debe(ve)ris,
amar	» ama(ve)rit,	dever	» debe(ve)rit,
amarmos	» ama(ve)rlmus,	devermos	» debe(ve)rimus,
amardes	» ama(ve)ritis,	deverdes	» debe(ve)ritis,
amarem	» ama(ve)rint,	deverem	» debe(ve)rint.



Sentir	de senti(ve)rim,
sentires	» senti(ve)ris,
sentir	» senti(ve)rit,
sentirmos	» senti(ve)rimus,
sentirdes	» senti(ve)ritis,
sentirem	» senti(ve)rint.

Deu-se a syncope do *v* entre vogaes, seguida da absorpção da vogal atona pela accentuada: *amar*=*amaer* de *ama*-(v)*e-r*(im), etc.

#### INFINITO.

##### *Presente.*

As fórmas do infinito em *ar* veem das fórmas latinas em *are*: *amar*=*amare*; as em *er*, das em *ere* (longo) ou *ere* (breve): *dever*=*debere*, *fazer*=*facere*; as em *ir*, das em *ere* (breve) ou *ire*: *cair*=*cadere*, *sentir*=*sentire*; perdido apenas o *e* final, e identificadas na accentuação.

Por analogia das fórmas temporaes, o portuguez junta muitas vezes ao infinito as desinencias pessoaes: *amar*, *amares*, *amar*, *amarmos*, *amardes*, *amarem*.

As construcções do infinito com pronomes nas orações do modo infinito, o obscurecimento ha tanto tempo completamente realiado da funcção verdadeira do infinito e a analogia, explicam perfeitamente este facto peculiar do portuguez.

##### *Participio presente.*

Até o seculo 16.<sup>o</sup>, esteve em uso o participio presente derivado do tempo correspondente em latim, como se vê dos seguintes exemplos do portuguez antigo: «...per'las ricas e *imitantes* a cor da aurora (CAMÕES.)» «...os quaes *tementes* Nostro Señor (REGRA DE S. BENTO.)»

Hoje as fórmas em *ante*, *ente*, *inte* perderam inteiramente a força participal, sendo apenas empregadas como simples adjectivos ou substantivos: *tirante*, *obediente*; *caminhante*, *poente*.

Escreptores contemporaneos teem empregado estas fórmās, conio participios, com o fim de ver si restabelecem tal uso.

Obliterado o participio presente que provinha directamente do participio presente latino, foi supprida a sua falta pelas fórmās em *ando*, *endo*, *indo*, procedentes do gerundio latino em ablativo: «O general dos inimigos, *animando* o exercito, dizia a cada passo: etc.» «*Ajudando* Deus, o negocio terá bem exito.»

Como se vê da traducção destes exemplos, *animando* e *ajudando* teem a mesma força participial de *animans*, *antis* e *juvans*, *antis*: «Dux hostium, exercitum *animans*, passim loquebatur: etc.» «Deo *juvante*, res bene succedet.»

### *Gerundio.*

Das fórmās do gerundio, pela perda da distincção dos casos, só permaneceu a do ablativo: «A mulher manda *obedecendo*. (Mulier *parendo* imperat).» «Elle emprega o tempo *lendo* historia. (Consumit tempus *legendo* historiam).» As fórmās do genitivo, dativo e accusativo foram substituidas pelo infinito regido de preposição: *de amar* (amandi), *a amar* (amando), *para amar* (amandum).

Nos verbos em *i*, o *e* do suffixo contrahin-se com o *i* final do thema verbal: *vestindo* de *vesti-endo*.

### *Participio preterito ou passivo.*

Conservou-se o typo dos participios preteritos dos derivados em *a* e *i*, isto é, dos participios em que o suffixo *to* é precedido das vogaes de derivação *a*, *i*, abrandonando-se o *t* do suffixo em *d*, por se achar entre vogaes: *amado* de *amato*, *vestido* de *vestito*. A primeira e a terceira conjugação portuguezas ganharam por esse modo um typo apropriado de participio preterito; mas, faltando tal typo á segunda, baseada sobre os verbos latinos em *e*, o portuguez e bem assim as outras linguas romanicas lançaram mão do typo dos participios em *uto*, como *diluto*, *secuto*, *soluto*, formando os antigos participios em *udo*: *esta-*

*beleçudo*, *perdudo*, etc., que caíram em desuso no século 16.º, e foram substituídos por participios em *ido*, por analogia da terceira conjugação: *estabelecido*, *perdido*, etc.

O português conserva ainda considerável numero de participios com forma primitiva: *posto* de *pos(i)to*, *feito* de *facto*, *dito* de *dicto*, etc. Na linguagem hodierna, temos exemplos da forma archaica em *teído*, *manteído*, *conteúdo*, *sanhudo*, etc., mas como simples adjectivos.

### *Supino.*

O *supino* é o mesmo participio passado, quando invariavel. É assim chamado, porque, junto aos auxiliares *haver* e *ter*, assume o character do supino em *um*, latino, ou de um nome verbal que exprime a acção na voz activa, e pede ou não complemento, conforme a natureza do verbo de que procede: «*Tenho viajado* muito.» «Elle *havia comprado* uma casa.»

☞ O supino concordava outrora com o termo que representa o objecto da acção por elle expressa: «Os mares que temos *navegados*.» «As victorias que havíamos *alcançadas*.» Desta construcção muitas vezes resultava equivoco com as phrases, em que os verbos *haver* e *ter*, tomados na sua significação propria, teem o complemento objectivo modificado pelo participio, como se vê destes exemplos: «Os soldados que tenho *feridos*.» «Os soldados que tenho *ferido*.» O primeiro exemplo designa os soldados do corpo que estão feridos; o segundo, aquelles que feri.

### *Tempos Compostos.*

Os tempos compostos formam-se periphrasticamente: os do preterito e alguns do futuro, juntando-se o supino aos auxiliares *haver* e *ter*: *hei* ou *tenho amado*, *haverá* ou *terei amado*, etc.; e os do futuro, chamados de *significação começada*, por exprimirem uma acção começada na tenção e por fazer na execução, ligando-se o presente do infinito impessoal aos mesmos auxiliares pela preposição *de*: *hei* ou *tenho de amar*, *haveria* ou *teria de amar*, etc.

Desappareceram completamente no dominio romano o futuro simples do indicativo (*amabo*) e o imperfeito (*amarem*) e perfeito (*amaverim*) do

subjunctivo, pela semelhança mais ou menos exacta com outras fórmulas temporais. *Cantabo*, por exemplo, podia confundir-se facilmente com *cantabam*; *cantaerem*, com *cantarim* e *cantaram*; e *audiam* (presente), com *audiam* (futuro). As fórmulas antigas viveram por algum tempo ao lado das novas, até que, por superfluas, foram substituídas por estas. Fez-se esta substituição por meio da perífrase, juntando-se o verbo *habere* ao particípio passado que em português tomou o nome de supino, quando se tornou invariável: “De Cæsare satis *dictum habeo* por *dixi*.” “Copias quas *habebat paratas* por *paraverat*.”; e juntando-se ao infinito o mesmo verbo *habere* que, por um uso que necessariamente decorria já do latim vulgar, collocaram antes do infinito, como se vê das fórmulas *habeo dicere*, *habeo audire*, etc., mais frequentes na língua popular que na litteraria, e que equivalem a *habeo dicendum*, *habeo audiendum*, ou a *habeo quod dicam*, *habeo quod audiam*. Por este meio, adquiriu a língua grande numero de fórmulas analyticas ou compostas, e creou duas flexões originaes, o futuro absoluto (*amarei* de *amar+hei*) e o futuro simples do condicional (*amaria* de *amar+hia* ou *havia*). No português e no hespanhol, deram ao verbo *tenere*, muito mais preciso, este emprego de *habere*.

### *Voz Passiva.*

Em latim os verbos passivos teem fórmulas syntheticas nos tempos da primeira serie ou de acção incompleta: *amor*, *amaris* ou *amare*, *amatur*, etc.; e fórmulas analyticas nos da segunda serie ou de acção completa: *amatus*, *a*, *um sum* ou *fui*, etc.

O português rejeitou as fórmulas syntheticas, e adoptou em todos os tempos as analyticas: *sou amado*, *era amado*, etc.

A substituição das fórmulas syntheticas pelas analyticas já era frequente no latim popular: *sum amatus* por *amor*, *sunt aspecta* por *aspectantur*, etc.

Alem do processo indicado para exprimir a passividade, o português, com as línguas suas congêneres, renovou, mas só nas terceiras pessoas, o do latim primitivo, que consiste em juntar ás fórmulas do verbo o pronome *se*: «*Vende-se* uma casa.» «*Compram-se* livros.» «*Ama-se*.» «*Vive-se*.»

Os elementos latinos deste processo fundiram-se a final, dando em resultado as fórmulas syntheticas dos tempos de acção incompleta do periodo classico, como se vê em *amo-r* de *amo-re=amo-se*, em que se mudou em *r*

o *s* do pronome *se*, por achar-se entre vogaes, e perdeu-se o *e*, por influencia do accentto.

É de formação vernacula o outro modo de apassivar o verbo que consiste em juntar-se a *estar*, *ficar*, *andar*, *ir*, *vir*, etc., o gerundio de *ser*, e o particípio passado do verbo que se quer apassivar; *estar sendo castigado*, etc.

#### *Verbos irregulares.*

A grammatica historica não pode admittir que haja verbos irregulares. Os que são considerados taes, obedeceram, como os regulares, aos principios etymologicos da filiação historica, isto é, soffreram as transformações phoneticas de que eram susceptíveis, como quaesquer vocabulos, conservando mais regularmente as fórmulas latinas, donde se originaram, como se vê em *digo*, *faço*, *jazo*, *venho*, *valho* de *dico*, *facio*, *jaceo*, *venio*, *valeo*, etc. Mas parece preferivel adoptar modernamente as denominações de *verbos regulares* e *irregulares*, que estão mais em relação com o estado actual da flexão verbal.

### V

#### *Etymologia das palavras invariaveis.*

É em geral latina a etymologia das palavras invariaveis; muitas dellas porem são de formação romana, posterior ao latim culto.

#### *Preposições.*

LATINAS:—*a* de *ad*, *ante* de *ante*, *com* de *cum*, *contra* de *contra*, *de* de *de*, *em* de *in*, *entre* de *inter*, *per* e *por* de *per*, *por* (em favor de) de *pro*, *sem* de *sine*, *sob* de *sub*, *sobre* de *super*.

ROMANAS:—*após* (pós) de *ad+post*, *até* (té) de *hactenus*, *desde* de *de+ex+de*, *para* de *per+ad* (*pera*, port. ant.).

*Adverbios.*

LATINOS: — *alem* de *alliunde* (*allende*, no hesp.);  
*alhures* (arch.) de *aliorsum* (*alii oris*);  
*aliás* de *alias*;  
*alli* de *illic*, pela queda do *c* final e  
mudança do *i* inicial em *a* (cp. *antre*,  
*entre* de *inter*);  
*antes* de *ante*;  
*até* de *hactenus*;  
*bem* de *benè*;  
*cedo* de *cito*;  
*cerca* de *circa*;  
*como?* de *quomodo*, pela intermediaria  
*quomo*;  
*eis* de *ecce*;  
*fôra* de *foras* (*foris*);  
*hi* de *hic*;  
*hoje* de *hodie* (*hoc die*);  
*inda* de *inde*;  
*já* de *jam*;  
*lá* de *illac*;  
*logo* de *loco*;  
*longe* de *longe*;  
*mais* de *magis*;  
*mal* de *malè*;  
*meio* de *medium* (algum tanto);  
*menos* de *minus*;  
*mui*, *muito* de *multum*;  
*nada* de *nata* (*nulla* (res) *nata*);  
*não* de *non*;  
*nunca* de *nunquam*;  
*onde* de *undè*;  
*ora* de *hora*;  
*perto* de *pressum* (que se junta, que se  
avizinha de *premere*);  
*pouco* de *paucum*;  
*quando?* de *quando*;

*quanto* de *quantum*;  
*quasi* de *quasi*;  
*sempre* de *semper*;  
*sim* de *sic*;  
*só* de *solum*;  
*tarde* de *tarde*;  
*tanto* de *tantum*;  
*tão* de *tam*;  
*tras* de *trans*.

ROMANOS:— *acaso* de *ad* + *casum*;  
*acinte* de *ab* + *sciēte*;  
*acólá* de *hac* + *illá* (*illac*);  
*adrede* de *ad* + *recte*;  
*agora* de *hac* + *hora*;  
*algures* de *al*, *quoris* (*aliquis oris*—algu-  
ma região);  
*arriba* de *ad* + *ripam* (para a praia);  
*assás* de *ad* + *satis*;  
*assim* de *ad* + *sic*;  
*aqui* (*qui*, ant.) de *ecce* + *hic* (*ec'hic*), se-  
gundo Diez; ou da fôrma pleonastica  
*hac* + *hic*, no sentir de outros;  
*avante* de *abante* (*ab* + *ante*), lat. pop.;  
*cá* de *ecc'hac* (donde *ecá*, *cá*);  
*dentro* de *de intro*;  
*então* de *in tunc*;  
*hontem* de *hodie* + *ante*, na opinião de  
alguns; de *ad* + *noctem*, segundo outros;  
*nenhures* de *neoris* (*nec oris*), opposto  
de *algures*;  
*quiçá* de *quis sapit*, lat. pop.

Ha alem destes os adverbios em *mente*, como *placidamente*.

Por não serem accentuadas, perderam-se as terminações adverbias latinas e e. ter: *certè*, *prudenter*; recorreu por isto o portuguez á fôrma periphrastica, mui frequente entre os escriptores do Imperio: "*bona mente factum*." O suffixo *mente* é por conseguinte o ablativo latino do substantivo

feminino *mens, mentis* (espírito, entendimento, mente), que em latim já empregavam no sentido de *modo* ou *maneira*, e que, sem soffrer modificação phonetica, pode separar-se do adjectivo, conservando ainda a idéa etymologica ou a sua vida propria: "Lutaram *sabia* e *poderosamente*."

### *Conjunções.*

LATINAS : — *como* de *quomodo*;  
*e* de *et* (*et*, port. ant.);  
*ergo* de *ergo*;  
*logo* de *loco*;  
*mas* de *magis* (adv.);  
*nem* de *nec*;  
*ora* de *hora*;  
*ou* de *aut*;  
*pois* de *post*;  
*quando* de *quando*;  
*que* de *quam* e *quod*;  
*si* de *si*.

ROMANAS : — *assim* de *ad + sic*;  
*porem* de *per inde* ou *pro inde*, lat. pop.  
(*por ende*, port. ant.);  
*porque* de *per quæ* ou *per quod*, lat.  
pop.;  
*tambem* de *tam benè*, lat. vulgar.

### *Interjeições.*

As verdadeiras interjeições, sejam instinctivas ou naturaes: *ah! eh! hui! oh!* etc., sejam onomatopicas: *bum, tras, psiuh*, etc., sejam formadas pelo reforço similar: *zaz tras, bum bum, tim tim*, etc.; como verdadeiros gritos espontaneos, que são, encontram-se em quasi todas as linguas, e por isso não teem etymologia.

### SECÇÃO 2.ª

#### *Elemento Estrangeiro.*

O elemento estrangeiro provém, ou das linguas falladas na península iberica, anteriormente ao latim; ou



das linguas dos conquistadores, depois do dominio romano; ou de origens diversas.

I

*Elementos provenientes das linguas faladas na peninsula, anteriormente ao latim.*

ELEMENTOS EUSKAROS. — Na região pyrenaica da França e da Hespanha, fala-se ainda hoje uma lingua que tem o nome geral de *basco*, *vasconço* ou *biscainho*, a que os proprios que a falam, chamam *euskara*. Esta lingua tem servido a varios etymologistas, para explicar muitas palavras do hespanhol e do portuguez; mas uma origem euskara só é provavel para um pequeno numero de palavras das linguas romanicas da peninsula.

Entre os vocabulos portuguezes, a que se tem com mais verosimilhança attribuido uma origem euskara, citaremos: *aba*, *abarca*, *balsa*, *bezerro*, *bizarro*, *charco*, *charro*, *griseta*, *esquerdo*, *mandrião*, *morro*, *sarrazina*.

ELEMENTOS CELTICOS. — Os elementos celticos do portuguez, como das outras linguas romanicas, dividem-se em cinco classes:

1.<sup>a</sup> Um certo numero de palavras, como *dolmen* (mesa de pedra), usadas quasi exclusivamente na linguagem litteraria, nos vieram dos dialectos celticos modernos.

2.<sup>a</sup> Algumas palavras usadas tambem na linguagem litteraria, são tiradas do latim antigo, como *druida*, *bardo*, que eram palavras celticas.

3.<sup>a</sup> Algumas palavras que nos ministram os escriptores gregos ou romanos, e que dão como celticas, ou que podem com verosimilhança ser consideradas taes, encontram-se no fundo popular da nossa lingua. Ei-las: *bacia*, *bico* de *beccus*, *bojo*, *bragas* de *braccas* (accus.), *carpinteiro* de *carpentum*, *carro* de *carrus*, correspondendo a *currus*, *catrefa* de *caterva*, *cavallo* de *caballus*,

*cerveja* de *cerevisia*, *chopa* de *clupea* (nome de peixe), *cugullo* de *cucullus*, *legua* de *leuca*, *lança* de *lancea*, *sabão* de *saponem*, *tomento* de *tomentum*, *trado* de *tara-trum*.

4.<sup>a</sup> Algumas palavras portuguezas populares acham explicação etymologica nos dialectos celticos modernos: assim *cambo*, *cambaio*, etc. explicam-se por um radical celtico.

5.<sup>a</sup> Do francez nos vieram as seguintes que podem ser consideradas como de origem celtica: *arnez*, *bagagem*, *caes*, *chapa*, *chapéu*, *garrote*.

ELEMENTOS PHENICIOS — A lingua phenicia, dialecto semitico, muito proximo do hebreu, foi sem duvida falada por grande numero de colonisadores da Hespanha, antes do dominio romano, na zona meridional maritima, e numa extensão assás consideravel das costas do Atlantico. Os raros vestigios que della se encontram no portuguez, são, sem contar alguns nomes de logar, *atum*, *barca*, *mamona*, *mappa*.

ELEMENTOS GREGOS — Estes elementos acham-se consideravelmente representados nas linguas peninsulares; mas, de nenhuma das palavras portuguezas ou hespanholas de origem grega, se pode affirmar que fosse trazida á Hespanha pelos colonos gregos. Quasi todas ellas faziam parte do vocabulario latino, quando o latim foi trazido á peninsula; ou foram introduzidas posteriormente nesta região, durante o dominio romano.

Eis algumas palavras portuguezas populares, de origem grega, que não se acham representadas nos monumentos da litteratura latina: *anco* (canto, angulo), *bolsa*, *ermo*, *sumo*, *tio*, *taleiga* (sacco), *cara*, *caravella*; *calma*, *chato*.

Algumas palavras da mesma especie passaram, ao que parece, das outras linguas romanicas para a nossa; taes são: *colla*, *golfo*, *grangéa*, *pagem*.

Vieram-nos ainda do grego, por intermedio dos arabes, *alcaparra*, *quilate*.

II

*Elementos provenientes das linguas faladas pelos conquistadores na peninsula, depois do dominio romano.*

Estes elementos são o *germanico* e o *arabe*. Exceptuando o latim, são elles muito mais importantes do que aquelles de que nos temos occupado até aqui.

ELEMENTOS GERMANICOS — A invasão dos barbaros do norte da Europa tambem fez succumbir o poderio romano na peninsula hispanica. Os vencidos porem impozeram aos vencedores, pela superioridade de sua cultura intellectual e de sua civilisação, os seus costumes, culto e idioma.

A despeito disto, não poderam deixar de aceitar muitos vocabulos da lingua germanica, referentes ás suas instituições politicas e judiciarias, ao direito privado, aos titulos hierarchicos, ao systema feudal, á guerra, á navegação, ás divisões arbitrarías do solo, etc.

Esta importação germanica, si bem alterasse o vocabulario latino, não deixou de enriquece-lo; mas a sua influencia no portuguez foi apenas accidental e superficial, porque as palavras desta origem nos chegaram *latinisadas*: *werra*, por exemplo, transformada no latim vulgar em *guerra*, passou para o portuguez sob esta fórma, alguns seculos depois.

Os vocabulos de origem germanica dividem-se em tres classes:

1.<sup>a</sup> Palavras introduzidas na lingua latina, antes da invasão da peninsula hispanica, pelos barbaros alistados nos exercitos romanos: *burgo*, *garante*, *ganhar*, *guerra*, *guarda*, *guante*, *sáia*, etc.

2.<sup>a</sup> Termos de guerra e titulos jerarchicos, do direito feudal, das instituições politicas e judiciarias, etc., que os suevos, alanos, godos e visigodos importaram consigo, por occasião da conquista da peninsula hispanica: *alta*, *alabarda*, *arauto*, *baluarte*, *brecha*, *boldrié*, *bedel*, *barão*,

*cota, dardo, escaramuça, elmo, estoque, furriel, feudo, flecha, gage, gabella, marechal, sabre, vassallo, etc.*

3.<sup>a</sup> Termos nauticos introduzidos principalmente pelos normandos que desde o seculo 9.<sup>o</sup> invadiram a Galliza, e estanciarão no seculo seguinte nas margens do Minho: *arpão, arpêu, barco, boças, bordo, bote, batel, canoa, chalupa, croque, dique, escota, frota, frete, galeota, gageiro, mastro, ovens, quilha, sonda, timão, vaga, norte, sul, este, oeste, etc.*

ELEMENTOS ARABES — Depois dos godos, vieram os arabes que, desde o seculo 7.<sup>o</sup>, dominaram toda a peninsula, com excepção do territorio basco. O dominio arabe, deixou, em cerca de trezentas palavras da nossa lingua, vestigios bem evidentes da sua influencia. Esses termos referem-se em geral á vida physica, aos usos domesticos, ás instituições civis, politicas e militares, á construcção, á philosophia, á medicina e ás sciencias naturaes.

Eis alguns vocabulos derivados da lingua arabica: *acepipe, açougue, açude, alazão, bazar, barraca, café, cafila, cafre, camelo, carmim, caravana, cifra, cabala, falua, fulano, farnel, jasmim, laudano, marfim, mascara, recife, tamarindo, zenith, zero.*

Quasi todos os nomes que começam por *al* no portuguez, são de origem arabica; este prefixo é o artigo arabe que se fundiu na palavra, deixando de ter vida propria.

São raros os adjectivos de procedencia arabe, da qual tambem não nos veio verbo algum, nem palavras que exprimam idéas abstractas.

### III

#### *Elementos provenientes de origens diversas.*

Comprehendemos nesta divisão os elementos que, depois de constituida a lingua portugueza no seculo 13.<sup>o</sup>,

provieram quer das linguas modernas, quer das antigas de todas as partes do mundo, pela litteratura, pelo commercio, pela marinha, por colonias de individuos falando linguas estrangeiras.

ELEMENTOS HESPAÑHOES--Apezar da influencia da litteratura hespanhola sobre a portugueza, da proximidade geographica, o numero das palavras, verdadeiramente hespanholas, que se encontram em portuguez, não é consideravel; esse facto é devido a terem o portuguez e o hespanhol um vocabulario pela maior parte commum, de fórma que o portuguez não carece de ir lá buscar o que possui como proprio.

Eis algumas palavras de origem hespanhola: *basto* (termo de jogo), *el-dorado*, *espadilha*, *esteira*, *fandango*, *frente*, *hediondo*, *lhano*, *manilha*, *muchacho*, *quixote*, *sarabanda*, *zarzuella*.

ELEMENTOS CIGANOS--Da lingua dos ciganos da península passaram para o portuguez popular alguns termos. Taes são:

<i>calão</i>	do cigano	<i>calló</i> =cigano,
<i>piella</i>	» »	<i>pijar</i> =beber,
<i>pirar</i>	» »	<i>pirelar</i> =andar.

ELEMENTOS FRANCEZES—A era dos gallicismos data do declinar do seculo 11.º ou do despontar do immediato; mas é principalmente da epoca de D. João 4.º que o idioma portuguez começa a receber incremento lexicologico do francez.

Os neologismos de origem franceza referem-se mais á moda, a iguarias, á ficção litteraria; ou são nomes proprios ou geographicos, indicadores de productos ou invenções: *grenat*, *capotta*; *croquette*, *mayonnaise*; *amphytrião*, *tartufo*; *Bordeaux*, *Chambertain*; *medoc*, *guilhotina*.

O elemento francez é sem contestação nos ultimos tempos o maior factor barbaço da grammatica e do vocabulario. Por influencia do francez, o portuguez é hoje mais avalytico do que nos tempos classicos; a phrase

vernacula vae perdendo o habito das inversões; os vocabulos tem soffrido continuamente modificações de sentido. Por virtude ainda dessa influencia, é que importamos, por meio d'elle, neologismos inglezes, allemães e até italianos.

ELEMENTOS ITALIANOS—Os *quinhentistas*, classicos do seculo 16.<sup>o</sup>, por sua grande cultura do italiano, introduziram varios vocabulos dessa lingua, como *soneto*, *madrigal*, *tercetto*. Alguns ainda são anteriores, taes como os termos de marinha, *tramontana* (estrella), *caravella*, *sotavento*, etc.

As palavras derivadas do italiano são em geral relativas ás bellas artes, á litteratura, ao commercio: *adagio*, *andante*; *aquarella*, *pastel*; *cantata*, *esdruxulo*; *agio*, *banco*; etc.

ELEMENTOS GERMANICOS DE INTRODUÇÃO MODERNA—Do allemão vieram-nos, por meio do francez, entre outros os seguintes termos: *bismutho*, *caparrosa*, *cobalto*, *kirsch*, *obús*, *potassa*, *valsa*, *zinco*.

O inglez tem-nos ministrado grande numero de termos de commercio, caminhos de ferro, marinha, *sport*, cozinha, etc.: *cheque*, *dollar*; *brequé* (break), *tunnel*; *paquete* (vapor), *yacht*; *jockey*, *groom*; *pudim*, *sandwich*.

Das linguas escandinavas temos, entre outros os seguintes termos: *fiord* (termo geographico), *nickel* (do sueco).

ELEMENTOS DE LINGUAS AMERICANAS—São em grande numero os vocabulos herdados da lingua tupi: *cacique*, *pagé*, *taba*, *boré*, *maracá*, *cuia*, *igara*, *ubá*, *mundêu*, *ta-cape*, *curare*, *caipora*, etc.

No reino vegetal, este elemento tornou muito opulento o nosso vocabulario: *abatate*, *abacaxi*, *araçá*, *capim*, *caroba*, *caju*, *cipó*, *goiaba*, *embira*, *jaboticaba*, *jacarandá*, *mandioca*, *mangaba*, *peroba*, *pitanga*, etc.

Por virtude deste elemento não é menos rico o nosso lexico, no que diz respeito á zoologia: *araponga*, *arara*, *capivara*, *coati*, *ema*, *gia*, *giboia*, *jachá*, *jacutinga*, *jaboti*, *macuco*, *marimbondo*, *mico*, *mutuca*, *onça*, *paca*, *piranha*, *sabiá*, *surucucu*, etc.

Tambem é consideravel o numero de nomes locais que nos legaram os primeiros habitantes do Brazil: *Andarahy, Caçapava, Capanema, Carioca, Cattete, Catumby, Guarany, Ypiranga, Itajubá, Mogy, Paraná*, etc.

Das republicas hespanholas tambem nos vieram alguns termos: *pampas, cochilas, jalapa, chocolate, alpaca, condor, caimão*.

ELEMENTOS DAS LINGUAS AFRICANAS—Algumas palavras desta origem foram introduzidas no portuguez indirectamente pelos arabes até o seculo 14.<sup>o</sup>: *papagaio, azagaia*, etc.; outras vieram directamente pelo commercio e trato entre portuguezes e africanos no seculo 15.<sup>o</sup> e no 16.<sup>o</sup> *bugio, buzio, gimbo*; outras finalmente se immiscuiram no Brazil, depois do seculo 17.<sup>o</sup>: *inhame, calundu, giló*.

Quasi todos os vocabulos desta origem pertencem á lingua bunda e aos dialectos do Congo: *banzar, banzé, batuque, calunga, lundu, malungo, moleque, mandinga, molambo, samba, combuca, zanga*, etc.

Em alguns logares da Africa, ainda se fala um dialecto portuguez, distincto do reinol.

ELEMENTOS DAS LINGUAS ASIATICAS—Alem dos elementos que nos vieram pelos conquistadores musulmanos da peninsula, temos recebido, desde a idade media, um numero assás importante de termos das diversas linguas asiaticas, quer pela litteratura, quer pelo commercio. Os nossos escriptores do seculo 16.<sup>o</sup> e 17.<sup>o</sup>, que se occupam das cousas da Asia, offerecem grande numero desses termos.

Eis alguns exemplos dos mais usados: CHINEZES—*chá, hyson, nankim, setim*; INDICOS—*bengala, cabaia, canja, ganga, junco, nababo*; MALAIOS—*bambu, beliche, laca, mangue, orango-tango, sagu*; PERSAS—*azul, balcão, caravana, catre, damasco*; TURCOS—*formão, horda, janizaro, kiosque, odalisca, pachá*.

Do Hebraico, apezar do consideravel numero de judeus residentes em Portugal e no Brazil, poucos termos temos, e em geral pertencem á linguagem ecclesiastica,

ou generalisaram-se por influencia della. Exemplos: *alleluia*, *amen*, *cherubim*, *hosanna*, *jubileu*, *paschoa*, *rabino*, *sabbado*, *Satanaz*, *seraphim*.

ELEMENTOS RUSSOS OU SLAVOS—*caleche*, *cosáco*, *czar*, *mazurka*, *redowa*, *steppe*, etc.

ELEMENTOS HUNGAROS—*coche*, *cocheiro*, *sutache*, *hus-sard*, etc.

### SECÇÃO 3.<sup>a</sup>

#### *Elemento vernaculo.*

*Elemento vernaculo* é o processo pelo qual se formam palavras novas de outras, já existentes na lingua.

A derivação vernacula, ou é *impropria* ou *propria*.

#### I

#### *Derivação impropria.*

A derivação é *impropria*, quando, sem o accrescimo de *suffixos*, soffrem as palavras modificação de sentido, ou mudança de categoria grammatical: *bordeaux*, o *feito*. No primeiro exemplo, *Bordeaux*, nome proprio de logar, deu o derivado *bordeaux*, nome de um vinho, por se ter modificado o seu sentido; no segundo, *feito* é um nome derivado, porque mudou de categoria grammatical, passando de participio a substantivo.

Formam-se da maneira impropria *substantivos*, *adjectivos* e *particulas*.

#### *Substantivos.*

Os substantivos formam-se de qualquer categoria grammatical.

De *nomes proprios* que, pela mudança de sentido ou por uma acção psychologica, tornam-se communs: *damasco*, uma especie de estofo, assim chamado, porque primitivamente se fabricava em *Damasco*, na Syria.



De *pronomes* designando-se a personalidade da pessoa grammatical: «Em mim ha dous *eus*, um segundo a carne, outro segundo o espirito.»

De *adjectivos*, ou designando-se o objecto pela qualidade que mais attrahe a attenção: *dormente, jornal*; ou substantivando-se o adjectivo: *o util, o agradavel*.

De *verbos*, fazendo-se o nome derivar:

ou da *primeira pessoa* do singular do presente do indicativo, principalmente dos verbos da primeira conjugação: *amanho, esgoto*;

ou do *imperativo*: *degola, combate*;

ou do *participio passado*: *tratado, visto, producto*;

Esta formação, outrora muito productiva, vae se esterilizando.

ou do *infinito*: *o saber, o querer*.

No seculo 16.<sup>o</sup>, é que começou a empregar-se o infinito com flexão do plural, quando, em vez de denotar uma acção (*o cantar*), representa seres ou substancias (*os seres, os haveres*).

Das fórmas verbaes, são derivações esporadicas raras as que foram tomadas de tempos differentes dos mencionados, como *os provarás* (futuro absoluto de *provar*).

De *particulas*: *o contra, o sim, o porque, os ais*.

#### *Adjectivos.*

Os *adjectivos* derivados impropriamente proveem de substantivos: chapéu *monstro*, vestido *carmesim*.

#### *Particulas.*

Ha *particulas* que se derivam, ou de substantivos: *silencio! animo!*; ou de adjectivos: *segundo, caro, bello!*; ou de participios presentes antiquados: *durante, não obstante*; ou de verbos: *vamos! viva!*

II

*Derivação propria.*

A derivação é *propria*, quando as palavras se formam de outras, juntando-se-lhes *suffixos*.

*Suffixo* é o elemento morphologico ou orgão que se pospõe ao radical, modificando-lhe a significação: *pinheiro*, *formoso*.

Cada suffixo tem sentido ou valor proprio, que se revela em todos os derivados que d'elle se formam; mas em geral o derivado tem sentido mais restricto que o primitivo, e equivale a um substantivo combinado com um adjectivo: *jardimzinho* = *jardim pequeno*; ou a um verbo com o seu complemento: *escolher* = *fazer uma escolha*.

Às vezes, intercala-se, entre o radical e o suffixo das palavras derivadas, uma consoante euphonica: *machucadela*, *florzinha*; ou uma syllaba com o valor de suffixo: *cabelleiro*.

Os suffixos, ou são de formação popular, ou de origem erudita. Estes não entram na derivação propriamente portugueza; mas alguns delles, como *ario*, *al*, *ista*, *ismo*, etc., são hoje de uso vulgar, e estão, por assim dizer, nacionalisados e com força creadora; outros teem forma dupla, uma popular e outra erudita, muitas vezes com significação tambem dupla: *primeiro*, *primario*; *razão*, *racão*; *justiça*, *justeza*.

O mesmo suffixo pode ter varias significações: *eiro*, por exemplo, em *tinleiro*, exprime o continente; em *sapateiro*, o factor; em *cavalleiro*, o agente da acção; em *pinheiro*, a arvore em relação ao fruto.

Com elementos tomados do latim, formou o portuguez consideravel numero de vocabulos novos.

*Substantivos.*

Os substantivos derivam-se, ou de substantivos, ou de adjectivos, ou de verbos.

São numerosos os *suffixos nominativos* os quaes, ou nos veem do latim, ou são de formação exclusivamente portugueza.

Eis os *suffixos nominativos*:

**aça** exprime quantidade: *fumaça, vidraça*; augmento com sentido pejorativo: *bocaça, barbaça*.

**aço**, de *acem*, accus. dos nomes lat. em *ax*, exprime augmento: *cartapazo* (hoje, *cartapacio*), *espinhaço*; effeito da acção: *cansaço, inchaço*; tem ás vezes sentido pejorativo: *poetaço, senhoraço*.

**ação**, do lat. *actionem*, accus. dos nomes lat. em *io*, exprime acção, junto a verbos da primeira conjugação: *ligação, publicação*.

**acho** exprime inferioridade, má qualidade: *riacho, vulgacho, muchacho*.

**ada**, do lat. *actus*, *a*, *um*, exprime grandeza ou extensão: *cumiada, fachada*; golpe ou pancada: *facada, pedrada*; continuidade ou prolongação: *caminhada, risada*; reunião ou collecção de objectos da mesma especie: *rapaziada, barricada*; tempo: *alvorada, noutada*; producto dos objectos designados pelos primitivos: *marmelada, cocada*; quantidade contida na capacidade das cousas significadas pelos radicaes: *caldeirada, tachada*; acção desairosa, baixa: *tratantada, velhacada*; effeito da acção: *emboscada, calçada*.

**ado**, do lat. *atus*, exprime reunião de pessoas constituidas em dignidade, a jurisdicção dellas, e o territorio em que esta se exerce: *senado, professorado, condado*; dahi um sentido colectivo, augmentativo, extensivo: *eirado, silvado, palavreado*; e ainda a significação de emprego, profissão, dignidade: *soldado, magistrado, marquezado*.

**agem**, do lat. *aticum*, contrahido em *at'cum*, exprime collecção de objectos da mesma especie: *folhagem, plumagem*; estado: *aprendizagem, camaradagem*; resultado de uma acção: *ancoragem, lavagem*.

**al**, do lat. *alis*, exprime collectividade ou reunião de muitos individuos ou cousas da mesma especie; *col-*

*meal*, *ritual*; abundancia ou grande quantidade: *lamaçal*, *lodaçal*; e forma quasi todos os nomes de plantações: *arrozal*, *laranjal*.

**alha**, do lat. *alia*, exprime ajuntamento: *cordoalha*, *cainçalha*; alargamento, extensão: *fornalha*, *muralha*; e ás vezes tem sido colectivo e ao mesmo tempo pejorativo: *canialha*, *gentalha*.

**alho**, do lat. *aculus*, exprime desprezo, vileza, inferioridade: *espantalho*, *frangalho*; é também augmentativo e colectivo-pejorativo: *parvoalho*, *serralho*.

**ama** exprime accumulação das cousas designadas pelos substantivos a que se junta: *courama*, *dinheirama*.

**ame, ume** (pop.), do lat. *ame*, exprime collecção, intensidade, augmento: *cordame*, *gravame*, *cavername*, *cardume*, *azedume*, *queixume*.

**ança, ença, ancia, encia**, do lat. *antia*, *entia*, formam geralmente nomes abstractos, correspondentes aos adjectivos em *ante*, *ente*, *inte*, que exprimem qualidade, estado, acção, effeito da acção: *bonança*, *esperança*, *doença*, *crença*, *observancia*, *vigilancia*, *prudencia*, *existencia*.

Muitos dos derivados em *ança* não teem correspondentes em latim.

**ando, a**, de *de andus*, *a*, fórmulas dos part. fut. pass. lat., exprime acção ou effeito della: *examinando*, *a*, *doutorando*, *a*, *propaganda*.

**anha**, do lat. *anea*, exprime extensão, grandeza: *campanha*, *façanha*, *montanha*.

**ante** exprime o sujeito da acção indicada pelo verbo: *brilhante*, *calmante*; e, por analogia, a profissão: *almirante*, *commandante*.

**anzil** exprime augmento: *corpanzil*.

**ão**, do lat. *anem*, *onem*, *ionem*, exprime agente ou profissão subalterna: *centurião*, *hortelão*; augmento: *portão*, *rapagão*; estado, qualidade: *perfeição*, *sujeição*; acção ou effeito della: *discussão*, *rasgão*.

**aria**, do lat. *arius*, *a*, *um*, exprime collecção quantidade: *livraria*, *escadaria*; *gritaria*, *pancadaria*; officina estabelecimento: *chapelaria*, *colchoaria*, *albergaria*, *hospe-*

*daria*; acção ou facto desprezível: *patifaria*, *velhacaria*, *ridicularia*, *zombaria*.

**ario**, do lat. *arius*, exprime profissão ou occupação: *estatuário*, *lapidário*; collectividade ou reunião: *ovário*, *vocabulário*; logar onde se guardam os objectos indicados pelo radical: *erário*, *herbário*.

Oppõe-se a **ante**: *mandante*, *mandatário*; a **al**: *original*, *originário*; e corresponde a **oso**: *tumultuoso*, *tumultuário*.

**astro**, de origem litteraria, é pejorativo: *poetaastro*.

**ato**, forma classica, do lat *atus*, é o mesmo que *ado*, de origem popular; exprime cargo, o tempo d'elle e a sua jurisdição: *canonicato*, *decemvirato*, *generalato*.

Tambem é muito usado em termos technicos de chimica, que designam saes: *sulfato* *citrato*.

**az**, do accus. dos nomes lat. em *ax*, exprime augmento, intensidade: *cartaz*, *Satanaz*; ás vezes é pejorativo: *dansaraz*, *machacaz*.

**azio** exprime extensão, augmento: *balazio*, *copazio*.

**bullo**, **cullo**, **bro**, **cro**, do lat. *bulum*, *culum*, exprime acção, instrumento: *thuribulo*, *cenaculo*, *candelabro*, *sepulcro*. As tres primeiras fórmulas são de origem erudita; a de origem popular toma a forma *agre* em *milagre* de *miraculum*.

**cia**, **ia**, atonos, do lat. *itia*, *ia*, exprimem qualidade: *audacia*, *perfidia*. O suffixo *ia* serve tambem para formar nomes de paizes: *Arabia*, *Germania*, *Italia*, *Phenicia*.

**cida**, do lat. *cida*, exprime matador: *homicida*, *regicida*.

**cola**, do lat. *cola*, exprime profissão agraria: *agricola*, *vinicola*; habitante: *incola*, *monticola*.

**corne** exprime ponta, chifre: *bicorne*, *unicorne*.

**dade**, de *tatem*, accus. de nomes da terceira declinação lat. em *tas*, exprime existencia de um estado qualquer: *verdade*, *sociedade*, *magnanimidade*, *hereditariedade*; qualidade abstracta, considerada em si: *felicidade*, *crueldade*. Por analogia, tomaram este suffixo muitos nomes

de derivação diversa, como *amizade* de *amicitia*, *soledade* de *solitudinem*, etc.

Corresponde a *ão*: *variedade*, *variação*; e, no seculo 16.º, a *eira*: *cegueira*, *cegueira*.

Junto a palavras acabadas em *io* ou *ia*, é precedido de um *e*, em que se muda o *o* ou *a*: *variedade*, *anciedade*. Si a palavra acaba em *l*, precede-o um *i* euphonico: *realidade*. Exceptuam-se *beldade*, *crueldade*, *igualdade*, *lealdade*. Si a palavra acaba em *o*, precedido de consoante ou de vogal que não seja *i*, ou si finalisa em *e*, mudam-se o *o* e *e* finais em *i*: *raridade*, *idoneidade*, *proficuidade*, *brevidade*. Si a palavra acaba em *az*, *iz*, *oz*, muda-se o *z* em *e*, e introduz-se um *i*: *capacidade*, *felicidade*, *velocidade*. Si a palavra acaba por *im*, *um*, muda-se o *m* em *n*, e accrescenta-se um *i*: *latinidade*, *communidade*. Exceptua-se *ruindade*. *Simples* e *duplex* dão *simplicidade* e *dupplicidade*. Si a palavra acaba em *vel* (do lat. *bilis*), muda-se o *vel* em *bil* da fôrma latina, que era a do portuguez antigo (*affabil*, *terribil*, etc.): *mobilidade*. Ha suppressão do *i* que existiu em latim, em *bondade*, *christandade*, *divindade*, *humildade*, *irmandade*, *leviandade*, *maldade*, *mortandade*, *trindade*, *verdade*, *virgindade*. Em *vaidade* supprimiu-se o *n*, que precedia o *i* em *vanitas*, e em *sanguinidade*, trocou-se por *i* o *e* de *sanguineo*. Em *cidade*, *herdade*, *humidade*, supprimiu-se a penultima syllaba (*civitas*, *hereditas*, *humiditas*). São excepções de maior alteração *amizade*, *saudade*, *vontade*. *Fealdade* e *frialdade* são os unicos exemplos em que o *o* muda-se em *al*. Conservaram a fôrma latina *magestade*, *potestade*, *tempestade*.

**ebre** é pejorativo: *casebre*.

**eca** tambem deprecia o objecto significado pelo primitivo: *folheca*, *padreca*.

**edo**, do lat. *etum*, exprime collecção das arvores designadas pelo radical dos nomes a que se junta: *arvoredo*, *olivedo*; grandeza: *penedo*, *rochedo*. Ha ainda a fôrma feminina em *alameda*.

**eira**, corrupção de *aria*, exprime capacidade para conter: *carteira*, *papelleira*; ou para produzir: *pereira*, *figueira*; collectividade, extensão: *sementeira*, *parreira*, *cabelleira*, *cordilheira*; acção: *calçadeira*, *choradcira*. Tem tambem significação depreciativa: *marroteira*, *ladroeira*.

**eiro**, popular, corresponde ao erudito *ario*, exprime o continente: *saleiro*, *celeiro*; aptidão, habito, cargo, profissão, factor: *casamenteiro*, *careteiro*, *porteiro*, *carpinteiro*, *selleiro*; logar, situação: *atoleiro*, *picadeiro*; arvores, plan-

tas: *limoeiro*, *mamoeiro*; intensidade, extensão: *aguaceiro*, *luzeiro*; depreciamento: *caloteiro*, *trapaceiro*.

Ha differença na significação dos suffixos *ario*, *eiro*, *or* e *ado* ou *ato*, com quanto todos indiquem cargo, profissão: *ario* denota posição inferior; *eiro*, ainda mais inferior; *or* e *ado*, ou *ato*, alta dignidade, posição elevada.

**ejo** exprime diminuição com sentido pejorativo: *animalejo*, *quintalejo*; só depreciamento: *sertanejo*, *gracejo*; extensão: *cortejo*, *gargarejo*.

**el** exprime diminuição: *canastrel*, *cordel*.

**ela**, do lat. *ela*, exprime resultado da acção: *tutela*, *apalpadela*; collectividade: *parentela*, *clientela*.

Nos derivados populares, intercala-se um *d*.

**êlho**, **a**, do lat. *iculus*=*ic'lus*, é pejorativo: *fede-lho*, *francelho*, *azelha*.

**êllo**, **a**, exprime diminuição: *portello*, *viella*.

**ena** exprime quantidade numerica: *novena*, *quarentena*.

**enda**, de *enda*, fôrma feminina do part. fut. pass. lat., exprime resultado da acção: *offerenda*, *legenda*.

**engo**, do lat. *aneus*, exprime depreciação; *mostren-go* (de monstro).

**enta**, do lat. *entum*, exprime collecção: *ferramenta*.

**ente**, do lat. *entem*, de *ens*, *entis*, exprime resultado da acção, lugar onde, agente: *precedente*, *poente*, *servente*.

**eolo**, do lat. *eolus*, fôrma erudita, exprime diminuição: *alveolo*, *capreolo*.

**es** forma appellidos de familia, que foram outrora adjectivos patronimicos: *Alvares* de *Alvaro*, *Soares* de *Soeiro*.

**êta**, **ête**, **êto**, **óta**, **ôte**, **ôto**, suffixos romanos, exprimem diminuição; *costelleta*, *diabrete*, *folheto*, *casota*, *velhote*, *perdigoto*; **êto** designa tambem quantidade: *terceto*, *quarteto*; e forma ainda nomes technicos da chimica: *iodoreto*, *sulfureto*.

**ez, eza, iza, êssa**, do lat. *issa, itia*. Os tres ultimos formam o feminino de nomes que indicam cargos ou profissões; *princeza, poetiza, abadessa*; os dous primeiros exprimem qualidades: *solidez, polidez, agudeza, pureza*.

No seculo 15.º, *ez, eza* correspondiam a *dade* e a *ura*: *nudez, nuidade; viuvez, viuvidade; brandeza, brandura; farteza, fartura*. Ainda temos exemplos desta confusão em *clareza, claridade; torpeza, torpidade; tristeza, tristura*.

**ia** exprime profissão, emprego, industria: *advocacia, capellania, cirurgia*; territorio, logar, estabelecimento, onde se exerce o emprego ou industria: *freguezia, delegacia, academia, pagadoria*; acção ou seu effeito: *correria, tomada*; ajuntamento, extensão, quantidade: *clerezia, marezia, penedia*; qualidade, estado: *cortezia, galhardia, alegria, primazia*.

**iça, icia**, do lat. *itia*, exprime qualidade, estado: *justiça, preguiça, caricia, malicia*.

**ice**, do lat. *itie*, exprime qualidade ou estado: *meiguice, velhice*; é usado ainda com sentido depreciativo ou burlesco: *bernardice, doutorice*.

**iço** exprime diminuição: *canniço, passadiço*.

**ico**, do lat. *icus*, exprime diminuição: *abanico, burrico*.

**ico**, suffixo atono, exprime seita, communiidade, origem, profissão: *estoico, musico*.

**iculo, a**, fôrma litteraria, do lat. *iculus, a*, exprime diminuição: *monticulo, versiculo, auricula, radícula*.

**ido, a**, do lat. *itus, a*, exprime o resultado da acção: *estalido, ganido, ferida, investida*.

**idão**, do lat. *itudinem*, exprime qualidade ou estado: *mansidão, servidão*.

**il**, do lat. *ilis*, exprime diminuição: *pernil, tamboril*; logar onde: *covil, redil*.

**ilha**, do lat. *ilia*, exprime collecção: *camarilha, matilha*.



**ilho, a**, de *iculo*, *a*, é diminutivo: *rastilho*, *vidrilho*, *mantilha*, *serrilha*; exprime também intensidade da acção: *andarilho*, *afogadilho*.

**im**, do lat. *inus*, exprime diminuição: *camarim*, *espadim*.

**ina**, do lat. *ina*, exprime profissão, officio, lugar onde são elles exercidos: *medicina*, *officina*. Em chimica, significa força, virtude: *estrychnina*, *estearina*.

**inho, a** = **ino, a**, de *inus*, *a*. É o mais vulgar de todos os suffixos diminutivos da nossa lingua; *livrinho*, *casinha*. Ha diminutivos que teem as duas fórmas: *pequeninho*, *pequenino*; *Antoninho*, *Antonino*.

Às vezes intercala-se um *z*: *quintalzinho*, *grãozinho*.

**io** exprime collecção: *mulherio*, *rapazio*; intensidade, acção: *bafio*, *pousio*, *feitio*, *enterrio*; estado, qualidade: *poderio*, *senhorio*.

**io**, suffixo atono do lat. *ium*, exprime acção, lugar em que ella se exerce: *vaticinio*, *imperio*.

**isco** exprime diminuição: *chovisco*, *pedrisco*.

**ismo**, do lat. *ismus*, exprime religião, crença, seita, doutrina: *christianismo*, *islamismo*; *sebastianismo*, *socialismo*; qualidade: *brilhantismo*, *purismo*; palavra, locução peculiar a uma lingua ou lugar: *gallicismo*, *hellenismo*, *solecismo*; generalisação do significado do substantivo primitivo: *organismo*, *transformismo*.

**ista**, do latim *ista*, exprime emprego, occupação: *jornalista*, *sacrista*, *oculista*, *dentista*; individuo que toca um instrumento: *rabequista*, *pianista*; partidario ou adepto de systema, escola, seita ou idéa: *opportunista*, *socialista*, *calvinista*.

**ito, a** é uma differenciação do suffixo *inho, a*: *livrito*, *mosquito*, *cabrita*, *mulherita*.

**iz**, suff. pop. port. Ha apenas um exemplo em *chamariz*; é também terminação feminina de alguns nomes em *or*: *actor*, *actriz*; *imperador*, *imperatriz*.

**me, men**, de origem classica, encontra-se só em nomes derivados do latim: *exame, liame; certamen, specimen*.

**mento**, do lat. *mentum*, de *minere*, exprime estado, acção: *contentamento, atrevimento*; resultado da acção: *ornamento, tratamento*. Muitos já nos foram transmittidos pelo latim: *documento* (de *docere*, instruir, ensinar), *alimento* (de *alere*, alimentar), etc.

Corresponde a *ção*: *fundamento, fundação; fragmento, fracção; sentimento, sensação*.

**monia**, do lat. *monia*, exprime acção: *acrimonia, parcimonia*.

**ôila** exprime diminuição: *moçoila, caçoila*.

**ôlho** é diminutivo: *ferrolho*.

**ôlo, a** também é diminutivo: *bolínholo, portinhola, saccola*, e ás vezes pejorativo: *rapazola, graçola*.

**ona**, suffixo feminino de augmentativos em *ão*: *moçetona, valentona*; tem também sentido pejorativo: *pobretona, sabichona*.

**or**, do lat. *or*, exprime agente da acção: *leitor, inventor, cobrador, agricultor*; serventia, uso, instrumento: *espanador, regador, penteador*.

**orio**, do lat. *orium*, exprime extensão, augmento: *territorio, promontorio*; o instrumento com que se faz a acção: *vesicatorio, vomitorio*; o lugar em que ella se exerce: *cartorio, escriptorio*; depreciamento: *camelorio, chapelorio*.

**ôrra** exprime augmento: *cabeçorra, pitorra*.

**ouro**, do lat. *orium*, exprime estado: *casadouro*; acção futura: *duradouro, vindouro*; o lugar onde se pratica a acção: *ancoradouro, matadouro*.

Ouro corresponde a *ijo*: *escondedouro, esconderijo*.

**tude**, do lat. *tutem*, de *tus, tutis*, exprime estado, qualidade: *juventude, solicitude*.

**ucho**, é pejorativo: *papelucho, pequerrucho*.

**ugem**, do lat. *ugo*, exprime abundancia: *ferrugem*, *lanugem*; intensidade: *babugem*, *rabugem*.

**ulho**, do lat. *uculum*, exprime collecção: *pedregulho*.

**ulo**, **a**, fôrma erudita, exprime diminuição: *casulo*, *globulo*, *celula*, *formula*.

**ura**, do lat. *ura*, exprime estado, qualidade: *amargura*, *formosura*; acção, resultado ou effeito da acção: *abertura*, *captura*; collecção: *abotoadura*, *dentadura*.

Corresponde a **or**: *amargor*, *amargura*; a **mento**: *ligadura*, *ligamento*; a **acção**: *fractura*, *fracção*.

### *Adjectivos.*

Tambem se formam adjectivos pelo processo da derivação, juntando-se *suffixos* a *themas nominaes* e *verbaes*.

Eis os principaes *suffixos adjectivos*:

**aceo**, do lat. *aceus*, muito usado em termos de botanica, designa as qualidades geraes de um grupo ou serie de individuos, a que o radical serve de typo: *rosaceo*, *gallinaceo*, *farinaceo*.

**ado**, do lat. *atus*, designa semelhança, imitação: *abahulado*, *afrancezado*; abundancia: *barbado*, *estrellado*; uso ou posse do objecto expresso pelo primitivo: *togado*, *alado*.

**alco** designa origem, procedencia: *hebraico*, *romaico*.

**al**, **el**, **il**, do lat. *alis*, *elis*, *ilis*, designa concernente, pertencente ou relativo a: *medicinal*, *estadoal*, *cruel*, *fiel*, *viril*, *senil*.

**Al** é muito productivo; andam por trezentos os adjectivos de base nominal, formados com este suffixo. As outras duas fôrmas encontram-se mais em adjectivos vindos directamente do latim.

**ando**, **endo**, **undo**. de *andus*, *endus*, *undus*, fôrmas do part. lat., designam acção: *execrando*, *tremendo*, *oriundo*.

O primeiro corresponde a **avel**: *venerando*, *veneravel*; o ultimo a **ario**: *oriundo*, *originario*.

**aneo**, do lat. *aneus*, designa pertença: *cutaneo*, *succedaneo*.

**ano**, **ão**, do lat. *anus*, designam origem, seita: *pernambucano*, *beirão*, *dominicano*, *pagão*.

Hoje quasi todos os adjectivos patrios e gentilicos teem a sua fórma syncopada: *Assyrio*, *Egyptio*, *Etyope*, *Indio*, *Syrio*. Estes suffixos teem por synonymos: *aico*, *atico*, *eiro*, *engo*, *enho*, *ense*, *ez*, *iaco*, *ico*, *ino*, *ista*: *judaico*, *asiatico*, *brazileiro*, *flamengo* (de Flandres), *extremenho* (da Extremadura), *atheniense*, *portuguez*, *egyptiaco*, *indico*, *argentino*, *paulista*.

**ante**, **ente**, **inte**, que correspondem ás desinencias dos part. pres. activos latinos, designam o sujeito da acção ou do estado indicado pela significação do verbo: *semelhante*, *pertencente*, *seguinte*.

Não existem em portuguez muitos dos verbos thematicos destes adjectivos: *ambulante* de *ambulare* (*andar*); ou vão caindo em desuso; *febricitante* de *febricitare*.

**ar**, do lat. *aris*, *arius*, designa o continente: *articular*, *cellular*; proprio de, pertencente ao relativo a: *familiar*, *militar*.

**ario**, **eiro**, do lat. *arius*, designam que o objecto significado pelo substantivo a que se junta o adjectivo assim terminado, tem, faz ou soffre a qualidade, estado ou faculdade, indicada pelo radical: *voluntario*, *incendiario*, *tributario*, *interesseiro*, *embusteiro*.

Nas palavras de fundo popular, predomina mais a segunda fórma.

**ato**, do lat. *atus*, designa estado inherente: *immediato*, *innato*; abundancia; *sensato*, *timorato*.

**atico**, suff. litt. do lat. *aticus*, designa pertencente a, proprio de: *aquatico*, *magestatico*; origem: *asiatico*, *indiatco*.

**avel**, **evil** ou **ebil**, **ivel** ou **ibil**, **ovel** ou **obil**, **uvel**, **bil**, **il**, do lat. *abilis*, *ebilis*, *ibilis*, *obilis*, *ubilus*, *bilis*, *ilis*, teem significação activa e passiva. No primeiro caso designam capacidade de fazer ou produzir a cousa significada pelo radical da palavra primitiva: *pene-travel*, *terrivel* ou *terribil*, *movel* ou *mobil*, *voluvel*, *nubil*,

*fragil*; no segundo, possibilidade de vir a ser o que indica o radical do verbo, de que se derivam os adjectivos: *louvavel*, *indelevel*, *flebil*, *possivel* ou *possibil*, *docil*.

**Avel** é de formação popular, e **ivel**, de erudita; o primeiro oppõe-se a **ante** e **oso**: *amavel*, *amante*, *amoroso*; o segundo, a **ivo**: *sensivel*, *sensitivo*.

Os adjectivos em **bil** e **il** nos vieram já formados do latim: *nubil* (de *nubere*, casar), *facil* (de *facere*, fazer).

**az**, do lat. *ax*, designa grande quantidade do que é designado pelo radical das palavras a que se junta: *audaz*, *capaz*, *loquaz* (de *loquere*, falar), *efficaz* (de *efficere*, effectuar).

**bundo**, **cundo**, do lat. *bundus*, *cundus*, designam tendencia, estado: *moribundo*, *furibundo*, *iracundo*, *rubundo*.

Equivale a **oso**: *furioso*, *iroso*.

**ecimo**, **esimo**, do lat. *ecimus*, *esimus*, juntos a numeræes cardinaes, formam numeræes ordinaes: *decimo*, *centesimo*.

**engo** designa procedencia, pertença, referencia: *abadengo*, *avoengo*, *realengo*.

**enho**, do lat. *enus*, designa que se tem a propriedade ou qualidade, indicada pelo radical do nome a que se liga: *ferrenho*, *rouquenho*; procedencia: *extremenho* (natural da Extremadura).

**ense**, do lat. *ensis*, designa procedencia, origem: *forense*, *paraense*.

**ente**, do lat. *ente*, ablativo de *ens*, *entis*, participio de *esse*, designa estado: *paciente*, *prudente*.

**ento**, do lat. *ento*, designa intensidade, abundancia, frequencia, tendencia: *nojento*, *ferrugento*, *ciumento*, *bulhento*.

Este suffixo é muitas vezes precedido de algumas das lettras euphonicas **e**, **l**, **r**, **nh**: *alvacento*, *succulento*, *friorento*, *morrinhento*.

**eo**, do lat. *eus*, designa relativo a, semelhante a, feito de: *giganteo*, *arachnoideo*, *ferreo*.

Equivale a **oso**: *ferreo*, *ferruginoso*.

**esco**, do lat. *iscum*, designa modo, propriedade, origem, semelhança: *principesco*, *cavalleiresco*, *dantesco*, *senegalesco*. Às vezes tem significação depreciativa: *fradesco*, *pedantesco*.

**éste**, do lat. *estis*, designa pertencente a, proprio de, relativo a: *agreste*, *celeste*.

**éstre**, do lat. *estris*, *ester*, designa relativo a: *campestre*, *equestre*.

**evo**, do lat. *ævus*, designa idade: *coevo*, *longevo*.

**ez, a**, do lat. *ensis*, designa procedente de, proprio de: *montanhez*, *camponez*.

**fico**, do lat. *ficus*, designa causa eficiente: *benefico*, *terrífico*.

**forme**, do lat. *formis*, designa fôrma: *biforme*, *fusiforme*.

**fugo**, do lat. *fugare*, designa que foge, que afugenta: *centrifugo*, *febrifugo*.

**gero**, do lat. *ger*, designa que traz ou leva comsigo: *armigero*, *lanigero*.

**iaço**, do lat. *iacus*, designa tendencia, procedencia: *maníaco*, *egypciaco*.

**icio**, do lat. *icius*, designa pertença: *cardinalicio*, *vitalicio*, *patricio*.

**ição**, da lat. *icius*, designa propensão, vezo: *alagadiço*, *espantadiço*; natureza ou condição: *massiço*, *roliço*.

**ico**, do lat. *icus*, designa participante, relativo, pertencente a: *comico*, *aristocratico*, *scenico*.

**ido**, do lat. *idus*, designa a qualidade propria do substantivo em alto grau: *calido*, *timido*, *humido*.

Como *az* e *undo*, é um suffixo improductivo.

**ifero**, do lat. *iferus*, designa produção, continente: *frutifero*, *mammifero*.

**inho, ino**, do lat. *inus*, designam semelhança, origem, relação: *marinho*, *crystallino*, *marino*, *salino*.

**io** designa propensão, intensidade: *fugidio*, *escorregadio*.

**ista**, do lat. *ista*, designa origem: *nortista*, *sulista*.

**ivo**, do lat. *ivus*, designa força, aptidão, faculdade para fazer alguma coisa: *auditivo*, *instructivo*, *corrosivo*.

É de formação classica, mas vae se tornando popular.

**olico**, do lat. *olicus*, corresponde a **ico**: *melancolico*, *symbolico*, *parabolico*.

**onho**, do lat. *onius*, designa causa efficiente: *enfadonho*, *tristonho*.

**orio**, do lat. *orius*, designa que produz: *diffamatorio*, *satisfactorio*; tambem é pejorativo: *finorio*, *simplorio*.

**oso**, do lat. *osus*, designa posse: *astucioso*, *ocioso*.

É, como o era já em latim, um dos suffixos mais productivos da nossa lingua.

**paro**, do lat. *parere*, designa que pare: *oviparo*, *primiparo*, *viviparo*.

**sono**, do lat. *sonus*, designa que soa: *altisono*, *unisono*.

**timo**, do lat. *simus*, suffixo indicador de superlatividade. São em numero diminuto os vocabulos em que figura, sempre com o s inicial convertido em t: *legitimo*, *maritimo*.

**udo**, do lat. *utus*, designa abundancia, posse, mas com a idéa de grandeza, augmento: *cabelludo*, *pelludo*; é empregado ainda como pejorativo: *abelhudo*, *linguarudo*.

**um** designa a especie de animaes indicados pelo radical do nome a que se junta: *cabrum*, *ovelhum*, *vaccum*. Corresponde a **ar**: *cavallar*, *muar*.

**urno**, **ierno**, do lat. *urnus*, *iernus*, designam tempo: *diurno*, *hodierno*.

**vago**, do lat. *vagus*, designa que vagueia, que anda errante, que gira: *noctivago*, *undivago*.

**volo**, do lat. *volus*, designa que voa: *altivolo*.

*Verbos.*

O portuguez forma verbos derivados de substantivos, adjectivos primitivos e de verbos simples.

Eis os principaes suffixos verbaes:

**açar** indica frequencia: *escorraçar, esvoaçar*.

**antar, entar, ontar** indicam passar lenta e successivamente ao estado expresso pelo radical: *lamentar, avelhentar, amedrontar*.

**ar**, do lat. *are*, forma quasi todos os verbos da primeira conjugação, derivados de substantivos. Estes verbos exprimem ao mesmo tempo a acção e o seu objecto, ou a acção e uma circumstancia della: *desgostar*, causar desgosto; *aperfeiçoar*, fazer com perfeição.

**ascer, escer, ecer**, do lat. *ascere, escere, iscere*, indicam começar com progressão da idéa: *nascer, florescer, amanhecer*. **Ecer**, junto a adjectivos, com os prefixos **a**, **em** ou **en**, significa tornar-se ou fazer-se: *amarellecer*, tornar-se amarello; *empallidecer*, tornar-se pallido; *envelhecer*, fazer-se velho.

**ceber**, do lat. *capere*, indica tomar: *perceber, receber*.

**ear**, fórma syncopada de *ejar*, indica tendencia, semelhança e frequencia: *folhear, saborear, branquear*.

**egar** tem a mesma significação de **ecer, escer**: *carregar, fumegar*.

**ejar, igar, gar, ugar**, do lat. *icare*, indicam tendencia, semelhança ou frequencia: *verdejar, flammejar, bocejar, mastigar, castigar, fustigar, vingar, amargar, folgar, madrugar*.

**ferir**, do lat. *ferre*, indica levar: *conferir, differir*.

**ficar**, do lat. *ficare* de *facere*, indica fazer: *clarificar, purificar*.

**futar**, do lat. *futare*, indica ser muitas vezes: *confutar, refutar*.

**iar**, junto ao radical de substantivos terminados em *ancia*, *ença* ou *encia*, indica frequencia: *extravaganciar, presenciar, diligenciar*.



**icar** (icare), **inhar** (inho + ar), **iscar** (isco + ar), **itar** (itare), **migar**, indicam com diminuição ou depreciação a repetição de um acto: *adocicar*, *namoricar*, *escrevinhar*, *escoucinhar*, *rabiscar*, *fariscar*, *dormitar*, *chupitar*, *choramigar*.

**ir**, junto a adjectivos, indica tornar, fazer: *denegrir*, fazer negro qualquer objecto.

**isar** ou **izar**, do lat. *izare*, indica imitação, frequência: *judaisar*, *pulverisar*; junto a adjectivos, significa tornar: *esterilisar*, *fertilisar*.

**ladar** ou **latar**, do lat. *latus*, part. de *fero*, indica levar: *trasladar*, *relatar*.

**mergir**, do lat. *mergere*, indica mergulhar: *emergir*, *submergir*.

**metter** ou **mittir**, do lat. *mittere*, indica mandar, enviar: *prometter*, *remetter*, *admittir*, *transmittir*.

**pellir**, do lat. *pellere*, indica empurrar, forçar: *compellir*, *impellir*.

**pilar** indica juntar: *compilar*, *recompilar*.

**plicar**, do lat. *plicare*, indica dobrar, envolver: *complicar*, *duplicar*, *replicar*.

**portar** indica levar: *importar*, *transportar*.

**primir**, do lat. *premere*, indica apertar: *comprimir*, *opprimir*.

**scender**, do lat. *scandere*, indica subir; *ascender*, *descender*.

**spirar**, do lat. *spirare*, indica respirar, desejar: *aspirar*, *conspirar*.

**trahir**, do lat. *trahere*, indica arrastar, puxar, trazer: *attrahir*, *contrahir*, *subtrahir*.

**vergir**, do lat. *vergere*, indica propender, inclinar: *convergir*, *divergir*.

**verter** ou **vertir**, do lat. *vertere*, indica virar: *converter*, *invertir*, *advertir*, *divertir*.

**ucar** ou **ocar**, **usar**, **uscar**, **utar**, indicam frequência: *batucar*, *beijocar*, *lambusar*, *chamuscar*, *labutar*.

*Suffixos gregos.*

Ha tambem em portuguez muitos elementos de derivação tomados do grego, que se juntam tanto a radicaes gregos como a latinos e portuguezes.

A derivação grega tem sido abundante manancial da tecnologia scientifica, mormente de termos de medicina e chimica.

Eis os principaes suffixos gregos:

**agogo**, guia: *demagogo*, *pedagogo*.

**algia**, dor: *neuralgia*, *odontalgia*.

**archia**, governo: *monarchia*, *heptarchia* (sete governos).

**cele**, tumor: *encephaloccele*, *gastrocele*.

**cracia**, governo: *aristocracia*, *democracia*.

**crisia**, juizo: *cacocrisia*, *hypocrisia*.

**derme**, pelle: *epiderme*, *pachyderme*.

**doxia**, doutrina: *heterodoxia*, *orthodoxia*.

**doto**, dado: *antidoto* (dado contra).

**gamia**, casamento: *bigamia*, *polygamia*.

**gamo**, casado: *bigamo*, *polygamo*.

**geneo**, especie: *heterogeneo*, *homogeneo*.

**genia**, geração: *androgenia*, *patogenia*.

**genio** ou **geno**, gerado: *hydrogenio*, *oxigenio androgeno*.

**glypho**, eu gravo: *hieroglypho*, *triglypho*.

**gnosia**, **gnose**, **gnosis**, **gonia**, conhecimento: *autognosia*, *diagnose* ou *diagnosis*, *cosmogonia*.

**gono**, angulo: *pentagono*, *potygono*.

**graphe**, escripta: *epigrapha*.

**graphia**, escriptura, descripção: *calligraphia*, *estnographia*, *cosmographia*, *geographia*.

**grapho**, que escreve ou descreve: *calligrapho*, *estnographo*, *cosmographo*, *geographo*.

**ite**, inflamação: *bronchite*, *hepatite*.

**latria**, adoração: *iconolatria*, *idolatria*.

**logia**, tratado, doutrina, theoria: *archeologia*, *biologia*, *metrologia*.

- machia**, combate: *tauromachia*.  
**mancia**, vaticinação: *cartomancia*, *necromancia*.  
**mania**, loucura: *bibliomania*, *monomania*.  
**metria**, medida: *geometria*, *trigonometria*.  
**metra**, o que mede: *geometra*.  
**nomo**, conhecedor das leis ou regras: *astronomo*,  
*agronomo*.  
**nomia**, conhecimento das leis ou regras: *astronomia*, *agronomia*.  
**oide**, que tem a forma de: *espheroide*, *ovoide*.  
**omalo**, igual, plano: *anomalo*.  
**onymo**, nome: *homonymo*, *synonymo*.  
**orama**, vista: *neorama*, *panorama*.  
**pathia**, doença, affecção, sentimento: *allopathia*,  
*sympathia*, *antipathia*.  
**pédia**, educação: *encyclopédia*, *gymnopédia*.  
**phagia**, habito de comer: *anthropophagia*.  
**phago**, que come: *antropophago*, *carpophago*.  
**phobia**, temor, aversão: *hydrophobia*.  
**phobo**, o que teme ou tem aversão: *hydrophobo*.  
**phoro**, productor: *phosphoro*, *electrophoro*.  
**phyto**, nascido: *neophyto*, *zoophyto*.  
**plegia**, paralysis: *hemiplegia*, *paraplegia*.  
**plexia**, acção de ferir, bater, atacar: *apoplexia*.  
**pola**, vendedor: *bibliopola*.  
**pole**, **poli** ou **polis**, didade: *metropole*, *Tripoli*,  
*Petropolis*.  
**polio**, eu vendo: *monopolio*.  
**pteros**, azas: *chiropteros* (azas-mãos), *apteros* (sem  
azas).  
**scopio**, vista: *microscopio*, *estereoscopio*.  
**sophia**, sabedoria: *philosophia*.  
**sthenia**, força, vigor: *asthenia*.  
**stylo**, columna: *diastylo*, *peristylo*.  
**strophe**, volta: *catastrophe*, *apostrophe*.  
**technia**, **technica**, arte, sciencia: *mnemotechnia*,  
*pyrotechnia*, *polytechnica*.  
**theca**, deposito: *bibliotheca*.

**these**, posição: *antithese*.

**thono, tono**, som: *arteriothono, monotono*.

**tomia**, incisão: *anatomia, urethrotomia*.

**trophia**, nutrição: *atrophia*.

**urgia**, trabalho: *liturgia, metallurgia*.

§ 2.º

*Composição das palavras.*

Effectua-se a composição das palavras, ou por *prefixação*, ou por *juxtaposição*, ou por *agglutinação*.

SECÇÃO 1.ª

*Prefixação.*

Formam-se vocabulos por *prefixação*, juntando-se *prefixos* a palavras, já existentes na lingua.

*Prefixo* é o elemento morphologico ou órgão, que se antepõe á palavra principal, modificando-lhe a significação: **injusto**, **contradizer**.

Os prefixos teem significação exacta, e mais positiva que os suffixos que exprimem apenas uma idéa vaga e pouco definida.

O prefixo pode ser:

1.º *Expletivo*, si não alterar a significação do radical: **alevantado**, **embarcar**.

2.º *Inexpletivo*, si alterar mais ou menos a significação generica do radical: **combater**, **prepor**.

3.º *Separavel*, si se emprega tambem isoladamente, como preposição ou adverbio: **contra tempo**, **bemaventurado**.

4.º *Inseparavel*, si figura só encorporado á palavra principal: **indolente**, **reprimir**.

5.º *Mutavel*, si se dá assimilação, permuta ou supressão de letras.

O *prefixo mutavel* é:

a) *Assimilado*, quando, por attracção do elemento inicial do radical, se lhe torna igual o seu ultimo elemento litteral: **suppor**, **illustre**.

b) *Permutado*, quando, no todo ou em parte, soffrer substituição de letras: **embarbecer** de **imbarbescere** (in + barbescere), **condizer** de **condicere** (cum + dicere).

c) *Apocopado*, quando, para evitar hiato ou choque desagradavel de consoantes, se verificar a suppressão da letra final: **aviltar** de **ad + viltare**, **emigrar** de **ex + migrare**.

6.º *Immutavel*, si seus elementos litteraes não soffrem alteração alguma: **adaptar** de **adaptare**.

7.º *Juxtaposto*, si se juntar á palavra por meio do hyphen: **ex-chefe**, **vice-director**.

8.º *Thematico*, si, permittindo que se lhe junte outro prefixo, der lugar á formação de uma palavra sobre-composta: **recompôr**, **indispensavel**.

O processo da composição por prefixos dá origem a substantivos e adjectivos, e principalmente a verbos; e é o mais rico e fecundo, sobretudo quando combinado com o da derivação.

Os prefixos, ou são *preposições* ou *adverbios*, e proveem do latim e do grego.

## I

### *Prefixos de origem latina.*

A.—Corresponde aos prefixos latinos *ab*, *ad*, e significa augmento, intensidade: **adiantar**, **aclarar**, **afadigar**, **atormentar**; desvio, separação: **apartar**, **amovivel**; agglomeração, conjuncto: **apinhar**, **alistamento**; imitação, semelhança: **abotinado**, **afidalgado**; prolongação: **alongar**, **aprazar**; reducção, mudança: **abiscoutar**, **adelgaçar**; oppressão, perseguição: **acutillar**, **acotovelar**, **arrombar**, **acoimar**; disposição, collocação: **abancar**, **acampar**, **alinhar**, **aboletar**; approximação: **achegar-se**, **acercar-se**; transformação: **achatar**.

Este prefixo empregava-se antigamente com muitos verbos, em que hoje se usa da preposição **em**: *afeitar, enfeitar; abainhar, embainhar*. Em muitas palavras, é expletivo: *alampada, abobada, ametade*, em vez de *lampada*, etc.

**Ab.**—Significa augmento, intensidade: *aborrecer, abominar*; separação, desvio: *absolver, abdicar*; opposição: *abjurar*.

E' juxtaposto em expressões latinas, como **ab-æterno**, **ab-initio**, **ab-intestato**; e apocopado em **aversão**, **avocar**.

**Abs.**—Significa privação, separação: *abscesso, abscisão, abster, abstrahir*.

Usa-se deste prefixo antes de palavras que começam por *c* ou *t*; e toma a fórma *aus* em **ausente** de *abs+entem*.

**Ad.**—Significa augmento, força, intensidade: *aggravar, afirmar, accorrer*; mudança: *arruar, arruinar, assetinar*; proximidade, junção: *adjacente, agglomerar, agglutinar*; opposição: *affrontar, arremetter*; destino, direcção: *adquirir, adoptar, admittir, adhesão*; uniformidade, disposição favoravel: *acclamar, advogar, acceder, applaudir*.

E' prefixo assimilado antes de *c, f, g, l, n, p, r, s, t*; e immutavel antes de vogal e de *d, h, j, m, q, v*.

**Amb** ou **ambi.**—Significa ambos, dous: *ambiguidade, ambidextro*; circuito, giro: *ambito, ambiente*.

Este prefixo que se encontra no lexico latino sob as fórmas *am, amb, ambi*, não se tornou fecundo nas linguas modernas.

**Ante.**—Significa posição anterior ou fronteira: *antecâmara, antesala*; prioridade, precedencia: *antepassados, antediluviano, antedata, antecipar*.

**Bem** ou **bene.**—Significa bondade: *bemquisto, benemerito*.

São de origem popular os vocabulos prefixados com **bem**: *bemdito, bemaventurado*; e de origem erudita, os que o forem com **bene**: *benemerencia, beneplacito*.

**Bi.**—Significa dualidade: *bipede, bipartido*.

**Bis.**—Significa duas vezes: *bisavô, bisneto*.

**Circum.**—Significa em roda, em torno: *circumferencia, circumscrever*.

Em *circuito*, etc., é apocopado.

**Cis.**—Significa quem, de cá: *cisplatino, cisalpino*.

**Com.**—Significa intensidade, concomitancia: *coordinar, conceber, colligir, corresponder*.

É imutável antes de *b, p, m*; permutado em *con* antes de *c, d, f, g, j, q, s, t, v*; assimilado antes de *l, n, r*; e apocopado antes de vogal ou *h*.

**Contra.**—Significa opposição: *contradizer, contradansa*.

Tem a forma *contro* em *controverter* e seus derivados.

**De.**—Significa de dentro para fora: *demittir*; de cima para baixo: *decair, depor*; augmento, intensidade: *declarar, devastar, declamar*; destruição, ruína: *derrocar, derribar*; dilação, alongamento: *demorar, decurso, deter*; separação, afastamento: *debandar, deportar, degollar*; procedencia: *depende, deduzir, derivar*; opposição: *debater, debellar*.

**Des.**—Significa destruição: *desmantelar, desmoronar*; augmento, intensidade: *descommunal, desinquietar, desperdiçar*; negação: *desengano, deshonra, desempedir*.

**Dis.**—Significa augmento, intensidade: *dissimular, dissolver*; desvio, separação: *discordar, distração*; distribuição, coordenação, dispersão: *diffundir, distribuir, dispor*; negação: *dissemelhança, dissuadir, dissonante*.

É imutável este prefixo antes de *c, j, p, q, s, t*; assimilado, seguindo-se-lhe *f*; e apocopado, anteposto a *g, l, m, r, v*. **Des** é a sua forma moderna; e **dis**, a archaica.

**E** (= *ex*, lat.).—Significa augmento: *eloquente, enumerar*; origem, procedencia: *emanar, emigrar*; extracção, separação: *emergir, emancipar*.

**Em** ou **en** (=in, lat.).—Significa introdução: *embainhar*, *engarrafar*; transição: *empallidecer*, *engordar*; modo: *embandeirar*, *enfeitar*.

E' imutavel, quando se lhe segue *b*, *p*, *m*; e permutado em *en*, antes de outras consoantes ou de vogal.

**Entre** (=inter, lat.).—Significa intervalo, situação media: *entreacto*, *entrelinha*; reciprocidade, relação mutua: *entreter*, *entrelaçar*; quasi, pouco mais ou menos, algum tanto, um pouco: *entrever*, *entreabrir*, *entreconhecer*.

E' de uso frequente e popular.

**Es** (=ex, lat.).—Significa augmento, intensidade: *esburacar*, *espicaçar*; extensão: *escanchar*, *estirar*; extração: *esgotar*, *escorrer*; separação: *esbulhar*, *escolher*; transição: *esverdinhar*, *espalmar*.

**Ex**.—Significa augmento, intensidade: *excelso*, *exprobrar*; extracção, separação: *exorbitar*, *expatriar*; privação, cessação: *ex-ministro*, *ex-governador*.

Nesta ultima accepção, é juxtaposto; antes de *f*, ou é transformado em *es*, ou é assimilado; ás vezes, por degeneração phonetica, transforma-se em *is*, (isenção); e em regra é apocopado ou permutado em *es*, quando seguido de *b*, *g*, *l*, *m*, *v*; e imutavel, si precede a *c*, *p*, *q*, *t*, e a vogaes ou *h*. Tambem é apocopado, anteposto a *d*, *j*, *n*, *r*.

**Extra**.—Significa fóra, além: *extraordinario*, *extramuros*, *extravagante*.

**In**.—Significa augmento, intensidade: *inundar*, *ilustre*; negação: *indispensavel*, *immortal*; auxilio, favor: *implorar*, *invocar*; transição, mudança: *incandescer*, *inflamar*; opposição: *impugnar*, *impellir*; introdução: *injectar*, *inserir*.

E' assimilado, antes de *l*, *m*, *r*; permutado em *im*, estando preposto a *b*, *p*, *m*; e imutavel, si antecede a vogal, ou *h* e a *c*, *d*, *f*, *g*, *j*, *n*, *q*, *r*, *s*, *t*, *v*; e juxtaposto em phrases latinas, como *in-folio*, *in-petto*.

**Inter**.—Significa entre, no meio: *interpor*, *interromper*.



*Inter* só forma palavras de origem erudita.

**Intro, intra.**—Significam dentro de, tendencia para logar interno: *introduzir, intrometter, intracraneano, intramedullar*.

Só apparecem em vocabulos herdados do latim.

**Mal ou male.**—Significa mau exito, imperfeição: *malquisto, maltratar, malevolo, maleficio*.

A primeira fôrma é popular; a segunda, erudita.

**Meio** (= *medius*, lat.).—Significa por metade, um pouco, não de todo: *meio-relevo, meio-abatido*.

**Menos** (= *minus*, lat.).—Significa inferioridade: *menoscabo, menospreço*.

**Não.**—Significa negação: *não conformidade, não razão*.

**Ob.**—Significa augmento, intensidade: *obscurecer, offuscar, opprimir*; opposição, contrariedade: *objectar, obstar, offerecer, oppor*.

E' assimilado antes de *c, f, p*; e immutavel, si a palavra principal co-meçar por outra qualquer letra.

**Per.**—Significa através, pelo meio: *permeavel, perfurar*; augmento: *perscrutar, persistente*; perfeição, conclusão: *perfazer, peroração*; frequencia: *perpassar, percorrer*.

Quasi todos os vocabulos que se formam com este prefixo, são de origem erudita.

**Pos** (= *post*, lat.).—Significa depois: *pospor, posthumo*.

*Pos* é a fôrma archaica portugueza, que se transformou successivamente em *empós, após, depós, depois*.

**Pre** (= *præ*, lat.).—Significa anterioridade, excellencia: *precaução, predizer, predominar, preferir*; augmento, intensidade: *preponderar, prevalecer*.

**Preter** (= *præter*, lat.).—Significa excesso, além: *preterir, preternatural*. Só existe em raros vocabulos de origem classica.

**Pro.**—Significa origem, derivação: *procedencia, progenie*; intensidade: *proclamar, provocar*; precedencia, anterioridade: *prognostico, projecto, prover*; para diante, para longe: *progredir, prolongar*; em lugar de, por: *pronome, promover*.

**Quasi.**—Significa proximidade: *quasi-contrato, quasi-delicto*.

**Re.**—Significa augmento, intensidade: *realçar, rebai-xar*; opposição, para trás, atrás: *reagir, recostar, refre-ar*; repetição: *reanimar, recapitular*; negação: *reprovar*.

**Retro.**—Significa para trás: *retrogradar, retroceder*. Só figura em vocabulos de origem erudita.

**Satis.**—Significa assás: *satisfação, satisfactorio*.

**Sem,** prefixo vernaculo (= *sine*, lat.), significa ex-clusão, negação: *semsaboria, sem razão*.

**Semi.**—Significa meio: *semicirculo, semidouto*.

**Sine.**—Significa exclusão: *sine-cura*.

**Sob** (= *sub*, lat.).—Significa abaixo, debaixo: *sobpor, solettrar, soccorro, soffrer, sorrir*.

E' assimilado antes de *c, f, r*; raramente, imutavel; e, ás vezes, apo-copado.

**Sobre** (= *super*, lat.).—Significa acima, posição su-perior: *sobrepôr, sobreestar, sobreviver, sobrehumano*.

**Soto, sota** (= *subtus*, lat.).—Significa por baixo, inferior: *sotapiloto, sotopôr*.

**Sub.**—Significa abaixo, debaixo, immediato: *subju-gar, substituto, subchefe*.

E' assimilado, seguido de *c, f, g, p, r*; imutavel, antes de vogal e de outras consoantes; e apocopado em *sujeito, sujeitar, sujeição*.

**Subter.**—Significa sob, abaixo de: *subterfugio, sub-terfugir*.

**Super.**—Significa acima, muito: *superlativo, super-fluo*.

**Trans, tras, tres, tra.**—Significa alem de, atra-vés de: *transpor, trasladar, tresmalhar, traduzir*.

**Tris, tri, tres, tre.**—Significa triplicação: *trisavô*, *trifolio*, *tresloucar*, *trecentesimo*.

**Ultra.**—Significa além: *ultramar*, *ultramontano*.

**Vice, vis.**—Significa em vez, em lugar: *vice-reitor*, *vice-consul*, *visconde*.

## II

### *Prefixos do origem grega.*

**A, an,** privação: *atheu*, *anonymo*.

A forma *an* usa-se antes de vogal ou *h*.

**Amphi,** dualidade: *amphibio*, *amphibologia*.

**Ana,** elevação: *anagogia* (elevação do espirito ás cousas celestes); entre, por entre: *anasarca*; para trás: *anastrophe*; repetição: *anaphora*; retiro: *anachoreta*; semelhança: *analogia*.

**Anti, ant,** opposição: *antidoto*, *antagonismo*.

**Apo,** afastamento: *apogeu* (longe da terra), *apostasia*.

**Arce, arch, archi,** primazia, precedencia: *arcebispo*, *archanjo*, *archidugue*.

**Cata,** abaixamento: *catastrophe*; opposição: *cata-pulta*.

**Dia,** intermediação: *diametro*, *diagonal*.

**Dys,** mau estado, difficuldade: *dyspepsia*, *dysphonia*.

**Ec, ex,** apartamento: *eclipse*, *exodo*.

**En, em,** tendencia para dentro: *encephalo*, *embrião*.

**Endo,** internação: *endocephalo*.

**Epi, ep, eph,** superposição: *epitaphio*, *epoca*, *ephemero*.

**Eu,** bem, bom: *euphonia*, *eucharistia*.

**Exo,** externação: *exophthalmia* (saida do olho para fora da orbita).

**Hyper,** excesso, superioridade: *hypercritico*, *hyperbole*.

**Hypo, hyp,** diminuição, inferioridade: *hypocrita*, *hypothese*, *hypallage*.

**Mega**, grande: *megametro*, *megacephalo*.

**Meta**, **met**, successão, mudança, transformação: *metaphora*, *meteoro*, *metamorphose*.

**Para**, **par**, proximidade: *paranympho*; comparação: *paradigma*; opposição: *paradoxo*.

**Peri**, circuito: *periphrase*, *peristylo*.

**Pro**, anteposição: *programma*, *prolegomenos*.

**Pros**, tendencia: *proselyto*, *prosodia*.

**Syn**, **sym**, **syl**, **sy**, ajuntamento, simultaneidade: *synodo*, *sympathia*, *syllaba*, *systema*.

## SECÇÃO 2.ª

### *Juxtaposição.*

Dá-se a composição dos vocabulos por *juxtaposição*, quando, com ou sem a interposição do hyphen, se juntam os elementos componentes, conservando cada um delles a sua propria orthographia, e a sua syllaba predominante: *saca-rolhas*, *menoridade*.

Na juxtaposição, cumpre ter muito em vista a ordem dos elementos componentes do vocabulo.

Em regra, o primeiro elemento é geral; e o segundo, particular. Em *couve-flor*, por exemplo, *couve* exprime o genero; e *flor*, a espécie.

No latim porem, a inversão é regular: o primeiro elemento é que designa a idéa especifica. Resultam deste facto as excepções que se verificam nos compostos eruditos, que proveem do latim, ou que se formam, de conformidade com os typos latinos de composição: em *silvicultura*, *agricultura*, os elementos *silvi* (selva) e *agri* (campo) representam o sentido particular; e *cultura*, o geral.

Formam-se por juxtaposição *substantivos*, *adjectivos*, *verbos* e *palavras invariaveis*.

## I

### *Substantivos.*

Formam-se substantivos por juxtaposição, ou de elementos vernaculos, ou de elementos gregos.

*Substantivos formados de elementos vernaculos.*

Cinco são as especies de substantivos formados por juxtaposição com elementos vernaculos.

- 1.<sup>a</sup> Os compostos por *addição*;
- 2.<sup>a</sup> Os compostos por *apposição*;
- 3.<sup>a</sup> Os compostos de *concordancia*;
- 4.<sup>a</sup> Os compostos de *subordinação*;
- 5.<sup>a</sup> Os compostos com o *imperativo*.

Exceptuando os nomes compostos com o imperativo em que a palavra principal é um verbo, nas outras especies é ella um substantivo.

*Nomes compostos por addição* são aquelles que se formam de dous substantivos que estão em relação de nexos: *usufruto* (do latim *ususfructus*, abreviação de *ususfructusque*, o uso e o fruto).

*Nomes compostos por apposição* são aquelles que também se formam de dous substantivos, sendo um delles modificado pelo outro, como nome apposto: *papel-moeda* (papel que serve de moeda).

Nos compostos por apposição, o nome do genero pode preceder o nome da especie: *mãe-patria*; ou, o que é mais frequente, a idéa da especie é marcada pelo nome apposto: *porco-espinho*.

*Nomes compostos de concordancia* são aquelles em que o termo determinante é um adjectivo que está em relação de concordancia com a palavra principal ou o substantivo: *clara-boia*, *sangue-frio*.

Geralmente o determinante precede o determinado: *gentil-homem*, *plata-fôrma*. São muitas porem as excepções: *canto-chão*, *senso-commum*.

Si o adjectivo for numeral, determina o substantivo, e sempre o precede: *cento-peia*, *centimetro*.

*Nomes compostos de subordinação* são aquelles em que o determinante é um substantivo que está em relação de dependencia com o determinado: *terra-pleno*.

Na formação antiga, juntam-se os dous termos sem preposição, e o determinante que exprime a relação res-

trictiva, precede a palavra principal: *quartel-mestre*. Ha excepções como *mappa-mundi*, *banho-maria*, etc. O portuguez não rejeitou este processo do latim, classico e popular: *ferrovia*, etc.

Na formação moderna, unem-se os dous membros por preposições: *mão de obra*, *barco a vapor*, *doutor em direito*.

*Nomes compostos com o imperativo*, verdadeiro producto de phrases inteiras, são aquelles que se formam de um verbo na segunda pessoa do singular do imperativo, seguido do seu complemento objectivo, de um adverbio, do mesmo imperativo ou de imperativo differente: *beija-mão*, *bota-fora*, *luze-luze*, *vae-vem*.

*Substantivos formados de elementos gregos.*

Os nomes compostos de elementos gregos, ou foram importados directamente do grego, ou são de formação nova. A maior parte dos compostos novos tem origem em diversas combinações de um certo numero de *prefixos* e *suffixos*, ou entre si, ou com alguns outros *radicaes*.

Tratamos já dos prefixos e suffixos propriamente ditos; por isso limitamo-nos a adduzir apenas a lista das principaes palavras gregas que servem de radicaes, algumas das quaes tambem podem ser empregadas como suffixos.

**Acro**, extremo, cume: *acrostico*, *acropole*.

**Anemo**, vento: *anemometro*, *anemoscopio*.

**Anthropo**, homem: *anthropophago*, *anthropologia*.

**Auto**, por si mesmo: *autographo*, *autobiographia*.

**Baro**, peso: *barometro*, *barymetria*.

**Biblio**, livro: *bibliomania*, *bibliophilo*.

**Bio**, vida: *biologia*, *biometro*.

**Caco**, mau: *cacophonia*, *cacologia*.

**Cephalo**, cabeça: *cephalalgia*, *cephaloide*.

**Chiro**, **chir**, mão: *chirographia*, *chiromancia*.

**Chromo**, cor: *chromolithographia*, *chromophoro*.

**Chrono**, tempo: *chronica*, *anachronismo*.

**Chriso**, ouro: *chrysolitho*, *chrysologia*.

- Cosmo**, mundo: *cosmopolita*, *microcosmo*.  
**Crypto**, occulto: *cryptographia*, *cryptogamo*.  
**Cyano**, **cyan**, azul: *cyanoptero*, *cyanose*.  
**Cyclo**, circulo: *cycloluto*, *cycloptero*.  
**Cyno**, cão: *cynocephalo*, *cynismo*.  
**Cysto**, **cyst**, bexiga: *cystocele*, *cystalgia*.  
**Demo**, povo: *democracia*, *demagogo*.  
**Electro**, electricidade: *electrometro*, *eletroscopio*.  
**Entomo**, insecto: *entomologia*, *entomophago*.  
**Etho**, costumes: *ethnographia*, *ethopea*.  
**Galacto**, leite: *galactophoro*, *galactometro*.  
**Gastro**, **gastr**, ventre, estomago: *gastronomia*, *gastro-enterite*.  
**Geo**, terra: *geographia*, *geologia*.  
**Gymno**, nu: *gymnoto*, *gymnosophista*.  
**Gyn**, **gyneco**, mulher: *gyneceu*, *gynecocracia*.  
**Heli**, **helio**, sol: *helioscopio*, *heliotropo*.  
**Hemo**, **hema**, **hemato**, sangue: *hemorrhagia*, *hemagogo*, *hematocephalo*.  
**Hetero**, **heter**, outro, diverso: *heterodoxo*, *heterogeneo*.  
**Hiero**, **hier**, sagrado: *hieroglypho*, *hierarchia*.  
**Hippo**, **hip**, cavallo: *hippodromo*, *hippomania*.  
**Homo**, **homeo**, ou **homœ**, identico, igual: *homogeneo*, *homeopathia*.  
**Hydro**, **hydr**, agua: *hydrographia*, *hydromel*.  
**Hygro**, humido: *hygroscopio*, *hygrometro*.  
**Ichtyo**, peixe: *ichtyologia*, *ichtyophago*.  
**Icono**, imagem: *iconoclasta*, *iconographia*.  
**Ideo**, idéa: *ideographia*, *ideologia*.  
**Idio**, proprio, particular: *idiopathia*, *idiosyncrasia*.  
**Litho**, **lith**, pedra: *lithographia*, *lithologia*.  
**Macro**, **macr**, grande: *macrocephalo*, *macropetalo*.  
**Micro**, **mier**, pequeno: *microcosmo*, *microscopio*.  
**Meso**, **mes**, que está no meio: *mesologia*, *mesothorax*.  
**Metro**, medida: *metrologia*, *metronomo*.  
**Miso**, **mis**, que odeia: *misanthropo*, *misogamo*.  
**Mytho**, fabula: *mythologia*, *mythographia*.  
**Morpho**, forma: *morphologia*, *polymorpho*.

- Neo**, novo: *neophito*, *neographo*.  
**Nevro**, **nevr**, nervo: *neuralgia*, *neuroptero*.  
**Noso**, doença: *nosographia*, *nosogenia*.  
**Nycto**, **niçt**, de noute: *nyctobato*, *nyctographo*.  
**Odonto**, dente: *odontalgia*, *odontoide*.  
**Æno**, **æn**, vinho: *ænologia*, *ænometro*.  
**Onoma**, nome: *onomastico*, *onomatopéa*.  
**Ophi**, **ophio**, serpente: *ophidio*, *ophiophago*.  
**Ophthalmo**, olho: *ophthalmia*, *ophthalmoscopio*.  
**Ornitho**, passaro: *ornithologia*, *ornithotomia*.  
**Ortho**, **orth**, recto, certo: *orthographia*, *orthophonia*.  
**Orycto**, fossil: *oryctotechnia*, *oryctologia*.  
**Osteo**, osso: *osteologia*, *osteoscopio*.  
**Oxy**, **ox**, acido (chimica), agudo (historia natural):  
*oxygeneo*, *oxyphonia*.  
**Paleo**, **paleonto**, antigo: *paleographia*, *paleontologia*.  
**Pan**, **panto**, tudo: *panorama*, *pantheismo*.  
**Pathos**, molestia: *pathologia*, *pathogenesis*.  
**Philo**, **phil**, amigo: *philologia*, *philantropia*.  
**Phlebo**, veia: *phleborrhagia*, *phlebotomia*.  
**Phono**, voz: *phonologia*, *telephone*.  
**Photo**, **phot**, **phos**, luz: *photographia*, *photometro*,  
*phosphoro*.  
**Phren**, cerebro: *phrenologia*, *phrenesi*.  
**Physio**, natureza: *physiologia*, *physionomia*.  
**Podo**, **poda**, pé: *podoptero*, *antipoda*.  
**Pseudo**, **pseud**, falso: *pseudonymo*, *pseudopropheta*.  
**Psycho**, **psych**, alma: *psychologia*, *psychico*.  
**Psychro**, frescura: *psychrometro*.  
**Pyre**, **pyr**, fogo: *pyrometro*, *pyrotechnia*.  
**Rhino**, **rhin**, nariz: *rhinoceronte*, *rhinalgia*.  
**Semio**, signal: *semiographia*, *semiologia*.  
**Stereo**, solido: *stereoscopio*, *stereometria*.  
**Strato**, **strat**, exercito: *estrategia*, *estratagemia*.  
**Tele**, longe: *telegramma*, *telescopio*.  
**Thera**, cura: *therapeutica*.  
**Theo**, Deus: *theocracia*, *atheu*.  
**Thermo**, calor: *thermometro*, *thermal*.



**Topo, top,** lugar: *topographia, topologia*.

**Typo,** modelo: *typographia, typomania*.

**Zoo,** animal: *zoologia, zoophito*.

Os nomes compostos de elementos gregos, constituídos em radicaes, dão origem a outros substantivos, a adjectivos, a verbos e adverbios: de *photographia*, por exemplo, vem *photographo, photographico, photographar, photographicamente*.

A estes nomes compostos cumpre accrescentar os que se formam de nomes de numero, gregos:

**Mono, mon,** um só: *monomania, monosyllabo*.

**Di, dis,** dous: *dilemma, distico*.

**Tri,** tres: *trigonometria, trilogia*.

**Tetra,** quatro: *tetracordio, tetraédro*.

**Pent, penta,** cinco: *pentagono, pentapole*.

**Hex,** seis: *hexaédro, hexagono*.

**Hepta, hebd,** sete: *heptagono, hebdomadario*.

**Oct, octo,** oito: *octaédro, octogono*.

**Ennea,** nove: *enneacordio, enneapetalo*.

**Deca,** dez: *decalogo, decalidro*.

**Endeca,** onze: *endecándria, endecagono*.

**Dodeca,** doze: *dodecágyno, dodecándria*.

**Icos,** vinte: *icosaédro, icosándria*.

**Hécaton, hecato, hecto,** cento: *hecatonstylo, hecatombe, hectare*.

**Kilo,** mil: *kilogramma, kilolitro*.

**Myria,** dez mil: *myriametro, myriapodo*.

**Poly,** muitos: *polygamia, polyglotta*.

**Hemi,** meio: *hemicyclo, hemispherio*.

**Proto, prot,** primeiro: *prototypo, protoxydo*.

**Deuto, deutero,** segundo: *deuteronomio, deutero-pathia*.

**Trito,** terceiro: *tritóxydo*.

#### *Nomes compostos irregularmente.*

Ha *nomes compostos irregulares*, cuja formação insolita escapa a qualquer classificação. Taes são:

1.º As phrases tomadas substantivamente: *malmequer, aqui d'el-rei*.

2.º Os nomes compostos pela reduplicação: *Lulú, Totó*.

3.º Os *hybridismos*, isto é, os vocabulos compostos de elementos tirados de linguas differentes: *sociologia, monoculo*. No primeiro exemplo, *socio* é elemento latino; *logia*, grego: no segundo, *mono* é grego; *oculo*, latino.

O hybridismo popular e de uso vulgar é admissivel, como *cipó-chumbo*, porque *cipó*, de origem tupi, estando popularisado ou nacionalisado, se cruza mui naturalmente com o termo *chumbo*, ou se lhe adapta facilmente, como si entre elles houvesse affinidade. Não assim os hybridismos scientificos ou de formação erudita, que são condemnados pelos puristas, porque os eruditos devem formar as palavras de elementos homogeneos.

4.º Os nomes compostos introduzidos no idioma por influencia de linguas estrangeiras, como *high-life, tramway, roast-beef*, de linguas germanicas; *xequemate, benjoim, masmorra*, de linguas semiticas; *capoeira* (matto), *Catumby*, de linguas americanas.

## II

### *Adjectivos.*

Os *adjectivos juxtapostos* formam-se de adjectivos.

Ha duas especies de adjectivos juxtapostos:

1.<sup>a</sup> Adjectivos compostos *por addição*;

2.<sup>a</sup> Adjectivos compostos *de subordinação*.

Os *compostos por addição* formam-se de dous adjectivos de igual valor, que modificam ao mesmo tempo um dado substantivo: «escola *medico-cirurgica*, povos *greco-romanos*.»

Pertencem a esta classe os adjectivos numeraes compostos: «*vinte e dous* livros, tomo *decimo primeiro*.»

Os *compostos de subordinação* formam-se tambem de dous adjectivos, sendo o segundo modificado pelo pri-

meiro tomado adverbialmente: «ostras *fresco-abertas*, isto é, ostras *abertas de fresco*.»

Quer num, quer noutro caso, só o ultimo adjectivo concorda com o substantivo a que se referem.

Exceptuam-se *surdo-mudo*; os adjectivos que teem por primeiro elemento o adjectivo *meio* significando *até o meio exactamente*: «a bandeira portugueza é *meia branca* e *meia azul*, isto é, tem uma metade *toda branca*, e a outra *toda azul*»; e os numeraes ordinaes compostos: «casa *decima segunda*.»

*Meio* significando *algum tanto* é invariavel: «reflexões *meio-politicas*.»

### III

#### *Verbos.*

Os *verbos juxtapostos* formam-se de um verbo precedido de um substantivo com força de complemento, ou de um adjectivo, como subattributo: *manobrar* (manu operare), trabalhar com a mão; *purificar*, ficar puro.

### IV

#### *Palavras invariaveis.*

Em regra formam-se por juxtaposição:

- 1.º Locuções prepositivas, como *de frente de*, *em cima de*;
- 2.º Locuções adverbias, como *talvez*, *por ventura*;
- 3.º Locuções conjunctivas, como *outrosim*, *portanto*;
- 4.º Locuções interjectivas, como *ai Jesus*, *fóra daqui*.

#### SECÇÃO 3.ª

#### *Agglutinação.*

Formam-se vocabulos *por agglutinação*, quando os elementos componentes, fundidos em um só vocábulo, estão subordinados a uma unica syllaba predominante: *vinagre* (vinho acre ou agro) do lat. *vinum acre*, *planalto* (plano alto).

Ha nomes compostos cujos elementos vieram já agglutinados do latim: *ourives* de *aurifex* composto de *aurum* (ouro) e de *facere* (fazer), *privilegio* que se compõe de *privus* (particular) e de *lex* (lei).

A agglutinação é uma juxtaposição em estado mais adiantado, por efeito da contracção e fusão das fórmulas.

### § 3.º

#### *Alterações lexicas.*

As linguas estando sujeitas, como tudo quanto existe, á lei fatal da transformação, nunca se podem considerar fixadas: — *desenvolvem-se e evoluem-se continuamente.*

Concorrem muito para o seu desenvolvimento e continuo evolucionar duas forças oppostas, que mantem o equilibrio da vida que lhes é propria, uma que *elimina*, outra que *assimila*.

Essas duas forças são conhecidas pelas denominações de *archaismos* e *neologismos*.

Os *archaismos* são as folhas seccas que vão caindo da arvore da lingua; os *neologismos*, a folhagem com que os idiomas se renovam, e revestem de frescura e graça.

#### SECÇÃO 1.ª

##### *Archaismos.*

*Archaismos* são os vocabulos ou quaesquer factos grammaticaes, que desappareceram de uma lingua.

Tambem se chama *archaismo* o emprego pelos escriptores de palavras caidas em desuso.

Eis as principaes causas da morte das palavras:

1.º Perda do objecto que a palavra significa: *alcaide*, nome de um cargo, ha muito, extincto; *polé* que designava um instrumento de supplicio, outrora em uso.

2.<sup>a</sup> A moda: *aparador*, *consólo* foram desterrados, aquelle por *etagère*; e este, por *dunkerque*.

3.<sup>a</sup> O pedantismo litterario que rejeita arbitrariamente muitas palavras, como *medicinar*, mais expressivo que *tratar*, e que differe de *medicar*.

4.<sup>a</sup> A ignorancia de termos de bom cunho, usados pelos escriptores, como *chovediço*, *pupillagem*.

5.<sup>a</sup> A introdução de neologismos, synonymos de palavras já existentes na lingua: *arteirice*, por exemplo, caiu em desuso, depois que do latim se tirou a synonyma *astucia* que era nova no seculo 15.<sup>o</sup>

6.<sup>a</sup> Substituição por outras, derivadas do mesmo thema: *altivez* que substituiu *altividade*.

7.<sup>a</sup> O desuso da palavra num ou mais sentidos: *britar* que actualmente tem só a significação de *quebrar pedra em fragmentos miudos*, antiquou-se no sentido geral de *partir*, *quebrar*, e no figurado de *annullar*.

8.<sup>a</sup> Aquisição de sentido novo: *aguadeiro* queria dizer *proprio para resguardar da chuva*; hoje, *homem que vende agua*.

9.<sup>a</sup> O sentido baixo ou obsceno que por transferencia se dá a muitas palavras: *botar*, *feder*, *tresandar*.

Ha seis especies de archaismos:

1.<sup>a</sup> *Archaismos proprios*, ou termos inteiramente obsoletos de que se faz uso apenas em documentos historicos: *bayanca* (barranca), *cabiscol* (chantre).

2.<sup>a</sup> *Archaismos phonicos*: *boveda* (abobada), *tredor* (traidor).

3.<sup>a</sup> *Archaismos orthographicos*: *he*, *hum*, *ley* por *é*, *um*, *lei*.

4.<sup>a</sup> *Archaismos flexionaes*, como *amades* por *amaes*, e os participios em *udo*. Dizem-se tambem *morphologicos*.

5.<sup>a</sup> *Archaismos syntacticos*, como o emprego de certos verbos sem preposição: *começar dar* por *começar a dar*; o uso do gerundio regido da preposição *em*: *em amanhecendo*; e certas inversões arrojadas.

6.<sup>a</sup> *Archaismos semanticos*, ou palavras que, conservando sua forma integral originaria, perderam certo e

determinado sentido: *arreio* no sentido de *enfeite*, *fazenda* significando *sentimento* ou *estado da alma*.

## SECÇÃO 2.<sup>a</sup>

### *Neologismos.*

*Neologismo* é qualquer vocabulo novo, formado de elementos proprios da lingua, ou importado de linguas estranhas.

Dahi a divisão dos neologismos em *intrinsecos* e *extrinsecos*.

Chamam-se *intrinsecos* os neologismos creados no proprio seio da lingua; e *extrinsecos* os que são importados de linguas estranhas.

Os *neologismos intrinsecos* formam-se:

1.<sup>o</sup> Por derivação impropria: *o puxado* (aposentos em seguida ao corpo principal do predio), *um desfrutavel* (individuo que se dá ao ridiculo).

2.<sup>o</sup> Por derivação propria: *proposital*, *propositalmente* de *proposito*; *externar* de *externo*; *bisar* de *bis*.

São condemnaveis neologismos como estes: "*Beneficiar-se* o actor tal." "*Eis um homem bem posicionado*".

3.<sup>o</sup> Por juxtaposição de elementos vernaculos: *ferrovia*, *guarda-pó*.

4.<sup>o</sup> Por translação de sentido: *amolar* (dar séca), *vigario* (homem astuto) na phrase *conto do vigario*.

5.<sup>o</sup> Por archaismos, isto é, pela resurreição de palavras da lingua, que haviam sido votadas ao esquecimento: *finado* (morto), *queixumes*.

Os neologismos extrinsecos formam-se:

1.<sup>o</sup> Por juxtaposição de elementos gregos e latinos: *decagono*, *telegraphia*; *agricultura*, *placidamente*.

2.<sup>o</sup> Por introdução de palavras de outras linguas estrangeiras: *chalet*, *claque*; *jockey*, *tunnel*; *valsa*, *kirsch*; *quartetto*, *allegro*; *bolero*, *guerrilha*; *yankee*, *tapera*.

3.º Por hybridismo, isto é, por composição de elementos tirados de linguas differentes: *sociologia* (do elemento latino *socius*, e do grego *logia*), *bureaucracia* (do francez *bureau*, e do grego *kratos*, poder), *zincographia* (do allemão *zinco*, e do grego *graphia*).

Os neologismos extrinsecos tomam diversas denominações, conforme as linguas de que veem.

Si procedem do latim, chamam-se *latinismos*; si do grego, *grecismos* ou *hellenismos*; si do hebraico, *hebraismos*; si do francez, *francezismos* ou *gallicismos*; si do inglez, *anglicismos*; si do allemão, *germanismos*; si do italiano, *italianismos*; si do hespanhol, *castelhanismos*; si de linguas americanas, *americanismos*; etc.

Os neologismos dividem-se ainda em *populares*, *litterarios* e *technicos*.

*Neologismos populares* são os termos espontaneamente introduzidos na lingua pelo povo: *bilontra*, *barata* significando *mulher de mantilha*.

*Neologismos litterarios* são os termos creados pelos litteratos, ou por elles tirados das obras das litteraturas estrangeiras, antigas e modernas: *aurilavrado*, *levipede*; *incredulo*, *doloroso* por *incrêu*, *doroso*; *barricada*, *tartufo*.

*Neologismos technicos* ou *scientificos* são os termos creados pelos sabios, e em geral formados de elementos gregos e latinos, com que se designam os novos inventos ou descobertas scientificas, artisticas e industriaes: *barometro*, *oleographia*, *viticultura*.

## PARTE SEGUNDA.

### SYNTAXE.

A *syntaxe* ensina a coordenar as palavras e as proposições, de modo que sejam a expressão pura ou artistica do pensamento.

Divide-se em *syntaxe grammatical* e *litteraria*.

## LIVRO PRIMEIRO.

### SYNTAXE GRAMMATICAL.

A *syntaxe grammatical* coordena as palavras e as proposições, fazendo-as enunciar pura e simplesmente o pensamento.

Subdivide-se em *syntaxe de palavras* e *syntaxe de proposições*.

## TITULO PRIMEIRO.

### SYNTAXE DE PALAVRAS.

A *syntaxe de palavras* trata das palavras relacionadas entre si, formando a proposição ou o periodo simples.

É *geral* ou *particular*.

## CAPITULO I.

### SYNTAXE GERAL.

A *syntaxe geral* trata em geral das palavras, como elementos da proposição ou do periodo simples.

*Periodo simples* é o sentido perfeito e absoluto, que consta de uma só proposição: «*Deus creou o mundo em seis dias*».

*Proposição* é o enunciado do juizo.

*Juizo* é o acto do entendimento, pelo qual affirmamos uma coisa de outra; ou, noutros termos, a percepção da relação de conveniencia entre duas idéas.

*Entendimento* é a intelligencia entendendo ou funcionando no exercicio perfeito de suas faculdades, como a vontade, a attenção, a memoria.

A proposição tambem se chama *oração*, *phrase*, *sentença*; e contem tres termos, *sujeito*, *verbo*, *attributo*.

*Sujeito* é a pessoa ou coisa a que convem alguma qualidade: é a idéa principal, o objecto do juizo.



*Attributo* é a qualidade que convem ao sujeito: é a idéa accessoria.

O *verbo* exprime a affirmação, ou mostra que a qualidade convem ao sujeito: é a palavra por excellencia.

Exemplo de uma proposição plena, ou com os seus tres termos claros: «*Deus é omnisciente.*» *Deus*, sujeito; *é*, verbo; *omnisciente*, attributo.

*Do sujeito e attributo sob varios aspectos.*

O *sujeito* e o *attributo* dividem-se em *grammaticaes* e *totaes*.

*Sujeito grammatical* é o sujeito representado por nome substantivo, pronome, parte da oração substantivada, oração. Exemplos: «*A virtude* é adoravel; *ella* brilha em qualquer estado da vida.» «*O bello* das artes é certamente o mais admiravel depois do da natureza.» «*O quando* só de Deus é sabido.» «*Amar a Deus* é a maior das virtudes; *ser amado de Deus*, a maior das felicidades. (VIEIRA).»

*Attributo grammatical* é o attributo representado por nome adjectivo ou cousa equivalente. Exemplos: «*O merito* é modesto.» «*A ira* é furor.» «Este homem é de bem, isto é, *homem de bem.*»

*Sujeito total* ou *logico* é o que, acompanhado ou não de complementos, representa, com toda a inteireza, a pessoa ou cousa a que convem alguma qualidade.

*Attributo total* ou *logico* é o que, acompanhado ou não de complementos, exprime, com toda a inteireza, a qualidade que convem ao sujeito.

O *sujeito* e o *attributo totaes* ou *logicos* tambem podem ser *simples* e *compostos*, *incomplexos* e *complexos*.

*Sujeito simples* é o que representa um só objecto ou objectos da mesma natureza. Exemplos: «*O sol* é brilhante.» «*Os meninos* são levianos.»

*Attributo simples* é o que exprime uma só qualidade ou o conjuncto das qualidades constitutivas de um genero

ou de uma especie. Exemplos: «O cão é *fiel*.» «O cão é *um animal*.»

O substantivo figura em geral na proposição, como sujeito ou complemento, mas pode também, como o adjectivo, servir de attributo, e então designa o conjuncto das qualidades que constituem o genero ou a especie. Quando dizemos: «O cão é *fiel*», apenas attribuimos ao sujeito uma qualidade, a de ser *fiel*. Dizendo porem: «O cão é *um animal*», affirmamos que o cão tem todas as qualidades ou propriedades que caracterisam o animal; noutros termos, comprehendemos a especie *cão* na especie superior ou no genero, o *animal* <sup>(1)</sup>.

*Sujeito composto* é o que representa objectos differentes ou de natureza diversa. Exemplos: «*Pedro e João* são irmãos.» «*O cão e o gato* são animaes domesticos.»

*Attributo composto* é o que exprime diversas maneiras de existir do sujeito. Exemplo: «Cicero foi *orador e philosopho*.»

*Sujeito e attributo incomplexos* são o sujeito e o attributo, que não teem complementos. Exemplos: «*Deus* é *omnipotente*.»

*Sujeito e attributo complexos* são o sujeito e o attributo, que teem complementos.

Exemplo do sujeito complexo: «**O homem** que sabe regular a sua vida, é prudente.»

Exemplo do attributo complexo: «O mundo foi **creado** por Deus.»

Dá-se ainda o nome de *vocativo* ao sujeito de verbos na segunda pessoa, quando é destinado a chamar ou a excitar a attenção da pessoa, com quem se fala. Exemplos:

«**Ó tu**, guarda divina, *tem* cuidado  
De quem sem ti não pode ser guardado. (CAMÕES).»

«Bem *poderas*, **Ó Sol**, da vista destes  
Teus raios apartar aquelle dia. (IDEM).»

Estando o verbo occulto, subentendem-se os imperativos *ouve*, *ouvi*; *attende*, *attendei*.

<sup>(1)</sup> C. AYER. — *Grammaire comparée de la langue française, première edition*, n.º 361, in fine; e *quatrième edition*, § 165, I, b, in fine.

*Da construção ou collocação dos termos  
da proposição.*

A proposição pode estar na *ordem directa* ou na *inversa*.

Está na *ordem directa* ou *analytica*, quando os seus termos se acham naturalmente collocados, tendo o primeiro lugar o sujeito ou idéa principal, o segundo o verbo ou idéa de nexó, o terceiro o attributo ou idéa accessoria. Exemplo: «Nenhum governo é bom para os homens maus. (MARQUEZ DE MARICÁ).»

Está na *ordem inversa* ou *synthetica*, quando os seus termos se acham invertidos, transtornada a ordem natural da precedencia. Exemplo: «Era naquelle tempo clara a fama de D. Duarte de Menezes, governador de Tanger, cujo nome os africanos ouviam com temor, e nós com reverencia. (J. FPEIEE).»

Esta inversão comtudo não se faz arbitrariamente, mas, em certos e determinados casos, como no emprego da proposição participio, da de infinito pessoal, da de sujeito composto ou de sujeito complexo, e ainda das proposições imperativas, interrogativas e exclamativas, sem que entretanto estes casos especiaes excluam a inversão de qualquer proposição de sujeito simples e incompleto do modo finito, quando o requer a harmonia da phrase.

*Classificação das proposições que constituem o periodo  
simples, consideradas quanto á significação.*

A proposição que constitue o periodo simples, pode ser *declarativa*, *interrogativa*, *optativa*, *imperativa*, *exclamativa*.

É *declarativa*, quando declara ou indica um facto: «A noute está linda.»

A *proposição declarativa*, tambem chamada *enunciativa* ou *expositiva*, é *positiva*, si affirma a realidade de um

facto: «*Antonio saiu.*»; é *negativa*, si affirma que o facto não é real: «*Antonio não saiu.*»

É *interrogativa*, quando exprime um facto duvidoso: «*Carlos seria feliz em tal empresa?*» «*Carlos não se casou?*»

É *optativa*, quando enuncia um desejo: «*Anceio pela sua nomeação.*»

É *imperativa*, quando se requer, ordena ou pede que se faça alguma cousa: «*Vem cá.*» «*Leva-me esta carta á casa de Paulo.*»

É *exclamativa*, quando é o enunciado de um sentimento de entusiasmo, admiração ou respeito: «*É sublime!*» «*Estou pasmo!*»

---

As relações entre as palavras de que se compõe a proposição, são de *nexo*, de *concordância*, de *dependência* ou *subordinação*.

#### § 1.º

##### *Das palavras sob as relações de nexo.*

As *relações de nexo* entre as palavras são determinadas, ou pela conjuncção de aproximação ligando uma palavra a outra, ou pela preposição ligando um termo consequente a outro antecedente, ou pelo verbo ligando os outros termos da proposição.

#### SECÇÃO 1.ª

##### *Ligação das palavras pela conjuncção de aproximação.*

A conjuncção de aproximação liga sempre palavras da mesma especie. Exemplos: «*Honra e gloria é o nome de um drama.*» «*Dous e dous são quatro.*»

SECÇÃO 2.ª

*Ligação das palavras pela preposição.*

A preposição liga a um termo antecedente outro consequente que exprime uma relação de dependencia ou subordinação, isto é, liga ao sujeito ou ao attributo, como seu complemento, um nome, pronome, parte da oração substantivada ou oração.

Exemplos da preposição ligando um nome ao sujeito e ao attributo: «**O instinto da conservação é innato no homem.**» «Elle está **cheio de vida.**» «**Falou com ardor.**»

Exemplos da preposição ligando um pronome ao sujeito e ao attributo: «**A vida delle** está em perigo.» «Sou **estimado por elle.**» «Os nossos maiores inimigos **existem dentro de nós mesmos**: são nossos erros, vícios e paixões. (MARQUEZ DE MARICÁ).»

Exemplos da preposição ligando partes da oração substantivadas ao sujeito e ao attributo: «**A intemperança no comer e beber** é prejudicial ao homem.» «Já me acho **cansado deste meu mau estar.**» «Elle **vive só para os comes e bebes.**»

Exemplos da preposição ligando uma oração ao sujeito e ao attributo: «**A arte de matar gente** progride admiravelmente.» «Nunca nos devemos julgar **dispensados de fazer bem.**» «**Attenta em vigiar que o campo se lavre logo.**»

SECÇÃO 3.ª

*Ligação dos termos da proposição.*

A ligação do attributo ao sujeito da proposição faz-se unicamente pelo verbo, e pela conveniencia de fórma e concordancia entre elles, sem intervenção dos liames da conjuncção e preposição. Exemplo: «*Deus é misericordioso.*» *Deus*, sujeito; *é*, verbo; *misericordioso*, attributo.

§ 2.º

*Das palavras sob as relações de concordancia.*

As *relações de concordancia* entre as palavras são determinadas, ou pela forma especial que sempre toma o verbo, para concordar com o sujeito; ou pela forma, também especial, que ordinariamente toma o adjectivo, para concordar com o nome.

SECÇÃO 1.ª

*Concordancia do verbo com o sujeito.*

O verbo concorda com o sujeito simples em numero e pessoa, accommodando-se a elle pela forma.

Verifica-se esta concordancia ou seja o sujeito nome ou pronome ou parte da oração substantivada ou oração. Exemplos: «**O** homem pensa.» «**Eu** delibero.» «**É** vergonhoso mentir ou **o** mentir.» «A ninguém se deve **fazer mal.**»

Exceptuam-se os seguintes casos:

1.º Quando a proposição é conversivel e identica, ou tem por attributo um substantivo, não adjectivado, o verbo ser concorda com o attributo, e não com o sujeito: Exemplos: «A renda de Pedro **são mil escudos.**» «O que mais me agrada, **são as pinturas.** (1).»

*Proposição conversivel e identica* é a proposição que tem por attributo um substantivo, não adjectivado, ou acompanhado do artigo ou de outro determinativo, e que pode por isso permittir que se converta o sujeito em attributo, e vice-versa. Nesta especie de proposição, o que determina a natureza dos termos, é a sua posição. Si dissermos: «A renda de Pedro **são mil escudos**», o sujeito é *a renda de Pedro*, e o attributo, *mil escudos*;

---

(1) JERONYMO SOARES BARBOZA.—*Gram. Phil. da Ling. Port.*, 2.ª edição, pag. 118; PAULINO DE SOUZA.—*Grammaire Portugaise*, pag. 519.

mas, si invertermos a mesma proposição, e dissermos: «Mil escudos **é a renda de Pedro**», o sujeito passará a ser *mil escudos*, e o attributo, *a renda de Pedro*.

a) Concorda também com o attributo, quando a proposição indica horas ou dias dos mezes: «São **oito horas**.» «Hontem **foram dezoito** (1).»

b) Concorda ainda com o attributo, quando a proposição tem por sujeito *isto*, *isso*, *aquillo*, *tudo*, *o que* (significando *isto*), e por attributo nomes do plural sem artigo ou outro adjectivo determinativo: «Isto não **são palavras de animação**.» «**Eram** tudo **memorias de alegria** (2).»

2.º O verbo da proposição qualificativa que tem por sujeito a fôrma *que* do adjectivo conjunctivo, não concorda com esta, mas sim com o termo antecedente, si é o caso recto de um pronome pessoal. Exemplo:

«És **tu** *que* do oceano á furia insana  
**Pões** limites e cobro, (G. DIAS).»

Ha escriptores que também põem em pratica esta concordancia, quando a fôrma do adjectivo conjunctivo é *quem*, como se vê destes exemplos: «**Somos quem** somos. (PAIVA).» «**Eu sou quem** falo. (J. S. BARROZA.—*Gram. Phil. da Ling. Port.*, 2.ª edição, pag. 229).» «Dize **que sou quem** te **mando**. (Gonzaga—*Lyra*, XXXVI, verso 38).» «Mas **Tu** és, ó meu Deus, *quem* me **soltaste** das maternas entranhas. (S. CALDAS.—*Ps.* XXI).» «Não sou **eu quem**, influido em Ario, **invadi** a Alexandria, e **alcancei** o triumpho... (PADRE MANOEL BERNARDES.—*Nova Floresta*, C. Tit. VII).» «E em nome tal és **tu quem** **falas!** (GARRETT.—*Lyrical* XI, verso 119).» «És **tu quem** **dás** rumor á quieta noute. (G. DIAS.—*Te Deum*, verso 14).» «É verdade, disse a mãe, és **tu quem** **ganhas** para sustentar a casa, (F. ADOLPHO COELHO.—*Leituras correntes*, *Prim. Liv.*, pag. 9).»

Verifica-se ainda a mesma concordancia, quando designam uma só entidade o pronome, sujeito da proposição modificada pela qualificativa, e o seu attributo; e quando

(1) PAULINO DE SOUZA.—*Obra cit.*, pag. 508; A. GRIVET.—*Nova Gram. Anal. da Ling. Port.*, pag. 397.

(2) A. EPIPHANIO DA SILVA DIAS.—*Gram. Port. Elem.*, 4.ª edição, pag. 90; A. GRIVET.—*Obra cit.*, pag. 396.

este, representado por um nome, um demonstrativo puro ou adjectivo ordinal, é o antecedente do conjunctivo. Exemplos: «**Sou** um homem pobre que **vivo** nestes campos. (BERNARDES).» «**Tu** és o Deus que **fizeste** o céu. (citado por Diez).» «**Eu** fui aquelle que **préguei** os primeiros annos do reinado de Vossa Majestade. (VIEIRA).» «Fui **eu** o que nas trevas **preparei** a discordia dos homens livres. (HERCULANO).» «Quem **és** a que me **falas**? (B. RIBEIRO).» «Fui **eu** o primeiro que **falei**. (HERCULANO).»

Ha finalmente estas expressões idiomáticas: «*Vós é* que fostes, *Elles é* que foram», contrarias á regra geral da concordancia do verbo com o seu sujeito, mas que teem mais força do que construidas por uma fórmula regular, em que se não empregasse a terceira pessoa do singular do presente do indicativo do verbo *ser*.

Quando o sujeito é composto, ora põe-se o verbo no plural, concordando com a pessoa grammatical que tem precedencia, ou com todas as palavras que o formam; ora põe-se no singular, concordando com a ultima.

Põe-se o verbo no plural, concordando com a pessoa grammatical que tem precedencia, quando as palavras que constituem o sujeito, exprimem differentes pessoas grammaticaes, ainda que estejam ligadas por alguma conjuncção disjunctiva. Exemplos: «**Eu** e os meus nos **alegraremos** summamente. (VIEIRA).» «**Vós** e vossos filhos **haveis de ser** os moidos (IDEM).» «Nem **eu**, nem meus companheiros **estamos** de accordo de pagar seus estudos com as nossas cabeças. (DUARTE RIBEIRO DE MACEDO).»

A primeira pessoa tem precedencia sobre a segunda; e esta, sobre a terceira.

Põe-se o verbo no plural, concordando com todas as palavras que constituem o sujeito, quando representam a terceira pessoa, ainda que seja cada uma do singular. Exemplos: «**Camões e Tasso** *compozeram* epopeas.» «**Pompeu, Lentulo, Scipião** *pereceram* miseravelmente.» «**Elle e ella** *amam-se* muito.»



Põe-se o verbo no singular, concordando com a ultima palavra das de que se forma o sujeito:

1.º Quando as palavras que compõem o sujeito, são synonymas. Exemplo: «*A necessidade, a pobreza, a fome, a falta do necessario para o sustento da vida é o mais forte, o mais poderoso, o mais absoluto imperio que despoticamente domina sobre todos os que vivem.* (Vieira.)»

2.º Quando as palavras que compõem o sujeito, são da terceira pessoa, e estão unidas pela conjuncção *ou*. Exemplo: «*Pedro ou João falará.*»

3.º Quando as palavras que compõem o sujeito, constituem uma gradação. Exemplo: «*Este sacrificio vossa interesse, vossa honra, Deus o exige.*»

4.º Quando as palavras que compõem o sujeito, estão precedidas, ou terminam por um termo que as resume, como *tudo, nada, ninguém, cada um*, etc. Exemplos: «*O ouro, os diamantes e as perolas, tudo é terra e da terra.* (VIEIRA.)» «*Jogos, conversações, espectaculos, nada o tirava de seu retiro.* (A. F. CASTILHO.)»

«*As plantas, rios, flores, prados, fontes, Cada um com lingua muda ao sol falava.* (ULYSSEIA).»

Tambem vae o verbo para o singular, quando o sujeito é composto, si consta este de mais de uma proposição integrante. Exemplos: «*É preciso que te appliques ao estudo, e sejas de comportamento illibado.*» «*Ignorase quem foi o inventor do alphabeto, e que povo usou delle primeiro.*» «*É loucura dar conselhos a outrem, e não toma-los para si.*»

Não é raro ainda encontrar-se nos classicos o verbo no singular, quando a proposição é de sujeito composto, e está na ordem inversa. Exemplo: «*Falta-me o tempo e o alento, para escrever.* (VIEIRA).»

SECÇÃO 2.ª

*Concordancia do adjectivo com um ou mais appellativos.*

O adjectivo concorda em genero e numero com o appellativo que qualifica ou determina, accommodando-se a elle pela fórma. Exemplos: «*As orações fervorosas* agradam a Deus.» «*Este homem é sabio.*»

Opera-se ainda esta concordancia:

1.<sup>o</sup> Quando o attributo ou subattributo está unido ao sujeito pelo verbo. Exemplos: «*A mocidade é desinteressada.*» «*Ninguém nasce mau.*»

2.<sup>o</sup> Quando o termo com que concorda o adjectivo, é pronome. Exemplos: «*Tu és estudioso.*» «*Elle é meu.*»

Mas, si os pronomes são *nós* e *vós*, e representam apenas uma pessoa, ou são empregados em lugar de *eu* e *tu*, põe-se o adjectivo no singular. Exemplos: «*Seremos conciso na exposição.*» «*Sereis estimado, si fordes instruido.*»

3.<sup>o</sup> Quando o termo qualificado ou determinado é parte da oração substantivada, ou oração tomada como nome. Exemplos: «*Os porques com que sustentou a causa, são mui valiosos.*» «*É glorioso o morrer pela patria.*»

O que até aqui temos adduzido sobre a concordancia do adjectivo, verifica-se, quando este é biforme, pois que, sendo uniforme, concorda só em numero. Exemplo: «*Não nos é possível seguir o autor nos interminaveis meaneiros de sua exuberante argumentação.*» (J. F. LISBOA).»

Quando o adjectivo qualifica appellativos do mesmo genero, põe-se no plural e fórma masculina ou feminina, conforme o genero dos nomes. Exemplos: «*A terra e a lua são redondas.*» «*O sol e os mais astros são redondos.*»

Quando o adjectivo qualifica appellativos de genero diverso, põe-se no plural e fórma masculina. Exemplos: «*O exercito e a marinha achavam-se desorganizados.*» (J. F. LISBOA).» «*Homens, mulheres e creanças foram aprisionados na guerra.*»

Achando-se porem o adjectivo anteposto ou posposto a nomes de cousas inanimadas, e a ellês immediatamente juntos, concorda, ora com o nome do plural, ora com o mais vizinho.

Concorda com o nome do plural, concorrendo nomes do plural com nomes do singular. Exemplos:

“Todos vós que me ouvis, vistes boiantes,  
À mercê da corrente, *o arco* e **as settas**  
*Feitas* pedaços, por mim mesmo inuteis. (G. DIAS)”

“Resplendor de innocencia, onde *casados*  
*A açucena* e **os jasmins** aos brancos lyrios  
Um só perfume grato aos céus envia. (IDEM).”

Ha contudo escriptores que, neste mesmo caso, fazem o adjectivo concordar com o nome do singular. Exemplo:

“Tem Lucena capitulos tão cheios  
De lusa preciosissima abastança,  
Em *phrase* e *termos escolhida* e *nobre*. (FILINTO).”

Concorda com o mais vizinho:

1.º Quando o adjectivo qualifica nomes quasi synonymos ou de significação semelhante. Exemplos: “Pedindo que lhe mandasse cortar a cabeça pelo *abuso* e **excesso** commettido. (J. F. LISBOA).”

2.º Quando o adjectivo qualifica nomes ligados pela conjuncção **ou**, clara ou occulta. Exemplos: “O termo do combate ha de ser uma *derrota* ou **triumpho completo**.”

«Não encontres um *tronco* (ou), uma **pedra**,  
*Posta* ao sol, *posta* ás chuvas e aos ventos,  
Padecendo os maiores tormentos,  
Onde possas a fronte pousar. (G. DIAS).»

3.º Quando o adjectivo qualifica nomes que exprimem uma gradação qualificativa. Exemplos: «Affonso de Albuquerque mostrou *coragem, severidade* e **um caracter violento.**»

4.º Quando concorrem nomes do plural de genero diverso. Exemplos:

A taba se alborota, os golpes descem,  
*Gritos, imprecações profundas* soam. (G. DIAS.)”

”Desde a primeira palavra, affrontou-se o orador com a divindade com uns *meneios* e **fórm**as tão *estranhas*, e com uma tal audacia de pensamentos que faz involuntariamente recordar a passagem de Homero, citada por Longino entre os exemplos do sublime. (J. F. LISBOA).”

Concorrendo varios appellativos seguidos de um termo que resuma as idéas por elles expressas, como *tudo, nada*, o adjectivo concorda com esse termo. Exemplo: “Na casa da mulher cuidadosa, *os moveis, as roupas, o serviço de mesa*, **tudo** é bem *tratado.*”

Casos ha porem, em que o adjectivo concorda com o substantivo cuja idéa se quer fazer sobresair. Exemplo: “**O riso** ou *alegria* do peccador não é animado com vida do espirito. (BERNARDES).”

Si o adjectivo é composto de adjectivos, só o ultimo é que concorda com o nome a que se referem. Exemplo: “*A população hispano-***romana** desaparecera em grande parte debaixo das espadas implacaveis dos barbaros. (HERCULANO).”

O adjectivo, como termo dependente do substantivo, nunca lhe impõe a lei, mas recebe-a delle; pelo que são incorrectos estes dizeres: “*As litteraturas franceza e italiana.*” “*Os primeiro e segundo andares.*”

Com a devida correcção, dir-se-á, repetindo-se o artigo, e pondo-se o substantivo no singular: “*A litteratura franceza e a italiana.*” “*O primeiro e o segundo andar.*”

O *adjectivo conjunctivo* concorda em genero e numero com um termo antecedente e claro, e outro conse-

quente, quasi sempre occulto: Exemplo: “O **homem** a quem procuras, já partiu.” isto é “O **homem** o qual *homem* etc.”

O adjectivo conjunctivo vae sempre para o principio da oração, quer represente o sujeito, quer um simples complemento.

O *adjectivo interrogativo* concorda em genero e numero com um termo subsequente, quasi sempre claro. Exemplo: “*Que* dizes?” isto é “Quero saber *que* ou *qual* **cousa** dizes?”

### SECÇÃO 3.ª

#### *Concordancia semeiotica.*

*Concordancia semeiotica* ou *latente* é aquella em que o verbo parece discordar do seu sujeito, ou em numero, ou em pessoa, e o adjectivo do seu substantivo, ou em genero, ou em numero, ou em genero e numero ao mesmo tempo, porque as suas flexões não se governam por palavras claras na proposição, mas por palavras occultas, accommodadas ao sentido.

Exemplo em que o verbo parece discordar do seu sujeito em numero: “Acudiu todo o **campo** ao arrecife, e *mataram* cinco dos nossos. (FREI L. DE SOUZA)” isto é “e *mataram* **elles** (os soldados acampados) cinco dos nossos.”

Exemplo em que o verbo parece discordar do seu sujeito em pessoa: “Na innocencia do infante és **tu** quem *falas*. (1) (DIAS).”

Por virtude da precedencia que tem a segunda pessoa grammatical sobre a terceira, o verbo *falas*, da proposição qualificativa, concorda com o pronome *tu*, antecedente do adjectivo conjunctivo, e não com este, não obstante ser o sujeito.

---

(1) A. GRIVET.—*Nova Gram. Analyt. da Ling. Port.*, pag. 478, n.º 574.

Para explicar-se esta concordância, faz-se mister attender á natureza da idéa expressa pelo pronome pessoal, antecedente do conjunctivo, e á natureza da relação em que está este adjectivo para com o mesmo termo antecedente; e para isso importa estabelecer os dous principios seguintes: 1.º “A primeira e a segunda pessoa teem precedencia sobre a terceira, ou, noutros termos, são aquellas mais nobres que estas.” 2.º “O adjectivo conjunctivo identifica-se por tal modo com o primeiro termo ou com o termo antecedente, que faz ser perfeita reproducção deste o segundo ou o termo consequente (¹).” Si são verdadeiros estes dous principios, a idéa que é a da segunda pessoa, expressa pelo pronome *tu*, do exemplo do texto, predomina á da terceira pessoa, que exprime a fórma *quem*, do adjectivo conjunctivo, e esta, por seu turno, identificando-se com o termo antecedente *tu*, reproduz não só a idéa do individuo representado pelo nome em cujo logar está o pronome, como ainda a que lhe é connexa, isto é, a da pessoa grammatical ou da segunda pessoa, que o mesmo pronome indica. Verificada assim, por meio da fórma *quem*, a reproducção exacta do sentido do primeiro termo ou do termo antecedente *tu*, o verbo concorda com o pronome, e não com o adjectivo conjunctivo.

Exemplo em que o adjectivo parece discordar do seu substantivo em *genero*: “Vossa **excellencia** foi *servido*.”

O adjectivo *servido* não concorda com o substantivo *excellencia*, mas sim com o appellativo da classe a que pertence a pessoa a que elle se refere, o qual é um substantivo do genero masculino, como *ministro*, *senador*, etc.

Exemplos em que o adjectivo parece discordar do seu substantivo em *numero*: “Antes sejamos *breve* que *prolixo*. (BARROS).”

*Breve* e *prolixo* referem-se ao pronome *nós*, occulto, que foi aqui empregado em logar do pronome *eu*.

Exemplo em que o adjectivo parece discordar do seu substantivo em *genero* e *numero* ao mesmo tempo:

“Estava o campo coberto de valorosa **gente**, e *todos apostados* a vencer” isto é “e *todos os homens apostados* a vencer.”

(¹) F. SOTERO DOS REIS.—*Gram. Port.* 3.ª edição, pag. 26.

§ 3.º

*Das palavras sob as relações de dependencia  
ou subordinação.*

As *relações de dependencia* ou *subordinação* entre as palavras são determinadas pelo *complemento* que indica a subordinação de uma palavra a outra.

SECÇÃO 1.ª

*Dos complementos ou da dependencia das palavras.*

Complemento é toda a palavra ou oração, que completa o sujeito ou o attributo.

Ha quatro especies de complementos, que são: *restrictivo, objectivo, terminativo, circumstantial.*

*Complemento restrictivo* é o que restringe a significação vaga do appellativo ou de qualquer termo a elle equivalente, determinando-a.

Este complemento é sempre regido da preposição *de*, e pode ser nome, parte da oração substantivada, oração, e ás vezes pronome.

Exemplos desta especie de complemento restringindo a significação vaga do appellativo: “**O amor da virtude** eleva nosso espirito a Deus.” “A sabedoria é **a arte de viver**, isto é *da vida*.” “**A procedencia dos porques** foi reconhecida por todos.” “A economia é **a sciencia de evitar despesas inuteis**.” “**O livro delle** é bonito.”

Exemplos desta especie de complemento restringindo a significação vaga de termos equivalentes de substantivos: “**O bem formado desta cabeça** é digno do pincel de um grande artista.” “**O até quando da minha ausencia** não se pode bem fixar.” “**O viver deste homem** é bem diverso do dos outros.”

O *adjectivo qualificativo* que se refere á comprehensão das idéas, exprimindo uma qualidade da substancia

—pessoa ou cousa—designada pelo nome, é equivalente do *complemento restrictivo*, em que se converte, substituindo-se pelo substantivo abstracto que significa essa qualidade, precedido da preposição *de*, pois **homem** *probo*, **mulher** *virtuosa* valem o mesmo que **homem** *de probidade*, **mulher** *de virtude*.

Este mesmo adjectivo, quando junto ao substantivo que qualifica, pode, por meio do adjectivo conjunctivo, resolver-se em proposição circumstantial qualificativa que é, pelo seu turno, equivalente do complemento restrictivo. Exemplos: «**O** **homem** *justo*, isto é, *que é justo*, vive com a consciencia tranquilla.» «**Cesar** *recebendo aviso de haver o inimigo torcido a marcha*, manda levantar o campo.» isto é «**Cesar** *que recebe* etc.»

O *adjectivo determinativo* que se refere á extensão das idéas, determinando por qualquer modo essa extensão em relação á substancia—pessoa ou cousa—designada pelo nome a que se junta, não constitue complemento, excepto quando na determinação vem ao mesmo tempo envolvida uma idéa de qualidade, como o lugar, a ordem, a propriedade. Exemplos destes tres casos exceptionaes: «*Este* **panno** *é fino*.» isto é «**O** **panno** *que está perto de mim*, é fino (1).» «**El-rei D. João**, *o terceiro de Portugal*, introduziu no reino a inquisição.» isto é «**El-rei D. João**, *que foi o terceiro de nome na ordem dos reis de Portugal*, introduziu etc.» «Mande-me o meu **album**.» isto é «Mande-me o **album** *que me pertence*.»

O nome apposto a outro, seja proprio, seja appellativo, é tambem equivalente do complemento restrictivo; porque, no primeiro caso, converte-se nelle, antepondo-se-lhe a preposição *de*, e, no segundo, resolve-se em proposição circumstantial qualificativa. Exemplos: «No **baluarte S. João**, isto é, *de S. João* se resistia á violencia do ferro, sem temer a do fogo. (J. FREIRE).» «**Tito**,

(1) A. J. SYLVESTRE DE SACY. — *Principes de Grammaire Générale Première Partie, Chapitre VII*, pag, 60.



*amor e delicias do genero humano*, julgava perdido o dia em que não fazia bem a alguém, isto é, **Tito**, *que era amor, e que era delicias do genero humano*, julgava etc.»

*Complemento objectivo* ou *directo* é o que representa o objecto—pessoa ou cousa—sobre que recae a acção do sujeito do verbo transitivo.

Este complemento, quando nome de pessoa, é precedido da preposição *a*; quando nome de cousa, não; e pode ser nome, pronome, qualquer parte da oração substantivada, oração. Exemplos: «**Amemos a Deus** sobre todas as cousas, e *ao proximo*, como a nós mesmos.» «O homem **fertilisa** com a cultura *a terra ainda a mais ingrata*.» «**Prezo-te** por tuas excellentes qualidades.» «**Amo o bello das artes**, bem como o da natureza.» «Não **direi o como e o quando**, por não ser necessario.» «**Sabes que o que pedes**, é mui difficil de alcançar.»

A preposição *a* pode ás vezes estar occulta: “Gente que **segue o torpe Mafamede**. (CAMÕES.)”

O objecto do verbo transitivo vem algumas vezes acompanhado de um adjectivo ou substantivo adjectivado, que é d'elle verdadeiro attributo “Consideravam-n-o *feliz*.” “Nomearam-**me** *presidente*.”

Este adjectivo ou substantivo adjectivado desempenha ás vezes a mesma função, achando-se precedido de *por*, *como* ou *de*: “Já **me** não comem *por tolo* ou *como tolo*.” “Tendo-o *por amigo* ou *como amigo*.” “Os historiadores reputam **D. João 3.º** *de intelligencia apoucada*.”

Mudadas estas orações para a voz passiva, taes attributos passam a ser subattributos do sujeito: “**Elle** era considerado *feliz*.” “**Eu** fui nomeado *presidente*.” “**Elle** é tido *por amigo* ou *como amigo*.” “**D. João 3.º** foi pelos historiadores reputado *de intelligencia apoucada*.”

*Complemento terminativo* ou *indirecto* é o termo que modifica o verbo, o adjectivo e nome relativos, determinando-lhes a relação.

Este *complemento* ou *termo de relação*, que também pode ser nome, pronome, parte da oração substantivada, oração, é sempre precedido de preposição, excepto quando é *me*, *te*, *se*, *lhe*, *nos*, *vos*, *lhes*, casos dos pronomes pessoaes, os quaes nunca levam preposição antes de si.

Exemplo do complemento terminativo modificando o *verbo relativo*, ou o *attributo* nelle incluído: «O, mun-

do **obedece** a Deus.» «**Falou-me** arrebatadamente.» «**Annuiu** áquelle seu até amanha.» «É impossível que a inveja **deixe** de perseguir a quem os príncipes amam.»

Exemplos do complemento terminativo modificando o *adjectivo relativo*: “Este homem é **dado** ao estudo.” “Esta menina *me* é **cara**.” “Sou **amante** do bello.” “O navio estava **prestes** a partir para a India.”

Exemplos do complemento terminativo modificando o *nome relativo*: “**A vocação** para a vida monastica era muito frequente naquelles tempos de fé viva.” “**A inclinação** por ti é evidente em Pedro.” “**O amor** do eu é natural no homem.” “Tenho grande **disposição** para aprender as bellas artes.”

*Complemento circumstantial* é o que modifica o adjectivo ou o verbo, accrescentando-lhes alguma circumstancia por preposição accommodada.

Como o objectivo e o terminativo, pode este complemento ser nome, pronome, parte da oração substantivada, oração.

O complemento circumstantial exprime principalmente, entre outras, as circumstancias de *causa, companhia, concessão, conformidade, distancia, divisão, espaço, exclusão, fim, frequencia, instrumento, lugar, materia, medida, meio, modo, opposição, ordem, origem, preço, quantidade, substituição, tempo, taxaço, troca*.

Exemplos do complemento circumstantial accrescentando ao *adjectivo* as circumstancias de *modo, meio, exclusão, fim*: “Este sitio é **escabroso** em extremo.” “Por elle foi **conseguido** o que desejava.” “É **bella** sem sinão.” “O templo foi **feito** para orarmos.”

Exemplos do complemento circumstantial accrescentando ao *verbo* ou ao *attributo* nelle incluído, as circumstancias de *instrumento, ordem, materia virtual, causa*: “**Feriu-se** com a espada.” “**La** atrás de mim no cortejo.” “**Falou** largamente sobre os *pórques* da questão.” “Não pode o homem **conceber** longa esperanza, *por ser mortal*.”

A circumstancia de *tempo* divide-se em circumstancia de *tempo anterior, actual e posterior*. Exemplos:

“Chegou hontem de noute á hora marcada.” “Estou escrevendo neste momento.” “Virá para o anno pela paschoa, como prometteu.”

A circumstancia de *logar* divide-se em circumstancia de *logar onde, donde, por onde, aonde, para onde*. Exemplos: «Nasceu em Athenas.» «Venho de França.» «Andou pelo Peru.» «Foi ao Rio de Janeiro.» «Partiu para a Bahia.»

#### SECÇÃO 2.ª

##### *Conversão Grammatical.*

Quando se muda a oração da voz activa para a passiva, o complemento directo do verbo transitivo passa a ser o sujeito da oração pela passiva, e o sujeito da oração na voz activa, a ser o complemento indirecto do participio passivo; mas o complemento circumstancial fica sempre invariavel, assim como o indirecto do verbo transitivo-relativo.

Exemplo da oração na voz activa: “Hontem á tarde emprestei meu lapis a um collega.”

Exemplo da mesma oração na voz passiva: “Meu lapis foi por mim emprestado a um collega hontem á tarde.”

O complemento indirecto do participio passivo, que representa o agente, como dizem os grammaticos, liga-se ao participio pela preposição *por*, e ás vezes *de*.

#### SECÇÃO 3.ª

##### *Collocação dos complementos.*

Os complementos collocam-se na proposição, observando-se a *lei de posição*, que consiste na collocação dos complementos, segundo as suas relações de dependencia com o sujeito e o attributo.

Exceptuam-se os casos seguintes:

1.º Quando ao verbo attributivo se juntam tres ou quatro complementos de diversa natureza, convem não

só collocar os mais extensos depois dos que o são menos, mas ainda antepor um delles ao verbo, ordinariamente o circumstancial, para não offender o ouvido com uma collocação desusada e aspera. Eis aqui um exemplo disto: «*Com toda a contricção peço a Deus perdão de minhas culpas.*», e não «*Peço perdão de minhas culpas a Deus com toda a contricção.*», porque offenderia o ouvido.

2.<sup>o</sup> Quando os verbos, participios e gerundios teem por complementos os pronomes pessoaes *me, te, se, o, a, lhe, nos, vos, os, as, lhes*, podem estes antepor-se, pospor-se, ou collocar-se entre as fórmulas verbaes, conforme melhor convier á boa harmonia, e á clareza que deve reinar no discurso.

Eis as regras principaes sobre a collocação dos pronomes *me, te, se, o, a, lhe, nos, vos, os, as, lhes*, de cuja observancia resulta harmonia ao dizer:

1.<sup>a</sup> Nunca deve começar o periodo ou uma proposição absoluta por um pronome no caso obliquo, excepto si está regido de preposição. Por tal motivo incorre em erro quem diz: “*Me parece*”, ao passo que se permite: “*A mim me parece.*”

2.<sup>a</sup> Pospõe-se o pronome ao verbo, si é este uma fórmula verbal simples, e si por ella começa o periodo. Exemplos: «*Amo-te.*» «*Dize-me tu uma cousa.*»

3.<sup>a</sup> De ordinario, estando a proposição na ordem directa, antepõe-se ou pospõe-se o pronome ao verbo, si tem por sujeito um substantivo, e está no presente, imperfeito, perfeito e mais que perfeito do indicativo. Exemplos: «*Pedro me estima, me estimava, me estimou, me estimara, ou estima-me, etc.*» Casos ha porem, em que é melhor faze-lo preceder o verbo. Só a consulta do ouvido poderá determina-los.

4.<sup>a</sup> Antepõe-se sempre o pronome ao verbo:

- a) Si o sujeito é um pronome, e está antes do verbo. Exemplos: «*Elle me chama.*» «*Eu me condoo de ti.*» «*Tu te feriste.*»
- b) Achando-se o verbo no futuro absoluto e no futuro simples do condicional, si por elle não

começa a phrase. Exemplos: «Eu *te* darei.»  
«Tu *me* amarias.»

No caso de principiar a phrase por alguma fôrma destes tempos, para se não infringir a regra primeira, deve-se dizer por tmeze: «Dar-*te*-ei.» «Amar-*me*-ias.»

c) Sendo o verbo uma palavra exdruxula, e não começando por elle a phrase. Exemplo: «Si fosse assim, como dizes, *te* amamos muito.» Dando elle principio á phrase, para não se aberrar tambem da regra primeira, ou se dará outro torneio ao dizer, ou se apellará para a figura tmeze, caso seja a fôrma verbal a primeira pessoa do plural do futuro simples do condicional.

d) Vindo o adverbio antes do verbo. Exemplo: «Já *me* encontrei com elle.»

e) Nas phrases negativas. Exemplos: Ninguem *se* incommoda com isso.» «Nada *te* estimula.»

f) Si as proposições forem conjuncçionaes, qualificativas, subjunctivas, interrogativas ou infinitivas preposicionaes de infinito pessoal. Exemplos: «Terás de receber bons mimos, si *te* applicares ao estudo.» «Quem *me* avisa, meu amigo é.» «Consente que *te* felicite pelo bom exito dos teus estudos.» «Que *me* queres?» «Occorreu o facto antes de *me* avisarem.» «A virtude para muitos consiste em *se* portarem com hypocrisia.»

5.<sup>a</sup> Na proposição infinitiva, quer circumstantial, quer integrante, preposicional de infinito impessoal, colloca-se o pronome, ou antes, ou depois do verbo. Exemplos: «Teem sido improficuos os meus esforços, para *te* convencer, ou para convercer-*te*.» «Bem contra a minha vontade deixo de *te* ensinar, ou de ensinar-*te*.»

Si porem a proposição infinitiva, tanto de infinito pessoal como de impessoal, tiver por liame a preposição *a*, o pronome só se pospõe ao verbo. Exemplos: «A darem-*se* dissabores com a tua presença, é melhor que

não vás.» «Accorreu a defender-*me* dos maus tratos que me davam.» «Ao recolherem-*se* os presos, houve grande tumulto.» «Continuem a portar-*se* bem.»

6.<sup>a</sup> Quando o verbo é uma forma verbal composta dos auxiliares *haver* e *ter* e do supino, o pronome se lhe antepõe, ou se lhe mette de permeio, si pelo verbo não tem começo a phrase. Exemplos: «Esta minha pretensão *me* tem custado, ou tem-*me* custado muitos dissabores.» Exceptuam-se as formas do futuro perfeito composto do indicativo e do condicional, que levam o pronome antes de si. Exemplos: «Elle *me* terá apreciado?» «Elle *nos* teria acompanhado?»

7.<sup>a</sup> Iniciando-se a phrase por estas mesmas formas verbaes, o pronome é collocado depois do auxiliar. Exemplo: «Tem-*me* custado muitos dissabores esta minha pretensão.»

Em respeito á regra primeira, sendo o verbo alguma forma dos futuros indicados, por tinese intercala-se o pronome no auxiliar. Exemplos: «Ter-*me*-á elle apreciado?» «Ter-*nos*-ia acompanhado?»

8.<sup>a</sup> Nas formas dos tempos do futuro, chamados de significação começada na tenção e por fazer na execução, que se compõem dos auxiliares *haver* e *ter*, e do presente do infinito impessoal a elles ligado pela preposição *de*, pode o pronome ser-lhes anteposto, intercalado ou posposto, si a phrase não é iniciada pelo verbo. Exemplos: «Eu *te* hei de amar, eu hei de *te* amar, ou eu hei de amar-*te*.»

Dá-se o mesmo, quando o verbo está no futuro anterior perfeito composto ou no futuro anterior mais que perfeito composto. Exemplos: «Elle *me* ha de ter escripto, elle ha de *me* ter escripto, elle ha de ter-*me* escripto.» «Eu *te* havia de ter amado, eu havia de *te* ter amado, ou eu havia de ter-*te* amado.»

Sendo o verbo a primeira palavra da phrase, o pronome, ou se intercala, ou se pospõe. Exemplos: «Ha de *te* amar, ou amar-*te*.» «Ha de *me* ter escripto, ou ter-*me* escripto.» «Havia de *te* ter amado, ou ter-*te* amado.»

9.<sup>a</sup> Quando a um verbo se segue uma proposição integrante infinitiva pura, observa-se a mesma collocação. Exemplos: «Eu *te* quero dar, *te* dar, ou dar-*te* uma boa noticia.» «Quero *te* dar, ou dar-*te* uma boa noticia.»

10.<sup>a</sup> Nos verbos frequentativos compostos de *estar*, *ficar*, *andar*, *ir*, *vir*, etc., e do gerundio, si não se dá começo á phrase pelo verbo, ou se lhes antepõe o pronome, ou se lhes intercala. Exemplos: «Eu *me* estou apoquentando, ou eu estou *me* apoquentando muito comtigo.» «Elle *se* ficou exercitando, ou elle ficou *se* exercitando.»

Sendo iniciaes da phrase estas mesmas fórmas verbaes compostas, antepõe-se o pronome ao gerundio. Exemplos: «Estou *me* queixando.» «Ando *me* divertindo.»

3.<sup>o</sup> Quando o complemento do verbo é de outra especie, ou não é nenhum dos pronomes mencionados, pode-se-lhe antepor, em muitos casos; isto quer na prosa, quer no verso, pois tanto se diz *com pressa escrevo*, e *com razão falo*, como *escrevo com pressa*, e *falo com razão*.

4.<sup>o</sup> Quando os complementos o são do adjectivo, podem tambem antepor-se-lhe, em muitos casos, quer na prosa, quer no verso, porque tanto se diz *em tudo magnifico*, e *de comer repleto*, como *magnifico em tudo*, e *repleto de comer*.

#### § 4.<sup>o</sup>

##### *Alterações Syntacticas.*

Chamam-se *alterações syntacticas* as mudanças que, nos diversos periodos de uma lingua, experimenta um typo syntactico, sem deixar de exprimir a mesma relação grammatical.

As alterações syntacticas resultam principalmente das alterações morphologicas, como a perda dos casos, que, multiplicando o uso das preposições, deu lugar á introdução ou generalisação de processos syntacticos correspondentes a outros existentes na lingua, que foram por elles substituidos.

Sirva de exemplo a expressão latina *unus de multis*, em que o ablativo *multis* regido da preposição *de*, substituiu o genitivo.

Resultam também as alterações syntacticas das modificações que soffrem as fórmulas grammaticaes, e que as fazem constituir processos syntacticos novos, mas que lhes são equivalentes, por conservarem a mesma função grammatical.

São exemplos disto:

1.º O verbo *começar*, hodiernamente em uso, com um infinito precedido geralmente da preposição *a*, e muito raramente da preposição *de*, constitue um novo processo syntactico, porque, por extensão crescente, passou o infinito impessoal a ser regido de preposição: «Começou dar, **a** dar ou **de** dar.»

2.º O emprego actual do gerundio sem a preposição *em* é também um novo processo syntactico, por se ter nelle reduzido o uso obsoleto que o fazia ser regido da mesma preposição: «*Amanhecendo*—**em** *amanhecendo*, isto é, logo que *amanhecer*.»

Diz-se que a alteração é *semantica*, quando, sem se alterar a fórmula grammatical, adquire ella sentido novo: «*Tomar chá com alguém* (mofar de alguém).»

## § 5.º

### *Typos syntacticos divergentes.*

*Typos syntacticos divergentes* são locuções diversas, mas equivalentes, que exprimem uma mesma idéa.

Não devemos confundir os *typos syntacticos divergentes* com as *alterações syntacticas*: os primeiros são construcções esporádicas e parallelas, adoptadas classicamente num mesmo periodo da língua; ao passo que as segundas se produzem em épocas diferentes, e caracterizam as phases de uma língua ou o seu movimento evolutivo.

Os *typos syntacticos divergentes* podem ser de *construção*, de *concordancia*, de *regencia*.



SECÇÃO 1.ª

*Typos divergentes de construção.*

Si bem que *analytica*, é a lingua portugueza das romanicas a que tem mais liberdade no arranjo syntactico das palavras, como se vê dos seguintes exemplos, em que a syntaxe é a mesma:

- «Deus creou o mundo em seis dias.»
- «Creou Deus o mundo em seis dias.»
- «Em seis dias Deus creou o mundo.»
- «Deus creou em seis dias o mundo.»

Cumpre todavia notar que neste caso não é arbitraria a collocação dos termos; ella pode variar, com tanto que respeite as relações de subordinação. A preposição *em*, por exemplo, deve estar immediatamente junta de *seis dias*, termo por ella regido; e por isso seriam erroneas estas combinações:

- «Deus em creou seis dias o mundo.»
- «Deus creou em o mundo seis dias.» etc.

SECÇÃO 2.ª

*Typos divergentes de concordancia.*

Eis dous exemplos de typos divergentes de concordancia:

1.º A concordancia do adjectivo com o nome do plural, quer masculino, quer feminino, quando concorre um nome do singular com outro do plural: «Os *dinheiros* e a fazenda eram *muitos*.” “As *fazendas* e o dinheiro eram *muitas*.”

2.º A concordancia do verbo, quando toma a forma, já do singular, já do plural, por ser o sujeito um colectivo partitivo do singular, modificado por um nome do plural, regido da preposição *de*: “A *maioria* dos homens *entende* ou *entendem*.”

SECÇÃO 3.<sup>a</sup>

*Typos divergentes de regencia.*

Eis os mais importantes typos divergentes de regencia: "Morrer *a* fome ou *de* fome." "Mandou *ler* ou *que lesse*." "Me, te, lhe, nos, vos, lhes, se ou *a mim, a ti, a elle, a nós, a vós, a elles, a si*." "Começar *a* escrever ou *de* escrever." "Pegar *da* penna ou *na* penna." "Arrancar *a* espada ou *da* espada." "Até *casa*, até *a casa* ou até *á casa*." "Apaixonado *pelas* cousas da patria ou *das* cousas da patria." "O seu amor *ds* almas, *pelas* almas ou *para com* as almas." "Seu, sua, etc. ou *delle, della*, etc." "Aquelle dia ou *naquelle* dia." "Creou Antonio, como filho ou creou *a Antonio*, etc." "Andar *a* dizer ou andar *dizendo*." "Bradar *soccorro* ou *por soccorro*." "Chamar *a* *alguem* ou *por* *alguem*." "Cumprir *a lei* ou *com a lei*." "Bastará notar outros testemunhos *pelos quaes se poderá julgar dos outros*, ou *pelos quaes se poderão julgar os outros*." "Limpar *a suspeita* ou *da suspeita*." «Assim o ouvimos *aos antigos* ou *dos antigos*.» «Persuadiram-n-o *a ler* ou *persuadiram-lhe que lesse*.» «Usar *villanias* ou *de villanias*.» «Deparou-me Deus *este amigo* ou *deparar com uma pessoa*.»

SECÇÃO 4.<sup>a</sup>

*Factores dos typos syntacticos divergentes.*

As principaes causas da divergencia ou parallelismo syntactico são:

- 1.<sup>a</sup> Typos similares originarios: «*Igual a* ou *igual de*.» «*Mais que* ou *mais do que*.»
- 2.<sup>a</sup> Synonymia preposicional: «*Por* obedecer ou *para* obedecer.» «*Cercado por* ou *cercado de*.»
- 3.<sup>a</sup> Extensão crescente do infinito impessoal: «*Começou fazer, de fazer* ou *a fazer*.»

4.<sup>a</sup> Equivalencia de formas verbaes: «*Amo* as flores ou as flores *são amadas* por mim.» «*Andar buscando* ou *a buscar*.”

5.<sup>a</sup> Predicação synthetica e analytica: “*Amo* os livros ou sou *amante* dos livros.”

6.<sup>a</sup> Acção verbal dupla: “Saber *tudo* ou *de tudo*.” “Subir *por* ou subir *a*.”

7.<sup>a</sup> Influencia estrangeira: “Não é *que* ou não é *si-não*.” “Morar *em* ou morar *a*.”

8.<sup>a</sup> Influencia euphonica e decoro: “*A sua* faca, a faca *que lhe pertence, pertencente a ella* por a *faca della*.”

9.<sup>a</sup> Ellipse: “Após *elle* ou após *delle*.” “*Anoutecendo* ou *em anoutecendo*.”

10.<sup>a</sup> Influencia da declinação organica: “Quem vos ouve, *a mim* ouve ou ouve-*me*.”

11.<sup>a</sup> Tendencia analytica: “Dizem *ser* ou dizem *que é*.”

12.<sup>a</sup> Vestigios da voz media: “*Ir* ou *ir-se*.” “*Partir* ou *partir-se*.”

13.<sup>a</sup> Emphase: “*Eu* o vi ou *eu mesmo* o vi.” “*Não* quero ou *não* quero *nada*.”

14.<sup>a</sup> Influencia articular e pronominal: “*Meu* chapéu ou *o meu* chapéu.” “*Que* aconteceu ou *o que* aconteceu.” “*Que é* ou *o que é*.” “*Tudo o que* ou *o que*.”

15.<sup>a</sup> Mudança de categoria grammatical: “*O sabio* ou *o homem sabio*. “*A vida* ou *o viver*.”

## CAPITULO II.

### SYNTAXE PARTICULAR.

A *syntaxe particular* trata em particular das palavras, como elementos da proposição ou do periodo simples.

#### § 1.º

##### *Substantivo.*

O substantivo, quer proprio, quer appellativo, ou serve de sujeito, ou de complemento.

Quando appellativo, pode ser tambem:

a) attributo: "Os captivos foram *presa* dos soldados."

b) subattributo: "As cousas do mundo foram chamadas por Salomão *vaidade* das vaidades."

Chama-se *subattributo* o adjectivo ou substantivo adjectivado, que, como o attributo propriamente dito, tambem attribue ao sujeito uma maneira de existir. Exemplos: "*Estou cansado*." "A primeira habitação de Adão foi chamada *paraíso*." No primeiro exemplo, é subattributo o participio passado *cansado*, que, como o attributo *estante* incluído no verbo, tambem attribue uma qualidade ao sujeito *eu*; no segundo, é subattributo o substantivo adjectivado *paraíso* que, como o attributo *chamada*, separado do verbo, tambem attribue uma qualidade ao sujeito *a primeira habitação de Adão*.

c) apposto: "Lucrecia, *raro exemplo* de honestidade, foi formosa."

Nestes casos, achando-se o substantivo sem artigo, e portanto adjectivado, considera-se como exprimindo uma simples qualidade que se afirma de um sujeito, sem attenção ás fórmulas genericas e numericas.

Os substantivos adjectivados fazendo as vezes de verdadeiros adjectivos, podem ser modificados por adverbios: "Elle é *mais* homem do que tu." "Isto é *muito* verdade."

As partes da oração substantivadas são sempre do genero masculino, e do numero singular ou plural, conforme a idéa que exprimem: "Alli se discutiu *o pro* e *o contra*." "Havia naquelle rir *uns longes* de melancolia."

As orações substantivadas são tambem consideradas substantivos, do genero masculino, e sempre do numero singular: "É preciso *que saias desta terra*."

Os nomes proprios assumem a flexão do plural:

1.º Quando designam ao mesmo tempo duas ou mais pessoas ou cousas, que tenham o mesmo nome: "*Os dous Plinios*, isto é, *o Plinio velho* e *o moço*." "*Os tres Horacios*." "*As tres Americas*, isto é, *a America septentrional*, *a central* e *a meridional*." "*Os Dwinas*, isto é, *o Dwina do norte* e *o do sul*."

2.º Quando são empregados como substantivos communs: "*Tenho dous Christos de marfim*, isto é, *duas imagens de Jesus Christo, feitas de marfim*." "É necessario que haja *Saues liberaes*, paraque haja *Dauids animosos* (VIEIRA)., isto é, É necessario que haja *homens liberaes, como Saul*, paraque haja *homens animosos, como David*." "És mais forte que *dous Golias*, isto é, que *dous homens, como Golias*." "Comprei *cinco havanas*, isto é, *cinco charutos fabricados em Havana*." "Possuo *dous terras novas*, isto é, *dous cães da Terra Nova*." "A Russia tem tantos habitantes, como *quatro Italias*, isto é, como *quatro paizes habitados como a Italia*." "O monte Branco tem a altitude de *quatro Vesuvios*, isto é, de *quatro montanhas da altura do Vesuvio*." "O Atlantico tem mais agua que *vinte Mediterraneos*, isto é, que *vinte mares como o Mediterraneo*."

Todo o nome commum usado como nome proprio de lugar, conserva sempre seu genero: *o Porto, o Rio, a Bahia*, etc.

Os substantivos em geral precedem os adjectivos: **mulher** virtuosa. Esta ordem pode ser invertida, mormente quando o adjectivo é explicativo: *marmore duro, duro marmore*.

Ha locuções em que o uso juxtapoz os vocabulos, de modo a ser inadmissivel a inversão: "*Deus padre, estrella fixa, mão direita*."

Repete-se algumas vezes o substantivo acompanhado da conjuncção *e* ou da preposição *de*, para exprimir augmento, prolongação, abundancia, excesso: «*Estive alli dias e dias*.» «*Dinheiro e mais dinheiro*.» «*Só Deus é rei dos reis*.»

## § 2.º

### *Pronome.*

#### SECÇÃO 1.ª

#### *Funcções dos pronomes pessoaes.*

Os pronomes pessoaes fazem o officio, já de sujeito, já de attributo, já de complemento.

Desempenham a função de sujeito :

1.º Os casos rectos: *eu leio, tu lês, elle ou ella lê*, etc.

2.º Os casos obliquos *me, te, o* ou *a, nos, vos, os* ou *as*, nas orações integrantes infinitivas puras, quando, servindo de complementos objectivos, e com sujeito proprio, tem este força do accusativo, sujeito da oração infinitivo-latina: «O mestre mandou-*me* estudar, mandou-*te* estudar, mandou-*o* estudar, etc.»; e, nas orações integrantes infinitivas preposicionaes que servem de complemento terminativo, e tem por sujeito um pronome que é ao mesmo tempo complemento objectivo das proposições a que se ligam: «Forçou-*me* a sair.» «Ensinou-*te* a ser homem de bem.» «O inimigo provocou-*o* a bater-se,»

Em raros casos, servem de attributo os casos rectos: «Eu sou *tu* e tu és *eu*. (BERNARDES).» «Era preciso que eu fosse *elle*, para proceder assim.»

Representam o papel de complemento objectivo :

1.º Dos verbos transitivos proprios os casos obliquos *me, te, o* ou *a, nos, vos, os* ou *as*: «Protege-*me*.» «Enganam-*te*.» «Defendiam-n-*o*.» «Ama-*nos*.» «Respeitam-*vos*.» «Guarda-*os*.»; e os casos rectos *elle, ella, elles, ellas*, com a preposição *a*, referindo-se á pessoa de quem se fala, e nunca áquella a quem se fala: «Ama a teu inimigo, porque, amando *a elle*, me amas a mim. (VIEIRA).»

2.º Dos verbos transitivos reflexivos e pronominaes reflexos os casos obliquos *me, te, se, nos, vos*: «Eu *me* corto, tu *te* cortas, elle *se* corta, etc.» «Eu *me* arrependo, tu *te* arrependes, elle *se* arrepende, etc.»

Servem de complemento terminativo :

1.º Os casos obliquos *me, te, lhe, se, nos, vos, lhes*: «Dize-*me* a verdade.» «Contaram-*te* uma inverdade.» «Fico-*lhe* obrigado.» «Mestre que *se* dá os parabens de um bom discipulo, (SOUZA).» «Escreveram-*nos* então.» etc.

2.º Os casos obliquos *mim, ti, si* e os rectos *elle* ou *ella, nós, vós, elles* ou *ellas*, regidos de preposição adequada ao sentido relativo do termo antecedente:

«Não se trata *de mim*.» «Queixou-se *de ti*.» «Só cuida *de si*.» «Falou *delle*.» «Interessa-se *por nós*.» «Elle foi traído *por vós*.» etc.

São complementos circumstanciaes:

1.º Si bem que raramente, os casos obliquos *me*, *te*, *lhe*, *se*, *nos*, *vos*, *lhes*: «Deu-*me*, deu-*te*, deu-*lhe*, deu-*se*, deu-*nos*, etc. pancadas, isto é, Deu pancadas *em mim*, *em ti*, *nelle*, *em si*, *em nós*, etc.»

2.º Os casos obliquos *mim*, *ti*, *si* e os rectos *elle* ou *ella*, *nós*, *vós*, *elles* ou *ellas*, regidos de preposição accomodada á circumstancia que se quer exprimir: «*Em mim* ha dous eus.» «Dirigiu-se *p'ra ti*.» «Não cabe *em si* de contente.» «Caiu *nella*.» «*Entre nós* e *vós* ha um abysmo.»

3.º Os casos obliquos *migo*, *tigo*, *sigo*, *nosco*, *vosco*, acompanhados da preposição *com*, que com elles faz corpo: «Vem *commigo*.» «Amanhan serei *contigo*.» etc.

Representa o complemento restrictivo o caso recto *elle* regido da preposição *de*: «A habitação *della* está muito bem localisada.»

A relação restrictiva é expressa ainda por *lhe*, *lhes*, quando equivalem a *delle*, *della*, *delles*, *dellas* ou a *seu*, *sua*, *seus*, *suas*: «Conheço-*lhe* as manhas, isto é, Conheço as manhas *delle* ou *suas* manhas.»

Tambem são complementos restrictivos os pronomes *me*, *te*, *nos*, *vos*, si se podem resolver em *meu*, *teu*, *nosso*, *vosso*. «Roubaram-*me* a bengala, isto é, *minha* bengala.» «Louvo-*te* a paciencia, isto é, *tua* paciencia.» «Baldaram-*nos* os esforços, isto é, *nossos* esforços.»

Os pronomes portuguezes não teem casos correspondentes aos genitivos latinos *mei*, *tui*, *sui*, *nostrum* ou *nostri*, *vestrum* ou *vestri*. Suppre-se esta falta com os adjectivos possessivos *meu*, *teu*, *seu*, *nosso*, *vosso*: «*minha* casa, isto é, a casa *que me pertence*; *seu* lapis, isto é, o lapis *delle* ou o lapis *que lhe pertence*.»

## SECÇÃO 2.ª

### *Funcção do pronome demonstrativo.*

*O*, *a*, *o* (n.), *os*, *as*, quando equivalem a um demonstrativo, como *tal*, *taes*, *aquelle*, *aquella*, *aquillo*, *aquelles*,

*aquellas*, são um verdadeiro pronome demonstrativo, porque, nas fórmulas masculinas e femininas, estão sempre em lugar de um nome; e, na neutra, de um termo que pode ser membro de phrase, proposição ou sentido mais ou menos extenso e complicado com referencia immediata ou remota ao que fica dito, ou se tem na mente, e vae dizer.

Este pronome desempenha as seguintes funcções:

1.<sup>a</sup> De sujeito: «*O* que encontraste no jardim, é o meu melhor amigo, isto é, *Aquelle* que etc.» «*O* que é honesto, é verdadeiramente util, isto é, *Aquillo* que etc.»

2.<sup>a</sup> De attributo: «O homem que blasona de honesto, nem sempre *o* é, isto é, nem sempre é *tal*.» »Foi um principe original, e nenhum houve antes delle, de que podesse ser *copia*, nem haverá outro que *o* seja sua. (VIEIRA).» «A palavra amigo é *a* de que mais se abusa na sociedade, isto é, é *aquella* de que etc.»

3.<sup>a</sup> De subattributo: «Estaes convencida, e eu tambem *o* estou.»

4.<sup>a</sup> De complemento objectivo: «Esta historia acabará de enganar *os* que devem se-lo, isto é, *aquelles* que etc.»

Não se deve confundir este pronome, quando complemento objectivo, com *o*, *a*, *os*, *as*, fórmulas de *elle*, *ella*, *elles*, *ellas*, pois que, no desempenho dessa funcção, ao contrario do que com estas se dá, é elle sempre antecedente do adjectivo conjunctivo, e independe do hyphen.

### SECÇÃO 3.<sup>a</sup>

#### *Funcção do pronome indefinido.*

Ensinam alguns, mas erradamente, que o pronome indefinido *se* é sempre a expressão litteral do pronome indefinido francez *on*. Deste engano resulta o facto de considerarem *se* como sujeito em phrases como estas: «Alugam-*se* casas.» «Fala-*se*.», porque *on*, nas corres-



pondentes francezas, desempenha essa função. Em taes exemplos, *se* é um termo dependente do verbo ou um complemento objectivo apparente, cujo papel se cifra em converter verbos pessoaes em impessoaes com fôrma passiva, ou em apassivar verbos transitivos.

Ligeiro confronto destas duas palavras basta para fazer convencer da palmar differença que entre ellas ha.

1.º O pronome indefinido francez *on*, que, no seculo 12.º, tinha por graphia *om*, e, em tempos mais remotos, *hom*, nada mais é que o nominativo do singular do substantivo latino *homo*, e significa propriamente *un homme*: "*On lui amène son destrier.*" isto é "*Un homme lui amène son destrier.*" Entretanto o pronome indefinido *se* vem do caso obliquo *se* do pronome latino *sui*, *sibi*, *se*.

Ha em portuguez o vocabulo *hom* ou *homem*, tomado em sentido indefinido, e usado sem artigo, que corresponde exactamente ao *on* francez, e cujo emprego foi pouco a pouco caindo em desuso: "Cá sem razom seria ao afflicto accrescentar *hom* afflicção. (D. DUARTE)." "Grão trabalbo e custosa cousa é fazer *homem* o que deve. (SOUZA)."

O *on* francez pois não tem actualmente equivalente directo em portuguez. Conforme o sentido do discurso, pode ser traduzido de diversas maneiras: 1.ª pelo pronome indefinido *se*: "*Vae-se* == *On va.*" "*Ama-se* a virtude. == *On aime la vertu.*" 2.ª por *um homem*: "*Pode um homem* viver solitario no meio de sua familia. == *On peut être solitaire dans sa maison.*"; 3.ª por *o homem*: "*Convem que o homem* forme na solidão o seu caracter. == *Il faut qu'on forme son caractère dans la solitude.*"; 4.ª por *os homens*: "*Não attendem os homens* bastante ás lições da experiencia. == *On n'écoute pas assez les leçons de l'expérience.*"; 5.ª por *uma pessoa*: "*Ainda uma pessoa* não pode dar o negocio por seguro. == *On ne peut encore compter sur rien.*"; 6.ª por *a gente*, no estylo familiar: "*O que a gente* desperdiça, tira-o aos seus herdeiros. == *Ce que l'on prodigue, on l'ôte à son héritier.*"; 7.ª pelos adjectivos *alguem*, *cada um*, *ninguem*, *quem*, *qualquer*, *todos*: "*Si alguem* vos perguntar, etc. == *Si l'on vous interroge, etc.*" "*Creia cada um* o que quizer, mas eu penso etc. == *On en croira tout ce qu'on voudra, mais je pense etc.*" "*Ninguém* escreve sinão para ser entendido. == *On n'écrit que pour être compris.*" "*Quem* é pobre, deve ser industrioso. == *Quand on est pauvre, il faut être industrieux.*" "*Ao seu porte guerreiro, qualquer* ou *qualquer pessoa* o reconhecia facilmente. == *A son air martial, on le reconnaissait aisément.*" "*Elle* o disse, e *todos* se lembram disso. == *Il l'a dit, et on s'en souvient.*"; 8.ª pela terceira pessoa do plural sem sujeito expresso: "*Dizem* que etc. == *On dit* que etc."; 9.ª pela primeira pessoa do plural: "*A festa dos Tabernaculos* era, como já *vimos* (isto é, como *nós* que falamos, escrevemos, entendemos ou lemos), *uma commemoração*, etc. == *La fête des Ta-*

bernacles était, comme *on* l'a déjà vu, une commémoration, etc.,; 10.<sup>a</sup> pelo verbo na voz passiva formada pelo verbo *ser* e o participio passado: "Tres vezes a fio *foi confirmado* nesta dignidade.—*On* le confirma trois fois de suite dans cette dignité.,; 11.<sup>a</sup> dando á phrase construcção differente: "*Custou muito* a salva-lo.—*On eut de la peine* à le sauver., "Já se vê que queremos falar aqui de etc.—*On sent* que nous voulons parler de etc.,

As phrases francezas, cujos verbos são reflexivos ou pronominaes reflexos, tornam-se inintelligiveis, si se traduzir *on* por *se*: "*On s'y tue, on se repent*, dariam estas moxinfadas: "*ahi se se abafa, se se arrepende*."

Devido ainda ao facto de pensarem que *se* é sujeito, como termo sempre correspondente a *on*, commettem muitos estes dous gallicismos de construcção: 1.<sup>o</sup> "*Não se* é obrigado a dizer a verdade toda. (*On n'est pas obligé* de dire toute la vérité)., Em bom portuguez dir-se-á: "*Não somos* obrigados, ou *Ninguém, nenhuma pessoa, nenhum homem* é obrigado a dizer a verdade toda.,; 2.<sup>o</sup> "Nestas reuniões, o espirito, não *se o procura*. (Dans ces réunions, l'esprit, *on ne le cherche pas*)., Em linguagem castiça, dever-se-á construir esta phrase deste modo: "Nestas reuniões, não *se procura* espirito., Deste gallicismo pullulam estas duas incongruencias: 1.<sup>a</sup> Pospor-se ao indefinido *se* o pronome *o* que, em caso algum, deve ser assim collocado; 2.<sup>a</sup> Achar-se na phrase o pronome pessoal *o* como complemento do verbo, do qual já *o* é *se*, quando para isso não ha razão, visto que *se* refere a *espirito* que, alem de estar expresso, é o sujeito.

2.<sup>o</sup> Tanto o pronome francez *on*, como o indefinido portuguez *se* conservam a mesma força das palavras latinas de que veem: aquelle é sempre sujeito do singular; e este, complemento.

3.<sup>o</sup> Sendo o sujeito a idéa principal do juizo, o termo que a representa, é inteiramente independente do verbo; o que não se dá com *se* que, a elle posposto, se lhe liga pelo hyphen, como termo rigorosamente dependente delle.

4.<sup>o</sup> *On* pode estar em relação com um substantivo do plural, *on* com adjectivos de fórma masculina ou feminina tanto do singular como do plural; não corre o mesmo com o pronome *se*: "*On n'est point des esclaves*. (MOIÈRE)., "*On est heureuse d'être mère*. (NODIER)., "*On est égaux*, quand on s'aime. (FAVART).,

5.<sup>o</sup> O vocabulo *on* dá sempre começo á phrase, ao contrario do que *se* verifica com o pronome *se* que nunca a deve iniciar.

6.<sup>o</sup> Em conclusão, na lingua franceza, tambem se encontram phrases, em que o verbo está apassivado pelo pronome *se* que grammatico algum francez considera sujeito dellas: "*Tout ce qui se mange* avec plaisir, *se digère* avec facilité. (BERNARDIN DE SAINT PIERRE)., A phrase franceza "*Tout ce qu'on mange* avec plaisir etc., significa o mesmo; mas a funcção exercida por *on* é mui diversa da que desempenha *se* em "*Tout ce qui se mange* etc.

§ 3.º

*Adjectivo.*

SECÇÃO 1.ª

*Adjectivo Qualificativo.*

O adjectivo qualificativo pode estar antes ou depois do substantivo. Casos ha porém em que os restrictivos collocados antes, teem uma significação; e, collocados depois, outra, como se vê nos seguintes exemplos: *homem bom*, que vive honradamente; *bom homem*, de boa indole: *homem pobre*, sem fortuna; *pobre homem*, de pouca ponderação, insignificante: *homem puro*, que tem costumes puros; *puro homem*, que tem a natureza de homem, sem mistura: *homem rico*, que tem fortuna; *rico homem*, nobre, distincto: *homem santo*, canonisado; *santo homem*, de costumes muito puros: *homem verdadeiro*, que fala verdade; *verdadeiro homem*, que tem os caracteres do genero humano: *certo amigo*, indeterminado; *amigo certo*, verdadeiro, fiel: etc.

Em regra, o adjectivo posposto tem sentido proprio; e o anteposto, translato.

O adjectivo *meio* em composição com outro é invariavel, significando *algum tanto*; e variavel, se exprime exactamente *a metade*: janella *meio*-aberta=janella *algum tanto* aberta; janella *meia*-aberta=janella de que está aberta a metade exactamente.

Em palavras compostas, contrahe-se em *mor* o adjectivo comparativo *maior*: alferes-*mor*, tambor-*mor*; e bem assim na formação do adverbio *mormente*, mais usado que *maiormente*. Algumas vezes dá-se o mesmo na poesia: «*Mor* seria o martyrio.»

Não admittem superlativo organico ou synthetico:

1.º Os adjectivos que terminam por duas vogaes: *bravio*, *doentio*, *ferreo*, *idoneo*, *necessario*, *vadio*.

2.º A maior parte dos adjectivos compostos, sobretudo os que constituem a tecnologia scientifica: *belligero*, *cabisbaixo*, *centripeto*, *dynamico*, *febrifugo*, *grandiloquo*, *noctambulo*, *paregorico*, *psychologo*, *scenographico*, *sudorifico*, *uroscopico*, *vegeto-mineral*.

3.º Os adjectivos de significação, mais ou menos definida. São taes os que exprimem:

- a) As fórmulas geometricas dos corpos: *conico*, *oval*, *parallelo*, *quadrado*, *redondo*, *triangular*.
- b) Os diversos pontos geographicos do globo terrestre: *antartico*, *artico*, *austral*, *boreal*, *central*, *glacial*, *meridional*, *occidental*, *oriental*, *septentrional*.
- c) Os logares ou a patria de que alguém é natural: *americano*, *brazileiro*, *europcu*, *fluminense*, *paulista*, *sergipano*.
- d) O estado civil das pessoas: *casado*, *solteiro*, *viuvo*.
- e) As diversas modalidades do tempo ou da duração: *annual*, *diario*, *diurno*, *eterno*, *hibernal*, *hodierno*, *matutino*, *mensal*, *nocturno*, *automnal*, *perpetuo*, *semanal*, *secular*, *vespertino*, *vitallcio*.
- f) As personalidades historicas celebres: *affonsino*, *camoneano*, *dantesco*, *homerico*, *manuelino*, *ptolomaico*, *socratico*.
- g) As qualidades immutaveis e definidas: *astral*, *corporal*, *divino*, *espiritual*, *filial*, *infinito*, *immortal*, *lunar*, *maternal*, *paternal*, *perfeito*, *physico*, *sideral*, *solar*.

As fórmulas *divinissimo*, *infinitissimo*, *mesmissimo*, *muitissimo*, *principalissimo*, *supremissimo* são superlativos apenas exteriormente, porque a flexão não lhes altera o conceito significativo (1).

---

(1) MAXIMINO DE ARAUJO MACIEL.—*Grammatica Descriptiva*, pag. 141.

Casos ha em que o superlativo absoluto torna-se relativo, juntando-se-lhe o artigo definido: *o miserrimo* dos homens, *a formosissima* entre as mulheres.

Quando um adjectivo está collocado depois de dous nomes, dos quaes o segundo figura como complemento do primeiro, ora concorda com um, ora com outro, conforme o sentido: *botões* de metal *redondos*, botões de *metal amarello*.

É idiotismo muito empregado usar-se em phrases exclamativas de adjectivos seguidos da preposição *de* e de um pronome ou de um substantivo, precedido ou não de adjectivo: «*Feliz delle! Coitado do João! Pobre do teu amigo!*» Em phrases que não sejam exclamativas, pode-se pôr antes do adjectivo o artigo definido: «*A pobre da menina.*»

Em nomes compostos, perde o adjectivo *grande* sua ultima syllaba antes de consoante, e só o *e final* antes de vogal: *gran-cruz*, *grand-almirante*. A forma *grão* que, no primeiro caso, se emprega de preferencia á forma *gran*, serve para os dous generos: *grão-mestre*, *grão-mestra*.

O adjectivo *santo* se contrahe em *são* antes de consoante: *São* Pedro; e conserva-se inalterado antes de vogal: *Santo* Aleixo; a sua forma feminina porem em caso algum soffre alteração: *Santa* Maria, *Santa* Anna.

Os adjectivos *cabrum*, *ovelhum*, *vaccum* só se empregam com o substantivo *gado*: *gado cabrum*, etc.

#### SECÇÃO 2.ª

#### *Adjectivo Determinativo.*

#### I

#### ARTIGO.

##### a) *Uso do artigo definido.*

Antepõe-se o artigo definido:

1.º Aos appellativos,

- a) que desempenham a função de sujeito ou de complemento objectivo, quando significam todos os individuos da classe: «**o** *carneiro* é manso.» «Receio mais **o** *tigre* do que **o** *leão*.»
- b) que teem significação restringida por um complemento restrictivo, ou por qualquer termo a este equivalente: «**o** *chapéu de Maria* está na moda.» «**o** *homem probo* é acatado.» «**o** *paraíso, primeira habitação de Adão*, chamava-se Eden.» «Já leste **o** *livro que te emprestei?*»

O complemento restrictivo ou seu equivalente pode estar occulto: «Chegou *o homem*, isto é, *o homem de que te falei, que ficou de vir*, etc.

- c) que se acham determinados pelo demonstrativo colectivo *todo, toda, todos, todas*: «Gastou *toda a sua fortuna*.» «Foi exacto no cumprimento de *todas as obrigações contrahidas*.»
- 2.º Aos nomes proprios de pessoas,
- a) quando alcunhas: «**o** *Tiradentes*.» «**o** *Caramuru*.»
  - b) quando significam individuos celebres: «**o** *Cesar*.» «**o** *Vasco da Gama*.»
  - c) quando exprimem pessoas que são familiares aos interlocutores: «Viste **o** *Correa?*» «**o** *Julio* é uma excellente pessoa.»
  - d) quando por synecdoche se convertem em comuns: «**os** *Castros*.» «**o** *Homero portuguez*.»
- 3.º Aos nomes proprios de cousas, si significam
- a) as cinco partes do mundo e grandes regiões: «**a** *Europa*.» «**a** *America*.» «**o** *Sahara*.» «**a** *Nigricia*.»

Outrora dizia-se *Europa, Asia*, etc. sem artigo.

- b) paizes: «**o** *Brazil*.» «**a** *França*.» Exceptuam-se *Portugal, Castella* e poucos mais, salvo quando acompanhados de algum termo que lhes limite o sentido: «**o** *Portugal do Marquez de Pombal*.» «**a** *nossa Castella*.»

- c) provincias, estados ou divisões analogas: «**o** *Minho.*» «**o** *Maranhão.*» São numerosas as excepções a esta regra: «*Pernambuco, S. Paulo, Santa Catharina, etc.*»
  - d) astros, ilhas, cidades, villas ou outras quaesquer especies de povoações, e si foram communs em sua origem: «**o** *Cruzeiro do Sul e as Ursas.*» «**a** *Madeira.*» «**o** *Recife.*» «**o** *Funchal.*»
  - e) montanhas ou montes: «**os** *Andes.*» «**o** *Olympo.*»
  - f) promontorios ou cabos: «**o** *Ortegal.*» «**o** *Pas-saro.*»
  - g) mares: «**o** *Pacifico.*» «**o** *Adriatico.*»
  - h) estreitos: «**o** *Bosphoro.*» «**o** *Sund.*» Exceptuam-se *Gibraltar, Jenikalé* e outros.
  - i) rios: «**o** *Amazonas.*» «**o** *Tietê.*»
  - j) obras primas — artisticas ou litterarias: «**a** *Alhambra.*» «**a** *Eneida.*»
  - k) embarcações: «**a** *Trajano.*» «**o** *Pirapama.*»
- 4.º As partes da oração ou ás orações, para substitua-las: «*As vezes o barato sae caro.*» «*Em mim ha dous eus, o eu da carne, o eu do espirito.*» «*Os dares e os tomares.*» «*o gabares-te de sabio prova seres ignorante.*»
- 5.º Aos nomes de parentesco e de objectos possuidos, em substituição aos adjectivos possessivos, si o sentido da phrase é tão claro que não deixa duvida sobre o possuidor: «*Foi com o irmão.*» isto é «*com seu irmão.*» «*Perdi as luvas.*» isto é «*as minhas luvas.*»
- 6.º Ao nome *senhor, a, es, as*, acompanhado ou não de substantivo, quando não é usado como rigoroso vocativo: «**o** *Senhor* já me tem obsequiado muito.» «**a** *Senhora D. Thereza* saiu.» «*Que dizem da paz os Senhores Representantes da Nação?*»
- 7.º Aos adjectivos qualificativos que precedem ou seguem a nomes proprios de pessoas, quando constituem os epithetos, por que são regularmente conhecidas: «**o** *eloquente Cicero.*» «*D. Affonso, o conquistador.*»

8.º Aos comparativos de superioridade e de inferioridade, para se formar o superlativo relativo: «A lingua de um povo é o monumento *mais importante* da sua historia.» «Demosthenes, o *mais eloquente* orador da Grecia.» «Tu és o *menos feliz* de todos.»

9.º Aos adjectivos demonstrativos *mesmo*, *proprio*, quando á idéa de identidade se junta a da determinação do individuo: «É este o *homem*? É o *mesmo*.»

10.º Ás fórmulas *qual*, *quaes*, quando funcionam como adjectivo conjunctivo: «Alguns homens ha, para os *quaes* a virtude é um vocabulo vazio de sentido.»

11.º Aos adjectivos numeraes cardinaes que indicam horas, si se acham regidos de preposição: «*As* quatro horas.» «*Das* cinco *às* sete.» «*Pelas* onze horas da noite.»

12.º Aos adjectivos numeraes ordinaes, quando precedem os nomes: «O *primeiro* seculo.» «A *segunda* classe.»

13.º Aos adjectivos possessivos, quando se tem de designar com mais especialidade ou individuação o objecto expresso pelo nome: «Esse chapéu que tendes, é o *meu*.» «Estou com a *minha* enxaqueca.» «Pois todos estes que aqui tendes presentes, não são tambem vossos filhos? Sim, são: são meus filhos; mas não são o *meu* filho. (VIEIRA).»

Cumpra observar que escriptores, quer antigos, quer modernos, usam frequentemente do artigo definido antes dos possessivos, mesmo quando não se dá a necessidade da individuação.

#### b) Omissão do artigo definido.

Omitte-se o artigo definido:

1.º Geralmente antes dos nomes proprios de pessoas ou de animaes, quando desacompanhados de restrictivos: «*Maria* colheu muitas flores.» «Chama-se *Bucephalo* o cavallo de Alexandre.»

2.º Antes dos nomes proprios de astros, ilhas, cidades, villas ou de outras quaesquer povoações, os quaes não foram communs em sua origem: «*Ceylão* é rica.»



«*Lisboa* é banhada pelo Tejo.» «*Jupiter* é maior que *Mercurio*.»

3.º Antes do substantivo capital de uma definição: «*Geographia* é a descripção da terra.»

4.º Antes dos substantivos que constituem uma enumeração: «*Penitencia, zelo, sabedoria, amor, fortaleza*, tudo se acha em S. Francisco, copia de Christo. (VIEIRA).»

5.º Antes de appellativos tomados em sentido indeterminado ou partitivo: «Tenhamos *paciencia*.» «Recebeste *dinheiro*?»

6.º Antes dos vocabulos ou palavras em apostrophe: «Não terei, *Senhores*, pejo de vos dizer que ao visorei da India faltam nesta doença as commodidades que acha nos hospitaes o mais pobre soldado! (J. FREIRE).» «*Eurico!* *Eurico!* enlouqueceste.»

7.º Antes dos termos principaes dos ditos sentenciosos: «*Ovelha* que bala, *bocado* perde.»

8.º Antes de termos synonymos: «O fumo, *tabaco* ou *betum* é uma planta originaria da America.»

9.º Antes de termos relativos ao mesmo individuo, exceptuando o primeiro delles: «O rei da Prussia e *imperador* da Allemanha.» «O bom e *sabio* D. Romualdo.»

10.º Antes dos nomes attributos: «Este é pae de Pedro.»

11.º Depois do adjectivo *todo, toda*, quando é distributivo proprio, ou tem a significação de *cada*: «O cumprimento de *toda* obrigação contrahida é um dever sagrado.» isto é «O cumprimento de *cada* obrigação etc.»

12.º Antes do adjectivo interrogativo: «*Que* dizes?»

13.º Antes dos adjectivos numeraes, designativos dos dias nas datas: «Galileu nasceu a 15 de Fevereiro de 1564, e morreu em 9 de Janeiro de 1642.»

Com o adjectivo numeral ordinal *primeiro* emprega-se geralmente o artigo: «*No primeiro* de Abril.» com quanto se possa dizer tambem: «Venha a *primeiro* de Maio.» Estando claro o substantivo *dias*, ou podendo ser facilmente subentendido, tambem se usa do artigo: «*Aos doze* dias do mez de Janeiro.» ou simplesmente: «*Aos doze* de Janeiro.»

14.º Antes das phrases exclamativas: «*Dia feliz!*»  
«*Que lindo passarinho!*»

c) *Uso do artigo indefinido.*

Levam o artigo indefinido antes de si:

1.º Os nomes appellativos tomados em sentido vago ou indeterminado: «*Um homem sensato* não fazia tal.»  
«São *uns amigos* do Rio.»

2.º Os nomes proprios,

a) quando adjectivados: «Casimiro de Abreu foi *um Lamartine.*»

b) quando, fazendo o officio de appellativos, são empregados em sentido emphatico: «Aqui morreu de miseria *um Camões.*»

c) quando designam pessoas que não se conhecem, ou antes que se conhecem só de nome: «Mandaram como capitão *um Francisco Dias.*»

d) quando significam pessoas de vida muito obscura: «É *um José Antonio.*»

3.º Os verbos no infinito tomados substantivamente: «Ha gente para quem a vida é *um perpetuo soffrer.*»

4.º Qualquer parte da oração substantivada: «Bastame *um sim* da sua parte.»

5.º Os substantivos do plural, quando o artigo indefinido indica uma quantidade indeterminada: «Chegaram *uns estudantes.*» isto é «*alguns* estudantes.»

d) *Omissão do artigo indefinido.*

Não se usa do artigo indefinido:

1.º Antes dos nomes attributos: «Maria é *escriptora.*»

Por emphase, ou quando o substantivo é acompanhado de algum modificativo, pode ser empregado o artigo indefinido: «Augusta é *uma heroína*; e Magdalena, *uma escriptora fluente.*»

2.º Antes de substantivos, como os das phrases seguintes, que teem significação geral: «É *cousa* que pouco

me interessa.» «É cão de caça.» «Ha *brazileiro* que o ignore?» «Conservei em *frasco* bem tapado.» «Assignar *termo*.» «Fazer *face*.» «Como *paciente ovelha*.» etc.

3.º Antes dos nomes appostos: «Sapho, *poetiza mavisiosa*, precipitou-se de um rochedo.»

4.º Antes do distributivo partitivo *outro, a, os, as*: «Si este não lhe convem, aqui tem *outro*.» «Não quero estes livros; mostre-me *outros*.»

e) *Repetição dos artigos.*

Repete-se o artigo:

1.º Antes dos nomes antonymos: «Aqui tendes diante dos vossos olhos *o bem* e *o mal*, *a agua* e *o fogo*, *a vida* e *a morte*. (BERNARDES).»

2.º Antes dos substantivos de genero ou numero differente: «Soam, roncarn, bramem como leões, representam *as forças*, *o odio*, *a crueldade*, *o furor*, em fórmas horrendas. (LUCENA).»

Ha escriptores de nota que nem sempre se conformam com esta regra: «Ditosos aquelles que, a preço de seu risco, compraram a segurança da *patria*, *mulheres*, *filhos*, *religião*. (D. FRANCISCO MANOEL DE MELLO).» «Oh! homem! dizia um dos dous frades a quem *a tez* macilenta e *as barbas* e *cabellos* grisalhos davam certo ar de autoridade sobre o outro. (A. HERCULANO).»

3.º Antes de adjectivos ligados pela conjuncção *e*, que se referem a um dado substantivo, já modificado por outro qualificativo, quando exprimem qualidades ou idéas incompatíveis: «Foram as duas melhores espadas *da lei velha* e *da nova*. (VIEIRA).»

4.º Antes dos membros de uma gradação: «*Um gesto*, *uma palavra*, *um olhar* bastava para infundir respeito.»

Ás vezes, com o fim de dar á phrase mais movimento e energia, supprime-se o artigo antes dos substantivos que constituem uma gradação: «Imagine o leitor *a zanga*, *despeito*, *odio*, *raiva*, *fúria* e *rancor*, que ficaria subsistindo entre os dous frades.»

II

ADJECTIVO DEMONSTRATIVO.

a) *Adjectivo demonstrativo puro.*

Os adjectivos demonstrativos puros *este, esse, aquelle* juntos aos possessivos, dão ao dizer muita precisão e clareza, porque tanto uns como outros equivalem a phrases inteiras: «*Este meu lapis, isto é, o lapis que está aqui, e que me pertence.*»; e, sendo o possessivo *seu, sua, seus, suas*, torna-se alem disso impossivel a ambiguidade que do seu emprego pode resultar, por se referir, ora á pessoa a quem se fala, ora á pessoa de quem se fala: «*Essa sua exigencia, isto é, essa exigencia que o Sñr. faz.*» «*Aquelles seus conselhos, isto é, os conselhos que o Sñr. me deu.*» «*Aquelle seu amigo, isto é, aquelle amigo do Sñr. ou o amigo que lhe pertence, e que está distante do Sñr.*»

Com taes demonstrativos puros, acompanhados de *como*, constroem-se phrases ellipticas e comparativas de sentido vago, mas que constituem verdadeiras bellezas. As phrases: «*Este como ninho, esses como astros, aquellas como estrellas*, equivalem a *esta cousa que parece ninho, essas cousas que parecem astros, aquellas cousas que parecem estrellas.*»

Tambem se constroem phrases semelhantes com o artigo indefinido que, em tal caso, assume o character de demonstrativo: «*Um como ninho, isto é, ~~uma~~ cousa que parece ninho.*»

As vezes é meramente emphatico o emprego dos demonstrativos: «*Esses homens que desprezam a virtude, e amam o vicio, são mais infelizes do que pensam.*»

Tambem se usa delles em sentido depreciativo: «*Não me fale nisso ou nesse homem*»; e familiar: «*Isso (o filho, por exemplo) tem me custado muitas lagrimas.*» «*Aquillo (um amigo) é homem com quem se pode contar.*»

Algumas vezes empregam-se *este, esta, estes, estas* por *tal*: «*Não saía com este tempo, ou com um tempo destes.*» isto é «*Não saía com tal tempo.*»

Os adjectivos *tal*, *o tal*, *semelhante* podem, em certas proposições, ser considerados como demonstrativos puros: «Nunca vi *tal* homem.» isto é «Nunca vi *este* homem, ou o homem de quem falaes.» «O *tal* sujeito enganou-nos.» isto é «*Aquelle* sujeito sobre que falamos, etc.» «Não digas *semelhante* cousa.» isto é «Não digas *isso* ou *tal* cousa.»

No estylo corrente, commercial ou epistolar, diz-se frequentemente *nesta*, *nessa*, com referencia ao substantivo *cidade*, occulto.

Quando se fala com emphase, pospõe-se *mesmo* aos casos rectos dos pronomes pessoaes: «*Eu mesmo* fiz.» «*Tu mesmo* disseste.» «*Ella mesma* escreveu.»

Tambem pode ser collocado depois de *mim*, *ti*, *si*, *nós*, *vós*: «de *mim mesmo*, a *ti mesmo*, de *si mesmo*, por *nós mesmos*»; e ainda depois de *commigo*, *contigo*, *consigo*: «*commigo mesmo*, etc.» Não se pode dizer entretanto: «*connosco mesmos*, *convosco mesmos*»; mas sim: «*com nós mesmos*, *com vós mesmos*.»

*Mesmo* não se repete, si estiver modificando mais de um substantivo consecutivo, ainda que de generos differentes: «Eram *os mesmos* chefes e soldados.» «Tinha *as mesmas* qualidades e defeitos que seu pae.»

Antes dos substantivos, vem sempre precedido do artigo definido: «É o *mesmo* homem ou a *mesma* mulher.»

*Mesmo*, *mesma*, etc. tem superlativo synthetico: «É o *mesmissimo* homem.»

Este superlativo pode ser usado tambem depois dos pronomes pessoaes: «É *elle mesmissimo*.»

Tambem se usa de *proprio*, *propria*, *proprios*, *proprias*, equivalendo a *mesmo*, *mesma*, *mesmos*, *mesmas*, depois dos pronomes, sem artigo definido: «*Tu proprio* o fizeste.» «Alienar-se de *si proprio*.»; e antes dos substantivos, com elle: «O *proprio* Deus.» «Os *proprios* reis.»

b) *Demonstrativo colectivo.*

O adjectivo demonstrativo *todo* é colectivo nestes dous casos:

1.º Quando, nas fórmulas masculinas e femininas tanto do singular como do plural, faz o appellativo significar todos os individuos da classe juntamente: "*Todo o homem é mortal.*" isto é "*Todos os homens são mortaes.*" Neste caso, equivalendo ao adjectivo latino *omnis*, colloca-se antes do nome, e é seguido do artigo definido.

2.º Quando, na forma masculina e feminina do singular, faz o appellativo significar o objecto considerado em todas as suas partes integrantes: "*Queimou-se toda a casa ou a casa toda.*" Neste caso, equivalendo ao adjectivo latino *totus* ou a *inteiro*, põe-se antes ou depois do substantivo determinado pelo artigo definido.

Algumas vezes emprega-se *todo* significando *inteiramente*. Apesar desta sua significação adverbial, por euphonia concorda com o substantivo ou pronome: "*Está toda mudada.*" "*O collete está todo roto.*" "*Estamos todos molhados.*"

Neste caso, quando *todo* está no plural, pode dar-se ambiguidade, como se vê do ultimo exemplo, que parece ter também esta significação: "*Nós todos estamos molhados.*", a qual diverge de: "*Nós estamos inteiramente molhados.*" Temendo esta confusão, diziam os escriptores antigos: "*Todo entanguidos.*" "*Todo afflictas.*" É porém preferível dar outro torneio á phrase, e empregar algum dos adverbios *totalmente*, *inteiramente*, *de todo*: "*Estamos inteiramente molhados.*" Ha casos entretanto em que *todo* fica sempre invariavel, como em "*Providencia todo-poderosa.*"; mas então liga-se ao adjectivo pelo hyphen.

*Tudo* é sempre colectivo universal, e independe do artigo: "*Tudo é vaidade.*" isto é "*Todas as cousas etc.*"

Em geral o demonstrativo colectivo *todo* não se repete, quando determina substantivos consecutivos: "*Todos os nossos erros e illusões.*"

c) *Adjectivos demonstrativos distributivos proprios.*

*Cada* distribue positivamente os individuos de uma classe ou as partes de uma totalidade, isto é, considera as partes de um todo, quaesquer que ellas sejam, como outras tantas unidades proporcionaes, para por ellas distribuir o attributo da proposição, clara ou occulta que

suppõe antes de si: "*Cada homem* tem sua opinião." isto é "*Todos os homens* teem opiniões, *cada qual* ou *cada um* a sua." "São doze os hospedes; destine a *cada tres* um quarto."

Muitas vezes pospõem-se a *cada* os adjectivos *um*, *qual*: "*Cada um* colhe, segundo semeia." "*Cada qual* com seu igual."

O adjectivo demonstrativo *todo* é distributivo proprio, quando, na fôrma masculina e feminina do singular, faz o appellativo significar todos os individuos da classe separadamente ou cada um de per si: "*Todo homem* despreza a ostentação." isto é "*Cada* ou *qualquer homem sensato* despreza etc." "Compre a casa por *todo preço*." isto é "*por qualquer preço*." Neste caso, *todo* equivale a *cada* ou *qualquer*, e antepõe-se ao nome, sem artigo.

*Qualquer* refere-se a individuos indeterminados — pessoas ou cousas —, tomados indistinctamente dentre os da classe; pode ser posto antes ou depois do appellativo: "*Qualquer homem* conhece isso." "*Um homem qualquer* vos ensinará o caminho." "Com *qualquer esmola* fica contente o mendigo."

*Quemquer* distribue o objecto, designando uma pessoa indeterminada da classe, tomada tambem indistinctamente: "*Quemquer* que seja." isto é "*Qualquer pessoa* que seja, *Seja que pessoa for* ou *Seja quem for*."

*A qual* tem a mesma significação de *cada qual*: "Esta questão complexa envolvia muitas outras, *a qual* dellas mais espinhosa. (J. F. LISBOA)." isto é "*cada qual* dellas etc."

O *a* que vem antes de *qual*, é preposição; constitue isto um idiotismo da lingua.

d) *Adjectivos demonstrativos distributivos partitivos.*

*Outro* exprime partes ou porções contrapostas: "*Umas* tocavam, *outras* dansavam." isto é "*Umas dellas* tocavam, *outras dellas* etc."

*Umas*, neste exemplo, por se lhe oppor *outras*, converte-se de artigo em partitivo. É ainda partitivo, quando repetido:

“Das gentes populares *uns* approvam  
A guerra com que a patria se sustinha;  
*Uns* as armas alimpam e renovam,  
Que a ferrugem da paz gastadas tinham. (CAMÕES.)”

O substantivo precedido de *um e outro*, conserva-se sempre no singular: “*Um e outro* advogado”, e não “advogados”. Em Frei Luiz de Souza, encontram-se exemplos do plural, que não devem ser imitados.

*Outro* significando *different*e, é qualificativo: “São *outros* os mares da China, e muito *outros* os que se atravessam della para o Japão.”

*Al*, fôrma neutra e antiquada de *outro*, quer dizer *outra coisa*: “*Al* não faças.” isto é “Não faças *outra coisa*.” Usa-se ainda de *al* no fim das sentenças de absolvição, onde é uma palavra sacramental: “Si por *al* não estiver preso.”

O adjectivo *algum, alguma, algo*, etc. extrahe da totalidade dos individuos, já um, já muitos, indeterminadamente: “Tenho *algum dinheiro*.” “*Alguns* homens ha.”

Em phrases como estas: “*Homens ha. Annos ha.*” está este adjectivo occulto por ellipse.

Tambem ha ellipse de partitivos, em phrases como as seguintes, em que *delles* parece ser o sujeito: “*Delles* falaram; *delles* obraram; *delles* conservaram-se inactivos.” isto é “*Uns* *delles*; *outros* *delles*; *alguns* *delles* etc.”

*Algum* posposto ao substantivo em phrases que tem o verbo modificado por uma negação, toma o sentido negativo de *nenhum*: “Não vi homem *algum*.” isto é “Não vi homem *nenhum*.”

*Algo*, fôrma neutra e antiquada de *algum*, é o mesmo que *alguma coisa*: “Os sacrificios para impetrar misericordia, hão de custar *algo* a quem os offerece.”

Tambem se usa de *algo*, como adverbio, significando *algum tanto, um pouco*; “Perdeu um estribo, e fez um revez *algo* desairoso.”

*Nenhum* é um universal que applica negativamente um attributo a todos os individuos da classe: «*Nenhum* homem me appareceu alli.»

*Nenhum* não significa o mesmo que *nem um*, si bem seja destas palavras composto. *Nem um* tem sentido mais absoluto: “*Nem um* só dia de alegria teve.”



Os escriptores antigos usavam algumas vezes do adverbio *não* em uma oração que tinha por sujeito um nome modificado pelo adjectivo *nenhum*, posto antes do verbo: "*Nenhum* mal *não* é crido." Mas tal modo de dizer, imitado do francez, está hoje proscripto da boa linguagem portugueza. Devemos dizer, dando outra feição ao contexto: "*Não* é crido mal *algum*." "*Não* é crido mal *nenhum*." "*Nenhum* mal é crido."

No sentido de *nullo*, *sem vigor*, *sem effeito*, é o adjectivo *nenhum* um qualificativo: "Tendo por *nenhumas* as perdas. (FREI BERNARDO DE BRITO)."

*Nenhum* oppõe-se a *um*, *outro*, *algum*, quando intervem a conjuncção *mas*: "*Um* ou *um dentre elles* falou pouco; *outro* ou *outro dentre elles*, muito: *algum* ou *algum dentre elles*, entre pouco e muito: **mas** *nenhum* ou *nenhum dentre elles*, satisfactoriamente.

*Nada*, forma neutra de *nenhum*, equivale a *nenhum* *uma cousa*: "*Nada* duvida quem não sabe."

*Outrem* (outro homem) refere-se a uma pessoa indeterminada, que está na relação de segunda para com outra, primeira na ordem: "*Outrem* o julgue, que eu o que quero provar, é o milagre. (VIEIRA.)"

*Alguem* (algum homem) diz-se de uma pessoa indeterminada, e vaga, que se não nomeia, nem pode nomear: "*Alguem* ha que o diz."

*Ninguém* (nenhum homem) nega indeterminadamente alguma cousa de todas as pessoas de uma classe: "*Ninguém* se contenta com a sua sorte."

Usa-se de *outrem*, *alguem*, *ninguem* com adjectivos, já na forma masculina, já na feminina, segundo o sexo das pessoas de quem se fala: "*Outrem* mais *prendado* ou *prendada* do que eu." "Aqui não ha *alguem* tão *isento* ou *isenta* de vaidade que etc." "Aqui não ha *ninguem* que não fique *soudoso* ou *saudoso* do Sñr."

No estylo familiar, *alguem* significa ás vezes pessoa de consideração: "Cuida que é *alguem*."; e *ninguem*, ao contrario, individuo sem importancia: "É um *ninguem*."

*Ninguém* vindo antes do verbo, não admite outra negação, mas, depois d'elle, não a exclue: "*Ninguém* pode dizer desta agua não beberei." "*Não* vejo *ninguem*."

Oppõem-se *outrem*, *alguem*, *ninguem* aos pronomes pessoaes *eu*, *tu*, *elle*, com preferencia dos primitivos, seus analogos, *outro*, *algum*, *nenhum*, porque envolvem já em si a idéa de pessoa: "Eu trabalhei, e *outrem* ou *alguem* lucrou." "Tu lembraste, e *outrem* ou *alguem* fez." "Elle recitou, mas *outrem* ou *alguem* compoz o discurso." "*Ninguém* obedecerá, ainda que *eu*, *tu* e *elle* mandemos."

*Tal* é partitivo, quando repetido em phrases consecutivas: «*Tal* jogava, *tal* dansava.» isto é «*Tal* delles ou dentre elles etc.»

Precedido do artigo indefinido, equivale a *certo*: «*Um tal* homem chegou-se a mim.» isto é «*Um certo* homem etc.»

É qualificativo, si, comparando um ou mais individuos com outros, indica a semelhança que entre elle ha: “*Tal* amo, *tal* creado.” “*Tal* a grei, *tal* o rei.” “*Tal* foi na vida, *assim* na morte.”

Neste caso é correlato a *tal*, *qual*, *assim*, *como*, *assim como*; e está muitas vezes occulto: “As estrellas os céus acompanhavam *qual* campo revestido de boninas. (CAMÕES).” isto é “*tal qual* campo etc.”

Em tal sentido, emprega-se tambem precedido de *que*: “Por onde está Ixion e Tantalo, por onde demora Sisypho, e outros maganões *que taes?*” isto é “*taes como estes.*”

Noutros casos, *tal* exprime a qualidade de grandeza, força, intensidade, e então é seguido de *que*: “*Tal* foi o terror *que* a cidade ficou inteiramente deserta.”

Usa-se ainda de *tal*, depois de nomes proprios de pessoas, quando não se sabe seu sobrenome ou appellido: “Manoel de *tal.*” “Joaquim de *tal.*”

*Qual* só é partitivo, si se acha repetido em phrases consecutivas: «*Qual* as plumas vermelhas faz de brancas, *qual* co’os pennachos do elmo açouta as ancas etc. (CAMÕES).» isto é «*Qual* ou *uns* delles ou dentre elles, *qual* ou *outros* delles etc.»

Correlativo a *tal* e *assim*, é qualificativo, porque indica a semelhança que ha entre os dous termos de uma comparação: “*Qual* diante do algoz o condemnado... *Tal* diante do principe indignado etc. (CAMÕES).”

Como *tal* e *qual*, é *quem* adjectivo partitivo, achando-se repetido em phrases consecutivas: «*Quem* lhe dava uma ovelha, *quem* um carneiro, *quem* um novillo. (SÁ DE MENEZES).» isto é «*Quem* ou *uns* delles ou dentre elles, *quem* ou *outros* delles ou dentre elles etc.»

*Ambos* se refere ordinariamente a dous objectos conhecidos ou já mencionados, e se emprega, quando se quer indicar um facto que lhes é commum: «*Ambos* os chapéus são meus.»

Este adjectivo que necessita sempre do emprego de um determinativo, pode se pôr antes ou depois do substantivo; mas, si está collocado antes, deve preceder o determinativo que é quasi sempre o artigo definido.

*Certo* limita a significação do appellativo a uma ou mais pessoas ou cousas, conhecidas por quem as nomeia, mas que occulta á pessoa com quem fala: «Diz *certo escriptor*.» isto é «*um escriptor*, para mim *certo*, mas que quero deixar em incerteza para quem me dirijo.»

Este adjectivo é partitivo, se precede o nome; succedendo-o, é qualificativo, e significa então *verdadeiro*: «Amigo *certo*.» «Cousa *certa*.»

*Varios, diversos*, com a significação de *alguns*, também são considerados partitivos: «Com effeito *varios* diplomas daquelle anno descobrem as inquietações do rei de Portugal. (V. DA SILVA).» «Darei breve noticia deste homem, porque nestes escriptos se ha de ouvir o seu nome *diversas* vezes. (J. FREIRE).»

*Os mais, os demais* extrahem da totalidade dos individuos uma parte que consta de muitos indeterminadamente, e que é o resto relativo a outra parte antecedente: «Tres soldados dormiam, *os mais* velavam.» «*Os demais* seguiram-lhe o exemplo.»

### III

#### *Adjectivo Conjunctivo.*

*O qual, cujo, que* referem-se a pessoas e a cousas.

Ha uma excepção quanto a *que*, o qual nunca se emprega para exprimir a relação do possuidor da cousa, quando este é pessoa. Diz-se, por exemplo, «a pessoa *cujo* dinheiro ou *da qual* o dinheiro,” e não «a pessoa *de que* dinheiro.”

*Quem* refere-se unicamente a pessoas, porque já envolve em si a idéa de pessoa: pois vale tanto como *o qual homem*. Exemplos: «O viajante *que* ou *o qual* ou *a quem* procuras, não existe nesta cidade, *a que* ou *á qual* ainda não chegou.»

Neste exemplo, *que*, o *qual* exprimem uma relação de pessoa; *a que*, *á qual*, de cousa; mas *a quem*, uma relação só de pessoa.

«O proprietario, *cuja* historia te contei, ou *do qual* ou *de quem* te contei a historia, fez um predio, *cuja* capacidade ou *do qual* ou *de que* a capacidade pode bem accomodar duas familias.»

Neste outro exemplo, o primeiro *cuja*, o primeiro *do qual* e *de quem* exprime uma relação de pessoa; o segundo *cuja*, o segundo *do qual* e *de que*, uma relação de cousa. Alem disto, ha que fazer esta observação: *Cuja* não concorda, no primeiro caso, com *proprietario*, nem, no segundo, com *predio*, seus termos antecedentes; mas, em ambos, com a cousa possuida, isto é, *historia* e *capacidade*.

Todas as vezes que houver ambiguidade de sentido, por se poder referir *que* a outro substantivo que não seja o seu termo antecedente, é elle substituido por *o qual*, *a qual*, etc.: «A desobediencia dos israelitas ás ordens de Deus, *a qual* é materia continua das queixas de Moysés, etc.»

Neste exemplo, si, em logar de *a qual* estivesse *que*, haveria ambiguidade, porque podia referir-se tanto a *Deus* como a *desobediencia*.

É de effeito muito desagradavel, quer na prosa, quer no verso, porque torna a phrase enfadonha, a repetição frequente de *que*: «Esta vida *que* hontem foi, e amanha não poderá ser, e *que* hoje vae passando, *que* é mais *que* uma flor *que* se murcha? *Que* é mais *que* uma luz *que* se apaga? E *que* é mais *que* uma sombra *que* foge? (CHAGAS).»

Para evitar esta repetição fastidiosa da palavra *que*, emprega-se ainda *o qual*, *a qual*, etc.: «Certas plantas *as quaes* nada teem *que* as distinga» por «Certas plantas *que* nada teem etc. Mas, todas as vezes que não ha equivoco ou repetição desagradavel, prefere-se geralmente o emprego da forma invariavel *que*.

A necessidade de empregar com frequencia proposições qualificativas, para supprir a falta de participios presentes, ou antes para evitar o equivoco destes com o gerundio, é um dos principaes defeitos do portuguez: mas os grandes mestres da lingua procuram sempre encobri-lo, seja omit-

tindo, quando não são essenciaes, as circumstancias por taes proposições expressas; seja recorrendo, si é possível, ao participio, sem confusão com o gerundio, para exprimi-las, e ainda a simples adjectivos verbaes; seja fazendo a ellipse do adjectivo conjunctivo *que*, sempre que o caso o permite, ou a substituição delle por *o qual*, *a qual*, etc.

As fórmulas *cujo*, *cujá*, etc., são muitas vezes precedidas de preposição; mas esta rege o substantivo que as segue, e que indica a cousa possuida: «Senhora eu vi Polinarda, neta do imperador Palmerim, *de cuja formosura* se fala tanto por extremo. (F. DE MORAES).» isto é «*da formosura da qual* etc.»

O adjectivo conjunctivo, complemento objectivo, tendo por antecedente um nome de pessoa, pode, como o substantivo, ser precedido da preposição *a*; importa porém, neste caso, que se use de *quem*, e não de *que*: «O homem *a quem* encontrou etc.»

Com a preposição *sem* deve se empregar *o qual*, *a qual*, etc. por amor da euphonia: «O amigo, *sem o qual* não posso viver.» As outras preposições também podem preceder as fórmulas *o qual*, *a qual*, etc.; mas o uso geral as faz reger de preferencia a *quem*.

Quando o adjectivo conjunctivo está precedido do adjectivo *um*, modificado por um substantivo do plural regido da preposição *de*, cumpre ver si elle se refere ao adjectivo *um*, ou si ao substantivo do plural.

No primeiro caso, o verbo da proposição qualificativa vae para o singular, porque o adjectivo conjunctivo, seu sujeito, se refere a um nome do singular occulto, determinado pelo adjectivo *um*: «Foi esta ~~uma~~ de suas acções, *que* mais me *maravilhou*.» isto é «Foi esta ~~uma~~ *acção* de suas acções, *a qual acção* mais me *maravilhou*.»

No segundo caso, o verbo da proposição qualificativa vae para o plural, porque o adjectivo conjunctivo, seu sujeito, se refere ao substantivo do plural, complemento do adjectivo *um*: «O Vouga é um dos **rios** de Portugal *que entram* no mar. (LEÃO).» isto é «O Vouga é um dos **rios** de Portugal **os quaes rios** *entram* no mar.»

IV

*Adjectivo interrogativo.*

*Quem?* refere-se sempre a pessoas: «*Quem* vem lá?» «*Quem* és tu?» «*A quem* procuras?»

Quando complemento objectivo, como neste ultimo exemplo, pode se supprimir a preposição *a*, si não se der equivoco; é porém mais elegante emprega-la sempre.

*Que?* usado com o substantivo, seu termo subse- quente, occulto, refere-se a cousas: «*Que* queres?» isto é «*Que cousa* ou *que cousas* queres?»; e com elle claro, tanto a pessoas como a cousas: «*Que homem* é este?» «*Que objectos* são esses?»

*Qual?* *quaes?* dizem-se tambem de pessoas e de cousas, quer esteja claro o substantivo a que se referem, quer não: «*Qual* foi o *inventor* dos relógios?» «Entre vós ha um *falsario*. *Qual* é?» «*Qual* é o seu *parecer*?» «*Quaes* eram as minhas?»

É comtudo preferivel o uso de *quem*, quando se trata de pessoas.

É obsoleto o emprego das fórmãs *cujo?* *cuja?* *cujos?* *cujas?*: «*Cuja* é esta carta?»

Substituem-n-as *de quem?*, *de que?*, *de qual?*, *de quaes?*: «*De quem* *de que* ou *de qual* *pessoa* é esta carta?»

V

*Adjectivo Numeral.*

Os adjectivos numeraes cardeaes fazem o officio de substantivos:

1.º Quando usados como nomes dos algarismos significativos: «Este *dous* está mal feito.» «Os *oitos* deste numero estão quasi apagados?»

2.º Quando tomados como nomes de cartas de jogar: «O *quatro* de espadas.» «De trunfo só tenho o *dous*.»

Usa-se de *cem*:

1.º Si a quantidade por elle expressa, o é abstratamente: «*Cem.*»

2.º Seguindo-se-lhe um substantivo precedido ou não de adjectivo qualificativo: «*Cem* homens.» «*Cem* valorosos soldados.»

3.º Na composição dos adjectivos numeraes cardeaes, que decorrem de *cem mil* a *cem mil novecentos e noventa e nove*, ou se refiram a unidades, ou a contos de réis: «*Cem* mil e quatro soldados.» «*Cem* mil novecentos e oito contos de réis.»

Emprega-se *cento* na composição dos adjectivos numeraes cardeaes, que medeiam entre *cem* e *duzentos*, ou se trate de unidades, ou de milhares ou de milhões, etc.: «*Cento* e um a *cento* e noventa e nove.» «*Cento* e um mil a *cento* e noventa e nove mil.» «*Cento* e um milhão a *cento* e noventa e nove milhões.» etc.

*Cento*, tomado substantivamente, é colectivo: «Um *cento* de laranjas.» «Quatro *centos* de cebolas.»

Nos adjectivos numeraes cardeaes compostos, põe-se a conjuncção *e* entre os termos designativos das unidades, dezenas e centenas das classes de unidades simples, milhares, milhões, bilhões, etc., como se vê dos exemplos seguintes:

Exemplos de adjectivos numeraes cardeaes, constando de termos designativos de *unidades* e *dezenas* de algumas classes de unidades: «*Setenta e* duas unidades.» «*Setenta e* dous mil.» «*Setenta e* dous milhões.» «*Setenta e* dous bilhões.»

Exemplos de adjectivos numeraes cardeaes, constando de termos designativos de *unidades* e *centenas* de algumas classes de unidades: «*Quatrocentas e* oito unidades.» «*Quatro centos e* oito mil.» «*Quatrocentos e* oito milhões.» «*Quatrocentos e* oito bilhões.»

Exemplos de adjectivos numeraes cardeaes, constando de termos designativos de *dezenas* e *centenas* de algumas classes de unidades: «*Trezentas e* vinte unidades.» «*Tre-*

zentos e vinte mil.» «Trezentos e vinte milhões.» «Trezentos e vinte bilhões.»

Exemplos de adjectivos numeraes cardeaes, constando de termos designativos de *unidades*, *dezenas* e *centenas* de algumas classes de unidades: «Setecentas e quarenta e duas unidades.» «Setecentos e quarenta e dous mil.» «Setecentos e quarenta e dous milhões.» «Setecentos e quarenta e dous bilhões.»

Não se interpõe a conjuncção entre os grupos de tres termos designativos das unidades, dezenas e centenas, que constituem as diversas classes de unidades: «*Dous trilhões, duzentos e vinte e cinco bilhões, trezentos e trinta e quatro milhões, seiscentos e setenta e oito mil, novecentos e cincoenta e quatro unidades.*»

Dá-se o mesmo, quando não se faz menção de uma ou mais das classes de unidades, intermedias á primeira e á ultima ; ou quando não se dá valor algum a uma ou duas das tres ordens consecutivas de cada uma dessas classes: «*Cincoenta e oito bilhões, novecentas e oitenta e sete unidades* (58,000,000,987).» «*Quarenta e sete trilhões, vinte e cinco bilhões, tres milhões, seiscentas mil, quatrocentas e cincoenta e nove unidades* (47,025,003,600,459).»

Todavia, quando, na primeira classe ou na classe de unidades simples, faltam, ou unidades e dezenas, ou dezenas e centenas, ou só centenas, faz-se necessaria a interposição da dita conjuncção, entre o termo ou termos que representam a primeira classe ou a classe de unidades simples e o termo ou termos que representam a classe immediatamente anterior: «Tres mil e quatrocentos (3,400).» «Oitenta e cinco mil e dous (85,002).» «Quatrocentos e oitenta e seis mil e quarenta e tres (486,043).»

Na computação chronologica por seculos, empregase o adjectivo numeral ordinal anteposto ou posposto ao nome, e o numeral cardinal só posposto: «No *decimo terceiro* seculo ou no seculo *decimo terceiro*.» «No seculo *quatorze*.»



Na computação dos dias do mez, usa-se de numeraes cardinaes: «A *onze* de Junho.» Exceptua-se o dia primeiro de cada mez: «*Primeiro* de Janeiro.»

Na enumeração dos reis e personagens celebres do mesmo nome, empregam-se os numeraes ordinaes até dez, e os cardinaes de dez em diante: «Pedro *quarto* (IV).» «Luiz *quatorze* (XIV).»

Os adjectivos numeraes ordinaes indicando simplesmente a ordem. antepõem-se ao nome: «O *primeiro* livro.»; pospõem-se-lhe porem, si indicam uma divisão: «O livro *primeiro*.»

Vindo um adjectivo numeral cardinal junto a um ordinal, é indifferente a collocação delles; pode este ser posto antes daquelle, e vice-versa: «As *primeiras dez* casas desta rua pertencem-lhe ou As *dez primeiras* casas etc.»

Fazem os cardinaes o officio de ordinaes, quando pospostos ao nome, com o qual entretanto deixam de concordar: «Leia-se á pagina *duzentos e dous*.»

## VI

### *Adjectivo Quantitativo.*

*Muito* e *bastante* extendem indeterminadamente a significação do nome a grande quantidade de individuos ou de um todo: «*Muitos* são os infelizes.» «Inspirar *muita* aversão» «Ha *bastante* gente.» «Elle possue *bastante* dinheiro.»

*Pouco* estende indeterminadamente a significação do nome a pequena quantidade de individuos ou de um todo: «*Poucos* são os felizes.» «Inspirar pouca sympathia.»

*Muito*, *bastante* e *pouco*, quando no plural, tornam-se partitivos, juntando-se-lhes os complementos *delles*, *dentre elles*, ou *outro analogo*: «*Delles* (dos soldados) *poucos* ficaram mortos; *muitos* ou *bastantes*, feridos.»

*Pouco* tambem é partitivo, antepondo-se-lhe o artigo indefinido: «*Uns poucos* de homens.»; e ainda, quando, posto depois de um adjectivo numeral cardinal, exprime o resto indeterminado de uma quantidade: «*Cento e poucos*.»

*Mais e menos* fazem o nome significar quantidades de individuos, comparativamente maiores ou menores que as designadas por outro nome: «Ha *mais crimes* que *virtudes* ou *menos virtudes* que *crimes*.»

*Tanto* faz o nome exprimir uma quantidade indefinida, porem mais ou menos conhecida: «Pois lá havia *tanta gente* assim?!»

*Quanto* faz o nome exprimir uma quantidade indefinida, porem inteiramente desconhecida, que leva implicita a idéa de duvida: «*Quantos trabalhos, quantas lidas* não lhe tem custado este empreendimento!»

*Tanto* em opposição a *quanto*, *que*, *como*, é adjectivo comparativo, “*Tantas* foram as sentenças, *quantas* as cabeças.” isto é “*Tão grande* foi o *numero* das sentenças *como* o das cabeças.” “Cesar ganhou *tantas* victorias *como* Alexandre.” isto é “Cesar ganhou *tão grande numero* de victorias *como* Alexandre.” “Era *tanta* a gente *que* mal se podia romper.” isto é “Era *tão grande a quantidade* de gente *que*, etc.”

*Quanto* em opposição a *tanto*, também é adjectivo comparativo: *Quantas* boas acções nos conta a historia, *tantos* exemplos nos dá.”

Emprega-se ainda o adjectivo quantitativo *tanto* como partitivo, exprimindo uma quantidade approximada: “*Cincoenta e tantos*.”

Formam-se com *tanto* e os adjectivos *um*, *outro*, *algum*, *cada* os adjectivos partitivos compostos *um tanto*, *outro tanto*, *algum tanto*, *cada tanto*.

*Quanto*, em relação com o demonstrativo colectivo *todo*, *toda*, *tudo*, faz as vezes de adjectivo conjunctivo: “*Todos quantos predios* elle tem, herdou-os de seu irmão.” isto é “*Todos os predios, que* ou *os quaes predios* elle tem, etc.” “*Quanto* ha no céu e na terra, *tudo* Deus creou.” isto é “*Tudo* ou *todas as cousas que* ou *as quaes cousas* ha, etc.”

## VII

### *Adjectivo Possessivo.*

O adjectivo possessivo, uma vez expresso não deve ser repetido: «Grande foi *seu* contentamento e espanto,» e não «*seu* contentamento e *seu* espanto.»

Sendo o sujeito da proposição o possuidor, usar-se-á de *seu*, *sua*, *seus*, *suas*: «*Este pintor* quer vender *os seus quadros*.» ; si não o for, cumpre que se empregue *delle*, *della*, *delles*, *dellas*: «O Sñr Castro viu o pintor e *os*

*quadros delle.*» Si se dissesse: «e os seus quadros», haveria ambiguidade.

*Nosso* e *vosso* também se empregam, como *nós* e *vós*, designando a primeira e a segunda pessoa do singular; por isso pode um prelado dizer: «A *nossos* veneráveis irmãos» por «a *meus* veneráveis irmãos»; e um escriptor, por modestia: «*Nossas* opiniões» em vez de «*minhas* opiniões.»

Não é indifferente a collocação do adjectivo possessivo, poisque ás vezes, anteposto ao nome, lhe dá uma significação; e, posposto, outra: «*Saudades tuas*» são as saudades que tenho de ti; e «*tuas saudades*», as que tens de outrem: «*Saudades minhas*» significa saudades de mim; e «*minhas saudades*», as que tenho de outra pessoa.

Casos ha ainda em que, posto depois do nome, junta-lhe a idéa de carinho ou predilecção: «Ó filho *meu!*» «Ó patria *minha!*» equivalem a «Ó *meu querido* filho!» «Ó *minha cara* patria!»

#### § 4.º

##### *Verbo.*

##### SECÇÃO 1.ª

##### *Haver e ter.*

Não são synonymos os verbos auxiliares *haver* e *ter*, nos tempos do futuro, que se formam do presente do infinito impessoal, a elles ligado pela preposição *de*, e que exprimem uma acção começada na tenção, e por fazer na execução: **haver** designa *vontade, tenção, resolução espontanea*, como *hei de estudar*; **ter** denota *necessidade, dever, obrigação*, como *tenho de estudar*.

Muitos grammaticos chamam o verbo *haver* de impessoal, quando empregado como nas phrases seguintes: «*Ha* homens extraordinarios.» «*Havia* iguarias.» «Si *houver* tempo, irei visita-lo.» É elle ao contrario o mesmo verbo *haver*, pessoal e transitivo, com a significação

de *ter* ou *possuir*, derivado de *habere*, que, em tal caso, é elegantemente usado no singular com o sujeito occulto, o qual facilmente se subentende pelo sentido, como se vê das mesmas phrases que em seguida se acham repetidas os sujeitos claros: «*Ha* homens extraordinarios, isto é, com **O mundo** *ha* ou *tem* homens extraordinarios.» «*Havia* iguarias, isto é, **A mesa** *havia* ou *tinha* iguarias.» «Si *houver* tempo, irei visita-lo, isto é, Si **eu** *houver* ou *tiver* tempo, irei visita-lo.»

Pelo processo da substituição, torna-se evidente a natureza do termo que, em phrases como as sobreditas, dizemos ser o complemento objectivo do verbo *haver*, e outros, o sujeito. Na maxima seguinte: “*Ha* **fanfarrões** de sciencia, como **os** *ha* de valor e nobreza.”, o Marquez de Maricá não substituiu, na segunda proposição, o substantivo *fanfarrões* pelo caso recto *elles*, como devera, si fosse sujeito, mas sim pelo pronome *os*, que, neste caso, tem força de accusativo latino, e é por isso, como o substantivo a que se refere, complemento objectivo do verbo *ha*.

Ha uma construcção com o verbo *ter*, toda especial da lingua, que consiste em pedir elle, por complemento objectivo, uma proposição integrante infinitiva ligada pela conjuncção, *que*: «*Tenho* muito **que** fazer.» isto é «*Tenho* **que** fazer *muita coisa* ou *muitas cousas*.»

#### SECÇÃO 2.<sup>a</sup>

##### *Ser e estar.*

Já ficou preceituado que só ha um verbo substantivo, o verbo *ser*, que entra, como elemento, em todos os verbos attributivos.

Pretendem alguns grammaticos que *estar* tambem o seja.

Si este fosse verbo substantivo, deveria, como aquelle, exprimir só e simplesmente a affirmacção; mas tal se não dá, tanto que não pode ser substituido um pelo outro, sem se alterar o sentido da proposição.

Em “*Pedro é rico*,” por exemplo, o sentido não é o mesmo que em “*Pedro está rico*.” Na primeira destas

orações, afirma-se simplesmente que a qualidade de *ser rico* é o attributo de *Pedro*, sem se colligir dahi que antes o não tivesse sido, idéa que se acha incluída na segunda, e que, para imprimir-se naquella, seria preciso recorrer a uma palavra ou a um complemento modificativo do attributo *rico*, e dizer: «*Pedro é actualmente ou no tempo presente rico.*» Adicionando entretanto o adverbio ou o complemento á oração «*Pedro está rico,*» nenhuma idéa de mais se lhe imprimirá.

Alem disto a oração «*Pedro está rico.*» pode ser cabalmente substituída por esta: «*Pedro enriqueceu.*»; a outra, não.

Do exposto, segue-se que o verbo *estar* não é verbo substantivo, ou que, a se-lo, também *enriqueceu* o é; o que ninguém ainda ousou sustentar.

*Estar* pois, que se resolve em *ser estante*, e vem do verbo latino *stare* (estar firme), já envolve em sua significação a idéa de *estada*, *estado*, *attitude* em certa maneira, ou a idéa de *existencia modal*, e já é por conseguinte o verbo substantivo combinado com o attributo, ou um verdadeiro verbo attributivo.

Casos ha em que o verbo substantivo, conforme sua significação, deve ser considerado attributivo, e até auxiliar.

E' attributivo:

1.º Quando significa *estar*: «Amanhan serei comvosco.»

2.º Quando significa *existir*: «Eu sou o que sou.» isto é «Eu sou aquelle que *exist*o.»

3.º Quando significa *succeder* ou *acontecer*: «Como *foi* isso?» isto é «Como *succedeu* ou *aconteceu* isso?»

4.º Quando tomado unipessoalmente: «*Era* alli que os meus amigos se reuniam.»

E' auxiliar, quando, significando *ter*, se emprega com alguns verbos intransitivos: «*Era* *chegado* o momento.» isto é «*Tinha* *chegado* o momento.»

Emprega-se o verbo *ser*, si a qualidade expressa pelo attributo é inherente ou habitual no sujeito; e o verbo *estar*, si a qualidade expressa pelo subattributo, é nelle accidental ou transitoria. Exemplos: «Este homem é **doente**.» «Este homem *está* **doente**.» No primeiro exemplo, afirma-se de um homem que o seu estado de

saude é habitualmente mau ou cheio de achaques; no segundo, que o seu estado de saude, constantemente bom, acha-se hoje por casualidade alterado.

Nisto leva o portuguez, como o hespanhol e o italiano, que tambem possuem estas dous verbos, grande vantagem, não só ao francez que carece do verbo *estar*, e não pode por conseguinte fazer taes distincções, sem recorrer a circumloquios, para evitar equivocos, mas ainda ao mesmo latin, donde o tomou, e converteu em outro, mudando-lhe a significação.

Não é só o verbo *estar* que pede, alem do attributo nelle incluído, um adjectivo ou subattributo que exprime uma qualidade accidental ou transitoria do sujeito. Os verbos *andar*, *conservar-se*, *ficar*, *permanecer*, *existir*, *sentir-se* e outros mais teem a mesma propriedade: “Este homem *anda*, *conserva-se*, *fica*, *permanece*, *existe*, *sente-se doente*.”

### SECÇÃO 3.ª

#### *Verbo adjectivo.*

Nem sempre é o verbo adjectivo de uma só especie: pode o *verbo transitivo* ser ao mesmo tempo *relativo*, e tornar-se *intransitivo*, bem como converter-se o *intransitivo* em *transitivo* e *relativo*, e até o *relativo* em *transitivo*.

O *verbo transitivo* é ao mesmo tempo *relativo*, quando, alem do complemento directo ou objectivo, pede um termo de relação, ou um complemento indirecto ou terminativo: «Dei **um livro** a Pedro.» «Inclino-**me** a seguir a profissão das armas.» «Condo<sup>o</sup>-**me** de ti.»

O *verbo transitivo proprio* torna-se *intransitivo*:

1.º Quando, tomado absolutamente, não pede complemento directo ou objectivo: «Pedro *ama*.» isto é «*tem* ou *experimenta amor*.»

2.º Quando usado em sentido translato ou figurado: “Aquella dama já principia a *quebrar*.”

O *verbo intransitivo* converte-se em *transitivo*:

1.º Quando se lhe dá, por complemento directo ou objectivo, o substantivo cognato do verbo, acompanhado de um adjectivo qualificativo: «Antonio **vive** vida feliz.»

O substantivo cognato raras vezes apparece só na phrase: "Cantando *cantigas*. (C. DE ABREU)."

Ha exemplos deste uso com substantivos não identicos, mas apenas analogos na significação: "Chorar *lagrimas*." "Dormir *somnos*."

2.º Quando tomado em sentido figurado ou translato: «*Chorava* alli minhas maguas. (B. RIBEIRO).»

3.º Quando se resolve em objectivo o complemento circumstancial que o modifica: «Descer *o rio*.» em vez de «Descer *pelo rio*.» «Dormir *duas horas*.» em lugar de «Dormir *por* ou *durante duas horas*.»

O *verbo intransitivo* passa a ser *relativo*, quando se dá um termo de relação á acção exercida pelo sujeito: «Tu morreste *para o mundo*.»

O *verbo relativo* assume o character de *transitivo*, convertendo-se em objectivo o seu complemento terminativo: «Creio *o que dizes*.» por «Creio *no que dizes*.» «Não consinto *isso*.» por «Não consinto *nisso*.»

#### SECÇÃO 4.ª

##### *Tempos.*

Os unicos tempos simples são o *presente*, o *passado* ou *preterito* e o *futuro*, que alguns grammaticos chamam primitivos: *amo*, presente; *amei*, passado ou preterito; *amarei*, futuro.

O *presente* é indivisivel; mas o *preterito* e o *futuro* admittem graus de perfeição em anterioridade e posterioridade. Dahi a necessidade de novas inflexões que exprimam esses graus, as quaes constituem os tempos compostos do verbo, quer na fórma, quer simplesmente no sentido.

Os tempos compostos na fórma são muito conhecidos.

Tempos compostos no sentido, só tem dous a lingua portugueza — o *preterito imperfeito* e o *preterito mais que perfeito* do indicativo: «Eu *ceava* ou *ceara*, quando elle entrou.» isto é «Eu *estava ceando* ou *tinha ceado*, quando etc.» Destes exemplos vê-se que esses dous tempos simples na apparencia são compostos no sentido, por

que são justamente equivalentes a dous tempos compostos.

Para dar realce e vivacidade ao estylo, emprega-se o presente do indicativo:

1.º Pelo preterito perfeito do indicativo: «E Jesus toma-o pela mão, e leva-o até a margem do lago.»

Este tempo que recebe neste caso o nome de *presente historico*, é um recurso litterario que produz effeito pittoresco á narrativa.

2.º Pelo futuro absoluto do indicativo: «*Vou* amanha.»

Emprega-se o presente do indicativo pelo futuro absoluto do mesmo modo, quando a acção tem de effectuar-se em epoca proxima que quasi attinge o presente: “*Vou* logo.”; quando a acção futura começa no momento em que se fala: “Elle *está* de volta dentro de quinze dias.”; e quando é indeterminado o tempo em que se tenciona fazer a acção annunciada: “Logo que poder, parto para a França.”

3.º Pelo imperfeito do subjunctivo: «Si *adivinho*, não caía nessa.»

4.º Pelo futuro do subjunctivo: «Si *falas*, arrependes-te.»

Por uso popular, emprega-se o imperfeito do indicativo em lugar do futuro do condicional: «*Procedias* bem, si saisses um pouco.»

Para dar mais intimativa ao dizer, usa-se, ao confirmar uma ordem, ou ao concluir um discurso, do preterito perfeito composto do indicativo, em vez do preterito perfeito do mesmo modo: «*Tenho dito.*» «*Tenho concluido.*»

Nas proposições dubitativas, emprega-se algumas vezes:

1.º O futuro absoluto do indicativo pelo presente: «Quantos não *estarão* hoje sem pão!»

2.º O futuro perfeito composto do indicativo pelo preterito perfeito do mesmo modo: «Quantos não *terão* já *commettido* as mesmas faltas que actualmente condemnam?»

Nos escriptos do seculo 16.º, empregava-se ás vezes o imperfeito do indicativo pelo presente: “Os dias vivo



chorando; as noutes mal as *dormia*. (B. RIBEIRO)." isto é "mal as *durmo*."

As fórmulas do futuro do imperativo, que possui apenas as das segundas pessoas, só se usam em phrases affirmativas.

Com o presente do subjunctivo, suprem-se, nas phrases affirmativas, as fórmulas que faltam ao imperativo na primeira pessoa do plural, e na terceira tanto do singular como do plural, e constroem-se todas as phrases imperativo-negativas: "*Partamos, parta, partam*." "*Não façás, não faça, não façamos, não façaes, não facam*."

### § 5.º

#### *Palavras Invariáveis.*

##### SECÇÃO 1.ª

#### *Preposição.*

A preposição, por si só, exprime uma simples relação de nexos, isto é, liga simplesmente complementos ao sujeito ou ao attributo incluído ou não no verbo.

A relação de subordinação só fica definida ou determinada pelos dous termos, o antecedente e o consequente, entre os quaes se põe a preposição, servindo-lhes de liame, isto é, pelo complemento e pelo termo, — sujeito ou attributo — que o pede, ou que elle modifica.

Si o termo antecedente é um substantivo appellativo, e o termo consequente, um nome, pronome, parte da oração substantivada, oração, regidos da preposição *de*, que lhe restringem a significação vaga, a relação por taes termos determinada, diz-se *restrictiva*.

A relação restrictiva exprime principalmente a propriedade ou a possessão e o fim ou o objecto: "*O dono da casa* nos recebeu muito bem." "*A cultura da intelligencia* melhora o homem."

Si o termo antecedente é o verbo transitivo, e o termo consequente ou o termo por elle pedido, um nome,

pronome, parte da oração substantivada ou oração, que representa o objecto sobre que recae a acção do sujeito, a relação por taes termos determinada, diz-se *objectiva*: “*Tens feito profundo estudo da lingua vernacula.*” “Elle *se esmera* em todo o genero de pinturas que emprehende.” “Tu *te revês* na tua imagem, como um Narciso.”

Si o termo antecedente é um appellativo, adjectivo ou verbo de significação relativa, e o termo consequente ou o termo por elle rigorosamente pedido, um nome, pronome, parte da oração substantivada, oração, quasi sempre regidos de preposição, a relação por taes termos determinada, diz-se *terminativa*: “*O amor ao estudo é feliz disposição para aprender.*” “Alexandre foi *amante da gloria das armas.*” “*Acudiu ao seu chamado.*”

Si o termo antecedente é um adjectivo ou um verbo attributivo, e o termo consequente ou o termo que o modifica, e que lhe accrescenta uma circumstancia, um nome, pronome, parte da oração substantivada, oração, sempre regidos de preposição, a relação por taes termos determinada, diz-se *circumstancial*.

Eis as principaes circumstancias, e as preposições que ligam os complementos que as exprimem:

**Causa** — “Estava morrendo *a pura sêde.*” “Nunca mais logrou saude *com a grande perda de sangue que soffreu.*” “Parecia querer estalar *de dor.*” “Combatia *pela patria.*” “Está contente, *por ter feito bom negocio.*”

**Companhia** — “Saiu *com elle* de casa.”

**Conformidade** — “Conformou-se *com o meu parecer.*” “Obrou *segundo* ou *conforme a lei.*”

**Distancia** — “Anoutecendo aqui, ao outro dia amanhecem dahi *a dez ou quinze leguas.* (BARROS)” “*Desde Minas até o Rio,* o terreno é muito accidentado.” “Este sitio dista de Roma *sete leguas,* isto é, *até sete leguas* ou *cerca de sete leguas.*”

**Espaço** — “Ia tão debilitado de forças que descansava *de espaço a espaço.*” “Collocou as balizas *com in-*

*tervallos razoaveis.*” “Andou *longo tracto de caminho*, isto é, *por longo tracto de caminho.*”

**Exclusão** — “A’ **excepção do commandante**, todos os officiaes assistiram ao cortejo.” “Tudo é vaidade; **excepto amar e servir a Deus.**” “Foram todos passear, **menos o dono de casa.**” “É um homem **sem instrução.**”

**Fim** — “Saiu **a passear.**” “Partiu **com o proposito de nunca mais voltar.**” “Falou **no intuito de convencer-nos**, mas não o conseguiu.” “Levantou-se, **para orar.**”

**Instrumento** — “Mas elle emfim com causa des-honrado diante della **a ferro frio** morre. (CAMÕES)” “Cortou-se **com a faca.**” “Feriu-se **num espinho.**” “Caiu varado **pela lança.**”

**Logar onde** — “Estar **á porta.**” “O réu occupava o centro do tribunal **ante o juiz.**” “Escondeu-se **debaixo da escada.**” “Pozeram o chapéu **dentro da caixa.**” “Morreu **em Lisboa.**” “Os Pyreneus estão **entre a França e a Hespanha.**” “Fica **junto ao mar.**” “Collocou-o **sob a mesa.**” “Está **sobre a terra.**”

**Logar donde** — “Partiu **de Portugal.**”

**Logar aonde** — “Vem **ao Brazil.**” “Foi **até a cidade.**”

**Logar para onde** — “Irá **para o Rio de Janeiro.**”

**Logar por onde** — “Passou **pela porta.**”

**Logar virtual** — “Saiu **do assumpto**, fazendo uma digressão.”

**Materia** — “Esta capa é bordada **a ouro.**” “Construiu o muro **com pedra ensossa.**” “Anel **de prata.**” isto é “**feito de prata.**”

**Materia virtual** — “Discorreu **sobre moral**, mas não falou **nos deveres do homem para consigo mesmo**, de que não teve tempo de tratar.”

**Medida** — “Elevou o muro **a duas toezas.**” “Profundou o poço **sete braças**, isto é, **até sete braças.**” “Subiu com o edificio **uns vinte palmos**, isto é, **cerca de uns vinte palmos.**” “O fosso é **de quatro metros de largura.**” “Poz a parede da frente **em vinte pés de alto.**”

**Meio** — “*Pelo teu intermedio*, se fará tudo.” “Soube *por meu irmão* do que se passou.”

**Modo** — “Veste-se *á moda antiga* ou simplesmente *á antiga*.” “Leio *com cuidado*.” “Cobriu-se toda *de dô*.” “O mar rebentava *em flor* na costa.” “Veio *por intendente*.”

**Opposição** — «O marinheiro mettido em quatro taboas, se atreve, não só *com os ventos e tempestades*, mas *com os elementos*.» «Alarico marchou *contra Roma*.» «Ir *sobre alguém*.» «Crescer *sobre* ou *para alguém*.»

**Ordem** — «Estava *antes de ti* na ordem hierarchica.» «*Após o bispo* seguia-se o deão.» «Vinha *atrás de mim* na procissão.» «Chegou *depois d'elle*.» «Ficava *diante de nós*.»

**Origem** — «Isto nos vem *de Deus*.»

**Preço** — «Comprou tudo *a peso de ouro*.» «Pagou tudo *com vinte mil réis*.» «Cedeu-me as fazendas *pelo custo*.» «Isocrates vendeu uma oração *por vinte talentos*.»

**Quantidade** — «Está fundeada no porto uma esquadra *de trinta vasos*.» isto é *composta* ou *constando de trinta vasos*.»

**Tempo anterior** — «Tomou o grau de doutor *a 15 de Abril*.» «Partiu hontem *de manhan*.» «Estou sobre mim *desde os meus quinze annos*.» «Morreu *durante o ultimo inverno*.» «Chegou o anno passado, isto é, *em o anno passado*.» «Veio *pela paschoa*.» «Viveu *longo tempo*, isto é, *por longo tempo*.» «Deu-se o facto *sob os consules*.» «Passeava *sobre a tarde*.»

**Tempo actual** — «Só agora *ás dez horas da manhan*, posso sair de casa.» «Vivo recluso *de dia*, todo entregue ao trabalho da escripta.» «Estou estudando *neste momento*.»

**Tempo posterior** — «Irei ver-te *no anno seguinte*.» «Guardar pão *para Maio* e lenha *para Abril*.»

**Tempo virtual** — «*Nas conjuncturas arriscadas*, é que se conhece o grande politico.»

Não devem ser regidas da mesma preposição palavras que demandam preposições differentes; pelo que são

correctas estas phrases: «Util e agradável **a** todos.» «Nasceu e foi educado **em** *Pariz*.»; não assim: «Affavel e querido **de** *seus amigos*.», porque *affavel* e *querido* exigem preposições diferentes. Para se escoimar esta phrase de tal sinão, dir-se-á: «Affavel **com** *seus amigos* e querido **delle**.»

Não se repetem geralmente as preposições cujos regimens são palavras que teem quasi o mesmo sentido: «Viver **na** *molleza* e *ociosidade*.» «Encanta a todos **com** *a sua bondade* e *doçura*.» «Elle deve a vida **á** *clemencia* e *magnanimidade* do vencedor.» «Encontram-se os mesmos preconceitos **na** *Europa*, *Asia*, *Africa* e até **na** *America*.»

Mas, si os regimens teem sentido opposto, ou são de categoria differente, é preciso repetir a preposição: «**Na** *cidade* e **no** *campo*.» «Cumprí os vossos deveres **para com** *Deus*, **para com** *vossos paes* e **para com** *a patria*.»

Si bem sejam positivas estas regras, podem comtudo ser infringidas, quando o exigir a harmonia ou outra qualquer necessidade do estylo.

Uma preposição nunca deve ser empregada na mesma phrase com accepções differentes. São por isso reprovadas phrases, como estas: «**Sobre** *a tarde* iamos á casa delle discorrer **sobre** *a immortalidade* da alma.»

«Comecei **por** *provar-lhe* **por** *todos os meios*.» É mister, neste caso, substituir uma das preposições por outra equivalente, ou dar outro torneio á phrase: «**Sobre** *a tarde* iamos á casa delle discorrer **á** *cerca da immortalidade* da alma.» «Comecei **por** *provar-lhe* **empregando** *todos os meios*.» ou «Comecei **provando-lhe** **por** *todos os meios*.»

## SECÇÃO 2.ª

### *Adverbio.*

São correlatos de *tão* e *tanto* o adverbio *quanto* e a conjuncção *como*: «Seria mais feliz, si fosse *tão* prudente

*quanto* é atrevido.» «*Tão* formosa *como* ingrata.» «Eu vos ajudarei *tanto quanto* poder.» «Trabalhamos *tanto como* vós.»

Todavia, estando occulto o verbo do segundo termo da comparação, ou collocado depois do attributo desse mesmo termo que é sempre uma proposição integrante subjunctiva, pode *quão* ser também correlato de *tão*: «Si fosse *tão* prudente *quão* atrevido ou *quão* atrevido é.»

Às vezes costuma-se a supprimir o adverbio *tanto* no primeiro termo da comparação: «Isso é verdade *quanto* pode ser.» isto é «*tanto quanto* pode ser.»

Também se empregam *tanto* e *quanto* antes dos comparativos *maior*, *melhor*, *peior*, e dos adverbios *mais*, *menos*: «*Tanto* peior.» «*Quanto* peior, melhor.» «*Quanto* mais.» «*Tanto* menos.»

Diz-se *primeiro* ou *primeiramente*, *segundo*, *terceiro* ou *em segundo lugar*, *em terceiro lugar*, etc.; não se pode porem dizer *segundamente*, *terceiramente*, etc., porque dos adjectivos numeraes ordinaes só o adjectivo *primeiro* permite que se lhe junte o suffixo *mente*.

Achando-se ligados por uma conjuncção dous ou mais adverbios compostos de um adjectivo e do substantivo *mente*, é de rigor na lingua portugueza a ellipse desse substantivo no primeiro ou primeiros desses adverbios: «Expressiu-se *sabia* e *eloquentemente*.», em lugar de «Expressiu-se *sabiamente* e *eloquentemente*.»

Emprega-se comtudo a fôrma completa de todos elles, si se quer encarecer ou tornar emphatica a idéa que exprimem: «Vivamos neste mundo *sabiamente*, *piamente* e *justamente*. (VIEIRA).»

Conta a lingua portugueza grande numero de adverbios em *mente*, os quaes exprimem em sua maior parte a circumstancia de modo; mas nem todos os adjectivos se prestam á formação delles. Diz-se, por exemplo, *sobriamente*, *plenamente*, *novamente*; e não, *ebriamente*, *cheiamente*, *velhamente*.

Certos adverbios são susceptiveis de tomar a fôrma diminutiva: *pertinho*, *mansinho*. Cumpre entretanto observar que estes diminutivos que attenuam realmente a significação de muitos adverbios, augmentam a de outros: «*pertinho* quer dizer *bem perto*; de *vagarzinho*, *bem devagar*.»

Empregam-se com muita frequencia adverbios ou locuções adverbias latinas, como *interim*, *gratis*, *maximè*, *a priori*, *ex professo*; e bem assim algumas outras expressões tambem latinas, que, sem ser adverbios em latim, tomam tal carácter, passando para nossa lingua. Eis algumas dellas: *ipso facto*, *currente calamo*, *vice-versa*, *por fas e por nefas*, *de proprio motu*.

São sempre negativas as phrases cujos verbos estão modificados pelos adverbios *jamaís*, *nunca*; mas, sendo estes adverbios collocados antes do verbo, independe este do adverbio *não*: «*Jamaís* descanso.» «*Nunca* fui á Europa.»; não assim, sendo-o depois: *Não* descanso *jamaís*.» «*Não* fui *nunca* á Europa.»

E' frequente o emprego dos adverbios *jamaís*, *nunca*, um pelo outro, si bem não seja exactamente a mesma sua significação. Nesta phrase; "Prometto *jamaís* ou *nunca* vos deixar.", *nunca* é expressão mais propria. Já em "E' o melhor homem que *jamaís* ou *nunca* vi.", *jamaís* é o que melhor convem.

*Nunca* deve ser empregado sobretudo nas phrases positivas: "*Nunca* pude convence-lo."; *jamaís* é preferivel nas proposições interrogativas, ou naquellas cujo sentido é duvidoso: "Que homem de juízo se agastou *jamaís* sem causa?" "Duvido que tal promessa *jamaís* se realise."

*Aqui* é mais preciso, e emprega-se, quando se quer indicar o lugar em que está a pessoa que fala: «Moro *aqui*.» «*Aqui* se reuniam os amigos.»; *cá* é mais vago: «Venha *cá*.» «*Cá* esteve, mas não o vi.»

Para dar mais força ou precisão á phrase, ou para distinguir mais particularmente o sujeito, pospõe-se o adverbio *cá* aos pronomes da primeira pessoa, e o adverbio *lá* aos das outras: «Eu *cá*, nós *cá*, tu *lá*, elle ou ella *lá*, vós *lá*, elles ou ellas *lá*.» Tambem se põem antes algumas vezes, mas raramente: "*Cá* eu, *cá* nós."

Estes adverbios podem tambem preceder o substantivo: "*Cá* o Torquato não pensa assim." "*Cá* o amigo lhe dirá."

Algumas vezes estes adverbios collocados depois dos pronomes, dão á phrase um sentido particular, equivalente de uma reticencia: "Eu *cá* sei." "Elles *lá* sabem." Outras vezes imprimem-lhe sentido interrogativo: "Eu *cá* sei?" "Elle *lá* sabe?" Estas differentes significações dependem muito da intonação da voz, com que é a phrase pronunciada.

Os abverbios *melhor*, *peior* modificam só a verbos: "Entendeu-o *melhor* que todos." «Fizestes mal; porem quem vos aconselhou, fez *peior*. (VIEIRA).»

A idéa expressa por taes adverbios, designa-se pelas locuções adverbias *mais bem*, *mais mal*, si o termo modificado é um participio preterito: «Esta fortaleza está *mais bem* provida de munições.», e não «*melhor* provida etc.» «Pode haver resolução *mais mal* entendida que lançar a pique o navio? (VIEIRA).», e não «*peior* entendida etc.»

Alguns adverbios conservam o sentido relativo dos adjectivos de que se formam: «Traçar uma recta *parallelamente a outra*» Neste exemplo, *parallelamente* pede um termo regido da preposição *a*, porque o adjectivo *parallelamente* também o pede.

Hoje dá-se isto mais com adverbios de modo.

*Onde* indica o logar em que se está, ou faz alguma cousa; *aonde*, o logar a que se vae, com animo de parar pouco tempo; *para onde* o logar para que se vae, com tenção de ficar ou demorar; *donde*, o logar de que se sae ou vem; *por onde*, o logar por que se vae, segue ou parte: "Napoles, *para onde* vou, e *onde* ficarei todo o anno." "Lisboa, *aonde* me dirijo, e *donde* parto para Londres." "Madrid, *por onde* passarei na minha viagem a Pariz."

São incorrectas as phrases, como as seguintes, em que empregam *onde* por *aonde* e *para onde*, *aonde* e *donde* por *onde*: "Onde vaes?" por "Aonde vaes?" "Onde levas tuas aguas, Tejo aurifero? (GARRETT)." por "Para onde levas, etc." "Aonde estou?" por "Onde estou?" "Não tinha parte donde se deitasse. (CAMÕES)." por "Não tinha parte onde etc."

*Adonde* foi usado por alguns classicos em logar de *onde*: "Esse ar immenso, *adonde* naufragando estão continuamente os meus sentidos. (CAMÕES)." Tal emprego é actualmente considerado o cumulo da incorrectão.

Antepõe-se o adverbio:

1.º Ao adjectivo qualificativo, ou termos a elle equivalentes: "Este homem é *muito* sabio." "É *bastante* tarde."



2.º Ao particípio preterito nas phrases passivas: “Serás *dignamente recompensado*.”

3.º Ao subattributo: “Sairam dalli *inteiramente enganados*.”

Pospõe-se o adverbio:

1.º Ao verbo, quer seja a sua forma simples, quer composta: “Come *bem*.” “Tem trabalhado *pessimamente*.” “Teve de deliberar *prudentemente*.”

Mas, para dar ao discurso emphase ou energia, pode começar a phrase pelo adverbio: “*Muito* mente aquelle sujeito.” “*Bem* vejo que não se engana.” Nisto porem o melhor guia é o uso.

Ha duas especies de negação:—a *negação simples* e a *negação intensiva* ou *reforçada*.

*Negação simples* é a que se faz com auxilio de uma só palavra de sentido negativo: “*Não* quero.”

Na maior parte dos Estados do Brazil, a negativa *não* duplica-se, tomando o character intensivo: “*Não* quero, *não*.”

Nem sempre é negativo o adverbio *não*. Emprega-se muitas vezes, com o fim de reforçar a expressão: “Quantos a esta hora *não* estão mortos!”

*Negação intensiva* ou *reforçada* é a que se faz, empregando duas ou mais palavras de sentido negativo.

Divide-se em *similar* e *dissimilar*.

*Negação similar* é a que se faz, repetindo a mesma palavra negativa: “Dona, vá-se embora, que eu *não* solto, *não*. (SYLVIO ROMERO — *Cant. pop. do Brazil*).» “*Nem* de vós, *nem* de Deus, *nem* d’al. (CANC. VAT.)» “*Nada*, minha senhora, *nada*. (ANTONIO JOSÉ).»

*Negação dissimilar* é a que se faz por meio de palavras negativas de natureza e sentido inteiramente diversos: “*Nem* as cabras *não* as vi. (GIL VIC.)» “*Não* são menos *nem* são mais. (IDEM).» “*Não* aceitamos *nada*.» “*Não* vimos *nenhum*.» “*Não* julgue *ninguem*.»

A negação dissimilar tambem se faz com o auxilio de equivalentes adverbias de sentido negativo. Os equivalentes adverbias são *jamaiz*, *nunca*: “*Não* descanso

*jamais.*» «*Nunca* me tolhe *ninguem*. (GIL VIC.)» «*Nunca* *jamais* quiz casar. (GARCIA DE REZ.)»

Tem-se reduzido muito o numero de fórmulas de negação dissimilar, empregadas pelos classicos.

Ha ainda a *negação metaphorica* que se faz com o auxilio de certas palavras do fundo e cabedal da lingua: «*Não* ver *boia*.» «Um que *não* tem *ceitil*. (GIL VIC.)» «*Não* tem *nem cheta*. (CASTILHO.)» «*Não* soubesse tres *dedos* de latim. (F. DE MORAES.)» «*Não* vê *pataca*.» «A antiguidade *não* sabia *patavina*. (CASTILHO.)» «De louça *nem* um *pires*.» «*Não* vi *rasto*.» «Que de si *nem* *signal* deixo. (F. ELYSIO.)» «*Não* ha *nem* *sombra*.»

Às vezes é duplo o emprego de negativas metaphoricas: «*Não* herdo *eira* *nem* *beira*. (G. VIC.)» «Pois *não* é *carne* *nem* *peixe*. (IDEM.)» «*Nem* *chique*, *nem* *mique*, *nem* *nada*. (IDEM.)»

Quando todas as proposições do periodo são negativas, diz-se que ha *negação seriaria*, *periodica* ou *cumulativa*.

Tambem se exprime a negação pela preposição *sem*: «*Sem* tirar *nem* pôr.» «*Sem* tom *nem* som.»

### SECÇÃO 3.ª

#### *Conjunção.*

Quando a conjunção *e* liga dous ou mais termos, conserva-se clara só no ultimo: «A ingratição perverte o juizo, perturba a razão, cega o entendimento *e* corrompe a vontade (H. PINTO).»

Ao envez disso, é conservada clara em todos, si se quer encarecer a idéa que exprimem: «Remo para elle, chego; pego-lhe no braço; *e* o recolho, *e* o enxugo, *e* o aqueço, *e* o agasalho no meu collo. (A. RIBEIRO DOS SANTOS).»

Constituindo os termos, de que é liame, uma gradação, deverá ser supprimida antes de todos elles: «*As*

*ciudades, os campos, os valles, os montes*, tudo era mar. (VIEIRA).»

No estylo biblico ou poetico, é muito commum o emprego della no começo dos periodos: «*E* estando Jesus olhando, viu os ricos que lançavam as suas offendas no gazophylacio. *E* viu tambem uma pobrezinha viuva que lançava duas pequenas moedas. *E* disse: «Na verdade vos digo que esta pobre viuva lançou mais que todos os outros. (EVANG. DE S. LUCAS).»

*Nem* é copulativa e disjunctiva.

Sendo copulativa, equivale a *e não*: «Disse-lhe eu a verdade, *nem* outra cousa lhe podia dizer.» isto é «*e não* lhe podia dizer outra cousa.» «Não trabalham, *nem* deixam trabalhar.» isto é «Não trabalham, *e não* deixam trabalhar.»

Não é curial o uso de se antepor a conjuncção *e* a *nem*, por já a conter em sua significação.

Quando disjunctiva, deve vir expressa no principio dos termos que liga: «*Nem* come, *nem* bebe.»

Acha-se contudo occulta algumas vezes: «Logo lhe pareceu cavalleiro, ainda que armas *nem* cavallo trouxesse.» isto é «ainda que *nem* armas *nem* cavallo trouxesse.»

Às vezes é expressão emphatica: «De tantos que eram, *nem* um só escapou.» isto é «*não* escapou um só.»

Apezar de sua significação negativa, é empregada por alguns autores pela conjuncção *e*: «Por ventura a necessidade será lá tamanha, *nem* a esmola tão bem empregada?» isto é «*e* a esmola etc.»

Equivale ainda: 1.º a *nem mesmo*: «*Nem* de graça me serve.» isto é «*Nem mesmo* de graça me serve.»; 2.º a *como si*: «Foges de mim, *nem que* eu fosse teu inimigo.» isto é «*Como si* eu fosse etc.»; 3.º a *quando mesmo*: «*Nem que* elle se deite de joelhos.» isto é «*Quando mesmo* elle se deite etc.» 4.º a *sem*: «*Sem* fructos *nem* flores.» isto é «*Sem* fructos e *sem* flores.»

Não se deve confundir *tambem* com *tão bem*. A primeira expressão é conjuncção copulativa prepositiva e

pospositiva; a segunda, locução adverbial: "*Tambem* eu não gosto nada disto, senhora Brizida. (R. DA SILVA)." "De Egas Moniz a lealdade e honra aqui *tambem* refere. (GARRETT)." "Elle é *tão bem* educado como tu."

*Mas* e *porem* são adversativas. Esta *porem* é prepositiva e pospositiva; e aquella, só prepositiva: "Estava tudo em ordem, *porem* notamos, ou notamos *porem* que etc." "Elle quer, *mas* eu não quero."

Si a primeira proposição for negativa, e a segunda affirmativa, poder-se-á usar de *sinão* em lugar de *mas*: "Não se deve julgar o homem por uma só acção, *sinão* por muitas."

*Pois* é continuativa, conclusiva ou causal. Quando continuativa ou causal, é prepositiva: "Qual é mais antigo no mundo, o conselho ou o papel? *Pois* assim como naquelle tempo se faziam os conselhos sem papel, porque se não poderão fazer agora? (VIEIRA)." "*Pois* choraste, meu filho não és! (G. DIAS)."; quando conclusiva, é pospositiva: "Ora *pois* socega, e não chores. (A. HERCULANO)." Comtudo antepõe-se ás vezes, como conclusiva, a phrases interrogativas: "Eu creio que o Sñr. me chamou. *Pois* não chamou? (CASTILHO)."

*Que*, a conjuncção por excellencia, pois representa varias particulas latinas, como *ut*, *ne*, *quin*, *quominus*, *quod*, *quid*, e entra na composição de muitas locuções conjunctivas, como *antes que*, *com tanto que*, *ainda que*, *poisque*, *paraque*, *á medida que*, se emprega muitas vezes com a significação de *porque*: "Eu o affirmo, *que* estou certo disso." isto é "*porque* estou etc."

Quando se succedem proposições integrantes ligadas pela conjuncção subjunctiva *que*, é facultativo conserva-la expressa só na primeira dellas ou em todas: "Supponho *que* irá á Europa, e frequentará uma de suas faculdades." ou "Supponho *que* irá á Europa. e *que* frequentará etc."

Dá-se o mesmo com o adjectivo conjunctivo, quando são successivas as proposições qualificativas: "Este homem *que* vejo, e ouço." ou "Este homem *que* vejo, e *que* ouço."

Sendo a primeira proposição affirmativa, e a segunda negativa ou vice-versa, é preferivel exprimir a conjuncção *que*: “Parece-me *que* elle acha a casa pequena, e *que* por isso não a quer comprar.” “Disseram-me *que* elle não está contente com a compra dos terrenos, e *que* por essa razão os quer revender.”

Tambem se supprime por elegancia a conjuncção sub-junctiva *que*, mesmo na primeira phrase: “Estimarei faça boa viagem.” isto é “Estimarei *que* faça etc.” “Peço-te vás falar-lhe.” isto é “Peço-te *que* vás etc.”

Em certas phrases vulgares, como “Dá-lhe *que* dá-lhe.” “Meche *que* meche.” “Zumba *que* zumba.”, e nalguns proverbios, como “Medo guarda a vinha *que* não vinhateiro.”, a conjuncção *que* é copulativa, e significa *e*.

*Porque* é usado algumas vezes por *paraque*: “Ao rei presentes mando, *porque* a boa vontade que mostrava, tenha firme. (CAMÕES).” isto é “*paraque* a boa vontade etc.”

É preciso não confundir as conjuncções *porque*, *paraque* com o adjectivo conjunctivo *que* regido das preposições *por* e *para*. Aquellas devem-se escrever com os seus elementos ligados; e este, separado das ditas preposições: “Os vexames *por que* tenho passado.” “A cidade *para que* vaes.”

O emprego pleonastico de duas conjuncções, quando o sentido do texto só demanda uma dellas, si bem fosse observado por escriptores, já antigos, já modernos, acha-se actualmente proscripto pelos que mais castigamente escrevem nossa lingua. Eis as conjuncções que mais frequentemente se encontram juntas nalguns classicos: *mas porem*, *mas comtudo*, *e porem*, *e mas*, *e comtudo*, *e nem*.

#### SECÇÃO 4.ª

##### *Interjeição.*

A interjeição enunciando syntheticamente um juizo, ou sendo uma verdadeira proposição implicita, não dá logar a regra alguma especial de syntaxe.

Todavia, quanto ao seu uso, ha que notar o seguinte:

1.º A maior parte das interjeições se junta aos nomes em segunda pessoa ou vocativo, ainda que não venham acompanhados da interjeição *ó*: «*Ah! dotes naturais, não vos entende quem etc. (LOBO).*» «*Ora sus, gente forte, etc. (CAMÕES).*»

2.º Algumas veem ás vezes acompanhadas do adjectivo exclamativo *que* ou de *quão* e *quanto*: «*Oh que entremezes da fortuna! (VIEIRA).*»

3.º É especial da interjeição *ai* ser seguida de um complemento regido da preposição *de*: «*Ai de mim!*» «*Ai dos vencidos!*»

4.º Também é proprio da interjeição *oxalá* levar o verbo ao conjunctivo: «*Oxalá fossem meus votos ouvidos!*»

5.º Quando está o vocativo no principio da phrase e antes do verbo, costuma-se a exprimir a interjeição *ó*: «*Ó Pedro, vem cá.*»; si porem si acha no meio da phrase e depois do verbo, supprime-se muitas vezes: «*Vem cá, Pedro.*»

São interjeições diversas — *ó* e *oh*: a primeira é vocativa, isto é, serve para evocar ou chamar: «*Ó morte, este misero soccorre.*»; a segunda denota admiração e outros affectos: «*Oh que tragedias do mundo! (VIEIRA).*»

## TITULO SEGUNDO.

### SYNTAXE DE PROPOSIÇÕES.

A *syntaxe de proposições* trata das proposições relacionadas entre si, formando o periodo composto.

*Periodo composto* é o sentido perfeito e absoluto, que consta de mais de uma proposição. Exemplo: «*Deus creou o mundo em seis dias, e descansou no setimo.*»

Assim como as palavras se ligam e combinam entre si, para formar a proposição ou o enunciado do juizo, sem o qual não pode haver linguagem; assim tambem as proposições se ligam e combinam entre si, para formar o periodo composto ou o enunciado do raciocinio, que é em ultima analyse um sentido absoluto que se liga pelo seu turno a outros sentidos, para formar o discurso seguido.

As proposições que formam o periodo composto, ou são grammaticalmente independentes umas das outras, e se acham por isso em simples relação de nexos; ou estão em relação de dependencia syntactica umas para com outras.

Dahi a divisão das proposições em *absolutas* e *subordinadas*.

## CAPITULO I.

### **Proposições absolutas ou proposições consideradas sob a relação de nexos.**

*Proposição absoluta* é a que constitue, por si só, periodo simples, ou não depende de outra em sua construção; tem o seu verbo no indicativo, imperativo ou condicional.

As *proposições absolutas* subdividem-se em *principaes* e *approximadas*.

*Absoluta principal* é a absoluta a que se approximam, ou de que dependem todas as outras do periodo composto.

Exemplo do periodo, composto de absolutas: "Ninguém foi, ninguém sabe, e todos viram. (G. DIAS)."

A primeira proposição deste periodo diz-se principal, só porque pela ordem analytica occupa o primeiro logar.

Esta especie de periodo também é chamada *proposição composta por aproximação*.

Exemplo do periodo composto de uma absoluta, modificada por subordinadas: "Soprando vento favoravel, largou o navio do porto, para seguir a derrota que lhe estava designada."

Dão ainda a esta especie de periodo a denominação de *proposição complexa* ou *composta por subordinação*.

*Absoluta approximada* é a absoluta, que, ou só, ou acompanhada de subordinadas, se liga á principal sem modifica-la.

Chamam-n-a também *coordenada*. Rejeitamos esta denominação, porque *coordenação* é toda collocação de termos, feita por virtude de uma regra qualquer de syntaxe. Isto posto, como se designa uma dada collocação de termos por uma expressão que convem a todas?

Ha duas especies de proposições absolutas approximadas:

- 1.<sup>a</sup> Proposição absoluta approximada *syndetica*;
- 2.<sup>a</sup> Proposição absoluta approximada *asyndetica*.

*Proposição absoluta approximada syndetica* é a que se liga á principal por uma conjuncção de approximação ou da primeira classe. Exemplos: “A morte é desgraça commum á humanidade, **pois** todo o homem deve morrer, **logo** todo o homem é desgraçado.”

*Proposição absoluta approximada asyndetica*, também chamada *collateral*, é a que se liga á principal por *juxtaposição*, ou sendo simplesmente collocada ao lado de outra. Exemplos: “O tempo voa; *as suas mudanças são successivas*; nós com o tempo mudamos.”

As proposições absolutas approximadas, quer da primeira, quer da segunda especie, tomam ainda a denominação de *contractas*, quando, tendo termos communs, são estes expressos uma só vez. Exemplos: “*Deus* creou o mundo em seis dias; fez não ultimo o homem á sua imagem e semelhança; depois desta admiravel obra da criação, descansou no setimo.” isto é “*Deus* creou o mundo em seis dias; *Deus* fez etc.” “*Esta casa é bem construida, e confortavel*,” isto é “*Esta casa é bem construida, e esta casa é confortavel*.” “*José sabe portuguez e francez*.” isto é “*José sabe portuguez e José sabe francez*.”

Não ha contração de proposições approximadas, quando a conjuncção unindo apenas palavras, está fazendo o officio de preposição. Exemplo: “*Dous e dous* são quatro.” isto é “*Dous com dous* são quatro.” E isto, porque são irreductiveis em proposições simples, visto que não se pode dizer: “*Dous* são quatro e *dous* são quatro.”

A proposição absoluta approximada *syndetica* subdivide-se em *copulativa*, *disjunctiva*, *continuativa*, *adversativa*, *conclusiva* e *explicativa*, conforme a especie de conjuncção de approximação, que lhe serve de liame.



## CAPITULO II.

**Proposições subordinadas, ou proposições consideradas sob  
a relação de dependencia ou subordinação.**

*Proposição subordinada* é a que depende de outra em sua construção.

As *proposições subordinadas* subdividem-se em *circumstanciaes* e *integrantes*.

### § 1.º

*Proposições subordinadas circumstanciaes.*

*Proposição subordinada circumstancial* é a que modifica proposições de qualquer especie, accrescentando-lhes uma simples circumstancia.

Ha quatro especies de proposições subordinadas circumstanciaes:

- 1.<sup>a</sup> Proposição subordinada circumstancial conjuncional;
- 2.<sup>a</sup> Proposição subordinada circumstancial qualificativa;
- 3.<sup>a</sup> Proposição subordinada circumstancial infinitiva preposicional;
- 4.<sup>a</sup> Proposição subordinada circumstancial participio.

### SECÇÃO 1.<sup>a</sup>

*Proposição subordinada circumstancial conjuncional* (1).

*Proposição subordinada circumstancial conjuncional* é a proposição subordinada circumstancial ligada á proposição que modifica, por uma conjuncção de subordinação

---

(1) F. DIEZ. — *Gram. des Lang. Rom.*, vol. 3.º, pag. 316. A. EPIPHANIO DA SILVA DIAS. — *Gram. Portug. Elem.*, § 197.

circumstancial. Exemplo: «**Em quanto** te demoras, passa o tempo de partir.»

A proposição circumstancial conjuncional tem o seu verbo no indicativo, si a circumstancia que accrescenta, é um facto positivo, e só convencionalmente subordinado a outro por força da conjuncção; e no conjunctivo, si é um facto hypothetico, e, por sua natureza, subordinado a outro.

Exemplos da proposição circumstancial conjuncional com o verbo no indicativo: “**Quando** se deu este memoravel successo, era eu bem menino, mas tenho delle perfeita lembrança.” “**Tanto que** foi avisado da ordem de prisão passada contra elle, occultou-se em casa de um amigo.”

Neste caso, é esta especie de proposição conversivel em proposições absolutas, si supprimirmos as conjuncções de subordinação que as ligam, ou as substituirmos por conjuncções de aproximação.

Exemplos dos mesmos periodos, com a conversão mencionada: “*Deu-se este memoravel successo*; era eu bem menino; mas tenho delle perfeita lembrança.” “*Foi avisado da ordem de prisão passada contra elle*, e occultou-se em casa de um amigo.”

Exemplo da proposição circumstancial conjuncional com o verbo no conjunctivo: «Proferes ameaças, **para que** nos infundas terror.»

A proposição subordinada circumstancial conjuncional, é *temporal, condicional, concessiva, causal, final e modal*, conforme a especie de conjuncção de subordinação circumstancial, que a liga.

#### SECÇÃO 2.ª

*Proposição subordinada circumstancial qualificativa* (1).

*Proposição subordinada circumstancial qualificativa* é a proposição subordinada circumstancial que, equivalendo a um adjectivo qualificativo, exprime uma circumstancia do objecto significado pelo nome que, na proposição por

(1) A. EPIPHANIO DA SILVA DIAS.—*Gram. Port. Elem.*, §§ 198 e 200,

ella modificada, é o antecedente do adjectivo e adverbios conjunctivos, seus liames. Exemplos: “*Deus que é justo*, premeia os bons, e castiga os maus.” isto é “*Deus justo* premeia etc.” “Enéas veio á *Italia*, *onde fundou um reino*.” isto é “*na qual Italia fundou um reino*.”

Chamam-se *adverbios conjunctivos* os adverbios de logar *onde*, *donde*, *por onde*, *aonde*, *para onde*, porque se resolvem no adjectivo conjunctivo, pelo qual se põem na proposição.

A proposição subordinada circumstancial qualificativa divide-se, quanto ao sentido, em *proposição qualificativa explicativa* e *proposição qualificativa restrictiva*.”

*Proposição qualificativa explicativa* é a que exprime uma circumstancia inherente ao objecto significado pelo antecedente do conjunctivo. Exemplo: “O *homem que é mortal*, vive sobre a terra vida transitoria.”

*Proposição qualificativa restrictiva* é a que exprime uma circumstancia accidental ao objecto significado pelo antecedente do conjunctivo. Exemplo: “O *homem que é prudente*, sabe regular bem a sua vida.”

Facil é distinguir a proposição qualificativa explicativa da proposição qualificativa restrictiva, porque a primeira pode se supprimir, sem offensa do sentido; a segunda, não.

A proposição circumstancial qualificativa tem, como a circumstancial conjuncional, o seu verbo no indicativo, quando o facto por este enunciado, é um facto positivo; e no conjunctivo, quando é um facto condicional ou hypothetico.

Exemplos da proposição circumstancial qualificativa, com o verbo no indicativo: “Enéas fugiu de Troia *que tinha sido tomada*.” “A virtude não floresce, *onde a religião desfallece*. (MARQUEZ DE MARICÁ).”

Casos ha notaveis, em que o adjectivo conjunctivo que liga a proposição circumstancial á que modifica, está por uma conjuncção, seja de approximação, seja de subordinação.

Exemplo da proposição circumstantial qualificativa, fazendo o adjectivo conjunctivo as vezes de uma conjuncção de approximação: “Alcibiades passou á Asia a ter com Pharnabaso **a quem** *captivou por suas maneiras insinuantes.*”

Neste caso, esta especie de proposição é conversivel em absoluta approximada, sendo este adjectivo substituido pela conjuncção de approximação e pelo pronome *o*, como se vê no mesmo exemplo, com a conversão referida: “Alcibiades passou á Asia a ter com Pharnabaso, **e o** *captivou por suas maneiras insinuantes.*”

Exemplos da proposição circumstantial qualificativa, fazendo o adjectivo conjunctivo as vezes de conjuncção de subordinação: “Somos levados a adquirir certos conhecimentos **em que** *reputamos bello sobresair.*” isto é “**porque nelles** *reputamos bello sobresair.*” “Fui á capital do orbe christão, **que**, *ha muito, desejava visitar.*” isto é “**porque**, *ha muito, a desejava visitar.*”

Neste caso porem, a proposição circumstantial não muda de natureza, e está o adjectivo conjunctivo por uma conjuncção de subordinação e um pronome pessoal.

Exemplos da proposição circumstantial qualificativa, com o verbo no conjunctivo: “Não ha no mundo vivente algum **que não seja** *sujeito á morte.*” “A terra, **onde** *te for bem*, será p’ra ti a patria ou uma segunda patria.”

Quando esta especie de proposição tem o verbo no conjunctivo, faz tambem o adjectivo conjunctivo as vezes de conjuncção de subordinação e pronome, como se vê nos seguintes exemplos: “Creou Deus a mulher **que fosse** *a companheira do homem, em todos os trabalhos da vida.*” isto é “**para que ella fosse** *a companheira do homem, em todos os trabalhos da vida.*” “Artaxerxes pediu aos athenienses um chefe **que prepozesse** *ao seu exercito.*” isto é “**para que o prepozesse** *ao seu exercito.*”

A proposição subordinada circumstantial qualificativa divide-se, quanto á sua forma, em *pura*, *preposicional* e *local*.

*Proposição qualificativa pura* é a que tem por liame o adjectivo conjunctivo. Exemplos: "Dirigiram-se para umas cabanas de lavradores, **as quaes** demoravam sobre uma linda assomada." "O navio **cuja** vinda se esperava, não chegou." isto é "**do qual** navio se esperava a vinda." "**Quem** cala, consente." isto é "**O homem que** cala, consente." "O viajante **a quem** procuras, não existe nesta cidade." isto é "O viajante **que** procuras, etc."

A proposição qualificativa deste ultimo exemplo não é qualificativa preposicional, como pode parecer, por se achar a fôrma *quem* do adjectivo conjunctivo, regida da preposição *a*; porque esta a rege pelo simples facto de representar ella pessoa, e ser complemento objectivo de *procuras*, tanto que pode ser, como acima se vê, substituida pela fôrma *que*, sem preposição.

*Proposição qualificativa preposicional* é a que tem por liame o adjectivo conjunctivo regido de preposição. Exemplos: "Eis aqui o menino **sobre o qual** lhe falei." "Quero dar-te a conhecer a pessoa, **de cuja** vida me occupei na nossa ultima palestra." isto é "**da vida da qual** pessoa etc." "O amigo, **com quem** hoje jantei, captivou-me em extremo." isto é "O amigo, **com o qual** amigo hoje jantei, etc." "Houve tempo **que os trabalhos não o quebrantavam.**" isto é "Houve tempo **em que** ou **no qual** tempo etc."

Como se vê deste ultimo exemplo, a proposição que rege o adjectivo conjunctivo, está ás vezes occulta.

*Proposição qualificativa local* <sup>(1)</sup> é a que tem por liame um adverbio conjunctivo. Exemplos: "O logar **onde** descansamos, é dos mais apraziveis." isto é "O logar **no qual** logar etc." "A terra, **donde** vieste, é bem longinqua." isto é "A terra, **da qual** terra etc." "O caminho, **por onde** andamos, é escabroso." isto é "O caminho, **pelo qual** caminho etc." "O arrabalde **aonde** foste passear, é muito bonito." isto é "O arrabalde, **ao qual** arrabalde etc." "A cidade, **para onde** vamos, é

(1) GUARDIA ET WIERZEYKY. — *Gram. Elém. de la Lang. Lat.*, § 228, 11, 1.º

bastante populosa.» isto é «A cidade, **para a qual** cidade etc.»

Como o mostram estes exemplos, esta especie de proposição exprime sempre circumstancias de logar, e resolve-se em proposições qualificativas preposicionaes.

### SECÇÃO 3.ª

#### *Proposição subordinada circumstantial infinitiva preposicional* (1).

*Proposição subordinada circumstantial infinitiva preposicional* é a proposição subordinada circumstantial, com o verbo no infinito, ligada á proposição que modifica, por uma preposição. Exemplo: «**Para** sermos felizes, pouco nos basta.»

A proposição circumstantial infinitiva vae para o infinito pessoal, quando tem sujeito diverso do da proposição por ella modificada. Exemplo: «**Por** serem os ventos contrarios, não poude o navio adiantar muito aquelle dia.»

Conserva-se porem no infinito impessoal, quando o sujeito de ambas as proposições, modificada e modificante, é o mesmo. Exemplo: «**Sem** estudar, não aprendes.»

Diz Frederico Diez (2) que o infinito pessoal, tenha ou não sujeito proprio, se emprega, quando é possível substitui-lo por um modo finito. Exemplos: “Basta *sermos* dominantes, isto é, que *sejamos* dominantes.” “Não o podeis achar, sem me *matardeis*, isto é, sem que me *mateis*.”

Encontram-se com effeito em escriptores, quer antigos, quer modernos, proposições circumstanciaes de infinito pessoal com sujeito identico ao das que modificam; mas, carecendo ellas de harmonia, sobretudo quando o infinito está proximo ao verbo da proposição modificada, muitos, em tal caso, substituem a fórma pessoal pela impessoal. Dahi a regra supra.

(1) Adoptamos esta denominação da divisão que faz *Frederico Diez* do infinito em *puro* e *preposicional*, na pag. 204 do Tomo 3.º da sua *Grammaticas das Línguas Romanas*.

(2) *Obra cit.* Tomo 3.º pag. 202.

E' innegavel que é a fôrma impessoal muito mais suave ao ouvido que a pessoal nestes exemplos de Jacintho Freire: "*Recolhiam-se* uma noute *o imperador e o infante*, e ao *entrar* (quando entravam) de uma porta, sobre qual havia de passar diante, pleitearam ambos a cortezia, querendo um que precedesse o hospede, outro a majestade. (*Vida de D. João de Castro*, edição de 1835, pag. 7)." "*Os que poderam escapar fugindo, despertaram* o arraial com gemidos e vozes, sem *saber* (sem que soubessem) afirmar cousa certa. (*Obra cit.*, pag. 130)," "*Os portuguezes haviam defendido* as ruinas de sua fortaleza, sem *perder* (sem que hovessem perdido) uma pedra. (*Obra cit.*, pag. 133)." "*E chegando* ao logar determinado, *se baquearam* em terra, para não *ser* vistos (paraque não fossem vistos) dos mouros. *Obra cit.*, pag. 139)."

Tolera-se todavia que seja de infinito pessoal a proposição circumstancial infinitiva com sujeito identico:

1.º Quando está o verbo della proximo do sujeito, e antes da proposição que ella modifica. Exemplos: «Mandou aperceber um caravelão com duzentos e cincoenta *soldados que*, por **acharem** os mares grossos, *chegaram* a Baçaim com trabalho. (J. FREIRE).» «Para se *consolarem os infelizes dormiam* tranquillos em seus leitos macios. (A. HERCULANO).»

Dá-se esta excepção, porque produz dissonancia estar o verbo na fôrma impessoal, exigindo o sujeito que lhe está junto, a fôrma pessoal.

2.º Quando está o infinito distante do verbo da proposição modificada. Exemplos: «*Estes* porem, concertados de antemão, como se evidenciou, o plano da traição, por **julgarem** que, depois de sua submissão, os nossos, ou não haviam fazer a guarda do campo, ou pelo menos haviam faze-la mal, delles com as armas que retiveram occultas, delles com escudos de cascas de arvores e vimes tecidos, que tinham á pressa coberto de couro, conforme a brevidade do tempo, na terceira vela da noute, por onde a subida para nossas fortificações parecia menos ardua, *arremettem* subitamente da praça com todas as suas forças. (F. SOTERO DOS REIS.— *Trad dos Com. de Cesar*, Liv. 2.º, XXXIII).» «*Sobem e descem* a este inferno os *miseraveis escravos* (quasi afogando-se com a grossura do ar subterraneo, inapto

para a respiração humana) por escadas de couro cru de boi, com seus cepos a intervallos, para **descansarem**, (BERNARDES.—*Liv. Clas.*, Tomo 1.º, pag. 154).»

3.º Quando se poder dar amphibologia. Exemplo: «Virtude, sem *trabalhares* e *padeceres*, não verás tu jamais com teus olhos. (BERNARDES.—*Luz*, pag. 256).»

Si, neste exemplo, se tivesse usado do infinito impessoal, dizendo-se: «Virtude, sem *trabalhar* e *padecer*, etc.», podia ser a phrase entendida por este modo: «Virtude, sem *alguem trabalhar*, e sem *alguem padecer*, etc.», o que é bem diverso (¹).

A proposição subordinada circumstantial infinitiva é sempre conversivel em proposição subordinada circumstantial conjuncional. Exemplos: «*Sem a cultivares*, a terra não te produz bons frutos.» isto é «*Sem que a cultives*, etc.» «*Por conhecer o mal que causara com sua leviandade*, José arrependeu-se de ter falado indiscretamente.» isto é «*Porque conheceu o mal que causara com sua leviandade*, etc.»

#### SECÇÃO 4.ª

##### *Proposição subordinada circumstantial participio.*

*Proposição subordinada circumstantial participio* é a proposição subordinada circumstantial ligada á proposição que modifica, pelo participio que nella está pelo verbo. Exemplo: «**Destruída** *Troia*, Enéas veio á Italia.»

A proposição circumstantial participio forma-se com o participio presente ou preterito composto, quando tem sujeito diverso do da proposição por ella modificada.

Exemplo desta especie de proposição formada com participio presente: «**Reinando** *Priamo*, foi destruída Troia.»

---

(¹) PAULINO DE SOUZA.—*Grammaire Portugaise*, pag. 557. DR. ERNESTO CARNEIRO RIBEIRO.—*Gram. Port. Philos.*, Liv. 3.º, Cap. 6.º, IX, pag. 282 e 286.



Esta proposição resolve-se em proposições circumstanciaes conjuncctionaes do modo indicativo e conjunctivo; pelo que «**Reinando Priamo**» vale tanto como «**Quando reinava Priamo**»; ou **Em quanto** reinava Priamo, e **Como** reinasse Priamo.»

Exemplo desta especie de proposição formada com participio preterito composto: «**Acabada a pratica**, mandou tocar a investir.» isto é «**Tendo sido acabada a pratica**, etc.»

Esta proposição tambem se resolve em proposições circumstanciaes conjuncctionaes do modo indicativo e conjunctivo, e ainda em proposição circumstantial infinitiva; pois «**Tendo sido acabada a pratica**» é o mesmo que «**Depois que a pratica foi** ou **teve sido acabada**, **Como quer que a pratica fosse** ou **tivesse sido acabada**, e **Depois de ter sido a pratica acabada**.»

## § 2.º

### *Proposições subordinadas integrantes ou completivas.*

*Proposição subordinada integrante ou completiva* é a que modifica proposições de qualquer especie, completando-lhes o sentido, como parte essencial.

A proposição subordinada integrante ou completiva completa o sentido da proposição que modifica, como parte essencial, ou é sempre um termo rigorosamente necessario á sua integridade, porque é o sujeito ou o attributo della, ou porque é de um destes seus dous termos complemento restrictivo, objectivo ou terminativo.

Ha tres especies de proposições subordinadas integrantes:

- 1.<sup>a</sup> Proposição subordinada integrante subjunctiva;
- 2.<sup>a</sup> Proposição subordinada integrante interrogativa;
- 3.<sup>a</sup> Proposição subordinada integrante infinitiva.

*Proposição subordinada integrante subjunctiva.*

*Proposição subordinada integrante subjunctiva* é a proposição subordinada integrante ligada á de que depende, por uma conjuncção de subordinação subjunctiva.

A proposição subordinada integrante subjunctiva subdivide-se em *pura* e *preposicional*.

É *pura* a proposição subordinada integrante subjunctiva, quando tem por liame alguma das conjuncções subjunctivas *que, como, quando, quão, si*. Exemplos: «Quero **que** estudes.» «Nero mostrou-se sobre o throno tão feroz **como** imbecil e cobarde.» isto é «**como** se mostrou imbecil e cobarde.» «Tão formosos **quão** negros estes (tempos), em que a plebe peleja pela licença. (A. HERCULANO).» isto é «Tão formosos **quão** negros eram estes (tempos) etc.» «Não me disse **quando** vem.» «Não sei **si** o facto occorreu assim.»

É *preposicional* a proposição subordinada integrante subjunctiva, quando tem por liame as conjuncções subjunctivas *que, como*, precedidas de preposição. Exemplos: «Applica-te **a** **que** se faça o serviço com cuidado.» «Atenta **em** **que** o campo se lavre no menor espaço possível.» «É mais espirituosa **do** **que** formosa.» isto é «**do** **que** é formosa.» «Farei **com** **que** melhores de posição.» «Estou crente **em** **como** tal desgraca se não dê.» «Fico inteirado **de** **como** a cousa se tem passado.»

A proposição integrante ligada pela conjuncção subjunctiva *que*, ou suas compostas que se põem por ella, e suppõem a ellipse de alguma palavra a que se deva seguir tal conjuncção, tem, excepto em casos especiaes, o seu verbo no conjunctivo, o qual enuncia sempre neste caso um facto condicional, hypothetico e subordinado ao facto positivo enunciado pelo verbo da proposição a que ella se prende. Exemplos: «Convem

*que sejas prudente nos teus negocios.*» «Inclino-me **a que venha a acontecer assim.**» isto é «**a** *crer*, ou **a** *suppor que* etc.»

Casos ha porem, em que a proposição integrante ligada pela conjuncção subjunctiva *que*, tem o verbo no indicativo: primeiro, quando o facto enunciado pelo seu verbo só é convencionalmente subordinado a outro; segundo, quando ella é comparativa.

Exemplo do primeiro caso: «Creio **que** *sabes do que se passa.*»

Neste exemplo, pode até a proposição subordinada passar a ser a principal. com a suppressão da conjuncção *que*, e a principal a ser subordinada com a junção de um liame accommodado, claro ou occulto, como abaixo se vê: «Sabes do que se passa, **como** *creio.*» ou simplesmente «*creio.*»

Exemplo do segundo caso: «Serás, como espero, mais bem succedido nesta empresa **que** *nas outras.*» isto é «**que** *foste bem succedido nas outras.*»

Raros são os casos, em que a proposição integrante se liga á de que depende, por outra conjuncção subjunctiva que não seja *que*, ou alguma de suas compostas *a que*, *com que*, *em que*, *dô que*, excepto quando ella é o segundo termo de uma comparação de igualdade.

Mas, nestes raros casos, o verbo da integrante pode estar no conjunctivo ou no indicativo, segundo a natureza do facto por elle enunciado. Exemplos: «Ninguém pode saber melhor **si** *é ou não verdade o que estou dizendo.*» «Ninguém pode saber melhor **si** *seja ou não verdade o que estou dizendo.*»

A proposição integrante subjunctiva porem, quando é o segundo termo de uma comparação de igualdade, liga-se á proposição de que é dependencia, pelas conjuncções *como*, *quão*, ou pelo adverbio *quanto*, posto por ellas, e tem o seu verbo no indicativo. Exemplo: «O caminho pela serra era tão extenso **como** *ingreme.*» isto é «**como** *era ingreme*»; podia ser tambem: «**quão** ou **quanto** *ingreme.*»

*Proposição subordinada integrante interrogativa.*

*Proposição subordinada integrante interrogativa* é a proposição subordinada integrante ligada á de que depende, pelo adjectivo e adverbios interrogativos. Exemplos: «Dize-me **quem** és?» «Não sei **como** és feliz?»

Os adverbios interrogativos são: *onde?*, *donde?*, *por onde?*, *aonde?*, *para onde?*, *como?*, *porque?*, *quando?*, Chamam-se assim, porque se resolvem no adjectivo interrogativo, pelo qual se põem na proposição.

A proposição integrante interrogativa pode ter o seu verbo no indicativo ou no conjunctivo, segundo o facto por elle enunciado, é positivo, condicional ou hypothetico.

Esta especie de proposição, quando tem o verbo no indicativo, põe-se de ordinario só no discurso, com a proposição de que depende, occulta, a qual pode ser *pergunta*, *quero saber*, *dize-me*, ou outra accommodada, requerida pelo sentido. Exemplos: «**Quem** és?» que é o mesmo que «Dize-me **quem** és?» «**Aonde** vaes?» que é o mesmo que «Dize-se **a** *que parte* vaes?»

Quando esta especie de proposição tem o verbo no conjunctivo, põe-se no discurso com a proposição por ella modificada, clara, como se vê nos seguintes exemplos: «Ignora-se **quem** tenha sido o inventor do alphabeto.» «**Por onde** se dirija, não está certo.»

Quando porem a proposição ligada pelo dito adjectivo, é, em vez de interrogativa, simplesmente *exclamativa*, dá logar a grande numero de ellipses, quer tenha o verbo no indicativo, quer no conjunctivo, como se vê neste exemplo: «**Que** bravo!» que pode supprir-se por esta fórma: «Admiro **que** bravo se mostrou ou se tenha mostrado.»

SECÇÃO 3.ª

*Proposição subordinada integrante infinitiva.*

*Proposição subordinada integrante infinitiva* é a proposição subordinada integrante, com o verbo no infinito, ligada á de que depende, pelo mesmo verbo no infinito ou por uma preposição.

Dahi a sua divisão em *infinitiva pura* e *infinitiva preposicional*. <sup>(1)</sup>.

*Proposição subordinada integrante infinitiva pura* é a que se liga á de que depende, pelo mesmo verbo no infinito. Exemplo: «Desejo **estudar** as humanidades.»

*Proposição subordinada integrante infinitiva preposicional* é a que se liga á de que depende, por uma preposição. Exemplos: «Aprendemos **a** disputar, e não, **a** viver.»

Quando esta especie de proposição serve de sujeito ou attributo, é sempre infinitiva pura e de infinito pessoal. Exemplos: «*Nascer, crescer e morrer* é proprio da natureza humana.» isto é «*Nascer, crescer e morrer* **alguem** é proprio da natureza humana.» «Nota-se, em certas estações do anno, *andarem as aves em bandos pelos campos.*» «Dar esmolas aos pobres é *emprestar a Deus.*» isto é «*emprestar* **alguem** a Deus.»

Si é complemento, ou é pura, ou preposicional.

Neste caso, ou vae para o infinito pessoal, ou conserva-se no impessoal.

Vae para o infinito pessoal, todas as vezes que tem sujeito proprio, ou diverso do da proposição por ella modificada. Exemplos: «Julgo **seres** sabedor.» «As duas qualidades essenciaes, para não desagradarmos na sociedade, consistem **em** sabermos calar e escutar.»

Exceptuam-se os dous casos seguintes, em que é ella de infinito impessoal:

1.º Quando, sendo infinitiva pura, e servindo de complemento objectivo, constitue um latinismo, isto é, tem o seu sujeito força do accusativo, sujeito da oração

(1) Veja-se a nota 1.ª da pag. 378.

infinitivo-latina. Exemplos: «Não **nos** manda Deus *perdoar as nossas dividas, amar os nossos inimigos?* (GARRETT).» isto é «Não manda Deus *que nós perdoemos as nossas dividas, que nós amemos os nossos inimigos?*» «Si eu prégara aos homens, e tivera a lingua de Santo Antonio, eu **os** fizera *tremar*. (VIEIRA).» isto é «eu fizera *que elles tremessem*.» «Dissera o dono do campo a seus creados que tratassem de metter a fouce, *si vissem estar os pães já sazoados*. (BERNARDES).» isto é «si vissem *que os pães estavam já sazoados*.»

Com o fim de corroborar a doutrina exarada nesta regra, adduzimos os seguintes exemplos extrahidos de classicos latinos: «*Sperare nos amici jubent*. (CICERO).—Nossos amigos **nos** mandam *esperar*, isto é, mandam *que nós esperemos*.» «*Jubete istos foras exire*. (TERENCIO).—Mandae-os sair, isto é, *que elles saíam*.» «*Lex peregrinum vetat ascendere in. . .* (CICERO). — A lei prohibe *subir o estrangeiro a. . .*, isto é, *que o estrangeiro suba a. . .*»

Em razão de, em portuguez, não terem casos os substantivos, envolve, sua difficuldade o saber quando tem o sujeito força de accusativo, si é elle como no terceiro exemplo, um substantivo. Solve-se porem essa difficuldade pelo processo da substituição. Podendo ser o sujeito substituido por *o*, *a*, caso obliquo do pronome *elle*, *ella*, tem elle força de accusativo; não a tem sendo-o pelo caso recto do mesmo pronome. Exemplo do primeiro caso: «Mandou Rumeção *entrar quinhentos turcos* pelas ruinas do baluarte. (J. FREIRE).» isto é «Rumeção os mandou *entrar etc.*» Não se pode dizer, neste caso: «Rumeção mandou *elles entrar etc.*» Exemplo do segundo caso: «Creio *estar Pedro contente*.» isto é «Creio *estar elle contente*.»

2.º Quando, sendo infinitiva preposicional, e servindo de complemento terminativo, é o seu sujeito ao mesmo tempo complemento objectivo do verbo da proposição a que se liga. Exemplos: «*Obrigae-nos*, por continuação dos vossos dons, *a confessar que sois o protector e amigo constante dos brasileiros*. (MONTÉ ALVERNE).» «Companheiros e amigos, não **vos** ensinarei *a temer*, nem *a desprezar esses poucos portuguezes que dentro daquelles muros estaes vendo encerrados*. (J. FREIRE).» «E, como aguia que *provoca os filhos a voar*, quiz que assistisse com elle pessoalmente em uma cerimonia dos reis, seus successores. (FREI L. DE SOUZA).»

Conserva-se invariavelmente no infinito impessoal, quando o sujeito de ambas as proposições, modificada e

modificante, é o mesmo. Exemplos: «Quero **instruir-te** na *grammatica*.» «Arrependemo-nos frequentemente **de** *ter falado*, e raras vezes **de** *estar em silencio*.»

Tambem se verifica esta regra, quando é a proposição integrante infinitiva preposicional complemento terminativo de um adjectivo qualificativo de significação relativa, porque tem ella o mesmo sujeito da circumstantial qualificativa, em que se pode resolver o mencionado adjectivo. Exemplo: «**Forçados** a *render-se pela necessidade de tudo*, deputam-lhe os Helvecios embaixadores. (F. SOTERO DOS REIS. — *Trad. dos Com. de Cesar*, pag. 37).» isto é «Os Helvecios **que foram forçados** a *render-se pela necessidade de tudo*, etc.»

A proposição integrante infinitiva é ou não resolvel em proposição integrante subjunctiva.

Dá-se a resolução:

1.º Quando serve de sujeito. Exemplos: «Bom é *estudares*.» isto é «Bom é *que estudes*.» «Convem *dar o seu a seu dono*.» isto é «Convem *que se dê o seu a seu dono*.»

Exceptua-se a integrante infinitiva, sujeito de uma proposição que tenha por verbo o verbo substantivo, quando o infinito enuncia um facto ou a sua maior abstracção, e é por isso evidentemente tomado pelo nome. Exemplos: «*Sentir é pensar*.» isto é «*O sentir, o sentimento, ou o acto de sentir é pensar*.» «*Fazer o movimento de rotação em vinte e quatro horas é proprio da terra*.» isto é «*O acto de fazer etc.*» «*Chover no alto Egypto é raro*.» isto é «*O acto de chover etc.*»

2.º Quando, com sujeito proprio, faz o officio de complemento objectivo, ou terminativo do adjectivo e verbo relativos. Exemplos: «Vi em tanta multidão *succederem-se uns aos outros no serviço sem a menor confusão*.» isto é «Vi em tanta multidão *que se succediam uns aos outros etc.*» «Fui sabedor pelos exploradores *de terem passado o rio tres partes das tropas*.» isto é «Fui sabedor pelos exploradores *de que teem passado o rio etc.*» «Não me admiro *de serem ingratos para commigo*.»

isto é “Não me admiro *de que sejam ingratos para commigo.*”

3.º Quando, com sujeito identico ao da proposição que modifica, é complemento objectivo ou terminativo do adjectivo e verbo relativos, e tem por verbo o verbo substantivo. Exemplos: “Os fatuos presumem *ser sabios com dous dedos de sciencia.*” isto é “Os fatuos presumem *que são sabios etc.*” “Este quadro é digno *de ser visto.*” isto é “Este quadro é digno *de que seja visto.*” “Não se recordam *de ter sido os primeiros a provocar-me.*” isto é “Não se recordam *de que foram os primeiros etc.*”

A proposição integrante infinitiva rejeita a resolução:

1.º Quando serve de attributo Exemplo: “Ensinar aos ignorantes é *fazer uma obra de misericordia.*”

2.º Quando é complemento terminativo de um substantivo de significação relativa. Exemplos: “É nelle commum a propensão *para perdoar.*” “Tem grande aptidão *para escrever.*”

3.º Quando, com sujeito identico ao da proposição que modifica, faz o officio de complemento objectivo, ou terminativo do adjectivo e verbo relativos, e tem por verbo um verbo adjectivo. Exemplos: “Preciso *falar comtigo.*” “Tudo quanto existe no mundo, é sujeito a *perecer.*” “Gosto *de trabalhar.*”

Este caso tem excepções, quando é ella complemento objectivo. Exemplo: “Creio *dizer a verdade.*” isto é “Creio *que digo a verdade.*”

Sobre as integrantes infinitivas que desempenham a função de complemento restrictivo, regra alguma se pode estabelecer, porque ou são conversiveis, ou não.

Exemplos que permitem a conversão: “Desvaneceram-se as esperanças *de poder eu ser feliz.*” isto é “*de que possa eu ser feliz.*” “Elle trabalha com a mira *de enriquecer.*” isto é “*de que ha de enriquecer.*”

Exemplos que não permitem a conversão: «O instinto *de evitar perigos* é inherente á natureza humana.» «Todos gozam do direito *de viver*, sem empecer a outrem.»



### CAPITULO III.

#### Das proposições consideradas sob a relação de concordancia.

A concordancia das proposições ou correlação dos tempos verbaes dá-se, quando se põem em correspondencia os tempos dos verbos das proposições que constituem o periodo composto.

A correlação dos tempos verbaes pode ser *homogenea* ou *synchronica* e *heterogenea* ou *anachronica*.

É *homogenea* ou *synchronica*, si os verbos estiverem no mesmo tempo, ainda que os modos sejam diferentes: «Creio que *vem* ou que *venha*.»

É *heterogenea* ou *anachronica*, si os verbos estiverem em tempos diferentes: «Creio que *virá*.»

#### § 1.º

##### *Correlação dos tempos do indicativo.*

a) A correlação do presente faz-se:

1.º Com todos os tempos do indicativo: «**Affirmo** que *vem, vinha, veio, tem vindo, viera, tinha vindo, virá, tem de vir, terá vindo, terá de vir, tinha de vir, teve de vir, ha de ter vindo, havia de ter vindo*.»

2.º Com os tempos do condicional: «**Affirmo** que *viria, teria vindo, teria de vir*.»

3.º Com o presente, preterito composto, mais que perfeito, futuro imperfeito composto e futuro mais que perfeito composto do subjunctivo: «**Estimo** que *venhas, tenhas vindo, tivesses vindo, tenhas de vir, tivesses de vir*.»

4.º Com os tempos do infinito pessoal: «**Supponho** *virem, terem vindo, terem de vir*.»

b) A correlação do imperfeito faz-se:

1.º Com o imperfeito, preterito mais que perfeito, futuro mais que perfeito composto e futuro anterior mais que perfeito composto do indicativo: «**Affirmava** que *vinha, viera, tinha vindo, tinha de vir, havia de ter vindo*.»

2.º Com os tempos do condicional: «**Suppunha** que *viria, teria vindo, teria de vir.*»

3.º Com o imperfeito, preterito mais que perfeito e futuro mais que perfeito composto do subjunctivo: «**Suppunha** que *viesses, tivesse vindo, tivesse de vir.*»

4.º Com os tempos do infinito pessoal: «**Affirmava** *virem, terem vindo, terem de vir.*»

c) A correlação do preterito perfeito faz-se:

1.º Com todos os tempos do indicativo: «**Affirmei** que *vem, vinha, veio, etc.*»

2.º Com os tempos do condicional: «**Affirmei** que *airia, etc.*»

3.º Com o imperfeito, mais que perfeito e futuro mais que perfeito composto do subjunctivo: «**Suppuz** que *viesses, tivesse vindo, tivesse de vir.*»

4.º Com os tempos do infinito pessoal: «**Suppuz** *virem, etc.*»

d) A correlação do preterito perfeito composto faz-se:

1.º Com todos os tempos do indicativo: «**Tenho affirmado** que *vem, vinha, veio, etc.*»

2.º Com os tempos do condicional: «**Tenho affirmado** que *viria, etc.*»

3.º Com o presente, preterito composto, preterito mais que perfeito, futuro imperfeito composto e futuro mais que perfeito composto do subjunctivo: «**Tenho estimado** que *venhas, tenhas vindo, tivesses vindo, tenhas de vir, tivesses de vir.*»

4.º Com os tempos do infinito pessoal: «**Tenho affirmado** *ser elle rico, ter sido elle rico, ter de ser elle rico.*»

e) A correlação do mais que perfeito faz-se:

1.º Com o imperfeito, preterito mais que perfeito, futuro mais que perfeito composto e futuro anterior mais que perfeito composto do indicativo: «**Affirmara** ou **tinha affirmado** que *vinha, viera, tinha vindo, tinha de vir, havia de ter vindo.*»

2.<sup>o</sup> Com os tempos do condicional: **Afirmara** ou **tinha afirmado** que *viria*, etc.

3.<sup>o</sup> Com o imperfeito, preterito mais que perfeito e futuro mais que perfeito composto do subjuntivo: «**Suppozera** ou **tinha supposto** que *viesse, tivesse vindo, tivesse de vir.*»

4.<sup>o</sup> Com os tempos do infinito pessoal: «**Afirmara** ou **tinha afirmado** *virem*, etc.»

f) A correlação do futuro absoluto faz-se:

1.<sup>o</sup> Com todos os tempos do indicativo: «**Afirmarei** que *vem, vinha, veio*, etc.»

2.<sup>o</sup> Com os tempos do condicional: «**Afirmarei** que *viria*, etc.»

3.<sup>o</sup> Com o presente, preterito composto, futuro simples, futuro imperfeito composto e futuro perfeito composto do subjuntivo: «**Direi** que *venha*, quando *tenha vindo*, quando *vier*, quando *tenha de vir*, quando *tiver vindo*, quando *tiver de vir.*»

4.<sup>o</sup> Com os tempos do infinito pessoal: «**Achará** bom *virem*, etc.»

g) A correlação do futuro imperfeito composto faz-se:

1.<sup>o</sup> Com todos os tempos do indicativo: «**Tenho de afirmar** que *vem, vinha, veio*, etc.»

2.<sup>o</sup> Com os tempos do condicional: «**Tenho de afirmar** que *viria*, etc.»

3.<sup>o</sup> Com o presente, preterito composto e futuro imperfeito composto do subjuntivo: «**Tenho de suspeitar** que *venha, tenha vindo, tenha de vir.*»

4.<sup>o</sup> Com os tempos do infinito pessoal: «**Tenho de afirmar** *virem*, etc.»

h) A correlação do futuro perfeito composto faz-se:

1.<sup>o</sup> Com todos os tempos do indicativo: «**Terá afirmado** ou **de afirmar** que *falas, falavas, falaste*, etc.»

2.<sup>o</sup> Com os tempos do condicional: «**Terão sabido** ou **de saber** que *contarias*, etc.»

3.<sup>o</sup> Com o presente, preterito composto, futuro simples, futuro imperfeito composto e futuro perfeito composto do subjuntivo: «Pouco se **terá perdido** ou **de**

**perder**, quando *venhas, tenhas vindo, vieres, tenhas de vir, tiveres vindo, tiveres de vir.*»

4.º Com os tempos do infinito pessoal: «**Ter-se-á dito** ou **de dizer vires** tu armado, *teres* tu *vindo* ou de *vir* armado.»

i) A correlação do futuro mais que perfeito composto faz-se:

1.º Com todos os tempos do indicativo: «**Tinha de afirmar** que *vem, vinha, veio*, etc.»

2.º Com os tempos do condicional: «**Tinha de afirmar** que *viria*, etc.»

3.º Com o imperfeito, mais que perfeito e futuro mais que perfeito composto do subjuntivo: «**Tinha de te pedir** uma cousa, caso *fosses*; **tinha de ficar** em teu lugar, si *tivesses ido*; **tinha de te incumbir** de um negocio, si *tivesses de ir*.»

4.º Com os tempos do infinito pessoal: **Tinha de afirmar irem**, etc.»

j) A correlação do futuro anterior composto faz-se:

1.º Com todos os tempos do indicativo: «**Tive de afirmar** que *vens, vinhas, vieste*, etc.»

2.º Com os tempos do condicional: «**Tive de afirmar** que *virias*, etc.»

3.º Com o imperfeito, mais que perfeito e futuro mais que perfeito composto do subjuntivo: **Tive de suspeitar** que *viesse, tivesse vindo, tivesse de vir.*»

4.º Com os tempos do infinito pessoal: «**Tive de afirmar virem**, etc.»

k) A correlação do futuro anterior perfeito composto faz-se:

1.º Com todos os tempos do indicativo: «**Ha de ter affirmado** que *vem, vinha, veio*, etc.»

2.º Com os tempos do condicional: «**Ha de ter affirmado** que *viria*, etc.»

3.º Com o presente, preterito composto e futuro imperfeito composto do subjuntivo: «**Ha de ter desejado** que *venha, tenha vindo, tenha de vir.*»

4.º Com os tempos do infinito pessoal: «**Ha de ter affirmado** *virem*, etc.»

1) A correlação do futuro anterior mais que perfeito composto faz-se:

1.º Com todos os tempos do indicativo: «**Havia de ter affirmado** que *vens, vinhas, vieste*, etc.»

2.º Com os tempos do condicional: «**Havia de ter affirmado** que *virias*, etc.»

3.º Com o imperfeito, mais que perfeito e futuro mais que perfeito composto do subjunctivo: «**Havía de ter desejado** que *fosses, tivesses ido, tivesses de ir*.»

4.º Com os tempos do infinito pessoal: «**Havia de ter affirmado** *virem*, etc.»

§ 2.º

*Correlação dos tempos do condicional.*

A correlação dos tempos do condicional faz-se:

1.º Com todos os tempos do indicativo: «Eu **affirmaria, teria affirmado** ou **de afirmar** que elle *fala, falava, falou*, etc.»

2.º Com os proprios tempos do condicional: «Eu **diria, teria dito** ou **de dizer** que *virias, terias vindo, terias de vir*.»

3.º Com o imperfeito, mais que perfeito e futuro mais que perfeito composto do subjunctivo: «**Desejariamos, teriamos desejado** ou **de desejar** que *falasses, tivesses falado, tivesses de falar*.»

4.º Com os tempos no infinito pessoal: «**Seria, teria sido** ou **de ser** bom *sairmos, termos saido, termos de sair*.»

§ 3.º

*Correlação do futuro do imperativo.*

A correlação do futuro do imperativo faz-se:

1.º Com todos os tempos do indicativo: «**Dizei-lhe** que *parto, partia, parti*, etc.»

2.º Com os tempos do condicional: «**Dizei**-lhe que eu *viria*, *teria vindo*, *teria de vir*.»

3.º Com o presente, futuro simples, futuro imperfecto composto e futuro perfeito composto do subjunctivo: «**Dize** que *venha*, si *vier*, quando *tenhas de vir*, si *tiver* elle *partido*, si *tiver de partir*.»

4.º Com os tempos do infinito pessoal: **Dize**-lhe *partir* eu, *ter* eu *partido*, *ter* eu *de partir*.»

#### § 4.º

##### *Correlação dos tempos do subjunctivo.*

A correlação dos tempos do subjunctivo faz-se com todos os tempos do indicativo, condicional, infinito pessoal e até do mesmo subjunctivo.

Exemplos dos tempos do subjunctivo em correspondencia com tempos do indicativo, condicional e infinito pessoal:

Ainda que <b>diga</b> . . . . .	que <i>vaes</i> , que <i>ias</i> , que <i>foste</i> , que <i>tens ido</i> ,
Si eu <b>dissesse</b> . . . . .	que <i>foras</i> , que <i>tenhas ido</i> ,
Quando eu <b>tenha dito</b> . . . . .	que <i>irás</i> , que <i>tens de ir</i> ,
Quando eu <b>tivesse dito</b> . . . . .	que <i>terás ido</i> , que <i>terás de ir</i> ,
Quando eu <b>disser</b> . . . . .	que <i>tinhas de ir</i> , que <i>tiveste de ir</i> ,
Quando eu <b>tenha de dizer</b> . . . . .	que <i>ha de ter ido</i> , que <i>havia de ter ido</i> ,
Quando eu <b>tiver dito</b> ou <b>de dizer</b> . . . . .	que <i>irias</i> , que <i>terias ido</i> , que <i>terias de ir</i> ,
Quando eu <b>tivesse de dizer</b> . . . . .	<i>ires</i> , <i>teres ido</i> , <i>teres de ir</i> .

Exemplos de tempos do subjunctivo em correspondência com outros do mesmo modo: «Quando mesmo eu **diga** que *fosses*.» «Si eu **disse** ou **tivesse dito** que Pedro *fosse*.»

### § 5.º

#### *Correlação de todos os tempos com os tempos do infinito impessoal.*

O infinito impessoal, em razão da immediata dependencia em que está na phrase, é de uma malleabilidade sem igual; pelo que pode qualquer tempo corresponder com elle.

Exemplos em que o infinito impessoal serve de complemento objectivo:

«**Quero, queria, quiz**, etc. *estudar*.»

«**Quereria, teria querido**, ou **de querer** *estudar*.»

«**Manda-o** *estudar*.»

«**Queira, quizesse, tenha querido**, etc. *estudar*.»

Exemplos em que o infinito impessoal serve de complemento terminativo:

«**Deixo, deixava, deixei**, etc. *de estudar*.»

«**Deixaria, teria deixado**, ou **de deixar** *de estudar*.»

«**Deixa** tu *de fazer* isso.»

«**Deixe, deixasse, tenha deixado**, etc. *de estudar*.»

## CAPITULO IV.

### COLLOCAÇÃO DAS PROPOSIÇÕES.

A collocação das proposições é parte essencial da construcção, porque, sendo as subordinadas circumstanciaes rigorosos complementos circumstanciaes, e as integrantes, já complementos restrictivos, objectivos e terminativos, já sujeitos e attributos, da sua boa ou má dis-

posição no periodo, depende, não só a clareza ou confusão, mas ainda a harmonia ou desharmonia do sentido por elle formado, e por conseguinte do discurso que não é sinão uma serie de sentidos absolutos approximados, ou por conjuncções de primeira classe, ou simplesmente pela ordem, geração e successão natural das idéas.

As proposições devem ser collocadas no periodo, segundo as relações de nexos e dependencia de seus enunciados, uns com outros; mas podem as subordinadas ser antepostas ou pospostas ás proposições de que são dependencia, e até nellas intercaladas, como melhor o requererem a expressão do pensamento, e a harmonia da phrase total. No modo de satisfazer estes requisitos, é que se distingue a boa ou má collocação, e consiste todo o artificio da disposição das proposições.

Assignar regras especiaes a esta collocação que é quasi toda pratica, e em que tem tanta parte o ouvido, é por certo cousa bem difficil; mas no entretanto, apontaremos aqui algumas, por onde se pode guiar o escriptor principiante.

#### § 1.º

##### *Regra sobre a collocação das proposições absolutas.*

As proposições absolutas devem ser collocadas, no periodo que comprehende mais de uma, ou successivamente, quando entre ellas se não mettem de permeio proposições subordinadas, ou, no caso contrario, separadamente, cada uma com as suas respectivas dependencias.

#### § 2.º

##### *Regra sobre a collocação das proposições subordinadas circumstanciaes.*

1.ª As proposições subordinadas circumstanciaes qualificativas devem ser collocadas logo depois do nome que, nas proposições por ellas modificadas, é o termo ante-



cedente do adjectivo e adverbios conjunctivos, os quaes vão sempre para o principio das proposições a que dão origem, de modo que, entre elles e o antecedente, não se metta outra palavra de permeio.

2.<sup>a</sup> As proposições subordinadas circumstanciaes conjunctivae, participio e infinitivas devem ser collocadas antes, no meio ou depois das proposições por ellas modificadas, segundo o pedirem a boa expressão do pensamento, e a harmonia da phrase total.

### § 3.º

#### *Regras sobre a collocação das proposições subordinadas integrantes.*

1.<sup>a</sup> As proposições subordinadas integrantes subjunctivas, interrogativas e infinitivas puras devem ser collocadas depois das proposições por ellas modificadas, quando são sujeitos destas, que ficam assim collocadas na ordem inversa, si bem que, nos bons autores, ha exemplos do contrario, principalmente quando se mette de permeio alguma proposição qualificativa.

2.<sup>a</sup> Estas mesmas proposições devem ser collocadas depois das proposições por ellas modificadas, quando são complementos objectivos dos verbos destas.

3.<sup>a</sup> As proposições subordinadas integrantes subjunctivas e infinitivas preposicionaes devem ser collocadas depois das palavras cujo sentido modificam, como complementos ou terminativos ou restrictivos.

Estas duas ultimas regras são geralmente observadas na prosa ; na poesia porem, ha não poucos exemplos em contrario.

### LIVRO SEGUNDO.

#### SYNTAXE LITTERARIA OU ESTYLISTICA.

*A syntaxe litteraria* ou a *estylistica* trata do estylo. *Estylo* é um certo modo original ou particular, que

tem cada homem na coordenação ou disposição das palavras e das proposições, quando fala ou escreve.

Esta originalidade ou particularidade procede do emprego de certos pensamentos e palavras, a que cada um propende.

Todo o homem tem estylo; porem o estylo característico e digno de analyse é o daquelles que mais se teem distinguido na arte de falar e escrever, como os poetas, oradores, historiographos, etc.; e o das escolas literarias ou grupos de escriptores, que, em suas composições, observaram certas normas.

Considera-se o estylo em relação á *quantidade* ou á *qualidade da elocução*.

Em relação á *quantidade da elocução*, ou ao maior ou menor numero de palavras, por que se exprimem os pensamentos, divide-se em *attico*, *asiatico*, *rhodio* e *laconico*.

O *attico* é o modo de dizer preciso e irreprehensivel nos pensamentos e nas palavras: ajusta cada palavra a cada idéa.

O *asiatico* é o modo de dizer empolado, vão e mui sobejo de palavras e pensamentos superfluos e de ornatos excessivos: traduz uma idéa por muitas palavras.

O *rhodio* é o modo de dizer medio entre o attico e o asiatico: não tem a redundancia deste, nem a precisão daquelle.

O *laconico* é o modo de dizer tão conciso e apanhado que quasi se torna inintelligivel: traduz muitas idéas por uma palavra.

O melhor delles é o *attico*, e depois o *rhodio*; os outros, como extremos, são na generalidade viciosos.

O attico tambem se chama *preciso*; o asiatico, *prolixo*, *diffuso*, ou *verboso*; o rhodio, *desenvolvido* ou *abundante*; o laconico, *conciso* ou *apanhado*.

O estylo considerado em relação á *qualidade da elocução*, ou ao maior ou menor grau do seu ornato, divide-se em *simples*, *sublime* e *temperado*.

O *simples*, tambem chamado *tenue*, *infimo* ou *subtil*, é o que enuncia as idéas com palavras proprias, claras e significativas, sem usar de ornatos: é a traducção fiel e simples do pensamento.

E' peculiar ás obras didacticas e ás narrativas vulgares.

O *sublime*, tambem chamado *nobre, grande, robusto* ou *vehemente*, é o que se serve, com exuberancia, de todo o genero de ornatos, empregando as amplificações mais bellas, os tropos mais valentes, as figuras mais energicas: é a traducção longinqua e atrevida do pensamento.

E' proprio das paixões violentas, do heroismo, dos assumptos epicos.

O *temperado*, tambem chamado *mediocre, ornado* ou *flôrido*, é o que faz uso dos ornatos moderadamente, como o meio termo entre o simples e o sublime: é a traducção livre e ornamentada do pensamento.

E' o mais empregado na poesia, na historia e no romance.

O simples tem por fim a convicção; o temperado, o deleite; o sublime, a persuasão.

O estylo sublime comprehende o simples e o temperado, porque, para ser a palavra a expressão livre e ornamentada do pensamento, é preciso que já se tenha concebido sua traducção fiel e simples; e, para ser a palavra a expressão longinqua e atrevida do pensamento, é preciso igualmente que já se tenha concebido sua traducção livre e ornamentada.

Quando uma idéa assoma aos olhos do pensamento, traz consigo sua expressão natural e propria; depois a analogia apresenta outra expressão mais longe um pouco, porem mais bella; por fim attinge-se a uma expressão remotissima, ainda que não contraria, com tanto que dê muito mais belleza, muito mais enthusiasmo.

E' por isso que a fusão destes tres estylos é a eloquencia por excellencia.

A estas classificações juntaram os modernos a do estylo considerado quanto ao modo de formar os periodos.

Si todos ou a maior parte dos periodos de um discurso ou escripto constam de uma só phrase curta ou de phrases curtas e desligadas, toma o estylo a forma de *solto* ou *cortado*; si apresentam singela e directamente sem symetria de partes, nem suspensão de sentido, uma phrase extensa ou varias phrases ligadas, toma o estylo a forma *ordinaria*; emfim si apresentam duas ou mais partes cadenciadas e dispostas artificiosamente, de modo

que o ouvido se deleita, e o sentido vae incompleto até a conclusão, tem o estylo a fôrma *periodica*.

Todas estas classificações são boas debaixo do ponto de vista a que olham; mas são insufficientes para caracterisar qualquer estylo. Dous ou mais escriptores escrevem, por exemplo, em estylo simples e conciso, e todavia não deixa cada um delles de ter um estylo tão individual como a sua physionomia. Serão simples e concisos; mas um será obscuro, outro claro; um profundo, outro superficial; um original, outro vulgar; etc.

Assim designar o estylo de cada um delles pelas qualificações de simples e conciso, não é caracterisar-lhes o estylo, porque não é indicar a feição característica, que distingue esse escriptor de outro também simples e conciso.

Os estylos das escolas litterarias são multiplos. Na litteratura portugueza porem, distinguem-se quatro categorias que accentuam perfeitamente as transições ou evoluções:—o *classico*, o *gongorico*, o *romantico*, o *naturalista*.

O *estylo classico*, creado no seculo 16.<sup>o</sup> pelos quincentistas, é o estylo dos nossos melhores escriptores. Caracterisa-se pelo latinismo do vocabulario e da syntaxe.

O *estylo gongorico*, conhecido pelos nomes de *gongorismo*, *marinismo*, *cultismo* ou *culteranismo*, é o estylo da decadencia. É de mau gosto, e caracteriza-se pelas turgidas metaphoras, empolado da phrase, antitheses desvairadas, hyperboles disparatadas, trocadilhos, repetições de palavras e circumloquios ou periphrases absurdas. Esteve em vigor no seculo 17.<sup>o</sup> e no 18.<sup>o</sup> em quasi toda a Europa.

A *Phenix renascida* representa em Portugal a phase mais intensa e desenvolvida do gongorismo.

O *estylo romantico* que dominou em principios deste seculo, imprimiu na lingua um character novo, determinado pela riqueza excessiva da imaginação e pela condemnação absoluta da immobildade classica, dos excessivos latinismos e dos termos mythologicos.

A escola romantica foi iniciada na França por Chateaubriand e Lamartine; e em Portugal, por Alexandre Herculano, Almeida Garrett e o Visconde de Castilho.

A *nova escola naturalista* aceita a reforma operada pelo romantismo, porem dá mais valor á observação dos factos do que á imaginação que é para ella um defeito, um elemento perturbador. Seu estylo é caracterizado pelo genero descriptivo, pela abundancia de adjectivação e pela repetição de adverbios, com o intuito de dar uma idéa de todas as minudencias, attributos e circumstancias de um facto ou de um ser.

O *estylo naturalista* em nossa lingua é uma imitação, frequentemente servil, de Balzac, Flaubert e Zola, escriptores naturalistas francezes.

Tambem se classificam os estylos, segundo o genero litterario em que são usados. Taes são: — o *estylo epistolar*, o *dramatico*, o *didascalico*, o *elegiaco*, o *epico*, etc.

Do estylo simples, do temperado e do sublime saem tres virtudes para a elocução.

Do estylo simples, a *clareza*; do temperado, a *pureza*; do sublime, o *ornato*.

## TITULO PRIMEIRO.

### CLAREZA.

A *clareza* da elocução consiste no emprego de palavras taes que a sua significação ou sentido se comprehenda immediatamente.

## CAPITULO I.

### REQUISITOS DA CLAREZA.

Os requisitos da clareza são: - a *precisão*, a *ordem*, a *correcção* e a *propriedade dos termos*.

Dá-se a *precisão*, quando não se diz nada de mais nem de menos.

Dá-se a *ordem*, quando se collocam as palavras de modo que facilmente se percebe a relação que umas teem com as outras.

Dá-se a *correção*, quando se unem e relacionam as palavras umas com as outras em conformidade com as leis syntacticas.

O unico vicio contrario á correção é o *solecismo*.

Chama-se *solecismo* toda a coordenação de palavras contra as leis da syntaxe recebida: «José em conversa commigo tratou muito de *si*.» por «tratou muito *do Senhor, de Você, de V. M.<sup>ce</sup>, de V. S.<sup>a</sup>, de V. Ex.<sup>a</sup>, etc.*»

Do emprego que do pronome *si* se faz neste exemplo, representando a segunda pessoa, quando é elle da terceira, e tem por fim fazer reflectir a acção sobre o sujeito, que a pratica, resulta o equivoco de parecer que «José tratou muito *de si mesmo* ou *da sua propria pessoa*», sendo certo todavia que quem emette a proposição, quer dizer que «José tratou muito *da pessoa a quem está falando*.»

Dá-se a *propriedade dos termos*, quando se tomam as palavras no sentido natural, habitual, ou no mais accommodado ás idéas.

E' da *propriedade dos termos*, que resultam as mais frisantes pinturas, as mais vivas descrições.

## CAPITULO II.

### VICIOS CONTRA A CLAREZA.

Os vicios contra a clareza ou as causas da obscuridade são *lexicas* e *syntacticas*.

#### § 1.º

##### *Vícios lexicos contra a clareza.*

*Vícios lexicos* contra a clareza são os que se verificam no emprego de palavras destacadas.

São principalmente cinco:

1.º Os *archaismos*, porque, como palavras desusadas que são, teem em geral significação desconhecida.

2.º Os *neologismos*, porque são palavras introduzidas de novo na lingua, e por isso de significação pouco conhecida.

3.º Os *provincianismos*, porque, sendo familiares em certos estados ou provincias, são ignorados noutras.

4.º As *palavras technicas*, porque são obscuras para aquelles que ignoram as artes ou sciencias, em que são termos proprios.

5.º Os *homonymos*, porque, com a mesma fórma, significam objectos differentes.

§ 2.º

*Vícios syntacticos contra a clareza.*

*Vícios syntacticos* contra a clareza são os que se verificam no emprego de palavras combinadas em proposição ou phrases.

São taes:

1.º *Longo rodeio de palavras*, porque, accumulando-as em demasia, não pode a attenção do ouvinte ou do leitor perceber facilmente as relações que exprimem.

2.º A *perissologia*, porque é uma palavrosidade excessiva e van, que distrahe o espirito do objecto principal.

3.º A *meiosis* ou *demasiada concisão*, porque subtrahе á phrase palavras necessarias á intelligencia do pensamento.

4.º As *expressões refinadas* ou *enigmaticas*, porque, em termos claros, envolvem sentidos mysteriosos e portanto intelligiveis.

5.º A *requintada transposição de palavras*, porque, consistindo numa collocação emmaranhada das palavras, torna o dizer confuso. Exemplo:

«Entre todos, c'o dedo eras notado,  
Lindos moços de Arzila, em galhardia.  
(AFFONS. AFRIC., III, 73).»

6.º O *extenso parenthesis*, porque obscurece o discurso, em razão de deixar por muito tempo em suspensão o sentido principal.

7.º A *amphibologia* ou *ambiguidade*, porque faz a phrase offerecer dous sentidos ao mesmo tempo: «Heitor Achilles chama a desafio. (ULYSSEA. C. VI, 72).» «A aguia matou a pomba no *seu* ninho.»

## TITULO SEGUNDO.

### PUREZA.

A elocução será *pura*, si empregarmos palavras ou expressões, autorisadas pelo uso dos que bem falam ou escrevem.

Esta qualidade se adquire pela leitura persistente dos melhores monumentos litterarios, antigos e modernos.

Os vicios oppostos á pureza são:

1.º Os *archaismos*, porque são palavras ou phrases que envelheceram, e que as linguas lançam de si por inuteis.

2.º Os *neologismos*, quando, por affectação ou ignorancia, são usados em vez de termos nacionaes, que cabalmente lhes correspondem.

3.º Os *solecismos*, porque são construcções viciosas, contrarias ás leis da syntaxe recebida.

Denominam-se *corruptelas* os solecismos de uso geral nas classes incultas; e *idiotismos* os que são aceitos por todas as classes da sociedade.

4.º Os *peregrinismos* ou *barbarismos*, porque são expressões estrangeiras, cuja estrutura ou pronunciação é contraria á indole da lingua vernacula.

5.º Os *provincianismos*, porque são expressões peculiares a certos estados ou provincias, que se não admittem na linguagem da gente culta.

6.º O *purismo*, porque, consistindo no refinado emprego de palavras só de cunho portuguez, torna o dizer affectado.



7.º Os *cacographismos*, porque são verdadeiros erros orthographicos.

### TITULO TERCEIRO.

#### ORNATO.

Si ainda nos conservassemos no estado das hordas barbaras, bastar-nos-ia manejar a lingua com simples *clareza*.

Si fôssemos apenas um povo civilisado, ser-nos-ia sufficiente enunciar o pensamento com tal ou qual *pureza*.

Não somos barbaros, nem tão pouco civilisados; temos alguma cousa mais: — somos politicos.

Portanto cumpre-nos ter uma linguagem, não só *clara*, como os barbaros, não só *pura*, como os civilisados, mas principalmente *ornada*, como as nações politicas do globo, porque a linguagem ornada é a elocução por excellencia.

Não devemos exprimir o nosso pensamento, tendo somente em vista ser entendidos e fugir dos erros; mas, de tal arte que sympathisem com o nosso dizer, e identifiquem-se com o nosso pensar.

*Ornato* pois é o que dá mais *força*, *vigor* e *belleza* ao discurso, já claro e puro.

As qualidades constitutivas do ornato são: — *virilidade*, *naturalidade* e *decencia*.

*Virilidade* é a qualidade que communica ás palavras certa energia.

*Naturalidade* é a qualidade que communica ás palavras a cor da natureza.

*Decencia* é a qualidade que communica ás palavras o character de justeza com as idéas.

A cada uma destas virtudes oppõe-se um vicio.

Á virtude da virilidade a *mollicie*, ou vicio que enlanguesce e effemina a expressão.

Á virtude da naturalidade a *affectação*, ou vicio que contrafaz a expressão.

À virtude da decencia a *incongruencia*, ou vicio que desune a expressão do pensamento.

No tocante ás expressões, cumpre observar o seguinte:

- 1.º Devem ser portuguezas de cunho.
- 2.º Devem-se preferir as mais polidas e euphonicas.
- 3.º Devem empregar-se discretamente as antiquadas, renovadas e neologicas, e isso mesmo quando julgadas necessarias ou uteis.

Alem dos vicios mencionados, ha ainda outros genericos, mais especiaes e definidos. Taes são:

- 1.º O *cacophaton*, ou a junção ou disjunção de sons, a que o vulgo associa idéas de torpeza.
- 2.º A *tapinosis*, que apouca a dignidade ou grandeza do objecto.
- 3.º A *auxesis*, ou expressão muito superior á grandeza do objecto.
- 4.º A *phrase desordenada*, ou insipidez e desleixo de elocução.
- 5.º A *meiosis*, ou falta de complementos na oração.
- 6.º A *tautologia*, ou repetição ociosa.
- 7.º A *homeologia*, ou monotonia fastidiosa.
- 8.º A *macrologia*, ou traducção viciosa e palavrosa de uma idéa, cuja versão simples realçara mais.
- 9.º O *pleonasma*, ou uso de palavras superfluas para a intelligencia do pensamento.
- 10.º A *periergia*, ou ostentação de purismo grammatical.
- 11.º O *cacozelon*, ou mau arremedo de locuções frivolas.
- 12.º O *cenismo*, ou emprego de palavras de varias linguas, ou mistura de palavras sublimes com baixas, antigas com modernas, poeticas com vulgares.

Divide-se o ornato em tres classes ou graus:—  
*pinturas, conceitos, adorno.*

## CAPITULO I.

### PINTURAS.

*Pintura* é o retrato da natureza, isto é, a expressão de um facto ou de uma idéa sensível, por meio das palavras que mais frisantes lhe sejam, ou pelos modos mais approximados á natureza.

Enumeram-se seis generos de pinturas: — *enarguéas*, *semelhanças*, *parabolas*, *imagens*, *bosquejos*, *emphases*.

*Enarguéa* é a pintura tão natural e viva que parece reproduzir o mesmo original; é sempre o resultado de expressões proprias e energicas. Exemplo:

«Eu o vi! — tremendo era no gesto,  
Terrivel seu olhar;  
E o cenho carregado pretendia  
O globo dominar. (G. DIAS).»

*Semelhança* é a pintura de um objecto confrontado com outro de relação proxima. Exemplo:

«Qual naufrago que viu tragar as ondas  
Um após outro os tristes companheiros,  
E ganha a custo solitaria praia,  
— Tal sobrevivo no deserto mundo. (BALDUINO).»

*Parabola* é a pintura de um objecto confrontado com outro de relação remota. Exemplo:

«Tu és vaga e melindrosa,  
Qual formosa  
Borboleta num jardim,  
Que as flores todas afaga,  
E divaga  
Em devaneio sem fim. (G. DIAS).»

Nas semelhanças e nas parabolas, ora o semelhante precede o semelhante, ora procede delle.

Tambem ha dellas vagas, quando não ligam determinadamente o semelhante ao semelhado. Exemplo:

«Sae da larva a borboleta,  
Sae da rocha o diamante:  
De um cadaver frio e mudo,  
Sae uma alma radiante! (G. DIAS).»

*Imagem* é uma semelhança resumida ou uma comparação mui rapida. Exemplo: «Repetido por milhares de bocas, este grito restrugiu e echoou, como o estourar de uma trovoada distante. (A. HERCULANO).»

*Bosquejo* ou *syntomia* é uma pintura rapida e concisa, mas não acabada, que deixa o espirito em suspensão, ou imaginando as circumstancias e o final della. Exemplo:

«E se divisam  
Por entre as sombras de verdura, ao longe,  
As casas branquejando e os altos templos. (B. DA GAMA).»

*Emphase* é uma pintura que encerra mais ou menos idéas que as palavras não dizem. Exemplo:

«Fomos santos então:— Homero o mundo  
Creou segunda vez:— o inferno, o Dante:  
— Milton, o paraíso:— fomos grandes! (G. DIAS).»

## CAPITULO II.

### CONCEITOS.

*Conceitos* são produções originaes do espirito, ou imitações feis da natureza, que transmittem á elocução mais vigor ou belleza.

Dividem-se em *conceitos fortes* e *conceitos agudos* ou *sentenças*.

§ 1.º

*Conceitos fortes.*

Chamam-se *conceitos fortes* os que vigoram o discurso.

Dos conceitos fortes ha dous generos: o *sublime* e a *amplificação*.

*Sublime* é o conceito que, ou pela grandeza do objecto, ou pela excellencia e raridade da acção, produz admiração e espanto. São notavel exemplo do sublime aquellas palavras de D. João de Castro, enviando seu filho com soccorro aos sitiados na fortaleza de Diu: «Pelo que toca á vossa pessoa, não fico com cuidado; porque por cada pedra daquela fortaleza arriscarei um filho. (J. FREIRE).»

*Amplificação* é o conceito que engrandece a dignidade e amplitude do objecto, ou a sua indignidade e atrocidade.

Divide-se a amplificação em *absoluta* e *relativa*.

*Amplificação absoluta* é a que se circumscreve á essencia do objecto, isto é, a que considera o objecto em si proprio, sem relação a outros: decompondo-o em todas as suas partes, busca engrandece-lo pela multiplicidade das circumstancias.

A amplificação absoluta faz-se por tres modos:— por *gradação*, pelo *raciocinio*, por *congeries* ou *ajuntamento*.

A *amplificação por gradação* estende o pensamento, encaminhando-o como que por graus, isto é, subindo do inferior ao superior, do minimo ao maximo, ou descendo do superior ao inferior, do maximo ao minimo.

A amplificação por gradação, ou é *analytica*, ou *synthetica*.

É *analytica* a que sobe do menor ao maior. Exemplo: «É uma violencia prender um cidadão; uma impiedade açouta-lo; quasi um parricidio mata-lo; que nome deverá ter o crucifica-lo? (CICERO.— *Verrina* V).»

É *synthetica* a que desce do maior ao menor.  
Exemplo:

«Oh! doce paiz de Congo,  
Doces terras de alem-mar!  
Oh! dias de sol formoso!  
Oh! noutes de almo luar!

«Desertos de branca areia,  
De vasta, immensa extensão,  
Onde livre corre a mente,  
Livre bate o coração!

«Onde a leda caravana  
Rasga o caminho passando,  
Onde bem longe se escutam  
As vozes que vão cantando!

«Onde longe inda se avista  
O turbante musulmano,  
O yatagan recurvado  
Preso á cinta do africano! (G. DIAS).»

Ha tambem uma gradação concisa e saliente, que faz subir ou descer a idéa principal, por meio de uma successão de palavras da mesma especie. Exemplo:

«Dos ares a soidão quebrando irado  
Da torre soa o sino:—o som de agouros  
*Estoura, ruge, vibra, mingua e morre.* (G. Dias).»

A *amplificação pelo raciocinio* avulta o pensamento capital por idéas a elle connexas, isto é, engrandece as circumstancias do objecto, para dali se inferir a grandeza delle.

Ha seis modos de amplificação pelo raciocinio:

1.º Inferir da grandeza dos consequentes a grandeza dos antecedentes. Esta grandeza entende-se tanto das cousas physicas como das moraes. Exemplo:

«Eram poucos, é certo:—e contra os poucos  
Armadas as nações aqui pugnavam. (MAGALHÃES).»

2.º Inferir da grandeza dos antecedentes a grandeza dos consequentes. Exemplo:

«Foi duro o afan, acerrima a contenda,  
Será fundo o descanso. (G. DIAS).»

3.º Dentre muitas circumstancias da mesma ordem, apoucar de proposito algumas, aliás graves, paraque pareçam maiores as que queremos engrandecer. Exemplo:

«Que eu vos prometto, filha, que vejaes  
Esquecerem-se Gregos e Romanos,  
Pelos illustres feitos, que esta gente  
Ha de fazer nas partes do Oriente. (CAMÕES).»

4.º Engrandecer a difficuldade da acção, exagerar a magnitude do feito, para dahi inferir a força do agente. Exemplo:

«Heroico feito de honra,  
Proceder co'a virtude vinculado!  
Nem outro — a não ser esse —  
Melhor podéra assignalar um homem  
Revestido de rigida constancia. (PESSOA DA SILVA).»

5.º Exagerar a importancia dos meios, para della se deduzir a do fim. Exemplo:

«Mil seculos de gosto  
Contente eu trocaria  
Por um momento desses  
Que vejo assim Armia. (BALDUINO).»

6.º Exagerar a mole do instrumento, para se imaginar a estatura ou a força de quem o vibra. Exemplo:

«Por cajado na mão tinha um coqueiro,  
Cuja ponta nas nuvens se occultava,  
E a base no abysmo se enterrava.  
Sustenta a esquerda mão por arco um tronco  
De pesado madeiro extenso e bronco.  
(BARTHOLOMEU CORDOVIL).»

A *amplificação por congeries* ou *ajuntamento* consiste na accumulação de idéas ou pensamentos semelhantes ou quasi identicos, que se dispõem debaixo de uma certa ordem ou gradação. Exemplo:

«Terra de Santa Cruz! — amar-te puro,  
Ser extremado, vigilante guarda  
Dos teus direitos, defender teu povo,  
É crime de masmorra! (PESSOA DA SILVA).»

*Amplificação relativa* ou *por comparação* é a que, sem se limitar já á essencia do objecto, o engrandece, saindo fora delle, e confrontando-o com outro ou outros de ordem inferior, igual ou superior.

Dahi tres especies de amplificação relativa ou comparativa: — de *menor a maior*, de *igual a igual*, de *maior a menor*.

Exemplo da primeira especie: «Si pois esta suprema intelligencia nos mostra tanta bondade e sabedoria no modo, por que cuidou no destino de tão pequeno animal, — como é possível que tenha desamparado o homem, a mais perfeita de todas as suas creaturas? (LOPES DE MOURA).»

Exemplo da segunda especie:

«A flor purpurea, que matiza o prado,  
Si o vento da manhan lhe entorna o calix,  
Perde aroma talvez:—porem mais bello  
Colorido lhe vem do sol nos raios:  
As fagueiras feições daquelle rosto  
Assim foram tambem: — não foi do tempo  
Fatal o perpassar as faces lindas. (G. DIAS).»

Exemplo da terceira especie:

«A barata, que blatera;  
A cigarra, que atordoa;  
O grilo, que agudo chia;  
A arara, que tudo atroa,



São importunos, de certo :  
Mas inda é mais insoffrivel  
Um politico, que em lojas  
Bufa com tom de infallivel. (FELICIANO DINIZ).»

§ 2.º

*Conceitos agudos ou sentenças.*

Chamam-se *conceitos agudos* os que embellecem o discurso.

Ha delles uma só especie — as *sentenças*.

*Sentença* é uma reflexão profunda e luminosa, cuja verdade se funda no raciocinio ou na experiencia.

São tres as especies de sentenças : — *gnomas*, *enthymemas*, *epiphonemas*.

*Gnomas* são umas maximas abstractas e geraes, que se podem applicar a casos particulares. Exemplo : «Si podessemos ler no coração dos homens, qual seria a sociedade em que estaríamos a nossa vontade?»

*Enthymemas* são umas maximas, que fina e concisamente oppõem ou contrastam duas idéas entre si. Exemplo : «A sciencia medica ensina a curar os doentes; a arte da guerra, a matar os sãos.»

*Epiphonemas* são umas exclamações reflexivas e precisas ao cabo de uma narração. Exemplo :

«Inda conserva o pallido semblante  
Um não sei que de magoado e triste  
Que os corações mais duros enternece.  
Tanto era bella no seu rosto a morte! (B. DA GAMA).»

No emprego das sentenças, tenham-se muito em vista as regras seguintes:

1.º Seja o discurso moderadamente entresachado dellas, porque, si forem muito frequentes, o estylo se tornará pretencioso e pedantesco.

2.<sup>a</sup> Empreguem-n-as discretamente, isto é, de modo que venham tão a ponto que pareçam nascer da mesma natureza do assumpto.

3.<sup>a</sup> Faça uso dellas só quem, pelo estudo e experiencia, tem obtido autoridade.

### CAPITULO III.

#### ADORNO.

O *adorno*, terceiro grau do ornato, matiza e floreia o discurso pelo accommodado emprego dos *tropos* e das *figuras*.

#### § 1.<sup>o</sup>

#### *Tropos.*

*Tropo* é a mudança que com virtude se faz do sentido proprio de uma palavra para outro relativo.

Os tropos supprem a pobreza da lingua, sem a alterar com innovações de palavras; ennobrecem a elocução, porque se afastam da linguagem commum; dão do objecto uma idéa mais clara, mais viva, e por vezes mais concisa do que podiam dar as palavras proprias; servem de adoçar e disfarçar idéas tristes, desagradaveis ou indecentes; e finalmente deleitam fazendo ver ao mesmo tempo e distinctamente dous objectos, e as relações que esses objectos teem entre si.

Esta mudança não deve ser arbitraria, mas fundar-se em uma relação natural, como a *semelhança*, a *contrariedade*, a *coexistencia*, a *comprehensão*.

Destas relações manam quatro tropos geraes:—da semelhança, a *metaphora*; da contrariedade, a *ironia*; da coexistencia, a *metonymia*; da comprehensão, a *synecdoche*.

*Metaphora.*

*Metaphora* é a translação do sentido proprio da palavra para outro, por effeito da semelhança que o espirito acha entre o objecto de que se toma a palavra, e aquelle para que se transfere.

Quando necessitamos dar a conhecer não só um objecto, como também a semelhança que temos observado entre elles e o outro que com elle se parece, podemos faze-lo por dous modos: ou dizendo expressamente que uma cousa é semelhante a outra, debaixo de tal ou tal ponto de vista, ou pondo o nome desta pelo daquela. O primeiro chama-se *semelhança* ou *comparação*; o segundo, *metaphora*.

Vê-se pois que esta não consiste sinão em dar a um objecto o nome de outro com o qual tem uma relação de semelhança, e que é um simile expressado em fôrma compendiosa. Suppõe-se que o objecto é tão semelhante ao outro, que, sem se fazer expressamente a comparação entre elles, como na *semelhança* formal, pode-se pôr o nome de um em lugar do nome de outro.

Si, considerando um homem virtuoso e bemfazejo, dissermos: "Este homem é bom *como um anjo*," empregaremos uma *semelhança*; si porem, considerando-o do mesmo modo, dissermos simplesmente; "E' um *anjo*," empregaremos uma *metaphora*.

E' este o tropo mais usado, e a que se devem as mais vivas e brillhantes locuções.

Dá-se a metaphora substituindo:

1.<sup>o</sup> O animado pelo animado. Exemplo:

«Vergonha eterna á geração que insulta  
O *Leão* que magnanimo se entrega. (MAGALHÃES).»

2.<sup>a</sup> O inanimado pelo inanimado. Exemplo:

«Sua espada, cometa dos tyrannos,  
Foi o *sol* que guiou a humanidade. (IDEM).»

3.<sup>o</sup> O animado pelo inanimado. Exemplo:

«A espada lhe *gemia* na bainha. (IDEM).»

4.<sup>o</sup> O inanimado pelo animado. Exemplo: «Não vae longe daqui o *lume* da Igreja, S. Thomaz. (SOUZA)»

Sendo a relação de semelhança o fundamento da *allegoria* e da *catachrese*, são ellas duas especies de *metaphora*.

*Allegoria* é uma metaphora continuada ou uma serie de metaphoras.

A allegoria, ou é *total*, ou *mixta*.

É *total*, quando todas as expressões são metaphoricas. Exemplo :

«Eis aqui o logar, onde eclipsou-se  
O metéoro fatal ás regias fronte!  
Rubro estava o horizonte, a terra rubra!  
Dous astros ao occaso caminhavam;  
Tocado ao seu zenith haviam ambos;  
Ambos iguaes no brilho, ambos na queda  
Tão grandes como em horas de triumpho!(MAGALHÃES).»

É *mixta*, quando as expressões são em parte proprias, em parte metaphoricas. Exemplo :

Foi no mar de um cuidado  
Meu coração pescado:  
Anzoes, os olhos bellos;  
São linhas teus cabellos;  
Com solta gentileza.  
Cupido, pescador; isca, a belleza.

(BOTELHO DE OLIVEIRA).»

A allegoria tambem se emprega muitas vezes sem translação das palavras, exprimindo-se, pelos termos na significação propria, uma cousa ou pessoa, figurativa de outra.

Taes são os *apologos* e as *parabolas*, quando se tomam pela narração de um successo imaginado, mas com moralidade.

O apologo representa animaes ou arvores; a parabolâ, factos hypotheticos.

Exemplo do apologo:

Rubicundo peru roncava inchado,  
Por ver-se de gallinhas rodeado;  
Canta o gallo vizinho,—e elle, tremendo,  
Mais fino que um cordel vae-se escondendo.

Ha generaes  
Entre mulheres,  
Que na batalha  
Nem são alferes. (TEIXEIRA).»

De parabolos ha muitos exemplos no Evangelho, onde o reino dos céus se compara, já *a dez virgens*, já *á rede lançada ao mar*, já *ao thesouro escondido*.

*Catachrese* ou *abuso* é a translação fundada tambem na relação de semelhança, que por necessidade se faz da palavra de um objecto para outro, que não tem nome, como quando dizemos: «Uma *folha* de papel.» «Um *pé* de mesa.»

Quando as expressões do pensamento metaphorico parecem exageradas, quando ultrapassam os limites da verdade, quando engrandecem o sujeito alem de suas proporções naturaes, quando mesmo o diminuem muito aquem de sua realidade objectiva, então recebe a metaphora o nome especial de *hyperbole*. Exemplo:

«Olhae, vêde esses ferros,  
Ufanos de guardar homem tão grande,  
Como estão ostentando um nobre orgulho;  
Porem, oh!—que toca-los  
Não tenteis, atrevidos,  
Que honrados, como são,—si o vosso dedo  
Lhes pozerdes, infame,  
Ve-los-eis—esses ferros—  
Deshonrados por vós, suar de pejo.  
(PESSOA DA SILVA).»

*Ironia.*

*Ironia* ou *irrisão* é a expressão do pensamento, opposta ao sentimento. Exemplo:

«É dotado de um entendimento  
Tão vivo e esperto,  
Que fora um Beliz,  
Si lhe houvesse o juízo ilustrado  
Um dedo de grego  
Outro de latim. (GREGORIO DE MATTOS).»

De todos os tropos é a ironia o mais arrojado, porque, sem modificar, augmentar ou diminuir o pensamento, dá á expressão um sentido repugnante e inteiramente contrario a esse mesmo pensamento.

São especies de ironia:—o *sarcasmo*, o *asteismo*, a *antiphrase*, o *euphemismo*, a *paremia*.

O *sarcasmo* escarnece ou ataca impunemente a um ente que, por infeliz ou desvalido, já não se pode vingar. Exemplo: «Ó lá, tu que destroes o templo de Deus, e que o reedificas em tres dias, livra-te a ti mesmo, descendo da cruz. (S. MARCOS.—XV, 28 e 30).»

O *asteismo* vitupera apparentando elogiar, ou elogia simulando vituperar.

Empregaria o *asteismo* quem, falando de um poeta de mau gosto, dissesse: «Quem gosta do gongorismo, tambem gosta das poesias deste individuo.»; assim o professor que, referindo-se ao seu melhor discipulo, se exprimisse por esta fórma: «Eis aqui o alumno mais ignorante da minha aula.»

A *antiphrase* veste de galas pensamentos tristes, funestos ou sinistros, exprimindo-os por meio de palavras de idéas agradaveis e contrarias. Exemplo:

«A morte é refrigerio da desgraça,  
E para o justo a noute de um bom dia. (BORGES DE BARROS).»

O *euphemismo* disfarça, com palavras decentes, idéas desagradáveis, odiosas ou torpes. Exemplo: «Deus o favoreça.» por «Não tenho que lhe dar.»

*Paremia* é um dictado de sentido ironico e allusivo a algum pensamento por outro emittido. Exemplo: «Quer ensinar o padre nosso ao vigario.» isto é «Quer ensinar a quem sabe muito bem a cousa de que trata.»

### SECÇÃO 3.ª

#### *Metonymia.*

*Metonymia* é a substituição de uma palavra por outra, de idéas, natural ou artificialmente connexas, co-existentes ou successivas.

Esta substituição realisa-se pelos modos seguintes:

1.º A causa pelo effeito. Exemplo:

«Quando o *sacro instrumento* quebra a augusta Mudez do santuario. (G. DIAS).»

2.º O effeito pela causa. Exemplo:

«Surdo aos *trouvões* da guerra que bradavam. (MAGALHÃES).»

3.º O signal pela cousa significada. Exemplo: «O Cardeal D. Henrique do *baculo* foi chamado para o *sceptro*.»

4.º O inventor pelo invento. Exemplo: «Um *stradivarius*.» por «Um violino de Stradivarius.»

5.º O autor pela sua obra. Exemplo:

«Já com *Philinto* e com *Bocage* ao lado  
Da poesia aos vergeis se extenda o passo. (G. REIS).»

6.º O logar em que a cousa se faz, pela propria cousa. Exemplo: «Uma garrafa de *Xerez*.» em logar de «Uma garrafa de vinho feito em Xerez.»

7.º O continente pelo conteudo. Exemplo:

«Assim a invicta *Grecia*, a invicta *Roma*  
Seus grandes dias celebrava outrora. (BALDUINO).»

8.º O conteudo pelo continente. Exemplo:

«Que alli vão despedir-se concertaram,  
Onde a anchora pesada *o sal* feria. (ULYSSEÁ).»

9.º O possuidor pelo objecto possuido Exemplo:

«E ao vasto peso da disforme quilha  
Gemeu *Neptuno*, e as ondas se encurvaram. (B.  
DA GAMA).»

10.º O objecto possuido pelo possuidor. Exemplo:

«Em Diu não descansavam *as armas*. (J. FREIRE).»

11.º O colectivo pelo distributivo. Exemplo:

«Cae a idade innocente, a curva idade:  
Ah! que eu sinto gemer a *humanidade*! (B. DA  
GAMA).»

12.º As partes do corpo pelo sentido ou sentimento de que são ou se suppõe serem os órgãos. Exemplos: «Tenho *bom ouvido*.» por «*boa audição*.» «És um homem sem *entranhas*.» por «sem *compaixão*.»

13.º O antecedente pelo consequente. Exemplo: «O sol já se tinha erguido no horizonte.» significando que «*já era dia*.»

14.º O consequente pelo antecedente. Exemplo: «Já as estrellas brilhavam no firmamento.» significando que «*já era noite*.»

Estes dous ultimos modos tomam o nome especial de *metalepse*.

Por *metonymia* tambem costumam a dar ás moedas os nomes dos soberanos, em cujos reinados foram cunhadas. Exemplos: «Um *napoleão*.» «Dous *luizes*.»

#### SECÇÃO 4.ª

#### *Synecdoche.*

*Synecdoche* é o tropo, pelo qual, em vez do nome de um objecto, se emprega o de outro, que o comprehende, ou que é nelle comprehendido.



Usa-se deste tropo, quando se toma:

1.º O todo pela parte. Exemplo:

«Adeus, *brilhante céu* da patria minha! (MAGALHÃES).»

2.º A parte pelo todo. Exemplo:

«Mas a *vela* no horizonte  
Para sempre se perdeu. (G. DIAS).»

3.º O plural pelo singular. Exemplo:

«Que o rumo turbulentas mentir façam  
Às gentes dos *Brazis*. (TITARA).»

4.º O singular pelo plural. Exemplo:

«Foram, qual hoje o *rude americano*,  
O *valente Romano*, o *sabio Argivo*. (DURÃO).

5.º O genero pela especie. Exemplo:

«Ouvi, cheios de susto,  
*Mortaes*, a voz de um Deus immenso e justo.»  
(CALDAS).

6.º A especie pelo genero. Exemplo:

«E a foz do rio e o tumido caminho  
Gemeu com *tanto cedro* e *tanto pinho*. (B. DA  
GAMA).»

7.º O sujeito pelo attributo. Exemplo:

«Por isso, e não por falta de natura,  
Não ha tambem *Virgilios*, nem *Homeros*. (CAMÕES).»

8.º O attributo pelo sujeito. Exemplo:

Principe acclamam com festivo modo  
O *Filho do trovão*—do sertão todo. (DURÃO).»

Dão a este modo de synecdoche a denominação especial de *antonomasia*, que muitos consideram um tropo differente.

9.º O numero determinado pelo indeterminado. Exemplo:

«Entretanto esse heroe de *mil batalhas*  
Entre os seus generaes ordens dictava. (MAGALHÃES.)»

10.º O numero indeterminado pelo determinado. Exemplo:

«Reclina-se *outro* em teu nevado seio. (G. DIAS).»

11.º A materia pela forma. Exemplo:

«Não é tão duro o *bronze* do mosteiro. (BALDUINO.)»

12.º A forma pela materia. Exemplo:

«Ora a avareza  
Impunha o sceptro em toda a *redondeza*. (CALDAS).»

13.º O abstracto pelo concreto. Exemplo:

«Cae a *soberba ingleza* do seu throno. (CAMÕES).»

14.º O concreto pelo abstracto. Exemplo: «Insondavel ao *homem*» por «insondavel á *razão*.»

15.º A classe pelo individuo. Exemplo: «O *lyrico romano*» por «*Horacio*.»

16.º O individuo pela classe. Exemplo: «É um *Salomão*.» por «É *muito sabio*.»

## § 2.º

### *Figuras.*

Chamam-se *figuras* certas formas particulares da elocução, que, em razão de serem o resultado do emprego de uma ideologia escolhida ou de uma phraseolo-

gia apurada, manifestam o pensamento de modo mais nobre, mais energico, mais elegante que as fórmulas ordinarias.

Dividem-se em *figuras de pensamento* e em *figuras de palavras*.

SECÇÃO 1.ª

*Figuras de pensamento.*

*Figuras de pensamento* são aquellas que, por dependerem somente do racional da expressão, ou terem sua razão no ideal das palavras, subsistem sempre, ainda que se mude a phraseologia.

Classificam-se as figuras de pensamento em tres generos, segundo os meios, por que se opera a *persuasão*, unico fim da eloquencia, isto é, a *convicção*, a *moção*, o *deleite*.

I

*Figuras de pensamento para convencer.*

Podem reduzir-se a oito as figuras de pensamento para convencer. Taes são: — *interrogação*, *resposta*, *preterição*, *prolepse*, *perplexidade*, *communicação*, *suspensão*, *permissão*.

*Interrogação* é a figura, pela qual, fingindo-se ignorar uma cousa, se pergunta, não para saber, mas para instar e intimar mais. Exemplo:

«Mas acaso sabe o cysne,  
Terno canto desferindo,  
Que, em cada accento que solta,  
A vida lhe vae fugindo?

«Nós acaso conhecemos  
Melhor que elle nossa sorte?  
Podemos dizer—este hymno  
É nosso hymno de morte? (MAGALHÃES).»

*Resposta* é a figura, pela qual, perguntando-se uma cousa se responde outra, que associa ao facto pela pergunta expresso, em vez de uma simples afirmação ou negação, alguma circumstancia aggravante ou attenuante delle. Exemplos: «Este homem é um ladrão? — *E assassino.* —»

«Oh! Porque não venceu? — *Facil lhe fora!*  
(MAGALHÃES).»

*Preterição* é a figura que, simulando prescindir de uma cousa, ou cala-la, indirectamente a vae dizendo. Exemplo:

«Quanto aos loros, quanto ás cilhas,  
Fora melhor ficar mudo:  
Si der um 'spirro o cavallo,  
Lá se vão cilhas e tudo. (GUALBERTO REIS).»

*Prolepse* é a figura que previne, e refuta antecipadamente alguma objecção que se suspeita. Exemplo: «Não venho aqui ser órgão de paixões, misturar a intriga com a dor, lisonjear os ouvidos de uns á custa das crenças dos outros, offender um Deus de paz e uma religião de amor, escarnecer aquelle tumulo, vilipendiar o ministerio sagrado, e tornar-me um digno objecto de desprezo. O meu quadro é simples, innocente e inoffensivo. (MALHÃO).»

*Perplexidade* é a figura que simula uma indecisão sobre o ponto preciso, por onde ha de começar ou acabar, e sobre o que ha de dizer ou calar. Exemplo:

«Da lyra desaccorde os sons cadentes,  
Que o teu dia requer, ó virgem bella,  
Como hei de desferir?  
E tantos predicaos excellentes,  
Que possues, de que modo alçarei nella,  
Que aos evos possam ir? (MUNIZ BARRETO).»

*Comunicação* é a figura, pela qual alguém, confiado no seu direito, commette a decisão do assumpto a outros,

fingindo identificar o sentimento proprio com o delles, ou procurando faze-los commungar nas mesmas idéas. Exemplo: «Que havemos de fazer? Que farieis vós numa occasião semelhante? Como deliberarieis, si fosseis traídos, como eu o fui?»

*Suspensão* é a figura que, pela prolongada exageração das circumstancias, demora a conclusão de um pensamento, para por tal modo concentrar a curiosidade que, esperando-se um successo ou facto extraordinario, occorre um de somenos importancia; ou vice-versa. Exemplo: «Quantas vezes agradeceu ella humildemente a Deus duas grandes graças: — uma, a de te-la feito christan; a outra... que esperaes vós, senhores? Talvez o haver ella restabelecido os negocios do rei, seu filho? Não! Foi o te-la feito rainha desgraçada. (BOSSUET. — *Orac. fun. da rainha de Inglaterra*).»

*Permissão* é a figura que deixa ao arbitrio dos ouvintes e ainda dos proprios adversarios a decisão de alguma cousa. Exemplo: «Si é justo diante de Deus ouvir-vos a vós antes que a Deus, julgae-o vós; porque não podemos deixar de falar das cousas que temos visto e ouvido. (*Act. IV, 19*).»

## II

### *Figuras de pensamento para mover.*

As principaes figuras de pensamento, empregadas para mover o coração, resumem-se a seis:—*exclamação, parrhêsia, prosopopéa, apostrophe, aposiopése, ethopéa.*

*Exclamação* é a figura que exprime os transportes da paixão ou as emoções mais vivas do coração na mais férvida phraseologia Exemplo:

«Filho inditoso, malfadado joven!  
Oh!... Sentença cruel!... Oh! fado austero!...  
Que antithese fatal!... que dor de morte,  
Que espectac'lo, meu Deus!... que scena triste!  
(BOLIVAR).»

*Parrhêsia* ou *licença* é a figura que finge falar livremente e mais do que é permitido e conveniente, para chegar a um fim a que não parecia dirigir-se, como o de louvar fina e delicadamente, debaixo das fórmulas de uma imputação: ou vice-versa. Exemplo: «Sim, hei de exprobrar-vos a vossa preguiça, até que vos cureis della... Si vos tivesse menos amizade, faria de vossa indolencia assumpto de gracejo; mas estremeço-vos muito e por isso vos reprehendo muito. (VOLTAIRE.-- *Carta a Thiriot*).»

*Prosopopéa* ou *personificação* é a figura que introduz ficticiamente a falar pessoas, reaes ou suppostas, divindades ou manes e seres irracionais ou insensíveis.

Dahi tres especies de prosopopéas: — *dialogismo*, *idolopéa* e *prosopopéa* propriamente dita.

O *dialogismo* finge pessoas a falar consigo mesmas, umas com outras ou connosco. Exemplo: «Menino, de que seita sois? Um responderá: eu sou Calvinista; outro: eu sou Lutherano. (VIEIRA).»

A *idolopéa* imagina a falar um Deus, principalmente mythologico ou pagão e os manes dos finados que se evocam dos tumulos. Exemplo: «Ministro da religião de Jesus Christo, olha por mim e por ti!... Não inquietes os meus restos mortaes; são restos de um christão! — Não prostituas a tua lingua; é a lingua de um ministro do Deus humilde de cruz! (MALHÃO).»

A *prosopopéa*, propriamente dita, introduz a falar os animaes irracionais ou as cousas inanimadas. Exemplo: «A patria! Como elle (Camões) a estremeceia!... Que o digam os perigos a que se expoz, embalado sobre as ondas; que o digam os heroismos que elle praticou em numerosas batalhas; que o digam as saudades que o pungiram naquella gruta de Macau!... (SILVA RAMOS).»

*Apostrophe* é a figura que finge esquecer o assumpto, para se dirigir a outro personagem existente ou phantastico. Exemplos:

«Contra uma dama, ó peitos carniceros,  
Feros vos amostraes, e cavalleiros? (CAMÕES).»

«Vós, ó concavos valles que podestes  
A voz extrema ouvir da boca fria,  
O nome do seu Pedro, que lhe ouvistes  
Por muito grande espaço repetistes! (IDEM).»

*Aposiopése* ou *reticencia* é a figura que suspende o sentido da oração, deixando-o incompleto. Exemplo:

«Mas mouroa emfim nas mãos das brutas gentes,  
Que pois eu fui... E nisto, de mimosa,  
O rosto banha em lagrimas ardentes,  
Como co'o orvalho fica a fresca rosa. (CAMÕES).»

*Ethopéa* é a figura que retrata qualquer personagem com todas as suas feições physicas e com todos os seus caracteres moraes. Exemplo:

«O Padre Mestre, vendo-se obrigado  
A recontar de Ulysses o trabalho,  
Para o tempo ganhar de recorda-los,  
Ronca, escarra, da manga o pardo lenço  
Saca, nas espalmadas mãos o tende,  
Em ambas sopesado o leva á penca,  
Com 'strondo se assoa, e dobrado o colhe:  
D'sturro então sorvida uma pitada,  
O habito sacode, aos sovacos  
Alça o cordão, arrocha-o na casola,  
E de papo ao Deão assim responde: (DINIZ).»

Tambem se dão a esta figura as denominações de *mimésis*, *character*, *retrato*.

A *hypotypose* que alguns consideram como uma especie de *ethopéa*, é a mesma *enarguéa* de que já tratamos.

### III

#### *Figuras de pensamento para deleitar.*

São apenas duas as figuras de pensamento para deleitar: — *epanorthóse* e *anamnésis*.

*Epanorthóse* ou *correção* é a figura que finge arrependimento do que se adiantou, ou emenda do que se disse. Exemplo:

«Feras! mas feras, não: que mais monstruosos  
São da nossa alma os barbaros effeitos. (DURÃO).»

*Anamnésis* é a figura que finge lembrança repentina de uma passagem estranha, que se ia esquecendo, ou que foi suggerida pela presença de alguma cousa. Exemplo: «Agora o anel de Pisão me suscitou a lembrança de uma cousa que de todo me tinha escapado. A quantos homens de bem, cuidaes vós, tirou elle dos dedos os anneis de ouro? (CICERO).»

## SECÇÃO 2.ª

### *Figuras de palavras.*

*Figuras de palavras* são aquellas que, por dependerem somente do material da expressão, ou terem sua razão na disposição local dos vocabulos, não subsistem, si mudarem a symetria das palavras.

As *figuras de palavras* dividem-se em figuras por *acrescentamento*, *diminuição* ou *situação* de palavras.

## I

### *Figuras por acrescentamento de palavras.*

*Epizeuxis* ou *reduplicação* é a figura que repete seguidamente a mesma palavra. Exemplos:

«É *Roma*, é *Roma*, é a cidade eterna! (MAGALHÃES).»

*Diácope* ou *separação* é a figura que repete a mesma palavra, mettendo outra de permeio. Exemplo:

«*Estala*, ó coração, *estala*, acaba. (IDEM).»



*Anaphora* é a figura que repete a mesma palavra no principio de muitas orações. Exemplo:

«*Tornam* prados a despir-se,  
*Tornam* flores a murchar,  
*Tornam* de novo a vestir-se,  
*Tornam* depois a seccar. (G. DIAS.)»

*Epistrophe* é a figura que repete a mesma palavra no fim de muitas orações. Exemplo: «Tudo acaba com a *morte*, e tudo se acaba com a *morte*, até a mesma *morte*. (VIEIRA).»

*Symploce* é a figura que repete uma palavra ou phrase no principio e fim de muitas orações. Exemplo: «*Que faz* o lavrador na terra, cortando-a com o arado? *Busca pão. Que faz* o soldado na campanha, derramando o sangue? *Busca pão. Que faz* o navegante no mar, lutando com as ondas? *Busca pão.* (VIEIRA).»

*Anaphora alternada* é a figura que repete alternadamente as primeiras palavras de diferentes orações. Exemplo: «*Tu* velas de noute, para aconselhares as tuas partes; *aquelle*, para chegar cedo com o exercito ao logar destinado. *Tu* acordas, ao cantar dos gallos; *aquelle*, ao som das trombetas. *Tu* formas um libello; *aquelle*, um campo de batalha, etc. (CICERO).»

*Ploce* é a figura que faz corresponder a palavra do meio da phrase com a do principio, ou do fim da outra. Exemplos: «*Amor* que pode crescer, não é *amor* perfeito. (VIEIRA).»

«Essa é a *patria* minha, a *patria* amada,  
Que a *vida* deu a quem me deu a *vida*.  
(MAGALHÃES).»

*Epanalépse* é a figura que principia e acaba a oração com a mesma palavra, ou o periodo com a mesma phrase. Exemplos:

«*Troveja* mortes, damnos mil *troveja*. (SALDANHA).»

«*Meigas flores gentis, quem vos não ama?*  
Em vós inspirações o bardo encontra;  
Devaneios de amor, a ingenua virgem;  
A abelha, o mel; a humanidade, encantos,  
Odores, nutrição, balsamo e cores:  
*Meigas flores gentis, quem vos não ama?* (G. DIAS).»

*Epánodos* ou *regressão* é a figura que repete, dividindo, as palavras que primeiro disse juntas, ou as idéas que exprimem. Exemplos: «Admiravel foi David *na harpa* e *na funda*; com a *harpa* afugentava demonios, com a *funda* derrubava gigantes. (VIEIRA).»

«*Ambos* fora de si, desacordados:  
*Elle* mais de observar cousa tão bella,  
*Elia* absorta no somno, em que pegara. (DURÃO).»

*Polyptóton* ou *derivação* é a figura que repete a mesma palavra, fazendo-a mudar de flexão, ou exprimir relações diversas. Exemplos:

«E *fuja*, e apresse no *fugir* a morte. (B. DA GAMA).»

«Já co'as infestas armas pelejando  
A *lança* á *lança* oppõem, o *peito* ao *peito*.  
(ULYSSEÁ).»

*Anadiplósis* é a figura que repete no principio de outra oração a palavra que fechou a oração antecedente. Exemplo:

«O regedor das ilhas, que *partia*:  
*Partia* alegremente navegando. (CAMÕES).»

*Exergásia* ou *synonymia* é a figura que repete as mesmas idéas por expressões synonymas. Exemplo: «Em se tratando dos negocios de Deus, era *fogo*, era *raio*, era *corisco*. . . assim *abrazavam*, assim *feriam*, assim *penetravam*, suas palavras. (SOUZA).»

*Polysyndeton* é a figura que emprega muitas conjunções ou a mesma muitas vezes repetida. Exemplo: «O bom engenho ha de ter agudeza *e* subtileza *e* força e velocidade. (H. PINTO).»

*Climax* ou *gradação* é a figura que repete os termos, fazendo passar a ultima palavra de uma oração para primeira da segunda, a ultima da segunda para primeira da terceira, e assim por diante. Exemplo:

«Nosso céu tem mais estrellas,  
Nossas varzeas teem mais *flores*,  
Nossas *flores* teem mais *vida*,  
Nossa *vida* mais amores. (G. DIAS).»

*Pleonasmo* é a figura que accrescenta alguma cousa á legitima construcção. Exemplos: «Eu *mesmo* o vi *com estes olhos*.» «Parece-me *a mim*.» «Os grandes feitos que os portuguezes obraram naquelle dia, o oriente *os* diga. (J. FREIRE).»

*Periphrasis* é a figura que traduz um pensamento em muitas palavras. Exemplo:

«Banha o sol os horizontes,  
Trepas os castellos dos céus,  
Aclara serras e fontes,  
Vigia os dominios seus: (G. DIAS).»

Umas vezes a periphrasis é necessaria; outras, util.

É necessaria, quando traduz uma idéa sordida, torpe, obscena ou triste, por suas circumstancias mais decentes, honestas, castas ou alegres.

É util, quando trodúz a idéa original, decente ou bella por seus matizes e variações mais agradaveis.

A periphrasis dá á elocução um sainete particular, uma belleza exquisita; mas, não mudando a essencia do pensamento, não pode ser considerada como um tropo.

## II

### *Figuras por diminuição de palavras.*

*Ellipse* é a figura que supprime uma ou mais palavras que facilmente se subentendem pelo sentido. Exemplo: «Cantar quero os combates e a victoria. (F. ELYSEO).» isto é «Cantar quero *eu* etc.»

Quando supprime conjunções, toma a ellipse o nome de *asyndeton* ou *dissolução*. Exemplo: «A nossa artilharia, não cessando de jogar noute e dia, levava pelos ares *corpos, pernas, braços, cabeças*. (SOUZA).»

*Zeugma* ou *juncção* é a figura, pela qual o verbo de varias phrases só se acha expresso no principio e no meio da primeira, ou no fim da ultima. Exemplos: «*Venceu* ao pudor a lascivia; ao temor, a audacia; á razão, a loucura. (CICERO).» «O caminho da verdade *é* unico; e o da felicidade, vario e infinito. (ARRAES).» «Certo que tal não és, Catilina, que nem da torpeza o pudor, nem do perigo o medo, nem do furor a razão jamais te *apartou*. (CICERO).»

## III

### *Figuras por situação de palavras.*

As *figuras de palavras por situação* dividem-se em figuras por *consonancia*, *symetria*, *contraposição* ou *transposição* de palavras.

#### a) *Figuras por consonancia.*

*Paronomásia* ou *agnominacio* é a figura que emprega na mesma phrase palavras paronymas. Exemplo: «As *magnetes* attrahem o ferro; os *magnates*, o ouro. (VIEIRA).»

*Antanaclásis* ou *repercussão* é a figura que emprega na mesma phrase palavras homonymas e homophonas. Exemplos: «Á força de fazer *razão* a todas as *saudes*, ia perdendo a *saude* e a *razão*. (DIN. DA CRUZ). «Tro-

cando *pennas* com *pennas*, mais *penas* padeço eu.» (*De uma cantiga popular*).

b) *Figuras por symetria.*

*Párisson* é a figura que faz as orações principiar e acabar por palavras toantes, isto é, por palavras que do accento tonico até o fim teem as mesmas letras vogaes, mas differentes letras consoantes. Exemplo: «Saudades dos que saem, nenhuma me *ficam*; e os que entram, nenhuma confiança me *inspiram*. (VASCONCELLOS).»

*Homeoteleuton* ou *desinencia semelhante* é a figura que termina phrases successivas pelos mesmos consoantes. Exemplo: «Já sei, Senhor, que vos haveis de *enternecer* e *arrepender*, e que não haveis de *ter* coração para *ver* taes lastimas e taes estragos. (VIEIRA).»

Com quanto se encontrem exemplos desta figura nos classicos, entendemos que, por tornar o dizer affectado, só deve ser empregada em proverbios.

*Homeoptoton* ou *cadencia semelhante* é a figura que emprega successivamente nomes exprimindo a mesma relação, ou verbos nos mesmos tempos. Exemplos: «*Desta casa, do sitio della, de seus principios e das maravilhas* que nella obrou o céu, não se pode dizer pouco. (SOUZA).» «*Aquellas dez virgens do vosso evangelho todas se renderam ao somno, todas adormeceram, todas foram iguaes no mesmo descuido.* (VIEIRA).»

*Isocolon* é a figura que constroe os periodos com membros ou phrases iguaes ou quasi iguaes. Exemplo: «Não ha planta viçosa que esta geada não corte; flor delicada que este sol não murche; arvore robusta que este furacão não derribe; rochedo duro que este raio não lasque. (MALHÃO).»

c) *Figuras por contraposição.*

*Antithese* é a figura que contrapõe idéas ou sentidos, Exemplos: «Não ha no mundo alegria sem sobresalto,

não ha concordia sem dissensão, não ha descanso sem trabalho, não ha riqueza sem miseria, não ha dignidade sem perigo, finalmente não ha gosto sem desgosto. (HEITOR PINTO).»

«Porque essas honras vans, esse ouro puro,  
Verdadeiro valor não dão á gente;  
Melhor é merece-los, sem os ter,  
Que possui-los, sem os merecer. (CAMÕES).»

*Antimetábole* é a figura que contrapõe idéas ou sentidos por meio da polyptoton ou derivação. Exemplos: «Não vivo para comer; como para viver. (SOCRATES).» «Ha ali homens tão avessos *que se accendem com o que se deviam de apagar*, e *apagam-se com o que se deviam de accender*. (H. PINTO).»

d) *Figuras por hyperbato ou transposição de palavras.*

As *figuras por hyperbato* consistem na transposição de palavras com ou sem perturbação da ordem grammatical; e comprehendem a *anastrophe*, o *parenthesis*, a *synchysis* e a *tmese*.

A *anastrophe* que consiste na ordem prepostera ou avessa das palavras, é especie de hyperbato muito frequente na poesia. Exemplos:

«De Jesus Christo **a igreja** vezes nove. (FILINTO).»  
«O céu, a terra, as ondas **atroando**. (CAMÕES).»

Devendo dizer-se pela lei de posição: «**a igreja** de Jesus Christo», «**atroando** o céu, a terra, as ondas-»

O *parenthesis* que consiste num sentido interposto noutro, é especie de hyperbato muito mais frequente na prosa que na poesia, e unicamente toleravel, quando a phrase interposta é muito curta. Exemplo:

«O' tu, que tens de humano o gesto e o peito,  
(*Si de humano é matar uma donzella*  
*Fraca e sem força, só por ter sujeito*  
*O coração a quem soube vence-la*)  
A estas creancinhas tem respeito,  
Pois o não tens á morte escura della. (CAMÕES.)»

A *synchisis* que consiste na ordem confusa das palavras ou na transposição destas, com perturbação da ordem grammatical, é especie de hyperbato, que tem algumas vezes cabimento no verso, para produzir effeito imitativo. Exemplo:

«**A grita** se levanta ao céu, *da gente*. (CAMÕES.)»

A *tmese* desloca a enclitica do seu logar proprio para o meio do vocabulo de que é dependencia. Exemplos: «*Chama-lo-d*» por «*o chamará*.» «*Amar-me-ia*» por «*me amaria*.»

## TITULO QUARTO.

### HARMONIA.

Ha ainda uma virtude commum a todo o genero de estylos:—é a *harmonia*.

*Harmonia* é a combinação de sons, aprazivel ao ouvido, quer pelo accorde que entre elles se deve dar, quer pela sua relação com as idéas e sentimentos que exprimem.

Dahi duas especies de harmonia, uma relativa á fórma, chamada *harmonia musical* ou *mechanica*; outra relativa á idéa, chamada *harmonia onomatopica* ou *imitativa*.

## CAPITULO I.

### Harmonia musical ou mechanica.

A *harmonia musical* ou *mechanica* consiste no accorde dos sons, resultante da escolha das palavras e da construcção das phrases.

Divide-se a harmonia musical ou mechanica em *melodia* e *cadencia*.

§ 1.<sup>o</sup>

*Melodia.*

A *melodia* trata da escolha e combinação das palavras em relação aos sons.

Eis as principaes regras da melodia:

1.<sup>a</sup> Entremear vocabulos grandes com pequenos, por modo que a phrase não seja formada só de monosyllabos, nem exclusivamente de polysyllabos.

2.<sup>a</sup> Variar o emprego dos sons vogaes e dos sons consoantes.

Uma phrase é tanto mais melodiosa quanto maior variedade apresentar de sons vogaes e de sons consoantes. Exemplos:

«Rugindo estoura o mar em brutas serras.»

«Amargas ancias causa amar ingratas.»

O primeiro verso é optimo, porque contem todas as cinco vogaes; o segundo é mau, porque contem só duas.

3.<sup>a</sup> Variar a construcção das phrases, e evitar o emprego da mesma palavra duas ou mais vezes proxima-mente, e de termos acabados pela mesma maneira, ou que formem consonancia.

Exceptuam-se os dous casos seguintes:

1.<sup>o</sup> Si a rima é obrigatoria, como succede muitas vezes nas composições metricas. Exemplo:

«Campos bem *aventurados*,  
Tornae-vos agora *tristes*,  
Que os dias em que me *vistes*  
Alegre, já são *passados*. (CAMÕES).»

2.<sup>o</sup> Quando a repetição é empregada de proposito, para dar relevo e força á phrase. Exemplo: «*A vossos*



*pés está a fazenda, a vossos pés estão os interesses, a vossos pés estão os escravos, a vossos pés estão os filhos, a vossos pés está o sangue, a vossos pés está a vida.* (VIEIRA).»

4.<sup>a</sup> Por meio das figuras de dicção, supprimir, accrescentar ou mudar as lettras ou syllabas.

5.<sup>a</sup> Introduzir na phrase palavras a mais, ou que nada accrescentam ao sentido della, só com o intuito de a tornar mais harmoniosa, emphatica ou energica.

Estas palavras chamam-se *verbos de encher* ou *cunhas*. Exemplo:

«Ouvi: que vereis com vans façanhas,  
*Phantasticas, fingidas, mentirosas,*  
Louvar os vossos, como nas estranhas  
Musas de engrandecer-se desejosas: (CAMÕES).»

Neste exemplo, as palavras *phantasticas, fingidas, mentirosas*, são verbos de encher ou cunhas.

Si taes palavras são monosyllabos, tomam ainda a denominação de *particulas explectivas* ou *de realce*. Exemplo: «Mal se faz *de* crer o que se não cuida, nem espera. (FREI L. DE SOUZA).»

Neste exemplo, a preposição *de* é particula explectiva ou de realce.

## § 2.º

### *Cadencia.*

A *cadencia* trata da construcção das phrases em relação ás pausas, ao metro.

Os espaços ou grupos de syllabas que as pausas separam, denominam-se *numeros*.

Os numeros dividem-se em *grandes, pequenos e medios*.

*Grandes*, quando teem mais de dez syllabas; *pequenos*, quando teem menos de sete; *medios*, quando teem de sete a dez inclusive.

Uma syllaba isolada não constitue harmonia; e os numeros formados de mais de doze syllabas, não se podem pronunciar com cadencia e naturalidade.

Os numeros podem-se combinar no discurso por alguma das seguintes maneiras:

1.<sup>a</sup> Formando o periodo de numeros iguaes ou proximamente iguaes. Exemplo: «Todas as creaturas | padeceram com Christo, | a Christo acompanharam, | e corresponderam todas. | Padeceu o sol eclipses; | o véu do templo, rasgos; | as pedras, choques; | a terra, tremores; | os corações, golpes.»

Esta disposição em prosa desagrada.

2.<sup>a</sup> Constituindo o periodo de numeros grandes e pequenos dispostos regular e symetricamente. Exemplo: «Cante-lhe ao homem o rouxinol, | mas na sua gaiola; | diga-lhe ditos o papagaio, | mas na sua cadeia; | vá com elle á caça o açor, | mas nas suas piozes; | faça-lhe bufonarias o bugio, | mas no seu cepo. (VIEIRA).»

Esta combinação, não obstante ser a mais musical, torna o discurso affectado, si for empregada em demasia.

3.<sup>a</sup> Formando o periodo de numeros de varias grandezas, dispostos desordenada e tumultuariamente. Exemplo:

«Evohé, padre Bacho!  
Dá-me a mão, dá-me assento aos pés do throno,  
A mim e a Marcia... Ah! Não. Que temo, ao ve-la,  
Que a Ariadna infindo sejam.  
Cá me arrancho com o Aio. Sus, amigo,  
Que a rancos, não refolegas sustentidos,  
Lá vae, de golpe um frasco. (F. ELYSIO).»

Esta collocação é defeituosa, quando não é empregada de proposito, como succede nas composições dithyrambicas.

4.<sup>a</sup> Empregando no periodo numeros de differentes grandezas, em escala ascendente, de menor para maior, com reserva de um polysyllabo para fecho d'elle. As palavras que produzem mais effeito no encerramento de um periodo, são os verbos e depois os nomes. Exemplos: «A aurora é o riso do céu, | a alegria dos campos, | a

respiração das flores, | a harmonia das aves, | a vida e alento do *mundo*. (VIEIRA).» «Só é verdadeiro senhor da fazenda, | quem sabe dar e repartir; | escravos são della | os que a fecham e *enthesouram*. (FREI L. DE SOUZA).»

Deve-se evitar encerrar o periodo por adverbios terminados em *mente* ou por monosyllabos agudos.

### § 3.º

#### *Vícios da harmonia musical ou mechanica.*

Os *vícios da harmonia musical* ou *mechanica* são:— o *cacophaton*, o *hiato*, a *collisão*, a *dissonancia*, a *monophonia*, o *echo*.

*Cacophaton* é o concurso de syllabas, formando um som rude ou obsceno. Exemplos:

«Em portatil leito uma *rica cama*. (FERREIRA).»  
«*Has* no dizer tantas graças.»

*Hiato* é o concurso de vozes da mesma natureza ou de igual valor. Exemplos: «*Ha* *almas*.» «*Chama* a *ama*.»

*Collisão* é o concurso de consoantes asperas. Exemplos: «*Lirios roxos*.» «*Rosas seccas*.»

*Dissonancia* é o concurso de sons vogaes e consoantes, desagradavel ao ouvido.

Quando a dissonancia é o resultado da concorrência de muitas vozes fortes, tem o nome de *dureza*. Exemplo:

«Mar chão, sol bom, bom ar, á nau serviam.»

Quando a dissonancia é o resultado da concorrência de sons consoantes rijos, toma o nome de *aspereza*. Exemplo:

«Não são os reis mais homens, por ser reis. (FERREIRA).»

Dá-se a aspereza principalmente com os sons consoantes *l*, *r*, *x*.

Evitam-se as dissonancias, escolhendo termos, cujo conjuncto não produza este defeito, ou recorrendo ás licenças permittidas pelos *metaplasmos* ou *figuras de dicção*. Exemplos: «*Armemo-nos* de penitencia. (H. PINTO).» «O trigo que caiu *no* caminho, comeram-*n-o* as aves. (VIEIRA).»

*Monophonia* é a repetição successiva de vozes brandas ou de sons consoantes da mesma natureza. Exemplo: «Quem me matou minha amada.»

A monophonia deixa de ser vicio, quando empregada com fim onomatopico.

*Echo* é a concorrência proxima de syllabas fortes, rimando ou produzindo consonancia. Exemplo: «*Posta* a *proposta* á *votação*, foi *approvada* por *acclamação*.»

O echo não é defeito, si é empregado de proposito.

## CAPITULO II.

### Harmonia imitativa ou onomatopica.

A *harmonia imitativa* ou *onomatopica* é a combinação de sons e de pausas, apropriada a auxiliar a intelligencia do pensamento que se deseja manifestar.

Duas são as especies de harmonia imitativa:—*a de sons* e *a de pausas*.

#### § 1.º

##### *Harmonia imitativa de sons.*

A *harmonia imitativa de sons* é a que resulta do emprego de *phrases* ou *vocabulos onomatopicos*.

Chamam-se *vocabulos onomatopicos* os que imitam na sua pronunciação o som da acção ou do objecto que representam. Exemplos: «*gaguejar*, *cacarejar*, *grasnar*, *chilriar*, *coachar*, *cucurricar*, etc.

A harmonia de sons consegue-se:

1.º Pelo simples emprego de palavras onomatopicas :  
Exemplo :

«Na ribeira—peito n'agua,  
*Chape, chape*, a vadear!  
Nas devezas dos valados  
*Up!* salto a galgar. (A. GARRETT).»

2.º Pelo contexto de vocabulos representando o som das acções, ou cousas que manifestam. Exemplo :

«Ruem por terra as emperradas portas  
Das Eolias horrisonas masmorras,  
Que de um fero encontrão rugindo arromba  
A caterva dos Euros. (BOCAGE).»

§ 2.º

*Harmonia imitativa de pausas ou de numeros.*

A harmonia imitativa de pausas ou de numeros consegue-se:

1.º Empregando na phrase numeros grandes, para representarem as acções demoradas ou sentimentos prolongados; ou numeros curtos, para exprimirem as acções rapidas e os sentimentos precipitados.

Exemplo do primeiro caso: «Ao principio Gabriel, pausado e lento, lançava successivamente uma ou outra mão a esta ou áquella corda; pouco e pouco os seus movimentos tornavam-se mais rapidos;... Era por fim um remoinho, um delirio, uma furia sonora; Gabriel estava tomado de campanomania; etc. (A. HERCULANO).»

Exemplo do segundo caso:

«Que direi? que farei? que clamarei?  
Ó fortuna! ó crueza! ó mal tamanho!  
Ó minha Dona Ignez, ó alma minha,  
Morta m'és tu? morte houve tão ousada  
Que contra ti podesse? ouço-o, e vivo?  
Eu vivo, e tu és morta? ó morte crua! etc.  
(A. FERREIRA).»

2.º Empregando numeros grandes, interrompidos por numeros curtos, sem se guardar, ao distribui-los, regularidade alguma na representação das scenas tumultuosas e de grande perturbação ou confusão. Exemplo:

«A grita se levanta ao céu, da gente;  
O mar se via em fogo accendido;  
E não menos a terra: e assim festeja  
Um ao outro, á maneira de peleja. (CAMÕES).»

A collocação irregular do complemento *da gente* no primeiro verso pinta melhor a perturbação que o poeta deseja representar, do que si o collocasse na ordem regular.

A harmonia imitativa é mais propria da poesia do que da prosa.

### CAPITULO III.

#### *Metrificação.*

A *metrificação* ensina a fazer versos.

*Verso* é uma palavra ou um conjuncto de palavras, comprehendendo determinado numero de syllabas, sujeitas a pausas obrigadas, que se assignalam pelo *accents prosodicos* ou *tonicos*, e de que resultam cadencia e melodia.

A *metrica latina* fundava-se na *quantidade* das syllabas.

Dahi os *pés* ou partes do verso, compostas de combinações de syllabas longas e breves, em numero nunca inferior a duas nem superior a quatro, as quaes serviam para se verificar si continha elle o devido numero de syllabas, ou si estava construido de modo a ter a necessaria cadencia e melodia.

Em portuguez, a quantidade, por si só, não pode servir de base á metrificação, porque, não havendo sensivel differença entre syllabas longas e breves, não produz ella effeito algum na versificação; pelo que foi suplantada pelo *accento prosodico* ou *tonico*, que, por tornar

o vocabulo um todo harmonico, é o *principal factor* do verso portuguez.

Distinguem-se os *versos portuguezes*:

- 1.º—Pela disposição das syllabas metricas;
- 2.º—Pela cadencia e melodia final;
- 3.º—Pelo numero de suas syllabas;
- 4.º—Pelo seu numero em cada estancia.

§ 1.º

*Dos verbos considerados quanto á disposição das syllabas metricas.*

*Syllaba metrica* é a tónica que termina o verso.

Considerados os versos quanto á *syllaba metrica*, denominam-se *agudos*, *graves* e *esdruxulos* ou *dactylicos*.

O verso é *agudo* si termina rigorosamente na *syllaba metrica*; *grave*, si, alem da *syllaba metrica*, ha uma atona; e *esdruxulo* ou *dactylico*, si, alem da *syllaba metrica*, ha duas atonas.

Exemplo do verso agudo:

«Rouca voz começou-me a chamar.»

Exemplo do verso grave:

«Este sim, que é meu filho muito amado!»

Exemplo do verso esdruxulo ou dactylico:

«E em Guanabara *esplendida*.»

Os versos graves são os mais harmoniosos, e por isso, os mais usados; os agudos, por serem algum tanto asperos e ingratos ao ouvido. só se toleram intercalados em versos graves, ou si se quer exprimir idéas extravagantes, comicas ou satyricas; e dos esdruxulos ou dactylicos dár-se-á o emprego com parcimonia, quando, por

virtude de sua fluência e extensão, se tem em vista que produzam effeito imitativo ou onomatopico.

§ 2.º

*Dos versos considerados quanto á sua cadencia  
e melodia final.*

São elementos da *cadencia* e *melodia final* do verso a *pausa*, a *cesura*, o *hemistichio*, a *syllaba metrica* e a *rima*.

*Pausa* é o repouso da voz, que se dá nos accentos tonicos, na cesura, no hemistichio e nas syllabas metricas.

*Cesura* é o corte praticado na palavra grave pelo accento tonico, cujo repouso separa do corpo della a ultima syllaba, que, ficando, por isso, ensurdecida, funde-se com a syllaba inicial do vocabulo seguinte, si começa este por vogal. Exemplo:

•Conchega a mãe ao peito o filho amado,  
«CONCHEg'a mãe ao PEIT'o FILh'amado,

«Nobre e rica outrora.»

«Nobr'e RIC'outrora.»

*Hemistichio* é qualquer das duas metades, de que se compõem o verso heroico e o alexandrino.

O hemistichio termina muitas vezes na tonica final do seu ultimo vocabulo, dividindo o verso em duas partes exactas. Exemplo:

«Na crypta das nações, | absorto, pensativo,  
Entrei a procurar, | não Portugal, o vivo.»

(C. DE LAET.)

Outras vezes, termina na penultima syllaba tonica do seu vocabulo final, sendo a ultima absorvida pela inicial do hemistichio seguinte, ou fazendo parte delle. Exemplo:



«Bailando no ar *gemi* | a inquieto vagalume:  
— Quem me dera que *fos* | se aquella loura estrella.»  
(M. DE ASSIZ.)

Os versos, quanto á sua cadencia e melodia final, podem ser *soltos* e *rimados*.

I

*Dos versos soltos.*

*Versos soltos* são os que terminam em vocabulos não consoantes.

Os *versos soltos*, tambem chamados *brancos*, dispõem de muita naturalidade e variedade, e fazem-se com mais facilidade, alongando-se e encurtando-se os periodos, porque não estão sujeitos á rima nem á medida invariavel.

São preferiveis nas obras moraes e didacticas, porque seu assumpto é grave ou sisudo; nas tragedias, porque nellas dominam paixões vehementes; e nas comedias e dialogos, porque tratam de factos essencialmente naturaes.

Devem variar o mais possivel as desinencias dos seus ultimos vocabulos. Alem de lhes ser o consoante defeito imperdoavel, tambem não se lhes permite, quando successivos, a coincidencia das mesmas vogaes, tanto nas syllabas metricas, como nas atonas que a estas se seguirem. Nelles, deve haver ainda a maior variedade de vogaes.

II

*Dos versos rimados.*

*Versos rimados* são os que terminam em vocabulos consoantes.

Os *vocabulos consoantes* tomam a denominação de *rima*.

*Rima* é a identidade dos sons das syllabas metricas nos versos agudos, ou das syllabas metricas e a atona

ou atonas, que se lhes seguirem, nos versos graves e exdruxulos ou dactylicos.

A *rima* ou *consoante* divide-se em *rima encadeada*, *emparelhada* e *interpolada*.

A *rima encadeada* consiste em empregar-se no meio do verso o consoante final do verso anterior. Exemplo:

«Hoje ha salario p'ra qualquer trabalho,  
Cinzel ou malho, ferramenta ou penna!»  
(CASTRO ALVES.)

A *rima emparelhada* consiste em fazer terminar dous ou mais versos consecutivos no mesmo consoante. Exemplo:

«Debalde invoco teu nome!  
O negro abutre da fome  
Roe-me as entranhas, Senhor!  
Estão aridos meus peitos!  
Sobre seus humidos leitões,  
Meus filhos, tristes, desfeitos,  
Vertem lagrimas de dor!»  
(F. VARELLA.)

A *rima interpolada* consiste no emprego alternado ou interposto dos consoantes finais dos versos.

Exemplo de consoantes alternados:

«Pelo céu os passarinhos,  
Bem como os anjinhos seus  
Vão cantando innocentinhos  
Varios poemas a Deus.»  
(JUNQUEIRA FREIRE.)

Exemplo de consoantes interpostos:

«Quem és tu, pobre vivente,  
Que passas triste, sozinho,  
Trazendo os raios da estrella  
E as azas do passarinho?»  
(F. VARELLA.)

Os versos rimados disfarçam durezas, frouxidões e outros vícios, que não se desculpam nos versos soltos; dão aos periodos symetria; tornam a fôrma poetica mais perceptivel e agradavel; e ajudam a memoria.

São preferiveis nos poemas destinados a agradar, como os que tratam de assumptos referentes ao amor, aos affectos, á moral, etc.

§ 3.º

*Dos versos considerados quanto ao numero de suas syllabas.*

Quanto ao numero de syllabas, podem contar-se as seguintes especies de versos:

- 1.<sup>a</sup>—De *treze* syllabas;
- 2.<sup>a</sup>—De *doze* ou *alexandrinos*;
- 3.<sup>a</sup>—De *onze* ou *de arte maior*;
- 4.<sup>a</sup>—De *dez* ou *heroicos*;
- 5.<sup>a</sup>—De *nove* ou *de Gregorio de Mattos*;
- 6.<sup>a</sup>—De *oito*;
- 7.<sup>a</sup>—De *sete* ou *de redondilha maior*;
- 8.<sup>a</sup>—De *seis* ou *heroicos quebrados*;
- 9.<sup>a</sup>—De *cinco* ou *de redondilha menor*, e, segundo a denominação historica provençal, *de arte menor*;
- 10.<sup>a</sup>—De *quatro* ou *adonicos*;
- 11.<sup>a</sup>—De *tres* ou *quebrados de redondilha maior*;
- 12.<sup>a</sup>—De *duas*;
- 13.<sup>a</sup>—De *uma*.

Estas duas ultimas especies tambem se denominam *pequenos* ou *lyricos*.

Os *versos de treze syllabas* são de uso raro, e compõem-se de dous de seis syllabas; o primeiro destes deve ser grave, e sua ultima syllaba não se elidirá com a primeira do segundo, que começará por letra consoante. Exemplos:

«Tu que os costumes *nossos* | melhor que ninguem *pintas*!  
Ensina-me o *segredo* | com que dás alma ás *tintas*.»

(J. B. DA GAMA.)

Os *versos de doze syllabas* ou *alexandrinos* são os versos heroicos dos francezes.

Em Portuguez, compõem-se de dous de seis syllabas, dos quaes o primeiro pode ser agudo ou grave; mas, quando grave, sua ultima syllaba será elidida na primeira da palavra seguinte, que deverá começar por vogal. Exemplo:

«Si a fortuna um diadema | em teu berço ha lançado,  
Desse dom casual | não me attrahe o esplendor.»

(A. F. DE CASTILHO.)

Tambem se podem formar de um grave de seis syllabas, accentuado na terceira e outro de cinco, accentuado na segunda. Exemplo:

«Já no *miser*o albergue, | que escolhe por *berço*,  
O mais *pobre* dos *filhos* | dos *homens* parece.»

(A. F. DE S. VASCONCELLOS.)

Os *versos de onze syllabas* ou *de arte maior* são compostos de dous de cinco syllabas, accentuados ordinariamente na segunda. Exemplo:

«Uma harpa a seu lado | frisava a corrente,  
Gemendo queixosa | da leve pressão.»

(G. DIAS.)

Os *versos de dez syllabas*, denominados *italianos* e ainda *heroicos*, por serem empregados nas epopéas, nas tragedias e noutras poesias heroicas ou sublimes, são de maxima formosura, de sufficiente grandeza, para abranger o pensamento, e susceptiveis de muita variedade.

Admittem duas disposições de accentos.

1.<sup>a</sup> Na sexta e na decima syllaba. Exemplo:

«Troam na Iberia os *hymnos* da victoria  
Que Fernando e Isabel do Mourò houveram.»

(PORTO ALEGRE.)

Esta accentuação torna o verso grave e valente.

2.<sup>a</sup> Na quarta, oitava e decima syllaba. Exemplo:

«Escuta, Elvira!... Vou contar-te um sonho,  
Bello, risinho, que uma vez sonhei;»

(FAUSTINO DE NOVAES).

As pausas obrigadas desta combinação de accentos fa-los suaves e affectados; pelo que os chamam neste caso *saphicos*.

Sua harmonia augmenta ainda, si forem accentuados em todas as syllabas pares. Exemplo:

Prazeres socios meus e meus tyrannos.»

(BOCAGE).

Desterram delles a monotonia e dão-lhes incontestavel superioridade ás especies mencionadas esta variedade de accentuação, que lhes é frequente e de facil emprego, e o dispensarem a rima que lhes não é essencial, por ser nossa Lingua assás sonora e extremamente musical.

Os versos de nove syllabas, tambem chamados de Gregorio de Mattos, poeta brasileiro, são bellissimos, e accentuam-se na terceira, sexta e nona syllaba. Exemplo:

«Sois da Patria esperança fagueira,  
Branca nuvem de um roseo porvir!»

(Hymno Academico.—B. SAMPAIO).

Prestam-se muito ao canto; e, por isso, teem servido muitas vezes para a composição de hymnos marciaes e patrioticos.

Os versos de oito syllabas teem sido muito pouco usados.

A respeito da sua accentuação, é opinião corrente que deve ser realisada na quarta e oitava syllaba. Exemplo:

«Acompanhae meu vão lamento  
Auras ligeiras que passaes!»

(A. F. DE CASTILHO).

Gonçalves Dias porem accentuou-os na segunda, quinta e oitava. Exemplo:

«Bem como serpentes que o *frio*  
Em *nós* emmaranha,—salgadas  
As *ondas* s'estanham pesadas  
Batendo no *frouxo areal*.»

(*A Tempestade*.—G. DIAS).

Os *versos de sete syllabas* ou de *redondilha maior*, alem do *accento* na *syllaba metrica*, podem ter outro, que deve variar da segunda á quinta; são considerados melhores os que o teem na terceira.

Dos versos portuguezes são os mais populares; sem excluir a nobreza e energia, recommendam-se ainda pela graça e doçura. Exemplo:

«Como *são* bellos os *dias*  
Do *despontar* da *existencia*!  
Respira a *alma innocencia*,  
Como *perfumes* a *flor*!»

(C. DE ABREU).

Os *versos de seis syllabas*, denominados tambem *heroicos quebrados*, são usados em poesias proprias do canto, e intermeados em versos de dez syllabas. Delles os mais harmoniosos são os que tiverem accentuadas a sexta e a quinta ou a sexta e a terceira. Exemplos:

«Lá corre a *nuvem negra*,  
Lá cobre a *face* ao *céu*,  
Qual lutuoso *crepe*,  
Qual mortuario *véu*.»

(JUNQUEIRA FREIRE).

«Eu também antevi dourados dias,  
Nesse *día fatal*;  
Eu também, como tu, sonhei contente  
Uma ventura *igual*.»

(JUNQUEIRA FREIRE.)

Os *versos de cinco syllabas*, que também se chamam *de redondilha menor*, têm viveza e suavidade, e, além do accento da syllaba metrica, cumpre que tenham outro na primeira, segunda ou terceira. Exemplo:

«A vida é combate,  
Que os fracos abate,  
Que os fortes, os *bravos*,  
Só pode exaltar.»

(G. DIAS.)

Os *versos de uma, duas, tres e quatro syllabas* têm accentuação obrigada apenas na syllaba metrica.

E' raro encontrarem-se só os tres primeiros, porque difficilmente deixam de ser monotonos. Os ultimos denominados também *adonicos*, prestam-se a composições ternas e delicadas. Exemplo de versos de quatro syllabas:

«Põe na virtude,  
Filha querida,  
De tua *vida*  
Todo o *primor*.»

(VISCONDE DA PEDRA BRANCA.)

Exemplo de versos de tres syllabas:

«Ha casos de tão fria ingratição  
Que a *razão*  
Não se *atreve*  
A crê-los, sem exame, assim de leve.»

(O menino e a *Cobra*.—A. GARRETT.)

Exemplo de versos de duas syllabas:

Estrellas  
Singelas,  
Luzeiros  
Fagueiros,»

(*A Cruz.*—F. VARELLA.)

«Exemplo de versos de uma syllaba:

«Volta, ó mãe, ao teu albergue;

— *Ergue* —

Teus olhos á Mãe de Christo;

Até que desponte a aurora,

— *Ora* —,

Que o menino ha de ser visto.»

(*Amor de mãe.*—ROZENDO MONIZ.)

#### § 4.º

*Dos versos considerados quanto ao seu numero  
em cada estancia.*

Dá-se o nome de *estancia* a cada um dos grupos de versos, com disposição semelhante de rimas, em que se dividem algumas composições poeticas.

Toma o nome de *couplet* ou *copla* nas canções, e o de *estrophe*, *antistrophe* ou *epodo* nas odes.

Conforme o numero de versos de que se compõe, chama-se *distico* ou *parelha*, *tercetto*, *quadra* ou *quarteto*, *quintilha*, *sextilha* ou *sextina*, *septilha*, *oitava* e *decima*.

De duas quadras ou quartetos, seguidos de dous tercettos, em versos rimados de dez syllabas, compõe-se a forma poetica denominada *soneto*.

Ha delle varias composições; mas a mais usada, entre os antigos e actualmente, consiste em ter duas rimas: uma para os versos extremos — primeiro, quarto,



quinto e oitavo —, e a outra para os do meio — segundo, terceiro, sexto e setimo —; e alternar duas outras rimas nos tercettos.

O soneto é uma bella composição; mas, para ser perfeito, cumpre que seus pensamentos sejam nobres e elevados, sua linguagem viva e melodiosa, e seus versos perfeitamente torneados.

Alem disto, desde o começo, devem suas bellezas ir crescendo por tal modo que o ultimo verso o encerre com um conceito tão notavel que habilite a critica a julga-lo fechado com chave de ouro.

Exceptuando as semsabores *parelhas* e as *sextinas*, as outras especies de rima são susceptiveis de bello effeito, quando tratadas por mãos habeis.

## PARTE TERCEIRA.

### SEMILOGIA <sup>(1)</sup>.

*Semiologia*, tambem chamada *semantica*, *sematologia* ou *semeiotica*, é o estudo que, para interpretação do sentido total da phrase, se faz das translações ou mudanças, que, no tempo e no espaço, experimenta a significação das palavras, consideradas como signaes das idéas.

Divide-se a *semiologia* em *exegetica* e *technica*.

### LIVRO PRIMEIRO.

#### EXEGETICA.

A *exegetica* investiga todos os phenomenos que dizem respeito á significação das palavras.

---

(<sup>1</sup>) Desta parte da grammatica, cuja doutrina é complexa e difficilima, ha apenas materiaes esparsos ou notas fragmentarias, que ainda não foram concatenadas ou reduzidas a systema.

As palavras em relação á sua significação chamam-se *termos* que podem ser *mononyms*, *synonyms*, *poly-nonyms* e *antonyms*.

O lexico, como as fórmãs grammaticaes e a pronúnciação, varia de epoca para epoca. O povo não se contenta com exprimir o pensamento e as idéas novas; é-lhe forçoso apresenta-los animados e revestidos de variadas cores; não lhe basta pois o processo de importação de vocabulos novos de origem estrangeira, nem o da formação portugueza propriamente dita. Aquella tendencia natural e espontanea da sua vida intellectual leva-o, sob a acção da analogia, a alterar, renovar, e accrescer o lexico pelo processo modificador do sentido das palavras.

O principio da analogia deve ser attribuido em parte ao instincto natural da imitação, e em parte á lei do menor esforço. A multiplicidade dos sentidos de uma mesma palavra é pois resultante da necessidade ou desejo de adquirir novas idéas, sem o trabalho de inventar ou formar palavras novas.

Todas as mudanças de sentido fundam-se na comparação ou analogia. Foi a analogia que deu origem ás mudanças de sentido, conhecidas pela denominação de *tropos* <sup>(1)</sup>.

A influencia dessa lei é sempre obvia, directa ou indirectamente. Exemplos: «*Donzella* até o seculo 16.<sup>o</sup> era uma dama do paço, solteira; hoje, mulher solteira, mas virgem, ainda que maior de vinte e cinco annos: *corja*, antigamente collecção de vinte (de roupa, louça, etc.); hoje, agrupamento indeterminado de individuos malandrinós: *fintar* era lançar finta, tributo; hoje, enganar.»

Eis as principaes causas particulares das varias applicações de sentido nas palavras:

I.<sup>a</sup> GENERALISAÇÃO DO PARTICULAR — O sentido de particular torna-se geral: «*Belchior* chamava-se o primeiro adelo estabelecido no Rio de Janeiro; esse nome, por

---

(1) Veja-se a Parte 2.<sup>a</sup>, Liv. 2.<sup>a</sup>, Tit. 3.<sup>a</sup>, Cap. 3.<sup>a</sup>, § 1.<sup>a</sup>

uma extensão menos natural, veio a significar todos os que compram e vendem roupas e trastes usados.»

2.<sup>a</sup> ESPECIALISAÇÃO DO GERAL — O sentido do vocabulo restringe-se: «*Britar* significava arrombar ou quebrar qualquer cousa; hoje só se emprega no sentido de quebrar pedras.»

3.<sup>a</sup> MUDANÇA DE NUMERO — Algumas palavras mudam de significação, quando no plural: «*Bem*, o que é bom, honesto, vantajoso, conveniente; *bens*, riqueza, propriedade.

4.<sup>a</sup> MUDANÇA DE GENERO — O feminino dá mais extensão ao sentido da palavra: «*Fruto*, *fruta*; *lenho*, *lenha*.»

5.<sup>a</sup> MUDANÇA DO SENTIDO PASSIVO PARA O ACTIVO E VICE-VERSA, DO OBJECTIVO PARA O SUBJECTIVO — «*Hospede* era originariamente o homem que dava pousada ou agasalho, dono de estalagem; hoje significa pessoa a quem se dá hospedagem.»

6.<sup>a</sup> MUDANÇA POR ENCARECIMENTO — A palavra, depois de certo tempo, toma sentido mais nobre ou elevado: «*Meco* significava devasso, adultero; hoje, mas em linguagem vulgar, tem o sentido de esperto.»

7.<sup>a</sup> MUDANÇA POR DEGRADAÇÃO OU REMOQUE — «*Tratante* applicava-se ás pessoas que tratavam ou negociavam; hoje só se emprega á má parte, significando individuo que faz negocios com tretas e dolos.»

8.<sup>a</sup> DERIVAÇÃO DIVERGENTE OU DEGENERACÃO PHONETICA — «*Comparar* e *comprar* de *comparare*; *esmar* e *estimar*; *acto* e *auto*.»

9.<sup>a</sup> INVERSÃO DA ORDEM DOS FACTORES NA COMPOSIÇÃO — «*Homem rico* e *rico homem*.»

10.<sup>a</sup> ORIGEM HISTORICA — «*Cachemira*, um *havana*, o *paraty*, o *champagne*, um *terra-nova*, etc., lembram as localidades donde procedem esses productos: *amphytrião*, *tartufo*, etc., trazem á memoria personagens que de feito existiram, ou foram creados pela imaginação dos escriptores.»

11.<sup>a</sup> FALSA ETYMOLOGIA OU ESQUECIMENTO ETYMOLOGICO — «*Braço* e *cutello* por *baraço* e *cutello*; *comer a dous carrinhos* por *comer a dous carrilhos*.»

12.<sup>a</sup> LIMITAÇÃO REGIONAL OU DIALECTAL — «As palavras ás vezes mudam de sentido da metropole para a colonia, de provincia para provincia, etc. Estas mudanças constituem os *americanismos*, *brazileirismos*, *provincialisismos*. Exemplos: «*Babado*, em Portugal, cheio de baba; no Brazil, idem e fólhos de vestido: *calunga* (termo africano), na Bahia, significa ratinho; em Pernambuco, boneco de pau; no Rio de Janeiro, companheiro, parceiro, mas só em linguagem plebéa.»

13.<sup>a</sup> ELLIPSE DE PALAVRAS — «*Estou que por estou crente em que.*»

14.<sup>a</sup> REFORÇO NEGATIVO — «*Nem mica, nem sombra, nem um pingó.*»

15.<sup>a</sup> POR MUDANÇA DE CATEGORIA GRAMMATICAL — «*Babado*, participio; *babado*, substantivo: *official*, adjectivo; *official*, substantivo.»

16.<sup>a</sup> POR MUDANÇA DE CATEGORIA MENTAL — «*Feira* que ficou sendo a denominação de cinco dias da semana.»

17.<sup>a</sup> POR MUDANÇA DE ACCENTUAÇÃO OU DESLOCAÇÃO DA TONICA — «*Nível* e *nivél.*» *Nível* é a pronuncia hoje corrente, para exprimir um plano horizontal; *nivél* é o instrumento que serve, para se reconhecer a horizontalidade de um plano.

18.<sup>a</sup> PELA LEI DE CONTAGIO — Um vocabulo adquire a significação de outro a que anda ou andou sempre aggregado. É o que succede com os adjectivos substantivados: «*O justo* = o homem justo; *o sereno* = o tempo sereno.»

Ás vezes o sentido figurado prevalece, e tanto se vulgarisa que o sentido proprio se perde; outras, as varias applicações de sentido desenvolvem-se juntamente, e acabam por nos fazer esquecer a relação que as liga. *Tabefe*, por exemplo, não lembra mais a idéa de leite com assucar e ovos; *garganta* de serra ou de montanha parece já palavra distincta de *garganta*, parte anterior do pescoço.

Esta importante elaboração não se limitou ao vocabulario e ao esquecimento das etymologias; estendeu-se

tambem ás construcções, ás locuções e phrases. Exemplos: «Fazer gato sapato de alguém.» «Dar em droga.» «Perder as estribeiras.» «Ver-se em calças pardas.»

São estes dizeres verdadeiros *idiotismos de sentido*, que constituem uma das riquezas de todas as linguas, e que dos populares passam aos escriptos classicos.

## LIVRO SEGUNDO.

### TECHNICA.

A *technica* trata da leitura e dos signaes necessarios á interpretação do sentido da phrase.

### TITULO PRIMEIRO.

#### LEITURA.

A leitura deve ser feita, observando-se o seguinte:

1.º Denotar, por inflexões de voz especiaes, as *pausas* marcadas pelos signaes de pontuação;

2.º—Tornar bem sensivel, com entoação adequada, o *accento tonico* do vocabulo;

3.º Fazer sobresair pelo *accento emphatico* as idéas capitaes das proposições;

4.º Pôr em relevo pelo *accento oratorio* os sentimentos proprios do assumpto.

*Accento* é a particular entoação, com que pronunciamos uma syllaba de um vocabulo em relação ás outras, ou um vocabulo em relação aos outros, ou enfim uma oração inteira em relação ás outras do mesmo periodo; e que dá individualidade a cada uma destas entidades do discurso.

O *accento* dá muita belleza, graça e melodia ao discurso. Sem essa modulação da voz, as syllabas, os vocabulos, as orações, pronunciadas sempre com o mesmo tom, sempre com a mesma monotonia, perderiam o seu character principal de signaes modelados á feição dos sentimentos, das paixões e dos conceitos da alma. Com o *accento* o pensamento sae vivo e animado do espirito que o concebe, a alma transluz-se fielmente na linguagem,

onde se lhe deparam notas para todas as paixões, tela para todos os quadros, signaes para todos os conceitos, teclas para todos os sentimentos, transcripto emfim para todo o ser interior.

Os accentos principaes são:—o *tonico*, o *emphatico*, o *oratorio*.

Do *accento tonico* já tratamos <sup>(1)</sup>.

*Accento emphatico*, *logico* ou *racional* é a particular entoação, com que se pronuncia um vocabulo de uma proposição, para faze-lo sobresair aos outros da mesma proposição, e tornar portanto bem sensivel a idéa que elle exprime.

Este *accento*, notado em parte pela pontuação, dá unidade á proposição, indicando o laço, a connexão, mais ou menos intima, que teem as idéas entre si.

Sua modulação faz-se de dous modos:

Umas vezes, vae-se erguendo gradualmente o tom, até chegar á palavra *emphatica*, seja qual for o logar por ella occupado no contexto; depois vae decaindo a voz, até a pausa, com que termina a proposição. Com esta modulação é que se pronunciará cada uma destas proposições: «Os mais illustres *honraram* sua familia; os mais humildes *deram* a ella principio.»

Outras vezes, se pronunciará a palavra distinctamente, e destacada de todas as outras, apoiando ou prolongando a voz sobre ella. Nesta phrase, «Câmões é um poeta *eminentissimo*», as syllabas da palavra *eminentissimo* devem ser pronunciadas com distincção e força.

*Accento oratorio*, a que tambem dão as denominações de *oracional*, *pathetico* ou *phraseologico*, é o que, por diversas inflexões de voz, por um tom mais ou menos elevado, exprime os sentimentos de que se acha possuida a pessoa que fala.

A interrogação, a admiração, o sobresalto, o enthusiasmo, a alegria, a tristeza, a censura, as queixas e a colera, todos os sentimentos em summa, todas as paixões,

---

(1) Veja-se a parte 1.<sup>a</sup>, Liv. 1.<sup>o</sup>, Tit. 2.<sup>o</sup>, Cap. 2.<sup>o</sup>

teem seu tom, seu accento particular; e, como são innumeros e variadissimos os sentimentos que nos tomam e assaltam, e bem assim as paixões que nos turbam os animos, innumeras e variadissimas devem ser as gradações do accento oratorio.

Na phrase, «Não admira as bellezas do Brazil.», o tom será diverso, si, em vez de enunciar simplesmente o indifferentismo de alguém por estas bellezas, se interrogam os sentimentos que esse alguém nutre por ellas, ou se admira esse indifferentismo.

Alem destas tres especies de accentos, ha ainda o *accento nacional*, o *accento provinciano* e os *accentos grammaticaes*.

*Accento nacional* são as inflexões de voz, particulares a uma nação.

Na linguagem de cada nação, mesmo em sua pronunciação, encontra-se o cunho mais pronunciado de sua individualidade. A vivacidade ou a lentidão da articulação, a dureza ou a doçura das inflexões, a repetição obrigada de certas cadencias, estão sempre em relação com os costumes, com o genio dos differentes povos. Estas multiplas modulações que se notam em todo e qualquer paiz, são devidas a influencias mesologicas, como o clima, a organisação physica, os habitos de vida, etc.

*Accento provinciano* ou *local*, tambem designado pelo nome de *solaque*, são as intonações de voz, peculiares a um estado ou provincia, e differentes das do falar da gente culta.

Estas intonações de voz restringem o valor do accento tonico, porque dão á palavra um accento secundario, como se vê em *pântano*, *móthér*, *Múceió*, etc.

Dos *accentos grammaticaes* ou *figurados*, que são os signaes com que se nota a syllaba predominante do vocabulo, já explanamos a doutrina <sup>(1)</sup>.

---

(1) Veja-se a Parte 1.<sup>a</sup>. Liv. 2.<sup>o</sup>, Tit. 3.<sup>o</sup>, Cap. 1.<sup>o</sup>

## TITULO SEGUNDO.

### PONTUAÇÃO.

A *pontuação* indica, por meio de certos signaes, as pausas que se devem fazer, quando se lê; e ensina a fazer a distincção dos periodos, e das partes de que elles se compõem.

Os exemplos seguintes que, por se acharem pontuados de modo differente, exprimem sentidos inteiramente diversos, mostram claramente quanto são necessarios os signaes de pontuação á verdadeira intelligencia do sentido da phrase.

#### *Exemplo 1.º*

«Reina de crime em crime; emfim eis-te rei.»

«Reina; de crime em crime, emfim eis-te rei.»

Pela primeira pontuação, exhorta-se aquelle a quem se fala, a accumular crime sobre crime, durante o seu reinado; pela segunda, faz-se entender que, á força de crimes, elle veio a ser rei.

#### *Exemplo 2.º*

«Reina como pae, logo que tiveres vencido; lembra-te que tens um senhor no céu.»

«Reina como pae; logo que tiveres vencido, lembra-te que tens um senhor no céu.»

O sentido da primeira pontuação é uma exhortação a reinar como pae, depois de ter vencido; o da segunda é uma exhortação a lembrar-se de Deus, quando tiver vencido.

#### *Exemplo 3.º*

«Elle violou todas as leis; para conseguir seus designios, nem si quer respeitou o pudor das senhoras.»

«Elle violou todas as leis, para conseguir seus designios; nem si quer respeitou o pudor das senhoras.»



O sentido que nos offerece a primeira pontuação, é que elle ultrajou as senhoras, para conseguir os seus designios; o da segunda é que, depois de ter violado as leis, para conseguir os seus designios, ultrajou tambem as senhoras.

*Exemplo 4.º*

«Propagou a sua religião; com o Alcorão em uma das mãos e a espada na outra, morreu envenenado.»

«Propagou a sua religião, com o Alcorão em uma das mãos e a espada na outra; morreu envenenado.»

Conforme a primeira pontuação, estas palavras «*com o Alcorão em uma das mãos e a espada na outra*» designam a maneira pela qual Mahomet morreu; conforme a segunda, essas mesmas palavras mostram a maneira pela qual Mahomet propagava a sua religião.

*Exemplo 5.º*

«Este principe, defensor de Tarquinio o Soberbo, expulso de Roma, foi sitiar esta cidade.»

«Este principe, defensor de Tarquinio o Soberbo expulso de Roma, foi sitiar esta cidade.»

A primeira pontuação indica que este principe fora expulso de Roma; a segunda que o fora Tarquinio o Soberbo.

Os *signaes de pontuação*, não falando nos espaços em branco, com que se distinguem as palavras, são: a *virgula* (,), o *ponto e virgula* (;), os *dous pontos* (:), o *ponto final* (.), o *ponto de interrogação* (?), o *ponto de admiração* (!), os *pontos de reticencia* (...), o *traço de divisão* (—), o *parenthesis* (( )), as *virgulas dobradas* («»), o *paragrapho* ou *alínea*.

## CAPITULO I.

### VIRGULA.

A *virgula* marca uma pausa, com breve inflexão de voz, e faz a distincção das orações, ou ainda dos membros destas, quando é isso conveniente.

#### § 1.º

Discriminam-se pela virgula, ou estejam no principio, ou no meio, ou no fim das phrases:

1.º Os vocativos ou palavras em apostrophe. Exemplos:

«*Marilia*, escuta  
Um triste pastor. (GONZAGA).»

«E vós, *Tagides minhas*, pois creado  
Tendes em mim um novo engenho ardente. (CAMÕES).»

«Porque dormes, *ó Piaga divino*? (DIAS).»

2.º As orações circumstanciaes conjuncionaes, infinitivas e participio.

Exemplos de circumstanciaes conjuncionaes: «*Até que sejas homem feito*, devem passar-se ainda não poucos annos.» «O caso não aconteceu, *como geralmente se diz*, mas de modo bem diverso.» «O homem pensa, *porque é um ente dotado de intelligencia*.»

Exemplos de circumstanciaes infinitivas: «*Antes deprehenderes uma tão longa viagem*, bom é que te provejas do necessario para ella.» «O commandante, *antes de partir*, despediu-se de todos.» «Estuda, *para vires a ser um homem distincto na sociedade*.»

Exemplos de circumstanciaes participio: «*Escasseando as munições*, para resistir mais tempo, rendeu-se a fortaleza por capitulação.» «Anda depressa, que, *concluido o teu trabalho*, tens de sair.» «Elle me disse que se retirou, *acabada a festa*.»

§ 2.º

Levam virgula antes de si:

1.º Os nomes appostos, quando completam periodos, ou proposições discriminadas por ponto e virgula ou dous pontos. Exemplo:

«Respondeu-me—Sou a morte,  
*Cru phantasma de terror!* (DIAS).»

2.º As proposições qualificativas puras, quando a referencia do conjunctivo é remota, ou porque, alem da qualificativa, tem o termo antecedente outro ou outros complementos que se intercalam entre elle e o conjunctivo; ou porque se refere este a mais de um antecedente. Exemplos: «Os que blasonam de não ceder nem vergar, são como as *estatuas de pedra ou bronze, que por materiaes e inanimadas, não se curvam, nem se dobram.* (M. DE MARICÁ).» «Os ignorantes se dariam parabens de sua ignorancia, si podessem descobrir *o turbilhão de duvidas, questões, arcanos e mysterios, que torturam, e agitam as cabeças dos homens doutos e sabios deste mundo.* (IDEM).»

3.º As proposições qualificativas preposicionaes, conforme a relação que, por virtude da preposição de que é precedido, exprime o adjectivo conjunctivo. Exemplo: «A casa, *em que resides*, é insalubre.» «O individuo *a quem pertence este predio*, pretende reedifica-lo.»

No primeiro exemplo, tem virgula antes de si a qualificativa preposicional *em que resides*, porque o adjectivo conjunctivo regido da preposição *em*, modifica o verbo *resides*, accrescentando-lhe uma circumstancia de logar; no segundo, não a tem a qualificativa preposicional *a quem pertence este predio*, porque o mesmo adjectivo, em razão da preposição *a* que o rege, exprime uma relação terminativa, ou é complemento terminativo do verbo *pertence*.

4.º As proposições qualificativas locaes. Exemplo:  
«Ha nellas uma varanda alta e mal reparada, **donde**,  
*andando com pouco resguardo, caiu abaixo.* (FREI L. DE  
SOUZA).»

5.º As palavras ambigüas ou de dous sentidos.  
Exemplo:

«Que em **terreno**  
Não cabe o altivo **peito**, *tão pequeno.* (CAMÕES).»

§ 3.º

Devem ter virgula depois de si, quando não completam periodos, ou proposições discriminadas por ponto e virgula ou dous pontos:

1.º Todos os sujeitos de um mesmo verbo. Exemplo: «*A intelligencia, a palavra, a belleza da fórma,* são as qualidades essenciaes que distinguem o homem do bruto.»

2.º Todos os verbos de um mesmo sujeito. Exemplo:

«Negra a pel, mas o sangue no peito,  
Como o mar em tormentas desfeito,  
*Ferve, estua, refere* em cachões! (TRAJANO).»

3.º Todos os attributos de um mesmo sujeito.  
Exemplo:

«Era *feio, medonho, tremendo,*  
Ó Guerreiros, o espectro que eu vi. (G. DIAS).»

4.º Todos os adjectivos que qualificam um mesmo nome. Exemplo: «Tudo isto que vemos com nossos olhos, é aquelle espirito *sublime, ardente, grande,* immenso: a alma. (VIEIRA).»

5.º Todos os complementos de um mesmo verbo, adjectivo ou nome. Exemplos: «É a guerra aquelle monstro que se **sustenta** *das fazendas, do sangue, das vidas,* e quanto mais come e consome, tanto menos se farta. (VIEIRA).» «Depois vem outra epoca da vida,

em que a felicidade é mentida, mas ainda é felicidade, posto que já **eivada** *de vaga inquietação, de ambições desregradadas, de especulações mesquinhas e contradictorias.* (A. HERCULANO).» «Como a florinha do campo, a alma, por onde passou a procella da philosophia, esse **turbilhão transitorio** *de doutrinas, de systemas, de opiniões, de argumentos,* pende desanimada e triste;... (IDEM).»

6.º Todos os adverbios continuados. Exemplo: «*Aqui, alli, alem,* mil rostos meigos. (G. DIAS).»

7.º Todas as proposições absolutas, intimamente consorciadas, ou por uma conjuncção de approximação, ou por um termo commum a todas, mas uma só vez expresso:

Exemplos do primeiro caso: «Em buscar pão se resolve tudo, *e* tudo se applica ao buscar. (VIEIRA).» «O temor não é de homens fortes, *nem* o agouro de homens sabios. (IDEM).»

Exemplos do segundo caso: «A *virtude* risonha acompanha-nos a toda a parte, amolda-se aos tempos, e cinge-se ás occorrencias. (REBELLO DA SILVA).» «*No Jardim Botanico e perante numeroso concurso de povo,* tocaram duas bandas de musica, subiu ao ar um aerostato, e houve outras distracções.»

8.º Todas as proposições qualificativas. Exemplo: «O homem *que é prudente,* regula suas despesas pelos rendimentos do seu trabalho.»

Tambem teem virgulas depois de si os complementos circumstanciaes modificados por uma ou mais dependencias, quando estão em ordem prepostera. Exemplo: «**Nas campanhas da vida humana,** a virtude é a nossa melhor alliada. (M. DE MARICÁ).»

#### § 4.º

Devem estar entre virgulas, quando encravados ou mettidos no meio da oração:

1.º Os nomes appostos. Exemplo: «Não trajava ás vezes os trajos da corte celeste, *o amito, a casula, o plu-*

*vial*, com que estavam vestidos alguns vultos de anjos pintados em tres ou quatro antiquissimos quadros do presbyterio? (A. HERCULANO).»

2.º As orações que não modificam aquellas entre as quaes se intercalam, nem são por ellas modificadas. Exemplo:

«E tu, *pergunta a donzella*,  
Que fazes no teu vagar? (G. DIAS).»

Ha escriptores que fazem a distincção destas orações, ou com o parenthesis, ou com o traço de divisão. Exemplos:

«Que importa? si tu não foste,  
(*Disse o lobo carniceiro*)  
Foi teu pae. E, por aleives,  
Lacera o pobre cordeiro! (MALHÃO).»

«Obrigado — *atalhou o velho* — aos conselheiros de el-rei pelos bons desejos que em meu prol teem. (A. HERCULANO).»

#### § 5.º

Usa-se ainda da virgula:

1.º Para mostrar a ellipse do verbo, quando se dá a figura *zeugma*. Exemplo: «A torre de S. Thiago *entregou* a Alonso de Bonifacio, escrivão da Alfandega; o baluarte S. Thomé, a Luiz de Souza; o de S. João, a Gil Coutinho; o que ficava sobre a porta, a Antonio Freire; o outro baluarte S. Thiago, que descobria o rio, a D. João de Almeida com seu irmão D. Pedro de Almeida; o de S. Jorge, a Antonio Peçanha; a couraça pequena a João de Venezeanos; a grande, a Antonio Rodrigues. (J. FREIRE).»

2.º Para indicar que se transpuzeram palavras da sua ordem natural. Exemplo:

«*A grita* se levanta ao céu, **da gente**. (CAMÕES).»

§ 6.º

Não se põe virgula antes das conjuncções *e*, *ou*, *nem*, que a supprem, quando atam membros de uma mesma oração, porque a pronunciação destes não excede a uma pausa ordinaria. Exemplos: «*Nascimento, incremento, decadencia e morte*, são as phases da vida humana. (M. DE MARICÁ).» «Quem não *pode ou* não sabe accumular, nunca chega a ser *sabio ou rico*. (IDEM).»

Ha comtudo escriptores que usam da virgula, mesmo neste caso.

Quando porem ligam orações ou periodos, podem, conforme os casos, levar antes de si virgula, ponto e virgula, dous pontos, ponto final, de interrogação e de admiração.

## CAPITULO II.

### PONTO E VIRGULA.

O *ponto e virgula* marca uma pausa, com inflexão de voz maior que a da virgula, e faz a distincção, no mesmo periodo, de proposições absolutas.

§ 1.º

Dá-se esta distincção:

1.º Quando as absolutas se acham acompanhadas de termos especiaes a cada uma, ou communs a todas, mas repetidos.

Exemplo do primeiro caso: «José nasceu *na Bahia*; *aos dezeseis annos de idade*, foi estudar numa Universidade dos Estados-Unidos; e, *depois de laureado*, estabeleceu-se na cidade de S. Paulo.»

Exemplo do segundo caso: «*A este fim* nascem as hervas; *a este fim* nascem as plantas; *a este fim* florescem as arvores; *a este fim* produzem e amadurecem os frutos; *a este fim* trabalham os animaes domesticos em casa; *a este fim* pastam os mansos no campo; *a este fim* se criam os sylvestres nas brenhas; *a este fim* os do mar

e os dos rios nadam em suas aguas; emfim tudo o que nasce e vive neste mundo, *a este fim* vive e nasce. (VIEIRA).»

2.º Quando as absolutas são simplesmente asyndeticas ou juxtapostas, não contractas. Exemplo: «Triumpharam os pobres e humildes sem guerra; a austeridade matou o fausto; a paciencia venceu o orgulho; o soffrimento desarmou a crueldade. (REBELLO DA SILVA).»

3.º Quando as absolutas formando grupos de duas em duas, enunciam factos oppostos. Exemplo: «Mas olha em especial, ó minha alma, para os povoados, porque o mundo são os homens. Tudo está fervendo em movimentos que acabam e começam: *uns a sair dos ventres das mães*, outros a entrar no ventre das sepulturas; *aquelles cantam*, dalli a pouco choram; *estoutros choram*, dalli a pouco cantam; *aqui se está enfeitando um vivo*, parede meia estão amortalhando um defunto; *aqui contratam*, acolá distratam; *aqui conversam*, acolá brigam; *aqui estão á mesa rindo e fartando-se*, acolá estão no leito gemendo os que riram, e sangrando-se do que comeram. (BERNARDES).»

4.º Quando se succedem, ou, por meio de uma conjuncção adversativa, estão em opposição proposições absolutas de qualquer especie, modificadas por subordinadas. Exemplos: «Mas não era possivel *que um homem de imaginação tão viva e inquieta ficasse, por muito tempo, encarcerado entre as paredes de um cubiculo de frade*; e, *por muito somenos que fosse o espectaculo do pequeno mundo a que seus olhos estavam por então condemnados*, bem depressa essas lutas dos moradores com os indios, e essas mesmas insignificantes controversias *que a principio o achariam indifferente e desdenhoso*, seriam cabaes *a despertar a actividade da sua alma ambiciosa momentaneamente entorpecida*. (J. F. LISBOA).»  
«Sabia o poder *com que o governador vinha em pessoa, ainda estimado maior na fama que na apparencia*; ~~mas~~ nem assim dobrou da resolução *de proseguir o cerco*, esperando a ultima fortuna. (J. FREIRE).»



§ 2.º

Tambem se discriminam, por meio do ponto e virgula, os termos seguintes, quando modificados por dependencias ou proposições subordinadas, cuja distincção se fez pela virgula:

1.º Os vocativos. Exemplo:

«**Aureas filhas de Jove**, *que o thesouro*  
*Guardaes da eternidade,*  
*E da victoria marchetando o louro*  
*De Aganippe c'o ouro,*  
*A fronte coroaes da heroicidade;*  
Eu vos entrego o portentoso Lima  
Que Marte tanto estima. (DINIZ).»

2.º Os complementos circumstanciaes prepostos ao verbo. Exemplo: «**No meio da apothéose dos interesses materiaes**, *cujó brado victorioso se eleva com o fumo do carvão fossil, que, exhalado de mil forjas, paira e negreja sobre todas as capitaes, e voa, em longas faixas de cidade em cidade, annunciando, por onde passa, que uma população inteira vence o espaço e a distancia, com a rapidez do vento;* seja permittido ao homem que se gloria do seu tempo, mas que não julga dever por isso extasiar-se exclusivamente, diante da locomotiva, entregar-se um pouco a meditações menos industriaes e positivas, e aproveitar assim algumas horas desta vida tão afadigada, e ás vezes tão inutilmente cheia, como o tonel das Danaides. (MAGALHÃES).»

3.º Os complementos continuados. Exemplo: «**Aos ultrages com que o jesuíta cortezão pretendeu então macular a pureza e nobreza dos seus actos e intenções; ás insinuações com que infelizmente ainda hoje alguns escriptores nossos teem procurado rebaixar o valor dos seus serviços,** pode a historia afouta responder, apontando simplesmente **para a vasta mole inteiriça e homogenea,** *sob o ponto de vista territorial, cuja mutilação*

pendeu tantas vezes do delgado fio das sombrias machinações diplomaticas; **para essa magnifica região**, onde se renova a raça dos primitivos conquistadores, e onde floresce um grande povo, e as grossas correntes de immigração já acham asylo;—**para o Brazil**, a maior obra que produziu Portugal, unica gloria que resta de suas conquistas com o sello da metropole, posto que independente, e onde certamente os seus actuaes ou futuros descendentes europeus buscarão e encontrarão um ultimo e seguro abrigo, si as grandes transformações e catastrophes, de que o nosso seculo offerece tantos exemplos, violando a sua independencia e moralidade, os obrigar a abandonar em grandes massas o solo sagrado da patria. (J. F. LISBOA).»

4.º Os sujeitos compostos. Exemplo: «**O desejo** antecipado de agradar, que já o padre trazia em si, e que o tornaria muito esmerado no emprego dos recursos que ostentava; **a sua conversação** facil, amena, insinuante e variada; **a maneira** luminosa e ordenada com que discutia as grandes questões de estado, naquelle tempo tão espinhosas e complicadas; **a conformidade** das opiniões, ou casual, ou habilmente simulada e persuadida; tudo ajudado de uma dessas naturaes e inexplicaveis sympathias que tantas vezes subjugam os homens subitamente, e do primeiro lance, gerou sem duvida o favor que o trato frequente foi cada dia accrescentando, e afinal os triumphos oratorios, e os grandes serviços consolidaram convertendo em privança e valimento declarado. (IDEM).»

5.º As proposições subordinadas. Exemplo: «E, **ou fosse** que a sua intelligencia e ambição precoce lhe dêsse a conhecer que nos jesuitas estava concentrado todo o poder e que, abraçando o instituto, entrava pela porta mais facil e azada para quem queria seguir os caminhos que guiam á grandeza humana; **ou fosse** que os padres sondando, com um só lango do seu olhar profundo e penetrante, tudo quanto o porvir reservava áquella flor apenas desabrochada, e, fieis ás maximas da ordem, empregassem todos os meios para capta-lo e seduzi-lo; o certo é que Vieira fugiu de

casa, e recolheu-se ao collegio dos jesuitas em 1625, tendo pouco mais de quinze annos de idade. (IDEM).»

6.º Os termos de uma semelhança. Exemplo:

«*Como, quando elevados nas alturas  
Descobrimos incognitas paisagens,  
Densas florestas, aridas planuras,  
E de rios caudaes virentes margens;  
Assim da vida o sonho te arrebatava  
Rasgando o véu do tempo e do infinito,  
E uma scena vistosa te retrata,  
Que vae da Arabia ao portentoso Egypto.*» (DIAS).

7.º Uma serie de substantivos cujas idéas são resumidas pelos adjectivos *tudo, tudo isto, nada*, etc. Exemplo: «**A rhetorica, a poesia, a philosophia, as mathematicas, a theologia, a jurisprudencia, aquellas razões tão fortes, aquellos discursos tão deduzidos, aquellas sentenças, tão vivas, aquellos pensamentos tão sublimes, aquellos escriptos humanos e divinos, que admiramos, e excedem a admiração; tudo isto** era a alma. (VIEIRA).»

8.º O antecedente do conjunctivo, quando consta de muitos nomes, ou cousa que os valha. Exemplo: «Os primeiros jogos que inventaram os homens, foram **a luta, os céstos, a clava, a lança, a pela, o troia a que nós chamamos canas, o lançar a barra, o ferir o alvo com a setta, o correr no estádio, o saltar os vallos, o nadar vestido de armas e outros semelhantes; cujo** exercicio era tão util para a saude e robusteza do corpo, como necessario para a guerra, para a agricultura, e para os outros trabalhos de que vive, e se conserva o mundo. (VIEIRA).

Alguns grammaticos mandam, como regra invariavel, que se ponha sempre ponto e virgula antes das conjunções adversativas, causaes etc. É erronea tal opinião, porque o emprego dos signaes de pontuação depende dos sentidos que discriminam, e nunca das particulas conjunctivas, que podem conforme os casos, ter antes de si virgula, ponto e virgula, dous pontos, ponto final, de interrogação e de admiração.

### CAPITULO III.

#### DOUS PONTOS.

Os dous pontos marcam uma pausa, com inflexão de voz ainda maior que a do ponto e virgula, e fazem a distincção:

1.º De uma enumeração. Exemplo: «Os preceitos do direito são: *viver honestamente, não empecer a outrem, e dar o seu a cada um.* (H. PINTO).»

2.º De um discurso, ou pensamento que se cita. Exemplo: «E disse: «*Esses turcos e janizaros, que deste logar estamos vendo, veem a restaurar connosco a honra que no primeiro cerco perderam; porem nem elles valem mais que os que então foram vencidos, nem nós valem menos que os vencedores.* (J. FREIRE).»

3.º De uma proposição absoluta que, rematando um periodo, illustra, esclarece, desenvolve, prova, ou torna saliente o facto, ou factos enunciados pela proposição, ou proposições que a precedem. Exemplo: «Chegará a hora de renascer para a poesia e para a certeza: *será a da morte.* (A. HERCULANO).»

4.º De uma proposição absoluta ligada por uma conjuncção adversativa, que enuncia um facto que está em opposição com os factos enunciados pelas absolutas a que se approxima, quando estas se acham separadas por ponto e virgula. Exemplo:

«Amo-te, ó cruz, no vertice firmada  
De esplendidas igrejas;  
Amo-te, quando, á noute sobre a campa,  
Junto ao cypreste alvejas;  
Amo-te sobre o altar, onde, entre incensos,  
As preces te rodeiam;  
Amo-te, quando, em prestito festivo,  
As multidões te hasteiam;  
Amo-te erguida no Cruzeiro antigo,  
No adro do presbyterio,

Ou, quando o morto, impressa no ataudé,  
    Guias ao cemiterio;  
Amo-te, ó cruz, até quando no valle  
    Negrejas triste e só,  
Nuncia do crime a que deveu a terra  
    Do assassinado o pó:

*Porem, quando mais te amo,  
    Ó cruz do meu Senhor,  
É si te encontro á tarde,  
    Antes de o sol se pôr,*

*Na clareira da serra,  
    Que o arvoredo assombra,  
Quando á luz que fenece,  
    Se estira a tua sombra,*

*E o dia ultimos raios  
    Com o luar mistura,  
E o seu hymno da tarde  
    O pinheiral murmura. (A. HERCULANO).»*

5.º Do segundo termo de uma semelhança, si algum ou ambos também teem partes separadas por ponto e virgula. Exemplo:

*«Como tormenta que rouqueja ao longe,  
E som confuso espalha em surdos echos;  
Como rapida frecha corta os ares,  
Já perto soa, já mais perto brame,  
Já sobranceira emfim roncando estala:  
Nasce fraco rumor que logo cresce,  
Avulta, ruge, horrisono ribomba. (G. DIAS).»*

Alguns usam do ponto e virgula, em vez dos dous pontos e vice-versa, e dos dous pontos, em vez do ponto, prolongando assim os periodos sem a menor utilidade, e tornando-os nimiammente extensos.

## CAPITULO VI.

### PONTO FINAL.

O *ponto final* marca uma pausa absoluta, com inflexão de voz, que a denota; e faz a distincção dos sentidos absolutos, ou periodos de que se compõe o discurso.

Alguns periodos são absolutos ou independentes, uns dos outros, tanto no sentido como na construcção. Dá-se isto na enumeração de pensamentos, maximas ou proverbios, que, como periodos que são, enunciam factos inteiramente absolutos ou independentes. Exemplo:

«Ensinar por maximas é compendiar a sabedoria, para a fazer vulgar.

*«Tudo o que occupa lugar, e tem limites no espaço, é limitado no tempo e duração.*

«Luzes em todos os astros annunciam olhos em todos os mundos. (M. DE MARICÁ).»

Outros são inteiramente independentes na construcção grammatical; mas ligam-se, quanto ao sentido, por meio de relações vagas e geraes. Exemplo: «O governador andava sobremaneira cuidadoso dos negocios de Diu, interpretando mal a falta dos avisos, quando aportou na barra de Goa a capitanea em que fora D. Alvaro. *Vinha o navio todo embandeirado, e dando alegres salvas, querendo indicar de longe as novas que trazia.* Accorreu á praia grande parte do povo, solícito a perguntar pelos filhos, parentes e amigos, e os menos empenhados pelo commum do estado. *O capitão foi levado aos paços do governador, satisfazendo pelo caminho a duplicadas e molestas perguntas.* (J. FREIRE).»

## CAPITULO V.

### Ponto de interrogação, ponto de admiração e pontos de reticencia.

O *ponto de interrogação* marca uma pausa, com inflexão de voz especial, propria de quem pergunta, e espera pela resposta, ou a dá a si mesmo; e faz a distincção de periodos interrogativos. Exemplo: «De Diu

não queremos, nem podemos ter mais que a fortaleza; pois com que furia cega tornamos a comprar com nosso sangue o mesmo de que somos senhores? Que novos povoadores temos, para habitar a ilha? De que parte do mundo podemos trazer outros, que deixem de ser mouros ou gentios, de fé tão incerta com o Estado, como estes que agora nos offendem? (J. FREIRE).»

O *ponto de admiração* marca uma pausa, com inflexão de voz, também especial, própria de quem se admira, ou mostra surprehendido e estupefacto; e faz a distinção de periodos exclamativos. Exemplo:

«No mar tanta tormenta e tanto damno,  
Tantas vezes a morte apercebida!  
Na terra tanta guerra, tanto engano,  
Tanta necessidade aborrecida! (CAMÕES).»

Os *pontos de reticencia* marcam uma pausa, com inflexão de voz, que denota suspensão do que se ia dizer, feita, ou de caso pensado, ou em virtude de estado anormal, que, embargando a voz, torna a enunciação do pensamento incompleta ou demorada; e fazem a distinção de periodos que não se concluem, por se calar o que se ia começando a exprimir. Exemplos:

«Honra-me, não me peja a efferta amiga,  
Uma só cousa. . . Nada. Eu já vos sigo. (GARRETT).»

«Velho, alem . . . sob a extrema do horizonte . . .  
Lá onde mais negreja. . . é lá o inferno. (CASTILHO).»

Às vezes, em uma só phrase, se empregam ao mesmo tempo o ponto de interrogação e o de admiração. Exemplo:

«E tu dormes, ó Piaga, e não sabes,  
E não podes augurios cantar?! (G. DIAS).»

Alguns, á imitação dos hespanhoes, põem o ponto de interrogação e o de admiração antes da phrase, voltados de cima para baixo (ii), afim de

advertir o leitor da interrogação ou admiração; mas esta pratica não é geralmente seguida, com quanto recommendada por Jeronymo Soares Barboza, como acertada, quando a phrase interrogativa ou exclamativa é algum tanto comprida, para se poder abranger toda a uma vista de olhos.

## CAPITULO VI.

**Traço de divisão, parenthesis, virgulas dobradas e paragrapho.**

O *traço de divisão* ou *travessão* serve para fazer a distincção de palavras ou pensamentos, que se queiram discriminar, chamando sobre elles a attenção do leitor. Exemplo: «De tudo isto que era para concluir-se, é que naquelle tempo eram rarissimos os mappa-mundi; e tanto que, tratando delles Antonio Ribeiro dos Santos, citado pelo autor da memoria, aponta apenas dous,— *um do infante D. Pedro, duque de Coimbra, e outro do cartorio de Alcobaga, que veio ds mãos do infante D. Fernando, filho de D. Manoel.* (G. DIAS).»

Nos dialogos, para não ter que repetir o nome dos interlocutores, costumam a fazer a distincção das falas de cada um com este signal. Exemplo:

—És livre; parte.

—E voltarei.

—Debalde.

—Sim, voltarei, morto meu pae.

—Não voltes!

É bem feliz, si existe, em que não veja

Que filho tem, qual chora: és livre; parte. (G. DIAS).»

O *parenthesis* marca uma pausa, com inflexão de voz, que denota interrupção; e faz a distincção de um sentido que se intercala no periodo, sem que d'elle faça parte. Exemplo: «Tinha partido de Baçaim D. Alvaro de Castro com cincoenta navios (*assim chamam quaesquer baixeis na India, ainda que sejam caravelas latinas ou embarcações de remo*); e, como vinham empachados com



munições e mantimentos, não podendo soffrer mares tão grossos, tornaram a arribar em popa, destroçados e abertos, tomando diversas angras e enseadas, onde o temporal os lançava. (J. FREIRE).»

Quando o parenthesis é pequeno, basta pôr entre virgulas as palavras que interrompem o sentido.

Os classicos faziam grande uso, antes abuso, do parenthesis, cujo emprego cumpre evitar o mais possivel, quando a phrase que se intercala, é extensa, porque isso torna o estylo empeçado, e prejudica a clareza que deve ser a primeira qualidade do discurso.

As *virgulas dobradas* ou *aspas* servem para fazer a distincção dos discursos de terceiro, ou daquillo que se cita, ou põe por exemplo, como: «No seculo xiv, escreveu o celebre Bocacio, a proposito do oceano Atlantico: «*Alem do oceano Atlantico, existem certas ilhas separadas por canaes, e um pouco afastadas da terra, nas quaes, segundo se diz, habitam os gorgonas; outros affirmam que ellas estão muito pelo mar dentro.* (G. DIAS).»

Usam tambem po-las no principio de cada linha dos mesmos discursos. Exemplo:

«A Ambrosio Corvo, empoleirado na arvore,  
Com um queijo no bico,  
Gil Raposo, que mui lampeiro acode  
Ao faro, quasi, quasi que assim fala:  
«*Bons dias, Senhor Corvo.*  
«*Como é guapo! Que lindo me parece!*  
«*Bofé, si a voz tem garbo igual ás plumas,*  
«*Não ha hi Phenix tal, nestas devezas.* (FILINTO).»

*Paragrapho* ou *alínea* é uma pequena secção de um discurso, livro ou capitulo, constando de um ou mais periodos, cuja primeira linha principia um pouco afastada do logar, em que teem começo as outras, como se vê

na palavra inicial desta definição: é dos signaes de pontuação o mais forte.

Deve ser empregado na distincção das diversas provas de uma mesma verdade, das varias considerações sobre um mesmo facto, dos differentes negocios de que trata uma carta ou memoria; em uma palavra, todas as vezes quẽ se passa de um ponto de vista da materia que se adduz, para outro.

FIM.

# INDICE

	PAG.
Resumo historico do latim e das linguas romanicas . . .	13
Grammatica portugueza . . . . .	27
Parte 1. <sup>a</sup> Lexicologia . . . . .	29
LIVRO 1. <sup>o</sup> Phonologia . . . . .	29
Titulo 1. <sup>o</sup> Phonetica . . . . .	29
Capitulo 1. <sup>o</sup> Phonetica physiologica . . . . .	30
§ 1. <sup>o</sup> Vozes ou sons vogaes . . . . .	30
§ 2. <sup>o</sup> Consonancias ou sons consoantes . . . . .	32
Secção 1. <sup>a</sup> Classificação das consonancias, conforme o papel que, em sua formação, exercem os órgãos da articulação . . .	32
Secção 2. <sup>a</sup> Classificação das consonancias conforme o maior ou menor esforço que fazem os órgãos articuladores, para pronun- cia-las. . . . .	33
Secção 3. <sup>a</sup> Sons proprios e accidentaes das letras . . . . .	35
§ 3. <sup>o</sup> Grupos vocalicos. . . . .	36
§ 4. <sup>o</sup> Syllabas . . . . .	38
Capitulo 2. <sup>o</sup> Phonetica historica . . . . .	40
§ 1. <sup>o</sup> Principio da minina acção . . . . .	40
§ 2. <sup>o</sup> Principio de transição . . . . .	41
§ 3. <sup>o</sup> Metaplasmos. . . . .	41
Secção 1. <sup>a</sup> Permuta de letras . . . . .	42
I Permutas resultantes da propria natureza das letras. . .	42
II Permutas produzidas pelo contacto de vogaes ou de con- soantes . . . . .	43
Secção 2. <sup>a</sup> Elisão. . . . .	45
Secção 3. <sup>a</sup> Adição de letras euphonicas . . . . .	47
§ 4. <sup>o</sup> Analogia morphica . . . . .	47
Titulo 2. <sup>o</sup> Prosodia . . . . .	47
Capitulo 1. <sup>o</sup> Quantidade das syllabas . . . . .	48
Capitulo 2. <sup>o</sup> Accento tonico . . . . .	50
Titulo 3. <sup>o</sup> Orthoepia. . . . .	55
Capitulo 1. <sup>o</sup> Variações ou modificações da pronuncia . . . . .	55
Capitulo 2. <sup>o</sup> Vicios de pronuncia . . . . .	57
§ 1. <sup>o</sup> Em Portugal. . . . .	58
§ 2. <sup>o</sup> No Brazil . . . . .	60

	PAG.
LIVRO 2.º Lexigraphia . . . . .	61
<i>Titulo 1.º</i> Phonographia . . . . .	62
Capitulo 1.º Diversas especies de letras . . . . .	62
Capitulo 2.º Letras insonoras . . . . .	64
§ 1.º Letras inteiramente insonoras . . . . .	64
§ 2.º Letras que, ora são insonoras, ora não . . . . .	65
<i>Titulo 2.º</i> Orthographia . . . . .	65
Capitulo 1.º Vocalismo ou historia das letras vogaes . . . . .	66
§ 1.º Processos seguidos pela lingua na adopção das letras vogaes . . . . .	66
§ 2.º Diphthongos . . . . .	69
<i>Secção 1.ª</i> Fórmias representativas dos diphthongos oraes e processos seguidos pela lingua na sua adopção . . . . .	69
<i>Secção 2.ª</i> Fórmias representativas dos diphthongos nasaes, e processos seguidos pela lingua na sua adopção . . . . .	70
Capitulo 2.º Consonantismo ou historia das letras consoantes . . . . .	71
§ 1.º Consoantes iniciaes . . . . .	71
<i>Secção 1.ª</i> Immutabilidade das letras consoantes iniciaes . . . . .	71
<i>Secção 2.ª</i> Degeneração de consoantes iniciaes . . . . .	73
§ 2.º Letras consoantes mediaes . . . . .	74
<i>Secção 1.ª</i> Immutabilidade das letras consoantes mediaes . . . . .	74
<i>Secção 2.ª</i> Abrandamento, degeneração e syncope de consoantes mediaes . . . . .	74
§ 3.º Letras consoantes geminadas e molhadas . . . . .	76
§ 4.º Consoantes finaes . . . . .	76
§ 5.º Dos grupos consonantae . . . . .	77
§ 6.º Processos observados na adopção dos prefixos . . . . .	77
Capitulo 3.º Dos alphabetos . . . . .	80
§ 1.º Sobre o uso das letras maiusculas . . . . .	81
§ 2.º Uso das letras vogaes na representação das vozes . . . . .	82
§ 3.º Uso das fórmias divergentes, representativas dos sons vogaes nasaes . . . . .	82
§ 4.º Uso das fórmias diphthongaes divergentes . . . . .	83
§ 5.º Sobre o uso de algumas letras em casos especiaes . . . . .	84
Capitulo 4.ª Dos systemas de orthographia e das causas de sua irregularidade . . . . .	86
§ 1.º Systemas orthographicos . . . . .	86
§ 2.º Causas das irregularidades da orthographia . . . . .	88
<i>Titulo 3.ª</i> Semiographia . . . . .	89
Capitulo 1.º Notações phonicas . . . . .	89
Capitulo 2.º Notações etymologicas . . . . .	93
Capitulo 3.º Notações tachygraphicas . . . . .	94
LIVRO 3.º Morphologia . . . . .	95

	PAG.
<i>Titulo 1.º</i> Lexiologia . . . . .	95
Capitulo 1.º Nome substantivo . . . . .	96
Capitulo 2.º Pronome pessoal . . . . .	98
Capitulo 3.º Adjectivo . . . . .	101
§ 1.º Adjectivo qualificativo . . . . .	101
§ 2.º Adjectivo determinativo . . . . .	102
Capitulo 4.º Verbo . . . . .	108
Capitulo 5.º Preposição . . . . .	111
Capitulo 6.º Adverbio . . . . .	112
Capitulo 7.º Conjuncção . . . . .	113
§ 1.º Conjuncções de aproximação. . . . .	114
§ 2.º Conjuncções de subordinação. . . . .	115
<i>Secção 1.ª</i> Conjuncção de subordinação circumstantial . . . . .	116
<i>Secção 2.ª</i> Conjuncção de subordinação subjunctiva . . . . .	117
Capitulo 8.º Interjeição . . . . .	117
Capitulo 9.º Outras classes ou familias de palavras . . . . .	118
<i>Titulo 2.º</i> Organographia . . . . .	119
Capitulo 1.º Flexionismo. . . . .	119
§ 1.º Flexão do substantivo. . . . .	121
<i>Secção 1.ª</i> Genero . . . . .	123
<i>Secção 2.ª</i> Numero . . . . .	132
I Formação do plural do appellativo . . . . .	132
II Formação do plural dos nomes compostos. . . . .	135
III Nomes defectivos em numero. . . . .	136
IV Appellativos collectivos . . . . .	138
<i>Secção 3.ª</i> Grau . . . . .	138
§ 2.º Flexão do pronome. . . . .	141
§ 3.º Flexão do adjectivo . . . . .	143
<i>Secção 1.ª</i> Fórmãs do adjectivo . . . . .	143
<i>Secção 2.ª</i> Formação do plural dos adjectivos qualificativos . . . . .	147
<i>Secção 3.ª</i> Graus do adjectivo qualificativo . . . . .	147
§ 4.º Flexão verbal ou conjugação. . . . .	152
<i>Secção 1.ª</i> Auxiliares do verbo . . . . .	156
<i>Secção 2.ª</i> Conjugação do verbo substantivo . . . . .	161
<i>Secção 3.ª</i> Verbos regulares . . . . .	170
<i>Secção 4.ª</i> Verbos irregulares . . . . .	183
I Verbos accidentalmente irregulares . . . . .	183
II Verbos essencialmente irregulares . . . . .	184
<i>Secção 5.ª</i> Verbos pessoaes, impessoaes, unipessoaes e defectivos . . . . .	201
<i>Secção 6.ª</i> Vozes do verbo transitivo. . . . .	203
Capitulo 2.º Etymologia . . . . .	205
§ 1.ª Derivação das palavras . . . . .	206
<i>Secção 1.ª</i> Elemento latino . . . . .	206
I Etymologia dos substantivos. Influencia dos casõs na ety- mologia dos nomes . . . . .	212

	PAG.
II Etymologia do pronome . . . . .	215
III Etymologia do adjectivo . . . . .	216
IV Etymologia do verbo . . . . .	225
V Etymologia das palavras invariaveis. . . . .	241
<i>Secção 2.<sup>a</sup></i> Elemento estrangeiro . . . . .	244
I Elementos provenientes das linguas faladas na peninsula, anteriormente ao latim. . . . .	245
II Elementos provenientes das linguas faladas pelos conqui- tadores na peninsula, depois do dominio romano. . . . .	247
III Elementos provenientes de origens diversas. . . . .	248
<i>Secção 3.<sup>a</sup></i> Elemento vernaculo . . . . .	252
I Derivação impropria . . . . .	252
II Derivação propria . . . . .	254
§ 2. <sup>o</sup> Composição das palavras . . . . .	272
<i>Secção 1.<sup>a</sup></i> Prefixação . . . . .	272
I Prefixos de origem latina . . . . .	273
II Prefixos de origem grega . . . . .	279
<i>Secção 2.<sup>a</sup></i> Juxtaposição. . . . .	280
I Substantivos . . . . .	280
II Adjectivos . . . . .	286
III Verbos . . . . .	287
IV Palavras invariaveis. . . . .	287
<i>Secção 3.<sup>a</sup></i> Agglutinação. . . . .	287
§ 3. <sup>o</sup> Alterações lexicas . . . . .	288
<i>Secção 1.<sup>a</sup></i> Archaismos . . . . .	288
<i>Secção 2.<sup>a</sup></i> Neologismos. . . . .	290
<b>Parte 2.<sup>a</sup></b> Syntaxe . . . . .	291
LIVRO 1. <sup>o</sup> Syntaxe grammatical . . . . .	292
<i>Título 1.<sup>o</sup></i> Syntaxe de palavras . . . . .	292
Capitulo 1. <sup>o</sup> Syntaxe geral . . . . .	292
§ 1. <sup>o</sup> Das palavras sob as relações de nexos . . . . .	296
<i>Secção 1.<sup>a</sup></i> Ligação das palavras pela conjuncção de approximação. . . . .	296
<i>Secção 2.<sup>a</sup></i> Ligação das palavras pela preposição . . . . .	297
<i>Secção 3.<sup>a</sup></i> Ligação dos termos da proposição . . . . .	297
§ 2. <sup>o</sup> Das palavras sob as relações de concordancia. . . . .	298
<i>Secção 1.<sup>a</sup></i> Concordancia do verbo com o sujeito . . . . .	298
<i>Secção 2.<sup>a</sup></i> Concordancia do adjectivo com um ou mais appellativos . . . . .	302
<i>Secção 3.<sup>a</sup></i> Concordancia semeiotica . . . . .	305
§ 3. <sup>o</sup> Das palavras sob as relações de dependencia ou subor- dinação . . . . .	307
<i>Secção 1.<sup>a</sup></i> Dos complementos ou da dependencia das palavras . . . . .	307
<i>Secção 2.<sup>a</sup></i> Conversão grammatical . . . . .	311
<i>Secção 3.<sup>a</sup></i> Collocação dos complementos. . . . .	311

	PAG.
§ 4.º Alterações syntacticas . . . . .	315
§ 5.º Typos syntacticos divergentes . . . . .	316
<i>Secção 1.ª</i> Typos divergentes de construcção . . . . .	317
<i>Secção 2.ª</i> Typos divergentes de concordancia . . . . .	317
<i>Secção 3.ª</i> Typos divergentes de regencia . . . . .	318
<i>Secção 4.ª</i> Factores dos typos syntacticos divergentes . . . . .	318
Capitulo 2.º Syntaxe particular . . . . .	319
§ 1.º Substantivo . . . . .	319
§ 2.º Pronome . . . . .	321
<i>Secção 1.ª</i> Funções dos pronomes pessoaes . . . . .	321
<i>Secção 2.ª</i> Função do pronome demonstrativo . . . . .	323
<i>Secção 3.ª</i> Função do pronome indefinido . . . . .	324
§ 3.º Adjectivo . . . . .	327
<i>Secção 1.ª</i> Adjectivo qualificativo . . . . .	327
<i>Secção 2.ª</i> Adjectivo determinativo . . . . .	329
I Artigo . . . . .	329
II Adjectivo demonstrativo . . . . .	336
III Adjectivo conjunctivo . . . . .	343
IV Adjectivo interrogativo . . . . .	346
V Adjectivo numeral . . . . .	346
VI Adjectivo quantitativo . . . . .	349
VII Adjectivo possessivo . . . . .	350
§ 4.º Verbo . . . . .	351
<i>Secção 1.ª</i> Haver e ter . . . . .	351
<i>Secção 2.ª</i> Ser e estar . . . . .	352
<i>Secção 3.ª</i> Verbo adjectivo . . . . .	354
<i>Secção 4.ª</i> Tempos . . . . .	355
§ 5.º Palavras invariaveis . . . . .	357
<i>Secção 1.ª</i> Preposição . . . . .	357
<i>Secção 2.ª</i> Adverbio . . . . .	361
<i>Secção 3.ª</i> Conjuncção . . . . .	366
<i>Secção 4.ª</i> Interjeição . . . . .	369
<i>Título 2.º</i> Syntaxe de proposições . . . . .	370
Capitulo 1.º Proposições absolutas, ou proposições consideradas sob a relação de nexa . . . . .	371
Capitulo 2.º Proposições subordinadas, ou proposições consideradas sob a relação de dependencia ou subordinação . . . . .	373
§ 1.º Proposições subordinadas circumstanciaes . . . . .	373
<i>Secção 1.ª</i> Proposição subordinada circumstancial conjuncional . . . . .	373
<i>Secção 2.ª</i> Proposição subordinada circumstancial qualificativa . . . . .	374
<i>Secção 3.ª</i> Proposição subordinada circumstancial infinitiva preposicional . . . . .	378
<i>Secção 4.ª</i> Proposição subordinada circumstancial participio . . . . .	380
§ 2.º Proposições subordinadas integrantes ou completivas . . . . .	381
<i>Secção 1.ª</i> Proposição subordinada integrante subjunctiva . . . . .	382

	PAG.
<i>Secção 2.ª</i> Proposição subordinada integrante interrogativa . . . . .	384
<i>Secção 3.ª</i> Proposição subordinada integrante infinitiva . . . . .	385
Capítulo 3.º Das proposições consideradas sob a relação de concor-	
dancia . . . . .	389
§ 1.º Correlação dos tempos do indicativo . . . . .	389
§ 2.º Correlação dos tempos do condicional. . . . .	393
§ 3.º Correlação do futuro do imperativo . . . . .	393
§ 4.º Correlação dos tempos do subjunctivo. . . . .	394
§ 5.º Correlação de todos os tempos com os tempos do infi-	
nito impessoal. . . . .	395
Capítulo 4.º Collocação das proposições . . . . .	395
§ 1.º Regra sobre a collocação das proposições absolutas. . . . .	396
§ 2.º Regras sobre a collocação das proposições subordinadas	
circunstanciaes . . . . .	396
§ 3.º Regras sobre a collocação das proposições subordinadas	
integrantes . . . . .	397
LIVRO 2.º Syntaxe litteraria ou estylistica. . . . .	397
<i>Título 1.º</i> Clareza . . . . .	401
Capítulo 1.º Requisitos da clareza. . . . .	401
Capítulo 2.º Vícios contra a clareza . . . . .	402
§ 1.º Vícios lexicos contra a clareza . . . . .	402
§ 2.º Vícios syntacticos contra a clareza. . . . .	403
<i>Título 2.º</i> Pureza . . . . .	404
<i>Título 3.º</i> Ornato . . . . .	405
Capítulo 1.º Pinturas. . . . .	407
Capítulo 2.º Conceitos . . . . .	408
§ 1.º Conceitos fortes . . . . .	409
§ 2.º Conceitos agudos ou sentenças . . . . .	413
Capítulo 3.º Adorno . . . . .	414
§ 1.º Tropos . . . . .	414
<i>Secção 1.ª</i> Metaphora . . . . .	415
<i>Secção 2.ª</i> Ironia . . . . .	418
<i>Secção 3.ª</i> Metonymia. . . . .	419
<i>Secção 4.ª</i> Synecdoche. . . . .	420
§ 2.º Figuras . . . . .	422
<i>Secção 1.ª</i> Figuras de pensamento . . . . .	423
I Figuras de pensamento para convencer . . . . .	423
II Figuras de pensamento para mover. . . . .	425
III Figuras de pensamento para deleitar . . . . .	427
<i>Secção 2.ª</i> Figuras de palavras . . . . .	428
I Figuras por accrescentamento de palavras. . . . .	428
II Figuras por diminuição de palavras. . . . .	432
III Figuras por situação de palavras . . . . .	432
<i>Título 4.º</i> Harmonia . . . . .	435



	PAG.
Capitulo 1.º Harmonia musical ou mechanica . . . . .	435
§ 1.º Melodia . . . . .	436
§ 2.º Cadencia . . . . .	437
§ 3.º Vicios da harmonia musical ou mechanica . . . . .	439
Capitulo 2.º Harmonia imitativa ou onomatopica . . . . .	440
§ 1.º Harmonia imitativa de sons . . . . .	440
§ 2.º Harmonia imitativa de pausas ou de numero . . . . .	441
Capitulo 3.º Metrificação . . . . .	442
§ 1.º Dos versos considerados quanto á disposição das syllabas metricas . . . . .	443
§ 2.º Dos versos considerados quanto á sua cadencia e melodia final . . . . .	444
I Dos versos soltos . . . . .	445
II Dos versos rimados . . . . .	445
§ 3.º Dos versos considerados quanto ao numero de suas syllabas . . . . .	447
§ 4.º Dos versos considerados quanto ao seu numero em cada estancia . . . . .	452
Parte 3.ª Semiologia . . . . .	453
LIVRO 1.º Exegetica . . . . .	453
LIVRO 2.º Technica . . . . .	457
Titulo 1.º Leitura . . . . .	457
Titulo 2.º Pontuação . . . . .	460
Capitulo 1.º Virgula . . . . .	462
Capitulo 2.º Ponto e virgula . . . . .	467
Capitulo 3.º Dous pontos . . . . .	472
Capitulo 4.º Ponto final . . . . .	474
Capitulo 5.º Ponto de interrogação, ponto de admiração e pontos de reticencia . . . . .	474
Capitulo 6.º Traço de divisão, parenthesis, virgulas dobradas e paragrapho . . . . .	476

## ERRATA

Paginas.	Linhas.	Erros.	Emendas.
7	1	A memoria	A' memoria
14	23	nobresa	nobreza
"	30	atravez	através
23	5	di-	diz
27	22	<i>psycologico</i>	<i>psychologico</i>
38	11	vacalicos	vocalicos
"	34	onsonancias	consonancias
39	24	sollettrará	solettrará
"	30	<i>al, il,</i>	<i>al, el, il,</i>
46	20	<i>predicare</i>	<i>prædicare</i>
62	11	consoantes	consoantes
65	21	quinquenio	quinquennio
63	3 e 4	atravez	através
75	17	<i>licor, liquor,</i>	<i>licor de liquor</i>
88	4	<i>eclectica</i>	<i>eclectica</i>
107	20	<i>septingentesimo</i>	<i>septingentesimo</i>
111	28	<i>atrax de</i>	<i>atrás de</i>
"	33	<i>detraz de</i>	<i>detrás de</i>
132	26	cinco	cinco
134	12	<i>coccix</i>	<i>coccyx</i>
139	29	<i>óto</i>	<i>ôte</i>
183	13	<i>cubrir</i>	<i>cobrir</i>
223	20	setescentos	setecentos
226	25	<i>ceria</i>	<i>seria</i>
229	6	debemos	debemus
231	27	debcit	debevit
234	7	amaras	amarás
236	29	ama (ve) rimus,	ama (ve) rimus,
238	8	bem	bom
270	27	<i>potygono</i>	<i>polygono</i>
282	36	<b>Chriso</b>	<b>Chryso</b>
283	4	<i>cicliolinto</i>	<i>cyclolitho</i>

Paginas.	Linhas.	Erros.	Emendas.
295	16	J. FPEIEE	J. FREIRE
304	35	e claro	claro
309	28	foi	é
352	5	os sujeitos	com os sujeitos
"	6	com O mundo	O mundo
274	23	para	para-
384	21	Dize-se	Dize-me
387	23	ua	na
390	12	airia	viria
416	21	cabellos;	cabellos,
431	28	troduz	traduz
442	21	iatina	latina
443	9	verbos	versos.

Ha ainda omissões e substituições de signaes de pontuação, alem de outros sinões, que deixamos de mencionar, porque não alteram o sentido.

Maria Conceição e Maria Aparecida  
Taperia Limongi

São Paulo, junho de 1.937.

